



STEPHEN KING



NOITE SEM
ESTRELAS





Stephen King é conhecido por escrever personagens bem comuns que subitamente se encontram em um cenário de terror. Em 'Noite sem Estrelas', o autor nos apresenta quatro longos contos cada um com seu protagonista.

O primeiro conto, 1922, conta a história de um fazendeiro casado com uma mulher mais interessada em se mudar para uma cidade do que manter as terras que eram de seu pai. O fazendeiro descobre que seu amor por aquela terra é maior do que a preocupação com a vida de sua esposa. Atitudes drásticas são tomadas. Na minha opinião, esse é o conto mais chato do livro, mas sou suspeito pra falar por que não tenho a menor paciência com paisagens bucólicas.

O segundo conto, Grande Motorista, nos conta a história de uma escritora que escapa da morte por um triz, mas não sem sequelas. E ela quer vingança.

O terceiro conto, Prolongamento Justo, é sobre um homem doente que recebe uma oferta irrecusável: a cura do câncer que o mataria em pouco tempo. O preço a se pagar é algo que ele nunca esperaria, mas ainda assim ele o cumpre.

O quarto conto, Um Bom Casamento, mostra que após 27 anos de casamento, uma mulher descobre um segredo negro de seu marido. Resta a ela decidir se viverá normalmente, como sempre fez antes de saber, ou se se fará algo drástico que mudará sua vida para sempre.

1922

11 de Abril de 1930

Hotel Magnólia

Omaha, Nebraska

A QUEM POSSA INTERESSAR:

Meu nome é Wilfred Leland James, e esta é minha confissão. Em Junho de 1922

eu assassinei minha esposa, Arlette Christina Winters James, e escondi seu corpo o colocando no fundo de um velho poço. Meu filho, Henry Freeman James, me ajudou neste crime, embora tivesse 14 anos, ele não foi responsável; eu o enganei para fazê-lo participar, brincando com seus medos e derrubando todas as suas objeções deveras normais por um período de dois meses. Isto é uma coisa da qual eu me arrependo mais amargamente do que o crime, por razões que este documento mostrará.

O assunto que levou ao meu crime e danação foi 100 acres de boa terra em Hemingford Home, Nebraska. Foi deixado em testamento para minha esposa por John Henry Winters, seu pai. Eu queria ter adicionado esta terra para nossa fazenda livre, que em 1922 totalizava 80 acres. Minha esposa, que nunca foi muito de ser fazendeira (ou esposa de um), queria vendê-la para a Companhia Farrington para lucrar dinheiro.

Quando eu lhe perguntei se ela realmente queria viver a favor do vento de um açougue de porcos Farrington, ela me disse que poderíamos vender a fazenda também junto com as terras de seu pai – as terras de meu pai, e de seus antepassados! Quando eu lhe perguntei o que poderíamos fazer com o dinheiro e nenhuma terra, ela disse que poderíamos nos mudar para Omaha, ou mesmo St. Louis, e abrir uma loja.

— Eu nunca viverei em Omaha. — eu disse. — Cidades são para tolos.

Isto é irônico, considerando onde eu vivo agora, mas eu não viverei aqui por muito tempo; eu sei disso tanto quanto sei o que está fazendo os barulhos que eu escuto nas paredes. Eu sei onde eu me encontrarei depois que esta vida terrena acabar. Eu imagino se o Inferno pode ser pior do que a Cidade de Omaha. Talvez ele *seja* a Cidade de Omaha, mas sem bons pastos ao redor; apenas um fumacento vazio fedendo a enxofre, cheio de almas perdidas como a minha própria.

Discutimos pesadamente sobre aqueles 100 acres durante o inverno e a primavera de 1922. Henry foi pego no meio, porém pendia ao meu lado; ele

puxou à mãe em aparência, mas a mim por seu amor às terras. Ele era um rapaz dócil que não puxara à arrogância de sua mãe. De novo e de novo, ele disse a ela que não tinha qualquer desejo de viver em Omaha ou qualquer outra cidade, e que iria apenas se ela e eu chegássemos a um consenso, o que nunca poderíamos.

Eu pensei em ir à Justiça, sentindo que com certeza, como o Marido na lide, qualquer corte no planeta iria apoiar meu direito de decidir o uso e propósito daquelas terras. Ainda assim, algo me segurava. Não era medo do falatório dos vizinhos, eu não me importava com as fofocas do interior; era algo mais. Eu havia começado a odiá-la, você vê. Eu havia começado a desejar que ela estivesse morta, e era isso o que me segurava.

Eu creio que existe um outro homem no interior de cada homem, um estranho, um Homem Conivente. E eu acredito que durante o Março de 1922, quando os céus do Condado de Hemingford estavam brancos, e todos os campos viraram um atoleiro de neve, o Homem Conivente dentro do Fazendeiro Wilfred James já havia julgado minha esposa e decidido seu destino. Era também justiça da diversidade. A Bíblia diz que uma criança ingrata é como o dente de uma serpente, mas uma Esposa ingrata e ranzinza é muito mais afiada do que isso.

Eu não sou um monstro; eu tentei salvá-la do Homem Conivente. Eu disse a ela que se não concordássemos, ela deveria ir para casa de sua mãe, em Lincoln, o que era noventa e seis quilômetros a Oeste — uma boa distância para uma separação que não é bem um divórcio, mas ainda assim significa uma dissolução da corporação marital.

— E deixar as terras de meu pai com você, eu suponho? — ela perguntou, e sacudiu a cabeça. Como eu acabei odiando aquele gesto insolente, como a de um pônei treinado doente, e a pequena fungadela que sempre o acompanhava. — Isso nunca vai acontecer, Wilf.

Eu disse que iria comprar as terras dela, se ela insistisse. Levaria um bom tempo — oito anos, talvez dez — mas eu lhe pagaria cada centavo.

— Pouco dinheiro vindo é pior do que nada. — ela respondeu (com outra fungadela e sacudida de cabeça). — Isto é algo que toda mulher sabe. A Companhia Farrington vai pagar tudo de uma vez, e a oferta deles está apta a ser bem mais generosa do que a sua. E eu nunca vou morar em Lincoln. Isto não é uma cidade, mas uma vila com mais igrejas do que casas. Você vê minha situação? Você entende a “posição” em que ela me colocou? Será que eu não poderia contar com um pouco de sua simpatia? Não? Então escute isto.

No começo de Abril daquele ano — há oito anos deste exato dia, pelo o que eu sei — ela veio até mim toda reluzente e radiante. Ela gastara a maior parte do dia no “salão de beleza” em McCook, e seu cabelo pendia ao redor de suas

bochechas em gordos cachos que me lembraram dos rolos de papel higiênico que se encontrava nos hotéis e hospedagens. Ela disse que havia tido uma idéia. Era que nós deveríamos vender os 100 acres e a fazenda para o monopólio Farrington. Ela acreditava que eles comprariam tudo apenas para conseguir o pedaço de seu pai, que era próximo à linha do trem (e ela provavelmente tinha razão).

— Então. — disse esta megera atrevida. — Podemos dividir o dinheiro, nos divorciar, e começar novas vidas, longe um do outro. Ambos sabemos que é isso o que você quer. — como se ela também não quisesse.

— Ah. — eu disse (como se lhe dando uma séria idéia de consideração). — E com quem de nós o menino vai ficar?

— Comigo, é claro. — ela disse, arregalando os olhos. — Um menino de 14 anos precisa estar com sua mãe.

Eu comecei a “trabalhar” em Henry naquele mesmo dia, contando-lhe o último plano de sua mãe. Estávamos sentados no celeiro. Eu ostentava minha cara mais triste e falei com minha voz mais pesarosa, pintando um retrato do que seria a vida dele se fosse permitido à sua mãe continuar com seu plano; como ele ficaria sem fazenda e pai, como ele se encontraria em uma escola bem maior, todos os seus amigos (a maioria desde que eram bebês) deixados para trás, como, assim que ele estivesse nessa nova escola, ele teria que lutar por um lugar entre os estranhos que ririam dele e o xingariam de caipira. Por outro lado, eu disse, se pudéssemos segurar as terras, eu estava convencido de que poderíamos pagar nossa dívida com o banco por volta de 1925, e viveríamos felizes sem dívidas, respirando o ar doce, ao invés de assistirmos tripas de porco descendo por nossa, anteriormente limpa, corrente, do nascer ao pôr-do-sol.

— Então, o que é que você quer? — eu perguntei depois de pintar este retrato com o máximo de detalhes que eu pude.

— Ficar aqui com você, Papai. — ele disse. Lágrimas desciam de suas bochechas. — Por que ela tem que ser tão... tão...

— Vá em frente. — eu disse. — A verdade nunca é condenável, Filho.

— Tão *escrota*!

— Porque a maioria das mulheres o é. — eu disse. — É uma parte inextirpável da natureza delas. A questão é o que vamos fazer sobre isso.

Mas o Homem Conivente já havia pensado no velho poço atrás do celeiro das vacas, aquele que nós apenas usávamos para pegar água porque era raso e escuro — apenas seis metros de profundidade, e um pouco mais do que uma calha. Era apenas uma questão de convencê-lo a participar. Eu *tinha* que fazê-lo, com

certeza você entende isso; eu poderia matar minha esposa, mas deveria salvar meu amado filho. Para que serviria ser dono de 180 acres — ou mil — se você não tinha ninguém para dividi-lo, ou passá-lo?

Eu fingi estar considerando o plano louco de Arlette de ver uma boa terra de milho ser transformada em um açougue de porcos. Eu pedi que ela me desse tempo para me acostumar com a idéia. Ela assentiu. E durante os dois meses seguintes, eu trabalhei em Henry, fazendo-o se acostumar com uma idéia bem diferente. Não foi tão difícil quanto poderia ter sido; ele tinha a aparência de sua mãe (a aparência de uma mulher é o mel, você sabe, que atrai o homem à colméia de ferrões), mas não sua teimosia desgraçada. Era apenas necessário pintar o retrato do que seria a vida dele em Omaha ou St. Louis. Eu levantei a possibilidade de que mesmo aqueles dois formigueiros lotados poderiam não satisfazê-la; ela poderia decidir que apenas Chicago serviria.

— Então. — eu disse. — Você pode acabar tendo que ir à escola com crioulos. Ele ficou frio com a mãe; depois de alguns esforços — todos indelicados, todos rejeitados — para reaver sua afeição, ela devolveu a frieza. Eu (ou o Homem Conivente) me rejubilei a isso. No começo de Junho, eu disse a ela que, depois de grande consideração, eu havia decidido que nunca permitiria que ela vendesse os 100 acres sem uma briga; que eu nos jogaria à pobreza e ruína se isso fosse necessário.

Ela estava calma. Ela decidiu procurar consultas legais (a Justiça, como sabemos, se tornará amiga de quem quer que lhe pague para isso). Isto eu já havia previsto. E eu sorri! Porque ela não poderia pagar tais consultas. Até então eu estava segurando firme com o pouco de dinheiro que tínhamos. Henry até mesmo me deu seu cofrinho de porco quando eu pedi, para que ela não pudesse roubar dessa fonte, por mais insignificante que ela fosse. Ela foi, é claro, ao escritório da Companhia Farrington, em Deland, sentindo-se segura (como eu estava) de que eles, que tinham tanto a ganhar, bancariam suas despesas legais.

— Eles vão, e ela vai ganhar. — eu disse a Henry, de onde havia se tornando nosso lugar comum de conversas no celeiro. Eu não tinha certeza plena disto, mas eu já havia tomado minha decisão, que eu não chegarei tão longe de chamar de “um plano”.

— Mas, Papai, isso não é justo! — ele choramingou. Sentado lá no celeiro, ele parecia muito jovem, mais parecendo ter dez, do que catorze.

— A vida nunca o é. — eu disse. — Às vezes a única coisa a se fazer é tirar a coisa que você precisa ter. Mesmo que alguém se machuque. — eu pausei, calculando seu rosto. — Mesmo se alguém morrer.

Ele ficou branco.

— Papai!

— Se ela se fosse... — eu disse. — ...tudo seria como antes. Todas as discussões cessariam. Poderíamos viver aqui pacificamente. Eu ofereci a ela tudo o que podia para fazê-la ir embora, mas ela não vai. Há somente uma outra coisa que eu posso fazer. Que *nós* podemos fazer.

— Mas eu a amo.

— Eu a amo também. — eu disse. O que, por mais incrível que pareça, era verdade. O ódio que eu sentira dela naquele ano de 1922 foi muito maior do que um homem pode sentir por qualquer mulher, a não ser que amor esteja incluído. E, por mais amarga e voluntariosa que ela fosse, Arlette era uma mulher de natureza quente. Nossas “relações maritais” nunca pararam, embora desde que os argumentos sobre os 100 acres começaram, nossas transas no escuro haviam se tornando mais e mais como o sexo de animais no cio.

— Não precisa ser doloroso. — eu disse. — E quando acabar... bem...

Eu o levei para a traseira do celeiro e mostrei o poço, onde ele se debulhou em amargas lágrimas.

— Não, Papai. Isso não. Não importa o quê.

Mas quando ela voltou de Deland (Harlan Cotterie, nosso vizinho mais próximo, a trouxe pela maior parte do trajeto em seu Ford, deixando-a para andar os últimos três quilômetros) e Henry implorou para que ela “fosse embora para que apenas pudéssemos ser uma família novamente”, ela perdeu a paciência, o atingiu na boca, e disse para ele parar de implorar como um cão.

— Seu pai o infectou com sua timidez. Pior, ele o infectou com sua ganância.

Como se ela fosse inocente *desse* pecado!

— O advogado me assegurou que a terra é minha para fazer o que eu quiser, e eu vou vendê-la. Quanto a vocês dois, podem ficar sentados aqui cheirando os porcos assando juntos, e cozinhando sua própria comida, e fazendo suas próprias camas. Você, meu filho, pode arar o dia todo e ler o livros eternos *dele* a noite toda. Eles fizeram a ele pouco bem, mas você pode se dar melhor. Quem sabe?

— Mamãe, isso não é justo!

Ela olhou para o filho como uma mulher deve olhar para um estranho que tentou tocar seu braço. E como meu coração se encheu de felicidade quando eu o vi olhando de volta tão friamente quanto.

— Vocês podem ir pro diabo que os carregue, vocês dois. Quanto a mim, eu vou para Omaha e abrir uma loja de vestidos. Essa é *minha* idéia de justiça.

Esta conversa aconteceu no umbral empoeirado entre a casa e o celeiro, e sua

idéia de justiça era a última palavra. Ela marchou através do quintal, levantando poeira com seus sapatos chiques da cidade, entrou na casa, e bateu a porta. Henry se virou para me olhar. Havia sangue no canto de sua boca, e seu lábio inferior estava inchado. A fúria em seus olhos era do tipo mais cru e puro que apenas os adolescentes podem sentir. É o tipo de fúria que não conta custos. Ele assentiu. Eu assenti de volta, tão gravemente quanto, mas lá dentro, o Homem Conivente sorria.

Aquela tapa foi sua sentença de morte.

Dois dias depois, quando Henry veio até mim no novo milharal, eu vi que ele havia tido uma recaída. Eu não fiquei desanimado ou surpreso; os anos entre a infância, adolescência, e a maioridade eram anos tempestuosos, e aqueles vivendo através deles, giram como cata-ventos que alguns fazendeiros no Meio-Oeste usam para colocar no topo de seus silos de grãos.

— Não podemos. — ele disse. — Papai, ela está errada. E Shannon disse que aqueles que morrem errados vão para o Inferno.

Maldita sejam a igreja Metodista e a Sociedade de Jovens, eu pensei... mas o Homem Conivente apenas sorriu. Pelos dez minutos seguintes nós falamos sobre teologia no milharal verde enquanto as nuvens de começo de verão — as melhores nuvens, aquelas que flutuam como escunas — navegavam lentamente acima de nós, trilhando suas sombras como uma vigília. Eu expliquei a ele que, bem ao contrário de mandar Arlette para o Inferno, nós a mandaríamos para o Céu.

— Então... — eu disse — ...um homem ou uma mulher assassinado não morre no tempo de Deus, mas no do Homem. Ele... ou ela... é privado antes que ele... ou ela...expiem por seus pecados, e então todos os seus erros deverão ser perdoados. Quando você pensa desse modo, todo assassinato é uma Porta para o Céu.

— Mas e quanto a nós, Papai? Não iríamos para o Inferno?

Eu gesticulei para os campos, desafiantes com seu cultivo.

— Como pode dizer tal coisa, quando você vê o Céu ao nosso redor? Ainda assim ela queira nos levar para longe dele tão certo quanto o anjo com a espada flamejante que expulsou Adão e Eva do Jardim.

Ele me observou, perturbado. Sombrio. Eu odiei fazer meu filho ficar daquele modo, ainda assim parte de mim acreditava até então, e acredita até hoje, que não fui eu quem o fez ficar assim, foi ela.

— E pense... — eu disse. — Se ela for para Omaha, ela vai cavar para si um

buraco ainda mais fundo em Sheol⁴¹³. Se ela te levar, você se tornará um garoto da cidade...

— Eu nunca serei! — ele berrou tão alto que os corvos bateram asas das filas de cerca e saíram em um redemoinho para o céu azul como papel carbonizado.

— Você é jovem, e você irá. — eu disse. — Você vai se esquecer de tudo isso...vai aprender os costumes da cidade... e começará a cavar seu próprio buraco.

Se ele replicasse dizendo que assassinos não tinham esperança de se juntar a suas vítimas no Céu, eu poderia ter ficado sem resposta. Mas ou sua teologia não se espichara tanto ou ele não queria pensar em tais coisas. E existe mesmo um Inferno, ou fazemos o nosso próprio, na Terra? Quando eu pensei nos últimos oito anos de minha vida, eu escolhi a última opção.

— Como? — ele perguntou. — Quando?

Eu lhe disse.

— E podemos continuar a viver aqui?

Eu disse que poderíamos.

— E não vai doer nela?

— Não. — eu disse. — Será rápido.

Ele pareceu satisfeito. E ainda assim poderia não ter acontecido, se não fosse pela própria Arlette.

Apontamos-nos em uma noite de Sábado na metade de Junho, que foi tão boa quanto qualquer uma que eu possa me lembrar. Arlette, às vezes, tomava um copo de vinho nas noites de Verão, embora raramente mais. Havia uma boa razão para isso. Ela era uma daquelas pessoas que nunca tomava um segundo copo sem tomar um quarto, então um sexto, então a garrafa inteira. E outra garrafa, se houvesse outra.

— Eu tenho que ter muito cuidado, Wilf. Eu gosto muito disso. Sorte minha, minha força de vontade é forte.

Naquela noite sentamos na varanda, assistindo a luz da tarde se demorar sobre os campos, ouvindo os sonolentos *cri-cris* dos grilos. Henry estava em seu quarto. Ele mal tocou em seu jantar, e enquanto Arlette e eu sentávamos na varanda em nossas cadeiras de balanço forradas com almofadas, eu pensei ter ouvido um fraco som que poderia ter sido alguém vomitando. Eu me lembro de pensar nisso quando o momento chegou, ele não conseguiria seguir em frente. Sua mãe acordaria irritada na manhã seguinte com uma ressaca e sem qualquer

conhecido do quão perto ela havia chegado de nunca mais ver outra aurora em Nebraska. Ainda assim, eu segui com o plano com rapidez. Porque eu era como uma daquelas bonecas russas? Talvez. Talvez todo homem seja assim.

Dentro de mim havia o Homem Conivente, mas dentro do Homem Conivente havia o Homem Esperançoso. Este amigo morreu em algum tempo entre 1922 e 1930.

O Homem Conivente, tendo feito seu estrago, desapareceu.

Sem seus esquemas e ambições, a vida se tornou um lugar vazio.

Eu trouxe a garrafa para a varanda comigo, mas quando eu tentei encher seu copo vazio, ela o cobriu com a mão.

— Você não precisa me embebedar para conseguir o que quer. Eu também quero. Eu estou com uma coceira. — ela abriu as pernas e pôs a mão na virilha para me mostrar onde estava a coceira. Havia uma Mulher Vulgar dentro dela — talvez até uma Prostituta — e o vinho sempre a soltava.

— Beba outro copo de qualquer forma. — eu disse. — Temos algo a celebrar.

Ela me olhou cautelosamente. Mesmo um único copo de vinho fazia seus olhos ficarem molhados (como se parte dela estivesse chorando por todo o vinho que queria ter, mas não podia), e na luz do pôr-do-sol eles pareceram laranjas, como os olhos de uma abóbora com uma vela em seu interior.

— Não haverá processo. — eu disse a ela. — E não haverá divórcio. Se a Companhia Farrington pode nos pagar por meus 80 como também pode pagar pelos 100

de seu pai, nossa discussão está acabada.

Pela primeira e única vez em nosso problemático casamento, ela ficou *boquiaberta*.

— O que está dizendo? É o que eu penso que está dizendo? Não tente me enganar, Wilf!

— Não estou. — disse o Homem Conivente. Ele falou com toda a sinceridade de seu coração. — Henry e eu tivemos muitas conversas sobre isso...

— Vocês têm sido espessos como ladrões, isso é verdade. — ela disse. Ela havia tirado sua mão de cima do copo e eu aproveitei a oportunidade para enchê-lo. — Sempre no celeiro, sentados em uma pilha de madeira, ou com suas cabeças juntas nos campos lá de trás. Eu achava que era sobre Shannon Cotterie. — uma fungadela e uma sacudida de cabeça. Mas eu achei que ela parecia um pouco ansiosa também. Ela bebericou seu segundo copo de vinho. Dois goles do segundo copo, e ela ainda poderia baixar o copo e ir para a cama. Quatro e eu

poderia lhe entregar a garrafa. Sem mencionar as outras duas que eu tinha de reserva.

— Não. — eu disse. — Não falamos sobre Shannon. — Embora eu tivesse visto Henry segurar sua mão certa ocasião enquanto eles andavam três quilômetros até a escola de Hemingford Home. — Nós falamos sobre Omaha. Ele quer ir, eu acho. — Não funcionaria ser tudo perfeito, não depois de um único copo e dois goles de outro.

Ela suspeitava de tudo por natureza, era minha Arlette, sempre procurando por segundas intenções. E é claro que neste caso eu tinha uma. — Ao mesmo tentar para ver se dá certo. E Omaha não é tão longe de Hemingford...

— Não. Não é. Como eu lhe disse milhares de vezes. — ela bebeu seu vinho, e ao invés de baixar o copo como havia feito antes, ela o ergueu. A luz alaranjada sobre o horizonte ocidental estava se aprofundando em um verde púrpura de outro mundo que parecia queimar o vidro.

— Se fosse St. Louis, isso seria uma coisa diferente.

— Se eu houvesse desistido dessa idéia... — ela disse. O que significava, é claro, que ela havia investigado a possibilidade e a achado problemática. Pelas minhas costas, é claro. Tudo aconteceu pelas minhas costas, exceto o advogado da companhia. E ela teria feito *isso* pelas minhas costas também, se ela não quisesse usar isso como um taco para me espancar.

— Eles vão comprar o lugar todo, você acha? — eu perguntei. — Todos os 180 acres?

— Como eu poderia saber? — disse, bebendo. O segundo copo estava meio vazio. Se eu dissesse a ela agora que ela já havia tomado o bastante, e tentasse tirar dela, ela se recusaria a desistir.

— Você sabe, não tenho dúvidas. — eu disse. — Que os 180 acres são como St. Louis. Você *investigou*.

Ela me jogou um olhar de megera... então caiu em uma gargalhada áspera.

— Talvez eu tenha.

— Eu suponho que poderíamos procurar por uma casa na periferia da cidade. — eu disse. — Onde há pelo menos um campo ou dois para se olhar.

— Onde você poderia sentar seu traseiro em uma cadeira de balanço na varanda o dia todo, deixando sua esposa trabalhar para variar? Aqui, encha isto. Se vamos celebrar, vamos celebrar.

Enchi ambos os copos. Só precisou de um pouco no meu, como se eu tivesse tomado apenas um gole.

— Eu pensei em procurar um emprego como mecânico. Carros e caminhões, mas máquinas rurais em sua maioria. Se eu posso manter aquele velho Farmall funcionando... — eu gesticulei com meu copo na direção da grande forma escura que era o trator que estava ao lado do celeiro. — ...então eu acho que possa manter qualquer coisa funcionando.

— E Henry falou com você sobre isso.

— Ele me convenceu de que seria melhor tomar a chance de ser feliz na cidade do que ficar aqui sozinho no que seria angústia certa.

— O menino mostra senso, e o homem escuta! Já não era sem tempo! Aleluia! — ela drenou seu copo e o levantou para mais. Ela agarrou meu braço e se encostou próxima o bastante para que eu sentisse o odor de uvas amargas em seu hálito. — Pode ser que você consiga aquela coisa que você gosta hoje à noite, Wilf. — ela tocou com sua língua manchada de roxo, o meio de seu lábio superior. — Aquela coisa *safada*.

— Mal posso esperar por isso. — eu disse. Se tudo corresse bem, uma coisa mais safada ainda iria acontecer naquela noite em nossa cama que dividimos por quinze anos.

— Vamos pedir que Henry desça. — ela disse. Ela começou a atropelar suas palavras. — Eu quero parabenizá-lo por finalmente ver a luz. — (Eu mencionei que o verbo *agradecer* estava fora do vocabulário de minha esposa? Talvez não. Talvez, a este ponto, eu já não mais precise). Seus olhos acenderam enquanto um pensamento ocorreu a ela. — Nós vamos lhe dar um copo de vinho! Ele já tem idade! — Ela me acotovelou como os velhos que você vê sentados em bancos que flanqueiam os degraus de um tribunal, contando piadas sujas uns aos outros. — Se fizermos ele ficar um pouquinho alegre, poderemos até descobrir se ele já traçou Shannon Cotterie... sua reputação é um pouco duvidosa, mas ela tem um cabelo lindo, nisso eu dou o braço a torcer.

— Tome mais um copo de vinho primeiro. — disse o Homem Conivente.

Ela tomou dois, e isso esvaziou a garrafa (a primeira). A esta altura, ela já estava cantando “Avalon” em sua melhor voz de menestrel, e dando suas melhores giradas de olhos de menestrel. Era doloroso ver e ainda mais doloroso escutar.

Eu fui até a cozinha pegar outra garrafa de vinho, e julguei que era a hora certa de chamar Henry. Embora, como eu já disse, eu não tinha grandes esperanças. Eu só poderia fazê-lo se ele fosse meu cúmplice voluntário, e em meu coração eu acreditava que ele fugiria da façanha quando a conversa acabasse e a hora chegasse de verdade. Se assim fosse, nós simplesmente a colocaríamos para dormir. De manhã eu diria a ela que havia mudado de idéia quanto a vender as

terras de meu pai.

Henry veio, e nada em seu rosto pálido e lastimável ofereceu qualquer encorajamento de sucesso.

— Papai, eu não acho que posso. — ele sussurrou. — É a *Mamãe*.

— Se não pode, não pode. — eu disse, e não havia nada do Homem Conivente nisso. Eu estava conformado; o que tivesse de ser, seria. — De qualquer forma, ela está feliz pela primeira vez em anos. Bêbada, mas feliz.

— Não apenas alegrinha? Ela está *bêbada*?

— Não se surpreenda; fazer as coisas de seu modo é a única coisa que a faz feliz. É certo que catorze anos com ela é o bastante para que você aprenda isso.

Franzindo as sobrancelhas, ele empertigou o ouvido na direção da varanda enquanto a mulher que o havia parido se lançava em uma horrorosa capitulação, palavra a palavra, de “Dirty McGee”. Henry franziu as sobrancelhas ao escutar essa balada de bar, talvez por causa do refrão (ela estava determinada a ajudá-lo a enfiá-lo dentro/ Porque era Dirty McGee novamente), mas mais provável pelo modo como ela atropelava as palavras. Henry havia tomado o Testemunho em um acampamento da Sociedade de Jovens Metodistas na semana do Dia do Trabalho no ano passado. Eu preferi desfrutar de seu choque. Quando adolescentes não estão girando como cata-ventos ao vento forte, eles são tão inflexíveis como puritanos.

— Ela quer que você se junte a nós para um copo de vinho.

— Papai, você sabe que eu prometi ao Senhor nunca beber.

— Você vai ter que conversar com ela. Ela quer celebrar. Nós vamos vender tudo e nos mudar para Omaha.

— *Não!*

— Bem... você vê. Tudo depende de você, Filho. Saia para a varanda.

Sua mãe se levantou pateticamente ao vê-lo, envolveu seus braços em sua cintura, pressionou seu corpo firmemente contra o dele, e cobriu seu rosto com beijos extravagantes. Beijos desagradavelmente fedorentos, pelo modo como ele fez caretas. O Homem Conivente, enquanto isso, encheu o copo dela, que estava vazio novamente.

— Finalmente estamos todos juntos! Meus homens enxergam o senso! — ela levantou o copo em um brinde, e derramou uma boa porção em seus seios. Ela riu e piscou para mim. — Se for bonzinho, Wilf, você pode chupar tudo da roupa mais tarde.

Henry olhou para ela com confusa repugnância, enquanto ela desabava de volta

em sua cadeira, levantava as saia e a enfiava entre as pernas. Ela viu o olhar e riu.

— Não precisa ser tão fresco. Eu te vi com Shannon Cotterie. Sua reputação é um pouco duvidosa, mas ela tem um cabelo lindo, e belos vestidos. — ela bebeu o resto de seu vinho e arrotou. — Se você não vai tirar uma casquinha disso, você é um idiota. Só que é melhor tomar cuidado. Catorze anos já dá para casar. Aqui fora, no meio do nada, catorze já dá pra casar até seu *primo*. — ela riu mais um pouco e levantou o copo.

Eu o enchi com a segunda garrafa.

— Papai, ela já tomou o bastante. — Henry disse, tão desaprovador quanto um vigário. Acima de nós, as primeiras estrelas piscavam na vista acima que engrandecia o horizonte vazio que eu amara a vida toda.

— Oh, eu não sei. — eu disse. — *In vino veritas*⁽²⁾, foi o que Plínio, o Velho, disse... em um desses *livros* a que sua mãe está sempre zombando.

— Mão no arado o dia todo, nariz no livro a noite toda. — Arlette disse. — Exceto quando ele está enfiando em *mim*.

— Mamãe!

— *Mamãe!* — ela zombou, então levantou o copo na direção da fazenda de Harlan Cotterie, embora estivesse muito longe para que nós víssemos as luzes.

Não poderíamos vê-las nem que estivéssemos dois quilômetros mais perto, agora que o milharal estava alto. Quando o verão chega ao Nebraska, cada fazenda é um navio navegando em um vasto oceano verde. — Um brinde a Shannon Cotterie e seus peitinhos novinhos em folha, e se meu filho não souber a cor de seus mamilos, ele é um boboca.

Meu filho não respondeu a isso, mas o que eu via em seu rosto sombrio, fez o Homem Conivente se rejubilar.

Ela se virou para Henry, agarrou seu braço, e manchou de vinho seu pulso, ignorando seu novo miado de repugnância, olhando para seu rosto com um sorriso repentino, ela disse:

— Apenas certifique-se de que quando você estiver deitado com ela no milharal atrás do celeiro, você não seja um burro. — ela fez um punho com sua mão livre, levantou o dedo médio, e o usou para fazer um círculo ao redor de sua virilha: coxa esquerda, coxa direita, parte esquerda da barriga, umbigo, parte direita da barriga, e então de volta à coxa esquerda. — Explore o quanto quiser, e esfregue por aí com seu Joãozinho até que ele sinta gostoso e cuspa, mas mantenha distância da racha, a não ser que queira ficar preso para sempre, que nem sua mamãe e seu papai.

Ele se levantou e saiu, sem dar uma palavra, e eu não o culpo. Até mesmo para

Arlette, essa foi uma performance de extrema vulgaridade. Ele deve ter visto a mudança dela ante seus olhos, de sua mãe — uma mulher difícil, mas às vezes amorosa — para uma puta fedorenta instruindo a um jovem cliente inexperiente. Isso já era ruim, mas ele adorava a menina Cotterie, e isso fez a coisa piorar. Jovens não conseguem evitar colocar seus primeiros amores em pedestais, e se alguém viesse e cuspiisse em seu tesouro... mesmo que esse alguém fosse sua mãe...

Fracamente, eu ouvi a porta de seu quarto bater. E um fraco, mais audível soluço.

— Você magoou seus sentimentos. — eu disse.

Ela expressou a opinião de que sentimentos, como justiça, eram o último refúgio dos fracos. Então ela levantou o copo. Eu o enchi, sabendo que ela não se lembraria de nada do que havia dito pela manhã (sempre supondo que ela ainda estaria aqui para saudar a manhã), e negaria — veementemente — se eu lhe contasse. Eu já a vi embriagada antes, mas não há anos.

Acabamos a segunda garrafa (*ela* acabou) e metade da terceira antes que seu queixo caísse em seus seios manchados de vinho e ela começasse a roncar. Saindo de sua garganta contraída, aqueles roncoss soaram como rosnados de um cão irritado.

Eu pus meu braço ao redor de seus ombros, enganchei minha mão em seu covaco, e a levantei. Ela murmurou em protesto e me estapeou fracamente com uma mão fedorenta. — Me *deza* em paz. Eu quero ir *durmi*.

— E você irá. — eu disse. — Mas na sua cama, não aqui fora na varanda.

Eu a levei — tropeçando, e roncando, um olho fechado e o outro aberto em um olhar atordado — através da sala de estar. A porta de Henry se abriu. Ele apareceu lá, seu rosto sem qualquer expressão e muito mais velho do que era. Ele assentiu para mim.

Apenas um único balançar com a cabeça, mas isso me disse o que eu precisava saber.

Eu a levei para cama, tirei seus sapatos, e a deixei lá roncar com as pernas abertas e uma mão pendendo para fora do colchão. Eu voltei para a sala de estar e encontrei Henry ao lado do rádio que Arlette me obrigara a comprar no ano anterior.

— Ela não pode dizer essas coisas sobre Shannon. — ele sussurrou.

— Mas ela irá. — eu disse. — É assim que ela é, como o Senhor a fez.

— E ela não pode me levar para *longe* de Shannon.

— Ela fará isso também. — eu disse. — Se permitimos.

— Você não poderia... Papai, você não poderia conseguir seu próprio advogado?

— Você acha que qualquer advogado cujos serviços eu pudesse pagar com o pouco de dinheiro que eu tenho no banco poderia ser páreo para os advogados que a Farrington jogaria em cima de nós? Eles giram o Condado de Hemingford; eu não giro nada a não ser uma foice quando quero cortar feno. Eles querem aqueles 100 acres, e ela pretende que eles os tenham. Este é o único jeito, mas você terá que me ajudar. Você irá?

Por um longo tempo ele nada disse. Ele abaixou a cabeça, e eu pude ver lágrimas caindo de seus olhos para o carpete acolchetado. Então ele sussurrou: — Sim. Mas se eu tiver de assistir... não sei se poderei...

— Há um modo de você me ajudar sem ter que assistir. Vá até a oficina e traga um saco.

Ele fez como eu pedi. Eu fui até a cozinha e peguei a faca de açougueiro mais afiada dela. Quando ele voltou com o saco e a viu, seu rosto ficou pálido.

— Tem que ser com isso? Não poderia... com um travesseiro...

— Seria muito lento e muito doloroso. — eu disse. — Ela lutaria. — ele aceitou isso como se eu houvesse matado uma dúzia de mulheres antes de minha esposa e por isso sabia disso. Mas eu não havia feito isso. Tudo o que eu sabia era que em todos os meus planos — meus devaneios diurnos de me livrar dela, em outras palavras — eu sempre havia visto a faca que agora eu segurava em minha mão. E então seria a faca. A faca ou nada.

Ficamos parados ali no brilho das lâmpadas de querosene — não haveria eletricidade, exceto por geradores em Hemingford Home antes de 1928 — olhando um para o outro, o grande silêncio noturno que existe lá fora no meio das coisas, quebrado apenas pelos detestáveis sons dos roncos dela. Ainda assim havia uma terceira presença naquele cômodo: a inelutável força de vontade dela, que existe separada da própria mulher (eu achei que a senti então; oito anos depois eu tenho certeza). Esta é uma história de fantasma, mas o fantasma estava lá mesmo antes da mulher ao qual ele pertenceu morrer.

— Está bem, Papai. Nós vamos... vamos mandá-la para o Céu. — o rosto dele se iluminou ao pensamento. O quão horrendo isso parece para mim agora, especialmente quando eu penso em como ele terminou.

— Será rápido. — eu disse. Eu já cortei várias gargantas de porcos, e pensei que assim seria. Mas eu estava errado.

Que seja dito rápido. Nas noites em que eu não consigo dormir — e há várias —

tudo passa em minha cabeça, de novo e de novo, cada investida, cada tosse, e gota de sangue em uma delicada lentidão, então que seja dito rápido.

Fomos ao quarto, comigo na frente com a faca de açougueiro em minha mão, meu filho com o saco. Seguimos na ponta dos pés, mas poderíamos entrar batendo címbalos sem que ela acordasse. Eu fiz Henry ficar à minha direita, próximo à cabeça dela. Agora podíamos ouvir o alarme do relógio batendo em sua cabeceira, bem como seus roncos, e um pensamento curioso veio a mim: nós éramos como médicos, atendendo ao leito de morte de uma paciente importante. Mas acho que médicos em leitos de morte não costumam tremer de medo e culpa.

Por favor, não deixe que haja muito sangue, eu pensei. Deixe o saco pegar tudo.

Melhor ainda, faça-o chorar e desistir no último minuto.

Mas ele não o fez. Talvez ele achasse que eu o odiaria se ele o fizesse; talvez ele houvesse se conformado com a idéia de mandá-la ao Céu; talvez ele estivesse se lembrando daquela cena obscena do dedo médio, fazendo um círculo ao redor da virilha dela. Eu não sei. Eu só sei que ele sussurrou: — Adeus, Mamãe. — e abaixou o saco sobre sua cabeça.

Ela roncou e tentou se libertar. Eu tinha que mirar abaixo do saco, mas ele tinha que puxar firmemente o saco para baixo, e eu não pude. Eu vi o nariz fazendo uma forma de barbatana de tubarão por dentro do saco de pano. Eu vi o olhar de pânico crescendo em seu rosto também, e eu vi que ele não seguraria por muito tempo.

Eu coloquei um joelho na cama e uma mão no ombro dela. Então eu golpeei através do saco e na garganta dentro dele. Ela gritou e começou a lutar violentamente.

Sangue brotava no buraco no saco. Suas mãos golpeavam o ar. Henry se afastou da cama com um guincho. Eu tentei contê-la. Ela alcançou o saco em erupção com as mãos e eu a golpeei, arrancando três de seus dedos até os ossos. Ela berrou de novo — um som tão agudo e penetrante quanto uma lasca de gelo — e a mão caiu para se contorcer na coberta. Eu furei outro ponto no saco, e outro, e outro. Cinco corte ao todo eu fiz antes que ela me empurrasse com sua mão inteira e então tirasse o saco de pano da cara.

Ela não conseguiu tirá-lo totalmente da cabeça — ficou preso em seu cabelo — então ela ficou como se estivesse usando uma rede.

Eu havia cortado sua garganta com os dois primeiros golpes, fundo o bastante na primeira vez para expor a cartilagem de sua traquéia. Com os últimos dois eu cravei sua bochecha e sua boca, este último tão fundo que ela agora possuía um sorriso de palhaço.

O golpe rasgou até suas orelhas e mostrou seus dentes. Ela deixou sair um gutural rosnado engasgado, o som de um leão na hora do banquete. O sangue jorrou de seu pescoço até o pé da coberta. Eu me lembro de pensar que parecia com o vinho, quando ela ergueu seu copo à última luz do sol.

Ela tentou sair da cama. Primeiro fiquei emudecido, depois enfurecido. Ela fora um problema para mim por todos os dias de nosso casamento, e era um problema mesmo agora, em nosso divórcio sangrento. Mas o que mais eu deveria estar esperando?

— Oh, Papai, faça-a parar! — Henry gritou. — Faça-a, parar, Papai, pelo amor de Deus, faça-a parar!

Eu pulei em cima dela como um amante em chamas e a joguei de volta ao seu travesseiro coberto de sangue. Mais rosnados ásperos saíram do fundo de sua garganta dilacerada. Seus olhos giraram em suas órbitas, jorrando lágrimas. Eu a peguei pelos cabelos, puxei sua cabeça para trás, e cortei sua garganta de novo. Então tirei a coberta livre do meu lado da cama, e o usei para embalar sua cabeça, sendo atingido pelo primeiro pulso de sua jugular. Minha cara foi atingida pelo borrifo, e sangue quente começou a pingar de meu queixo, nariz e sobrancelhas.

Atrás de mim, os gritos de Henry pararam. Eu virei e vi que Deus havia tido piedade dele (assumindo que Ele não virou Seu rosto quando Ele viu o que iríamos fazer): ele havia desmaiado. A luta dela começou a diminuir. Finalmente ela parou...mas eu permaneci em cima dela, pressionando com a coberta, agora encharcada com seu sangue. Eu lembrei a mim mesmo que ela nunca havia feito nada facilmente. E eu estava certo. Depois de trinta segundos (o pequeno relógio encomendado os contou), ela fez outro esforço, desta vez curvando suas costas tão tenazmente que ela quase me derrubou. *Segura, Peão*, eu pensei. Ou talvez tenha dito em voz alta. Disso não posso me lembrar, Deus me ajude. De tudo mais, mas não disso.

Ela retrocedeu. Eu contei mais trinta tique-taques, para ter uma boa demora. No chão, Henry se mexeu e gemeu. Ele começou a se sentar, então pensou melhor. Ele engatinhou até o canto mais longe do quarto, e se encolheu em uma forma de bola.

— Henry? — eu disse.

Nada da figura encolhida no canto.

— Henry, ela está morta. Ela está morta e eu preciso de ajuda.

Ainda nada.

— Henry, é tarde demais para voltar atrás agora. O ato foi feito. Se você não quer ir para a cadeia — e seu pai para a cadeira elétrica — então fique de pé e me

ajude.

Ele cambaleou na direção da cama. Seus cabelos estavam caídos em seus olhos; eles brilharam através dos cachos amontoados de suor como os olhos de um animal se escondendo nos arbustos. Ele lambeu os lábios repetidamente.

— Não pise no sangue. Temos mais bagunça para limpar do que eu queria, mas podemos cuidar disso. Isso se não carimbarmos a casa inteira.

— Eu tenho que olhar para ela? Papai, eu tenho que *olhar*?

— Não. Nenhum de nós precisa.

Nós a enrolamos, fazendo da coberta sua mortalha. Assim que feito, eu percebi que não poderíamos carregá-la pela casa daquele jeito; em meus devaneios diurnos e meios planos, eu havia visto nada mais do que um discreto filete de sangue se juntando à coberta onde sua garganta cortada (sua garganta *perfeitamente* cortada) estava em cima. Eu não havia previsto ou mesmo considerado a realidade: a coberta branca estava púrpura e negra no quarto escuro, escoando sangue como uma esponja inchada escoa água.

Havia uma colcha no armário. Eu não pude reprimir o pensamento do que minha mãe pensaria se ela pudesse ver a utilidade que seu amado presente de casamento estava tendo. Eu o coloquei no chão. Colocamos Arlette em cima dele. Então a enrolamos.

— Rápido. — eu disse. — Antes que isto comece a gotejar também. Não... espere... vá pegar uma lâmpada.

Ele demorou tanto que eu comecei a ter medo de que ele tivesse fugido. Então eu vi a luz bater no pequeno corredor depois de seu quarto e do que eu e Arlette dividíamos. *Havíamos* dividido. Eu podia ver as lágrimas brotando de seu rosto pálido como cera.

— Coloque-a na mesa.

Ele colocou a lâmpada ao lado do livro que eu estivera lendo: *Rua Principal* de Sinclair Lewis. Eu nunca o terminei; eu nunca poderia suportar terminá-lo. Pela luz da lâmpada, eu apontei as poças de sangue no chão, e a piscina dele ao lado da cama.

— Mais está saindo da colcha. — ele disse. — Se eu soubesse quanto sangue ela tinha...

Eu tirei o revestimento do meu travesseiro, e o enfiei no fim da colcha como uma meia em uma canela sangrenta.

— Pegue-a pelos pés. — eu disse. — Precisamos fazer esta parte agora mesmo.

E não desmaie de novo, Henry, porque não posso fazer isso sozinho.

— Eu queria que isso fosse um sonho. — ele disse, mas se curvou e colocou os braços ao redor do fundo da colcha. — Você acha que isso possa ser um sonho, Papai.

— Vamos achar que sim, daqui a um ano, quando tudo isto estiver para trás. — parte de mim realmente acreditava nisso. — Rápido, agora. Antes que a capa do travesseiro comece a pingar. Ou o resto da colcha.

Nós a carregamos corredor abaixo, atravessando a sala de estar, e através da porta da frente como homens carregando uma parte da mobília envolta em um cobertor de mudança. Uma vez que descemos as escadarias da varanda, eu respirei um pouco mais leve; o sangue no umbral poderia ser facilmente tirado.

Henry estava bem até que chegamos ao canto do celeiro de vacas e o velho poço ficou a vista. Estava cercado por estacas de madeira, para que ninguém pudesse acidentalmente pisar na tampa de madeira que o cobria. Aquelas estacas pareceram cruéis e horríveis à luz das estrelas, e ao vê-las, Henry soltou um choro estrangulado.

— Isso não é um túmulo para uma mam... ma... — ele conseguiu chegar até aí, então desmaiou nos pequenos arbustos que cresciam atrás do celeiro. Subitamente eu estava segurando o peso morto de minha esposa assassinada sozinho. Eu considereei colocar o grotesco pacote no chão — seu envoltório agora todo desarrumado, e a mão cortada saindo dele — tempo o bastante para acordá-lo. Eu decidi que seria mais piedoso deixá-lo dormir. Eu a arrastei até o lado do poço, a larguei, e tirei a tampa de madeira. Enquanto eu me curvei contra duas das estacas, o poço exalou na minha cara: um fedor de água estagnada e grama podre. Eu lutei contra minhas tripas e perdi.

Segurando em duas das estacas para manter o equilíbrio, eu curvei a cintura para vomitar o jantar e o pouco de vinho que eu havia bebido. Houve um som ecoante de pancada na água quando ele atingiu a água escura no fundo. O barulho, como o pensamento *Segura, Peão*, permanece à distância de uma mão em minha memória pelos últimos oito anos. Eu acordarei no meio da noite com o eco em minha cabeça e a sensação das lascas de madeira cravando minhas palmas enquanto eu as apertava, segurando-as desesperadamente.

Eu me afastei do poço e tropecei sobre o pacote em que jazia Arlette. Eu cai. A mão cortada estava a milímetros dos meus olhos. Eu a enfiei de volta para dentro da colcha e então dei uma palmadinha, como se a confortando. Henry ainda estava caído nas plantas com a cabeça aconchegada em cima de um braço. Ele parecia uma criança dormindo depois de um dia pesado de colheita. Acima de nós, as estrelas brilharam em suas milhares e dezenas de milhares. Eu podia ver as constelações — Órion, Cassiopéia, a Ursa Maior — que meu pai me ensinou. À distância, o cão dos Cotteries, Rex, latiu uma vez e então se calou. Eu me lembro

de pensar, *Esta noite nunca irá terminar*. E eu estava certo. De todos os modos importantes, ela nunca terminou.

Eu levantei o pacote com os braços, e ele se contorceu.

Eu gelei, minha respiração ficou paralisada, apesar de meu coração acelerado.

Com certeza eu não senti isso, eu pensei. Eu esperei que acontecesse de novo. Ou talvez por sua mão se arrastar para fora da colcha e tentar pegar meu pulso com os dedos dilacerados.

Não aconteceu nada. Eu tinha imaginado. Com certeza. Então eu a joguei no poço. Eu vi a colcha se desenrolar ao fim, descoberta pelo revestimento do travesseiro, e então veio o barulho. Um muito maior do que o meu vômito havia feito, mas também houve um baque molhado. Eu sabia que a água lá embaixo não era funda, mas eu esperava que fosse funda o bastante para cobri-la. Aquele baque me disse que isso não havia acontecido.

Uma grande sirene de risos começou atrás de mim, um som tão próximo da insanidade Henry havia voltado e estava de pé. Não, muito mais do que isso. Ele estava pulando atrás do celeiro das vacas, acenando com os braços para o céu cheio de estrelas, e rindo.

— Mamãe no fundo do poço, e eu tô nem aí! — ele cantarolava. — Mamãe no fundo do poço, e eu tô nem aí, pois meu mestre não está aqui!!!

Eu fui até ele em três passos largos e o bati o mais forte que pude, deixando marcas de dedos ensangüentadas em uma bochecha cansada que ainda não havia sentido a passagem de uma lâmina.

— Cale a boca! Sua voz vai ser ouvida! Sua—. Aí está, menino tolo, você atçou aquele maldito cachorro de novo.

Rex latiu uma, duas, três vezes. Então silêncio. Ficamos ali, eu agarrado aos ombros de Henry, ouvindo com minha cabeça levantada. Suor correu pela minha nuca.

Rex latiu uma vez mais, então parou. Se algum dos Cotteries acordasse, achariam que havia sido para um guaxinim que ele havia latido. Ou era o que eu esperava.

— Entre na casa. — eu disse. — O pior já passou.

— Já mesmo, Papai? — ele olhou para mim solenemente. — Já mesmo?

— Sim. Você está bem? Vai desmaiar de novo?

— Eu desmaiei?

— Sim.

— Estou bem. Eu só... eu não sei porque ri daquele jeito. Eu estava confuso.

Porque estou aliviado, eu acho. Acabou! — uma risada escapou dele, e então ele colocou as mãos sobre a boca como um garotinho que havia dito um palavrão imprudentemente na frente de sua avó.

— Sim. — eu disse. — Acabou. Vamos ficar aqui. Sua mãe fugiu para St.

Louis... ou talvez Chicago... mas nós vamos ficar aqui.

— Ela...? — seus olhos miraram o poço, e a tampa encostada contra três daquelas estacas que de algum modo eram tão cruéis sob a luz das estrelas.

— Sim, Hank. — a mãe dele odiava me ouvir chamá-lo de Hank, ela disse que era comum demais, mas não havia nada que ela pudesse fazer agora. — Foi embora e nos deixou. E claro que sentimos muito, mas enquanto isso, tarefas não esperam. Nem escola.

— E eu ainda posso ser... amigo de Shannon.

— É claro. — eu disse, e o olho de minha mente viu o dedo médio de Arlette tocando lascivamente ao redor de sua virilha. — É claro que pode. Mas se você alguma vez sentir que deve *confessar* para Shannon— Uma expressão de horror cresceu em seu rosto.

— Não, nunca!

— É isso o que você pensa agora, e estou feliz. Mas se a vontade vier para você algum dia, lembre-se disso: ela vai fugir de você.

— É claro que fugiria. — ele murmurou.

— Agora entre na casa e pegue os dois baldes de banho da despensa. É melhor pegar dois baldes de leite do celeiro também. Encha-os com a bomba da cozinha, e faça espuma com aquela coisa que ela guarda embaixo da pia.

— Eu devo ferver a água?

Eu ouvi minha mãe dizer, *Água fria para o sangue, Wilf. Lembre-se disso.*

— Não precisa. — eu disse. — Eu entro assim que recolocar a tampa no poço.

Ele começou a se virar, então agarrou meu braço. Suas mãos estavam terrivelmente frias.

— Ninguém nunca poderá saber! — ele sussurrou roucamente na minha cara. — Ninguém nunca poderá saber o que fizemos!

— Ninguém nunca saberá. — eu disse, soando mais audaz do que pretendia. As coisas já haviam dado errado, e eu estava começando a perceber que fazer algo nunca é igual a sonhar fazê-lo.

— Ela não vai voltar, vai?

— *Como é?*

— Ela não vai nos assombrar, vai? — só que ele disse “*sombriar*”, o tipo de sotaque do interior que sempre fazia Arlette balançar a cabeça e girar os olhos. É só agora, oito anos depois, que eu vim perceber o quanto “*sombriar*” soa como *odiar*.

— Não. — eu disse.

Mas eu estava errado.

Eu olhei para o fundo do poço, e embora só tivesse seis metros de profundidade, não havia lua, e tudo o que eu podia ver era o pálido borrão da colcha. Ou talvez fosse o revestimento do travesseiro. Eu abaixei a tampa no lugar, a ajeitei um pouco, então voltei para a casa. Eu tentei seguir o caminho pelo qual nós havíamos carregado nosso terrível pacote, propositalmente esfregando meus pés, tentando obliterar qualquer traço de sangue. Eu faria um trabalho melhor pela manhã.

Eu descobri algo naquela noite que a maioria das pessoas nunca tem que aprender: assassinato é pecado, assassinato é danação (com certeza da mente e espírito de uma pessoa, mesmo se os ateístas estão certos e não há vida após a morte), mas assassinato também é trabalho. Esfregamos o quarto até que nossas costas ficassem doloridas, então fomos para a o corredor, a sala de estar, e finalmente a varanda. A cada vez que pensávamos que tínhamos terminado, um de nós achava outra poça. Enquanto a aurora começou a acender o céu no Leste, Henry estava de joelhos esfregando as rachaduras entre as tábuas do chão do quarto, e eu estava lá embaixo na sala de estar, examinando o tapete adunco de Arlette, milímetro por milímetro, procurando por uma gota de sangue que pudesse nos entregar. Não havia nada lá — fomos sortudos neste aspecto — exceto uma gota de sangue do tamanho de uma moeda ao lado. Parecia o sangue de um corte de barbear. Eu limpei, então voltei para meu quarto para ver como Henry estava indo. Ele parecia melhor agora, e eu mesmo me senti melhor. Eu acho que foi por causa da vinda da luz do dia, que sempre parecia expulsar os piores de nossos horrores. Mas quando George, nosso galo, soltou seu primeiro canto forte, Henry pulou.

Então ele riu. Foi uma pequena risada, ainda havia algo de errado nela, mas não me assustou do modo como sua risada havia feito quando ele havia recobrado consciência entre o celeiro e o velho poço.

— Eu não posso ir para escola hoje, Papai. Estou cansado demais. E... eu acho que as pessoas poderão ver em meu rosto. Shannon especialmente.

Eu não havia pensado na escola, que era um outro sinal de meio planejamento.

Meio planejamento de *bosta*. Eu deveria ter esperado para fazer até que a Escola

do Condado estivesse de férias de Verão. Só significaria ter que esperar uma semana.

— Você pode ficar em casa até Segunda-Feira, então diga ao seu professor que você teve gripe e não quis espalhar para o resto da classe.

— Não é a gripe, mas *eu estou* doente.

E eu também estava.

Nós havíamos arrumado um lençol limpo de seu armário (tantas coisas naquela casa eram *dela*... mas não mais) e empilhamos os lençóis ensangüentados. O colchão também estava manchado, é claro, e teríamos que nos livrar dele. Havia outro, não tão bom, na cabana dos fundos. Eu empacotei os lençóis juntos, Henry carregou o colchão.

Voltamos para o poço pouco antes que o sol clareasse o horizonte. O céu acima estava perfeitamente limpo. Seria um belo dia para o milho.

— Eu não posso olhar para lá, Papai.

— Você não tem que olhar. — eu disse, e uma vez mais, eu levantei a tampa. Eu estava pensando que deveria tê-la deixada levantada para começar — pense com antecedência, poupe esforços, meu próprio Papai costumava dizer — e sabendo que nunca poderia tê-lo feito. Não depois de sentir (ou pensar que havia sentido) a última contorcida cega.

Agora eu podia ver o fundo, e o que eu vi foi horrível. Ela havia aterrissado com as pernas esmagadas sob ela. O revestimento do travesseiro estava aberto e jazia em seu colo. A colcha e a coberta haviam se soltado e estavam espalhadas ao redor de seus ombros como uma estola feminina. O saco ficou preso ao redor de sua cabeça, e segurava seu cabelo de trás como uma rede, completando a pintura: ela quase parecia como se estivesse vestida para uma noite na cidade.

Sim! Uma noite na cidade! É por isso que estou tão feliz! É por isso que estou sorrindo de orelha a orelha! E você percebe o quão vermelhos estão meus lábios, Wilf?

Eu nunca usaria isso na igreja, usaria? Não, este é o tipo de batom que a mulher coloca quando ela quer fazer aquela coisa safada com seu homem. Desça aqui, Wilf, por que não vem? Não se preocupe com escadas, apenas pule! Mostre-me o quanto você me quer! Você fez uma coisa safada comigo, agora me deixe fazer uma com você!

— Papai? — Henry estava parado com o rosto na direção do celeiro, e seus ombros estavam curvados, como um garoto esperando para apanhar. — Está tudo bem?

— Sim. — eu joguei o pacote de lençóis, esperando que caíssem em cima dela e cobrissem aquele horrível sorriso virado, mas ao invés disso, uma caprichosa corrente de ar o fez pousar no colo dela. Agora ela parecia estar sentada em algum tipo de estranha nuvem manchada de sangue.

— Ela está coberta? Ela está coberta, Papai?

Eu agarrei o colchão e o enfiei poço abaixo. Ele aterrissou na água suja, e então caiu contra a parede circular de pedra, fazendo-o se curvar como um abrigo para ela, pelo menos escondendo sua cabeça empinada e o sorriso sangrento.

— Agora ela está. — eu abaixei a tampa de madeira no lugar, sabendo que havia mais trabalho pela frente: o poço teria que ser enchido. Ah, mas isso já estava há muito atrasado, de qualquer forma. Era um perigo, o que era a razão de eu ter plantado um círculo de estacas ao seu redor. — Vamos entrar na casa e tomar café da manhã.

— Eu não poderia dar uma única mordida!

Mas ele deu. Ambos demos. Eu fritei ovos, bacon, e batatas, e demos todas as mordidas. Trabalho duro faz uma pessoa ter fome. Todo mundo sabe disso.

Henry dormiu até o fim da tarde. Eu fiquei acordado. Alguma dessas horas eu passei na mesa da cozinha, bebendo copo após copo de café preto. Algumas delas eu passei caminhando pelo milharal, subindo uma fileira e descendo outra, ouvindo as plantas em forma de espadas balançarem com a brisa leve. Quando é Junho e o milho está para chegar, ele parece quase falar. Isto incomoda algumas pessoas (e existem aquelas tolas que dizem que isso é na verdade o som do milho crescendo), mas eu sempre achei aquele quieto farfalhar um conforto. Isso clareava minha mente. Agora, sentado no quarto de hotel desta cidade, eu sinto falta disso. A vida na cidade não é vida para homem do campo; para tal homem essa vida é uma espécie de própria danação.

Confessando, eu acho, também é trabalho duro.

Eu andei, eu ouvi o milho, eu tentei planejar, e finalmente eu *fiz* um plano. Eu tinha que ter um, e não só para mim.

Houve um tempo, não 20 anos antes, quando um homem em minha posição não precisava se preocupar; naqueles dias, o assunto de um homem era somente seu, especialmente se por acaso ele era um fazendeiro respeitado: um sujeito que pagava seus impostos, que ia à igreja aos Domingos, ajudava o time de beisebol dos Hemingford Stars, e votava imediatamente pelo candidato Republicano. Eu acho que naqueles dias, todo tipo de coisa acontecia nas fazendas por aí que ficavam nos lugares que chamávamos de “o meio”. Coisas que passavam

despercebidas, que dirá reportadas.

Naqueles dias, a esposa de um homem era considerada problema do homem, e se ela desaparecesse, era o fim do assunto.

Mas estes dias já haviam passado, e mesmo se não houvessem... havia a terra. Os 100 acres. A Companhia Farrington queria aqueles acres para seu maldito açougue de cães, e Arlette os fez acreditar que eles os conseguiriam. Isso significava perigo, e perigo significava que devaneios diurnos e meios planos não seriam mais suficientes.

Quando eu voltei para casa no meio da tarde, eu estava cansado, mas com a mente clareada e calma afinal. Nossas poucas vacas estavam mugindo, suas horas matinais de ordenhar já haviam passado. Eu fiz essa tarefa, então as coloquei no pasto onde eu as deixaria ficar até o crepúsculo, ao invés de levá-las de volta para dentro para a segunda colheita de leite depois do jantar. Elas não se importavam; vacas aceitavam o que *viesses*. Se Arlette fosse um pouco mais mandona, ela ainda estaria viva e me importunando para comprar uma nova máquina de lavar do catálogo da Monkey Ward.

Eu provavelmente a teria comprado para ela também. Ela sempre me convencia. Exceto quando se tratava da terra. Sobre isso ela deveria ter sabido melhor. Terra é assunto do homem.

Henry ainda dormia, nas semanas que seguiram, ele dormiu muito, e eu o deixei, embora em um Verão normal, eu encheria seus dias de tarefas assim que a escola o liberasse. E ele encheria suas noites ou fazendo visitas aos Cotteries, ou andando para cima e para baixo em nossa estrada suja com Shannon, os dois segurando as mãos e assistindo a lua surgir. Isso, é claro, se não estivessem se beijando. Eu tinha esperanças de que o que havíamos feito não estragaria tais doces passatempos, mas acreditava que sim. Que *eu* havia causado isso. E é claro que eu estava certo.

Eu clareei minha mente de tais pensamentos, dizendo a mim mesmo que já era o bastante por agora que ele estava dormindo. Eu tinha que fazer outra visita ao poço, e seria melhor fazê-la sozinho. Nossa cama nua pareceu gritar assassinato. Eu fui ao armário e estudei suas roupas. Mulheres têm tantas, não é? Saias e vestidos e blusas e suéteres e calcinhas—estas últimas às vezes tão complicadas e estranhas que um homem nem pode dizer qual lado é o da frente. Pegar todas seria um erro, porque o caminhão ainda estava estacionado no celeiro e o Modelo T estava sob o olmo. Ela havia fugido a pé levando apenas o que podia carregar. Por que ela não havia levado o T? Porque eu teria ouvido-a dar a partida e a teria parado. Isso era acreditável o bastante. Então... uma pequena mala.

Eu a enchi com o que achei que as mulheres precisavam e o que ela não poderia deixar para trás. Eu coloquei algumas peças de jóias e a foto de seus pais em sua moldura de ouro. Eu debati sobre as coisas do banheiro, e decidi deixar tudo, exceto por seu frasco atomizador de perfume Florient, e sua escova de dente. Havia um Testamento em sua mesinha, dado a ela pelo Pastor Hawkins, mas eu nunca a vi ler, então o deixei onde estava. Mas eu peguei o frasco de pílulas de ferro, que ela guardava para seus períodos.

Henry ainda dormia, mas agora se mexia de um lado para o outro como se estivesse tendo um pesadelo. Eu me apressei para resolver meu assunto o mais rápido que pude, querendo estar na casa quando ele acordasse. Eu dei a volta no celeiro até o poço, abaixei a maleta, e tirei a velha tampa coberta de lascas pela terceira vez. Graças a Deus Henry não estava comigo. Graças a Deus ele não viu o que eu vi. Eu acho que isso o teria enlouquecido. Isso quase me enlouqueceu.

O colchão havia sido empurrado para o lado. Meu primeiro pensamento foi de que ela o havia empurrado antes de tentar subir. Porque ela ainda estava viva. Ela estava respirando. Ou ao menos foi o que me pareceu no começo. Então, enquanto a habilidade de raciocinar começava a me voltar através de meu choque inicial — quando eu comecei a perguntar a mim mesmo que tipo de respiração pode fazer o vestido de uma mulher levantar e cair não apenas na barriga, mas por todo caminho do pescoço até a bainha — sua mandíbula começou a se mexer, como se ela estivesse lutando para falar.

Não foram palavras que saíram de sua alargada boca, entretanto, mas o rato que estivera roendo na delicadeza de sua língua. Seu rabo apareceu primeiro. Então sua mandíbula inferior se escancarou mais como se ele houvesse recuado, as garras de suas patas traseiras cavavam seu queixo para conseguir seu intento.

O rato caiu em seu colo, e quando o fez, uma grande torrente de seus irmãos e irmãs saiu de debaixo de seu vestido. Um deles tinha algo branco preso em seus bigodes — um fragmento de sua franha, ou talvez de sua roupa. Eu joguei a maleta neles. Eu não pensei — minha mente estava ribombando de repulsa e horror — apenas o fiz. Ela aterrissou nas pernas dela. A maioria dos roedores — talvez todos — a evitou ágil o bastante. Então seguiram para dentro de um buraco redondo que o colchão (que eles deveriam ter empurrado para o lado através do peso de seu grande número) havia coberto, e sumiram num instante. Eu sabia muito bem o que era aquele buraco: a boca do cano que havia levado água para as calhas no celeiro até que o nível de água ficasse baixo demais e o inutilizasse.

Seu vestido entrou em colapso ao seu redor. A falsa respiração parou. Mas ela estava olhando para mim, e o que parecera um sorriso de palhaço, agora parecia um olhar de górgona. Eu conseguia enxergar mordidas de ratos em suas bochechas, e um dos lóbulos das orelhas havia sumido.

— Deus meu. — eu sussurrei. — Arlette, eu sinto muito.

Suas desculpas não foram aceitas, seu olhar parecia dizer. E quando me acharem assim, com mordidas de ratos em meu rosto morto, e a calcinha sob meu vestido roída, você vai montar no raio em Lincoln com certeza. E a minha será a última cara que você verá. Você me verá quando a eletricidade fritar seu figado e incendiar seu coração, e eu estarei sorrindo.

Eu abaixei a tampa e cambaleei até o celeiro. Então minhas pernas me traíram, e se eu estivesse no sol, eu com certeza teria desmaiado do modo como Henry fizera na noite anterior. Mas eu estava na sombra, e depois que eu sentei por cinco minutos com minha cabeça abaixada quase ao nível dos joelhos, eu comecei a recuperar a sensibilidade. Os ratos haviam chegado até ela—e daí? Eles não chegam a todos nós no fim das contas? Os ratos e os insetos? Cedo ou tarde, mesmo o mais forte dos caixões vai se quebrar e deixar a vida entrar para se alimentar da morte. É assim que o mundo funciona, e qual era o problema? Quando o coração pára e o cérebro se asfixia, nossos espíritos vão para outro lugar, ou simplesmente apagam. De qualquer forma, não estamos lá para sentir as mordidas enquanto nossa carne é comida de nossos ossos.

Eu comecei a ir na direção da casa e cheguei até os degraus da varanda antes que um pensamento me parasse: e aquela contorcida? E se ela estava viva quando eu a joguei no poço? E se ela *ainda* estivesse viva, paralisada, sem poder mexer tanto quanto seus dedos cortados, quando os ratos saíram do cano e começaram a trabalhar? E se ela sentiu aquele rato que havia escalado até sua boca convenientemente alargada e começou a—!

— Não. — eu sussurrei. — Ela não sentiu porque ela não se contorceu. Nunca o fez. Ela estava morta quando eu a joguei lá.

— Papai? — Henry me chamou em uma voz sonolenta e confusa. — Pai, é você?

— Sim.

— Com quem estava falando?

— Ninguém. Comigo mesmo.

Eu entrei. Ele estava sentado na mesa da cozinha com sua camiseta e sua cueca, parecendo tonto e infeliz. Seu cabelo, para cima em lambidas de vaca, me lembrou de uma vez quando ele estivera rindo e perseguindo galinhas ao redor da varanda com seu cão de caça, Boo (há muito morto naquele Verão) aos seus calcanhares.

— Eu queria que não tivéssemos feito. — ele disse enquanto me sentava ao lado oposto.

— O que está feito está feito, e não pode ser desfeito. — eu disse. — Quantas vezes eu já lhe disse isso, garoto?

— Um milhão. — ele abaixou a cabeça por um momento, então me olhou. Seus olhos estavam rodeados de vermelho e injetados de sangue. — Nós vamos ser pegos?

Nós vamos para a cadeia? Ou...

— Não. Eu tenho um plano.

— Você tinha um plano que não a machucaria! Veja como *isso* acabou sendo!

Minha mão coçou para lhe dar uma tapa por isso, então eu a prendi com a outra.

Esta não era hora para recriminações. Além disso, ele estava certo. Tudo o que havia dado errado era minha culpa. *Exceto pelos ratos*, eu pensei. *Eles não são minha culpa.*

Mas eles eram. É claro que eram. Se não fosse por mim, ela estaria no fogão, fazendo a janta. Provavelmente tagarelando sobre aqueles 100 acres, sim, mas viva, ao invés de *dentro* daquele poço.

Os ratos provavelmente já voltaram, uma voz no fundo de minha cabeça sussurrou. *Comendo-a. Eles acabarão as partes boas, as partes gostosas, as deliciosas, e então...*

Henry me alcançou através da mesa e tocou minhas mãos cruzadas. Eu me assustei.

— Sinto muito. — ele disse. — Estamos nessa juntos.

Eu o amei por isso.

— Vamos ficar bem, Hank; se mantivermos nossas cabeças, ficaremos bem. Agora me escute.

Ele escutou. Em certo ponto começou a assentir. Quando eu terminei, ele me fez uma pergunta: quando vamos encher o poço?

— Ainda não. — eu disse.

— Isso não é arriscado?

— Sim. — eu disse.

Dois dias depois, enquanto eu estava consertando um pedaço da cerca a mais ou menos quatrocentos metros de casa, eu vi uma larga nuvem de poeira subindo pelo nosso caminho pela auto-estrada Omaha-Lincoln. Estávamos para receber uma visita do mundo a qual Arlette quis tanto ser parte. Eu voltei para casa com o

martelo enfiado na presilha do cinto e meu avental de carpinteiro ao redor da cintura, seu longo bolso cheio de pregos barulhentos. Henry não estava à vista. Talvez ele estivesse tomando banho no manancial; talvez ele estivesse em seu quarto, dormindo.

No momento em que cheguei ao umbral e sentei no bloco de cortar lenha, eu havia reconhecido o veículo que vinha: o caminhão vermelho de entregas de Lars Olsen.

Lars era o ferreiro de Hemingford Home, e o leiteiro da vila. Ele também, por um preço, servia como um tipo de chauffeur, e era a função que ele desempenhava nesta tarde de Junho. O caminhão parou no umbral, fazendo George, nosso galo irritado, e seu pequeno harém de galinhas voarem. Antes que o motor parasse de tossir até morrer, um homem corpulento enrolado em um capote cinza oscilante saiu pelo lado do passageiro.

Ele tirou os óculos para revelar grandes (e cômicos) círculos brancos ao redor dos olhos.

— Wilfred James?

— Ao seu serviço. — eu disse, me levantando. Eu me senti calmo o suficiente.

Eu teria me sentido menos se ele tivesse vindo no Ford do condado com a estrela na porta. — Você é—?

— Andrew Lester. — ele disse. — Advogado.

Ele estendeu a mão. Eu pensei sobre isso.

— Antes que eu aperte isso, é melhor me contar de quem você é advogado, Sr. Lester.

— Eu estou atualmente contratado pela Companhia Farrington Livestock de Chicago, Omaha, e Des Moines.

Sim, eu pensei, não tenho dúvidas. Mas aposto que seu nome sequer está na porta. Os chefões lá em Omaha não têm que comer poeira do interior para pagar pelo pão diário, têm? Os chefões estão com os pés em cima de suas mesas, bebendo café e admirando os belos calcanhares de suas secretárias.

— Neste caso, senhor, por que você não vai e afasta sua mão? Sem ofensa. — eu disse.

Ele fez isso, e com um sorriso de advogado. Suor cortava linhas limpas abaixo de suas bochechas gordas, e seu cabelo estava todo enrolado e emaranhado da viagem.

Eu passei por ele e fui até Lars, que havia levantado o capô e estava gastando tempo mexendo em alguma coisa lá dentro. Ele assobiava e soava tão feliz quanto

um pássaro em cima de um fio. Eu o invejei por isso. Eu pensei se Henry e eu poderíamos ter outro dia feliz — em um mundo cheio de mudanças como este, qualquer coisa é possível — mas ele não aconteceria no Verão de 1922. Ou no Outono.

Eu apertei a mão de Lars e perguntei como ele estava.

— Toleravelmente bem. — ele disse. — Mas sedento. Uma bebida poderia ajudar.

Eu assenti na direção do lado Leste da casa.

— Você sabe onde é.

— Eu sei. — ele disse, batendo o capô com um barulho metálico que fez as galinhas, que estavam se aproximando de volta, voarem mais uma vez. — Doce e gelada como sempre, eu imagino?

— Eu diria que sim. — eu concordei, pensando: *Mas se você ainda pudesse bombear daquele outro poço, Lars, eu não acho que você ligaria para o gosto, afinal.* — — Tente e veja.

Ele começou a andar na direção do lado sombreado da casa onde a bomba exterior estava em seu pequeno abrigo. O Sr. Lester o assistiu ir, então se voltou para mim. Ele havia desabotoado seu capote. O terno abaixo dele precisaria de uma secadora quando ele voltasse para Lincoln, Omaha, Deland, ou onde quer que ele houvesse pendurado seu chapéu enquanto não estava fazendo os negócios de Cole Farrington.

— Uma bebida também poderia me ajudar, Sr. James.

— A mim também. Pregar cercas é um trabalho escaldante. — eu o olhei de cima para baixo. — Não tão escaldante quanto percorrer trinta e dois quilômetros no caminhão de Lars, eu aposto.

Ele esfregou a bunda e deu seu sorriso de advogado. Desta vez havia uma pitada de lástima nele. Eu já podia ver seus olhos pulando daqui, para lá, e para todo o lugar.

Eu não faria negócios com este homem só porque ele havia sido mandado a andar trinta e dois quilômetros pelo interior em um dia quente de Verão.

— Meu traseiro talvez nunca mais seja o mesmo.

Havia uma grande colher de plástico ligada ao lado do pequeno abrigo. Lars bombeou até enchê-la, bebeu tudo com seu pomo de Adão subindo e descendo pelo seu magro pescoço queimado pelo sol, então encheu de novo e ofereceu a Lester, que olhou a isso com tantas dúvidas quanto eu à sua mão estendida.

— Talvez pudéssemos beber lá dentro, Sr. James. Seria um pouco mais fresco.

— Seria. — eu concordei. — Mas eu não te convidaria para dentro tanto quanto não apertaria sua mão.

Lars Olsen viu como o vento estava soprando, e não perdeu tempo a voltar para seu caminhão. Mas ele passou a colher para Lester primeiro. Meu visitante não bebeu em goles, como Lars havia feito, mas em delicados sorvos. Como um advogado, em outras palavras — mas ele não parou até a colher esvaziar, e isso também era do feitio de um advogado. A tela da porta bateu e Henry saiu da casa em seu macacão e de pés descalços. Ele nos lançou um olhar que pareceu totalmente desinteressado — bom garoto! — e então foi para onde qualquer rapaz do interior de sangue rubro teria ido: assistir Lars trabalhar em seu caminhão, e, se ele tivesse sorte, aprender alguma coisa.

Sentei na pilha de madeira que guardávamos sob um pedaço de lona deste lado da casa.

— Imagino que esteja aqui por negócios. De minha esposa.

— Estou.

— Bem, você já bebeu, então é melhor resolvermos logo isso. Eu ainda tenho um dia cheio de trabalho pela frente, e são três da tarde.

— Do nascer ao pôr do sol. Ser fazendeiro é ter vida dura. — ele suspirou como se soubesse.

— Sim, e uma esposa difícil pode fazer isso ser mais duro ainda. Ela te mandou, eu suponho, mas eu não sei a razão — se fosse apenas alguma papelada legal, eu imagino que um representante do xerife teria vindo e mostrado-a a mim.

Ele me olhou surpreso.

— Sua esposa não me mandou, Sr. James. Para falar a verdade, eu vim até aqui à procura *dela*.

Era como uma peça, e esta era minha deixa para parecer intrigado. Então soltar um riso abafado, porque risos abafados vinham a seguir de acordo com os ensinamentos da ribalta.

— Isso só prova.

— Prova o quê?

— Quando eu era menino em Fordyce, tínhamos um vizinho — um velho chato chamado Bradlee. Todos os chamavam de Pai Bradlee.

— Sr. James—

— Meu pai tinha negócios com ele de tempos em tempos, e às vezes ele me levava com ele. Nos tempos da carroça, eu digo. Semear milho era a maior parte de seus negócios, ao menos na Primavera, mas às vezes eles também trocavam

ferramentas.

Não havia serviços de correio na época, e uma boa ferramenta poderia circular o condado inteiro antes de voltar para casa.

— Sr. James, eu não consigo ver a relevância...

— E todas as vezes que íamos ver aquele velho sujeito, minha mamãe me dizia para tapar os ouvidos, porque cada palavra que saía da boca de Pai Bradlee era um palavrão ou algo sujo. — de um modo azedo, eu estava começando a gostar disto. — Então naturalmente eu ouvi o máximo que podia. Eu me lembro que um dos ditados favoritos do Pai era “nunca monte nunca égua sem rédeas, porque você nunca pode dizer para a onde a vadia vai correr.”

— Eu deveria entender isso?

— Pra que lado você supõe que *minha* vadia correu, Sr. Lester?

— Está querendo me dizer que sua esposa...?

— Evadiu-se, Sr. Lester. Fugiu. Levantou acampamento. Saiu na calada da noite. Como um leitor ávido e estudante das gírias Americanas, tais termos ocorrem naturalmente para mim, Lars, entretanto — e a maioria do pessoal da cidade — apenas dirá “ela fugiu e o deixou” quando a notícia se espalhar. Ou ele e o menino, neste caso.

Eu naturalmente achei que ela teria ido ao encontro de seus amigos do ramo suíno na Companhia Farrington, e que a próxima notícia que eu teria dela era que ela estaria vendendo as terras de seu pai.

— Como ela pretende fazer.

— Ela já assinou? Porque eu acho que eu teria que ir à Justiça, se ela o fizesse.

— Para falar a verdade, ela não assinou. Mas quando ela o fizer, eu o aconselharia quanto aos gastos de uma ação legal que o senhor certamente perderia.

Eu me levantei. Uma das alças do meu avental havia caído do meu ombro, e eu a recoloquei no lugar com um polegar.

— Bem, já que ela não está aqui, trata-se do que a profissão legal chama de “uma questão discutível”, não? Eu procuraria em Omaha, se fosse você. — eu sorri. — Ou St. Louis. Ela *sempre* falava sobre Sain-Lu. Pareceu a mim como se ela tivesse se cansado de vocês, rapazes, tanto quanto ela se cansou de mim e do filho que ela pariu.

Mandou tudo às favas e deu no pé. Uma praga em ambas as casas. Isso é Shakespeare, à propósito. *Romeu e Julieta*. Uma história sobre o amor.

— Perdoe-me por dizer, mas tudo isto parece muito estranho para mim, Sr.

James. — ele havia tirado um lenço de seda do bolso do terno—aposto que advogados viajantes como ele têm muitos bolsos—e começou a esfregá-lo na cara. Suas bochechas não estavam apenas coradas agora, mas vermelhas vivas. Não era o calor daquele dia que fez sua cara ficar daquela cor. — Muito estranho, deveras, considerando o monte de dinheiro que minha cliente estava disposta a pagar pelo pedaço da propriedade, que é contígua com o Ribeirão de Hemingford e perto da Grande Linha Férrea Ocidental.

— Vai demorar um pouco para se acostumar de minha parte também, mas eu tenho uma vantagem que você não tem.

— Sim?

— Eu a conheço. Tenho certeza de que você e seus clientes achavam que tinham um acordo feito, mas Arlette James... vamos apenas dizer que prendê-la a algo é como tenta prender gelatina no chão. Precisamos nos lembrar do que o Padre Bradlee disse, Sr. Lester. Ora, o homem era um caipira genial.

— Eu poderia olhar dentro da casa?

Eu ri novamente, e desta vez não foi forçadamente. O homem tinha coragem, eu dou o braço a torcer, e não querer voltar de mãos vazias era compreensível. Ele havia percorrido trinta quilômetros em um caminhão poeirento sem porta, e ele tinha que percorrer mais trinta antes de voltar a Hemingford City (e uma viagem de trem depois disso, sem dúvida), ele estava com a bunda machucada, e as pessoas que o haviam mandado até aqui não ficariam felizes com seu relatório quando ele finalmente chegasse ao fim de toda essa dura viagem. Pobre homem!

— Vou te fazer uma pergunta de volta: poderia abaixar as calças para que eu pudesse olhar seu saco?

— Acho isso ofensivo.

— Não o culpo. Pense nisso como um... não como uma *símile*, não é isso, mas como uma espécie de *parábola*.

— Eu não o entendo.

— Bem, você tem uma hora até a cidade para pensar sobre isso—duas, se o Bebê Vermelho de Lars estourar um pneu. E eu posso garantir ao senhor, Sr. Leste, que se eu *deixasse* o senhor cutucar dentro de minha casa—meu lugar particular, meu castelo, meu saco—você não encontraria o corpo de minha esposa no armário ou... — houve um momento terrível quando eu quase disse *ou dentro do poço*. Eu senti o suor brotar de minha testa. — Ou abaixo da cama.

— Eu nunca disse...

— Henry! — eu chamei. — Venha até aqui um minuto!

Henry veio com sua cabeça abaixada, arrastando os pés na areia. Ele parecia preocupado, talvez até culpado, mas estava tudo bem.

— Sim, senhor?

— Diga a este homem, onde está a sua mãe.

— Eu não sei. Quando você me chamou para o café da manhã da Sexta-Feira ela já havia sumido. Empacotado as coisas e ido.

Lester o olhava sutilmente.

— Filho, essa é a verdade?

— Sim, senhor.

— Somente a verdade, nada além da verdade, em nome de Deus?

— Papai, posso entrar na casa? Eu tenho que fazer trabalhos da escola atrasados porque eu estava doente.

— Entre, então. — eu disse. — Mas não demore. Lembre-se, é sua vez de ordenhar.

— Sim, senhor.

Ele marchou subindo os degraus e entrou. Lester o viu ir, então se voltou para mim.

— Há mais aqui do que parece.

— Eu vejo que você não usa aliança de casamento, Sr. Lester. Se chegar a hora em que você tenha que usar uma por tanto tempo quanto eu usei, você saberá que nas famílias, sempre há. E você saberá outra coisa também: você nunca poderá dizer pra que lado uma vadia vai correr.

Ele se levantou.

— Isto não acabou.

— Acabou. — eu disse. Sabendo que não havia. Mas se as coisas dessem certo, estaríamos mais próximos do fim do que nunca. *Se*.

Ele começou a ir embora e se voltou. Ele usou seu lenço de seda para enxugar a cara novamente, e então disse:

— Se você acha que estes 100 acres são seus só porque você espantou sua esposa... mandou-a de volta para tia em Des Moines, ou uma irmã em Minnesota— — Cheque Omaha. — eu disse, sorrindo. — Ou Sain-Lu. Ela não ligava para os parentes, mas estava louca com a idéia de viver em Sain-Lu. Deus saber o porquê.

— Se você acha que vai plantar e fazer colheitas lá, pense novamente. Aquela

terra não é sua. Se você jogar uma semente que seja lá, você me verá no tribunal.

Eu disse:

— Tenho certeza de que você ouvirá falar dela no momento em que ela pegar um caso ruim de bronquite.

O que eu quis dizer foi, *Não, não é minha... mas tampouco é sua. Ela vai continuar lá. E está tudo bem, porque ela será minha em sete anos, quando eu for ao tribunal para conseguir que ela seja declarada legalmente morta. Eu posso esperar.*

Sete anos sem cheirar merda de porco quando o vento sopra do oeste? Sete anos sem ouvir os gritos dos suínos moribundos (que parecem tanto com os gritos de uma mulher morrendo) ou ver os intestinos flutuarem por um córrego que é vermelho de sangue?

Isso soa como sete excelentes anos para mim.

— Tenha um bom dia, Sr. Lester, e preocupe-se com o sol ao voltar. Ele fica bem feroz no fim da tarde, e estará bem na sua cara.

Ele entrou no caminhão sem responder. Lars acenou para mim e Lester reclamou com ele. Lars lhe deu um olhar que poderia ter significado reclame e berre o quanto quisesse, ainda há trinta quilômetros até Hemingford City.

Quando haviam ido embora, exceto pelo rabo de poeira, Henry voltou para a varanda.

— E fiz bem, Papai?

Eu peguei seu pulso, e deu um apertão, e fingi não sentir sua carne enrijecendo momentaneamente sob minha mão, como se ele lutasse contra um impulso de puxá-lo de volta.

— Muito bem. Perfeito.

— Vamos encher o poço amanhã?

Eu pensei sobre isso cuidadosamente, porque nossas vidas poderiam depender do que eu decidisse. O Xerife Jones estava envelhecendo e engordando. Ele não era preguiçoso, mas era difícil fazê-lo se mexer sem uma boa razão. Lester eventualmente convenceria Jones a vir até aqui, mas provavelmente não até que Lester fizesse um dos dois filhos engomadinhos de Cole Farrington ligar e lembrar ao xerife qual era a companhia que pagava a maior soma de impostos no Condado de Hemingford (sem mencionar os condados vizinhos de Clay, Fillmore, York e Seward). Ainda assim, imaginei que teríamos ainda ao menos dois dias.

— Amanhã não. — eu disse. — Depois de amanhã.

— Papai, por que?

— Porque o Xerife virá até aqui, e o Xerife Jones é velho, mas não estúpido. Um poço cheio pode fazê-lo suspeitar da *razão* pela qual ele está cheio, tão recentemente e tudo mais. Mas um que ainda está *sendo* cheio... e por uma boa razão...

— Que razão? Diga-me!

— Em breve. — eu disse. — Em breve.

Por todo o dia seguinte esperamos ver a poeira subindo em nossa estrada, não sendo puxada pelo caminhão de Lars Olsen, mas pelo carro do Xerife do Condado. Ele não veio. O que veio foi Shannon Cotterie, parecendo bonita em uma blusa de algodão e uma saia de algodão fino, para perguntar se Henry estava bem, e se ele poderia jantar com ela, a mãe, e o pai, se estivesse.

Henry disse que estava ótimo, e eu os assisti subirem a estrada, de mãos dadas, com profundos receios. Ele estava guardando um segredo terrível, e segredos terríveis são pesados. Querer dividi-los é a coisa mais natural no mundo. E ele amava a menina (ou achava que amava, o que dá no mesmo quando você está para fazer quinze anos).

Para piorar as coisas, ele tinha que contar uma mentira, e ela poderia saber que era uma mentira. Eles dizem que os olhos que amam não podem ver, mas esse é um axioma de tolos. Às vezes eles vêem até demais. Eu capinei no jardim (pegando mais ervilhas do que ervas), então sentei na varanda, fumando um cachimbo e esperando para que ele voltasse. Pouco antes de a lua levantar, ele voltou. Sua cabeça vinha abaixada, seus ombros caídos, e marchava ao invés de andar. Eu odiei vê-lo assim, mas eu estava aliviado. Se ele houvesse compartilhado seu segredo—ou ao menos parte dele—ele não estaria andando daquele jeito. Se ele houvesse compartilhado seu segredo, ele poderia nem sequer ter voltado.

— Você falou do jeito que combinamos? — eu o perguntei quando ele se sentou.

— Do jeito que *você* decidiu. Sim.

— E ela prometeu não dizer aos pais?

— Sim.

— Mas ela vai?

Ele suspirou.

— Provavelmente, sim. Ela os ama e eles a amam. Eles verão algo em seu rosto, eu imagino, e tirarão isso dela. E mesmo que não o façam, ela provavelmente dirá

ao Xerife. Se ele se importar em falar com os Cotteries, é claro.

— Lester se certificará de que isto aconteça. Ele latirá para o Xerife Jones porque seus chefes em Omaha estão latindo para ele. A roda continuará a girar, e onde ela parará, ninguém saberá.

— Nunca deveríamos ter feito isso. — ele pensou, e então disse isso de novo em um sussurro feroz.

Eu não disse nada. Por um tempo, nem ele. Assistimos a lua levantar do milharal, vermelha e cheia.

— Papai, posso tomar um copo de cerveja?

Eu olhei para ele, surpreso e não surpreso. Então eu entrei e enchi para cada um de nós um copo de cerveja. Eu dei um a ele e disse: — Nada disso, amanhã, ou depois de amanhã, importa.

— Não. — ele bebeu, fez um careta, e então bebeu de novo. — Eu odiei mentir para Shan, Papai. Tudo acerca disto é sujo.

— A sujeira se lava.

— Não este tipo. — ele disse, tomando outro gole. Desta vez ele não fez careta.

Um pouco mais tarde, após a lua se tornar prateada, eu sai para usar o banheiro, e ouvir o milharal e a brisa da noite contando um ao outro os velhos segredos da terra.

Quando voltei para a varanda, Henry havia sumido. Seu copo de cerveja ficara, meio vazio, perto do corrimão ao lado dos degraus. Então o ouvi no celeiro dizendo: — Shh, Chefe. Shh.

Eu fui até lá ver. Ele tinha os braços ao redor do pescoço de Elpis, e fazia carinho nela. Acredito que ele estava chorando. Eu assisti por um tempo, mas no fim não disse nada. Eu voltei para casa, me despi, e deitei na cama onde havia cortado o pescoço de minha esposa. Demorou muito até eu cair no sono. E se você não entende a razão— *todos* os motivos pela qual aconteceu—então não há utilidade para você em ler isto.

Eu havia batizado todas as nossas vacas com nomes de deusas gregas menores, mas Elphis acabou sendo uma má escolha, ou uma piada irônica. Caso você não se lembre da história de como o mal chegou ao nosso velho mundo triste, deixe-me refrescar sua mente: todas as coisas más surgiram quando Pandora sucumbiu a sua curiosidade e abriu a jarra que havia sido deixado a ela para vigiar. A única coisa que permaneceu quando ela recuperou juízo o bastante para recolocar a tampa no lugar foi Elpis, a deusa da esperança. Mas no verão de 1922, não houve esperança sobrando para nossa Elpis. Ela estava velha e doente, não dava mais leite, e não havíamos desistido de tirar o pouco que ela tinha; no momento em que

você sentava no banquinho, ela tentava de dar um coice. Deveríamos tê-la convertido em comestíveis no ano anterior, mas eu recusei à custa de ter Harlan Cotterie para matá-la, e eu não era bom em matar outras coisas que não fossem porcos... um problema pessoal, que você, Leitor, com certeza deve admitir agora.

— E ela seria durona. — Arlette (que mostrara uma afeição sonsa por Elpis, talvez porque ela tenha sido a única que nunca teve de ordenhá-la) dissera. — Melhor deixá-la em paz. Mas agora tinham utilidade para Elpis— *dentro* do poço, como acabou acontecendo—e a morte dela poderia servir para um fim muito mais útil do que alguns pedaços de carne.

Dois dias após a visita de Lester, meu filho e eu colocamos nela o cabresto e a levamos para a lateral do celeiro. Na metade do caminho para o poço, Henry parou.

Seus olhos brilharam de medo.

— Papai! Eu *sinto o cheiro* dela!

— Entre na casa, então, e pegue algumas bolas de algodão para tapar o nariz.

Estão no birô.

Embora sua cabeça estivesse abaixada, eu vi a olhadela que ele me deu enquanto seguiu. *Isto é tudo culpa sua*, o olhar dizia. *Tudo sua culpa porque você não dar o braço a torcer*.

Ainda assim não tinha dúvidas de que ele me ajudaria a fazer o trabalho que jazia à frente. O que quer que ele agora pensasse de mim, também havia uma garota na pintura, e ele não queria que ela soubesse o que ele havia feito. Eu tive que forçá-lo a fazê-lo, mas ela nunca entenderia isso.

Levamos Elpis para o poço, onde ela reclamou com razão. Fomos até o canto mais longínquo, segurando o cabresto como fitas em uma dança Maypole³³, e a arrastei até às plantas podres à força. A tampa rangeu sob seu peso... arqueou... mas continuou firme. A velha faca ficou lá em cima, com a cabeça abaixada, parecendo tão estúpida e teimosa como sempre, mostrando os rudimentos verdes amarelados de seus dentes; — E agora? — Henry perguntou.

Eu comecei a dizer que não sabia, quando a tampa do poço se partiu em duas com um baque alto e frágil. Seguramos nas cordas do cabresto, embora por um momento eu tenha pensado que seria arrastado para dentro daquele maldito poço com os dois braços deslocados. Então o cabresto rasgou e voou de volta para cima. Estava partido em dois. Lá embaixo, Elpis começou a mugir em agonia, e bater seus cascos contra as paredes de pedra.

— *Papai*. — Henry berrou. Suas mãos eram punhos contra a boca, os nós sumindo dentro de seu lábio superior. — *Faça-a parar!*

Elpis soltou um longo e ecoante mugido. Seus cascos continuavam a bater contra as pedras.

Eu segurei Henry pelo braço e o arrastei, tropeçando, de volta para a casa. Eu o empurrei para o sofá encomendado por Arlette e ordenei que ele ficasse ali até que eu voltasse para pegá-lo.

— E lembre-se, isto está quase terminado.

— Nunca vai terminar. — ele disse, e escondeu o rosto no sofá. Ele colocou as mãos nos ouvidos, mesmo Elpis não podendo ser ouvida dali. Só que Henry estava escutando a *ela*, e eu também. Peguei meu rifle Varmint, da prateleira mais alta da despensa. Era apenas uma calibre .22, mas cumpriria o trabalho. E se Harlan ouvisse os tiros correndo pelos acres entre sua casa e a minha? Isso também ajudaria em nossa história. Se Henry pudesse manter seu juízo por tempo o bastante para contar, é claro.

Aqui vai algo que aprendi em 1922: sempre há coisas piores esperando. Você acha que já viu a coisa mais terrível, aquela que aderem todos os seus pesadelos em um horror medonho que existe de verdade, e o único consolo é que não pode haver nada pior. Mesmo que haja, sua mente vai expulsá-la de vista, e você não pensará mais nisso.

Mas *há* algo pior, que sua mente *não* expulsa, e de algum modo você segue em frente.

Você pode entender que toda a alegria se fora do mundo para você, que o que você fez colocou tudo o que você esperava ganhar para fora de seu alcance, você poderá até desejar que fosse você que estivesse morto—mas você segue em frente. Você percebe que você em um inferno que você mesmo fez, mas você segue em frente, mesmo assim.

Porque não há mais nada a se fazer.

Elpis havia aterrissado em cima do corpo de minha esposa, mas o rosto sorridente de Arlette ainda era perfeitamente visível, ainda inclinada para o mundo banhado pelo sol acima, ainda parecia olhar para mim. E os ratos haviam voltado. A vaca caindo no mundo deles os havia, sem dúvidas, espantado, fazendo-os fugir pelos canos que eu eventualmente pensaria como a Avenida Ratolândia, mas então sentiram cheiro de carne fresca, e vinham depressa investigar. Eles já estavam mordiscando a pobre Elpis enquanto ela mugia e dava coices (mais fracos agora), e um sentou no topo da cabeça de minha esposa, como uma coroa medonha. Ele havia feito um buraco no saco, e puxou um tufo do cabelo dela com suas garras espertas. As bochechas de Arlette, que uma vez foram redondas e belas, pendiam em farrapos.

Nada pode ser pior do que isso, eu pensei. Com certeza eu atingi o ápice do

horror.

Mas sim, sempre há coisas piores esperando. Enquanto eu espiava abaixo, congelado pelo choque e pela repulsa, Elpis deu outro coice, e um dos cascos atingiu o que restava da cara de Arlette. Houve um baque, e a mandíbula de minha esposa se partiu, e tudo abaixo de seu nariz se moveu para a esquerda, como uma dobradiça.

Ainda assim, o sorriso de orelha a orelha permaneceu. Que não estivesse mais alinhado com seus olhos, fez a coisa ainda pior. Agora era como se ela possuísse duas caras ao invés de uma, para me assombrar. Seu corpo se mexeu contra o colchão, fazendo-o deslizar. O rato em sua cabeça debandou para trás dele. Elpis mugiu de novo. Eu pensei que se Henry voltasse agora, e olhasse para o poço, ele me mataria por fazê-lo parte disso. Eu provavelmente mereceria. Mas isso o faria ficar sozinho, e sozinho ele ficaria indefeso.

Parte da tampa havia caído no poço; a outra ainda estava pendurada. Eu carreguei meu rifle, o pusei neste declive, e mirei em Elpis, que permanecia com seu pescoço quebrado e sua cabeça imprensada contra a parede de pedra. Eu esperei minhas mãos ficarem firmes, então puxei o gatilho.

Um tiro foi o bastante.

Voltei para a casa, onde encontrei Henry adormecido no sofá. Eu estava chocado demais para considerar isto estranho. No momento, ele pareceu a mim a única coisa que realmente dava esperanças no mundo: sujo, mas não tão imundo que não pudesse ser limpo de novo. Eu me inclinei e beijei sua bochecha. Ele gemeu e virou a cabeça para o outro lado. Eu o deixei lá, e fui ao celeiro pegar minhas ferramentas. Quando ele se juntou a mim, três horas depois, eu havia tirando os pedaços quebrados da tampa, do poço, e começava a enchê-lo.

— Eu vou ajudar. — ele disse em uma voz insípida e sombria.

— Bom. Pegue o caminhão e dirija até a porcaria da West Fence— — Sozinho? — a incredulidade em sua voz era fraca, mas fiquei encorajado por ouvir qualquer tipo de emoção.

— Você conhece as marchas dianteiras, e você pode achar a ré, não pode?

— Sim...

— Então você ficará bem. Eu tenho muito pelo que cuidar enquanto isso, e quando você voltar, o pior terá acabado.

Eu esperei que ele me dissesse novamente que o pior nunca acabaria, mas ele não o fez. Eu recomecei a trabalhar. Eu ainda podia ver o topo da cabeça de Arlette, e o saco com o terrível tufo puxado saindo dele. Deveria até haver uma

ninhada de filhotes de ratos lá embaixo no berço das coxas de minha esposa morta.

Eu ouvi o caminhão tossir uma vez, então duas. Eu esperei que a manivela não ricocheteasse e quebrasse o braço de Henry.

Da terceira vez que ele girou a manivela, nosso velho caminhão veio à vida. Ele esperou a batida, usou a válvula reguladora uma ou duas vezes, e então se foi. Ele estava fora há uma hora, mas quando ele voltou, o caminhão estava cheio de rochas e terra. Ele dirigiu até o limite do poço, e desligou o motor. Ele havia tirado a camisa, e seu torso suado e brilhante pareceu muito magro; eu podia contar suas costelas. Eu tentei pensar quando havia sido a última vez que ele havia feito uma grande refeição, mas de primeira não consegui. Então percebi que deveria ter sido o café da manhã, no dia após termos nos livrado dela.

Eu vou me certificar de que ele tenha um bom jantar hoje à noite, eu pensei.

Certificarei-me que ambos tenhamos. Não tem bife, mas há carne de porco na geladeira— — Olhe ali. — ele disse, em sua nova voz insípida, e apontou.

Eu vi um rabo de poeira vindo na nossa direção. Eu olhei para o poço. Ainda não estava bom, ainda não. Metade de Elpis ainda estava visível. Tudo bem com isso, é claro, mas o canto do colchão sujo de sangue também estava aparecendo através da sujeira.

— Me ajude. — eu disse.

— Temos tempo o bastante, Papai? — ele só pareceu suavemente interessado.

— Eu não sei. Talvez. Não fique aí, me ajude.

A pá extra estava encostada contra a lateral do celeiro ao lado dos restos despedaçados da tampa do poço. Henry a pegou, e começamos a tirar a areia e as pedras do caminhão o mais rápido que podíamos.

Quando o carro do Xerife do Condado com a estrela de ouro na porta, e a sirene no teto encostou perto do bloco de cortar lenha (mais uma vez colocando George e as galinhas para voarem), Henry e eu estávamos sentados nos degraus da varanda com nossas camisas tiradas e dividindo a última coisa que Arlette James havia feito: um jarro de limonada. O Xerife Jones saiu, segurou o cinto, tirou seu chapéu de vaqueiro, penteou para trás seu cabelo grisalho, e recolocou o chapéu na linha onde a pele branca de sua testa terminava e o vermelho cobre começava. Ele estava sozinho. E isso era um bom sinal.

— Bom dia, cavalheiros. — ele notou nossos peitos nus, mãos sujas, e caras suadas. — Trabalho duro esta tarde, não é?

Eu cuspi.

— Minha maldita culpa.

— E é?

— Uma de nossas vacas caiu em nosso velho poço. — Henry disse.

Jones repetiu a pergunta.

— E é?

— É sim. — eu disse. — Gostaria de um copo de limonada, Xerife? É de Arlette.

— Arlette, não é? Ela decidiu voltar?

— Não. — eu disse. — Ela levou suas roupas favoritas, mas deixou a limonada.

Tome um pouco.

— Eu vou. Mas primeiro preciso usar seu banheiro. Desde que completei cinquenta e cinco mais ou menos, parece que eu tenho que mijar em cada moita. É uma maldita inconveniência.

— Esta nos fundos da casa. Apenas siga o caminho e procure pela lua crescente na porta.

Ele riu como se essa fosse a piada mais engraçada que ouvira o ano inteiro, e foi para os fundos da casa. Pararia ele no meio do caminho para olhar pelas janelas? Ele iria se fosse o mínimo de bom em seu trabalho, e eu ouvi que era. Ao menos em seus dias dourados.

— Papai. — Henry disse. Ele falou em voz baixa.

Eu olhei para ele.

— Se ele descobrir, não podemos fazer mais nada. Eu posso matar, mas não pode haver mais matança.

— Tudo bem. — eu disse. Essa foi uma conversa curta, mas uma que eu tenho ponderado constantemente pelos oito anos seguintes.

Xerife Jones voltou, abotoando seu zíper.

— Entre e pegue um copo para o Xerife. — eu disse a Henry.

Henry foi. Jones terminou com seu zíper, tirou o chapéu, puxou mais um pouco o cabelo para trás, e recolocou o chapéu. Seu distintivo brilhava no sol do começo da tarde. A arma em seu quadril era grande, e embora Jones estivesse velho demais para ter estado na Grande Guerra, o coldre parecia propriedade das Forças Expedicionárias Americanas. Talvez fosse de seu filho. Seu filho havia morrido por lá.

— Banheiro cheiroso. — ele disse. — É sempre bom em um dia de calor.

— Arlette costumava colocar cal viva nele constantemente. — eu disse. — Vou tentar manter o costume, se ela permanecer longe. Vamos subir a varanda e sentar na sombra.

— Sombra soa bem, mas creio que vou ficar de pé. Preciso esticar minha espinha.

Sentei em minha cadeira com a almofada. Ele ficou ao meu lado, olhando para baixo. Eu não gostava de estar naquela posição, mas tentei me segurar pacientemente.

Henry voltou com o copo. Xerife Jones entornou sua própria limonada, sentiu seu gosto, e então engoliu a maior parte dela em um gole só, e estalou os lábios.

— Bom, não é? Nem tão amarga, nem tão doce, bem no ponto. — ele riu. — Sou que nem Cachinhos Dourados, não sou? — ele bebeu o resto, mas balançou a cabeça quando Henry se ofereceu para encher seu copo novamente. — Você quer que eu mije em cada cerca no caminho de volta para Hemingford Home? E então por todo caminho até Hemingford City?

— Você mudou a delegacia? — eu perguntei. — Achei que você estava bem aqui em Home.

— Eu estou, não é? O dia que me fizerem mudar a delegacia do Xerife de lugar para o assento do condado, é o dia em que eu me demito e deixo Hap Birdwell tomar meu lugar, como ele mesmo quer. Não, não, é apenas uma audiência da corte lá em City. Nada mais do que um monte de papelada, mas é lá. E você sabe como é o Juiz Cripps... ou não, acho que não sabe, sendo alguém que honra a lei. Ele tem um mau temperamento, e se o colega não chega a tempo, seu temperamento piora. Então mesmo que se trate apenas de dizer juro por Deus e então assinar meu nome em um monte de papéis legais, eu tenho que correr para cumprir meus deveres, não tenho? E esperar que minha maldita Maxie não quebre no meio do caminho.

Não disse nada a isso. Ele não *falava* como um homem que estava com pressa, mas talvez fosse apenas seu jeito.

Ele tirou o chapei, e puxou mais o cabelo, mas desta vez não recolocou o chapéu. Ele olhou para mim seriamente, então para Henry, então de volta para mim.

— Acho que você sabe que eu não estou aqui por conta própria. Eu creio que o que se faz entre o homem e sua esposa é assunto pessoal dos mesmos. Tem que ser assim, não tem? A Bíblia sempre diz que o homem é a cabeça da mulher, e que se a mulher deveria aprender alguma coisa, deveria ser ensinado por seu marido em casa.

Livro de Coríntios. Se a Bíblia fosse minha única chefe, eu faria as coisas do jeito da Bíblia, e a vida seria mais simples.

— Estou surpreso que o Sr. Lester não tenha vindo com você. — eu disse.

— Oh, ele queria vir, mas eu neguei. Ele também queria um mandado de busca, mas eu disse que eu não precisava de um. Eu disse que ou você me deixaria olhar por aí, ou não deixaria. — ele deu de ombros. Seu rosto estava plácido, mas os olhos eram afiados e sempre estavam em movimentos: espiando e bisbilhotando, espiando e bisbilhotando.

Quando Henry me perguntou sobre o poço, eu disse, vamos assisti-lo e decidir o quão esperto ele é. Se ele for esperto, nós mesmos mostramos a ele. Não podemos parecer como se tivéssemos alguma coisa para esconder. Se você me vir levantar o polegar, isso significa que vamos nos arriscar. Mas temos que concordar, Hank. Se eu não vir você levantar o seu de volta, vou ficar de boca calada.

Eu levantei meu copo e bebi o resto de minha limonada. Quando eu vi Henry olhando para mim, levantei o polegar. Só um pouco. Poderia ter sido uma contração muscular.

— O que esse tal de Lester está pensando? — Henry perguntou, parecendo indignado. — Que a amarramos no porão? — suas mãos permaneceram imóveis ao seu lado.

Xerife Jones riu cordialmente, sua grande barriga tremendo atrás de seu cinto.

— Eu não sei o *que* ele está pensando, sei? Eu não me importo muito, tampouco.

Advogados são pulgas na pele da natureza humana. Eu posso dizer isso, porque trabalhei para eles—e contra eles também—por toda minha vida adulta. Mas... — os olhos afiados foram mais rápidos que o meu. — Eu não me importaria de olhar, só porque você não deixou que *ele* olhasse. Ele está bem fervoroso quanto a isso.

Henry coçou o braço. Seu polegar levantou duas vezes enquanto o fez.

— Eu não o deixei entrar na casa porque não fui com a cara dele. — eu disse. — Embora para ser honesto, acho que não teria ido nem com a cara de João, o Apóstolo, se ele viesse até aqui para falar em nome do time de Cole Farrington.

Xerife Jones riu muito com isso: *Há, há, há!* Mas seus olhos não riram.

Eu me levantei. Era um alívio estar de pé. Ereto, eu tinha oito ou dez centímetros a mais que Jones.

— Você pode olhar como bem entender.

— Agradeço. Vai fazer minha vida bem mais fácil, não é? Eu tenho que lidar com o Juiz Cripps quando voltar, e isso já basta. Não preciso ouvir o cachorrinho legal de um dos Farrington latindo para mim, não se eu puder evitar.

Entramos na casa comigo liderando e Henry na retaguarda. Depois de algumas observações elogiosas sobre o quão agradável estava a sala de estar e o quão limpa estava a cozinha, descemos pelo corredor. Xerife Jones deu uma espiada superficial no quarto de Henry, e então chegamos à atração principal. Eu abri a porta de nosso quarto com uma estranha sensação de certeza: o sangue estaria de volta. Estaria espalhado no chão, esguichado na parede, e encharcando o novo colchão. Xerife Jones iria olhar.

Então ele se viraria para mim, tiraria as algemas que descansavam em sua cintura perto do revólver, e diria: *Eu estou prendendo você pelo assassinato de Arlette James, não é?*

Não havia sangue, nem cheiro de sangue, porque o quarto havia para ventilar. A cama estava feita, embora não do jeito que Arlette fazia; era mais do feitio do exército, embora meus pés tenham me mantido longe da guerra que havia tomado o filho do Xerife. Não se pode ir matar Krauts se você tem pés chatos. Homens com pés chatos só conseguem matar esposas.

— Quarto adorável. — Xerife Jones observou. — Recebe a luz da manhã, não é?

— Sim. — eu disse. — E permanece fresco durante a maioria das tardes, mesmo no verão, porque o sol está do outro lado. — Fui até o armário e o abri. Aquela sensação de certeza voltou, mais forte do que antes. *Onde está a colcha?* ele diria.

Aquela que pertence àquela parte no meio da prateleira do topo?

Ele não o fez, é claro, mas ele deu um passo à frente com espontaneidade quando eu o convidei. Seus olhos afiados—verdes brilhantes, quase felinos—fora de lá para cá, e para todo lugar.

— Monte de tralhas. — ele disse.

— Sim. — eu admiti. — Arlette gostava de roupas e gostava dos catálogos de encomendas. Mas desde que ela levou uma única maleta—temos duas, e a outra ainda está aqui, está vendo no canto ali? —eu devo dizer que pegou as únicas das quais mais gostava. E aquelas que eram úteis, eu suponho. Ela tinha duas pares calças, e um par de brins azul, e esses se foram, mesmo embora ela não ligasse para calças.

— Mas calças são boas para viajar, não é? Homem ou mulher, calças são boas para viajar. E uma mulher pode escolhê-las. Se ela estivesse com pressa, é claro.

— Suponho que sim.

— Ela levou as boas jóias e a foto de Vovó e Vovô. — Henry disse atrás de nós.

Eu dei um pequeno pulo; eu quase tinha esquecido que ele estava ali.

— Levou, não é? Bem, suponho que ela faria isso.

Ele deu outra olhada nas roupas, então fechou a porta do armário.

— Belo quarto. — ele disse, marchando de volta na direção do corredor com o chapéu nas mãos. — Bela *casa*. A mulher tinha que ser doida para sair de um belo quarto e de uma bela casa como esta.

— Mamãe falava muito sobre a cidade. — Henry disse, e suspirou. — Ela tinha uma idéia de abrir algum tipo de loja.

— Ela tinha? — Xerife Jones o fitou vivamente com seus olhos verdes de gato.

— Ora! Mas uma coisa como essa pede dinheiro, não é?

— Ela tem aqueles acres do pai dela. — eu disse.

— Sim, sim. — sorrindo timidamente como se houvesse se esquecido daqueles acres. — E talvez seja melhor assim. Melhor viver no deserto do que com uma mulher briguenta e amargurada. Livro dos Provérbios. Está feliz que ela tenha ido embora, Filho?

— Não. — Henry disse, e lágrimas transbordaram de seus olhos. Eu abençoei cada uma.

Xerife Jones disse:

— Calma, calma. — e depois de oferecer consolo superficial, ele se abaixou com as mãos em cima dos joelhos rechonchudos, e olhou por debaixo da cama. — Parece que há um par de sapatos de mulher aqui em baixo. Do tipo que seria bom para andar. Não supõe que ela fugiu descalça, não é?

— Ela usou seus sapatos de lona. — eu disse. — São esses que sumiram.

Eles haviam também. Aqueles verdinhos que ela costumava chamar de seus sapatos de jardinagem. Eu havia me lembrado deles bem antes de começar a encher o poço.

— Ah. — ele disse. — Outro mistério resolvido. — ele puxou um relógio de prata do bolso da roupa e o consultou. — Bem, é melhor eu correr. O Tempus está fugitando^[4] neste momento.

Voltamos pela casa, Henry na retaguarda para que talvez pudesse enxugar os olhos com privacidade. Andamos com o Xerife na direção de seu Sedan Maxwell com a estrela na porta. Eu estava para lhe perguntar se ele queria ver o poço—eu até mesmo sabia o que iria dizer—quando ele parou e deu a meu filho um olhar

de bondade assustadora.

— Eu dei uma passada nos Cotteries. — ele disse.

— Oh? — Henry disse. — É mesmo?

— Eu disse que atualmente tenho que parar em cada moita, mas vou usar um banheiro se estiver ao alcance, sempre assumindo que as pessoas o mantenham limpo e eu não tenha que me preocupar com vespas enquanto estou esperando o meu amiguinho começar a cuspir água. E os Cotteries são uma gente limpa. A filha é bonita também.

Ela tem sua idade, não é?

— Sim, senhor. — Henry disse, levantando a voz um pouco no *senhor*.

— Você é meio gamado nela, imagino? E ela em você, pelo que a mãe dela diz.

— Ela disse isso? — Henry perguntou. Ele soou surpreso, mas feliz também.

— Sim. A Sra. Cotterie disse que você estava tendo problemas com sua própria mãe, e que Shannon disse a ela algo que você contou sobre o assunto. Eu perguntei a ela o que era, e ela disse que aquele não era lugar para falar disso, mas eu poderia perguntar a Shannon. Então eu o fiz.

Henry olhou para os pés.

— Eu disse para ela guardar para si mesma.

— Você não vai culpá-la, não é? — Xerife Jones perguntou. — Digo, quando um homenzarrão como eu com uma estrela no peito faz uma pergunta a uma coisinha como ela sobre o que ela sabe, é meio difícil para a coisinha ficar de boca fechada, não é? Ela acaba contando, não é?

— Eu não sei. — Henry disse, ainda olhando para baixo. — Provavelmente. — ele não estava apenas *encenando* infelicidade; ele *estava* infeliz. Mesmo tudo acontecendo do jeito como esperávamos.

— Shannon disse que sua mãe e seu pai brigaram sobre vender os cem acres, e quando você ficou do lado de seu pai, a Sra. James lhe deu uma bela tapa.

— Sim. — Henry disse, pálido. — Ela havia bebido demais.

Xerife Jones se virou para mim.

— Ela estava bêbada, ou só levemente?

— Em algum ponto no meio disso. — eu disse. — Se ela estivesse completamente embriagada, ela teria dormido a noite toda, ao invés de se levantar, empacotar suas coisas, e fugir como um ladrão.

— Achou que ela voltaria assim que ficasse sóbria, não é?

— Sim. São mais de seis quilômetros até se chegar a algum asfalto. Eu achei que com certeza ela voltaria. Alguém deve ter aparecido e lhe dado uma carona antes que sua cabeça ficasse clara. Um caminhoneiro na pista Lincoln-Omaha seria meu palpíte.

— Sim, sim, seria o meu também. Você ouvirá falar dela quando ela contatar o Sr. Lester, eu estou certo. Se ela quer ficar sozinha, se ela está com isso na cabeça, ela vai precisar de dinheiro para isso também.

Ele também sabia disso. Seus olhos ficaram mais espertos.

— Ela tinha algum dinheiro, Sr. James?

— Bem...

— Não seja tímido. Confissão é boa para alma. Os Católicos têm que se segurar em alguma coisa, não é?

— Eu mantinha uma caixa nas minhas gavetas. Havia 200 dólares em uma delas, para ajudar a pagar a colheita quando começarem mês que vem.

— E o Sr. Cotterie... — Henry lembrou, se voltando para o Xerife Jones. — ... o Sr. Cotterie tem uma máquina de ceifar. Uma Harris Giant. Quase nova. É um estouro.

— Sim, sim, eu a vi na entrada. Um grande bastardo, não é? Perdoem meu polonês. Todo o dinheiro da caixa sumiu, não é?

Eu sorri azedamente—só que não era realmente eu quem dava o sorriso; o Homem Conivente estivera no comando desde que o Xerife Jones encostou ao lado do bloco de cortar lenha.

— Ela deixou vinte. Muito generoso da parte dela. Mas vinte é tudo que Harlan Cotterie cobra pelo uso de sua máquina de ceifar, então está tudo bem. E quase se fala dessas máquinas, eu acho que Stoppenhauser no banco vai me adiantar um pequeno empréstimo. A não ser que ele deva algum favor para a Companhia Farrington, é claro.

De qualquer forma, eu tenho minhas melhores ferramentas agrícolas bem aqui.

Eu tentei mexer no cabelo de Henry. Ele se abaixou, envergonhado.

— Bem, eu tenho um bom monte de notícias para dar ao Sr. Lester, não é? Ele não vai gostar de nenhuma, mas se ele for tão esperto quanto acha que é, eu acho que ele vai perceber que cedo ou tarde ela aparecerá no escritório dele. As pessoas tem uma mania de aparecer quando estão curtas da grana, não é?

— Concordo por experiência própria. — eu disse. — E se já terminamos aqui, Xerife, meu menino e eu temos que voltar ao trabalho. Aquele poço inútil deveria ter sido cheio há três anos. Uma velha vaca minha — Elpis. — Henry disse

como um garoto em um sonho. — Seu nome era Elpis.

— Elpis. — eu concordei. — Ela saiu do celeiro e resolvei passear em cima da tampa, e ela cedeu. Não teve a boa graça de morrer por si mesma, tampouco. Eu tive que atirar nela. Venha até os fundos do celeiro, e eu vou lhe mostrar a recompensa pela desatenção com seus malditos pés pra cima. Vamos enterrá-la bem onde ela jaz, e de agora em diante vou chamar aquele velho poço de A Insensatez de Wilfred.

— Bem, eu chamaria, não é? Seria algo e tanto para se ver. Mas eu tenho aquele juiz de mau temperamento para lidar. Deixamos para outra hora. — Ele se içou ao carro, gemendo enquanto o fazia. — Obrigado pela limonada, e por serem tão atenciosos.

Você poderia ter sido muito menos, considerando que me mandou até aqui.

— Tudo bem. — eu disse. — Temos que fazer nosso trabalho.

— E nossas cruces para carregar. — seus olhos espertos correram para Henry novamente. — Filho, o Sr. Lester me disse que você estava escondendo alguma coisa.

Ele tinha certeza disso. E você estava, não é?

— Sim, senhor. — Henry disse e sua voz sem cor e de algum modo horrível.

Como se todas as suas emoções tivessem vazado, como aquelas coisas na jarra de Pandora, quando ela a abriu. Mas não havia nenhuma Elpis para Henry e eu; nossa Elpis estava morta, dentro do poço.

— Se ele me perguntar, eu direi que ele estava errado. — Xerife Jones disse. — Um advogado de uma companhia não precisa saber que a mãe de um garoto pôs a mão nele enquanto estava bêbada. — ele procurou cegamente algo sob seu assento, e tirou uma longa ferramenta em forma de S que eu conhecia muito bem, e a segurou para Henry. — Você poderia poupar a coluna e os ombros de um velho, filho?

— Sim, senhor, com prazer. — Henry levou a ferramenta e foi até a frente do Maxwell.

— Cuidado com o pulso! — Jones berrou. — Ela chuta como um burro! — então se virou para mim. O brilho inquisitivo sumira de seus olhos. Assim como o verde. Eles pareceram estúpidos, cinzentos e duros, como a água de um lago em um dia nublado. Era o rosto de um homem que poderia bater em um vagabundo de rua e não perder um minuto de sono por causa disso. — Sr. James. — ele disse. — Eu preciso te perguntar algo. De homem para homem.

— Tudo bem. — eu disse. — Eu tentei me preparar para o que eu achava que com certeza estava por vir: *existe outra vaca dentro do poço? Uma chamada*

Arlette?

Mas eu estava enganado.

— Eu posso colocar o nome dela e a descrição nos postes telegráficos, se quiser.

Ela não deve ter ido muito longe em Omaha, não é? Deve ter gastado já uns cento e oitenta mangos. E uma mulher que gastou a maior parte da vida sendo dona de casa não faz idéia de como se esconder. Ela com certeza estará em uma casa dividida no lado leste, onde o preço é barato. Eu poderia trazê-la de volta. *Arrastada* pelos cabelos da cabeça, se quiser.

— É uma oferta generosa, mas—

Os olhos bobos e cinzentos me vigiaram.

— Pense bem antes de dizer sim ou não. Às vezes uma mulher precisa falar com a mão, se entende o que eu quero dizer, e depois disso, elas ficam bem. Umas boas tapas têm um jeito de fazer algumas garotas ficarem doces. Pense nisso.

— Eu irei.

O motor do Maxwell explodiu para a vida. Eu estirei minha mão—aquela que havia cortado a garganta dela— mas o Xerife Jones não percebeu. Ele estava ocupado retardando a descarga do Maxwell, e ajustando a válvula dele.

Dois minutos depois ele não era nada mais do que uma trilha de poeira que sumia na estrada da fazenda.

— Ele nem mesmo quis olhar. — Henry disse, espantado.

— Não.

E isso acabou sendo uma coisa muito boa.

Havíamos trabalhado muito com a pá quando vimos se aproximar, e não ficou nada para fora, exceto uma das patas traseiras de Elphis. O casco ficou mais ou menos um metro abaixo da borda do poço. As moscas circulavam em uma nuvem. O Xerife teria ficado impressionado, pode apostar, e ele teria ficado mais ainda quando a terra em frente daquela pata protuberante começou a pulsar para cima e para baixo.

Henry largou sua pá e se segurou em meu braço. A tarde estava quente, mas sua mão estava fria como gelo.

— É ela! — ele sussurrou. Seu rosto era todo olhos. — *Ela está tentando sair!*

— Pare de ser um maldito maricas. — eu disse, mas não podia tirar meus olhos daquele círculo de terra pesada. Era como se o poço estivesse vivo, e estávamos vendo as batidas de seu coração escondido.

A terra e as pedras caíram para os lados e um rato atingiu a superfície. Os olhos,

negros como pérolas de petróleo, piscaram com a luz do sol. Era quase tão grande quanto um gato adulto. Preso em seus bigodes estava um farrapo de tecido marrom sujo de sangue.

— *Oh, seu porra!* — Henry gritou.

Alguma coisa assobiou a centímetros da minha orelha, e então a ponta da pá de Henry partiu a cabeça do rato em duas, enquanto ele olhava para cima cego.

— Ela o mandou. — Henry disse. Ele estava sorrido. — Os ratos são dela, agora.

— Isso não existe. Você está apenas nervoso.

Ele largou a pá, e foi até a pilha de rochas com que nós devíamos terminar o serviço assim que o poço estivesse quase cheio. Lá ele sentou e me observou extasiado.

— Você tem certeza? Tem certeza de que ela não vai nos assombrar? Algumas pessoas dizem que alguém que é assassinado volta para assombrar quem quer que — As pessoas dizem um monte de coisas. O raio nunca cai no mesmo lugar duas vezes, um espelho quebrado traz sete anos de azar, um curiango piando à meia-noite significa que algum membro da família vai morrer. — eu soei racional, mas continuei a olhar para o rato morto. E o farrapo de tecido sujo de sangue. Da *fita* dela. Ela ainda a usava lá na escuridão, só que agora havia um buraco nela com pedaços de cabelo saindo. *Aquele olhar é a fúria máxima entre as mulheres mortas neste verão*, eu pensei.

— Quando eu era criança, eu realmente acreditava que se eu pisasse numa fenda, eu quebraria a coluna da minha mãe. — Henry disse pensativo.

— Ai está—vê?

Ele espanou a poeira das pedras de suas calças, e ficou ao meu lado.

— Mas eu o peguei—eu peguei aquele puto, não foi?

— Pegou! — e porque eu não gostei de como ele soou—não, nem um pouco—eu dei um tapinha em suas costas.

Henry ainda sorria.

— Se o Xerife vier até aqui olhar, como você o convidou, e vir aquele rato que veio cavando um túnel até o topo, pode surgir novas perguntas, não acha?

Algo nesta idéia fez Henry rir histericamente. Eu o deixei rir por quatro ou cinco minutos, e ele assustou um grupo de corvos da cerca que mantinha as vacas fora do milharal, mas eventualmente ele parou. Quando terminamos o trabalho, o sol já havia ido embora, e podíamos ouvir as corujas comparando notas enquanto lançavam seus ataques pré-lunares do pombal do celeiro. As pedras no topo do

poço desaparecido estavam bem juntas, e eu não achei que mais ratos conseguiriam subir até a superfície.

Não nos importamos em substituir a tampa quebrada; não havia necessidade. Henry pareceu quase normal novamente, e eu pensei que ambos poderíamos ter uma noite de sono decente.

— O que me diz de salsicha, feijão e broa de milho? — eu lhe perguntei.

— Posso ligar o gerador e tocar *Hayride Party* no rádio?

— Sim, senhor, você pode.

Ele sorriu, seu velho e bom sorriso.

— Obrigado, papai.

Cozinhei o bastante para alimentar quatro trabalhadores, e comemos tudo.

Duas horas depois, enquanto eu estava sentado em minha cadeira, e me distraindo com uma cópia de Silas Marner, Henry veio de seu quarto, vestido com suas cuecas de verão. Ele observou calmamente:

— Mamãe sempre insistia para que eu rezasse, sabia disso?

Eu pisquei para ele, surpreso.

— Ainda? Não. Eu não sabia.

— Sim. Até depois quando ela não olhava para mim até que eu estivesse com minhas calças vestidas, porque ela disse que eu estava velho demais, e não seria certo.

Mas eu não consigo rezar agora, ou nunca mais. Se eu ficar de joelhos, eu acho que Deus vai me matar.

— Se houver um. — eu disse.

— Eu espero que não haja. É solitário, mas eu espero que não haja. Eu imagino que todos os assassinos esperam que não haja. Porque se não houver Céu, então não há Inferno.

— Filho, fui eu quem a matou.

— Não—nós fizemos isso juntos.

Não era verdade—ele não era mais do que uma criança, e eu o havia enganado—mas era verdade para ele, e eu achei que sempre seria.

— Mas você não tem que se preocupar comigo, Papai. Eu sei que você acha que eu vou contar—provavelmente para Shannon. Ou que eu possa me sentir culpado o suficiente para ir até Hemingford e confessar àquele Xerife.

É claro que estes pensamentos cruzaram minha mente.

Henry balançou a cabeça, lentamente e enfaticamente.

— Aquele Xerife—você viu o modo como ele olhava para tudo? Você viu seus olhos?

— Sim.

— Ele tentaria colocar a nós dois na cadeira elétrica, é o que eu acho, sem se importar que eu não faço quinze até Agosto. Ele estaria lá também, olhando para nós com aqueles olhos duros quando nos amarrassem e— — Pare, Hank. Já basta.

Mas não bastava, não para ele.

— E baixassem a alavanca. Eu não vou deixar que isso aconteça, se eu puder evitar. Aqueles olhos não vão ser as últimas coisas que eu vou ver. — ele pensou no que havia acabado de dizer. — *Nunca*, eu digo. *Nunca mesmo*.

— Vá para cama, Henry.

— Hank.

— Hank. Vá para cama. Eu te amo.

Ele sorriu.

— Eu sei, mas eu não mereço muito.

Ele se foi antes que eu pudesse responder.

E então para cama, como diria o Sr. Pepys^[5]. Dormimos enquanto as corujas caçavam e Arlette sentava em sua escuridão profunda com o maxilar inferior chutado e entortado para o lado. No dia seguinte, o sol se levantou, era um bom dia para o milho, e fizemos nossas tarefas.

Quando eu voltei, quente e cansado para nos fazer um almoço, havia um prato de caçarola coberto na varanda. Havia uma nota flutuando embaixo de uma borda. Ela dizia: Wilf—Sentimos tanto por seus problemas e ajudaremos no que pudermos. Harlan disse para não se preocupar em pagar pela máquina de ceifar neste verão. Por favor, se você tiver notícias de sua esposa, nos avise. Amor, Sallie Cotterie. PS: Se Henry vier chamar Shan, eu vou mandar de volta por ele um bolo de *ameixas*.

Eu enfiei a nota no bolso frontal do meu avental com um sorriso. Nossa vida pós-Arlette havia começado.



Se Deus nos recompensa pelas boas ações na terra—o Velho Testamento assim

o sugere, e os Puritanos certamente acreditam nisto—então talvez Satã nos recompense pelas más. Eu não posso dizer com certeza, mas posso dizer que aquele foi um bom verão, com muito calor e sol para o milho, e chuva o bastante para manter nosso acre de vegetais refrescado. Houve trovões e raios em algumas tardes, mas nunca nenhum daquelas ventanias que são o terror dos fazendeiros do Meio-Oeste. Harlan Cotterie veio com sua Harris Giant e ela nunca quebrou uma única vez. Eu havia me preocupado que a Companhia Farrington pudesse se meter nos meus negócios, mas isso não aconteceu.

Eu consegui meu empréstimo com o banco sem nenhum problema, e paguei meu débito totalmente em Outubro, porque naquele ano, o preço do milho estava nas alturas e a taxa de frete de Great Western estava lá embaixo. Se você conhece sua história, você sabe destas duas coisas—o preço do produto, e o preço do frete—havia trocado de lugar por volta de 1923, e permaneceram desta forma desde então. Para os fazendeiros do meio, a Grande Depressão começou quando o Câmbio Agrícola de Chicago foi abaixo, no verão seguinte. Mas o verão de 1922 foi tão perfeito quanto qualquer fazendeiro poderia esperar. Apenas um incidente estragou isso, ter que fazê-lo com outra de nossas deusas bovinas, e vou lhe contar sobre isso daqui a pouco.

O Sr. Lester veio duas vezes. Ele tentou nos intimidar, mas ele não tinha nada para consegui-lo, e ele deveria ter sabido disso, porque ele parecia estar sofrendo muito durante aquele Julho. Eu imagino que seus chefes estavam intimidando a *ele*, e ele estava apenas passando a vez. Ou tentando. Da primeira vez, ele perguntou muitas coisas que não eram perguntas de verdade, mas insinuações. Por acaso eu pensava que minha esposa tinha sofrido um acidente?

Ela devia ter sofrido, eu não achava, ou então ela teria o contatado para fazer o acordo de dinheiro naqueles 100 acres, ou apenas teria voltado para a fazenda com seu (metafórico) rabo entre as pernas. Ou, eu achava que ela havia sido feita de idiota por algum canastrão enquanto estava na estrada? Coisas assim aconteciam, não é, de tempos em tempos? E certamente seria conveniente para mim, não seria?

Da segunda vez que ele apareceu, ele pareceu desesperado e frustrado, e foi direto ao ponto: por acaso minha esposa tivera um acidente ali mesmo na fazenda? O

que havia acontecido? Por que ela não havia aparecido, viva ou morta?

— Sr. Lester, se está me perguntando se eu matei minha esposa, a resposta é não.

— Bem, é claro que você diria isso, não?

— Essa foi sua última pergunta para mim, senhor. Entre no seu caminhão, vá

para longe, e não volte aqui. Se voltar, eu vou te apontar um machado.

— Você iria para prisão por tentativa de agressão! — ele usava um colarinho de celulóide naquele dia, e ele havia ficado todo torto. Era quase possível sentir pena dele, enquanto ele ficava lá parado com o colarinho espetando abaixo do seu queixo, e o suor cortando linhas através da poeira em seu rosto rechonchudo, seus lábios se contraindo e seus olhos se esbugalhando.

— Não chegará a esse ponto. Eu lhe avisei para sair de minha propriedade, como é meu direito, e eu pretendo mandar uma carta registrada para sua firma, informando isso mesmo. Volte novamente, e isso será invasão, e eu *vou* te pegar. Esteja avisado, senhor. — Lars Olsen, que havia trazido Lester novamente em seu Bebê Vermelho, tinha colocado as mãos ao redor das orelhas para ouvir melhor.

Quando Lester alcançou o lado do passageiro sem porta do caminhão, ele girou com um braço esticado e um dedo apontando, como um advogado num tribunal com uma tendência para o teatro.

— Eu acho que você a matou! E cedo ou tarde, o assassinato virá à tona!

Henry—ou Hank, como ele agora preferia ser chamado—saiu pelo celeiro. Ele estava cravando feno, e segurava o forcado no peito como um rifle.

— O que *eu* acho é que é melhor você dar o fora daqui antes que comece a sangrar. — ele disse. O tipo de menino tímido que eu conhecia até o verão de 22 nunca teria dito tal coisa, mas este aqui disse, e Lester viu que ele falava sério. Ele entrou. Sem nenhuma porta para bater, ele se ocupou em cruzar os braços sobre o peito.

— Volte a qualquer hora, Lars. — eu disse agradavelmente. — Mas não o traga, não importa o quanto ele lhe ofereça para que você traga seu rabo inútil.

— Não, senhor, Sr. James. — Lars disse, e então se foram.

Eu me virei para Henry.

— Você o teria furado com aquele forcado?

— Sim, senhor. Isso o botou pra correr. — então, parando de sorrir, ele voltou ao celeiro.

Mas não era sempre que ele *parava* de sorrir naquele verão, e Shannon Cotterie era o motivo. Ele a viu muito (mais dela do que seria bom para ambos; isso eu descobri no outono). Ela começou a vir a casa nas tardes das terças e quintas, com uma saia longa e um gorro elegante, carregando um saquinho cheio de coisas boas para comer.

Ela disse que sabia “o que os homens cozinhavam” —como se ele tivesse 30 e

não 15— e ela disse que pretendia se certificar de que tivéssemos pelo menos dois jantares decentes por semana. E embora eu tivesse uma única caçarola de sua mãe para comprar, eu diria que mesmo aos 15 ela era uma cozinheira superior. Henry e eu apenas jogávamos bifés na frigideira do forno; ela tinha um jeito de temperar que fazia uma simples carne velha ficar deliciosa. Ela trouxe vegetais frescos em seu saquinho—não apenas cenouras e ervilhas, mas coisas exóticas (para nós), como espargos e feijões grandes e verdes que ela cozinhou com cebolas e bacon. Houve até sobremesa. Eu posso fechar os meus olhos neste quarto de hotel pobre e sentir cheiro da comida. Eu posso vê-la perto da bancada da cozinha, com o bumbum gingando, enquanto ela bate os ovos ou o creme.

Generosa era a palavra para Shannon: de cintura, de busto, de coração. Ela era gentil com Henry, e ela cuidava dele. Isso me fez cuidar dela... só que isso é muito tênue, Leitor. Eu a amava, e ambos amávamos Henry. Depois daqueles jantares das terças e quintas, eu insistiria em lavar os pratos e os mandava para a varanda. Às vezes eu os ouvia murmurando, e eu dava uma espiada para vê-los sentados um ao lado do outro em cadeiras de vime, olhando para os campos do oeste, e segurando as mãos como um velho casal. Outras vezes, eu os espiava se beijando, e não havia nada de velho casal sobre isso. Havia uma doce urgência naqueles beijos que só poderiam pertencer aos muito jovens, e eu me movi em silêncio com o coração doendo.

Em uma tarde de terça-feira quente, ela veio mais cedo. Seu pai estava nos campos do norte, em sua máquina de ceifar, Henry junto com ele, um pequeno grupo de índios da reserva Shoshone em Lyme Biska seguindo-os de perto... e atrás deles, o Velho Pie em um caminhão de coleta. Shannon pediu um gole de água gelada, ao que eu fiquei feliz em providenciar. Ela ficou lá no lado da sombra da casa, parecendo impossivelmente arrojada em um vestido volumoso que cobria de sua garganta até a canela, e dos ombros aos pulsos—um vestido religioso, quase. Seus modos eram graves, talvez até assustados, e por um momento eu tive medo. *Ele contou a ela*, eu pensei. Isso acabou não sendo verdade. Exceto, que de certo modo, era.

— Sr. James, Henry está doente?

— Doente? Ora, não. Saudável como um cavalo, eu diria. E come como um também. Você viu isso por si mesma. Embora eu ache que mesmo um homem que *esteve* doente encontraria problemas em dizer não para sua comida, Shannon.

Ganhei um sorriso, mas era de uma variedade distraída.

— Ele está diferente este verão. Eu sempre sabia o que ele estava pensando, mas agora não consigo. Ele está cismado.

— Está? — eu perguntei sinceramente.

— Você não o tem visto?

— Não, senhora (eu tinha). Ele parece para mim como sempre foi. Mas ele se preocupa muito com você, Shan. Talvez o que pareça cisma para você, seja paixão para ele.

Eu achei que eu ganharia um sorriso de verdade, mas não. Ela tocou meu pulso.

Sua mão estava fria por causa do cabo da colher.

— Eu pensei nisso, mas... — o resto ela disse abruptadamente. — Sr. James, se ele se encantasse por outra pessoa—uma das meninas da escola—você me contaria, não é? Você não tentaria... poupar meus sentimentos?

Eu ri disso, e eu pude ver seu rosto bonito relaxar de alívio.

— Shan, me escute. Porque eu *sou* seu amigo. O verão é sempre uma época de trabalho duro, e com Arlette sumida, Hank e eu estamos mais ocupados do que um peso de papel num escritório. Quando entramos à noite, comemos o jantar—um bom, se você aparecer—e então lemos por uma hora. Às vezes ele me fala de como sente saudade da mãe. Depois disso vamos para cama, e no dia seguinte levantamos e fazemos tudo de nosso. Ele mal tem tempo de se meter com você, o que dirá outra menina.

— Ele se meteu comigo mesmo. — ela disse, e olhou para onde a máquina de seu pai estava trabalhando ao longo do horizonte.

— Bem... isso é bom, não é?

— Eu só pensei... ele está tão quieto agora... tão triste... às vezes ele olha para longe e eu tenho que chamá-lo duas ou três vezes antes que ele me escute e me responda. — ela corou ferozmente. — Até os beijos parecem diferentes. Eu não sei como explicar, mas é. E se você alguma vez disser isso a ele, eu morro. Eu simplesmente *morro*.

— Eu nunca diria. — eu disse. — Amigos não deduram os amigos.

— Obrigada. — ela disse. Lágrimas, como pequenos diamantes apareceram nos cantos de seus olhos.

— A única coisa da qual você precisa se preocupar é colocá-lo de volta no lugar se ele sair. Os garotos podem ficar bastante secretos, sabe. E se eu estou fora da linha, você simplesmente vai e me diz. Isso é outra coisa que está bem, se é entre amigos.

Ela me abraçou, e então eu a abracei de volta. Um bom abraço forte, mas talvez melhor para Shannon do que para mim. Porque Arlette estava entre nós. Ela estava entre mim e qualquer outra pessoa no verão de 1922, e era o mesmo para Henry. Shannon acabara de me informar.

Em uma noite de Agosto, com a boa colheita feita e o grupo do Velho Pie pago e de volta na reserva, eu acordei com o som de uma vaca mugindo. *Eu dormir demais e perdi a hora de ordenhar*, eu pensei, mas quando eu tateei o relógio de bolso do meu pai na mesa ao lado da minha cama e olhei para ele, vi que eram três e quinze da manhã.

Eu coloquei o relógio no ouvido para ver se ele ainda funcionava, mas um olhar na janela para dentro da escuridão sem luar serviria ao mesmo propósito. Esses não eram os suaves e desconfortáveis mugidos de uma vaca precisando se livrar de seu leite, tampouco. Era o som de um animal com dores. As vacas às vezes soavam do mesmo modo quando elas estavam dando à luz, mas nossas deusas já haviam passado desse estágio em suas vidas.

Eu levantei, fui até a porta, então voltei ao armário para pegar minha .22. Eu ouvi Henry dormindo pela porta de seu quarto fechado, enquanto eu corria com o rifle em uma mão e as botas na outra. Eu esperei que ele não acordasse e quisesse se juntar a mim no que poderia ser um evento perigoso. Havia apenas alguns lobos sobrando nas planícies na época, mas o Velho Pie me contara que era mal de verão em algumas raposas ao longo de Platte e Medicine Creek. Eram o que os Shoshone chamava de raivosos, e um animal raivoso no celeiro era provavelmente a causa daquele choro.

Uma vez que eu estava do lado de fora da casa, o mugido agonizante estava muito alto, e irreal, de alguma forma. Ecoando. *Como uma vaca dentro de um poço*, eu pensei. Aquele pensamento resfriou a carne do meu braço e me fez segurar a .22 com mais força.

Quando eu alcancei a porta do celeiro e abri a da direita, eu podia ouvir o resto das vacas começando a mugir em simpatia, mas aqueles choros eram inquéritos calmos comparados aos gritos agonizantes que haviam me acordado... e teriam acordado Henry também, se eu não pusesse um fim ao que os estava causando. Havia uma lâmpada de carbono pendurada em um gancho à direita da porta—não usávamos uma de fogo no celeiro a não ser que fosse absolutamente necessário, especialmente durante o verão, quando o lugar estava cheio de feno e cada tulha se erguia até o topo.

Eu senti o botão de ligar e o apertei. Um círculo brilhante de radiação azul e branca surgiu. De primeira, meus olhos estavam confusos demais para entender qualquer coisa; eu só conseguia ouvir aquele choro doloroso e aqueles baques surdos de patadas como se uma de nossas deusas estivesse tentando escapar do que quer que a estivesse perseguindo. Era Aquelois. Quando meus olhos se ajustaram um pouco, eu a vi balançando a cabeça de um lado para o outro, recuando até seu traseiro bater na porta de seu estábulo—terceiro à direita de

quem entra pela lateral—e então se lançando para frente novamente. As outras vacas estavam começando a sentir um irritante pânico.

Eu me arrastei até lá, então fui até ao estábulo com a .22 sob o braço esquerdo.

Eu abri a porta e recuei. Aquelois significa “aquela que tira a dor”, mas esta Aquelois estava em agonia. Quando ela se mexeu cegamente, eu vi que suas patas traseiras estavam ensopadas de sangue. Ela se erguia como um cavalo (algo que eu nunca havia visto uma vaca fazer), e quando ela o fez, eu vi um gigantesco rato norueguês agarrado a uma de suas tetas. O peso havia transformado a ponta rosa em uma esticada cartilagem. Paralisado de surpresa (e horror), eu pensei em como, quando criança, Henry às vezes puxava um fio de chiclete da boca. *Não faça isso, Arlette ralharia.*

Ninguém que olhar para o que você esteve mascando.

Eu levantei a arma, então a abaixei. Como eu poderia atirar, com o rato balançando para frente e para trás como um peso vivo na ponta de um pêndulo?

Agora, no corredor, Aquelois mugiu e balançou a cabeça para os lados, como se isso pudesse ser de alguma ajuda. Assim que suas quatro patas voltaram para o chão, o rato pode ficar de pé em cima do monte de feno. Era como um estranho tipo de filhote com pérolas de leite sangrento em seus bigodes. Eu olhei em volta à procura de algo para bater nele, mas antes que eu pudesse pegar a vassoura que Henry deixara encostada no estábulo de Femonoe, Aquelois subiu de novo e o rato caiu no chão. Na hora eu pensei que ela havia simplesmente o expulsado, mas então eu vi o pedaço rosa e enrugado saindo da boca do rato, como um charuto de carne. A maldita coisa havia rasgado uma das tetas da pobre Aquelos. Ela repousou a cabeça em uma das barras do celeiro e mugiu para mim cansada, como se dizendo: *eu lhe dei leite por todos esses anos e nunca fui um problema, não como uma que eu poderia mencionar; então por que você deixou isso acontecer comigo?* O sangue fazia uma poça abaixo de suas tetas.

Mesmo em meu choque e repulsa, eu não achei que ela morreria do ferimento, mas a visão dela—e do rato, com a inocente teta em sua boca—me encheu de fúria.

Eu ainda não atirei nele, parcialmente porque eu estava com medo de disparar, mas mais porque, com a lâmpada de carbono em uma mão, eu estava com medo de errar. Ao invés disso, eu virei a arma, esperando matar este intruso como Henry havia matado o sobrevivente do poço com sua pá. Mas Henry era um menino com reflexos rápidos, e eu era um homem de meia idade que havia sido retirando de um sono seguro.

O rato se esquivou de mim com facilidade, e foi correndo para o centro do corredor. A teta ferrada balançava para cima e para baixo em sua boca, e eu

percebi que ele a estava comendo—quente e sem dúvida ainda cheia de leite—mesmo enquanto corria. Eu o persegui, golpeei mais duas vezes, e errei em ambas. Então eu vi para onde ele corria: para o cano que levava ao falecido poço. É claro! Avenida Ratolândia! Com o poço cheio, era o único modo de eles saírem. Sem ele, eles teriam sido enterrados vivos.

Enterrados com *ela*.

Mas com certeza, eu pensei, aquela coisa é grande demais para o cano. Ele deve ter vindo de fora—um ninho numa pilha de estrume, talvez.

Ele pulou para a abertura, e enquanto o fazia, ele alongou o corpo da maneira mais incrível. Eu girei a coronha da arma uma última vez e acertei o beijo do cano. O rato eu errei completamente. Quando eu abaixei a lâmpada de carbono na boca do cano, eu capturei um borrão rápido de sua cauda sem pêlo escorregando para a escuridão, e ouvi suas pequenas garras arranhando o metal galvanizado. Então ele se fora. Meu coração batia forte o bastante para fazer pontos brancos surgirem em minha visão. Eu respirei fundo, mas com o ar veio um fedor de putrefação tão forte que eu dei para trás com a mão no nariz. A necessidade de gritar foi estrangulada pela vontade de vomitar.

Com aquele cheio em minhas narinas, eu quase podia ver Arlette do outro lado do cano, sua carne agora um enxame de insetos e vermes, em liquefação; seu rosto começando a derreter em seu crânio, o sorriso de seus lábios dando lugar a um mais durável sorriso de ossos que jazia por baixo.

Eu engatinhei para longe daquele cano horrível, borrifando vômito primeiro para esquerda, então para minha direita, e quando o jantar se fora totalmente, eu cuspi longos fios de bile. Através de olhos lacrimejantes, eu vi que Aquelois voltara ao seu estábulo.

Isso era bom. Ao menos eu não teria que segui-la pelo milharal e colocar um cabresto em sua cabeça para trazê-la de volta.

O que eu queria fazer primeiro era tampar o cano—eu queria fazer isso antes que qualquer outra coisa—mas enquanto meu nojo passava, pensamentos claros voltaram a fluir. Aquelois era a prioridade. Ela era uma boa leiteira. Mais importante, ela era minha responsabilidade. Eu mantinha um baú de remédios no pequeno escritório do celeiro, onde eu lia livros. No baú eu encontrei uma grande lata de Anti-séptico Rawleigh.

Havia uma pilha limpa de trapos no canto. Eu peguei metade deles e voltei ao estábulo de Aquelois. Eu fechei a porta de seu estábulo para minimizar o risco de levar um coice, e sentei no banquinho de ordenhar. Eu acho que parte de mim merecia levar um coice.

Mas a querida e velha Aquelois ficou parada enquanto eu afagava seu flanco e

suspirava “shh, Chefe, shh, chefinha”, e embora ela tremesse enquanto eu aplicava o remédio em sua ferida, ela ficou quieta.

Quando eu havia terminado de seguir os passos que podia para prevenir uma infecção, usei os trapos para limpar meu vômito. Era importante fazer um bom trabalho, pois qualquer fazendeiro dirá que vômito humano atrai predadores de toda parte tanto quanto uma lata de lixo que não foi adequadamente coberta. Guaxinins e marmotas, é claro, mas a maioria seria os ratos. Ratos adoram dejetos humanos.

Eu tinha alguns trapos sobrando, mas eram da cozinha de Arlette e finos demais para meu próximo trabalho. Eu peguei a foice de seu cabide, iluminei meu caminho até a pilha de madeira, e cortei um quadrado esfrangalhado da lona que a cobria. De volta ao celeiro, eu me agachei e segurei a lâmpada próxima à boca do cano, querendo me certificar de que o rato (ou outro; onde havia um, com certeza haveria mais) não estava à espreita, pronto para defender seu território, mas estava vazia, pelo que eu conseguia enxergar, o que era um metro e vinte de distância. Não apareceu nenhum, e isso não me surpreendeu. Era uma via pública ativa—agora a única via pública deles—e eles não a entupiriam enquanto pudessem fazer seus negócios do lado de fora.

Eu enfiei a lona no cano. Era dura e grossa, e no fim eu tive que usar um cabo de vassoura para enfiá-la por todo o caminho, mas eu consegui.

— Aí está. — eu disse. — Espero que goste. Se engasgue com isso.

Eu voltei e olhei para Aquelois. Ela permaneceu quieta, e me deu um olhar suave por cima dos ombros enquanto eu a afagava. Eu sabia na época e sei agora que ela era apenas uma vaca—os fazendeiros tinham poucas noções românticas sobre o mundo natural, você descobria—mas aquele olhar ainda me traz lágrimas aos olhos, e eu tenho que sufocar um soluço. *Eu sei que você fez seu melhor*, ele dizia. *Eu sei que não é culpa sua*.

Mas era.

Eu achei que ficaria acordado por muito tempo, e quando eu fosse dormir, sonharia com o rato fugindo pelo monte de feno até sua passagem de fuga com aquela teta na boca, mas eu adormeci de uma vez e meu sono foi sem sonhos e restaurador. E acordei pela manhã com a luz da manhã enchendo o quarto e o fedor espesso do cadáver decadente de minha esposa nas mãos, lençóis, e travesseiro. Eu me sentei como um raio, engasgando, mas já atinando que aquele cheiro era uma ilusão. Aquele cheiro foi meu pesadelo. Eu não o tive durante a noite, mas pela primeira e mais sã luz da manhã, e com os olhos abertos.

Eu esperei infecção da mordida do rato, apesar do remédio, mas não houve

nenhuma. Aquelois morreu mais tarde naquele ano, mas não disso. Entretanto, ela nunca mais deu leite, nem uma única gota. Eu deveria ter me aproveitado de sua carne, mas não tive coração para fazê-lo. Ela havia sofrido demais por minha causa.

No dia seguinte, eu dei a Henry uma lista de suprimentos e disse a ela para levar o caminhão até Home e pegá-los. Um grande sorriso deslumbrado brotou em seu rosto.

— O caminhão? *Eu*? Sozinho?

— Você ainda conhece todas as marchas da frente? E ainda pode encontrar a ré?

— Puxa, com certeza!

— Então acho que você está pronto. Talvez ainda não para ir até Omaha—ou mesmo Lincoln—mas se você for devagar, você chegará muito bem em Hemingford Home.

— Obrigado! — ele jogou os braços ao meu redor e beijou minha bochecha. Por um momento pareceu que éramos amigos novamente. Eu mesmo me deixei acreditar nisso um pouco, embora meu coração soubesse da verdade. A evidência poderia estar enterrada, mas a verdade estava entre nós, e sempre estaria.

Eu lhe dei uma carteira de couro com dinheiro dentro.

— Era de seu avô. E ela será sua também; eu iria lhe dar em seu aniversário neste outono, de qualquer forma. Tem dinheiro dentro. Você pode ficar com o que sobrar, se sobrar. — eu quase adicionei, *E não me traga nenhum cachorro abandonado*, mas parei bem a tempo. Esse havia sido um ditado de sua mãe.

Ele tentou me agradecer novamente, e não pôde. Era demais para ele.

— Pare na oficina de Lars Olsen pelo caminho e abasteça. Lembre-se disso, ou acabará voltando a pé, ao invés de atrás de um volante quando vier para casa.

— Eu não esquecerei. E Papai?

— Sim.

Ele trocou os pés e me olhou timidamente.

— Posso parar na casa dos Cotteries e pedir a Shan para vir?

— Não. — eu disse, e seu rosto cedeu, antes que eu pudesse adicionar: Pergunte a Sallie e Harlan se Shan pode vir. E certifique-se de dizer a eles que você nunca dirigiu na cidade antes. Estou encaixando você à sua honra, Filho.

Como se qualquer um de nós ainda tivesse alguma sobrando.

Observei no portão até nosso velho caminhão desaparecer dentro de uma bola

de sua própria poeira. Havia um inchaço em minha garganta que eu não conseguia engolir.

Eu tive uma premonição estúpida, porém muito forte, de que eu nunca mais o veria de novo. Eu suponho que é algo que a maioria dos pais sentem da primeira vez que vêem suas crianças irem para longe sozinhas, e encaram o fato de que se uma criança está velha o bastante para ser mandada para cumprir uma tarefa sem nenhuma supervisão, ele não é mais uma criança. Mas eu não podia passar muito tempo chafurdando em meus sentimentos; eu tinha uma coisa importante para fazer, e eu mandei Henry para longe para poder fazê-la sozinho. Ele veria o que havia acontecido à vaca, é claro, e provavelmente adivinharia o que havia feito isso, mas eu achei que podia fazer os fatos ficarem um pouco mais leves.

Primeiro, eu chequei Aquelois, que parecia apática, mas bem. Então chequei o cano. Ainda estava fechado, mas eu não tinha ilusões; poderia levar tempo, mas eventualmente os ratos roeriam a lona. Eu tinha que fazer melhor. Eu peguei um saco de cimento Portland e o levei até o poço, e misturei dentro de um velho balde. De volta ao celeiro, enquanto eu esperava que ficasse mais denso, eu empurrei o pedaço de lona mais fundo dentro do cano. Eu alcancei ao menos sessenta centímetros, e estes últimos sessenta centímetros eu entupi de cimento. Quando Henry voltou (e de bom humor; ele havia de fato levado Shannon, e havia dividido um refresco gelado comprado com o troco das compras), já havia endurecido. Eu suponho que alguns dos ratos haviam saído para se alimentar, mas não tinha dúvidas de que havia prendido a maioria deles— incluindo aquele que atacou a pobre Aquelois—lá dentro na escuridão. E lá dentro na escuridão eles morreriam. Senão sufocados, então de fome, assim que seu suprimento inominável houvesse se esgotado.

Ao menos foi o que eu pensei na hora.

Durante os anos entre 1916 e 1922, mesmo os fazendeiros burros de Nebraska prosperaram. Harlan Cotterie, longe de ser burro, prosperou mais do que a maioria. Sua fazenda mostrava isto. Ele adicionou um celeiro e um silo em 1919, e em 1920 ele colocou um poço profundo que bombeava uma inacreditável soma de seis galões por minuto. Um ano mais tarde, ele adicionou um encanamento interno (embora ele sensivelmente tenha mantido o banheiro do quintal). Então, três vezes na semana, ele e suas mulheres podiam desfrutar do que era um luxo inacreditável naquele lugar tão longe no país: banhos quentes, e água de chuveiro, não fornecida por baldes de água aquecida no forno da cozinha, mas de canos que primeiro traziam a água do poço, e então a carregavam por todo o caminho até a fossa. Foram os banhos que revelaram o segredo que Shannon Cotterie estivera guardando, embora eu suponha que eu já soubesse, desde o dia

em que ela havia me dito, *Ele se meteu comigo, mesmo*—falando numa voz monótona e sem brilho que não era de seu feitio, e olhando não para mim, mas para a silhueta da máquina de ceifar de seu pai e para os catadores marchando atrás dele.

Isso aconteceu no fim de Setembro, com o milho todo colhido para o ano, mas muita colheita para ser feita ainda. Numa manhã de Sábado, enquanto Shannon aproveitava seu banho, sua mãe veio pelo corredor com uma cesta de roupas que ela havia tirado do varal mais cedo, porque parecia que ia chover. Shannon provavelmente pensou que havia fechado a porta do banheiro completamente—a maioria das moças é reservada no banheiro, e Shannon Cotterie não tinha razão especial para se sentir assim enquanto o verão de 1922 dava lugar ao outono—mas talvez ela tenha se soltado do trinco e se aberto parcialmente. Aconteceu que sua mãe acabou olhando, e embora a velha camada que servia de cortina foi completamente puxada no ferro superior em forma de U, a água a havia feito ficar translúcida. Não havia necessidade de Sallie tirar a cortina; ela viu a *forma* da garota, daquela vez sem o vestido volumoso ao estilo religioso para escondê-la. Foi tudo o que precisou. A garota estava com cinco meses, ou próxima disso; ela provavelmente não poderia ter guardado seu segredo por muito mais tempo, de qualquer forma.

Dois dias depois, Henry voltou da escola (ele agora ia de caminhão) parecendo assustado e culpado.

— Shan não vai lá há dois dias. — ele disse. — Então eu parei na casa dos Cotteries para perguntar se ela estava bem. Eu achei que ela poderia ter pegado a gripe espanhola. Eles não me deixaram entrar. A Sra. Cotterie apenas me disse para sair, e disse que seu marido viria vir para falar com você, hoje à noite, depois de terminar suas tarefas. Eu perguntei se poderia fazer alguma coisa, e ela disse “você já fez o bastante, Henry”,

Então eu me lembrei do que Shan havia dito. Henry colocou o rosto em suas mãos, e disse:

— Ela está grávida, Papai, e eles descobriram. Eu sei que sim. Nós queremos nos casar, mas eu receio que eles não vão nos deixar.

— Não importa o que eles dirão. — eu disse. — *Eu* não vou deixar.

Ele me olhou com olhos encharcados e feridos.

— Por que não?

Eu pensei : *você viu o que aconteceu com sua mãe e eu, e ainda pergunta?* Mas o que eu disse foi: Ela tem 15 anos, e você sequer terá essa idade até daqui a duas

semanas.

— Mas nós dois nos amamos!

Oh, aquele choro irritante. Aquele grito de maricas. Minhas mãos se fecharam nas pernas do meu avental, e eu tive que forçá-las a se abrirem e se acalmarem. Ficar furioso não serviria a nenhum propósito. Um menino precisava de sua mãe para discutir coisas como esta, mas a dele estava sentada no fundo de um poço fechado, sem dúvida ocupada com uma comitiva de ratos mortos.

— Eu sei que sim, Henry—

— *Hank*! E outras pessoas se casam jovens assim!

Uma vez sim; não muito depois de o século começar e as fronteiras serem fechadas. Mas eu não disse isto. O que eu disse foi que eu não tinha dinheiro para lhes dar um começo. Talvez em 25, se a colheita e os preços permanecessem bons, mas agora não havia nada. E com um bebê à caminho— — *Haveria* o bastante! — ele disse. — Se você não tivesse implicado tanto sobre aqueles cem acres, haveria *muito*! *Ela* me daria um pouco dele! E *ela* não teria falado desse jeito comigo!

No começo eu estava chocado para dizer qualquer coisa. Havia se passado seis meses ou mais desde que o nome de Arlette—ou mesmo o vago codinome *ela*—havia sido dito entre nós.

Ele me olhava desafiadoramente. E então, lá longe, no fim de nossa estrada, eu vi Harlan Cotterie a caminho. Eu sempre o considerei meu amigo, mas uma filha que aparece grávida tem um modo de mudar tais coisas.

— Não, ela não teria falado com você deste jeito. — eu concordei, e me obriguei a olhar para ele direto nos olhos. — Ela teria falado com você de jeito pior. E teria rido, queira ou não. Se você procurar em seu coração, Filho, você saberá.

— Não!

— Sua mãe dizia que Shannon tinha uma reputação duvidosa, e então disse para você manter seu amiguinho dentro das calças. Foi o último conselho dela, e embora tenha sido tão cruel e ofensivo quanto o resto do que ela disse, você deveria tê-lo seguido.

A fúria de Henry entrou em colapso.

— Foi apenas depois daquela... daquela noite... que nós... Shan não queria, mas eu a convenci. E assim que começamos, ela gostou tanto quanto eu. Assim que começamos, ela pediu que eu continuasse. — ele disse com um estranho orgulho, meio doentio, então balançou a cabeça cansadamente. — Agora aqueles cem acres apenas ficarão ali brotando verde, e eu estou encrencado. Se Mamãe

estivesse aqui, ela me ajudaria a consertar isso. O dinheiro conserta qualquer coisa, é isso o que *ele* diz. — Henry assentiu na direção da bola de poeira que se aproximava.

— Se você não se lembra como sua mãe era pão dura com dinheiro, então você convenientemente esquece as coisas depressa demais. — eu disse. — E se você se esqueceu de como ela te bateu na boca daquela vez— —Não esqueci. — Ele disse irritado. Então, ainda mais irritado: — Achei que você me ajudaria.

— Eu vou tentar. Agora mesmo eu quero que você suma. Estar aqui quando o pai de Shannon aparecer seria como balançar um pano vermelho na frente de um touro.

Deixe-me ver onde estamos—e como ele está—e eu te chamo na varanda. — eu peguei seu pulso. — Eu vou fazer meu melhor por você, Filho.

Ele puxou o pulso de meu alcance.

— É melhor mesmo.

Ele entrou na casa, e logo antes de Harlan encostar seu carro novo (um Nash tão verde e brilhante sob sua capa de poeira, quanto as costas de uma borboleta), eu ouvi a porta dianteira bater de volta.

O Nash explodiu, estourou, e então morreu. Harlan saiu, tirou seu casaco, o embrulhou, e o depositou no assento. Ele estava usando o casaco porque ele estava vestido para ocasião: camisa branca, gravata borboleta, boas calças de Domingo, seguras por um cinto de fivela de prata. Ele o puxou, arrumando as calças na altura que queria, bem abaixo de sua pequena barriga. Ele sempre foi bom para mim, e eu sempre nos considereei não apenas amigos, mas bons amigos, ainda assim, naquele momento, eu o odiei. Não porque ele veio me colocar contra a parede por causa de meu filho; Deus sabe que eu teria feito o mesmo, se nossas posições fossem invertidas. Não, era no Nash verde novinho em folha. Era a fivela de prata feita em forma de golfinho. Era o novo silo, pintado de vermelho berrante, e o encanamento interno. Mas mais por causa da esposa feiosa e submissa que ele havia deixado em sua fazenda, que sem dúvida fazia o jantar a despeito de sua preocupação. A esposa, cuja doce resposta para qualquer tipo de problema seria, *o que quer que você ache, é o melhor, querido*. Mulheres, tomem nota: uma esposa como essa nunca precisaria temer que seu último resquício de vida fosse expelido através de uma garganta cortada.

Ele caminhou pelos degraus da varanda. Eu me levantei e lancei minha mão, esperando para ver se ele apertaria ou ignoraria. Houve hesitação enquanto ele pensou nos prós e contras, mas no fim ele deu um breve aperto antes de soltar.

— Temos um considerável problema aqui, Wilf. — ele disse.

— Eu sei. Henry acabou de me dizer. Antes tarde do que nunca.

— Antes tarde do que nunca. — ele disse severamente.

— Quer se sentar?

Ele pensou nisso também, antes de tomar o lugar na cadeira de balanço que sempre fora de Arlette. Eu sabia que ele não queria sentar—um homem que está furioso e chateado não se sente bem em sentar—mas ele o fez, mesmo assim.

— Gostaria de um chá gelado? Não há mais limonada. Arlette era a especialista em limonada, mas— Ele me fez parar com uma mão rechonchuda. Rechonchuda mas forte. Harlan era um dos fazendeiros mais ricos no Condado de Hemingford, mas ele não era um chefe mimado; quando o assunto era tirar feno ou fazer a colheita, ele já estaria lá com a ajuda contratada.

— Eu quero voltar antes do pôr-do-sol. Eu não vejo merda alguma com aquelas lamparinas. Minha mulher já está com o pão no forno, e eu acho que você sabe quem faz a comida.

— Ajudaria dizer que eu sinto muito?

— Não. — seus lábios estavam pressionados juntos, e eu podia ver o sangue quente pulsando em ambos os lados de seu pescoço. — Estou mais furioso do que uma vespa, e o que piora é o fato de que eu não tenho de quem *estar* furioso. Não posso ficar furioso com as crianças porque são apenas crianças, embora se ela não estivesse carregando uma criança, eu viraria Shannon por cima do meu joelho, e bateria nela por não se cuidar quando ela *sabia* dos riscos. Ela foi criada da melhor maneira, e levada a melhor igreja também.

Eu quis perguntar se ele estava dizendo que Henry fora criado erroneamente. Eu mantive minha boca fechada, ao invés disso, e o deixei falar as coisas que ele estivera cozinhando em seu caminho para cá. Ele havia pensado num discurso, e uma vez que o tivesse feito, ele poderia ser mais fácil de lidar.

— Eu gostaria de culpar Sallie por não ver a condição da menina antes, mas as iniciantes sempre se escondem, todo mundo sabe disso... e, meu Deus, você conhece o tipo de vestido que Shan usa. Isso não é coisa nova, tampouco. Ela tem usado aqueles vestidos de velhas desde os 12 anos, e estava começando a ter...

Ele sustentou as mãos rechonchudas na frente do peito. Eu assenti.

— E eu gostaria de culpar a *você*, porque parece que você pulou a conversa que pais normalmente têm com os filhos.

Como se você qualquer coisa sobre criar filhos, eu pensei.

— Aquela sobre como ele tem uma pistola dentro das calças e de como ele

deveria ativar a trava de segurança. — um soluço ficou preso em sua garganta, e ele choramingou. — Minha... pequena... *menina*... é jovem demais para ser mãe!

É claro que havia uma parcela de minha culpa que Harlan não conhecia. Se eu não houvesse colocado Henry numa situação onde ele estivera desesperado pelo amor de uma mulher, Shannon poderia não estar nesta situação. Eu também poderia ter perguntado se Harlan talvez houvesse poupado alguma culpa para si mesmo, enquanto estivera ocupado dividindo-a entre os outros. Mas eu permaneci quieto. A quietude nunca veio naturalmente para mim, mas viver com Arlette me rendeu um bocado de prática.

— Só que não posso culpá-lo, tampouco, porque sua mulher fugiu na primavera, e é natural que sua atenção poderia sofrer um lapso em uma época como essa. Então eu voltei e cortei quase a metade de uma árvore antes de vir para cá, tentando arrancar parte dessa raiva, e deve ter funcionado. Eu apertei sua mão, não foi?

A auto-congratulação que eu ouvi em sua voz quase me fez dizer, *A não ser que seja estupro, eu acho que é necessário dois para dançar um tango*. Mas eu apenas disse:

— Sim, você apertou. — e deixei por isso mesmo.

— Bem, isso nos traz ao que você vai fazer sobre isso. Você e seu garoto que sentou na minha mesa e comeu a comida que minha esposa cozinhou para ele.

Algum diabo—a criatura que adentra uma pessoa, eu suponho, quando o Homem Conivente se vai—me fez dizer:

— Henry quer se casar com ela e dar ao bebê um nome; — Isso é tão estupidamente ridículo que eu nem quero ouvir. Eu não direi que Henry não tem uma privada para mijar, ou uma janela para se cuspir—sei que você fez tudo certo, Wilf, ou o mais certo que pode, mas é o melhor que posso dizer. Estes têm sido anos gordos, e você ainda está apenas a um passo à frente do banco. Para onde você irá quando os anos ficarem difíceis novamente? E eles sempre ficam. Se você tivesse o dinheiro daqueles cem lá de trás, então poderia ser diferente—o dinheiro amortece os tempos difíceis, todo mundo sabe disso—mas com Arlette sumida, eles ficam lá, como uma velha constipada em um penico.

Por um momento, parte de mim tentou imaginar como as coisas seriam se eu tivesse dado a Arlette aquela merda de terra como eu havia feito com tantas outras coisas. *Eu estaria vivendo num esgoto, é assim que teria sido. Eu teria que filtrar aquele manancial para as vacas, porque vacas não bebem de um riacho cheio de sangue e tripas de porco flutuantes.*

Verdade. Mas eu estaria vivendo, ao invés de apenas existindo, Arlette estaria vivendo comigo, e Henry não seria o menino difícil, irritado, e angustiado em que havia se transformado. O garoto que havia metido seu amiguinho, de desde a infância, em um monte de problemas.

— Bem, o que você quer fazer? — eu perguntei. — Eu duvido que você tenha feito esta viagem sem nada na mente.

Ele pareceu não ter me escutado. Ele estava olhando através dos campos para onde seu novo silo aparecia no horizonte. Seu rosto estava pesado e triste, mas eu cheguei longe demais e escrevi demais para mentir; aquela expressão não me comoveu muito. 1922 havia sido o pior ano de minha vida, aquele onde eu havia me transformado em um homem que eu não mais conhecia, e Harlan Cotterie era apenas mais uma poça em um trecho pedregoso e miserável de estrada.

— Ela é brilhante. — Harlan disse. — A Sra. McReady da escola diz que Shan é a estudante mais brilhante que ela já ensinou em toda sua carreira, e isso toma quase 40

anos. Ela é boa em Inglês, e é ainda melhor em matemática, o que a Sra. McReady diz ser raro em garota. Ela sabe fazer *trisgonhomestria*, Wilf. Sabia disso? A própria Sra.

McReady não sabe fazer *trisgonhomestria*.

Não, eu não sabia, mas eu sabia como dizer a palavra da maneira certa. Eu senti, entretanto, que esta poderia não ser a hora certa de corrigir o pronunciamento de meu vizinho.

— Sallie queria mandá-la para uma escola normal em Omaha. Eles acolhem garotas e garotos desde 1918, embora nenhuma menina tenha se formado até hoje. — ele me deu um olhar que era difícil de engolir: nojo misturado com hostilidade. — As meninas sempre querem se *casar*, entende. E ter *bebês*. Junte-se à Estrela do Oriente¹⁶, e varra o maldito *chão*.

Ele suspirou.

— Shan poderia ser a primeira. Ela tem a habilidade e ela tem o cérebro. Você sabe disso, não sabe?

Não, na verdade eu não sabia. Eu simplesmente fiz uma suposição—uma de tantas que agora eu sei que estavam erradas—de que ela era a típica esposa de fazendeiro, e nada mais.

— Ela pode até vir a ensinar na faculdade. Nós planejamos mandá-la para aquela escola assim que ela completar 17.

Sallie planejou, é isso o que você quer dizer, eu pensei. *Se fosse só com você*,

tal idéia maluca nunca teria passado por sua cabeça de fazendeiro.

— Shan queria, e o dinheiro foi separado. Estava tudo arranjado. — ele se virou para me olhar, e eu ouvi os tendões em seu pescoço rangerem. — Ainda está arranjado.

Mas primeiro—quase imediatamente—ela vai para o Lar Católico de Santa Eusebia para Garotas em Omaha. Ela ainda não sabe, mas vai acontecer. Sallie falou em mandá-la para Deland—a irmã de Sal vive lá—ou para minha tia e tio em Lyme Biska, mas eu não confio em nenhuma destas pessoas para continuar o que nós decidimos. E tampouco uma menina que causa este tipo de problema merece ficar com pessoas que ela conhece e ama.

— O que você decidiu então, Harl? Além de mandar sua filha para algum tipo de... eu não sei... orfanato?

Ele se arrepiou.

— Não é um orfanato. É limpo, saudável, e um lugar ocupado. Assim me disseram. Eu tenho estado de olho, e todos os relatórios que eu recebo são bons. Ela terá tarefas, ela terá educação, e quatro meses depois ela terá seu bebê. Quando isso acontecer, a criança será dada para adoção. As irmãs do Santa Eusebia vão cuidar disso. Então ela poderá voltar para casa, e um ano e meio depois ela poderá ir para a faculdade de professores, bem como Sallie quer. E eu, é claro. Sallie e eu.

— E qual é minha parte nisto? Eu imagino que eu tenha uma.

— Está dando uma de espertinho pra cima de mim, Wilf? Eu ouvi que você teve um ano difícil, mas ainda assim não vou tolerar você dando uma de espertinho pra cima de mim.

— Não estou dando uma de espertinho pra cima de você, mas você precisa dizer que não é o único que está furioso e envergonhado. Apenas me diga o que você quer, e talvez possamos continuar a sermos amigos.

Um sorrisinho singularmente frio que ele deu a isso—apenas uma contração dos lábios e uma momentânea aparição das covinhas nos cantos da boca—disse muito sobre o pouco de esperança que ele tinha quanto a isso.

— Eu sei que você não é rico, mas ainda assim você precisa se apresentar e tomar sua parte da responsabilidade. O tempo dela em casa—as irmãs chamam isso de tratamento pré-natal—vai me custar 300 dólares. A Irmã Camilla chamou isso de doação quando eu falei com ela pelo telefone, mas eu conheço um honorário quando escuto um.

— Se vai me pedir para dividir com você...

— Eu sei que você não dispõe de 150 dólares, mas é melhor pode me pagar 75,

porque é isso o que a tutora vai custar. Aquela que vai ajudá-la a continuar as aulas.

— Não posso fazer isso, Arlette me limpou quando fugiu. — mas pela primeira vez eu me peguei pensando se ela teria dado alguma coisa de qualquer forma. Aquilo sobre os 200 que ela havia levado quando fugiu havia sido pura mentira, mas mesmo migalhas poderiam me ajudar nesta situação. Eu fiz uma nota mental para checar os armários e latas na cozinha.

— Peça outro empréstimo pequeno no banco. — ele disse. — Você quitou seu último, eu ouvi dizer.

É claro que ele havia. Tais coisas deveriam ser particulares, mas homens como Harlan Cotterie tem ouvidos longos. Eu senti uma onda fresca de desprezo por ele. Ele havia me emprestado a máquina de ceifar, e só havia custado 20 dólares para usá-la? E daí? Ele estava pedindo por isso e mais, como se a filha dele nunca houvesse aberto as pernas e dito *entre e pinte as paredes*.

— Eu tinha o dinheiro da colheita para quitá-lo. — eu disse. — Agora não tenho mais. Eu tenho minhas terras e minha casa, e isso é tudo.

— Arranje um jeito. — ele disse. — Hipoteque a casa, se for preciso. 75 dólares é sua parte, e comparando a o fato de ter seu filho trocando fraldas aos 15 anos, eu acho que você ainda está pagando pouco.

Ele levantou. E eu também.

— E se eu não arranjar um jeito? O quê então, Harl? Vai mandar o Xerife?

Seus lábios se contraíram em uma expressão de desdém que transformou meu desprezo por ele em ódio. Aconteceu em um instante, e eu ainda sinto esse ódio hoje, quando tantos outros sentimentos foram queimados de meu coração.

— Eu nunca iria à Justiça por causa de uma coisa destas. Mas se você não tomar sua parte da responsabilidade, eu e você estamos feitos. Ele semicerrou os olhos na luz do dia. — Eu já vou. Tenho que ir, se quero voltar antes do escurecer. Eu não vou precisar dos 75 por umas duas semanas, então você tem esse prazo. E eu não vou vir cobrar de você. Se você não pagar, você não paga. Apenas não diga que não pode, porque eu sei melhor. Você deveria ter deixado que ela vendesse os acres para Farrington, Wilf. Se tivesse feito isso, ela ainda estaria aqui, e você teria algum dinheiro na mão. E minha filha não estaria grávida.

Na minha cabeça, eu o soquei para fora da varanda e pulei com força em sua barriga com os dois pés, enquanto ele tentava se levantar. Então eu peguei minha foice de mão e a enterrei em um de seus olhos. Na realidade, eu permaneci com uma mão no corrimão e o vi descer os degraus.

— Você quer falar com Henry? — eu perguntei. — Eu posso chamá-lo. Ele se

sente tão mal sobre isso quanto eu.

Harlan não parou de andar.

— Ela estava limpa e seu garoto a sujou. Se você chamá-lo aqui, eu vou acertá-lo. Eu não vou conseguir me conter.

Eu pensei sobre isso. Henry estava crescendo, ele era forte, e talvez o mais importante de tudo, ele sabia o que era assassinato. Harl Cotterie não sabia.

Ele não precisava usar a manivela no Nash, só precisava apertar um botão. Ser próspero era bom em todo tipo de jeito.

— 75 é o que eu preciso para fechar este negócio. — ele disse por cima do barulho do motor. Então ele virou ao redor do bloco de cortar lenha, mandando George em seu vôo de rotina, e voltou para sua fazenda com seu grande gerador e encanamento interno.

Quando eu me virei, Henry estava ao meu lado, parecendo pálido e furioso.

— Eles não podem mandá-la para longe assim.

Então ele estivera ouvindo. Não posso dizer que fiquei surpreso.

— Podem e vão. — eu disse. — E se você tentar alguma coisa estúpida e teimosa, só vai piorar as coisas.

— Poderíamos fugir. Não seríamos pegos. Se conseguirmos escapar com... com o que fizemos... então acho que posso escapar dessa, fugindo para o Colorado com minha garota.

— Você não poderia. — eu disse. — Porque você não tem dinheiro. Dinheiro conserta tudo, ele diz. Bem, é isto o que eu digo: *Nenhum* dinheiro *estraga* tudo. Eu sei, e Shannon saberá também. Ela tem um bebê para cuidar por ora— — Não se eles fizerem com que ela o entregue!

— Isso não muda os sentimentos de uma mulher quando ela tem uma criança na barriga. Uma criança as fazem mais sábias de maneiras que homens não entendem. Eu não perdi qualquer respeito por você ou por ela só porque ela vai ter um bebê—você não são os primeiros, e não serão os últimos, mesmo que o Sr. Todo-poderoso tenha a idéia de que ela só usaria o que tem entre as pernas na privada. Mas se você pedisse para uma garota grávida de cinco meses para fugir com você... e ela concordasse... eu perderia o respeito pelos dois.

— Do que você entende? — ele perguntou com infinito desdém. — Você nem mesmo pôde cortar uma garganta sem fazer uma bagunça.

Eu fiquei sem palavras. Ele viu isso, e me deixou assim.

Ele foi para a escola no dia seguinte sem qualquer argumento, mesmo que sua paixão não estivesse mais lá. Provavelmente porque eu o deixei levar o caminhão. Um garoto dá qualquer desculpa para dirigir um caminhão quando dirigir é uma coisa nova.

Mas é claro que o novo se desgasta. O novo desgasta tudo, e normalmente não demora.

O que há por trás é cinza e velho, em sua maioria. Como um esconderijo de rato.

Assim que ele se foi, eu fui até a cozinha. Eu tirei o açúcar, farinha, e sal de suas latas finas e espiei dentro delas. Não havia nada. Fui até o quarto e procurei em suas roupas. Não havia nada. Eu olhei dentro de seus sapatos e não havia nada. Mas a cada vez que eu não achava nada, eu ficava cada vez mais certo de que havia *algo*.

Eu tinha tarefas no jardim, mas ao invés de fazê-las, eu voltei ao celeiro e fui até onde estava o velho poço. Plantas cresciam próximas a ele agora: matinho e vara de ouro irregular. Elpis estava lá em baixo, e Arlette também. Arlette com seu rosto torto para o lado. Arlette com seu sorriso de palhaço. Arlette com sua *fita*.

— Onde está, sua puta teimosa? — eu perguntei. — Onde você escondeu?

Eu tentei esvaziar minha mente, o que era o que meu pai havia me aconselhado a fazer quando eu esquecia onde estava uma ferramenta ou um de meus preciosos livros.

Depois de um tempo, eu voltei para a casa, voltei ao quarto, e voltei ao armário. Havia duas caixas de chapéus na prateleira do topo. No primeiro não havia nada, exceto um chapéu—um branco que ela usava na igreja (quando ela ia, o que acontecia uma vez no mês). O chapéu na outra caixa era vermelho, e eu nunca a havia visto usar. Pareceu um chapéu de prostitua para mim. Escondido em na faixa de cetim interior, dobrado em pequenos quadrados não maiores do que pílulas, estavam duas notas de 20 dólares. Eu lhe digo agora, sentado aqui, neste quarto de hotel barato, e ouvindo os ratos correrem atrás das paredes (sim, meus velhos amigos estão aqui), aquelas duas notas de 20 dólares foram o selo de minha condenação.

Porque não eram o suficiente. Percebe isso, não é? É claro que percebe.

Ninguém precisa ser especialista em *trisgonhomestria* para saber que é necessário adicionar 35 a 40 para fazer 75. Não soa muita coisa, soa? Mas naqueles dias você podia ter dois meses de feira com 35 dólares, ou bons arreios usados na oficina de Lars Olsen.

Você podia comprar um tíquete de trem para Sacramento... o que, às vezes, eu

queria ter feito.

E às vezes, quando eu deito na cama, eu consigo *ver* aquele número. Ele pisca em vermelho, como um aviso para não cruzar uma estrada porque um trem está vindo.

Eu tentei cruzá-la, de qualquer forma, e o trem me atropelou. Se cada um de nós tivesse o Homem Conivente em seu interior, cada um de nós também teria um Lunático. E naquelas noites em que eu não conseguia dormir porque o número piscando não me *deixava*, meu Lunático dizia que era uma conspiração: que Cotterie, Stoppenhauser, e o advogado charlatão dos Farrington estavam juntos nisso. Eu sabia da verdade, é claro (ao menos durante o dia). Cotterie, e o Sr. Advogado Lester podem ter falado com Stoppenhauser mais tarde—depois do que eu fiz o que eu fiz—mas com certeza eram inocentes, para começar; Stoppenhauser na verdade estava tentando me ajudar... e fazer um pequeno negócio para o Home Bank & Trust, é claro. Mas quando Harlan ou Lester—ou ambos juntos—viram a oportunidade, eles a pegaram. O Homem Conivente se viu contra uma conivência: o que acha disso? Na época, eu mal me importei, porque na época eu havia perdido meu filho, mas sabe quem eu realmente culpo?

Arlette.

Sim.

Porque foi ela que deixou aquelas duas notas dentro de seu chapéu vermelho de prostituta para que eu achasse. E você percebe o quão diabolicamente esperta ela foi?

Porque não foram os 40 que me executaram; foi o dinheiro entre esse e o que Cotterie me pedira para a tutora de sua filha grávida; o que ele queria para que ela pudesse estudar latim e continuar com a *trisgonhomestria*.

35, 35, 35.

Eu pensei sobre o dinheiro que ele queria para a tutora pelo resto da semana, e no fim dela também. Às vezes eu tirava aquelas duas notas—eu as havia desdobrado, mas as dobras permaneciam— e as estudei. Na noite de Sábado eu tomei minha decisão.

Eu disse a Henry que ele teria que levar o Modelo T para a escola na segunda. Eu tinha que ir para Hemingford Home e ver o Sr. Stoppenhauser no banco para falar de um pequeno empréstimo. Um pequenininho. Apenas 35 dólares.

— Para que? — Henry estava sentado na janela olhando melancólico para os campos escuros do oeste.

Eu lhe disse. Eu pensei que ele começaria outra discussão sobre Shannon, e de

certo modo, eu queria isso. Ele não disse nada sobre ela a semana toda, embora eu soubesse que Shan se fora. Mert Donovan me disse isso quando ele veio pegar um pacote de sementes de milho.

— Se foi para alguma escola chique de Omaha. — ele disse. — Bem, mais poder para ela, é o que eu acho. Se elas vão votar, é melhor aprenderem. Embora... — ele completou depois de um momento cogitando. — ...a minha faça o que eu mando. É melhor que faça mesmo, se ela sabe o que é bom pra ela.

Se eu sabia que ela havia ido embora, Henry também sabia, e provavelmente soube antes de mim—crianças de escola são fofoqueira entusiásticas. Mas ele não disse nada. Eu suponho que eu estava tentando dar a ele uma razão para soltar a mágoa e a recriminação. Não seria prazerosa, mas no fim das contas, poderia ser benéfico. Não deveria ser permitido nem mesmo a um machucado em na testa, ou no cérebro atrás da testa, apodrecer. Se apodrecessem, a infecção possivelmente se espalhará.

Ele apenas grunhiu com a notícia. Então eu decidi cutucá-lo com mais força.

— Você e eu vamos dividir o pagamento. — eu disse. — Provavelmente não chegará a 38 dólares, se quitarmos o empréstimo pelo Natal. Dá 19 para cada um. Vou tirar sua parte do dinheiro de seu trabalho.

Com certeza, eu pensei, isso resultaria num rio de fúria... mas apenas trouxe um outro grunhido ranzinza. Ele nem mesmo discutiu sobre ter que levar o Modelo T para a escolha, embora ele tenha dito que as outras crianças caçoavam disso, chamando-o de “Hank Bunda-Dura”.

— Filho?

— O que é?

— Você está bem?

Ele se virou para mim e sorriu— seus lábios se moveram, finalmente.

— Estou bem. Boa sorte para você amanhã no banco, Papai. Eu vou para cama.

Enquanto ele se levantava eu disse:

— Pode me dar um beijo?

Ele beijou minha bochecha. Aquele foi o último.

Ele levou o T para a escola e eu dirigi o caminhão para Hemingford Home, onde o Sr. Stoppenhauser me levou ao seu escritório depois de uma espera de cinco minutos.

Eu expliquei do que eu precisava, mas recusei a dizer para quê eu precisava, apenas dizendo que era por razões pessoais. Eu pensei que por uma quantia tão fútil eu não precisava ser mais específico, e eu estava certo. Mas quando

terminamos, ele fechou as mãos sobre o registro em sua mesa, e me deu um olhar de uma severidade quase paternal. No canto, o relógio do registro bateu pequenos pedaços de tempo. Na rua— consideravelmente alta—veio o barulho de um motor. Ele parou, então houve silêncio, e então outro motor foi ligado. Era meu filho, primeiro chegando em seu Modelo T, e então roubando meu caminhão? Não houve jeito de eu saber com certeza, mas eu acho que havia.

— Wilf. — Sr. Stoppenhauser disse. — Você teve pouco tempo para superar a partida de sua esposa, do modo como ela fugiu—perdoe-me por trazer um assunto doloroso, mas parece pertinente, e, além disso, o escritório de um banqueiro é um pouco como um confessionário de igreja—então eu vou falar como você como um tio holandês. O que cai bem, há que é de lá que minha mãe e meu pai vieram.

Eu já havia escutado essa—como havia, eu imagino, a maioria dos visitantes daquele escritório—e eu lhe dei um sorriso obrigatório que servia para acentuar.

— O Home Bank & Trust lhe emprestará os 35 dólares? Pode apostar. Estou tentando a colocar isso na base de homem para homem, e fazer o negócio com minha própria carteira, só que eu nunca carrego mais do que é necessário para pagar meu almoço no Splendid Diner, e uma engraxada nos sapatos no barbeiro. Dinheiro demais é uma tentação constante, mesmo para um velho astuto como eu, e, além disso, negócio é negócio. *Mas!* — ele levantou o dedo. — Você não *precisa* de 35 dólares.

— É triste dizer, mas preciso. — eu imaginei se ele sabia o porquê. Ele poderia saber; ele de fato era um velho astuto. Mas Harl Cotterie também era, e Harl foi também um velho astuto envergonhado naquele outono.

— Não; você não precisa. Você precisa de 750, é disso que precisa, e você poderia tê-lo hoje. Deposite-o, ou ande com ele em seu bolso, dá no mesmo para mim.

Você pagou a hipoteca da sua casa há 3 anos. Está livre e limpa. Então não há absolutamente nenhuma razão pela qual você não deveria virar e fazer outra hipoteca. É

feito o tempo todo, meu garoto, e pelas melhores pessoas. Você ficaria surpreso com alguns dos papéis que nós carregamos. Todas as melhores pessoas. Sim, senhor.

— Agradeço a gentileza, Sr. Stoppenhauser, mas eu acho que não. A hipoteca foi como uma nuvem cinza sobre minha cabeça durante todo o tempo, e— — Wilf, é por *isso* mesmo! — o dedo subiu de novo. Desta vez foi para frente e para trás, como o pêndulo do registro. — É *exatamente* por isso! São as pessoas que tiram a hipoteca e que se sentem como se estivessem andando sob o céu

ensolarado que acabam negligenciando e perdendo sua valiosa propriedade! Pessoas como você, que carregam estes papéis de banco como se fossem um carrinho de mão cheio de pedras em um dia nublado, são as pessoas que sempre quitam a dívida! E você quer me dizer que não há melhorias que você poderia fazer? Um telhado para consertar? Um pouco mais de gado? — ele me lançou um olhar astuto e malandro. — Talvez até encanamento interno, como seu vizinho do outro lado da estrada. Tais coisas pagam por si mesmas, sabe. Você poderia acabar com melhorias que de longe compensam o custo da hipoteca. Valorize o dinheiro, Wilf! Valorize o dinheiro!

Eu pensei sobre isso. Então eu disse:

— Estou muito tentado, senhor. Não vou mentir sobre isso— — Não precisa. Isso é um escritório de banqueiro, um confessionário de igreja— com muita pouca diferença. Os melhores homens neste condado sentaram nesta cadeira, Wilf. Os melhores.

— Mas eu só vim por um empréstimo pequeno—que você gentilmente me deu—e esta nova proposta precisa de uma pequena reflexão. — uma nova idéia me ocorreu, uma que era surpreendentemente agradável. — E eu preciso conversar com meu garoto, Henry—Hank, como ele gosta de ser chamado agora. Ele está chegando numa idade em que precisa ser consultado, porque o que é meu será dele algum dia.

— Entendido, entendido completamente. Mas é a coisa certa a se fazer, acredite. — ele ficou de pé, e deu a mão. Eu dei a minha e a apertei. — Você veio aqui para comprar um peixe, Wilf. Estou lhe oferecendo um pólo. Um negócio muito melhor.

— Obrigado. — e, deixando o banco, eu pensei: *Eu vou conversar com meu filho*. Era um bom pensamento. Um pensamento quente em um coração que havia estado frio por meses.

A mente é uma coisa engraçada, não é? Preocupado como eu estava pela oferta não pedida do Sr. Stoppenhauser de uma hipoteca, eu nunca percebi que o veículo em que eu viera havia sido substituído pelo o que Henry havia levado para escola. Eu não tenho certeza de que teria percebido na hora mesmo se eu estivesse com assuntos mais leves na cabeça. Ambos eram familiares para mim, afinal; ambos eram meus. Eu só percebi quando eu estava me inclinando para pegar a manivela, e vi um pedaço de papel dobrado, seguro por uma pedra, no assento do motorista.

Eu fiquei parado ali por um momento, metade dentro e metade fora do T, uma mão no lado da cabine, a outra abaixo do assento, onde ficava a manivela. Eu suponho que soube a razão de Henry ter deixado a escola e feito esta troca antes

mesmo de puxar sua nota do peso de papel improvisado e a desdobrado. O caminhão era mais confiável em uma viagem longa. Uma viagem para Omaha, por exemplo.

Papai,

Eu peguei o caminhão. Acho que você sabe onde estou indo. Deixe-me em paz.

Eu sei que você pode mandar o Xerife Jones atrás de mim para me trazer de volta, mas se você o fizer, eu vou contar tudo. Você pode achar que eu mudei de idéia só porque eu sou “apenas uma criança”, MAS EU NÃO SOU. Sem Shan, eu não me importo com nada. Eu te amo, Papai, mesmo que eu não saiba o porquê, já que tudo o que fizemos só me trouxe sofrimento.

Seu filho amado,

Henry “Hank” James

Eu dirigi de volta para a fazenda atordoado, eu acho que algumas pessoas acenaram para mim—acho que até mesmo Sallie Cotterie, que estava cuidando da plantação de vegetais dos Cotteries, acenou para mim—e eu provavelmente acenei de volta, mas não me lembro de fazê-lo. Pela primeira vez, desde que o Xerife Jones saiu da fazenda, fazendo suas animadas perguntas sem respostas, e olhando para tudo com seus olhos frios e inquisitivos, a cadeira elétrica me pareceu uma real possibilidade, tão real que eu quase poderia sentir as fivelas em minha pele, enquanto as correias de couro eram apertadas em meus pulsos e acima de meus cotovelos.

Ele seria pego, quer eu mantivesse minha boca calada ou não. Isso pareceu inevitável para mim. Ele não tinha dinheiro, nem mesmo seis mangos para encher o tanque do caminhão, então ele estaria andando antes de chegar a Elkhorn. Se ele conseguisse roubar gasolina, ele seria pego quando se aproximasse do lugar onde ela estava morando agora (Henry achou que ela era uma prisioneira; nunca ocorreu a sua mente inacabada que ela poderia estar lá de boa vontade). Com certeza Harlan havia dado à pessoa no comando—Irmã Camilla—a descrição de Henry. Mesmo que ele não houvesse considerado a possibilidade do cavaleiro enfurecido fazer uma aparição no local onde sua amada senhora estava presa, a Irmã Camilla teria. No seu ramo, ela com certeza já havia lidado com cavaleiros

enfurecidos antes.

Minha única esperança era que, uma vez abordado pelas autoridades, Henry ficasse em silêncio tempo o bastante para perceber que ele não havia sido tapeado por suas próprias tolas noções românticas, ao invés de que pela minha interferência. Esperar que um adolescente crie senso é como fazer uma aposta alta em uma pista de cavalos, mas o que mais eu podia fazer?

Enquanto eu dirigia até a entrada, um pensamento ousado me ocorreu: deixar o T ligado, pegar a bolsa, e fugir para o Colorado. A idéia não viveu por mais do que dois segundos. Eu tinha dinheiro—75 dólares, na verdade—mas o T morreria antes de eu cruzar a fronteira estadual em Julesburg. E isso não era a coisa mais importante; se fosse, eu sempre poderia ter dirigido para o mais longe de Lincoln, e então trocado o T e 60 dos meus dólares por um carro confiável. Não, era o lugar. A casa. *Minha* casa. Eu havia assassinado minha esposa para mantê-la, e eu não iria sair agora porque meu cúmplice tolo e imaturo havia enfiado em sua cabeça uma missão romântica. Se eu deixasse a fazenda, não seria para ir ao Colorado; seria para ir para a prisão estadual. E eu teria que ser levado acorrentado.

Isso foi na segunda-feira. Não houve qualquer notícia na terça, ou quarta. O Xerife Jones não veio me dizer que Henry havia sido capturado pegando carona na pista Lincoln-Omaha, e Harl Cotterie não veio me dizer (com satisfação puritana, sem dúvida) que a polícia de Omaha havia prendido Henry a pedido da Irmã Camilla, e que ele estava no momento sentado no xadrez, contando histórias incríveis sobre facas, poços, e sacos. Tudo estava quieto na fazenda. Eu trabalhei no jardim, colhendo os vegetais, eu emendei a cerca, ordenei as vacas, e alimentei as galinhas—e eu fiz tudo atordoado. Parte de mim, e não era uma parte pequena, tampouco, acreditava que tudo isto era um longo e complexo sonho da qual eu acordaria com Arlette roncando ao meu lado, e o som de Henry cortando madeira para o fogo matinal.

Então, na quinta-feira, a Sra. McReady—a querida e corpulenta viúva que ensinava matérias acadêmicas na Escola de Hemingford—veio em seu próprio Modelo T para me perguntar se Henry estava bem.

— Há um... *problema* intestinal por aí. — ela disse. — Eu me perguntava se ele havia pegado. Ele parou de aparecer subitamente.

— Ele está com um problema, sim. — eu disse. — Mas é um inseto do amor, ao invés de um inseto do estômago. Ele fugiu, Sra. McReady. — lágrimas inesperadas e quentes brotaram em meus olhos. Eu peguei o lenço do meu bolso

e o usei para enxugá-las, mas a maioria já havia percorrido minhas bochechas antes que eu pudesse limpá-las.

Quando minha visão clareou novamente, eu vi que a própria Sra. McReady, que queria o bem para todas as crianças, mesmo as difíceis, estava quase às lágrimas. Ela deve ter sabido o tempo todo de que tipo de inseto Henry estava sofrendo.

— Ele voltará, Sr. James. Não tema. Eu já vi isso antes, e eu espero ver de novo uma ou duas vezes antes de me aposentar, embora isto não esteja tão longe de acontecer quanto antes. — ela abaixou a voz, como se temesse que George, o galo, o uma de suas penosas do harém, pudesse ser um espião. — É com o pai dela que você deve tomar cuidado. Ele é um homem severo e inflexível. Não é um homem mau, mas é severo.

— Eu sei. — eu disse. — E eu suponho que você saiba onde está a filha dele agora.

Ela abaixou os olhos. Era uma resposta satisfatória.

— Obrigado por aparecer, Sra. McReady. Posso lhe pedir para manter isto para si mesma?

— É claro... mas as crianças já estão fofocando.

— Sim. É natural.

— Você tem ficado de olho, Sr. James? — ela olhou para os fios telefônicos. — Eu vejo que não. Não tem problema. Se eu ouvir qualquer coisa, eu virei e te direi.

— Quer dizer se ouvir alguma coisa antes de Harlan Cotterie ou do Xerife Jones.

— Deus vai tomar conta de seu filho. Shannon também. Sabe, eles realmente foram um casal adorável; todos diziam isso. Às vezes a fruta amadurece cedo demais, e uma geada a mata. É uma pena. É muito triste.

Ela apertou minha mão—com a força de um homem—e então se foi em seu carro barato. Eu não acho que ela percebeu isso, no fim, ela havia falado sobre Shannon e meu filho no pretérito.

Na sexta-feira, o Xerife Jones apareceu, dirigindo o carro com a estrela dourada na porta. E ele não estava só. Atrás dele vinha meu caminhão. Meu coração palpitou ao vê-lo, e então afundou novamente quando eu vi quem estava por trás do volante: Lars Olsen.

Eu tentei esperar quieto enquanto Jones seguia seu Ritual de Chegada: ajeitar o cinto, secar a testa (mesmo embora o dia estivesse frio e nublado), puxar o cabelo

para trás. Eu não consegui.

— Ele está bem? Você o achou?

— Não, não posso dizer que achamos. — ele subiu os degraus da varanda. — Uma patrulha ao leste de Lyme Biska encontrou o caminhão, mas não havia sinal do garoto. Poderíamos saber melhor sobre seu estado de saúde se você nos tivesse informado o que havia acontecido. Não é?

— Eu esperava que ele voltasse sozinho. — eu disse lentamente. — Ele se foi para Omaha. Eu não sei o quanto eu preciso te contar, Xerife— Lars Olsen havia vindo discretamente até onde podia ouvir a conversa, todo ouvidos.

— Volte para meu carro, Olsen. — Jones disse. — Esta é uma conversa particular.

Lars, uma alma dócil, saiu sem objetar. Jones se virou de volta para mim. Ele estava bem menos alegre do que em sua visita anterior, e havia dispensado sua personagem atrapalhada também.

— Eu já sei o bastante, não é? Que seu garoto engravidou a filha de Harl Cotterie e provavelmente se escafedeu para Omaha. Ele dirigiu o caminhão da estrada para um campo de grama alta quando percebeu que estava ficando sem gasolina. Isso foi esperto. Ele puxou a esse tipo de esperteza de você? Ou de Arlette?

Eu não disse nada, mas ele havia me dado uma idéia. Uma pequenina, mas que podia ser útil.

— Vou te dizer algo que ele fez pelo qual nós vamos lhe agradecer. — Jones disse. — Pode mantê-lo fora da cadeia também. Ele arrancou toda a grama por debaixo do caminhão antes de seguir seu caminho feliz. Para que o exaustor não causasse um incêndio, sabe. Começar um fogo na pradaria que queimaria alguns milhares de acres, um júri poderia ficar meio arredio, não acha? Mesmo que o criminoso tenha mais ou menos 15 anos?

— Bem, isso não aconteceu, Xerife—ele fez a coisa certa—então por que está falando sobre isso? — eu sabia a resposta, é claro. O Xerife Jones pode não dar a mínima para tipos como Andrew Lester, advogado à serviço da lei, mas ele era bom amigo de Harl. Ambos eram membros da recém-formada Hospedagem Elks, e Harl estava fulo com meu filho.

— Está um pouco arredio, não é? — ele enxugou a testa novamente, então recolocou seu chapéu Stetson. — Bem, eu também poderia estar arredio, se fosse o meu filho. E sabe de uma coisa? Se fosse meu filho, e Harl Cotterie fosse meu vizinho—meu bom vizinho—eu apenas poderia ter descido até lá e dito, “Harl? Sabe de uma coisa? Eu acho que meu filho pode tentar ir atrás de sua filha. Você

quer contar a alguém para que fique de olho nele?”. Mas você tampouco fez isso, não é?

A idéia que ele havia me dado parecia cada vez melhor, e era quase hora de mostrá-la.

— Ele não a encontrou, onde quer que ela esteja, não é?

— Ainda não, não, ele ainda pode estar à procura dela.

— Eu não acho que ele fugiu para ver Shannon. — eu disse.

— Ora, então o quê? Eles têm uma marca de sorvete melhor em Omaha? Porque foi para lá que ele foi, pode apostar sua vida nisso.

— Eu acho que ele foi atrás da mãe. Eu acho que ela pode tê-lo contatado.

Isso o fez parar por uns bons dez segundos, tempo o bastante para uma enxugada na testa, e uma puxada no cabelo. Então ele disse: — Como ela faria isso?

— Uma carta seria meu palpite. — A Merceria de Hemingford Home também era o correio, para onde todas as entregas públicas iam. — Eles devem tê-la entregado para ele quando ele foi lá, comprar doces ou um saco de amendoins, como ele sempre faz quando volta da escola. Eu não sei com certeza, Xerife, tanto menos quanto sei a razão de você ter vindo aqui agindo como se eu tivesse cometido algum tipo de crime. Não fui eu quem a engravidou.

— É melhor parar de falar assim sobre aquela amável menina!

— Talvez sim e talvez não, mas isso foi tão surpresa para mim quanto foi para os Cotteries, e agora o meu garoto sumiu. Ao menos eles sabem onde esta a filha deles.

Uma vez mais ele foi surpreendido. Então ele tirou um caderninho do bolso traseiro, e escreveu algo nele. Ele o colocou de volta no lugar, e perguntou: — Mas você não tem certeza de que sua esposa entrou em contato com seu garoto— é isso o que você está me dizendo? Ou é só um palpite?

— Eu sei que ele falava muito sobre a mãe depois de ela ter sumido, mas então parou. E eu sei que ele não apareceu no lugar onde Harlan e sua esposa enfiaram Shannon. — e com essa eu fiquei tão surpreso quanto o Xerife Jones... mas terrivelmente agradecido. — Some as duas coisas, e o que você tem?

— Eu não sei. — Jones disse, franzinho o cenho. — Eu realmente não sei. Eu achava que sabia da história, mas eu já estive errado antes, não é? Sim, e eu estarei novamente. Estamos todos fadados ao erro, é isso o que o Livro diz. Mas bom Deus, crianças dificultam minha vida. Se você ouvir de seu filho, Wilfred, eu diria a ele para que mantenha sua bunda magra em casa e fique longe de

Shannon Cotterie, se ele souber onde ela está. Ela não vai querer vê-lo, posso garantir isso a você. A boa notícia é que não houve incêndio nas pradarias, e não podemos prendê-lo por roubar o caminhão do pai.

— Não. — eu disse severamente. — Você nunca faria com que eu desse queixa disso.

— *Mas.* — ele levantou o dedo, o que me lembrou o Sr. Stoppenhauser no banco. — Há três dias, em Lyme Biska—não tão longe de onde a patrulha achou seu caminhão—alguém apareceu na mercearia e no posto no fim da cidade. Sabe, aquele com a garota de gorro azul no telhado? Pegou 23 dólares. Eu recebi o relatório enquanto estava sentado na minha mesa. Era um jovem rapaz, vestido com velhas roupas de caubói, com uma bandana amarrada na cara, e um chapéu de vaqueiro enterrado até os olhos. A mãe do proprietário estava atendendo na bancada, e o rapaz a ameaçou com algum tipo de ferramenta. Ela disse que poderia ser um pé-de-cabra ou um longo martelo, mas quem sabe? Ela já está beirando os 80 e é meio cega.

Foi minha vez de ficar calado. Eu estava espantado. Finalmente eu falei.

— Henry abandonou a escola, Xerife, e pelo tanto que consigo me lembrar, ele vestida uma camisa de flanela e calças de cotelê naquele dia. Ele não pegou nenhuma roupa, e de qualquer forma, ele não *tem* qualquer roupa de caubói, se está se referindo à botas e tudo mais. Tampouco ele tem um chapéu de vaqueiro.

— Ele poderia ter roubado essas coisas também, não é?

— Se não sabe de mais coisas além do que você acabou de dizer, é melhor parar.

Eu sei que você é amigo de Harlan...

— Ora, ora, isto não tem nada a ver aquilo.

Tinha, ambos sabíamos disso, mas não havia razão para continuar a descer por esta estrada. Talvez meus 80 acres não fossem páreos para os 400 de Harlan Cotterie, mas eu ainda era um proprietário de terra, e pagava meus impostos, e eu não iria ser intimidado. Era disto que eu estava falando, e o Xerife Jones sacou.

— Meu filho não é ladrão, e ele não ameaça mulheres. Não é assim que ele age, e não foi assim que ele foi criado.

Não até pouco tempo atrás, uma voz interior sussurrou.

— Provavelmente era só um marginal querendo uma grana rápida. — Jones disse. — Mas eu senti como se devesse tocar no assunto, e então eu o fiz. E não sabemos o que as pessoas podem dizer, não é? A conversa vai e vem. Todo mundo conversa, não é? Falar é barato. O assunto foi encerrado pelo que eu sei—deixe que o Xerife do Condado de Lyme se preocupe com o que acontece em

Lyme Biska, é o que eu sempre digo—mas você deveria saber que a polícia de Omaha está de olho no lugar onde Shannon Cotterie está. Apenas no caso de seu filho aparecer, sabe.

Ele puxou seu cabelo para trás, e então recolocou o chapéu pela última vez.

— Talvez ele volte por si mesmo, sem prejuízos, e podemos chamar tudo isso de, eu não sei, inadimplência.

— Ótimo. Só não diga que ele é um mau filho, a não ser que você esteja disposto a chamar Shannon Cotterie de má filha.

O jeito que suas narinas se alargaram sugeriu que ele não gostou muito dessa, mas ele não respondeu. Quando ele falou, foi:

— Se ele voltar e disser que viu a mãe, vai me avisar, não é? Ela está no nosso registro de pessoas desaparecidas. É tolo, eu sei, mas lei é lei.

— Eu farei isso, é claro.

Ele assentiu e foi para o carro. Lars havia sentado atrás do volante. Jones o expulsou do lugar—o xerife era um tipo de homem que sempre dirigia. Eu pensei sobre o jovem que havia assaltado a loja, e tentei dizer a mim mesmo que Henry nunca faria tal coisa, mesmo que fosse obrigado, ele não seria calculista o bastante para colocar roupas que ele havia roubado do celeiro ou fazenda de alguém. Mas Henry estava diferente agora, e assassinos *aprendem* a serem calculistas, não é? É uma habilidade do sobrevivente. Eu achei que talvez— Mas não. Eu não vou dizer dessa maneira. Seria fraco. Esta é minha confissão, minha última palavra sobre tudo, e se eu não puder falar a verdade, toda a verdade, e nada além da verdade, que bem faz? Que bem faz qualquer coisa?

Era ele. Era Henry. Eu havia visto nos olhos do Xerife Jones que ele só havia tocado no assunto do assalto à beira da estrada porque eu não iria me reverenciar a ele do jeito que ele esperava, mas *eu* acreditei naquilo. Porque eu sabia mais do que o Xerife Jones. Depois de ajudar seu pai a assassinar sua mãe, o que seria roubar algumas roupas e abanar um pé-de-cabra na cara de uma velhinha? Não muito. E se ele havia tentado uma vez, ele tentaria de novo, assim que aqueles 23 dólares sumissem.

Provavelmente em Omaha. Onde eles o pegariam. E então a coisa toda viria à tona.

Quase certamente *viria* à tona.

Eu subi para a varanda, me sentei, e coloquei meu rosto em minhas mãos.

Os dias seguiram. Eu não sei quantos, só que eles eram chuvosos. E quando a

chuva aparecia no outono, as tarefas exteriores tinham que esperar, e eu não tinha gado, ou anexos para passar o tempo com tarefas interiores. Eu tentei ler, mas as palavras não pareciam se juntar, embora agora e sempre uma única palavra parecesse sair das páginas e gritar. Assassinato. Culpa. Traição. Palavras como essas.

Durante o dia eu sentava na varanda com um livro no colo, agasalhado com meu casaco de pele de ovelha contra a umidade e o frio, observando a água da chuva cair no telhado. Durante a noite eu ficava acordado até as primeiras horas da manhã, ouvindo a chuva no telhado. Soava para mim como dedos tímidos, batendo para entrar. Eu passei muito tempo pensando em Arlette no poço com Elpis. Eu comecei a fantasiar que ela estivesse... não viva (eu estava sob estresse, mas não maluco), mas de algum modo *consciente*. De algum modo observando como tudo se desenrolava, de seu túmulo improvisado, e com prazer.

Você está gostando de como as coisas acabaram ficando, Wilf? — ela perguntaria, e se ela pudesse (e, na minha imaginação, ela podia). Valeu a pena? O que me diz?

Uma noite, mais ou menos uma semana após a visita do Xerife Jones, eu estava tentando ler *A Casa das Sete Torres* ^[7], Arlette se arrastou por trás de mim, alcançou a lateral de minha cabeça, e cutucou a ponta do meu nariz com um dedo frio e molhado.

Eu larguei o livro no tapete de guarnição da sala de estar, gritei, e me coloquei de pé. Quando o fiz, a fria ponta do dedo correu para baixo até o canto da minha boca.

Então ele me tocou de novo, no topo da minha cabeça, onde o cabelo estava desaparecendo. Desta vez eu ri—uma risada trêmula, raivosa—e me inclinei para pegar meu livro. Enquanto eu fazia isso, o dedo me tocou pela terceira vez, desta vez na minha nuca, como se minha esposa morta estivesse dizendo, *Já consegui sua atenção, Wilf?* Eu me afastei—para que o quarto toque não fosse no olho—e olhei para cima. O teto acima estava descascado e pingava. O gesso ainda não havia começado a inchar, mas se a chuva continuasse, isso aconteceria. Era até capaz de que ele se dissolvesse e caísse em nacos. O vazamento estava acima de meu lugar especial de leitura. É claro que estava. O resto do teto parecia bem, ou ao menos naquele momento.

Eu pensei em Stoppenhauser falando, *E você quer me dizer que não há melhorias que você poderia fazer? Um telhado para consertar?* E o olhar astuto, como se ele *soubesse*. Como se Arlette estivesse mancomunada com ele.

Não ponha estas coisas na cabeça, eu disse a mim mesmo. *É muito ruim que você continue a pensar nela, lá embaixo. Pergunto-me se os vermes já comeram os olhos dela. Será que os insetos já comeram sua língua afiada, ou ao menos a beliscaram?*

Eu até a mesa do canto mais longe do quarto, peguei uma garrafa e fiquei lá, e preparei um copo de bom tamanho de uísque pardo. Minha mão tremeu, mas só um pouco. Eu bebi tudo em dois goles. Eu sabia que não seria bom se fizesse com que a bebida fosse um hábito, mas não é toda noite que um homem sente sua esposa morta o cutucando no nariz. E o trago me fez me sentir melhor. Com mais controle em mim mesmo. Eu não precisava de uma hipoteca de 750 dólares para consertar meu telhado, eu poderia fazê-lo com madeira serrada quando a chuva parasse. Mas seria um conserto feio; faria o lugar parecer com o que minha mãe teria chamado de lixo de pobre. Mas este não era o ponto. Consertar o vazamento levaria apenas um ou dois dias. Eu precisava trabalhar para atravessar o inverno. Trabalho duro irritaria os pensamentos de Arlette em seu trono sujo, Arlette com sua *fita* e o pano de saco. Eu precisava de projetos de melhoria da casa que me mandassem tão cansado para cama, que eu adormeceria instantaneamente, e não ficar acordado ouvindo a chuva e imaginando se Henry estava debaixo dela, talvez tossindo com gripe. Às vezes trabalhar é a única coisa, a única resposta.

No dia seguinte, eu dirigi à cidade com meu caminhão, e fiz o que eu nunca pensei que faria se eu não tivesse precisado pedir 35 dólares emprestados: eu aceitei a hipoteca de 750 dólares. No fim, fomos todos pegos por nossas próprias invenções. Eu acredito nisso. No fim, somos todos pegos.

Em Omaha, na mesma semana, um jovem usando um chapéu de vaqueiro entrou numa loja de penhores na Dodge Street e comprou uma pistola prada calibre .32.

Ele a pagou com 5 dólares que sem dúvida haviam sido lhe dados por uma velhinha, meio cega, que tinha seu estabelecimento perto da placa com a garota de touca azul. No dia seguinte, um jovem usando um chapéu chato na cabeça, e uma bandana vermelha sobre a boca e o nariz, adentrou na filial de Omaha do Primeiro Banco Agrícola, apontou a arma para uma jovem e bonita atendente, chamada Rhoda Pernmark, e ordenou que ela lhe desse todo o dinheiro das gavetas. Ela lhe passou mais ou menos 200 dólares, a maior parte em notas de um e de cinco—o tipo de fazendeiro típico as guardaria enroladas nos bolsos de seus

aventais.

Enquanto ele saía, enfiando o dinheiro nas calças com uma mão (claramente nervoso, ele deixou cair várias notas no chão), o segurança—um policial aposentado—disse:

— Filho, você não quer fazer isso.

O jovem disparou seu .32 no ar. Várias pessoas gritaram.

— E eu não quero atirar em você. — o jovem disse por trás da bandana. — Mas vou atirar se precisar. Vá para trás do poste, senhor, e fique lá se sabe o que é bom para você. Eu tenho um amigo do lado de fora vigiando a porta.

O jovem correu, com a bandana já caindo de seu rosto. O segurança esperou um minuto mais ou menos, então saiu com as mãos para cima (ele não tinha arma), só no caso de realmente haver um amigo. Não havia, é claro. Hank James não tinha amigos em Omaha, exceto aquela com seu bebê crescendo em sua barriga.

Eu peguei 200 dólares de minha hipoteca em dinheiro, e deixei o resto no banco do Sr. Stoppenhauser. Eu fui fazer compras na loja de ferramentas, na marcenaria, na mercearia onde Henry poderia ter recebido uma carta de sua mãe... se ela estivesse viva para escrever uma. Eu dirigi para fora da cidade numa garoa que já havia se transformado em chuva pesada quando cheguei em casa. Eu descarreguei minhas novas telhas e madeiras compradas, alimentei os bichos e ordenhei, então guardei as compras— a maioria produtos secos e importantes que estavam acabando sem Arlette para guiar seu rebanho na cozinha. Com essa tarefa feita, eu coloquei água, no forno à lenha, para aquecer, e tirei minhas roupas encharcadas. Eu tirei o bolo de dinheiro do bolso direito frontal das minhas calças enrugadas, o contei, e vi que ainda tinha 160 dólares. Por que eu havia pegado tanto dinheiro? Porque minha mente estava em outro lugar. Onde mais estaria? Em Arlette e Henry, é claro. Sem mencionar Henry e Arlette. Eles eram tudo no que eu pensava naqueles dias chuvosos.

Eu sabia que não era uma boa idéia ter tanto dinheiro por aí. Ele deveria voltar ao banco, onde poderia somar algum juro (embora não o bastante para equivaler os juros do empréstimo) enquanto eu pensava no melhor jeito de fazer isso funcionar. Mas, enquanto isso, eu deveria escondê-lo em algum lugar seguro.

A caixa com o chapéu vermelho de prostituta veio à minha mente. Era onde ela guardava o próprio dinheiro, e aquele havia sido um lugar seguro por Deus sabe quanto tempo. Havia muito no bolo para caber na faixa de cetim, então eu pensei em colocá-lo dentro do próprio chapéu. Só ficaria ali até eu encontrar uma desculpa para voltar à cidade.

Eu fui até o quarto, totalmente nu, e abri a porta do armário. Eu empurrei para o lado a caixa com seu chapéu branco de igreja, então alcancei o outro. Eu o havia

empurrado até o fundo da prateleira, e tive que ficar na ponta dos pés para alcançá-lo.

Havia um cordão de elástico ao seu redor. Eu passei o dedo por baixo dele para tirá-lo, momentaneamente cômico de que a caixa era pesada demais—eu pensei que havia um tijolo dentro, ao invés de um chapéu—e então houve uma estranha sensação *congelante*, como se minha mão houvesse mergulhada em gelo. Um momento depois o frio se transformou em fogo. Era uma dor tão intensa que travou todos os músculos do meu braço. Eu cambaleei para trás, urrando de surpresa e agonia, deixando cair dinheiro por todo o lugar. Meu dedo ainda estava preso no elástico, e a caixa de chapéu veio junto.

Agachado, no topo dela, estava um rato norueguês que me pareceu muito familiar.

Você pode até me dizer, “Wilf, todos os ratos são iguais”, e ordinariamente você estaria certo, mas eu conhecia este aqui; eu não o havia visto fugir de mim com a teta de uma vaca balançando em sua boca como a guimba de um cigarro?

A caixa de chapéu se libertou de minha mão sangrenta, e o rato caiu no chão. Se eu tivesse tempo para pensar, ele teria escapado novamente, mas pensamentos racionais haviam sido cancelados pela dor, surpresa, e o horror que eu suponho que quase todo homem sinta quando vê sangue jorrando de uma parte do corpo que estava inteira, segundos antes. Eu nem sequer lembrei que estava nu como no dia em que nasci, apenas baixei o pé direito em cima do rato. Eu ouvi os ossos se quebrando, e suas tripas explodindo. Sangue e intestinos liquefeitos espirraram de trás de seu rabo e aqueceram meu calcanhar. Ele tentou se virar e me morder de novo; eu conseguia ver seus dentes frontais rangendo, mas não podiam me alcançar. Não, é claro, enquanto eu o mantivesse abaixo do pé. Então eu fiz, e pisei com mais força, segurando meu ferimento contra meu peito, sentindo o sangue quente se emaranhando no pêlo grosso que crescia lá. O rato se contorceu sem sucesso. Seu rabo chicoteou minha batata da perna, então a enrolou como uma cobra. Sangue jorrava de sua boca. Seus olhos negros, inchados como bolas de gude.

Eu permaneci ali com o pé em cima do rato moribundo por um longo tempo. Ele estava completamente esmagado por dentro, seus órgãos reduzidos a sopa, mas ainda assim ele se debatia e tentava morder. Finalmente parou de se mexer. Eu fiquei lá por outro minuto, me certificando de que ele não estava se fingindo de morto (um rato se fingindo de morto—há!), e quanto tive certeza de que ele estava morto, eu manquei até a cozinha, deixando pegadas de sangue e pensando de modo confuso no oráculo que avisara a Pélias para ter cuidado com o homem de uma sandália. Mas eu não era Jasão; eu era um fazendeiro, meio louco, com dor e surpresa, um fazendeiro que parecia condenado a manchar seu lugar de

sono com sangue.

Enquanto eu deixava minha mão sob a bomba e a gelava com água fria, eu podia ouvir alguém dizendo, “Não mais, não mais, não mais.” Era eu, eu sabia que era, mas soou como um velho. Um que havia sido reduzido a uma penúria extrema.

Eu consigo me lembrar do resto daquela noite, mas é como olhar para velhas fotografias em um álbum definhado. O rato havia mordido completamente a pele entre meu polegar esquerdo e o dedo indicador—uma mordida terrível, mas de certo modo, tive sorte. Se ele tivesse pegado o dedo que havia ficado preso sob o cordão elástico, ele poderia tê-lo arrancado. Eu percebi isso enquanto voltava para o quarto e pegava meu inimigo pelo rabo (usando minha mão direita; a esquerda estava dura e dolorosa demais para mexer). Ele tinha sessenta centímetros, e dois quilos e meio, no mínimo.

Então não foi o mesmo rato que escapou pelo cano, eu ouço você dizer. *Não poderia ter sido*. Mas era, eu te digo que era. Não havia marca que o identificasse— nenhuma mancha branca no pêlo, ou uma orelha mordida convenientemente memorável—mas eu sabia que era aquele que havia atacado Aquelois. Do mesmo modo que eu sabia que ele não havia ido parar lá em cima por acidente.

Eu o carreguei até a cozinha pelo rabo e o joguei no balde de cinzas. Isto eu levei para fora. Eu estava nu na chuva que caía, mas dificilmente percebendo isso. O que eu mais percebia era minha mão esquerda, latejando com uma dor tão intensa que ameaçava obliterar todos os pensamentos.

Eu peguei meu casaco no cabide do vestibulo (era tudo o que eu podia pagar), me agasalhei com ele, e sai novamente, desta vez para o celeiro. Eu besuntei minha mão machucada com pomada Rawleigh. Ela havia impedido que a teta de Aquelois infeccionasse, e deveria fazer a mesma coisa com minha mão. Eu comecei a sair, então me lembrei de como o rato havia me escapado da última vez. O cano! Eu fui até ele e me inclinei, esperando ver o tampão de cimento comido e esmigalhado, ou completamente destruído, mas ele estava intacto. É claro que estava, mesmo ratos com dois quilos e meio e dentes anormalmente grandes não conseguem mastigar pelo concreto. Que a idéia sequer tenha passado pela minha cabeça mostra o estado em que eu estava. Por um momento pareceu que eu via a mim mesmo de fora de meu corpo: um homem nu exceto por um casaco desabotoado, seu pêlo do corpo melado de sangue que corria até a virilha, sua mão esquerda rasgada brilhando por causa de uma grossa pomada para vacas, seus olhos se esbugalhando para fora da cabeça. Do modo como os do rato haviam se esbugalhado, quando eu pisei nele.

Não era o mesmo rato, eu disse a mim mesmo. *Aquele que mordeu Aquelois ou*

está morto dentro do cano, ou no colo de Arlette.

Mas eu sabia que era. Eu soube na época, e sei agora.

Era ele.

De volta ao quarto, eu me ajoelhei e recolhi o dinheiro sujo de sangue. Foi um trabalho lento com apenas uma mão. Uma hora eu bati minha mão rasgada no lado da cama e uivei de dor. Eu podia ver sangue fresco manchando a pomada, fazendo-a ficar rosa. Eu coloquei o dinheiro nas gavetas, sem nem me importar em cobri-lo com um livro, ou um dos malditos pratos ornamentais de Arlette. Eu nem mesmo conseguia me lembrar da razão pela qual era tão importante esconder as notas em primeiro lugar. A caixa de chapéu vermelha eu chutei para o armário, e então bati a porta. Por mim ela poderia ficar lá até o fim dos tempos.

Qualquer um que já tenha sido dono de uma fazenda ou trabalhado em uma lhe dirá que acidentes são cotidianas, e precauções devem ser tomadas. Eu tinha um grande rolo de bandagens numa caixa ao lado da bomba da cozinha—a caixa que Arlette sempre chamou de “baú da dor”. Eu comecei a tirar o rolo, mas então eu vi o grande vapor no forno. A água que eu havia colocado para o banho quando eu ainda estava inteiro, e quando tal dor monstruosa como a que parecia estar me consumindo era apenas teórica. Ocorreu a mim que água quente poderia ser a coisa certa para minha mão. A ferida não podia ser mais dolorosa, eu pensei racionalmente, e a imersão a purificaria. Eu estava errado em ambas as suposições, mas como eu poderia saber?

Depois de todos esses anos, ainda parece uma idéia racional. Eu suponho que até poderia ter funcionado, se eu tivesse sido mordido por um rato normal.

Eu usei minha mão direita boa para tirar a água quente e colocá-la numa vasilha (a idéia de inclinar a panela e derramar a água estava fora de questão), então adicionei um naco do sabão grosso e marrom de Arlette. O último naco, como acabou sendo; existem tantos suprimentos que um homem se esquece de arranjar quando não se está acostumado a usá-los. Eu adicionei um trapo, então fui ao quarto, me ajoelhei de novo, e comecei a esfregar o sangue e as tripas. O tempo todo me lembrando (é claro) da última vez que eu havia esfregado o sangue do chão daquele maldito quarto. Daquela vez ao menos Henry estivera comigo para dividir o horror. Fazendo isso sozinho, e com dor, era um trabalho terrível. Minha sombra cresceu de modo curvado na parede, me fazendo pensar em Quasimodo do livro *Notre-Dame de Paris*⁴⁸¹ de Hugo.

Com o trabalho quase cumprido, eu parei e ergui minha cabeça, a respiração presa, olhos abertos, meu coração parecendo bater em minha mão esquerda mordida.

Eu ouvi um barulho *apressado*, e pareceu vir de todos os lugares. O som de

ratos correndo. Naquele momento eu tive certeza disso. Os ratos do poço. Os cortesões reais dela. Eles haviam achado outra saída. Aquele agachado no topo da caixa de chapéu vermelha havia sido apenas o primeiro e mais valente. Eles haviam se infiltrado na casa, eles estavam nas paredes, e logo eles sairiam e me soterrariam. Ela teria sua vingança.

Eu a escutaria rir enquanto eles me rasgariam aos pedaços.

O vento soprou forte o bastante para balançar a casa e uivar brevemente pela calha. Os sons apressados se intensificaram, então enfraqueceram quando o vento morreu. O alívio que me encheu foi tão intenso que oprimiu a dor (por alguns segundos, ao menos). Não eram ratos; era granizo. Com a chegada da noite, a temperatura havia caído, e a chuva se tornara semi-sólida. Eu voltei a esfregar o que restava.

Quando eu terminei, coloquei o trapo sangrento no corrimão da varanda, e então voltei ao celeiro para aplicar um revestimento fresco de pomada em minha mão. Com o ferimento completamente limpo, eu pude ver que a pele entre meu polegar e meu indicador estava rasgada em três feridas que pareciam as divisas do uniforme de um sargento. Meu polegar esquerdo pendeu torto, como se o dente do rato houvesse ferido algum tendão importante entre ele e o resto de minha mão esquerda. Eu apliquei a pomada para vacas e então andei lentamente de volta para a casa, pensando, *Dói, mas ao menos está limpo. Aquelois ficou bem; eu ficarei bem também. Tudo está bem.* Eu tentei imaginar as defesas de meu corpo se mobilizando e chegando à cena da mordida como pequenos bombeiros de chapéus vermelhos e grandes capas de lona.

No fundo do baú da dor, embalado em um papel rasgado de seda, que uma vez poderia ter sido parte de uma fronha de mulher, eu encontrei um frasco de pílulas da Farmácia de Hemingford Home. Escrito de caneta no rótulo em elegantes letras maiúsculas estava *ARLETTE JAMES TOMAR 1 OU 2 NA HORA DE DORMIR PARA DOR MENSAL.*

Eu peguei três, com um grande gole de uísque. Eu não sei o que havia naquelas pílulas—morfina, eu suponho—mas elas funcionaram. A dor ainda continuava, mas parecia pertencer a um Wilfred James que no momento estava vivendo em outro nível de realidade. Minha cabeça flutuava; o teto começou a girar gentilmente acima de mim; a imagem dos pequeninos bombeiros chegando para extinguir a chama da infecção antes que ela crescesse ficou mais clara. O vento estava ficando mais forte, e para minha mente que estava meio sonhadora, o lento barulho do granizo se chocando contra a casa pareceu mais com ratos correndo do que nunca, mas eu sabia da verdade. Eu acho que até disse em voz alta: Eu sei da verdade, Arlette, você não me engana.

Enquanto a consciência diminuía, e eu comecei a adormecer, eu percebi que

poderia estar indo desta para uma melhor de vez: que a combinação do choque, bebida, e morfina poderia terminar minha vida. Eu seria encontrado em uma fazenda fria, minha pele cinza-azulada, minha mão rasgada descansando em minha barriga. A idéia não me assustou; ao contrário, ela me confortou.

Enquanto eu dormia, o granizo se transformou em neve.

Quando eu acordei, na manhã do dia seguinte, a casa estava fria como um tumba, e minha mão havia inchado para o dobro de seu tamanho. A carne ao redor da mordida estava cinza, mas os primeiros três dedos que estavam róseos, ficariam vermelhos ao fim do dia. Tocar em qualquer lugar daquela mão, exceto na parte rosa, causava uma dor excruciante. Ainda assim, eu a embrulhei o mais firme que pude, e isso reduziu o latejar. Eu acendi um fogo no forno da cozinha—com uma mão era um longo trabalho, mas eu consegui—e então me aproximei, tentando me aquecer. Todo meu corpo, exceto a mão mordida, é claro; aquela parte já estava aquecida. Quente e pulsando como uma luva com um rato escondido em seu interior.

Pelo meio-dia eu estava febril, e minha mão estava tão inchada contra as bandagens firmes, que eu tive que soltá-la. Fazer apenas isso me fez horar. Eu precisava de um médico, mas nevava mais do que nunca, e eu mal conseguiria chegar na casa dos Cotteries, quanto mais na cidade. Mesmo que o dia estivesse claro, seco e limpo, como eu poderia ligar a manivela do caminhão ou do T com apenas uma mão? Eu sentei na cozinha, alimentando o forno enquanto ele crepitava como um dragão, suando e tremendo de frio, segurando minha mão inchada coberta de bandagens no peito, e me lembrando do dia em que a gentil Sra. McReady havia examinado meu não particularmente próspero jardim. *Você tem ficado de olho, Sr. James? Eu vejo que não.*

Não. Eu não estava. Eu estava sozinho em uma fazenda que eu havia matado para ter, sem quaisquer meios de pedir ajuda. Eu conseguia ver a carne começar a ficar vermelha onde as bandagens paravam: no pulso, cheio de veias que iriam carregar o veneno através do meu corpo. Os bombeiros haviam falhado. Eu pensei em prender o pulso com um elástico—matando minha mão esquerda em um esforço para salvar o resto de mim—e até mesmo a amputando com um machado que usávamos para cortar gravetos e ocasionalmente decapitar galinhas. Ambas as idéias pareceram perfeitamente plausíveis, mas elas também pareceram dar muito trabalho. No fim eu não fiz nada, exceto até mancar de volta ao baú da dor para pegar mais pílulas de Arlette. Eu tomei mais três, desta vez com água fria—minha garganta queimava—e então voltei ao meu assento perto do fogo. Eu iria morrer pela mordida. Eu tinha certeza disto, e estava conformado. Morte por mordidas e infecções eram tão comuns quanto areia nas planícies. Se a dor

voltasse e eu não conseguisse agüentar, eu engoliria o restante das pílulas de uma vez só. O que me impediu de fazê-lo naquela hora—fora o medo da morte, que eu suponho afligir a todos nós, em grau menor ou maior—era a possibilidade de alguém chegar: Harlan, ou o Xerife Jones, ou a gentil Sra. McReady. Era até mesmo possível que o Advogado Lester poderia aparecer para me intimidar mais sobre aqueles malditos 100 acres.

Mas o que eu mais esperava, era que Henry retornasse. Entretanto isso não aconteceu.

Foi Arlette quem veio.

Você deve estar se perguntando como eu sei sobre a arma que Henry comprou na loja de penhores da Dodge Street, e o roubo do banco em Jefferson Square. Se o fez, você provavelmente disse para si mesmo, *Bem, se passou muito tempo entre 1922 e 1930; tempo o bastante para encher de detalhes uma biblioteca com edições antigas da Tribuna de Omaha.*

Eu fui aos jornais, é claro. E eu escrevi às pessoas que conheceram meu filho e sua namorada grávida em seu curto e desastroso curso de Nebraska até Nevada. A maioria das pessoas escreveu de volta, dispostas o bastante para me descreverem detalhes. Esse tipo de trabalho investigativo faz sentido, e sem dúvida o satisfaz. Mas essas investigações vieram anos depois, depois que eu havia abandonado a fazenda, e apenas confirmado o que eu já sabia.

Mas já? você pergunta, e eu simplesmente respondo: Sim. Mas já. Eu não soube como tudo aconteceu, mas ao menos parte disso antes que acontecesse. A última parte de disso.

Como? A resposta é simples. Minha esposa morta me disse.

Você não acredita, é claro. Eu entendo isso. Qualquer pessoa racional o faria.

Tudo o que eu posso fazer é reiterar que esta é minha confissão, minhas últimas palavras na terra, e eu não coloquei nada nelas que eu não saiba que seja verdade.



Eu acordei de uma soneca em frente ao forno, de noite (ou na noite do dia seguinte; enquanto a febre piorava, eu perdi a noção do tempo) e ouvi os ruídos apressados de novo. De primeira eu achei que o granizo havia recomeçado, mas quando eu me levantei para pegar um pedaço de pão duro do balcão, eu vi uma fina faixa de laranja no horizonte onde o sol estava se pondo, e Vênus brilhava no céu. A tempestade havia terminado, mas os sons apressados estavam mais altos

do que nunca. Eles não vinham das paredes, mas da varanda dos fundos.

O trinco da porta começou a se mover. No começo só tremeu, como se a mão tentando mexê-lo fosse fraca demais para levantá-lo do encaixe. O movimento parou, eu havia acabado de decidir que não havia visto aquilo—que havia sido uma ilusão derivada da febre—quando ele se levantou até o fim com um pequeno clique e a porta se abriu com um gélido sopro do vento. Parada na varanda estava minha esposa. Ela ainda estava usando o pano de saco, agora salpicado de neve; deve ter sido uma lenta e dolorosa jornada de onde deveria ter sido seu lugar de descanso final. Seu rosto estava arruinado, a metade de baixo meio virada para um lado, seu sorriso mais aberto do que nunca. Era um sorriso de sabichona, e por que não? Os mortos sabem de tudo.

Ela estava cercada por sua corte real. Eram eles que haviam libertado-a do poço, de algum modo. Eram eles que a seguravam. Sem eles, ela não seria mais do que um fantasma, malévolo, mas inofensivo. Mas eles a haviam animado. Ela era a rainha deles; e também era a marionete deles. Ela entrou na cozinha, se movendo em horríveis passos desossados que não tinham nada a ver com andar. Os ratos correram ao seu redor, alguns olhando para ele com amor, alguns para mim com ódio. Ela deslizou ao redor da cozinha, passeando no que um dia havia sido seu domínio, enquanto terra caía da saia de seu vestido (não havia sinal da colcha ou da cobertura) e sua cabeça se inclinava e deslizava em sua garganta cortada. A cabeça pendeu na sua omoplata antes de cair para frente novamente, com um som lento de carne sendo amassada.

Quando ela finalmente virou seus olhos turvos para mim, eu recuei para o canto onde a caixa estava, agora quase vazia.

— Deixe-me em paz. — eu sussurrei. —Você nem mesmo está aqui. Você está no poço, e não poderia sair mesmo que não estivesse morta.

Ela gorgolejou—soou como alguém se engasgando com molho de carne denso—e continuou a se aproximar, real o bastante para fazer sombra. E eu pude sentir o cheiro de sua carne decadente, desta mulher que algumas vezes havia posto a língua em minha boca durante espasmos de paixão. Ela estava lá. Ela era real. Assim como sua comitiva real. Eu podia senti-los ir e vir sobre meus pés, e fazendo cócegas em meu calcanhar com seus bigodes enquanto eles farejavam na boca de minhas calças longjohn.

Meus calcanhares bateram na caixa, e quanto eu tentei me afastar do cadáver que se aproximava, eu me desequilibrei e cai em cima dele. Eu bati minha mão inchada e infectada, mas quase não notei a dor. Ela estava se inclinando para mim, e seu rosto...*balançou*. A carne havia se soltado dos ossos, e seu rosto estava pendurado como um rosto desenhado em um balão de criança. Um rato subiu em um lado da caixa, pulou na minha barriga, subiu meu peito, e farejou a

parte de baixo de meu queixo. Eu conseguia sentir outros correndo abaixo de meus calcanhares. Mas eles não me morderam. Aquela missão em particular já havia sido cumprida.

Ela se inclinou mais perto. O cheiro dela era esmagador, e seu sorriso de orelha a orelha... eu consigo vê-lo agora, enquanto escrevo. Eu disse a mim mesmo para morrer, mas meu coração continuou a bater. Seu rosto pendente deslizou perto do meu.

Eu pude sentir minha barba por fazer resvalando em pequenos pontos de sua pele; podia ouvir sua mandíbula quebrada rangendo como um galho coberto de gelo. Então seus lábios frios foram pressionados contra minha orelha febril, e ela começou a sussurrar segredos que apenas uma mulher morta saberia. Eu berrei. Eu prometi a mim mesmo me matar e trocar de lugar com ela no inferno se ela parasse. Mas ela não parou. Nem iria.

Os mortos não param.

É isso o que eu sei agora.

Depois de fugir do Primeiro Banco Agrícola com 200 dólares enfiados no bolso (ou provavelmente 150 dólares; parte do dinheiro caiu no chão, lembre-se), Henry desapareceu por uns tempos. Ele “ficou na tocaia”, no linguajar dos criminosos. Eu digo isto com certo orgulho. Eu achei que ele seria capturado quase imediatamente após deixar a cidade, mas ele provou que eu estava errado. Ele estava apaixonado, ele estava desesperado, ele ainda queimava de culpa e horror pelo crime que ele e eu havíamos cometido... mas a despeito dessas distrações (dessas *infecções*), meu filho demonstrou bravura e inteligência, e até mesmo uma triste nobreza. O pensamento da última é pior.

Isso ainda me enche de melancolia por sua vida desperdiçada (três vidas desperdiçadas; não devo me esquecer da pobre e grávida Shannon Cotterie, e de vergonha pela perdição ao qual eu o levei, como um bezerro com uma corda em volta de seu pescoço.

Arlette me mostrou a cabana onde ele estava escondido, e a bicicleta estacionada nos fundos—a bicicleta foi a primeira coisa que ele comprou com o dinheiro roubado.

Eu não poderia lhe dizer onde era exatamente seu esconderijo na época, só depois nos anos seguintes, desde que eu o localizei e até mesmo o visitei; só uma cabaninha próxima a estrada com uma propaganda da Royal Crown Cola pintada em uma lateral.

Se encontrava poucos quilômetros além do subúrbio ocidental de Omaha e perto

da Boys Town, que havia começado a funcionar no ano anterior. Um quarto, uma única janela sem vidro, nenhum forno. Ele cobriu a bicicleta com feno e folhagens e fez seus planos. Então, mais ou menos uma semana depois de roubar o Primeiro Banco Agrícola—até ali o interesse da polícia em um pequeno roubo teria morrido—ele começou a fazer viagens de bicicletas à Omaha.

Um garoto ansioso teria ido direto ao Lar Católico de Santa Eusébia, e teria sido capturado pelos tiras de Omaha (como o Xerife Jones não tinha dúvidas de que aconteceria), mas Henry Freeman James era mais esperto do que isso. Ele descobriu a localização do Lar, mas não se aproximou. Ao invés disso, ele procurou pela loja de doces e fonte de refrigerantes mais próxima. Ele corretamente presumiu que as meninas a freqüentariam, sempre que possível (o que era sempre que seus comportamentos merecessem uma tarde livre, e elas tivessem algum dinheiro na bolsa), e embora as meninas do Santa Eusébia não precisassem usar uniformes, elas eram fáceis de reconhecer seus vestidos deselegantes, olhos abatidos, e comportamentos— alternadamente provocativos ou nervosos. Aquelas de barriga grande e nenhuma aliança de casamento teriam sido particularmente notáveis.

Um garoto ansioso teria tentado puxar conversa com uma destas infelizes filhas de Eva bem ali na fonte de refrigerantes, assim atraindo atenção. Henry tomou posição do lado de fora, na boca de um beco que corria entre a loja de doces e uma loja de lembrancinhas ao lado, sentado numa caixa e lendo um jornal com a bicicleta encostada contra os tijolos ao seu lado. Ele estava esperando por uma menina mais aventureira do que aquelas que ficavam contentes em apenas tomar seus sorvetes e refrescos, para então voltarem para as irmãs. Isso significava uma menina que fumasse. Na terceira tarde no beco, tal menina apareceu.

Eu a encontrei desde então, falei com ela. Não havia muito trabalho de detetive envolvido. Eu tenho certeza de que Omaha pareceu uma metrópole para Henry e Shannon, mas em 1922 era apenas uma cidadezinha do meio-oeste maior do que o normal com pretensões de ser uma cidade grande. Victoria Hallent é uma mulher casada e respeitável com três filhos agora, mas no outono de 1922, ela era Victoria Stevenson: jovem, curiosa, rebelde, grávida de seis meses, e apaixonada por cigarros da marca Sweet Caporal. Ela estava ficou mais do que feliz em pegar um de Henry quando ele ofereceu o maço a ela.

— Pegue mais dois para mais tarde. — ele convidou.

Ela riu.

— Eu teria que ser doida pra fazer isso! As irmãs vistoriam nossas bolsas e puxam nossos bolsos para fora quando voltamos. Eu terei que mascar três chicletes só para tirar o cheiro do meu hálito. — ela deu uma tapinha em sua grande barriga com divertimento e provocação. — Eu estou encrencada, acho

que você pode ver. Garota má! E meu docinho fugiu. *Garoto* mau, mas o mundo não se preocupa com isso! Então meu chefe me encarcerou nesta prisão com pingüins de guarda— — Eu não entendi.

— Puxa! O chefe é meu pai! E os pingüins é como chamamos as irmãs! — ela riu. — Você é um caipira burrinho mesmo! E como! *De qualquer forma*, a prisão em que estou cumprindo pena se chama— — Santa Eusébia.

— *Agora* você está acompanhando a maré, xuxu. — ela deu um trago no cigarro, e estreitou os olhos. — Então, aposto que sei quem você é—o namorado de Shan Cotterie.

— Você acaba de ganhar uma boneca de prêmio. — Henry disse.

— Bem, eu não me aproximaria duas quadras de nosso lar, esse é meu conselho. Os tiras têm sua descrição. — ela riu alegremente. — A sua e de meia dúzia de outros Cavaleiros Solitários, mas nenhum deles ele é um trapalhão de olhos verdes como você, e nenhum com uma garota tão bonita quanto Shannon. Ela uma gata! Uou!

— Por que acha que eu estou aqui ao invés de lá?

— Pago pra ver—por que você está aqui?

— Eu quero contatá-la, mas não quero ser pego fazendo isso. Eu vou lhe dar duas pratas para você levar um bilhete pra ela.

Os olhos de Victoria se abriram.

— Colega, por dois mangos, eu enfiaria uma corneta embaixo do braço e levaria a mensagem até Garcia—sou despachada assim mesmo. Passa pra cá!

— E outros 2 se você mantiver sua boca fechada sobre isso. Agora e sempre.

— Por isso você não precisa pagar um extra. — ela disse. — Eu adoro sacanear aquelas santinhas do pau oco. Ora, elas te dão um safanão na mão, se você tenta pegar mais comida no jantar! É que nem *Gulliver Twist*⁹¹!

Ele deu o bilhete a ela, e Victoria o deu para Shannon. Ele estava em sua bolsa de coisas quando a polícia finalmente os alcançou em Elko, Nevada; e eu vi uma fotografia policial disso. Mas Arlette me contou o que o bilhete dizia, muito antes disso, e tal item combinava, palavra por palavra.

Eu vou esperar da meia-noite ao amanhecer atrás do seu quarto todo noite por duas semanas, o bilhete dizia. Se você não aparecer, eu saberei que está acabado entre nós e voltarei para Hemingford, e nunca mais a incomodarei, mesmo que eu a ame eternamente. Somos jovens, mas poderíamos mentir sobre nossa idade e começar uma boa vida em outro lugar (Califórnia). Eu tenho dinheiro e sei como arranjar mais.

Victoria sabe como me encontrar se você quiser me mandar um bilhete, mas apenas um. Mais não seria seguro.

Eu suponho que Harlan e Sallie Cotterie devem ter esse bilhete. Se for o caso, eles devem ter visto que meu filho assinou seu nome em um coração. Eu me pergunto se isso foi para convencer Shannon. Eu me pergunto se ela sequer precisasse ser convencida. É possível que tudo o que ela quisesse no mundo fosse ficar (e legitimar) o bebê por quem ela já havia se apaixonado. Essa foi uma questão que a terrível voz sussurrante de Arlette nunca mencionou. Provavelmente ela não se importava com nada disso.

Henry voltou para a boca do beco todo dia depois daquele encontro. Eu sei que ele sabia que os tiras poderiam aparecer ao invés de Victorina, mas ele sentiu que não tinha escolha. No terceiro dia de sua vigília, ela veio.

— Shan escreveu imediatamente, mas eu não pude sair antes. — ela disse. — Um pouco de maconha apareceu naquele buraco que elas têm o nervo de chamar de sala de música, e os pingüins têm estado irados desde então.

Henry mostrou a mão para receber o bilhete, ao que Victoria deu em troca de um cigarro. Só havia quatro palavras: Amanhã cedo. Duas horas.

Henry jogou os braços em volta de Victoria e a beijou. Ela riu com empolgação, os olhos brilhando.

— Puxa! Algumas garotas ficam com toda a sorte.

Elas certamente ficam. Mas quando você considera que Victoria acabou com um marido, três crianças, e uma bela casa na Maple Street na melhor parte de Omaha, e que Shannon Cotterie não viveu para ver o ano seguinte... qual delas *você* diria que teve sorte?

Eu tenho dinheiro e sei como arranjar mais, Henry havia escrito, e ele sabia.

Apenas algumas horas depois de beijar a atrevida Victoria (que levou a mensagem *Ele diz que estará lá de bilau duro* para Shannon), um jovem de boné enterrado na testa e uma bandana sobre a boca e o nariz roubou o Primeiro Banco Nacional de Omaha.

Desta vez o ladrão pegou 800 dólares, que era uma boa quantia. Mas o guarda era mais jovem, e mais entusiasta sobre sua responsabilidade, o que não era bom. O ladrão teve que atirar em uma das pernas dele para poder escapar com sucesso, e embora Charles Griner tenha sobrevivido, a infecção o abateu (eu posso simpatizar com ele), e ele perdeu a perna. Quando eu me encontrei com ele na casa de seus pais, na primavera de 1925, Griner se mostrou filosófico sobre o ocorrido.

— Eu tenho sorte por estar vivo e tudo mais. — ele disse. — Quando colocaram um torniquete em minha pena, eu jazia em uma poça de sangue com quase três centímetros. Aposto que foi necessária uma caixa inteira de detergente para limpar *aquela* sujeira.

Quando eu tentei me desculpar por meu filho, ele acenou.

— Eu nunca devia ter me aproximado dele. O boné estava abaixado e a bandana erguida, mas eu podia ver seus olhos. Eu deveria saber que ele não pararia até que fosse abatido, e eu nunca tive a chance de puxar minha arma. Estava nos olhos dele, sabe.

Mas eu mesmo era jovem. Estou mais velho agora. Mais idade é algo que seu filho nunca teve a chance de ter. Sinto por sua perda.

Depois daquele roubo, Henry tinha dinheiro o bastante para comprar um carro— um bom, um de turismo—mas ele tinha idéias melhores. (Escrevendo isso, eu novamente sinto aquela sensação de orgulho; pequena, mas inegável). Um garoto que parecia ter começado a se barbear a apenas um ou duas semanas, passeando por aí com grana o bastante para comprar um Olds semi-novo? Isso teria trazido o João da Lei direto pra ele com certeza.

Então, ao invés de comprar um carro, ele roubou um. Não um carro de turismo; ele escolheu um bom fusquinha sem descrição. Esse era o carro estacionado atrás do Santa Eusébia, e foi nele que Shannon entrou, depois de fugir de seu quarto, descer as escadas cuidadosamente, com sua mala de viagem na mão, e passando sinuosamente pela janela da lavanderia adjacente à cozinha. Eles tiveram tempo para trocar um único beijo—Arlette não disse isso, mas eu ainda tenho minha imaginação—e então Henry apontou o fusca para o oeste. Ao amanhecer, eles estavam na estrada Omaha-Lincoln.

Eles devem ter passado perto de seu velho lar—e dela—pelas três da manhã. Eles podem ter olhado naquela direção, mas eu duvido que Henry tenha diminuído; ele não iria querer parar pela noite em uma área onde poderiam ser reconhecidos.

Suas vidas como fugitivos haviam começado.

Arlette sussurrou mais aquela vida do que eu queria saber, e eu não tenho o coração de colocar mais do que meros detalhes aqui. Se quer saber mais, escreva para a Biblioteca Pública de Omaha; a conclusão da história foi considerada impactante o bastante para ganhar cobertura nacional.

Hank Bonitão e Doce Shannon, a *Tribuna* os chamava. Nas fotografias, eles pareciam impossivelmente jovens. (E é claro que eram). Eu não quis olhar essas

fotografias, mas eu o fiz. Há mais de um modo de ser mordido por ratos, não há?

O carro roubado estourou um pneu perto da área montanhosa do Nebraska. Dois homens apareceram enquanto Henry estava colocando o estepe. Um sacou uma escopeta de um bolso dentro de seu casaco—o que era chamado de garra de martelo do bandido na época do Velho Oeste, e a apontou para os amantes em fuga. Henry não teve chance de pegar sua própria arma; ela estava no bolso de seu casaco, e se ele tivesse tentado, certamente seria morto. Então o ladrão foi roubado. Henry e Shannon andaram de mãos dadas até a fazenda mais próxima sob um frio céu de outono, e quando o fazendeiro veio até a porta e perguntar como poderia ajudá-los, Henry apontou a arma para o peito do homem e disse que queria seu carro e todo seu dinheiro.

A menina com ele, o fazendeiro disse a um repórter, ficou na varanda olhando para o outro lado. O fazendeiro disse que achou que ela estivesse chorando. Ele disse que sentiu pena dela, porque ela não era maior do que um minuto, tão grávida quando a velha que vivia em um sapato^{10}, e viajando com um jovem bandido fadado a um mau fim.

Ela tentou pará-lo? O repórter perguntou. Tentou convencê-lo a desistir?

Não, o fazendeiro disse. Apenas ficou lá parada de costas, como se ela pensasse que se não visse, então não estaria acontecendo. O velho calhambeque Reo do fazendeiro foi encontrado abandonado próximo ao depósito ferroviário McCook, com um bilhete no assento: *Aqui está seu carro de volta, vamos mandar o dinheiro que roubamos quando pudermos. Nós apenas os pegamos porque estávamos em dificuldade. Sinceramente, “Os Bandidos Enamorados”*. De quem foi a idéia para esse nome? De Shannon, provavelmente; o bilhete tinha sua caligrafia. Eles apenas o usaram porque não queria dar seus nomes, mas é de tais coisas que as lendas são feitas.

Um ou dois dias depois, houve um assalto no pequeno Banco de Araphoe, Colorado. O ladrão—usando um boné abaixo e um bandana alta—estava só. Ele pegou menos do que 100 dólares e saiu dirigindo em um Hupmobile que havia sido relatado como roubado em McCook. No dia seguinte, no Primeiro Banco de Cheyenne Wells (que era o único banco em Cheyenne Wells), o jovem estava acompanhado por uma jovem. Ela cobriu o rosto com uma bandana própria, mas era impossível disfarçar sua gravidez. Eles pegaram 400 dólares e saíram dirigindo a toda velocidade para fora da cidade, na direção oeste. Um bloqueio foi preparado na estrada para Denver, mas Henry foi esperto e teve sorte.

Eles viraram para o sul, não muito depois de deixarem Cheyenne Wells, escolhendo seus caminhos ao longo de estradas de areia e campo.

Uma semana mais tarde, um jovem casal chamando a si mesmos de Harry e

Susan Freeman entraram à bordo do trem para São Francisco em Colorado Springs. A razão pela qual eles subitamente desembarcaram em Grand Junction eu não soube, e Arlette não disse—viram algo que os alertaram eu suponho. Tudo o que sei é que eles roubaram um banco lá, e outro em Ogden, Utah. A versão deles de poupar dinheiro para uma vida nova, talvez. E em Ogden, quando um homem tentou parar Henry do lado de fora do banco, Henry atirou nele no peito. O homem se agarrou a Henry de qualquer forma, e Shannon o empurrou pelos degraus de granito. Eles fugiram. O homem a quem Henry havia disparado morreu no hospital, dois dias depois. Os Bandidos Enamorados haviam se tornado assassinos. Em Utah, assassinos condenados vão direto para corda.

Até então era quase Ação de Graças, embora eu não saiba qual era a graça disso.

A polícia à oeste das Rochosas tinham a descrição deles e estavam de olho. Eu havia sido mordido pelo rato no armário—eu acho—ou ainda estava para ser. Arlette me disse que eles estavam mortos, mas não estavam; não quando ela e sua corte real vieram me visitar. Ou ela mentiu ou profetizou. Para mim dá na mesma.

A próxima, e última parada, foi Deeth, Nevada. Era um dia amargo e frio no fim de Novembro, ou no começo de Dezembro, o céu branco e começando a cuspir neve.

Eles apenas queriam café e ovos no restaurante da cidade, mas a sorte deles estava quase extinta. O balconista era de Elkhorn, Nebraska, e embora ele não aparecesse em casa por anos, sua mãe continuava fiel ao hábito de lhe mandar as edições da *Tribuna* em grandes bolos. Ele acabara de receber um bolo alguns dias antes, e ele reconheceu os Bandidos Enamorados de Omaha sentado em um dos bancos.

Ao invés de chamar a polícia (ou chamar o pessoal da mina de cobre, o que seria mais rápido e mais eficiente), ele decidiu fazer uma prisão pública. Ele pegou sua velha e enferrujada pistola de debaixo do balcão, apontou para eles, e disse a eles—na melhor tradição do oeste—para levantar as mãos. Henry não fez isso. Ele saiu de seu banco, e caminhou na direção do homem, dizendo:

— Não faça isso, meu amigo, não queremos lhe fazer mal, só vamos pagar e sair.

O balconista puxou o gatilho e a velha pistola emperrou. Henry tomou-a de sua mão, a abriu, olhando para o cilindro, e riu.

— Boas novas! — ele disse a Shannon. — Estas balas estão a tanto tempo aí que enferrujaram.

Ele colocou dois dólares no balcão—pela comida—e então cometeu um erro terrível. Até hoje eu acredito que as coisas teriam terminado ruins para eles não importa o quê, ainda assim eu queria poder chamá-lo através dos anos: *Não abaixe essa arma ainda carregada. Não faça isso, filho! Enferrujadas ou não, ponha essas balas no bolso!* Mas apenas os mortos podem chamar através do tempo; eu sei disso agora, e por experiência própria.

Enquanto saiam (*de mãos dadas*, Arletet sussurrou em minha orelha febril), o balconista pegou aquela velha pistola do balcão, a segurou com as duas mãos, e puxou o gatilho novamente. Desta vez ela disparou, e embora ele provavelmente tenha pensado que estava mirando em Henry, a bala atingiu Shannon Cotterie abaixo das costas. Um pedaço do metal cegou seu olho esquerdo. Eu nunca senti pena. Não sou tão clemente quanto Charles Griner.

Seramente ferida—talvez já morrendo—Shannon entrou em trabalho de parto enquanto Henry dirigia pela neve grossa na direção de Elko, a cinquenta quilômetros a sudoeste, talvez pensando que encontraria um médico por lá. Eu não sei se havia um médico ou não, mas certamente havia uma delegacia, e o balconista ligou para lá, com o resto de seu globo ocular derretendo em sua bochecha. Dois tiras locais e quatro membros da Patrulha Estadual de Nevada estavam esperando por Henry e Shannon no fim da cidade, mas Henry e Shannon nunca os viram. Havia 50 quilômetros entre Deeth e Elko, e Henry só percorreu 45 deles.

Logo dentro dos limites da cidade (mas ainda bem além dos limites da vila), o último fiapo de sorte de Henry se foi. Com Shannon gritando e segurando a barriga enquanto sangrava por todo o banco do carro, ele deve ter dirigido rápido—muito rápido. Ou talvez ele tenha apenas atingido um buraco na estrada. O que quer que tenha sido, o Ford derrapou na vala e morreu. Eles ficaram sentados no vazio de um grande deserto enquanto o vento forte soprava neve ao redor, e no que Henry estava pensando?

Que o que ele e eu havíamos feito em Nebraska o havia levado junto com a garota que ele amava para aquele lugar em Nevada. Arlette não me disse isso, mas ela não precisava dizer. Eu sabia.

Ele espiou o fantasma de uma construção através da neve que engrossava, e tirou Shannon do carro. Ela conseguiu dar alguns passos contra o vento, então não conseguiu mais. A garota que sabia fazer *trisgonhomestria* e teria sido a primeira mulher formada em uma escola norma de Omaha repousou sua cabeça no ombro de jovem homem e disse:

— Eu não posso ir mais além, querido, ponha-me no chão.

— Mas e o bebê? — ele lhe perguntou.

— O bebê está morto, e eu quero morrer também. — ela disse. — Eu não agüento a dor. É terrível. Eu o amo, querido, mas ponha-me no chão.

Ao invés disso, ele a carregou até aquele fantasma de construção, que acabou sendo uma cabana não muito diferente daquela próxima a Boys Town, aquela com a propaganda borrada da Royal Crown Cola pintada na parede lateral. Havia um forno, mas não havia lenha. Ele saiu, e recolheu alguns pedaços de madeira, antes que a neve pudesse cobri-los, e quando ele voltou para dentro, Shannon estava inconsciente. Ele acendeu o forno, e colocou a cabeça dela em seu colo. Shannon Cotterie morreu antes que o fogo que ele havia feito se transformasse em brasas, e então havia sobrado apenas Henry, sentado em uma cabana de estrada onde uma dúzia de outros caubóis haviam se deitado antes dele, mais bêbados do que sóbrios. Ele ficou lá sentado, acariciando os cabelos de Shannon enquanto o vento uivava do lado de fora, e o fino teto da cabana tremia.

Todas estas coisas, Arlette me disse em um dia quando aquelas duas crianças condenadas ainda estavam vivas. Todas estas coisas, ela me disse enquanto os ratos passeavam ao meu redor e seu fedor enchia meu nariz e me infectava, a mão inchada doendo como se estivesse em fogo.

Eu implorei para que ela me matasse, para que abrisse minha garganta como eu havia aberto a dela, mas ela não faria isso.

Essa era a vingança dela.

Acho que se passaram dois dias até que meu visitante chegasse à fazenda, ou mesmo três, mas eu acho que não. Acho que foi só um. Eu não acredito que eu poderia ter durado mais dois ou três dias sem ajuda. Eu havia parado de comer, e quase havia parado de beber. Ainda assim, eu consegui sair da cama, e abrir a porta quando as batidas começaram. Parte de mim pensou que poderia ser Henry, porque parte de mim ainda desafiava que a visita de Arlette não passara de uma ilusão nascida do delírio... e mesmo que houvesse sido real, que ela havia mentido.

Era o Xerife Jones. Meus joelhos fraquejaram quando o vi, e eu caí para frente.

Se ele não houvesse me segurado, eu teria saído rolando pela varanda. Eu tentei contar a ele sobre Henry e Shannon—que Shannon levaria um tiro, e que eles acabariam dentro de uma cabana de estrada na periferia de Elko, que ele, Xerife Jones, tinha que chamar alguém para parar isso antes que acontecesse. Tudo o que saiu de mim foi murmúrios, mas ele pegou os nomes.

— Ele fugiu com ela, sim. — Jones disse. — Mas se Harl veio até aqui e lhe disse isso, porque ele te deixou *assim*? O que te mordeu?

— Rato. — eu consegui dizer.

Ele colocou um braço ao meu redor e me carregou varanda abaixo na direção de seu caso. George, o galo, jazia congelado no chão ao lado da pilha de madeira, e as vacas mugiam. Quando foi a última vez que eu as havia alimentado. Eu não conseguia me lembrar.

— Xerife, você tem que...

Mas ele me cortou. Ele achou que eu estava delirando, e por que não? Ele conseguia sentir a febre me cozinhando e ver o brilho em meu rosto. Deve ter sido como carregar um fogão.

— Você precisa poupar a força. E você precisa agradecer a Arlette, porque eu nunca teria vindo até aqui se não fosse por ela.

— Morta. — eu consegui dizer.

— Sim. Ela está morta, deveras.

Então eu lhe disse que a havia matado, e, oh, o alívio. Um cano plugado dentro de minha cabeça havia magicamente sido aberto, e o fantasma infectado que havia ficado preso lá finalmente havia desaparecido.

Ele me puxou até seu carro como um saco de carne.

— Falaremos sobre Arlette, mas agora mesmo eu vou te levar ao Anjos da Misericórdia, e lhe agradecerá se você não vomitasse no meu carro.

Enquanto ela dirigia para longe da fazenda, deixando o galo morto e as vacas mugindo para trás (e os ratos! Não se esqueça deles! Há!), eu tentei lhe dizer novamente que talvez não fosse tarde demais para Henry e Shannon, que ainda era possível salvá-los. Eu ouvi a mim mesmo dizendo que *estas eram as coisas que poderiam acontecer*, como se eu fosse o Espírito dos Natais Futuros na história de Dickens^[11]. Então eu desmaiei. Quando eu acordei, era o segundo dia de Dezembro, e os jornais do oeste relatavam que “*OS BANDIDOS ENAMORADOS ENGANAM A POLÍCIA DE ELKO, E ESCAPAM NOVAMENTE*”. Eles não haviam, mas ninguém sabia disso ainda. Exceto Arlette, é claro. E eu.

O doutor achou que a gangrena não havia avançado muito em meu antebraço, e apostou minha vida amputando minha mão esquerda. Essa foi uma aposta que eu ganhei, cinco dias depois, após ser carregado até o Hospital Anjos da Misericórdia de Hemingford City pelo Xerife Jones, eu permaneci abatido e spectral em uma cama de hospital, onze quilos mais magro e com uma mão a menos, mas vivo.

Jones veio me ver, seu rosto era grave. Eu esperei que ele me dissesse que estava me prendendo pelo assassinato de minha esposa, e então que algemasse minha mão que sobrava à cama do hospital. Mas isso nunca aconteceu. Ao invés disso, ele me disse o quanto sentia muito pela minha perda. Minha perda! O que aquele idiota sabia sobre perdas?

Por que eu estou sentado neste quarto de hotel horrível (mas não sozinho!), ao invés de estar repousando em um túmulo para assassino? Eu lhe digo em duas palavras: minha mãe. .

Como o Xerife Jones, ela tinha o hábito de apimentar a conversa com questões retóricas. Com ele foi um artifício conversacional que ele adquiriu em uma vida de trabalho com a lei—ele me fez suas perguntinhas idiotas, então observou a pessoa com quem ele falava, em busca de qualquer reação culpada: um estremecimento, uma carranca, um movimento rápido dos olhos. Com minha mãe, era apenas um hábito de discurso que ela havia puxado à própria mãe, que era Inglesa, e passou isso para mim.

Eu perdi qualquer débil sotaque britânico que eu já possa ter tido algum dia, mas nunca perdi o modo com que minha mãe transformava afirmações em questões. *É melhor você entrar agora, não é?* ela dizia. Ou, *Seu pai se esqueceu do almoço de novo; você terá que levá-lo até ele, não terá?* Até mesmo observações sobre o clima vinham ocultas como questões: *outro dia de chuva, não é?*

Embora eu estivesse febril e muito doente quando o Xerife Jones adentrou por aquela porta no último dia de Novembro, eu não estava delirando. Eu me lembro de nossa conversa claramente, do modo como um homem ou uma mulher podem se lembrar de imagens de um pesadelo particularmente vívido.

Você precisa agradecer a Arlette, porque eu nunca teria vindo até aqui se não fosse por ela, ele havia dito.

— *Morta.* — eu respondi.

Xerife Jones: *Sim. Ela está morta, deveras.*

E então, falando como eu havia aprendido a falar à altura dos joelhos de minha mãe: *eu a matei, não foi?*

Xerife Jones tomou o artifício retórico de minha mãe (e dele mesmo, não se esqueça) como uma pergunta de verdade. Anos depois—foi na fábrica onde eu arranjei emprego após perder a fazenda—eu ouvi um capataz ralhando um empregado por mandar uma encomenda para Des Moines ao invés de para Davenport antes que o empregado houvesse pegado o formulário de despacho no escritório principal. *Mas sempre mandamos as encomendas da quarta-feira para Des Moines,* o empregado, à beira de ser demitido, protestou. *Eu simplesmente*

imaginei— Imaginar fode seu rabo e o meu, o capataz havia respondido. Um velho ditado, eu suponho, mas foi a primeira vez que eu o ouvi. E é alguma surpresa que eu tenha pensado no Xerife Frank Jones quando isso aconteceu? O hábito de minha mãe transformar afirmações em questões me salvou da cadeira elétrica. Eu nunca fui julgado pelo assassinato de minha esposa.

Até agora, é claro.

Eles estão aqui comigo, são muito mais do que doze, alinhados ao longo do rodapé por todo o quarto, me espinha com seus olhos oleosos. Se uma empregada viesse com lençóis limpos e visse aquele júri de roedores, ela correria, berraria, mas nenhuma empregada viria; eu havia pendurado a placa de NÃO PERTURBE na porta dois dias atrás, e está lá desde então. Eu não saí. Eu podia pedir comida de um restaurante na rua abaixo, eu suponho, mas eu suspeito que a comida os “ligaria”. Eu não estou com fome, de qualquer forma, então não é grande sacrifício. Eles têm sido pacientes até agora, meu júri, mas eu suspeito que não ficarão por muito mais tempo. Como qualquer júri, eles têm que ir para casa para suas famílias. Então eu tenho que terminar. Não vai demorar.

O trabalho duro já foi feito.

O que o Xerife Jones disse quando ele sentou ao meu lado na cama de hospital foi:

— Você viu em meus olhos, eu acho. Não é?

Eu ainda era um homem muito doente, mas recuperado o bastante para ser cuidadoso.

— Vi o quê, Xerife?

— O que eu vim lhe dizer. Você se lembra, não é? Bem, não estou surpreso.

Você foi um grande Americano doente, Wilf. Eu tinha total certeza de que você iria morrer, e eu pensei que você morreria antes que eu te levasse de volta para a cidade. Eu acho que Deus ainda não terminou com você, não é?

Alguma coisa ainda não havia terminado comigo, mas eu duvidei que fosse Deus.

— Foi Henry? Você veio me contar algo sobre Henry?

— Não. — ele disse. — Foi por Arlette que eu vim. Notícias ruins, as piores, mas você não pode se culpar. Não é como se você a tivesse espancado para fora de casa com um pau. — ele se aproximou. — Você pode ter uma idéia de que eu não gosto de você, Wilf. Mas isso não é verdade. Há gente nestas partes que não gostam—e nós sabemos quem elas são, não é? —mas não me coloque com elas só porque eu tenho que levar o interesse deles em conta. Você me irritou uma ou duas vezes, e eu acredito que você ainda teria continuado amigo de Harl Cotterie

se houvesse mantido seu garoto em rédeas curtas, mas eu sempre te respeitei.

Eu duvidei, mas mantive a boca fechada.

— Quanto ao que aconteceu a Arlette, eu vou lhe dizer novamente, porque ajuda repetir: você não pode se culpar.

Eu não podia? Eu achei que *aquela* fora uma conclusão estranha para ser feita mesmo para um homem da lei que nunca seria confundido com Sherlock Holmes.

— Henry está com problemas, isso se os relatórios que eu tenho recebido são verdade. — ele disse pesadamente — e puxou Shan Cotterie para a panela fervente junto com ele. Eles provavelmente vão cozinhar. É o bastante para você lidar sem clamar responsabilidade pela morte de sua esposa também. Você não tem que...

— Apenas me diga. — eu disse.

Dois dias antes de sua visita—talvez no dia em que o rato havia me mordido, ou talvez não, mas perto daquele dia—um fazendeiro foi até Lyme Biska com seus últimos produtos, e havia espiado um trio de coiotes lutando por alguma coisa aproximadamente a vinte metros ao norte da estrada. Ele talvez pudesse ter seguido em frente se não tivesse avistado um sapato de couro feminino e um par de palmilhas rosa jazendo na vala. Ele parou, disparou seu rifle para assustar os coiotes, e avançou no campo para inspecionar seus valores. O que ele achou foi o esqueleto de uma mulher com pedaços de um vestido, e alguns nacos de carne pendendo dele. O que havia sobrado de seu cabelo era de um marrom apático, a cor com que o rico álbum de Arlette poderia ter ficado depois de meses ao ar livre.

— Dois dos dentes traseiros haviam sumido. — Jones disse. — Arlette tinha dois dentes faltando na boca?

— Sim. — eu menti. — Os perdeu por causa de cárie.

— Quando eu voltei naquele dia logo após ela ter fugido, seu garoto disse que ela havia levado suas melhores jóias.

— Sim. — as jóias que estavam agora no poço.

— Quando eu perguntei se ela poderia ter pegado algum dinheiro, você mencionou 200 dólares. Não foi isso?

Ah, sim. O dinheiro fictício que Arlette supostamente havia pegado das minhas gavetas.

— Isso mesmo.

Ele assentia.

— Bem, aí está, aí está. Algumas jóias, e algum dinheiro. Isso explica tudo,

você não diria?

— Eu não entendo...

— Porque você não está encarando isso com os olhos de um homem da lei. Ela foi roubada na estrada, foi isso. Algum marginal espiou uma mulher pedindo carona entre Hemingford e Lyme Biska, a pegou, a matou, e roubou seu dinheiro e jóias, então carregou o corpo longe o bastante no campo mais próximo, para que não pudesse ser visto da estrada. — pelo seu longo rosto eu podia ver que ele estava pensando que ela provavelmente também havia sido estuprada, e que provavelmente era uma boa coisa que não houvesse sobrado muito dela para dizer com certeza.

— É provavelmente isso, então. — eu disse, e de algum modo eu consegui manter minha cara firme, até que ele fosse embora. Então eu me virei, e embora eu tenha batido meu toco ao fazê-lo, eu comecei a rir. Eu enterrei minha cara no travesseiro, mas nem mesmo isso abafaria o som. Quando a enfermeira—uma velha feia e acabada—entrou e viu as lágrimas ao longo de meu rosto, ela imaginou (*Imaginar fode seu rabo e o meu*) que eu estivera chorando. Ela se derreteu, uma coisa que eu teria achado impossível, e me deu uma dose extra de morfina. Eu era, no fim das contas, um marido de luto e um pai abandonado. Eu precisava de conforto.

E você sabe por que eu estava rindo? Foi por causa da burrice de Jones? Pela fortuita aparição de uma mulher morta que poderia ter sido morta por seu companheiro de viagem enquanto bebiam? Era por causa de ambas as coisas, mas principalmente por causa do sapato. O fazendeiro havia apenas parado para investigar pelo que os coiotes estavam brigando, porque ele havia visto um sapato feminino na vala. Mas quando Xerife Jones perguntou sobre o tipo de calçado naquele dia na casa no verão anterior, eu lhe disse que Arlette estava usando sapatos de *lona* quando fugira. O idiota havia se esquecido.

E ele nunca se lembrou.

Quando voltei para a fazenda, quase todos os meus animais estavam mortos. A única sobrevivente foi Aquelois, que me olhou com olhos acusativos e famintos, e mugia melancolicamente. Eu a alimentei tão amorosamente quanto você alimenta seu bichinho, e sério, era tudo isso que ela era. Do que mais você poderia chamar um animal que já não mais contribuía para a subsistência da família?

Houve um tempo em que Harlan, ajudado por sua esposa, teria cuidado da minha casa enquanto eu estivesse no hospital; era como fazíamos a política de boa vizinhança. Mas mesmo depois que a marcha fúnebre de minhas vacas

começou a passear através dos campos enquanto ele se sentava para jantar, ele se manteve longe.

Se eu estivesse em seu lugar, eu teria feito o mesmo. Do ponto de vista de Harl Cotterie (e do mundo), meu filho não havia ficado satisfeito em apenas arruinar sua filha; ele a havia seguido para um lugar que deveria ter sido um refúgio, a roubado, e a forçado a entrar numa vida de crimes. Como toda aquela história de “Bandidos Enamorados” deve tê-lo comido por dentro! Como ácido! Há!

Na semana seguinte—na época em que as decorações natalinas eram postas nas fazendas ao longo da estrada principal em Hemingford Home—Xerife Jones veio até a fazenda novamente. Um olhar em seu rosto me disse quais eram as novas, e eu comecei a balançar a cabeça.

— Não. Chega. Eu não agüento. Eu não posso agüentar. Vá embora.

Eu voltei para a casa e tentei barrar a porta contra ele, mas eu estava fraco e com uma única mão, e ele forçou sua entrada facilmente.

— Agüente, Wilf. — ele disse. — Você vai superar isto. — como se ele soubesse do que estava falando.

Ele olhou para o armário com uma caneca de cerveja decorativa em cima, encontrou minha triste garrafa de uísque vazia, colocou o último dedo na caneca, e me passou.

— O doutor não aprovaria. — ele disse. — Mas ele não está aqui, e você vai precisar.

Os Bandidos Enamorados haviam sido descobertos em seu esconderijo final, Shannon morta pela bala do balconista, Henry havia colocado outra em seus próprios miolos. Os corpos haviam sido levados para o necrotério de Elko, à espera de instruções. Harlan Cotterie iria ver a filha, mas não chegaria perto de meu filho. É claro que não. Eu mesmo fiz isso. Henry chegou a Hemingford de trem no dia dezoito de Dezembro, e eu estava no depósito, em um funeral com um grupo de mercenários dos Irmãos Unidos. Minha foto foi tirada repetidamente. Foi feita a mim questões das quais eu nem tentei responder. Tanto as manchetes da *Tribuna* quanto do mais humilde *Hemingford Semanal* exibiam a frase *PAI DE LUTO*. A bala que meu filho havia disparado em sua testa enquanto ele sentava com a cabeça de Shannon no colo achatou-se enquanto cruzava seu cérebro e arranca um grande naco de seu crânio do lado esquerdo. Mas isso não foi o pior. Seus olhos haviam sumido. Seu lábio inferior havia sido comido, de modo que seus dentes faziam um horrível sorriso. Tudo o que sobrou de seu nariz foi um toco vermelho. Antes que algum tira ou oficial do xerife houvesse descoberto os corpos, os ratos haviam feito uma bela ceia feliz do meu

filho e sua amada.

— Conserte-o. — eu disse a Herbert Casting quando pude falar racionalmente de novo.

— Sr. James... senhor... os danos são...

— Eu vi como são os danos. Conserte-o. E tire-o daquela caixa de bosta. Coloque-o no melhor caixão que você tiver. Não importa o quanto custe. Eu tenho dinheiro.

Eu me inclinei e beijei sua bochecha rasgada. Nenhum pai deveria ter que beijar seu filho pela última vez, mas se algum pai alguma vez mereceu tal destino, esse fui eu.

Shannon e Henry foram enterrados no cemitério da Igreja Metodista da Glória de Deus. Shannon no dia vinte e dois, e Henry na véspera de Natal. A igreja ficou cheia por Shannon, o choro quase tão alto que poderia levantar o teto. Eu sei, porque eu estava lá, ao menos por um tempo. Eu fiquei lá atrás, sem ser notado, e então escapuli na hora das graças do Reverendo Thursby. O Reverendo também comandou o funeral de Henry, mas eu dificilmente preciso lhe dizer que o público foi bem menor. Thursby só viu uma pessoa, mas havia outra. Arlette estava lá também, sentado ao meu lado, invisível e sorridente. Sussurrando em meu ouvido.

Gosta de como as coisas terminaram, Wilf? Valeu a pena?

Adicionando o custo do funeral, os gastos do enterro, do necrotério, e do despacho do corpo do meu filho para casa, a eliminação dos restos mortais de meu filho me custaram mais de 300 dólares. Eu paguei do dinheiro da hipoteca. O que mais eu tinha? Quando funeral havia terminado, eu fui para minha casa vazia. Mas antes eu comprei uma garrafa fresca de uísque.

1922 ainda tinha um último truque na manga. Um dia antes do Natal, uma grande tempestade abateu as Rochosas, nos lançando metros de neve, e ventos fortes.

Enquanto a escuridão descia, a neve se transformou em granizo, e então em chuva. Por volta da meia-noite, eu sentei na sala escura, examinando meu toco com alguns goles de uísque, um som triturante veio dos fundos da casa. Era o teto cedendo naquele canto—a parte que eu havia pegado para pagar a hipoteca, ou ao menos em parte, para consertá-lo. Eu fiz um brinde com meu copo, então dei outro gole. Quando o vento frio começou a soprar ao redor de meus ombros, eu peguei meu casaco do cabide no vestíbulo, o coloquei, e então sentei de volta para beber mais uísque. A certo ponto eu cochilei.

Outro daqueles barulhos triturantes me acordou por volta das três da manhã. Desta vez era a metade da frente do celeiro que havia entrado em colapso. Aquelois sobreviveu novamente, e na noite seguinte eu a levei para dentro da casa comigo. Por quê? você pode me perguntar, e minha resposta seria, Por que não? Simplesmente por que diabos não? Nós éramos os sobreviventes. Nós éramos os sobreviventes.

Na manhã de Natal (que eu passei bebendo uísque em minha sala fria, com minha vaca sobrevivente como companhia). Eu contei o que havia sobrado do dinheiro da hipoteca, e percebi que não daria para cobrir o dano causado pela tempestade. Eu não me importei muito, porque eu havia perdido o gosto pela vida de fazendeiro, mas o pensamento da Companhia Farrington colocando um açougue de porcos e poluindo os córregos ainda me fazia ranger os dentes de raiva. Especialmente depois do alto custo que eu havia pagado para manter aqueles triplamente malditos 100 acres longe das mãos da companhia.

Subitamente me ocorreu que, com Arlette oficialmente morta, ao invés de desaparecida, aqueles acres eram meus. Então, dois dias depois, eu engoli meu orgulho e fui ver Harlan Cotterie. O homem que respondeu a minha batida estava bem mais alimentado do que eu, mas os choques daquele ano lhe haviam cobrado pedágio do mesmo modo. Ele havia perdido peso, e havia perdido cabelo, e sua camisa estava cheia de rugas—embora não tão cheia quanto sua cara, e a camisa, pelo menos, poderia ser engomada. Ele parecia ter sessenta e cinco ao invés de quarenta e cinco.

— Não me bata. — eu disse quando lhe vi esfregando os punhos. — Me escute.

— Eu não bateria em um homem de uma mão só. — ele disse. — Mas vou agradecê-lo ser for rápido. E temos que falar aqui fora na varanda, porque você nunca mais vai pôr um pé dentro de minha casa novamente.

— Tudo bem. — eu disse. Eu também havia perdido peso—muito—e eu tremia, mas o ar frio foi bom para meu toco, e para a mão invisível que ainda parecia existir abaixo dele. — Eu quero lhe vender 100 acres de terra boa, Harl. Os cem que Arlette estava tão determinada a vender para a Companhia Farrington.

Ele deu um sorriso, e seus olhos brilharam em suas novas cavidades profundas.

— Tropeçou em tempos difíceis, não foi? Metade da sua casa, e metade do seu celeiro desabou. Hermie Gordon disse que tem uma vaca vivendo com você. — Hermie Gordon era o carteiro que percorria a rota rural, um notável fofoqueiro.

Eu disse o preço para que a boca de Harl caísse e suas sobrancelhas se levantassem. Foi aí que eu notei um cheiro flutuando pela bonita e bem designada fazenda dos Cotterie, que pareceu totalmente alienígena ao lugar: comida frita.

Sallie Cotterie aparentemente não era quem fazia a comida. Certa vez eu poderia me interessar nisso, mas esse tempo passou. Tudo com que eu me importava agora era me livrar dos 100 acres. Simplesmente me pareceu certo vendê-los barato, já que eles haviam me custado tão caro.

— Isso é uma ninharia. — ele disse. Então, com evidente satisfação. — Arlette iria se revirar no túmulo.

Ela fez mais do que se revirar nele, eu pensei.

— Por que está rindo, Wilf?

— Por nada. Exceto por uma coisa, eu não me importo mais com a terra. A única coisa com que eu me *importo* é manter aquela maldita fábrica de abatimentos da Farrington longe delas.

— Mesmo se perder seu próprio lar? — ele assentiu como se fosse uma pergunta. — Eu sei sobre a hipoteca que você pegou. Não há segredos numa cidade pequena.

— Mesmo que eu tenha... — eu concordei. — Aceite a oferta, Harl. Seria maluco se não o fizesse. Aquele córrego vai se encher de sangue, cabelo e intestinos de porcos—e é seu córrego também.

— Não. — ele disse.

Olhei para ele, surpreso demais para dizer qualquer coisa. Mas novamente ele assentiu como se eu tivesse lhe feito uma pergunta.

— Você acha que sabe o que fez comigo, mas você não sabe de tudo. Sallie me deixou. Ela se foi com seus parentes para McCook. Ela disse que pode voltar, ela disse que vai pensar, mas eu acho que ela não vai fazer isso. Então isto me põe com você no mesmo vagão quebrado, não é? Éramos dois homens que começaram o ano com suas esposas e terminaram sem elas. Éramos dois homens que começaram o ano com suas crianças vivas, e terminaram com elas mortas. A única diferença que eu consigo ver é que eu não perdi metade da minha casa, e do meu celeiro numa tempestade. — ele pensou no assunto. — E eu ainda tenho ambas as mãos. Tem isso, eu suponho. Quando se trata de eu provocar uma besteira—como se eu quisesse—eu teria a opção de escolher qual delas usar.

— Quê... por que ela...

— Oh, use a cabeça. Ela me culpa também pela morte de Shannon. Ela disse que se eu não tivesse subido no salto e mandado Shan embora, ela ainda estaria viva e vivendo com Henry em sua fazenda no fim da estrada, ao invés de deitada e congelada em uma caixa sob a terra. Ela disse que teria um neto. Ela me chamou de tolo egoísta, e ela está certa.

Eu tentei tocá-lo com minha mão inteira. Ele deu uma tapa nela para afastá-la.

— Não me toque, Wilf. Um único aviso sobre isso é tudo o que você vai receber.

Eu recolhi a mão e a deixei ao meu lado.

— De uma coisa eu tenho certeza... — ele disse. — Se eu pegasse sua oferta, tentadora como ela é, eu me arrependeria. Porque aquela terra é amaldiçoada. Podemos não concordar em tudo, mas aposto que concordaríamos nisso. Se quiser vendê-la, venda-a para o banco. Você vai receber a papelada da hipoteca de volta, e algum dinheiro, além disso.

— Eles vão dar meia-volta e vendê-la para a Farrington!

— Mas é uma grande pena. — essa foi sua última palavra sarcástica no assunto enquanto ele fechava a porta na minha cara.

No último dia do ano, eu dirigi até Hemingford Home e fui ver o Sr. Stoppenhauser no banco. Eu lhe disse que havia decidido que não poderia mais viver na fazenda. Eu lhe disse que iria vender os acres de Arlette para o banco e usar o balanço dos procedimentos para retirar a hipoteca. Como Harlan Cotterie, ele disse não. Por um momento ou dois eu apenas fiquei lá sentado na cadeira encarando sua mesa, sem poder acreditar no que eu havia escutado.

— Por que não? São boas terras!

Ele me disse que trabalhava para o banco, e que um banco não era uma agência imobiliária. Ele se referiu a mim como Sr. James. Meus dias como Wilf naquele escritório haviam acabado.

— Isso é simplesmente... — *Ridículo* foi a palavra que me veio à cabeça, mas eu não queria correr o risco de ofendê-lo se houvesse uma chance de que ele pudesse mudara de idéia. Uma vez que eu havia tomado a decisão de vender a terra (e a vaca, eu teria que achar um comprado para Aquelois também, possivelmente um estranho com um saco de feijõezinhos mágicos para trocar), a idéia me abatera com tanta força, que se tornara uma obsessão. Então eu mantive a voz baixa e falei calmamente.

— Isso não é exatamente verdade, Sr. Stoppenhauser. O banco comprou aquele prédio da Rideout no verão passado quando ele foi posto em leilão. E o Triplo M também.

— Estas foram situações diferentes. Nós mantivemos uma hipoteca com seus 80 originais, e estamos contentes com isso. O que você faz com aqueles outros cem acres de pasto não é de nosso interesse.

— Quem esteve aqui para vê-lo? — eu perguntei, e então percebi que não precisava tê-lo feito. — Foi Lester, não é? O cachorrinho de Cole Farrington.

— Eu não tenho idéia do que você está falando. — Stoppenhauser disse, mas eu vi o movimento rápido em seus olhos. — Eu acho que seu luto e também seu... seu machucado... têm temporariamente causado danos à sua habilidade de pensar claramente.

— Oh, não. — eu disse, e comecei a rir. Era um som perigosamente desequilibrado, mesmo para meus próprios ouvidos. — Eu nunca pensei tão claramente em minha vida, senhor. Ele veio te ver—ele ou outro, eu tenho certeza de que Cole Farrington pode pagar todos os advogados charlatões que ele quiser—e você fez um acordo. Você esteve *c-c-conspirando*! — eu ria mais do que nunca.

— Sr. James, receio que terei que pedir que você saia.

— Talvez você já tivesse tudo planejado de antecedência. — eu disse. — Talvez seja por isso que você esteve tão ansioso em me fazer pegar a maldita hipoteca, em primeiro lugar. Ou talvez quando Lester ouviu sobre meu filho, ele viu uma oportunidade de ouro de tomar vantagem de minha desgraça e veio correndo até você.

Talvez ele tenha sentado bem nessa cadeira e dito, “Isso vai funcionar para nós dois, Stoppie—você ganha a fazenda, meu cliente ganha as terras por consequência, e Wilf James pode ir pro Inferno. Não foi assim que aconteceu?”

Ele havia apertado um botão em sua mesa, e agora a porta abria. Era só um banco pequeno, pequeno demais para empregar um segurança, mas o funcionário que apareceu era um rapaz robusto. Um da família Rohrbacher, pelo que parecia; eu havia freqüentado a escola com seu pai, e Henry havia freqüentado com sua irmã caçula, Mandy.

— Há algum problema, Sr. Stoppenhauser? — ele perguntou.

— Não se o Sr. James sair agora. — ele disse. — Quer levá-lo, Kevin?

Kevin entrou, e quando comecei a me levantar, ele colocou uma mão acima de meu cotovelo esquerdo. Ele se vestia como um banqueiro, com seus suspensórios e gravata borboleta, mas aquela era uma mão de fazendeiro, dura e cheia de calos. Meu toco convalescente deu um aviso latejante.

— Venha comigo, senhor. — ele disse.

— Não me puxe. — eu disse. — Dói onde minha mão costumava estar.

— Então venha.

— Eu freqüentei a escola com seu pai. Ele sentava bem ao meu lado e costumava colar de mim durante a semana de testes na primavera.

Ele me puxou da cadeira onde uma vez eu fora endereçado como Wilf. Bom e

velho Wilf, que não seria tolo em não pegar a hipoteca. A cadeira quase caiu junto.

— Feliz Ano Novo, Sr. James. — Stoppenhauser disse.

— Para você também, seu puto sonso. — eu respondi. Ver a expressão chocada em seu rosto pode ter sido a última coisa boa que aconteceu em minha vida. Eu estou sentado aqui a cinco minutos, mascando a ponta da minha caneta, e tentando pensar em outra—um bom livro, uma boa refeição, uma tarde agradável no parque—e não consigo.

Kevin Rohrbacher me acompanhou através do saguão. Eu suponho que seja o verbo correto; não era bem arrastar. O piso era de mármore e nossos passos ecoaram. As paredes eram de carvalho escuro. Através das altas janelas dos caixas, duas mulheres serviam a um pequeno grupo de clientes de fim de ano. Uma das caixas era jovem e a outra era velha, mas suas expressões de olhos esbugalhados eram idênticas. Ainda assim não foi o interesse horrorizado, quase lascivo delas que me chamou a atenção; foi outra coisa completamente diferente. Uma saliência lisa de carvalho de sete centímetros corria acima das janelas dos caixas, e correndo rapidamente em cima dela—

— Cuidado com o rato! — eu berrei, e apontei.

A jovem caixa deu um gritinho, olhou para cima, então trocou um olhar com sua colega mais velha. Não havia rato, apenas uma sombra em movimento do ventilador do teto. E agora todos olhavam para mim.

— Olhem o quanto quiser! — eu lhes disse. — Olhem à vontade! Olhem até que seus malditos olhos caiam!

Então eu estava na rua, e minha respiração no vento frio do inverno fazia parecer que eu estava fumando.

— Não volte, a não ser que tenha negócios a tratar. — Kevin disse. — E a não ser que você possa manter uma linguagem civilizada.

— Seu pai foi o maior trapaceiro que eu conheci na escola. — eu lhe disse. Eu queria que ele me batesse, mas ele apenas voltou para dentro e me deixou só na calçada, parado na frente de meu velho caminhão. E foi assim que Wilfred Leland James fez sua visita à cidade no último dia de 1922.

Quando eu cheguei em casa, Aquelois não estava mais na casa. Ela estava do lado de fora, deitada e produzindo suas próprias fumaças de vapor branco. Eu consegui ver as pegadas que ela fizera ao sair da varanda, e a maior de todas onde ela havia aterrissado de mau jeito e quebrado ambas as patas da frente. Nem mesmo uma vaca inocente poderia sobreviver à minha volta, ao que parecia.

Eu fui ao vestibulo para pegar minha arma, então entrei na casa, querendo ver—

se eu pudesse—o que a havia assustado tanto para que ela saísse correndo de seu novo abrigo. Eram os ratos, é claro. Três deles estavam sentados no guarda-louça precioso de Arlette, olhando para mim com seus negros e solenes olhos.

— Voltem e digam a ela para me deixar em paz. — eu lhes disse. — Diga que ela já provocou dano suficiente. Por Deus, digam a ela para me deixar.

Eles apenas ficaram lá sentados me olhando, com suas caudas enroladas, ao redor de seus corpos cinzentos. Então eu levantei meu rifle e atirei no do meio. A bala o rasgou e explodiu seus restos no papel de parede que Arlette havia escolhido com tanto cuidado 9 ou 10 anos antes. Quando Henry era apenas uma criança, e as coisas entre nós três estavam boas.

Os outros dois fugiram. De volta para seu esconderijo secreto, sem dúvida. De volta para sua rainha apodrecida. O que eles deixaram no guarda-louça de minha esposa morta foi pilhas de bosta de rato, e três ou quatro pedaços do pano de saco que Henry pegara do celeiro naquela noite de verão no início de 1922. Os ratos haviam vindo para matar minha última vaca, e me trazerem pequenos pedaços da *vestimenta* de Arlette.

Eu fui para fora, e acariciei Aquelois na cabeça. Ela levantou o pescoço e mugiu melancolicamente. *Faça isso parar. Você é o mestre, você é o deus do meu mundo, então faça isso parar.*

Eu fiz.

Feliz Ano Novo.

Esse foi o fim de 1922, e esse é o fim de minha história; todo o resto é apenas epílogo. Os emissários que se agruparam ao redor deste quarto—como o gerente deste velho hotel gritaria se os visse!—não terão que esperar muito mais para dar seu veredicto. Ela é a juíza, eles são o júri, mas eu serei meu próprio carrasco.

Eu perdi a fazenda, é claro, Ninguém, incluindo a Companhia Farrington, compraria aqueles 100 acres até que a casa fosse demolida, e quando as tripas de porcos finalmente apareceram, eu fui forçado a vendê-las a um preço insanamente baixo. O

plano de Lester funcionou perfeitamente. Tenho certeza que foi idéia dele, e tenho certeza de que ele ganhou um bônus.

Ora, bem; eu teria perdido meu pequeno apoio no Condado de Hemingford se eu não tivesse recursos financeiros para usar em uma emergência, e havia uma espécie de perverso conforto nisso. Eles dizem que esta depressão em que estamos começou na Sexta-Feira Negra do ano passado, mas as pessoas em estados como Kansas, Iowa, e Nebraska sabem que começou em 1923, quando o

plantio que havia sobrevivido àquelas terríveis tempestades naquela primavera foi morto na seca que se sucedeu, uma seca que durou 2 anos. O pouco plantio que havia alcançado os mercados da grande cidade, e as permutas agrícolas das pequenas cidades, foi comprado a preço de banana. Harlan Cotterie agüentou até 1925, mais ou menos, e então o banco tomou sua fazenda. Eu soube disso enquanto folheava a seção bancário da *Tribuna*. Por volta de 1925, tais seções às vezes tomavam páginas inteiras do jornal. As pequenas fazendas haviam começado a sumir, e eu acredito que em cem anos—talvez apenas 75—elas terão desaparecido completamente. Pode vir 2030 (se houver tal ano), todo o oeste de Omaha será uma única grande fazenda. Provavelmente pertencerá à Companhia Farrington, e aqueles infelizes o bastante para viverem naquelas terras terão que passar suas existências sob céus sujos e amarelos, usando máscaras de gás para evitarem sufocar com o fedor dos porcos mortos. E todos os córregos correrão em vermelho, com o sangue dos abatimentos.

Pode vir 2030, apenas os ratos estarão felizes.

Isso é uma ninharia, Harlan havia dito no dia que eu lhe oferecera a terra de Arlette à venda, e eventualmente eu fui forçado a vendê-la a Cole Farrington por menos do que uma ninharia. Andrew Lester, Advogado à serviço da lei, trouxe a papelada para uma pensão em Hemingford City, onde eu estava, então, vivendo, e ele sorriu enquanto eu a assinei. É claro que ele o fez. Os garotões sempre vencem. Eu fui um tolo de pensar que poderia ser diferente. Eu fui um tolo, e todos que eu amei pagaram o preço. Eu às vezes imagino se Sallie Cotterie voltou para Harlan, o seu ele foi atrás dela em McCook depois de perder a fazenda. Eu não sei, mas eu acho que a morte de Shannon provavelmente terminou aquele casamento, anteriormente, feliz. O veneno se espalha como tinta na água.

Enquanto isso, os ratos haviam começado a se movimentar do rodapé deste quarto. O que era um quadrado começou a se tornar um cerco. Eles sabem que isto é apenas o *depois*, e nada que acontece depois de um ato irrevogável importa muito.

Ainda assim, eu vou terminar. E eles não vão me pegar enquanto eu estiver vivo; a última pequena vitória será minha. Minha velha jaqueta marrom está pendurada nas costas da cadeira em que eu estou sentado. A pistola está no bolso. Quando eu terminar as poucas últimas páginas desta confissão, eu vou usá-la. Eles dizem que suicidas e assassinos vão para o Inferno. Então, eu saberei o caminho, porque estive lá pelos últimos oito anos.

Eu fui para Omaha, e se ela é de fato uma cidade de tolos, como eu costumava dizer, então eu era um cidadão modelo. Eu tentei vender os 100 acres de Arlette, mas mesmo por uma ninharia, levou 2 anos. Quando eu não estava bebendo, eu

visitei os lugares que Henry estivera durante os últimos meses de sua vida: a mercearia, o posto de gasolina em Lyme Biska com a garota de gorro azul no telhado (na época fechada com uma placa na porta que dizia À VENDITA PELO BANCO), a loja de penhores na Dodge Street (onde eu imitei meu filho, e comprei a pistola que está agora no bolso de minha jaqueta), a filial de Omaha do Primeiro Agrícola. A caixa jovem e bonita ainda trabalhava lá, embora seu último já não mais fosse Penmark.

— Quando eu lhe passei o dinheiro, ele disse obrigado. — ela me contou. — Talvez ele tenha se tornado mau, mas alguém o criou bem. Você o conhecia?

— Não. — eu disse. — Mas conhecia a família dele.

É claro que fui até o Santa Eusébia, mas não tentei entrar e perguntar sobre Shannon Cotterie para a irmã mestra, governanta, ou qualquer que fosse o título. Era um velho e grande prédio intimidador, suas rochas duras e janelas fechadas expressando perfeitamente a opinião da hierarquia papista sobre as mulheres. Observar algumas meninas grávidas que saíam com olhos abatidos e ombros curvados me disse tudo o que eu precisava saber sobre a razão pela qual Shan estivera tão disposta a fugir.

Estranho o bastante, eu me senti mais perto de meu filho em um beco. Era aquele próximo à Farmácia Gallatin & Fonte de Refrigerantes (Schrafft Doces & Melhores Guloseimas Caseiras), a duas quadras do Santa Eusébia. Havia uma caixa lá, provavelmente nova demais para ser a que Henry usou para se sentar enquanto esperava por uma garota aventureira o bastante para trocar informações por cigarros, mas eu poderia fingir, e eu o fiz. Tal fingimento era fácil enquanto eu estava bêbado, e na maioria dos dias quando eu aparecia na Gallatin Street, eu estava deveras bêbado.

Algumas vezes eu fingia que era 1922 de novo, e que eu estava esperando por Victoria Stevenson. Se ela viesse, eu trocaria um maço inteiro de cigarros para que ela levasse uma única mensagem: *Quando um jovem que chama a si mesmo de Hank aparecer aqui, perguntando sobre Shan Cotterie, diga-o para dar o fora. Para levar sua bunda para outro lugar. Diga a ele que seu pai precisa dele de volta na fazenda, que talvez com os dois trabalhando juntos, eles possam salvá-la.*

Mas aquela garota estava além de meu alcance. A única Victoria que eu conheci, foi a versão mais velha, aquela com três crianças graciosas, e o respeitável título de Sra. Hallett. Eu então parei de beber, eu tinha um trabalho na loja de roupas da Bilt-Rite, e havia feito as pazes com a lâmina de barbear e o sabão. Dada a esta aparência de respeito, ela me recebeu com gosto. Eu lhe disse quem eu era apenas porque—se eu seria honesto até o fim—mentir não era uma opção. Eu pude ver em seus delicados olhos que se abriam que ela havia notado a

semelhança.

— Ora, ele era tão doce. — ela disse. — E tão apaixonado. Sinto muito por Shan também. Ela era uma grande garota. É como uma tragédia de Shakespeare, não é?

Só que ela disse *tradégia*, e depois disso eu não voltei mais à Gallatin Street, porque por mim o assassinato de Arlette havia envenenado até a tentativa gentil desta jovem e inocente mãe de Omaha. Ela pensou que as mortes de Henry e Shannon eram como uma *tradégia* de Shakespeare. Ela achou que era romântico. Será que ela ainda pensaria assim, eu me perguntei, se tivesse ouvido minha esposa gritar de dentro de um pano de saco encharcado de sangue? Ou visto o rosto sem olhos e lábios de meu filho?

Eu tive dois empregos durante meus anos em Gateway City, também conhecida como a Cidade dos Tolos. Você dirá que *é claro* que eu tive empregos; eu estaria vivendo nas ruas de outro modo. Mas homens mais honestos do que eu continuaram a beber mesmo quando queriam parar, e homens mais decentes do que eu acabaram dormindo na sarjeta. Eu suponho que posso dizer que depois dos meus anos perdidos, eu fiz mais um esforço de viver uma vida de verdade. Houve tempos em que eu realmente acreditei nisso, mas deitado na cama à noite (e ouvindo os ratos passeando atrás das paredes—eles têm sido minha companhia constante), eu sempre soube da verdade: eu ainda estava tentando vencer. Mesmo após as mortes de Henry e Shannon, mesmo depois de perder a fazenda, eu estava tentando vencer o cadáver dentro do poço.

Ela e seus *lacaio*s.

John Hanrahan era o capataz na fábrica Bilt-Rite. Ele não queria contratar um homem com uma única mão, mas eu pedi que me deixasse tentar, e quando eu provei que podia carregar um enxergão totalmente carregado de roupas como qualquer outro homem em sua folha de pagamentos, ele me aceitou. Eu carreguei aqueles enxergões por 14 meses, e constantemente voltava para a pensão quando estava com minhas costas e meu toco em chamas. Mas eu nunca reclamei, e até encontrei tempo para aprender a coser. Isto eu fiz na minha hora de almoço (que na verdade eram 15 minutos), e durante as pausas da tarde. Enquanto outros homens ficavam nos fundos da plataforma de carregamento, fumando e contando piadas safadas, eu ensinava a mim mesmo a costurar, primeiro nos sacos de despacho que usávamos, e então nos aventais que eram o principal produto da companhia. Eu acabei possuindo aptidão para isso; eu conseguia até colocar um zíper, o que não é fácil naquele tipo de tecido. Eu pressionaria o tecido com meu toco para mantê-lo firme, enquanto meu pé movimentava o pedal elétrico.

A costura acabou me rendendo mais do que carregamento, e era mais fácil para minhas costas, mas o Andar da Costura era escura e cavernosa, e depois de mais ou menos quatro meses eu comecei a ver ratos nas montanhas azuis de brim, e passeando nas sombras da esteira que trazia os trabalhos a serem feitos.

Em várias ocasiões eu chamei a atenção de meus colegas. Mas eles diziam não vê-los. Talvez eles realmente não os vissem. Eu acho que eles tinham mais medo de que o Andar da Costura fosse temporariamente fechado para que os exterminadores de rato pudessem vir e fazer seu trabalho. O pessoal da costura poderia perder três dias, ou mesmo uma semana de pagamento. Para homens e mulheres com famílias, isso teria sido uma catástrofe. Era mais fácil para eles dizer ao Sr. Hanrahan que eu estava vendo coisas. Eu entendi. E quando eles começaram a me chamar de Wilf Maluco? Eu entendi isto também. Mas não foi por isto que eu saí.

Eu saí porque os ratos continuavam a aparecer.

Eu estivera poupando algum dinheiro, e estava preparado para viver disso enquanto procurava por outro trabalho, mas eu não tive que fazer isso. Apenas três dias após deixar Bilt-Rite, eu vi um cartaz procurando por um bibliotecário na Biblioteca Pública de Omaha—deve possuir referências ou diploma. Eu não tinha diploma, mas eu havia sido um leitor durante toda a minha vida, e se os eventos de 1922 me ensinaram alguma coisa, foi como enganar. Eu forjei referências de bibliotecas públicas em Kansas City e Springfield, Missouri, e consegui o emprego. Eu tenho certeza de que o Sr. Quarles checaria as referências e descobria que eram falsas, então eu trabalhei para ser o melhor bibliotecário da América, e eu trabalhei rápido. Quando meu chefe me confrontasse com minha fraude, eu simplesmente me jogaria à sua misericórdia e esperaria o melhor. Mas não houve confronto. Eu continuei a trabalhar na Biblioteca Pública de Omaha por quatro anos. Tecnicamente falando, eu suponho que eu ainda trabalhe, embora eu não tenha aparecido por lá há uma semana, e tampouco telefonei para informar de alguma doença.

Os ratos, você vê. Eles me encontraram aqui também. Eu comecei a vê-los agachados em pilhas de velhos livros na Seção de Referências, ou correndo ao longo das prateleiras mais altas, me espiando, sabendo. Na última semana, na Seção de Referências, quando peguei um volume da *Enciclopédia Britânica* para uma senhora idosa (estava na prateleira Ra-ST, que sem dúvidas conteria o verbete *Rattus norvegicus*, sem mencionar *abatedouro*), eu vi um rosto faminto e cinzento olhando para mim da abertura vaga na estante. Era o rato que mordera a teta da pobre Aquelois.

Eu não sei como isso poderia ser—eu tenho certeza de que o matei—mas não havia dúvidas. Eu o reconheci. Como não poderia? Havia um pedaço do tecido,

do tecido sujo de sangue, preso em seus bigodes.

Um pedaço de fita!

Eu peguei o volume da Enciclopédia que a senhora havia pedido (ela usava uma estola de arminho, e os olhinhos negros daquela coisa me observaram friamente). Então eu simplesmente me afastei. Eu perambulei pelas ruas por horas, e eventualmente cheguei até aqui, ao Hotel Magnólia. E eu tenho estado aqui desde então, gastando o dinheiro que eu havia poupado como bibliotecário—que não importa mais—e escrevendo minha confissão, que importa. Eu— Um deles acabara de morder meu calcanhar. Como se dizendo *Acabe logo com isto, o tempo está quase acabando*. Um pouco de sangue começou a manchar minha meia. Isso não me perturbou, nem um pouquinho. Eu já havia visto mais sangue do que isso na vida; em 1922 houve um quarto cheio dele.

E agora eu acho que estou ouvindo... é minha imaginação?

Não.

Alguém veio me visitar.

Eu fechei o cano, mas ainda assim os ratos escaparam. Eu tampei o poço, mas ainda assim *ela* escapou. E desta vez eu não acho que ela esteja sozinha. Eu acho que escuto dois pares de pés, não apenas um. Ou— Três? São três? Por acaso a garota que teria sido minha nora em um mundo melhor estaria com eles também?

Eu acho que ela está. Três cadáveres vagando pelo corredor, seus rostos (o que sobrou deles) desfigurados por mordidas de ratos, o de Arlette empurrado para um lado também... pelo coice de uma vaca moribunda.

Outra mordida no calcanhar.

E outra!

Como a gerência iria—

Ai! Outra. Mas eles não vão me pegar. E tampouco meus visitantes, embora agora eu consiga ver a maçaneta girando e, e possa sentir o cheiro deles, a carne restante pendendo em seus ossos provocando o fedor dos assassinados

assassi

A arma

deus onde está a

parem

OH FAÇA-OS PARAR DE ME MOR

Da Tribuna de Omaha, 14 de Abril de 1930:

*BIBLIOTECARIO COMETE SUICÍDIO EM HOTEL LOCAL
Cena Bizarra Recepciona Segurança do Hotel*

O corpo de Wilfred James, um bibliotecário da Biblioteca Pública de Omaha, foi encontrado em um hotel local no Domingo quando os esforços, pela equipe do hotel, de contatá-lo não tiveram efeito. O residente de um quarto próximo reclamou de um “cheiro de carne estragada”, e uma arrumadeira relatou ter ouvido “gritos ou um choro abafado, como um homem com dor” no fim da tarde da sexta-feira.

Depois de bater repetidamente na porta e não receber resposta, o Chefe da Segurança do hotel usou sua chave e descobriu o corpo do Sr. James, afundado na escrivaninha do quarto.

“Eu vi uma pistola e presumi que ele havia se matado”, o segurança disse, “mas ninguém relatou um tiro, e não havia cheiro de pólvora. Quando checamos a arma, eu constatei que era uma calibre .25 mal cuidada, e não estava carregada”.

“Aí, é claro, eu havia visto o sangue. Eu nunca havia visto nada como aquilo antes, e nunca mais quero ver. Ele havia roído o corpo inteiro—braços, pernas, calcanhares, até os dedos. E isso não era tudo. Ficou claro que ele estivera ocupado com algum projeto de escrita, mas ele havia mastigado o papel também. Estava por todo o chão. Pareceu do jeito que os papéis ficam quando os ratos os roem para fazer seus ninhos. No fim, ele roeu seus próprios pulsos. Acredito que tenha sido isto que o matou. Ele certamente deve ter enlouquecido”.

Pouco é sabido sobre o Sr. James até agora. Ronald Quarles, chefe dos bibliotecários na Biblioteca Pública de Omaha, contratou o Sr. James no fim de 1926.

“Ele estava obviamente sem sorte, e em desvantagem pela falta de sua mão, mas ele conhecia muito sobre livros, e suas referências eram boas.” Quarles disse. “Ele era culto, mas distante, eu acredito que ele tenha trabalhado em alguma fábrica antes de se candidatar a uma posição aqui, e ele disse às pessoas que antes de perder sua mão, ele possuía uma

pequena fazenda no Condado de Hemingford”.

A Tribuna está interessada no infeliz Sr. James, e solicita informações de quaisquer leitores que possam tê-lo conhecido. O corpo está sendo levado ao Necrotério do Condado de Omaha, à espera e disposição de um parente. “Se nenhum parente aparecer,” disse o Dr. Tattersall, do Gabinete Médico do Necrotério, “eu suponho que ele será enterrado em solo público.”

GRANDE MOTORISTA



-1-

Tess aceitava doze compromissos compensados como oradora por ano, se ela pudesse consegui-los. Mil e duzentos cada um, isso dava mais do que quatorze mil dólares. Era seu fundo de aposentadoria. Ainda assim, ela ainda esta feliz o bastante com a Sociedade de Costura de Willow Grove após doze livros, mas ela não se iludia que poderia continuar a escrevê-los até seus setenta anos. Se ela o fizesse, encontraria o fundo do poço? *A Sociedade de Costura de Willow Grove Vai a Terre Haute ? A Sociedade de Costura de Willow Grove Visita a Estação Espacial Internacional?* Não.

Nem mesmo se as sociedades das senhoras leitoras, que eram seu público alvo, os lessem (e provavelmente o fariam). Não.

Então ela era uma boa esquilo-fêmea, vivendo bem com o dinheiro que seus livros traziam... mas guardando nozes para o inverno. Todo ano pelos últimos dez, ela colocara entre doze e dezesseis mil dólares em seu fundo de mercado monetário. O total não era tão alto quanto ela poderia desejar, graças à rotação do mercado, mas ela disse a si mesmo que se continuasse a poupar, ela provavelmente ficaria bem; ela era uma pequena máquina que poderia fazer isso. E ela fez ao menos três eventos gratuitos por ano para manter a consciência. Este órgão freqüentemente irritante não deveria pesar sobre conseguir dinheiro honesto com trabalho honesto, mas às vezes ela o fazia.

Provavelmente porque mexer a boca e assinar seu nome não combinava com o conceito de trabalho com que ela havia sido educada para entender.

Além do honorário de mil e duzentos dólares, ela tinha outra condição: que ela pudesse dirigir até o local da palestra, com não mais do que uma parada noturna pelo caminho. Isso significava que ela raramente ia mais além do sul do que Richmond, ou mais além do oeste do que Cleveland. Uma noite em um hotel de estrada era cansativo, mas aceitável; duas a fazia ficar inútil por uma semana. E Fritzy, seu gato, odiava cuidar da casa, sozinho. Isto ele mostrou claramente quando ela voltou para casa, Se entrelaçando entre seus pés na escada, ou freqüentemente fazendo um uso promíscuo de suas garras enquanto estivesse sentado no colo dela. E embora Patsy McClain, a vizinha que era boa o alimentasse, ele raramente comia até que Tess voltasse para casa.

Não era que ela tivesse medo de voar, ou ficasse hesitante em cobrar as organizações que a convocavam para viagens caras tanto quanto ela os cobrava pelos quartos de hotéis (sempre bons, nunca elegantes). Ela simplesmente odiava; a multidão, a indignidade de ter seu corpo inteiro sondado, o modo como as

companhias aéreas agora cobravam pelo que costumava ser de graça, os atrasos... e o inescapável fato de que você não está no controle. Isso era o pior. Uma vez que você passasse pelos intermináveis pontos de inspeção da segurança, e fosse permitido estar a bordo, você teria que colocar seu pertence mais valioso—sua vida—nas mãos de estranhos.

É claro que também era verdade que nas rodovias e interestaduais que ela quase sempre usava em suas viagens, um bêbado poderia perder o controle, invadir a pista do meio, e terminar a vida dela em uma colisão frontal (*eles* sobreviveriam; os bêbados, ao que parecem, sempre sobrevivem), mas ao menos quando ela estivesse atrás do volante de seu carro, ela teria a ilusão de controle. E ela gostava de dirigir. Isso era um fato. Ela tinha algumas de suas melhores idéias quando estivesse no controle do cruzeiro, e o rádio desligado.

— Aposto que você foi um grande motorista de reboque em sua encarnação passada. — Patsy McClain lhe disse uma vez.

Tess não acreditava em vidas passadas, ou futuras—em termos metafísicos, ela achava que o que você vira era perfeitamente o que você recebia—mas ela gostava da idéia de uma vida onde ela não fosse uma mulher baixa com um rosto de duende, um sorriso tímido, e um trabalho de produzir mistérios, mas sim um cara grande, com um chapéu grande fazendo sombra em suas sobrancelhas queimadas pelo sol, e bochechas cinzentas, deixando um ornamento de buldogue em seu capuz guiá-lo ao longo de milhões de estradas que percorriam o país. Não haveria necessidade de testar cuidadosamente suas roupas antes de aparecer em público nessa vida; jeans desbotados e botas com fivelas laterais já seria o bastante. Ela gostava de escrever, e ela não se importava em falar em público, mas do que ela mais gostava mesmo era de dirigir.

Depois do que houve em sua apresentação em Chicopee, isto a fez achar a coisa engraçada... mas não engraçado de um modo que te faz rir. Não, definitivamente não é esse tipo de engraçado.

-2-

O convite da Livros & Sacos Pardos preenchia seus requisitos perfeitamente.

Chicopee não chegava nem a cem quilômetros de Stoke Village, o compromisso seria diurno, e a LSP estava oferecendo um honorário de não mil e duzentos, mas mil e quinhentos. Mais os gastos, é claro, mas estes seriam mínimos—nem mesmo uma estada no Courtyard Suítes, ou Hampton Inn. A carta-convite chegou escrita por uma mulher chamada Ramona Norville, que explicou que, embora ela fosse a bibliotecária chega na Biblioteca Pública de Chicopee, ela

escrevia como a Presidente da Livros & Sacos Pardos, que fazia uma palestra vespertina todo mês. As pessoas eram encorajadas a trazerem seus almoços, e os eventos eram muito populares. Janet Evanovich estivera agendada para 12 de Outubro, mas havia sido forçada a cancelar por problemas familiares—um casamento ou um funeral, Ramona Norville não teve certeza de qual.

— Eu sei que esta é uma nota curta. — a Srta. Norville havia dito em seu pequeno e lisonjeiro parágrafo final. — Mas no Wikipédia diz que você vive em Connecticut, e nossos leitores aqui em Chicopee são *tão* fãs das garotas da Sociedade de Costura. Você teria nossa eterna gratidão como também o já mencionado honorário.

Tess duvidava que a gratidão durasse mais do que um dia ou dois, e ela já tinha uma palestra agendada para Outubro (Cavalgada Literária Semanal em Hamptons), mas a I-84 a levaria para I-90, e da 90, Chicopee seria um tiro reto. Fácil como tirar doce de criança; Fritz mal perceberia que ela havia saído.

Ramona Norville tinha, é claro, incluído seu e-mail, e Tess escreveu imediatamente para ele, aceitando a data e honorário. Ela também especificou—como era seu feitio—que ela não assinaria autógrafos por mais do que uma hora. “Eu tenho um gato que mexe comigo se eu não estiver em casa para alimentá-lo pessoalmente”, ela escreveu. Ela perguntou por mais detalhes ulteriores, embora ela já soubesse mais do que seria esperado dela; ela tem estado feito eventos similares desde os trinta anos.

Ainda assim, organizadoras do tipo de Ramona Norville esperavam que fossem questionadas, e se você não o fizesse, elas ficavam nervosas e começariam a imaginar se aquela escritora contratada naquele dia apareceria bêbada e sem sutiã.

Passou pela cabeça de Tess sugerir que talvez dois mil dólares fosse mais apropriado para esta que seria, com efeito, uma missão de triagem, mas ela dispensou a idéia. Isso seria se aproveitar. Ela também duvidava de que todos os livros da Sociedade de Costura juntos (eles eram uma dúzia cravados) houvessem vendido tantas cópias quanto qualquer uma das aventuras de Stephanie Plum. Gostasse ou não—e na verdade, Tess pouco se importava—ela era o Plano B de Ramona Norville. Cobrar mais seria quase chantagem. Mil e quinhentos era mais do que justo. É claro que quando ela foi jogada em um bueiro, jorrando sangue pela sua boca e nariz inchados, não pareceu muito justo. Mas dois mil dólares seria o justo? Ou dois milhões?

Se você conseguiria ou não colocar uma etiqueta de preço em dor, estupro, e terror, essa era uma questão que as senhoras da Sociedade de Costura nunca investigariam. Os crimes que elas resolviam não eram realmente muito mais do que *idéias* de crimes. Mas quando Tess foi forçada a pensar nisso, ela achou que a resposta seria não. Pareceu a ela que apenas uma coisa poderia possivelmente

servir como troco por tal crime. Tanto Tom quanto Fritzzy concordaram.

-3-

Ramona Norville acabou se revelando uma mulher jovial de ombros largos, e seios grandes, de sessenta anos mais ou menos, com bochechas rosadas, um corte de cabelo da Marinha, e um aperto de mão que sugeria que ela não levaria prisioneiros. Ela estava esperando por Tess do lado de fora da biblioteca, no meio do estacionamento reservado para o Autor do Dia. Ao invés de desejar a Tess um bom dia (já se passavam vinte e cinco minutos das onze), ou elogiar seus brincos (gotas de diamante, uma extravagância reservada para os poucos jantares e compromissos como este), ela fez uma pergunta de homem: Tess havia vindo pela 84?

Quando Tess disse que sim, a Srta. Norville abriu os olhos e as bochechas.

— Que bom que está a salvo. A 84 é a pior estrada da América, em minha humilde opinião. E também ela faz uma grande volta. Podemos ajudá-la na volta, se a Internet estiver certa e você estiver hospedada em Stoke Village.

Tess concordou que estava, embora ela não tivesse certeza de que gostava de estranhos—mesmo uma agradável bibliotecária—que sabiam onde ela ficava para descansar a cabeça. Mas não seria bom reclamar; tudo estava na Internet hoje em dia.

— Posso te poupar quinze quilômetros. — a Srta. Norville disse enquanto galgavam os degraus da biblioteca. — Você tem um GPS? Isso facilita as coisas mais do que direções escritas na parte de trás de um envelope. Bugiganga maravilhosa.

Tess, que de fato havia adicionado um GPS no painel de seu Expedition (era chamado de Tomtom, e era ligado ao acendedor de cigarros), disse que quinze quilômetros tirados de sua jornada seria ótimo.

— É melhor um tiro reto do que fazer uma volta inteira. — a Srta. Norville disse, e deu uma palmadinha leve nas costas de Tess. — Estou certa ou não?

— Absolutamente. — Tess concordou, e seu destino foi decidido simples assim. Ela sempre se dava mal com atalhos.

-4-

Les Affaires du Livre normalmente tinha quatro atos bem definidos, e a

apresentação de Tess na convocação mensal da Livros & Sacos Pardos poderia ser um modelo para os casos gerais. A única coisa diferente das demais era a introdução de Ramona Norville, que era sucinta ao ponto da concisão. Ela carregou uma desanimadora pilha de arquivos ao pódio, não sentiu necessidade de recapitular a infância de Tess como fazendeira no Nebraska, e não se incomodou em produzir buquês de elogios aos livros da Sociedade de Costura de Willow Grove. (Isto era bom, porque eles raramente eram criticados, e quando eram, o nome da Srta. Marple era invocado, nem sempre de um jeito bom). A Srta. Norville simplesmente disse que os livros eram muito populares (um exagero perdoável), e que a autora havia sido extremamente generosa em doar seu tempo para comparecer (embora mil e quinhentos dólares dificilmente fossem uma doação). Então ela passou o pódio, ao som dos aplausos entusiasmados de mais ou menos quatrocentas pessoas no pequeno, mas adequado, auditório da biblioteca. A maioria delas eram mulheres do tipo que não apareceriam em ocasiões públicas sem antes vestirem chapéus.

Mas a introdução foi mais como um *intervalo*. Ato Um foi a recepção às onze horas, onde os maiores rolos compressores encontraram Tess em pessoa, juntas a queijo, biscoitos, e copos de péssimo café (nos eventos matutinos sempre haviam copos de plástico de vinho barato). Algumas pediram por autógrafos; outras muitas por fotos, que normalmente tiravam pelo celular. Ela foi perguntada sobre de onde ela tirava suas idéias e fez seus barulhos educados e bem-humorados com resposta. Meia dúzia de pessoas perguntou como ela havia conseguido um agente, os brilhos em seus olhos sugeriram que elas haviam pagado os vinte dólares extras apenas para fazer esta pergunta. Tess disse que você devia continuar a escrever cartas até que um dos famintos concordasse em olhar seu material. Isso não era a verdade completa—quando o assunto era agentes, não havia verdade completa—mas chegava perto.

Ato Dois foi o próprio discurso, que durou cerca de quarenta e cinco minutos.

Ele consistiu principalmente de anedotas (nenhuma pessoal demais) e uma descrição de como ela trabalhava suas histórias (de trás pra frente). Era importante inserir ao menos três menções do título do atual livro, que naquele outono aconteceu de ser *A Sociedade de Costura de Willow Grove Investiga* (ela explicou sobre o que era o livro para aqueles que ainda não sabiam).

Ato Três foi a Hora das Perguntas, onde ela foi perguntada de onde tirava suas idéias (resposta vaga e bem-humorada), se ela criava suas personagens baseando-as na vida real (“minhas tias”), e como ela conseguiu um agente para examinar seu trabalho.

Hoje ela também foi perguntada onde havia conseguido sua presilha de cabelo (JCPenney, uma resposta que provocou inexplicáveis aplausos).

O último ato foi a Hora do Autógrafo, durante o qual ela obrigatoriamente realizou pedidos de escrever felicitações de nascimento, felicitações de aniversário, *Para Janet, uma fã de todos os meus livros, e Para Leah—Espero vê-la novamente no Lago Toxaway neste verão!* (um pedido bem esquisito, já que Tess nunca estivera lá, mas presumivelmente a caça-autógrafos estivera).

Quando todos os livros haviam sido assinados, e as últimas mulheres estavam satisfeitas com mais fotos de celular, Ramona Norville escoltou Tess ao seu escritório para tomar uma xícara de café de verdade. Srta. Norville preferiu o seu preto, o que não surpreendeu Tess nem um pouco. Sua anfitriã era uma mulher do tipo que tomava café preto se é que alguma já caminhou pela face da terra (provavelmente em uma loja de calçados em seu dia de folga). A única coisa surpreendente no escritório era uma foto emoldurada e assinada na parede. O rosto era familiar, e depois de um momento, Tess pôde se lembrar do nome da lixeira da memória que é o bem mais valioso de todos os autores.

— Richard Widmark?

Srta. Norville riu de um modo envergonhado, mas feliz ao mesmo tempo.

— Meu ator favorito. Era gamada nele quando era garota, se quer saber a verdade, consegui que ela assinasse aquilo para mim dez anos antes de sua morte. Ele estava muito velho, mesmo naquela época, mas é uma assinatura de verdade, não uma estampa. Isto é seu.

Por um louco momento, Tess achou que a Srta. Norville se referia à foto autografada. Então ela viu o envelope entre seus dedos torcidos. O tipo de envelope com uma janela de plástico, para que você possa dar uma espiada no cheque em seu interior.

— Obrigada. — Tess disse, recebendo-o.

— Não é preciso agradecer. Você mereceu cada centavo.

Tess não fez objeção.

— Agora. Sobre aquele atalho.

Tess se inclinou atentamente. Em um dos livros da Sociedade de Costura, Doreen Marquis havia dito, *As duas melhores coisas da vida são croissants quentinhos e um jeito rápido de ir para casa*. Este era um caso de uma escritora usando suas próprias crenças para avivar sua ficção.

— Você consegue programar interseções em seu GPS?

— Sim, Tom é muito inteligente.

A Srta. Norville sorriu.

— Insira Stagg Road e então a US 47. A Stagg Road é muito pouco usada hoje

em dia—quase foi esquecida após aquela maldita 84—mas é pitoresca. Você a percorrerá por, oh, vinte e cinco quilômetros, mais ou menos. Asfalto remendado, mas não muito esburacado, ou não era da última vez que fui por lá, e isso foi na primavera, quando os piores buracos aparecem. Ao menos essa foi minha experiência.

— A minha também. — Tess disse.

— Quando chegar a 47, você verá um aviso lhe direcionando para a I-84, mas você só precisará pegar a rodovia por trinta quilômetros mais ou menos, essa é a parte bonita. E você vai poupar toneladas de tempo e irritação.

— Essa também é uma parte bonita. — Tess disse, e elas riram juntas, duas mulheres com a mesma mente observadas por um sorridente Richard Widmark. A loja abandonada com a placa balançante ainda estava a noventa minutos de distância, enfiada confortavelmente no futuro como uma cobra em seu buraco. E o bueiro, é claro.

-5-

Tess não só tinha um GPS; ela havia gastado um extra em um customizado. Ela gostava de brinquedos. Depois que ela havia inserido a interseção (Ramona Norville havia se inclinado na janela enquanto ela fazia, observado com grande interesse), a bugiganga pensou por um momento ou dois, e então disse, “Tess, estou calculando sua rota”.

— Uau, que tal isso! — Norville disse, e riu do modo como as pessoas riem acerca de uma adorável peculiaridade.

Tess sorriu, embora ela tenha pensado privativamente que programar seu GPS para dizer seu nome não era tão peculiar quanto guardar uma foto de um ator morto na parede de seu escritório.

— Obrigada por tudo, Ramona. Foi tudo muito profissional.

— Fazemos nosso melhor aqui na LSP. Agora pode ir. Com meus agradecimentos.

— Já vou. — Tess concordou. — E não tem de quê. Eu gostei muito. — Isto era verdade; ela normalmente gostava de tais ocasiões, de um modo “tudo-bem-vamos-dar-conta-disso”. E seu fundo de aposentadoria certamente adoraria a inesperada adição de dinheiro.

— Tenha uma viagem de volta segura. — Norville disse, e Tess levantou seu polegar.

Quando ela começou a rodar, o GPS disse, “Olá, Tess, parece que vamos viajar”.

— Pode apostar. — ela disse. — E esse é um bom dia para isso, não acha?

Diferente dos computadores em filmes de ficção científica, Tom era pobremente equipado para ter alguma conversa leve, embora Tess às vezes o ajudasse. Ele lhe disse para virar à direita durante trezentos e sessenta e cinco metros, para então tomar a primeira à esquerda. O mapa na tela de Tomtom mostrava setas verdes e nomes de rua, sugando informação de uma bola de metal giratória de alta tecnologia em algum lugar acima.

Logo, ela chegou a periferia de Chicopee, mas Tom a mandou passar pela curva para I-84, sem comentários e para dentro da região rural que estava flamejante com as cores de Outubro e fumacenta pelo cheiro de folhas em brasa. Depois de mais ou menos quinze quilômetros em um lugar chamado Velha Estrada do Condado, e justamente quando ela estava imaginando se seu GPS havia cometido um engano (até parece), Tom falou novamente.

— Em um quilômetro e meio, vire à direita.

Com certeza, logo ela viu a placa verde da Stagg Road tão furada com balas de escopeta que era quase impossível de ler. Mas é claro, Tom não precisava de placas; nas palavras dos sociólogos (Tess havia sido uma grande antes de descobrir seu talento para escrever sobre velhas senhoras detetives), ele era bem-direcionado.

Você a percorrerá por vinte e cinco quilômetros, mais ou menos, Ramona Norville havia dito, mas Tess só a percorreu por dezenove. Ela ultrapassou uma curva, e deu uma olhada em uma velha construção dilapidada à sua esquerda (na placa apagada sobre as bombas estéreis ainda se lia ESSO), e então viu—tarde demais—vários pedaços de madeira espalhadas no meio da estrada. Havia pregos enferrujados cravados em vários deles. Ela foi sacudida acima da armadilha que havia sido largada, provavelmente pelo carregamento mal amarrado de algum caipira idiota, então girou o ombro levemente em um esforço para evitar as tralhas, sabendo que provavelmente não conseguiria; por que mais ela se ouviria dizendo *Oh-oh?*

Houve um baque surdo abaixo dela enquanto nacos de madeira voavam contra a parte de baixo do carro, e então seu confiável Expedition começou a subir e descer, e puxar para a esquerda, como um cavalo irado. Ela lutou para adentrar no gramado da loja deserta, querendo sair da estrada para evitar que alguém que viesse a toda velocidade naquela última curva não a engavetasse. Ela não havia visto muito tráfego na Stagg Road, mas houvera algum, incluindo uns dois caminhões largos.

— Maldita seja, Ramona. — ela disse. Ela sabia que não era realmente culpa da bibliotecária; a líder (e provavelmente única membro) da Sociedade de Fãs Apreciadoras de Richard Widmark, filial de Chicopee, só havia tentado ajudar, mas Tess não sabia os nomes dos babacas que haviam jogado suas merdas cheias de pregos na estrada, e seguido alegremente seus caminhos, então Ramona teria que servir.

— Gostaria que eu recalculasse sua rota, Tess? — Tom perguntou, fazendo-a pular.

Ela desligou o GPS, e então desligou o motor também. Ela não iria a lugar algum por enquanto. Estava muito quieto lá fora. Ela ouviu uma espécie de barulho de pássaro, um som metálico como os ponteiros de um velho relógio, e nada mais. A boa notícia era que o Expedition estava inclinado apenas para a parte frontal esquerda, ao invés de para todos os lados. Talvez tivesse sido apenas um pneu. Ela não precisasse de reboque, se fosse assim; apenas de uma ajudinha de um estepe e do macaco.

Quando ela saiu e olhou para o pneu esquerdo da frente, ela viu uma lasca de madeira o empalando com seu largo e enferrujado espinho. Tess pronunciou um expletivo monossilábico que nunca havia passado pelos lábios dos membros da Sociedade de Costura, e pegou seu celular do pequeno compartimento entre os assentos.

Ela agora teria sorte de chegar em casa antes de escurecer, e Fritzzy teria que se contentar com sua tigela de comida seca na despensa. E o atalho de Ramon Norville parecia tão promissor... embora, para ser justa, Tess supôs que a mesma coisa poderia ter lhe acontecido na interestadual; certamente ela já havia evitado sua parcela de tralhas jogadas pelos carros em várias estradas, não apenas na I-84.

As convenções de histórias de terror e mistério—mesmo a variedade de mistérios sobre um único cadáver, sem sangue, deixavam seus fãs felizes—era surpreendentemente similares, e enquanto ela ligava seu celular, ela pensou, *Em uma história, o celular não funcionaria*. Este foi o caso da vida imitando a arte, porque quando seu Nokia acendeu, as palavras FORA DE SERVIÇO apareceram na tela. É claro. Poder usar o telefone seria simples demais.

Ela ouviu um indiferente som abafado de um motor se aproximando, se virou, e viu um velho furgão branco passando pela curva que a havia pegado. Em um dos lados estava um desenhado um esqueleto batendo em um conjunto de baterias que parecia ser feito de copos de papel. Escrita acima, em uma fonte típica de filmes de terror, desta aparição (*muito* mais peculiar do que uma foto de fãs de Richard Widmark em uma parede do escritório de uma bibliotecária) estavam as palavras COZINHEIROS DE ZUMBIS. Por um momento Tess ficou espantada demais para acenar, e quando ela o fez, o motorista da van dos Cozinheiros de

Zumbis estava ocupado demais evitando a bagunça na estrada e não prestou atenção nela.

Ele girou mais rápido do que Tess havia feito, mas a van tinha um centro maior de gravidade do que o Expedition, e por um momento ela teve certeza que ele capotaria para um lado aterrissando na vala. Ele continuou firme—por pouco—e reganhou a estrada além dos pedaços de madeira espalhados. A van desapareceu na curva seguinte, deixando para trás uma fumaça azul de escape e um cheiro de gasolina quente.

— *Malditos sejam, Cozinheiros de Zumbis!* — Tess gritou, e então começou a rir. Às vezes é tudo o que você podia fazer.

Ela encaixou o telefone na cintura pelas presilhas da calça, caminhou para a estrada, e começou a recolher as tralhas. Ela o fez devagar e cuidadosamente, porque ao chegar perto se tornou óbvio que os pedaços de madeira (que eram pintados de branco, e pareciam ter sido arrancados por alguém ansioso para começar uma reforma) tinham pregos neles. Grandes e feios. Ela trabalhou lentamente porque não queria se cortar, mas ela também esperava que fosse vista lá, fazendo uma notável obra de caridade Cristã, quando o próximo carro passasse. Mas quando ela terminou de recolher tudo, exceto alguns fragmentos inofensivos, e jogando os pedaços grandes na vala abaixo da estrada, nenhum carro apareceu. Talvez, ela havia pensado, os Cozinheiros de Zumbis haviam comido todo mundo nesta vizinhança e agora estava voltando para a cozinha para pôr as sombras nas sempre populares Tortas de Pessoas.

Ela voltou ao estacionamento de grama da falecida loja, e olhou bem-humorada para o carro torto. Trinta mil dólares de puro ferro, tração nas quatro rodas, freios independentes, Tom, o Tomtom falante... e tudo o que foi necessário para pará-lo foi um pedaço de madeira com um prego enfiado.

Mas é claro que eles sempre têm pregos, ela pensou. Em filmes de mistério—ou de terror—isso não constituiria descuido; isso constituiria um plano. Uma armadilha, na verdade.

— Imaginação demais, Tessa Jean. — ela disse, imitando sua mãe... e isso era irônico, é claro, já que havia sido sua imaginação que acabou lhe providenciando o pão de cada dia. Sem mencionar a casa em Daytona Beach onde sua mãe passara os últimos seis anos de sua vida.

No grande silêncio, ela começou a perceber novamente, aquele pequeno barulho de ponteiro de relógio. A loja abandonada era do tipo que você não via muito no século vinte e um: tinha uma varanda. O canto esquerdo estava destruído, e o corrimão estava quebrado em alguns lugares, mas sim, era uma varanda, charmosa até mesmo após sua dilapidação. Talvez seja *por causa* da dilapidação.

Tess supôs que varandas de lojas haviam se tornado obsoletas porque eles lhe encorajavam a sentar um pouco e conversar sobre beisebol, ou sobre o tempo, ao invés de apenas pagar, e passar seus cartões de crédito em algum outro lugar onde podia pagar e ir embora. Uma pequena placa pendia no telhado da varanda. Estava mais apagada do que a placa Esso. Ela se aproximou um pouco, levantando a mão na altura da testa, para fazer sombra nos olhos. VOCÊ GOSTA DISSO, ISSO GOSTA DE VOCÊ. Que era um slogan para quê, exatamente?

Ela quase tirou a resposta de sua lixeira mental quando seus pensamentos foram interrompidos pelo som de um motor. Enquanto ela se virava em sua direção, certa de que os Cozinheiros de Zumbis haviam voltado, afinal de contas, o som do motor foi acompanhado pelos gritos de velhos freios. Não era a van branca, mas um picape Ford F-150 com uma pintura azul feia, e os faróis remendados com massa. Um homem de macacão e boné sentava atrás do volante. Ele olhava para as tralhas de pedaços de madeira jogados na vala.

— Olá? — Tess chamou. — Com licença, senhor?

Ele virou a cabeça, a viu parada no estacionamento coberto, e levantou a mão em uma saudação, estacionou ao lado de seu Expedition, e desligou o motor. Dado ao som dele, Tess achou que era um ato de misericórdia fazê-lo.

— Olá, você aí. — ele disse. — Foi você quem tirou aquelas tralhas da estrada?

— Sim, exceto o pedaço que furou meu pneu esquerdo da frente; E—“e meu telefone não funciona aqui fora, ela quase adicionou, mas não o fez. Ela era uma mulher no fim de seus trinta anos de peso satisfatório, e aquele era um homem estranho. E bem grande. —...e aqui estou. — ela terminou, um pouco idiota.

— Eu troco pra você, se tiver um estepe. — ele disse, saindo do caminhão. — Você tem?

Por um momento ela não conseguiu responde. O cara não era grande, ela estivera errada sobre isso. O cara era um gigante. Ele tinha dois metros, mas da cabeça aos pés era só uma parte da coisa. Ele tinha uma barriga forte, coxas grossas, e grandes como uma porta. Ela sabia que não era educado reparar (outro dos fatos do mundo aprendidos quando era criança), mas era difícil não fazê-lo. Ramona Norville era um naco saudável de mulher, mas ao lado desse cara, ela teria parecido uma bailarina.

— Eu sei, eu sei. — ele disse, soando divertido. — Você não achou que encontraria o Gigante Verde Feliz^[12] aqui no fim do mundo, né? — só que ele não era verde, tinha um bronzeado de marrom escuro. Seus olhos também eram da mesma cor.

Até seu boné era marrom, embora apagado e quase branco em alguns lugares

como se houvesse sido besuntado de alvejante em algum ponto de sua longa vida.

— Perdoe-me. — ela disse. — Eu só estava pensando que você não dirige aquele seu caminhão, você o veste.

Ele colocou as mãos na cintura e gargalhou para o céu.

— Nunca ouvi a coisa colocada deste modo antes, mas você meio que tem razão.

Quando eu ganhar na loteria, vou comprar um Hummer.

— Vem, não posso lhe comprar um desses, mas se trocar meu pneu, ficaria feliz em lhe pagar cinquenta dólares.

— Está brincando? Eu faço isso de graça. Você me salvou de uma bagunça ao tirar aqueles pedaços de madeira.

— Alguém passou em uma van engraçada com um esqueleto na lateral, mas ele passou reto.

O grande cara estava caminhando até o pneu furado de Tess, mas agora ele se virou para ela, franzindo o cenho.

— Alguém passou e não lhe ofereceu ajuda?

— Acho que ele não me viu.

— Nem se importou em parar para tirar a bagunça e ajuda o próximo, não é?

— Não. Ele não parou.

— Apenas seguiu em frente?

— Sim. — havia algo nestas perguntas de que ela não estava gostando. Então o grande cara sorriu, e Tess disse a si mesma que estava sendo boba.

— O estepe está abaixo do compartimento de carga, eu suponho?

— Sim. Isso mesmo, eu acho. Tudo o que tem a fazer é — — Puxar a manivela, sim, sim. Já fiz isso antes.

Enquanto ele caminhava lentamente ao redor da traseira do Expedition com as mãos enfiadas no fundo dos bolsos de seu macacão, Tess viu que a porta do caminhão dele não havia sido fechada totalmente e a luz do teto estava acesa. Achando que a bateria do F-150 poderia acabar por isso, ela abriu a porta (a dobradiça gemeu quase tanto quanto os frios) e então a bateu para fechar. Enquanto o fazia, ela olhou pela janelinha atrás do banco do motorista, e para dentro caçamba. Lá havia vários pedaços de madeira espalhados em cima do metal estriado. Eles eram pintados de branco, e tinham pregos espetados neles.

Por um momento, Tess sentiu como se estivesse tendo uma experiência fora do corpo. A placa que fazia o barulho de ponteiro de relógio, VOCÊ GOSTA

DISSO, ISSO GOSTA DE VOCÊ, agora não soou como um velho alarme, mas como uma bomba-relógio.

Ela tentou dizer a si mesma que aqueles pedaços de madeira não queriam dizer nada, coisas como aquela só significavam algo nos tipos de livro que ela não escrevia e nos tipos de filme que ela raramente assistia: do tipo nojento e sangrento. Não funcionou. O que a deixou com duas escolhas. Ela poderia continuar fingindo porque fazer outra coisa seria aterrorizante, ou ela poderia começar a correr pelas florestas do outro lado da estrada.

Antes que ela pudesse decidir, ela sentiu o aroma colossal de suor masculino.

Ela se virou e ele estava lá, uma torre sobre ela, com as mãos nos bolsos do macacão.

— Ao invés de trocar seu pneu... — ele disse agradavelmente. — ...o que me diz de eu te foder? O que acha disso?

Então Tess correu, mas apenas em sua mente. O que ela fez no mundo real foi permanecer pressionada contra a picape dele, olhando para ele, um homem tão alto que bloqueava o sol, e lhe jogava sombra. Ela estava pensando que há menos de duas horas, quatrocentas pessoas—a maior parte senhoras de chapéu—a estiveram aplaudindo, e um pequeno, mas adequado auditório. E em algum lugar no sul dali, Fritzy esperava por ela.

Passou por ela—laboriosamente, como levantar algo pesado—que ela nunca mais veria seu gato novamente.

— Por favor, não me mate. — alguma mulher disse em uma voz muito baixa e humilde.

— Sua vaca. — ele disse. Ele falou no tom de um homem comentando o tempo.

A placa continuou a tique-taquear contra a cornija da varanda. — Sua vaca chorona do cacete. Puxa vida.

Sua mão direita saiu de seu bolso. Era uma mão muito grande. Em um dedo rosada estava um anel com uma pedra vermelha nele. Pareceu um rubi, mas era grande demais para ser um rubi. Tess achou era provavelmente era apenas vidro. A placa tique-taqueou. VOCÊ GOSTA DISSO, ISSO GOSTA DE VOCÊ. Então a mão se transformou em um punho, e veio ganhando velocidade em sua direção, crescendo até que tudo mais começasse a escurecer.

Houve um som abafado de uma panca metálica em algum lugar. Ela achou que havia sido sua cabeça colidindo com a lateral da picape. Tess pensou: Cozinheiros de Zumbis. E então, por um tempo, tudo ficou escuro.

-6-

Ela voltou a si em um grande quarto sombrio que cheirava a madeira molhada, e café e pickles velhos. Um velho ventilador pendia no teto acima dela. Parecia um carrossel em um filme de Hitchcock, *Pacto Sinistro*. Ela estava no chão, nua da cintura para baixo, ele a estuprava. O estupro pareceu secundário ao peso: ele também a esmagava. Ela quase não conseguia respirar. Tinha que ser um sonho. Mas seu nariz estava inchado, uma protuberância do tamanho de um montinho que havia crescido na base de seu crânio, e algo arranhava suas nádegas. Você não nota esses tipos de detalhes em sonhos. E você não sentia dor de verdade em sonhos; você sempre acorda antes que a dor real começasse. Isto estava acontecendo. Ele a estava estuprando. Ele a havia levado para dentro da velha loja, e a estuprava, enquanto grãos de poeira dourada dançavam preguiçosamente no oblíquo sol da tarde. Em algum lugar, pessoas escutavam música, e compravam coisas pela Internet, e tiravam cochilos, e falavam ao telefone, mas aqui havia uma mulher sendo estuprada, e ela era aquela mulher. Ele havia tirado suas calças; ela podia vê-las saindo pelo bolso de seu macacão. Isso a fez pensar em *Amargo Pesadelo*, que ela havia assistido em uma retrospectiva de filmes da faculdade, nos antigos dias onde ela era um pouco mais aventureira em suas idas ao cinema. *Abaixe as calças*, um dos caipiras havia dito antes de começar a estuprar a garota gorda da cidade. Era engraçado o que passava pela sua cabeça quando você estava deitada sob centro e trinta e cinco quilos de carne caipira com o pinto de um estuprador chiando para frente e para trás dentro de você como uma dobradiça não lubrificada.

— Por favor. — ela disse. — Oh, por favor, pare com isso.

— Ainda tem muito mais. — ele disse, e lá veio o punho novamente, enchendo seu campo de visão. O lado de seu rosto ficou quente, houve um clique no meio de sua cabeça, e ela apagou.

-7-

Na vez seguinte em que ela voltou a si, ele estava dançando ao seu redor de macacão, jogando as mãos para todos os lados e cantando “Brown Sugar”, em uma voz grosseira e sem tom. O sol estava se pondo, e as duas janelas que encaravam o oeste da loja abandonada—o vidro estava empoeirado, mas miraculosamente não havia sido vítima de vândalos—brilhavam como fogo. Sua sombra dançava atrás dele, cobrindo o chão e a parede, que estava marcada com pequenos quadrados claros onde placas de propaganda haviam sido penduradas. O som das pisadas de suas botas era apocalíptico.

Ela conseguia ver suas calças enfiadas abaixo do balcão onde a caixa registradora deve ter estado alguma vez (provavelmente próxima a um vidro de ovos cozidos, e outro de pés de porcos). Ela sentia o cheiro de mofo. E, oh, Deus, ela estava machucada. Seu rosto, seu peito, na maior parte lá embaixo, onde ela se sentia rasgada.

Finja que está morta. É sua única chance.

Ela fechou os olhos. A cantoria parou e ela sentiu o cheiro de suor masculino se aproximando. Mais forte agora.

Porque ele estivera se exercitando, ela pensou. Então ela esqueceu a idéia de se fingir de morta e tentou gritar. Antes que ela pudesse fazê-lo, gigantescas mãos apertaram sua garganta e começaram a estrangulá-la. Ela pensou: *Acabou. Eu estou acabada.* Eram pensamentos calmos, cheios de alívio. Ao menos não haveria mais dor, não teria mais que acordar e ver o monstro dançando na luz brilhante do pôr-do-sol.

Ela desmaiou.

-8-

Quando Tess voltou à consciência pela terceira vez, o mundo havia se tornado negro e prateado, e ela flutuava.

É assim que é quando se morre.

Então ele percebeu mãos abaixo dela—mãos grandes, mãos *dele*—e o círculo dolorido ao redor de sua garganta. Ele não a havia estrangulado o bastante para matá-la, mas ela ostentava a marca de suas mãos como um colar, palmas na frente, dedos nas laterais e na nuca.

Era noite. A lua estava alta. Lua cheia. Ele a carregava pelo estacionamento da loja deserta. Ele a carregava para longe de seu caminhão. Ela não viu seu Expedition.

Seu Expedition se fora.

Onde estás tu, Tom?

Ele parou no fim da estrada. Ela conseguiu sentir o cheiro de suor e a sensação de seu peito subindo e descendo. Ela conseguia sentir o ar noturno, frio em suas pernas nuas. Ela conseguia ouvir a placa tique-taqueando atrás dela, VOCÊ GOSTA DISSO, ISSO GOSTA DE VOCÊ.

Ele pensa que eu estou morta? Ele não pode pensar que eu estou morta. Eu ainda estou sangrando.

Ela estava? Era difícil de dizer com certeza. Ela jazia mole em seus braços, sentindo-se como uma garota em um filme de terror, aquela que era carregada para longe por Jason, Michael, Freddy, ou quem quer que seja. Carregada para uma floresta nojenta onde ela seria presa a um gancho no teto. Naqueles filmes sempre haviam correntes e ganchos no teto.

Ele começou a andar de novo. Ela conseguia ouvir seus passos no chão remendado da Stagg Road: *clud-clumb-clud*. Então, no lado mais longe, sons arranhados e ocos. Ele estava chutando os nacos de madeira que ela havia removido tão cuidadosamente e a jogado aqui na vala. Ela já não mais podia ouvir o barulho do tique-taque, mas ela conseguia ouvir água corrente. Não muito, não uma cachoeira, só fios de água. Ele se ajoelhou. Um grunhido suave escapou dele.

Agora ele vai me matar com certeza. E ao menos eu não terei mais que ouvir nada de sua cantoria horrorosa. É a parte bonita, Ramona Norville teria dito.

— Ei, garota. — ele disse com uma voz gentil.

Ela não respondeu, mas ela conseguia vê-lo se inclinando sobre ela, olhando dentro de seus olhos meio-abertos. Ela se concentrou para mantê-los imóveis. Se ele os visse se movendo, mesmo um pouquinho... ou uma gota de lágrima...

— Ei. — ele bateu a palma de sua mão no rosto dela, mas na outra bochecha.

Tess deixou sua cabeça rolar para o outro lado.

Ele beliscou o mamilo dela, mas ele não havia se incomodado em tirar sua blusa e seu sutiã, então não doeu muito. Ela permaneceu flácida.

— Me desculpa por ter te chamado de vaca. — ele disse, ainda usando sua voz gentil. — Você foi uma boa foda. E eu gosto delas um pouco mais velhas.

Tess percebeu que ele realmente *poderia* estar pensando que ela estava morta.

Era incrível, mas poderia ser verdade. E subitamente tudo o que ela quis foi viver.

Ele a levantou novamente. O cheiro do suor masculino subitamente ficou demais. Pontas da barba arranhavam um lado de seu rosto, e tudo o que ela poderia fazer era não se esquivar delas. Ele beijou o canto de sua boca.

— Me desculpe por ter sido um pouco grosso.

Então ele recomeçou a carregá-la. O som da água corrente ficou mais forte. A luz da lua era um borrão. Havia um cheiro—não, um fedor—de folhas podres. Ele a pousou em cima de alguns centímetros de água. Estava muito fria, e ela quase gritou.

Ele a puxou pelos pés, e ela deixou suas pernas subirem. *Mole*, ela pensou.

Tenho que permanecer mole. Eles não foram muito longe antes de colidirem contra uma superfície de metal corrugado.

— Porra. — ele disse, falando em tom pensativo. Então ele a empurrou.

Tess permaneceu flácida mesmo quando algo—um galho—desenhou uma linha de dor no centro de suas costas. Seus joelhos bateram ao longo das ondulações acima dela. Suas nádegas arrastavam uma massa esponjosa, e o cheiro de vegetal podre se intensificava. Era forte como carne. Ela teve uma terrível vontade de tossir o odor para longe. Ela podia sentir um tapete de folhas molhadas se juntando no pé de suas costas, como um travesseiro ensopado de água.

Se ele perceber agora, vou lutar com ele. Vou chutá-lo, e chutá-lo, e chutá-lo— Mas nada aconteceu. Por um longo tempo ela teve medo de abrir mais os olhos, ou movê-los. Ela o imaginou se agachando, olhando pelo cano onde ele a havia enfiado, com a cabeça virada, ficando inquisitivo, esperando por tal movimento. Como ele poderia saber que ela não estava viva? Com certeza ele havia sentido as batidas de seu coração. E que bem faria chutar o gigante da picape? Ele pegaria seu pé nu com uma mão, a puxaria, e recomençaria o estrangulamento. Só que dessa vez ele não pararia.

Ela permaneceu nas folhas apodrecidas e na água lodosa, olhando para o nada através de seus olhos meio-fechados, concentrada em bancar a morta. Ela caiu em um transe cinzento que não era bem inconsciência, e lá ela ficou por um bom tempo, que pareceu longo, mas provavelmente não foi. Quando ela ouviu um motor—o caminhão dele, com certeza era o caminhão dele—Tess pensou: *Eu estou imaginando esse som.*

Ou sonhando ele. Ele ainda está aqui.

Mas o baque irregular do motor primeiro aumentou, e então desapareceu ao longo da Stagg Road.

É um truque.

Isso era quase histeria. Mesmo se não fosse, ela poderia ficar lá a noite toda. E quando ela levantou a cabeça (fazendo uma careta com a pontada de dor em sua garganta molestada), e olhou através da boca do cano, ela apenas viu um desimpedido círculo prateado de luz lunar. Tess começou a se mover sinuosamente na direção dela, e então parou.

É um truque. Não importa o que você ouviu, ele ainda está aqui.

Desta vez a idéia ficou mais poderosa. Não ver nada na boca do bueiro *fazia* ser mais poderosa. Em um livro de suspense, este seria o momento de falso relaxamento antes do grande clímax. Ou em um filme de terror. A mão branca emergindo do lago em *Amargo Pesadelo*. Alan Arkin pulando em cima de

Audrey Hepburn em *Um Clarão nas Trevas*. Ela não gostava de livros ou filmes de terror, mas ter sido estuprada e quase assassinada parecia ter aberto uma válvula inteira de memórias sobre filmes de terror.

Como se eles estivessem bem ali, flutuando no ar.

Ele poderia estar esperando. Se, por exemplo, ele tivesse um cúmplice para dirigir o caminhão. Ele poderia estar agachado, esperando além da boca do cano naquele modo paciente que os homens do campo têm.

— Abaixe as calças. — ela sussurrou, e então cobriu a boca. E se ele tivesse escutado?

Cinco minutos se passaram. Poderia ter sido cinco. A água estava fria e ela começou a tremer. Em breve seus dentes começariam a bater. Se ele estivesse lá fora, ele a ouviria.

Ele foi embora. Você ouviu.

Talvez sim. Talvez não.

E talvez ela não precisasse sair do cano do jeito como ela havia entrado. Era um bueiro, ele poderia seguir por todo o caminho abaixo da estrada, e já que ela podia sentir a água correndo abaixo dela, ele não estava bloqueado. Ela poderia ir engatinhando, e espiar o estacionamento da loja deserta. Certificar-se de que o velho caminhão se fora.

Ela ainda não estaria segura se houvesse um cúmplice, mas Tess teve certeza, lá no fundo, em sua mente racional que havia se escondido, de que não havia cúmplice. Um cúmplice teria insistido em ter sua vez com ela. Além disso, gigantes trabalhavam sozinhos.

E se ele tiver ido embora? E então?

Ela não sabia. Ela não conseguia imaginar sua vida após sua tarde na loja deserta e sua noite em um cano com folhas podres grudadas em suas costas, mas talvez ela não tivesse que fazê-lo. Talvez ela pudesse se concentrar em ir para casa, para Fritzzy, e alimentá-lo com um pacote de ração. Ela conseguia ver a caixa de ração muito claramente. Estava em cima de uma prateleira em sua pacífica despensa.

Ela se virou sobre sua barriga, e começou a se levantar com os cotovelos, pretendendo engatinhar pelo cano. Então ela viu o que estava compartilhando o bueiro com ela. Um dos cadáveres não era muito mais do que um esqueleto (levantando suas mãos ossadas como em uma súplica), mas ainda tinha cabelo o bastante para fazer Tess ter certeza de que aquele era um cadáver de mulher. O outro poderia ter se passado por um manequim de uma loja com o rosto desfigurado, exceto que tinha olhos esbugalhados e a língua protuberante. Este

corpo estava mais fresco, mas os animais já haviam o encontrado, e mesmo no escuro Tess conseguiu ver o sorriso dos dentes do cadáver da mulher.

Um besouro saiu do cabelo do manequim e entrou por uma de suas narinas.

Berrando roucamente, Tess saiu do bueiro e começou a correr, suas roupas estavam ensopadas da cintura para cima. Ela estava nua da cintura para baixo. E embora ela não tenha desmaiado (ao menos ela achou que não desmaiou), por um tempo sua consciência não passou de uma coisa estranhamente esmigalhada. Recordando, ela pensaria sobre a hora seguinte como um estágio escuro, iluminado por pontos de luzes ocasionais. Desde já, até sempre, uma mulher espancada com o nariz quebrado e sangue nas coxas iria andar na direção de uma dessas luzes. Então ela desapareceria novamente, de volta para a escuridão.

-9-

Ela estava na loja, na grande e vazia sala central que uma vez havia sido dividida em departamentos, com uma seção de comida congelada (talvez) nos fundos, e um freezer para cervejas (com certeza) grudado à parede. Ela sentia o cheiro fraco de café e pickles. Ou ele havia se esquecido das calças dela, ou pretendido voltar para elas mais tarde—talvez quando ele recolheu os pedaços de madeira. Ela as tirava de debaixo do balcão. Abaixo delas estavam seus sapatos, e seu telefone—esmagado. Sim, em algum ponto ela voltaria. Sua presilha de cabelo se fora. Ela lembrou-se (vagamente, do modo como alguém se lembra de alguma coisa sobre sua infância) da mulher perguntando para ela onde ela o havia comprado, e dos inexplicáveis aplausos quando ela disse que havia sido na JCPenney. Ela pensou no gigante cantando “Brown Sugar” — com a voz monótona e infantil—e então ela desapareceu.

-10-

Ela estava andando atrás da loja sob a luz da lua. Ela tinha os restos de um tapete enrolado em seus ombros trêmulos, mas não conseguia se lembrar onde o havia conseguido. Estava sujo, mas era quente, e ela o prendeu mais firmemente. Ocorreu a ela que ela na verdade estava *circulando* a loja, e que esta poderia ser a segunda, terceira, ou talvez quarta rodada. Ocorreu a ela que ela estava procurando seu Expedition, mas a cada vez que ela não o achava atrás da loja, ela se esquecia que já o havia procurado, e a circulava novamente. Ela se esqueceu porque ela havia sido golpeada na cabeça, estuprada, estrangulada, e estava em choque. Ocorreu a ela que seu cérebro poderia estar sangrando—como poderia

saber, a não ser que você acordasse com os anjos e eles te dissessem? A brisa leve da manhã havia se tornado um pouco mais forte, e o tique-taque da placa estava um pouco mais alto. VOCÊ GOSTA DISSO, ISSO GOSTA DE VOCÊ.

— Refrigerante 7Up. — ela disse. Sua voz estava rouca, mas audível. — É isso que é. Você gosta disso, e isso gosta de você. — ela ouviu sua voz aumentando em uma canção. Ela tinha uma boa voz para cantar, e ser estrangulada lhe dera uma surpreendente e agradável entonação. Era como ouvir Bonnie Tyler cantando a luz da lua. — 7Up é gostoso... como deveria ser um cigarro! — ocorreu a ela que aquilo não estava certo, e mesmo que estivesse, ela deveria estar cantando outra coisa melhor do que um jingle fodido de propaganda, enquanto ela estava com aquela voz rouca e agradável; se você vai se estuprada e deixada para morrer em um cano com dois cadáveres apodrecidos, algo de bom tem que sair disso.

Eu vou cantar a melhor música de Bonnie Tyler. Eu vou cantar “It’s a Heartache”. Tenho certeza de que sei a letra, tenho certeza de que ela está na lixeira que todo escritor tem nos fundos da...

Mas então ela desapareceu mais uma vez.

-11-

Ela estava sentada em uma rocha e chorava. Os restos do tapete sujo ainda estavam ao redor de seus ombros. Sua virilha doía e queimava. O gosto amargo em sua boca sugeria que ela havia vomitado em algum ponto entre circular a loja e sentar nesta rocha, mas ela não conseguia se lembrar de fazê-lo. O que ela lembrava— *Eu fui estuprada, eu fui estuprada, eu fui estuprada!*

— Você não foi a primeira e não será a última. — ela disse, mas este sentimento de amor severo, saindo em uma série de soluços engasgados, não foi muito útil.

Ele tentou me matar, ele quase me matou!

Sim, sim. E neste momento a falha dele não serviu de muito consolo. Ela olhou para sua esquerda e viu a loja a mais ou menos cinquenta metros abaixo na estrada.

Ele matou outras! Elas estão no cano! Insetos estão escalando seus corpos, e elas não ligam!

— Sim, sim. — ela disse em sua voz de Bonnie Tyler, então ela desapareceu de novo.

Ela descia pelo centro da Stagg Road cantando “*It’s a Heartache*”, quando ela ouviu um motor se aproximando por trás dela. Ela se virou, quase caindo, e viu as luzes brilhando no topo de uma colina pela qual ela havia acabado de passar. Era ele. O

gigante. Ele havia voltado, havia investigado o bueiro depois de descobrir que suas roupas haviam sumido, e visto que ela não estava mais lá. Ele estava procurando por ela.

Tess pulou para a encosta, tropeçou em um calcanhar, e deixou seu xale improvisado cair, se levantou, e andou tropeçando até umas moitas. Um galho desenhou sangue em sua bochecha. Ela ouviu uma mulher soluçando de medo. Ela se agachou como um animal, com seu cabelo pendendo a frente de seus olhos. A rua se iluminou enquanto os faróis clareavam a colina. Ela viu o pedaço de tapete caído muito claramente, e sabia que o gigante o veria também. Ele iria parar e sair. Ela tentaria correr, mas ele a pegaria. Ela poderia gritar, mas ninguém a escutaria. Em histórias como estas, ninguém nunca escutava. Ele a mataria, mas antes a estupraria um pouco mais.

O carro— *era* um carro, não um caminhão picape—passou sem diminuir. De dentro veio o som de Bachman-Turner Overdrive, ao máximo: “Q-q-q-querida, você ainda n-n-num viu nada.” Ela viu as luzes traseiras desaparecerem. Ela sentiu-se pronta para desaparecer novamente, e bateu em suas bochechas com ambas as mãos.

— *Não!* — ela gritou com sua voz de Bonnie Tyler. — *Não!*

Ela reapareceu um pouco. Ela teve uma forte vontade de permanecer agachada na moita, mas isso não seria bom. Não havia passado muito tempo desde o dia, e provavelmente faltaria muito até a meia-noite. A lua estava baixa no céu. Ela não poderia permanecer ali, e ela não poderia continuar simplesmente... apagando. Ela tinha que pensar.

Tess pegou um pedaço do tapete na encosta, começou a enrolá-lo aos ombros novamente, então tocou suas orelhas, sabendo o que encontraria. Os brincos de gotas de diamante, uma de suas poucas extravagâncias de verdade, haviam sumido. Ela debulhou-se em lágrimas novamente, mas este choro foi mais breve, e quando terminou, ela se sentiu mais como si mesma. Mais *em* si mesma, uma residente de sua cabeça e corpo, ao invés de um espectro flutuando em volta.

Pense, Tessa Jean!

Tudo bem, ela tentaria. Mas ela andaria um pouco enquanto fizesse isso. E chega de cantar. O som de sua voz modificada era assustador. Era como se ao

estuprá-la, o gigante houvesse criado uma nova mulher. Ela não *queria* ser uma nova mulher. Ela gostava da antiga.

Andar. Andar à luz da lua com sua sombra andando pela estrada ao seu lado.

Que estrada? Stagg Road. De acordo com Tom, ela estivera a pouco menos de seis quilômetros da interseção da Stagg Road com a US 47 quando ela passou por cima da armadilha do gigante. Isso não era tão mau; ela andava pelo menos cinco quilômetros por dia para manter a forma, e usava a esteira ergométrica nos dias em que chovia ou nevava. É claro que esta era sua primeira caminhada como a Nova Tess, aquela dolorida, da cara arrebatada, e da voz rouquenha. Mas ao menos ela estava ficando aquecida, sua metade de cima estava secando, e ela estava de sapatos baixos. Ela quase usara seus saltos altos, e isso teria feito dessa caminhada noturna uma experiência desagradável, de fato. Não que pudesse ter sido divertido sob quaisquer circunstâncias, não, não, n— *Pense!*

Mas antes que ela pudesse fazer isso, a estrada iluminou-se à sua frente. Tess correu para as moitas novamente, desta vez conseguindo segurar os restos do tapete. Era outro carro, graças a Deus, não era o caminhão dele, e não diminuiu.

Ainda poderia ser ele. Talvez ele tivesse trocado de carro. Ele poderia ter dirigido de volta para sua casa, sua caverna, e trocado de carro. Pensando, ela verá o carro e sairá de onde quer que esteja se escondendo. Ela vai acenar para eu diminuir, e então eu a pegarei.

Sim, sim. Era isso o que aconteceria em um filme de horror, não era? *Gritos de uma Vítima 4*, ou *O Horror da Stagg Road 2*, ou— Ela estava tentando desaparecer novamente, então ela se estapeou mais um pouco. Uma vez que ela chegasse em casa, uma vez que Fritzzy estivesse alimentado, e ela estivesse em sua própria cama (com todas as portas fechadas e todas as luzes acesas), ela poderia desaparecer tanto quanto quisesse. Mas agora não. Não, não, não.

Agora ela tinha que continuar andando, e se escondendo quando carros viessem. Se ela pudesse fazer essas duas coisas, ela eventualmente chegaria à US 47, e poderia haver uma loja. Uma loja *de verdade*, uma com um telefone público, se ela tivesse sorte... e ela merecia um pouco de boa sorte. Ela não tinha sua bolsa, sua bolsa ainda estava em seu Expedition (onde quer que *ele* estivesse), mas ela sabia o número de seu cartão de chamada da American Telephone & Telegraph de cor; era o número de sua casa, mais 9712. Facim, facim.

Aqui havia uma placa no lado da estrada. Tess a leu facilmente na luz da lua:

*VOCÊ ESTÁ ENTRANDO AGORA NA CIDADE DE COLEWICH
BEM-VINDO, AMIGO!*

— Você gosta de Colewich, isso gosta de você. — ela sussurrou.

Ela conhecia a cidade, a qual os residentes pronunciavam “Collitch”. Na verdade era uma cidade pequena, uma das muitas em New England que havia prosperado na época dos moinhos têxteis, e continuou a batalhar ao longo da nova era da troca livre, quando as calças e jaquetas da América eram feitas na Ásia ou na América Central, provavelmente por crianças que não sabiam ler ou escrever. Ela estava nos subúrbios, mas com certeza conseguiria andar até um telefone.

E então?

Então ela poderia... poderia...

— Chamar uma limusine. — ela disse. A idéia cresceu nela como uma aurora.

Sim, era exatamente isso que ela faria. Se essa era Colewich, então sua própria cidade em Connecticut estaria a cinquenta quilômetros de distância, talvez menos. O serviço de limusine que ela usava quando queria ir ao Bradley International ou a Hartford, ou Nova York (Tess não dirigia para cidades se pudesse evitar), ficava localizado na cidade vizinha de Woodfield. Royal Limusines orgulhosamente servindo 24 horas por dia.

Melhor ainda, eles teriam seu cartão de crédito em arquivo.

Tess sentiu-se melhor e começou a andar um pouco mais rápido. Então faróis iluminaram a estrada, e uma vez mais ela correu para as moitas e se abaixou, tão aterrorizada quanto qualquer coisa caçada: gama, raposa, coelho. Este veículo *era* um caminhão, e ela começou a tremer. Ela continuou a tremer mesmo quando viu que era um pequeno Toyota branco, nada parecido com o velho Ford do gigante. Quando se fora, ela tentou se forçar a voltar a andar na estrada, mas não conseguiu de primeira. Ela estava chorando de novo, as lágrimas aqueciam seu rosto frio. Ela começou a se sentir pronta para sair das luzes da consciência novamente. Ela não podia deixar isso acontecer. Se ela se permitisse entrar naquela escuridão que despertava muitas vezes, ela poderia eventualmente não encontrar o caminho de volta.

Ela se obrigou a pensar em agradecer ao motorista da limusine, e lhe dar uma gorjeta na forma de cartão de crédito antes de seguir lentamente da calçada florida para sua porta da frente. Examinando sua caixa de correio, e pegando a chave extra do gancho atrás dela. Ouvindo Fritzzy miar ansiosamente.

Pensar em Fritzzy funcionou. Ela saiu da moita, e continuou a andar, pronta para disparar de volta para o esconderijo no segundo em que visse mais faróis. No mesmo segundo. Porque ele estava lá fora em algum lugar. Ela percebeu que

daqui em diante ele sempre estaria lá fora. A não ser que a polícia o pegasse, e o colocasse na cadeia.

Mas para que isso acontecesse, ela teria que relatar o que aconteceu, e no momento em que esta idéia passou por sua cabeça, ela viu uma manchete brilhante e negra, ao estilo do New York Times:

CRIADORA DE “WILLOW GROVE” ESTUPRADA APÓS PALESTRA

Tablóides como o *Post* iriam, sem dúvida, colocar uma foto dela de dez anos atrás, quando seu primeiro livro da Sociedade de Costura havia sido publicado. Nessa época ela estava no fim de seus vinte anos, com longos cabelos negros caindo pelas costas, e boas pernas que ela gostava de exhibir em saias curtas. E também—durante a noite—o tipo pernas altas que alguns homens (um deles o gigante, com certeza) chamariam de sapatos foda-me. Eles não mencionariam que ela agora estava dez anos mais velha, e alguns quilos mais pesada, e não estava vestida com elegância quando foi atacada; estes detalhes não se encaixavam no tipo de história que os tablóides gostavam de contar. A história seria respeitosa o bastante (como se palpitasse frivolidades entre as frases), mas a foto de seu velho eu contaria a história real, uma que provavelmente pré-datava a invenção da roda. *Ela pediu por isso... e ela recebeu.*

Isso era realístico, ou era apenas sua vergonha e o senso perturbado imaginando o pior cenário? E a parte dela que poderia se esconder na moita mesmo que ela conseguisse sair desta terrível estrada, e deste terrível estado do Massachusetts, de volta para sua pequena e segura casa em Stoke Village? Ela não sabia, e imaginou que a resposta verdadeira jazia em algum lugar no meio. Uma coisa que ela sabia era que ela conseguiria um tipo de cobertura nacional que toda autora gostaria quando tivesse um livro publicado, e que nenhuma autora quer ao ser estuprada, roubada, e deixada para morrer. Ela poderia visualizar alguém levantando uma mão durante a Hora das Perguntas e perguntado, “Você o encorajou de algum modo?”

Isso era ridículo, mesmo em seu estado atual, Tess sabia... mas ela também sabia que se isso viesse à tona, alguém *levantaria* a mão para perguntar, “Você vai escrever sobre isso?”

E o que ela responderia? O que ela *poderia* responder?

Nada, Tess pensou. *Eu correria para fora do palco com as mãos em minhas orelhas.*

Mas não.

Não, não, não.

A verdade é que ela não estaria lá pra começar. Como ela poderia fazer outra leitura, palestra, autografias, sabendo que ele poderia aparecer, sorrindo para ela lá da fileira dos fundos? Sorrindo debaixo daquele boné marrom esquisito com marcas desbotadas? Talvez com seus brincos no bolso. Acariciando-os.

O pensamento de contar à polícia fez sua pele queimar, e ela conseguia literalmente sentir o rosto se contorcendo em uma careta de vergonha, mesmo aqui fora, sozinha no escuro. Talvez ela não fosse Sue Grafton, ou Janet Evanovich, mas tampouco ela era, estritamente falando, uma pessoa privada. Ela até mesmo poderia aparecer na CNN por um dia ou dois. O mundo saberia que um gigante sorridente e maluco havia disparado seu leite dentro da Criadora de Willow Grove. Até mesmo o fato de que ele havia levado sua calcinha como souvenir poderia vir à tona. A CNN não relataria essa parte, mas o *National Enquirer*, ou o *Inside View* não teria cerimônias.

Fontes de dentro da investigação dizem que acharam um par de calças da autora dentro da gaveta de cuecas do estuprador: calça jeans azul de cintura baixa da Victorias's Secret costurada em renda.

— Eu não posso contar. — ela disse. — Eu não vou contar.

Mas houve outras antes de você, e poderiam haver outras depois de v— Ela afastou esse pensamento. Ela estava cansada demais para considerar o que seria e o que não seria de sua responsabilidade moral. Ela pensaria nisso mais tarde, se Deus lhe concedesse um mais tarde... e parecia que Ele iria. Mas não nessa estrada deserta onde qualquer par de luzes se aproximando poderia conter o estuprador dela por trás.

Dela. Ele era dela agora.

-13-

Mais ou menos um quilômetro e meio depois de passar pela placa de Colewich, Tess começou a ouvir um barulho cadenciado e baixo que parecia vir de baixo da estrada e passar entre seus pés. Seu primeiro pensamento foi dos mutantes Morlocks de H.G. Wells, cuidando de suas máquinas nas profundezas das tripas da terra, mas outros cinco minutos revelaram o som. Estava vindo através do ar, não do chão, e era um que ela conhecia: as batidas de um baixo. O resto da banda se juntou enquanto ela andava.

Ela começou a ver luzes no horizonte, não faróis, mas o branco de luzes de sódio, e o brilho vermelho do neon. A banda tocava “Mustang Sally”, e ela

conseguia ouvir risadas. Eram bêbadas e lindas, pontuadas com gritos felizes. O som a fez ter vontade de chorar um pouco mais.

A casa à beira da estrada, um grande bar-celeiro com um enorme e sujo estacionamento que parecia lotado, era chamado de Clube Vertigem. Ela parou na ponta da luz jogada pelas luzes do estacionamento, franzido o cenho. Por que tantos carros?

Ela se lembrou que era noite de sexta-feira. Aparentemente o Clube Vertigem era o lugar para se ir às noites de sexta-feira se você estivesse em Colewich ou em qualquer das cidades vizinhas. Eles teriam um telefone, mas havia tantas pessoas. Eles veriam seu rosto machucado e o nariz torto. Eles iriam querer saber o que havia acontecido com ela, e ela não estava pronta para inventar uma história. Ao menos ainda não. Mesmo um orelhão do lado de fora não funcionaria, porque ela conseguia ver pessoas lá também.

Muitas. É claro. Hoje em dia você tinha que ir para fora se quisesse fumar um cigarro. E também...

Ele poderia estar lá. Ele não havia dançado ao seu redor, cantando uma música dos Rolling Stones em sua horrível voz desafinada? Tess supôs que poderia ter sonhado essa parte—ou alucinado sobre isso—mas ela achava que não. Não seria possível que após esconder o carro dela, ele poderia ter vindo direto para o Clube Vertigem, com a traquéia limpa e pronto para festejar a noite toda?

A banda se lançou em um perfeito e adequado *cover* de uma velha canção do Cramps: “Sua Racha Pega o Cachorrão?” (Can Your Pussy Do the Dog?). *Não*, Tess pensou, *mas hoje um cachorrão certamente pegou minha racha.* A Velha Tess não teria aprovado tal piada, mas a Nova Tess achou isso realmente engraçado. Ela latiu uma risada áspera e continuou a andar, movendo-se para o outro lado da estrada, onde as luzes do estacionamento não conseguiam alcançar.

Enquanto ela passava para o lado mais longe da hospedagem, ela viu uma velha van estacionada na doca de carregamento. Não havia luzes de sódio desse lado do Clube Vertigem, mas a luz da lua foi suficiente para mostrar a ela o esqueleto batendo em sua bateria de copos. Não era a toa que a van não havia parado para tirar as tralhas de madeira do meio da estrada. Os Cozinheiros de Zumbis estavam atrasados, e isso não era bom, porque nas noites de sexta-feira, o Clube Vertigem estaria bombando, balançando os esqueletos, e arrebentando.

— Sua racha pega o cachorrão? — Tess perguntou, e apertou os restos do tapete imundo ao redor do pescoço. Não era uma estola de pele de marta, mas em uma noite fria de Outubro, era melhor do que nada.

-14-

Quando Tess alcançou a interseção da Stagg Road com a Rota 47, ela viu algo lindo: um posto de gasolina com dois telefones públicos na parede de blocos cinzentos entre os banheiros.

Ela usou o banheiro feminino antes, e teve que colocar uma mão sobre a boca para abafar um grito quando sua urina começou a descer; era como se alguém houvesse acendido uma caixa inteira de fósforos lá dentro. Quando ela saiu do banheiro, lágrimas frescas rolavam por suas bochechas. A água no bojo era de um rosa-pastel. Ela se limpou—muito gentilmente—com um pedaço de papel higiênico, então deu a descarga.

Ela teria que usar outro pedaço para embrulhar a virilha em sua calcinha, mas é claro que ela não poderia fazer isso. O gigante havia pegado sua calcinha como souvenir.

— Seu filho da puta. — ela disse.

Ela parou com a mão na maçaneta, observando a mulher machucada, com um olho inchado, no espelho de metal manchado acima da pia. Então ela saiu.

-15-

Ela descobriu que usar o telefone público na era moderna havia se tornado estranhamente difícil, mesmo que você tivesse o número de seu cartão decorado. O

primeiro telefone que ela tentou funcionava apenas em ligações de uma via; ela conseguia ouvir a operadora assistente, mas a operadora assistente não conseguia ouvi-la, e desligou a conexão que havia. O outro telefone estava entortado na parede de blocos cinzentos—não era encorajador—mas funcionou. Houve um barulho chato e firme, mas ao menos ela conseguia se comunicar com a operadora. Só que Tess não tinha caneta ou lápis. Havia várias ferramentas de escrita em sua bolsa, mas é claro que sua bolsa se fora.

— Você não pode simplesmente me conectar? — ela perguntou à operadora.

— Não, senhora, você tem que ligar para poder utilizar o cartão de crédito. — a operadora falou com a voz de uma pessoa explicando o óbvio a uma criança burra. Isso não fez Tess ficar com raiva; ela se *sentiu* como uma criança burra. Então ela viu o quão suja estava a parede. Ela falou à operadora para lhe dar o número, e quando ele veio, ela o escreveu usando a sujeira e os dedos.

Antes que ela pudesse começar a ligar, um caminhão encostou no

estacionamento. Seu coração se lançou contra sua garganta com uma facilidade acrobática e vertiginosa, e quando dois rapazes risonhos, em jaquetas de colegial, saíram e entraram na loja, ela ficou feliz por seu coração estar ali. Ele bloqueou o grito que com certeza teria saído de outra forma.

Ela sentiu o mundo tentando desaparecer, e encostou a cabeça contra a parede por um momento, arfando por ar. Ela fechou os olhos. Ela viu o gigante superando sua altura, com as mãos nos bolsos do macacão, e abriu os olhos de novo. Ela discou o número escrito com sujeira na parede.

Ela se preparou para uma falar com uma máquina, ou com uma expedidora entediada que diria que eles não tinham carros, é claro que não teriam, era noite de sexta-feira, você nasceu idiota, senhora, ou cresceu assim? Mas o telefone foi atendido no segundo toque por uma mulher metódica que se identificou como Andrea. Ela ouviu Tess, e disse que mandaria o carro agora mesmo, o motorista seria Manuel. Sim, ela sabia exatamente de onde Tess estava ligando, porque eles mandavam carros para o Clube Vertigem o tempo todo.

— Certo, mas eu não estou lá. — Tess disse. — Eu estou na interseção, mais ou menos a um quilômetro da— — Sim, senhora, eu sei disso. — Andrea disse. — O posto de gasolina Gas & Dash. Às vezes vamos até aí também. As pessoas constantemente aparecem aí e ligam se beberam demais. Ele provavelmente vai chegar aí em quarenta e cinco minutos, talvez uma hora.

— Tudo bem. — Tess disse. As lágrimas caíam novamente. Lágrimas de gratidão desta vez, embora ela tenha dito a si mesma para não relaxar, porque em histórias como essa, as esperanças da heroína constantemente se revelavam falsas. — Está absolutamente ótimo. Eu ficarei perto da esquina, próxima aos telefones. E eu estarei observando.

Agora ela vai me perguntar se eu bebi muito. Porque eu provavelmente estou soando assim.

Mas Andrea só queria saber se ela pagaria em dinheiro ou no cartão.

— American Express. Eu devo estar no seu computador.

— Sim, senhora, você está. Obrigada por chamar a Royal Limusine, onde cada cliente é tratado como realeza. — Andrea desligou antes que Tess pudesse dizer que não tinha de quê.

Ela começou a colocar o telefone no gancho, e então um homem— *ele, é ele*— correu perto da esquina da loja para onde ela estava. Desta vez ela não teve chance de gritar; ela ficou paralisada de terror.

Era um dos rapazes. Ele correu sem olhar para ela, e adentrou o banheiro masculino. A porta bateu. Um momento depois ela ouviu o som aliviado do

jovem esvaziando sua bexiga saudável.

Tess saiu para a lateral do posto, e deu a volta nos fundos. Lá ela ficou ao lado de uma lixeira fedorenta (*não*, ela pensou, *não estou ficando, estou espreitando*), esperando que o rapaz terminasse e fosse embora. Quando isso aconteceu, ela voltou aos telefones para vigiar a estrada. Apesar de todos os lugares que doíam, sua barriga roncava de fome. Ela havia perdido a hora do jantar, estivera ocupada demais em ser estuprada e quase morta para comer. Ela ficaria feliz em comer qualquer biscoito que vendessem em um lugar como este—até mesmo um daqueles biscoitos com manteiga de amendoim, tão estranhamente amarelos, teria sido um regalo—mas ela não tinha dinheiro. Mesmo se tivesse, ela não entraria lá. Ela sabia que tipos de luzes eles tinham em lojas de conveniência como a Gas & Dash, aquelas brilhantes e insensíveis fluorescentes que faziam da pessoa mais saudável parecer como se estivesse sofrendo de câncer pancreático. O atendente atrás do balcão olharia para seus machucados nas bochechas e na testa, seu nariz quebrado, e seus lábios inchados, e ele ou ela poderia não dizer qualquer coisa, mas Tess veria o movimento seus olhos a estranhando. E

talvez um rápido movimento suprimido dos lábios. Porque, vamos encarar, as pessoas poderiam achar uma mulher arrebitada engraçado. Especialmente em uma noite de sexta-feira. *Quem te fez isso, moça, e o que você fez pra merecer? Você não deveria ter caído depois que alguém resolveu se exercitar em você assim?*

Isso a lembrou de uma velha piada que ela ouviu em algum lugar: *Por que há trezentas mil mulheres espancadas por ano na América? Porque elas nunca...escutam... caralho.*

— Deixa pra lá. — ela sussurrou. — Eu vou comer algo quando chegar em casa. Salada de atum, talvez.

Pareceu bom, mas parte dela estava convencida de que seus dias de comer salada de atum—ou biscoitos de manteiga de amendoim amarelados—estavam acabados. A idéia da limusine encostando e a levando para fora deste pesadelo era uma miragem insana.

De algum lugar à sua esquerda, Tess podia ouvir os carros correndo pela I-84— a estrada em que ela teria tomado, se não houvesse sido oferecido tão alegremente a ela um atalho para casa. Lá na rodovia, pessoas que nunca haviam sido estupradas, ou metidas em canos estavam indo a lugares. Tess pensou que o som de suas alegres viagens era o mais solitário que ela já havia ouvido.

A limusine chegou. Era um Lincoln. O homem atrás do volante saiu e olhou em volta. Tess o observou próxima à esquina da loja. Ele vestia um terno escuro. Ele era baixo, usava óculos, e não parecia um estuprador... mas é claro que nem todos os gigantes eram estupradores e nem todos os estupradores eram gigantes. Mas ela tinha que confiar nele. Se ela quisesse chegar em casa e alimentar Fritzzy, não havia outra opção. Então ela largou sua estola imunda ao lado do telefone que realmente funcionava, e andou lenta e firmemente na direção do carro. A luz que iluminava através das janelas da loja parecia imensamente brilhante, depois das sombras da lateral do lugar, e ela sabia como seu rosto iria parecer.

Ele vai me perguntar o que aconteceu, e então me perguntará se eu quero ir ao hospital.

Mas Manuel (que poderia já ter visto coisa pior, não era impossível) apenas segurou a porta para ela e disse:

— Bem-vinda a Royal Limusine, senhora. — ele tinha um leve sotaque hispânico, que combinava com sua pele cor de oliva, e seus olhos escuros.

— Onde sou tratada como realeza. — Tess disse. Ela tentou sorrir. Seus lábios inchados doeram.

— Sim, senhora. — nada mais. Deus abençoe Manuel, que poderia já ter visto coisa pior—talvez do lugar de onde viera, talvez no assento traseiro deste mesmo carro.

Quem sabia que segredos motoristas de limusines guardavam? Era uma questão que poderia esconder um bom livro dentro dela. Não do tipo que ela escrevia, é claro... só que, quem poderia saber que tipo de livros ela escreveria de agora em diante? Ou se ela escreveria qualquer um? A aventura de hoje à noite poderia ter tirado aquela alegria solitária de dentro dela. Talvez até para sempre. Era impossível dizer.

Ela entrou nos fundos do carro, movendo-se como uma velha com osteoporose avançada. Quando ela se sentou, e ele bateu a porta, ela fechou a mão ao redor da maçaneta, e observou atentamente, querendo certificar-se de que fosse Manuel que entrasse atrás do volante, e não o gigante de macacão. Em *O Horror da Stagg Road 2*

teria sido o gigante: mais um giro na porca antes dos créditos finais. *Pegue um pouco de ironia, é bom para seu sangue.*

Mas foi Manuel quem entrou. É claro que sim. Ela relaxou.

— O endereço que eu tenho é Primrose Lane, 19, Stoke Village. Isso está correto?

Por um momento ela não conseguiu se lembrar; ela havia digitado o número de

seu cartão no telefone público sem pestanejar, mas agora havia lhe dado um branco pelo seu próprio endereço.

Relaxe, ela disse a si mesma. Acabou. Isto não é um filme de terror, é sua vida.

Você teve uma experiência terrível, mas acabou. Então relaxe.

— Sim, Manuel, isso mesmo.

— Você vai querer fazer alguma parada, ou estamos indo direto para sua casa?
— foi o mais perto que ele chegou de mencionar o que as luzes da Gas & Dash deviam ter lhe mostrado enquanto ela caminhava na direção da limusine.

Era pura sorte que ela ainda tomava suas pílulas orais anticoncepcionais—sorte ou talvez otimismo, ela não teve mais do que um lance de uma noite há três anos, a não ser que você contasse o de hoje à noite—mas hoje a sorte estivera quase acabando no estoque, e ela estava grata por esse pouco que sobrara. Ela tinha certeza de que Manuel poderia achar uma farmácia aberta vinte e quatro horas por dia em algum lugar ao longo do caminho, motoristas de limusines pareciam saber de todas essas coisas, mas ela não achou que poderia andar até uma farmácia e pedir pela pílula do dia seguinte. Seu rosto teria entregado a razão pela qual ela precisava de uma. E é claro que havia o problema do dinheiro.

— Nenhuma outra parada, apenas me leve para casa, por favor.

Logo eles estavam na I-84, que estava cheia com o tráfego da noite de sexta-feira. A Stagg Road e a loja deserta estavam para trás dela. O que estava a sua frente era sua própria casa, com sistema de segurança e uma trava para cada porta. E isso era bom.

-17-

Tudo aconteceu como ela havia visualizado: a chegada, a gorjeta adicionada à conta do cartão de crédito, a caminhada na calçada florida (ela pediu a Manuel para ficar, iluminando-a com os faróis, até que ela entrasse), o som de Fritzy miando enquanto ela tateava a caixa de correio e pescava a chave de emergência do seu gancho.

Então ela estava dentro e Fritzy se enrolava ansiosamente entre seus pés, esperando ser pego e acariciado, querendo ser alimentado. Tess fez essas coisas, mas primeiro ela travou a porta atrás dela, então ligou o alarme contra ladrões pela primeira vez em meses. Quando ela viu ATIVADO piscar em uma pequena janela verde acima do teclado, ela finalmente começou a se sentir de algum modo mais como seu verdadeiro eu. Ela olhou para o relógio da cozinha, e ficou

espantada ao ver que havia se passado apenas vinte minutos das onze horas.

Quando Fritzzy estava comendo sua ração, ela checou as portas do quintal, e do pátio lateral, certificando-se que estavam ambas trancadas. Então as janelas. A caixa de comando do alarme deveria, supostamente, lhe informar se alguma coisa estava aberta, mas ela não confiava nela. Quando ela teve certeza de que tudo estava seguro, ela foi até o armário do corredor frontal, e tirou uma caixa que estivera na prateleira do topo por tanto tempo que havia uma camada de poeira acima dela.

Cinco anos atrás, houvera uma onda de roubos e invasões de casas ao norte de Connecticut e ao sul de Massachusetts. Os caras maus eram em sua maioria viciados em drogas, que era o que a maioria dos fãs em New England chamava de OxyContin. Os residentes foram alertados para serem particularmente cuidadosos, e “tomar precauções racionais”. Tess não possuía sentimentos fortes sobre os prós e contras de ter uma arma, tampouco ela se sentira especialmente preocupada sobre algum estranho arrombando a casa à noite (não na época), mas uma arma pareceu ser uma prioridade na lista de precauções racionais, e ela havia pretendido aprender sobre pistolas para o próximo livro de Willow Grove, de qualquer forma. A assustadora onda de ladrões pareceu a oportunidade perfeita.

Ela foi à loja de armas de Hartford que era a mais bem criticada na Internet, e o balconista recomendou um modelo Smith & Wesson .38 que ele chamava de Espremedor de Limões. Ela comprou mais porque gostou daquele nome. Ele também lhe informou sobre um bom lugar para praticar tiros nos subúrbios de Stoke Village.

Tess havia obrigatoriamente levado a arma até lá uma vez que já passara o período de quarenta e oito horas de espera, e ela pudera realmente obtê-la. Ela havia disparado mais ou menos quatrocentas balas pelo correr da semana, divertindo-se no começo com a emoção de atirar, mas depois ficando entediada. A arma havia ficado no armário desde então, guardada dentro de sua caixa junto com cinquenta balas de munição, e seu documento de porte de arma.

Ela a carregou, sentindo-se melhor—*mais segura*—com cada culatra preenchida.

Ela a colocou no balcão da cozinha, então checou a secretária eletrônica. Havia uma mensagem. Era de Patsy McClain, a vizinha. “Eu não vi nenhuma luz acesa hoje à noite, então acho que você decidiu ficar em Chicopee. Ou talvez você tenha ido para Boston? De qualquer forma, eu usei a chave atrás da caixa de correio e alimentei Fritzzy. Oh, e eu coloquei sua correspondência na mesa do corredor. Eram apenas propagandas, desculpe. Ligue-me amanhã antes de eu ir para o trabalho, se você tiver voltado. Só quero saber se você chegou a salvo.”

— Ei, Fritz. — Tess disse, agachando-se para acariciá-lo. — Parece que você comeu duas vezes hoje à noite. Muito esperto de sua p— Asas cinzentas invadiram sua visão, e se ela não houvesse se segurado na mesa da cozinha, ela teria se estatelado no chão de linóleo. Ela deu um grito de surpresa que soou fraco e longínquo. Fritz recolheu suas orelhas, e lhe lançou um olhar estreito e avaliador, parecendo decidir que ela não iria cair (ao menos não em cima dele), e voltou a atenção para seu segundo jantar.

Tess se endireitou lentamente, agarrando-se à mesa por segurança, e então abriu a geladeira. Não havia salada de atum, mas havia queijo cottage e geléia de morango.

Ela comeu ansiosamente, arranhando o recipiente de plástico com o garfo para pegar cada último pedaço. Entrou fria e suavemente em sua garganta machucada. Ela não estava certa de que poderia ter comido carne, de qualquer forma. Nem mesmo atum em lata.

Ela bebeu suco de maçã da garrafa, arrotou, e então desceu penosamente as escadas até o banheiro. Ela levou a arma junto, fechando os dedos ao redor do guarda-mato, como lhe fora ensinado.

Havia um belo espelho oval na prateleira acima da pia, um presente de Natal de seu irmão em Novo México. Escrito em dourado acima dele estavam as palavras SOU BONITA. A Velha Tess o usava para fazer as sobrancelhas e retocar rapidamente a maquiagem. A Nova usava para examinar seus olhos. Estavam injetados de sangue, é claro, mas as pupilas pareciam do mesmo tamanho. Ela desligou a luz do banheiro, contou até vinte, então a religou, e observou suas pupilas se contraírem. Pareceu bem também. Então provavelmente não havia sofrido uma fratura do crânio. Talvez uma concussão, uma concussão leve, mas— *Como se eu fosse o bastante ser Bacharela em Artes na Universidade de Connecticut e ter uma diploma avançado em investigações para velhas que passam ao menos um quarto de cada livro trocando receitas que eu tiro da Internet e então mudo o suficiente para não ser processada por plágio. Eu poderia entrar em coma ou morrer de hemorragia cerebral durante a noite. Patsy me encontraria da próxima vez que ela viesse alimentar um gato. Você precisa ver um médico, Tessa Jean. E você sabe disso.*

O que ela sabia é que se ela fosse ver seu médico, sua desgraça realmente poderia se tornar propriedade pública. Os médicos garantiam confidencialidade, era parte de seus juramentos, e uma mulher que fez seu ganha-pão sendo advogada, ou copeira, ou corretora de imóveis provavelmente poderia contar com isso. Tess poderia, isso era certamente possível. Até mesmo provável. Por outro lado, olhe o que aconteceu com Farrah Fawcett: os tablóides foram à forra quando algum empregado do hospital falou demais. A própria Tess já havia

ouvido rumores sobre os problemas psiquiátricos de um escritor que estivera em alta nas vendas com suas histórias pesadas e heróicas.

Seu próprio agente lhe passara os detalhes mais interessantes desses rumores para Tess durante um almoço há menos de dois meses... e Tess escutou.

Eu fiz mais do que escutar, ela pensou enquanto olhava para seu espancado e inchado eu. *Eu passei a fofoca o mais rápido que pude.*

Mesmo se o médico e sua equipe mantivessem os bicos fechados sobre a moça escritora de mistérios que havia sido espancada, estuprada e roubada enquanto voltava para casa vinda de uma aparição pública, e quanto aos outros pacientes que poderiam vê-la na sala de espera? Para alguns deles ela não seria apenas outra mulher com o rosto machucado que praticamente berrava espancamento; ela seria a novelista residente em Stoke Village, você sabe quem é, fizeram um filme para TV baseado nas velhas detetives dela um ou dois anos atrás, passou no canal Lifetime, e meu Deus, você deveria tê-la visto.

Seu nariz não estava quebrado, afinal de contas. Era difícil de acreditar que algo poderia doer tanto *sem* estar quebrado, mas não estava. Inchado (é claro, coitadinho), e doía, mas ela poderia respirar por ele, e ela poderia tomar um pouco de Vicodin que aliviaría a dor à noite. Mas ela tinha uma dupla de olheiras salientes, e uma bochecha machucada e inchada, e um anel de marcas ao redor de sua garganta. Isso era o pior, era o tipo de colar que as pessoas só conseguiam de uma maneira. Havia variados inchaços, machucados, e arranhões em suas costas, pernas, e traseiro. Mas as roupas cobririam e esconderiam a pior delas.

Ótimo. Sou uma poetisa e não sabia disso.

— A garganta... eu poderia usar uma gola alta...

Totalmente. Outubro era a época de golas altas. Quanto a Patsy, ela poderia dizer que havia caído das escadas e batido a cara durante a noite. Dizer que — Que eu pensei que havia escutado um barulho e Fritzzy se enfiou entre meus pés enquanto eu descia as escadas para checar.

Fritzzy ouviu seu nome e miou da porta do banheiro.

— Dizer que bati minha cara estúpida no suporte no pé da escada. Eu até poderia...

Colocar uma marquinha no suporte, é claro que ela podia. Possivelmente com um martelo de amassar carne que ela tinha em uma de suas gavetas da cozinha. Nada espalhafatoso, apenas uma ou duas marteladas para lascar a pintura. Tal história não enganaria um médico (ou uma velha detetive inteligente como Doreen Marquis, decana da Sociedade de Costura), mas enganaria Pasty McC, cujo marido com certeza nunca levantara a mão para ela uma única vez nos vinte

anos em que estiveram juntos.

— Não é como se eu tivesse algo pelo qual me envergonhar. — ela sussurrou para a mulher no espelho. A Nova Mulher com o nariz torto e os lábios fofos. — Não é isso. — verdade, mas a exposição pública a *faria* ficar envergonhada. Ela estaria nua.

Uma vítima nua.

Mas e quanto às mulheres, Tessa Jean? As mulheres no cano?

Ela teria que pensar sobre elas, mas não hoje. Hoje ela estava cansada, com dor, e devastada do fundo de sua alma.

Lá no fundo, dentro dela (em sua alma devastada) ela sentiu uma brasa de fúria arder pelo homem responsável por isso. O homem que a havia colocado nesta posição.

Ela olhou para a pistola que jazia ao lado da vasilha, e sabia que se ele estivesse lá, ela a usaria nele, sem um momento de hesitação. Saber disso fez com que ela ficasse confusa sobre si mesma. Isso também a fez se sentir um pouco mais forte.

-18-

Ela lascou o suporte com o martelo de amassar carne, então tão cansada que se sentiu como um sonho na cabeça de outra mulher. Ela examinou a marca, decidiu que parecia deliberada demais, e deu mais algumas pancadas leves ao redor das pontas dela.

Quando ela achou que parecia com algo que ela poderia ter feito com o lado do rosto— onde o pior machucado estava—ela subiu as escadas lentamente, e atravessou o corredor, segurando a arma em uma mão.

Por um momento ela hesitou do lado de fora da porta de seu quarto, que estava entreaberta. E se *ele* estivesse lá? Se ele tinha sua bolsa, teria seu endereço. O alarme contra ladrões não havia sido ligado até que ela voltasse (tão descuidada). Ele poderia ter estacionado seu velho F-150 do lado da esquina. Ele poderia ter forçado a tranca da porta da cozinha. Provavelmente não teria sido necessário mais do que um cinzel.

Se ele estivesse aqui, eu sentiria seu cheiro. O suor masculino. E eu atiraria nele. Nada de “deixe no chão”, ou “mantenha as mãos para cima enquanto eu ligo para o 911”, nenhuma dessas merdas de filmes de terror. Eu simplesmente atiraria nele. Mas sabe o que eu diria primeiro?

— Você gosta disso, isso gosta de você. — ela disse em sua voz baixa e áspera.

Sim. Era exatamente isso. Ele não entenderia. Mas *ela* iria.

Ela descobriu que meio que queria que ele estivesse em seu quarto. Isso provavelmente significava que a Nova Mulher era bem mais do que só um pouco maluca, mas e daí? Se chegasse a esse ponto, valeria a pena. Atirar nele faria a humilhação pública ser suportável. E olhe pelo lado bom! Provavelmente ajudaria nas vendas dos livros!

Eu gostaria de ver o terror em seus olhos quando ele percebesse que eu realmente pretendia atirar. Isso poderia fazer ao menos um pouco disto ficar certo.

Pareceu levar eras para sua mão achar o interruptor do quarto, e é claro que ela esperava que seus dedos fossem agarrados enquanto ela tateava. Ela tirou as roupas lentamente, soltando um molhado e miserável soluço quando ela tirou as calças e viu o sangue seco em seus pêlos púbicos.

Ela correu para o chuveiro, ligado o mais quente que ela pudesse agüentar, lavando os lugares que imploravam para serem limpos, deixando a água enxaguar o resto. A água limpa e quente. Ela queria tirar o cheiro dele, e o mangrado cheiro dos restos do tapete também. Depois disso, ela se sentou na privada. Desta vez o xixi doeu menos, mas o raio de dor que passou pela sua cabeça quando ela tentou—e muito tentativamente—endireitar seu nariz torto a fez chorar. Bem e daí? Nell Gwyn, a famosa atriz Elizabethiana, havia possuído um nariz torto. Tess tinha certeza de que havia lido isso em algum lugar.

Ela pôs os pijamas de flanela e foi para a cama, onde ela ficou deitada com todas as luzes acessas e o Espremedor de Limões .38 na mesa da cabeceira, achando que nunca conseguiria dormir, que então sua imaginação inflamada iria transformar cada som da rua em sons da aproximação do gigante. Mas então Fritz pulou na cama, se enrolou ao lado dela, e começou a ronronar. Assim era melhor.

Estou em casa, ela pensou. Estou em casa, estou em casa, estou em casa.

-19-

Quando ela acordou, a indiscutível luz sã das seis da manhã passava pelas janelas. Havia coisas que precisavam ser feitas e decisões que precisavam ser tomadas, mas por enquanto era o bastante estar viva e ter sua própria cama, ao invés de estar enfiada em um bueiro.

Desta vez, fazer xixi quase pareceu normal, e não havia sangue. Ela entrou no banho de novo, uma vez mais deixando a água tão quente quanto ela pudesse

suportar, fechando os olhos, e a deixando cair em seu rosto latejante. Quando ela achou que já era o bastante, ela usou o xampu no cabelo, fazendo devagar e metodicamente, usando os dedos para massagear o escalpo, evitando o ponto dolorido onde ele deveria tê-la acertado. No começo, o arranhão profundo em suas costas ardeu, mas isso passou e ela sentiu uma espécie de alegria. Ela dificilmente pensou na cena do banheiro em *Psicose*, de qualquer modo.

O chuveiro era o lugar onde ela sempre pensava melhor, um ambiente uterino, para quando ela precisava pensar com força e bem, como agora.

Eu não quero ir ver Dr. Hedstrom, e eu não preciso ver Dr. Hedstrom. Essa decisão foi tomada, embora mais tarde—daqui a algumas semanas, talvez, quando meu rosto pareceu mais ou menos normal de novo—eu tenha que checar se peguei alguma DST...

— Não se esqueça do teste de AIDS. — ela disse, e o pensamento lhe causou uma careta feia o bastante para fazer sua boca doer. Era um pensamento assustador.

Ainda assim, o teste teria que ser feito. Pela paz de sua mente. E não pelo que ela reconhecia nesta manhã como sendo o problema central. O que ela fazia ou deixava de fazer sobre sua própria violação era apenas de sua conta, mas isso não era verdade quanto às mulheres no cano. Elas haviam perdido muito mais do que ela. E quanto à próxima mulher que o gigante atacasse? Que haveria outra ela não tinha dúvidas. Talvez não por um mês ou um ano, mas haveria. Enquanto ela desligava o chuveiro, Tess percebeu (de novo) que até mesmo poderia ser ela, se ele voltasse para checar o bueiro e visse que ela havia desaparecido. E que suas roupas haviam sumido da loja, é claro. Se ele procurasse em sua bolsa, e com certeza ele havia, então ele *teria* seu endereço.

— E também meus brincos de diamante. — ela disse. — O maldito pervertido filho da puta roubou meus brincos.

Mesmo se ele permanecesse longe da loja e do bueiro por um tempo, aquelas mulheres pertenciam a ela agora. Elas eram sua responsabilidade, e ela não podia fugir disso só porque sua foto poderia aparecer na capa do Inside View.

Na calma luz da manhã de uma suburbana manhã em Connecticut, a resposta era ridiculamente simples: uma chamada anônima à polícia. O fato de que uma jornalista profissional com dez anos de experiência não havia pensado nisso imediatamente quase merecia um cartão amarelo. Ela daria a eles o local—a loja VOCÊ GOSTA DISSO, ISSO GOSTA DE VOCÊ deserta na Stagg Road—e ela descreveria o gigante. O quão difícil poderia ser para localizar um homem como aquele? Ou uma picape Ford F-150 azul com massa emendando os faróis?

Facim, facim.

Mas enquanto ela secava o cabelo, seus olhos caíam em seu Espremedor de Limões .38, e ela pensou, *Facim, facim demais. Porque...*

— E o que há para mim nisso? — ela perguntou a Fritzzy, que estava sentado no umbral e olhava para ele com seus olhos verdes luminosos. — Apenas... o que há para mim nisso?

-20-

Parada na cozinha uma hora e meia depois. Sua vasilha de cereal encharcada na pia. Seu segundo copo de café esfriando no balcão. Falando ao telefone.

— Oh, meu Deus! — Patsy exclamou. — Estou indo aí agora mesmo!

— Não, não, estou bem Pats. E você vai se atrasar para o trabalho.

— Manhas de Sábado são estritamente opcionais, e você deveria ir ver um médico! E se você tiver sofrido uma concussão, ou algo assim?

— Não sofri uma concussão, apenas me machuquei. E ficaria envergonhada em ir a um médico, porque eu tomei três drinques acima do limite. Pelo menos três. A única coisa sensível que eu fiz a noite toda foi chamar uma limusine para me levar para casa.

— Tem certeza que seu nariz não está quebrado?

— Positivo. — bem... *quase* positivo.

— Fritzzy está bem?

Tess caiu em risadas genuínas.

— Eu desço as escadas meia grogue no meio da noite porque o detector de fumaça está apitando, tropeço no gato, quase me mato, e suas simpatias estão com o gato. Que ótimo.

— Querida, não...

— Estou só brincando. — Tess disse. — Vá trabalhar e pare de se preocupar. Eu só não queria que você gritasse quando me visse. Eu tenho uma dupla de olheiras absolutamente lindas. Se eu tivesse um ex-marido, você provavelmente acharia que ele havia me feito uma visita.

— Ninguém se atreveria a colocar uma mão em você. — Patsy disse. — Você é feroz, garota.

— Isso mesmo. — Tess disse. — Eu não levo desaforo.

— Você pareceu rouca.

— E pra completar estou ficando gripada.

— Bem... se precisar de algo hoje à noite... uma sopa de galinha... remédio... um DVD do Johnny Depp...

— Eu te ligo se precisar. Agora vá. Mulheres de consciências estilosas procurando por elusivas calças tamanho seis da Ann Taylor estão dependendo de você.

— Não enche, mulher. — Patsy disse, e desligou, rindo.

Tess pegou seu café da mesa da cozinha. A arma estava repousada nela, próxima ao pote de açúcar: não era exatamente uma imagem de Dali, mas muito perto. Então a imagem duplicou enquanto ela se debulhava em lágrimas. Foi a memória de sua própria voz animada que o fez. O som da mentira que ela agora estava vivendo até que sentisse vontade de contar a verdade.

— Seu filho da puta! — ela berrou. — Seu tremendo filho da puta! *Eu te odeio!*

Ela havia tomado banho duas vezes em menos de sete horas, e ainda se sentia suja. Ela havia se lavado, mas ela achou que ainda podia senti-lo lá dentro, sua...

— Oleosidade.

Ela se pôs de pé, pelo canto do olho ela percebeu seu gato alarmado correndo pelo corredor frontal, e conseguiu chegar à pia bem a tempo de fazer uma bagunça no chão. Seu café e seu cereal subiram em uma única contração forte. Quando ela teve certeza de que havia terminado, ela pegou sua pistola e subiu para tomar outro banho.

-21-

Quando ela havia terminado e estava enrolada em seu confortável roupão de algodão, ela deitou-se na cama e pensou onde ela deveria ir para fazer sua chamada anônima. Algum lugar grande e movimentado seria o melhor. Algum lugar com um estacionamento de onde ela poderia desligar e então dar no pé. O Shopping de Stoke Village parecia o certo. Também havia a questão de qual autoridade chamar. Colewich, ou isso seria cartunesco demais? Talvez a polícia do Estado fosse melhor. E ela escreveria o que pretendia dizer... a ligação seria rápida.... ela dificilmente se esqueceria de algu...

Tess adormeceu, deitada em sua cama em uma faixa de luz do sol.

-22-

O telefone tocava ao longe, em algum universo adjacente. Então parou e Tess ouviu sua própria voz, a gravação agradável e impessoal que começava com *Você ligou para...* Isto era seguido por alguém deixando uma mensagem. Uma mulher. Na hora em que Tess lutava para acordar, a pessoa desligara.

Ela olhou para o relógio na mesa da cabeceira e viu que eram dez e vinte. Ela havia dormido mais duas horas. Por um momento ela ficou alarmada: talvez ela houvesse sofrido uma concussão ou uma fratura, afinal de contas. Então ela relaxou. Ela fizera muito exercício na noite anterior. A maioria sendo desagradável ao extremo, mas exercício era exercício. Cair no sono novamente era natural. Ela poderia até tirar outra soneca durante a tarde (onde ela tomaria outro banho, com certeza), mas ela tinha algo a resolver antes. Uma responsabilidade para ser cumprida.

Ela pôs uma longa saia tweed e uma blusa com gola alta que na verdade era grande demais para ela; batia na parte de baixo do queixo. Tudo bem para Tess. Ela havia aplicado maquiagem no machucado da bochecha. Não cobriu completamente, tampouco seu maior par de óculos de sol cobriria seus olhos negros (os lábios inchados eram uma causa perdida), mas a maquiagem ajudou, mesmo assim. O próprio ato de aplicá-la a fez se sentir mais ancorada em sua vida. Mais no comando.

Descendo as escadas, ela apertou o Play na secretária eletrônica, achando que a chamada era provavelmente de Ramona Norville, cumprindo os costumes obrigatórios da manhã seguinte: nós nos divertimos, espero que você tenha se divertido, o retorno foi ótimo, por favor, venha de novo (nem a pau), blá-blá-blá. Mas não era Ramona. A mensagem era de uma mulher que havia se identificado como Betsy Neal. Ela disse que estava ligando do Clube Vertigem.

— Como parte de nosso esforço em desencorajar bebida e direção, nossa política de cortesia é de ligar para as pessoas que deixaram seus carros em nosso estacionamento após fecharmos. — Betsy Neal disse. — Seu Ford Expedition, placa de Connecticut 775

NSD, estará disponível para ser pego até as cinco da tarde de hoje. Depois das cinco, ele será rebocado para a Excelente Oficina de Carros, 1500, John Higgins Road, North Colewich, às suas custas. Por favor, note que nós não temos sua chave, madame. Você deve tê-las levado com você. — Betsy Neal pausou. — Temos outra propriedade da senhora, então por favor entre no escritório. Lembre-se de que eu precisarei de alguma identificação. Obrigada e tenha um bom dia.

Tess sentou-se no sofá e riu. Antes de ouvir o discurso ensaiado da tal Neal, ela estivera planejando ir ao shopping em seu Expedition. Ela não tinha a bolsa, ela não tinha a chave, ela não tinha o maldito carro, mas ainda assim ela havia planejado apenas entrar na garagem, subir no carro, e— Ela sentou-se contra a

almofada, gritando e socando os punhos em suas coxas.

Fritzy estava sob a cadeira do outro lado da sala, olhando para ela como se ela estivesse louca. *Somos todos loucos aqui, então tome outra xícara de chá*, ela pensou, e riu mais do que nunca.

Quando ela finalmente parou (só que pareceu mais como se ele tivesse secado), ela tocou a mensagem de novo. Desta vez ela se concentrou no que a tal da Neal dizia sobre terem outra propriedade dela. Sua bolsa? Talvez até seus brincos de diamante.

Mas isso seria bom demais para ser verdade, não é?

Chegar ao Clube Vertigem em um carro negro da Royal Limusine pode ser memorável demais, então ela pediu um táxi de Stoke Village. O atendente disse que ficaria feliz em levá-la ao que ele chamava de “O Vertigem” por uma taxa de cinquenta dólares.

— Desculpe cobrar tanto. — ele disse. — Mas o motorista vai voltar sozinho.

— Como você sabe disso? — Tess perguntou, espantada.

— Deixou seu carro, certo? Acontece o tempo todo, especialmente nos fins de semana. Embora também recebamos chamadas nas noites de karaokê. Seu táxi estará aí em mais ou menos quinze minutos.

Tess comeu um biscoito doce (engolir doía, mas ela havia perdido seu primeiro café da manhã, e estava com fome), então ficou na janela da sala de estar, observando o táxi e brincando com sua chave do Expedition com a palma da mão. Ela decidiu mudar o plano. Deixaria o Shopping de Stoke Village para lá; assim que ela recuperasse o carro (e qualquer que fosse a propriedade que Besty Neal estava guardando), ela iria dirigir mais ou menos um quilômetro para o Gas & Dash e chamaria a polícia de lá.

Pareceu simplesmente perfeito.

-23-

Quando seu táxi virou na Stagg Road, a pulsação de Tess começou a crescer.

Quando haviam chegado ao Clube Vertigem, ela voava com o que parecia cento e trinta batidas por minuto. O taxista deveria ter visto alguma coisa no retrovisor... ou talvez tenha sido apenas os sinais visíveis do espancamento que originou a pergunta.

— Está tudo bem, senhora?

— Maravilhoso. — ela disse. — É só que eu não planejava voltar aqui esta

manhã.

— Poucos o fazem. — o taxista disse. Ele chupava um palito de dente, que fez uma lenta e filosófica jornada de um lado para o outro de sua boca. — Eles têm sua chave, eu suponho? Deixo-as com o bartender?

— Oh, não há problema quanto a isso. — ela disse vivamente. — Mas eles detêm outra propriedade minha—a moça não disse o que era, e eu não faço a mínima das idéias do que seja. — *Bom Deus, eu soei como uma de minhas senhoras detetives.*

O taxista rolou seu palito de dente para seu ponto inicial. Foi sua única resposta.

— Eu vou lhe pagar dez dólares extras para me esperar enquanto eu saio. — Tess disse, assentindo na direção da hospedaria. — Eu quero me certificar de que meu carro pegue.

— Sem problema. — o taxista disse.

E se eu gritar é porque ele está lá dentro, esperando por mim, esperando por mim, venho correndo, tá?

Mas ela não teria dito isso mesmo que pudesse tê-lo feito sem parecer absolutamente doida. O taxista era gordo, cinquentão, e enferrujado. Ele não seria páreo para o gigante se isso acontecesse... e em um filme de terror, aconteceria.

Atraída de volta, Tess pensou abatida. Atraída de volta por um telefone da namorada do gigante, que é tão louca quanto ele.

Uma idéia tola e paranóica, mas a caminhada até o Clube Vertigem pareceu longa, e terra dura fez suas pegadas soarem muito altas: *clump-clud-clump*. O estacionamento que havia sido um mar de carros na noite anterior estava agora deserto, exceto por quatro ilhas automotivas, uma das quais era o Expedition dela. Estava bem ao fundo do estacionamento—claro, ele não teria querido ser observado enquanto o colocava lá—e ela conseguia ver o pneu esquerdo frontal. Era um velho e preto que não combinava com os outros três, mas fora isso parecia bom. Ele havia trocado o pneu. É claro que havia. Como mais ele poderia tê-lo movido para longe de seu... seu...

Seu parque de diversões. Sua zona de matança. Ele dirigiu até aqui, estacionou, voltou para a loja deserta, e então se foi em seu velho F-150. Boa coisa eu não ter vindo mais cedo; ele teria me encontrado perambulando por aí em um torpor, e eu não estaria aqui agora.

Ela olhou para trás por cima dos ombros. Em um dos filmes que ela agora não conseguia parar de pensar, ela com certeza veria o táxi dando no pé (*me deixando à minha sorte*), mas ele ainda estava bem ali. Ela levantou uma mão

para o motorista, ele levantou a dele em retorno. Ela estava bem. Seu carro estava aqui e o do gigante não estava. O gigante estava em casa (sua *caverna*), possivelmente ainda dormindo por causa dos esforços da noite anterior.

A placa na porta dizia FECHADO. Tess bateu e não houve resposta. Ela tentou a maçaneta, e quando ela a girou, tramas sinistras de filmes retornaram a sua mente. As tramas realmente estúpidas onde a maçaneta sempre gira e a heroína chama (em uma voz trêmula), “Tem alguém aqui?”. Todo mundo sabe que ela é maluca de entrar, mas ela entra de qualquer forma.

Tess olhou para o taxi novamente, viu que ela ainda estava lá, lembrou a si mesma que ela estava levando uma arma carregada em sua bolsa de reserva, e entrou, de qualquer forma.

-24-

Ela adentrou em uma sala que percorria todo o prédio do lado do estacionamento. As paredes eram decoradas com imagens públicas: bandas de couro, bandas de jeans, e uma banda totalmente feminina de saias. Um bar auxiliar se estendeu além dos cabides; não havia banquinhos, apenas um balcão onde você poderia tomar um drinque enquanto esperava por alguém ou porque o interior do bar estava lotado. Uma única placa vermelha brilhava acima das garrafas enfileiradas: BUDWEISER.

Você gosta da Bud, Bud gosta de você, Tess pensou.

Ela tirou seus óculos escuros para que pudesse andar sem tropeçar em alguma coisa e cruzou a sala até a sala principal. Era vasta e cheirava à cerveja. Havia uma bola de discoteca, agora apagada e parada. O piso de madeira a lembrou das pistas de patins onde ela e suas amigas haviam vivido durante o verão entre o oitavo ano e o científico.

Os instrumentos ainda estavam no palco, sugerindo que os Cozinheiros de Zumbis voltariam hoje à noite para mais uma chocante sessão de rock ‘n roll.

— Olá? — sua voz ecoou.

— Estou bem aqui. — uma voz respondeu, atrás dela.

-25-

Se houvesse sido uma voz masculina, Tess teria berrado. Ela conseguiu evitar isso, mas ela se virou tão rápido que se desequilibrou um pouco. A mulher que estava na alcova dos cabides—um sopro magro de pessoa, não tinha mais do que

um metro e sessenta—piscou surpresa e deu um passo para trás.

— Uou, calma.

— Você me assustou. — Tess disse.

— Vejo que sim. — o pequeno e oval rosto da mulher estava cercado por uma nuvem de cabelos provocadores. Um lápis aparecia espetado neles. Ela tinha olhos azuis picantes que não combinavam muito. *Uma garota Picasso*, Tess pensou. — Eu estava no escritório. Você é a moça do Expedition, ou a moça da Honda?

— Expedition.

— Tem identidade?

— Sim, duas peças, mas apenas uma com minha foto. Meu passaporte. A outra estava na minha bolsa. Minha outra bolsa. Achei que era ela que você poderia ter.

— Não, sinto muito. Talvez você a tenha enfiado sob o assento, ou coisa assim? Nós só olhamos no porta-luvas, e é claro que não podemos sequer fazer isso se o carro estiver fechado. O seu não estava, e seu número de telefone estava no cartão de seguro. Mas você provavelmente sabe disso. Talvez você encontre sua bolsa em casa. — a voz de Neal sugeriu que isso não deveria ser certo — Uma identificação com foto vai servir se parecer com você, eu acho.

Neal levou Tess a uma porta nos fundos da área dos cabides, e então desceram um estreito corredor curvilíneo que beirava a sala principal. Lá havia mais fotos de bandas nas paredes. Em certo ponto elas passaram através de um vapor de cloro que ferrou os olhos de Tess, e fez sua garganta ficar sensível.

— Se você acha que o banheiro masculino fede agora, você deveria aparecer aqui quando o local está cheio. — Neal disse, e então adicionou. — Oh, esqueci—você esteve aqui.

Tess não fez comentários.

No fim do corredor estava uma porta marcada com um APENAS FUNCIONÁRIOS DO ESCRITÓRIO. A sala além era grande, agradável, e cheia da luz da manhã. Um retrato emoldurado de Barack Obama estava pendurado na parede, acima havia um adesivo ostentando o slogan YES, WE CAN! Tess não conseguia ver seu táxi—o prédio estava na frente—mas ela podia ver sua sombra.

Isso é bom. Fique bem aí e ganhe suas dez pratas. E se eu não sair, não entre.

Apenas chame a polícia.

Neal foi até o canto da mesa e sentou-se.

— Vamos ver sua identidade.

Tess abriu a bolsa, tateou, passando pela .38, e pegou seu passaporte e seu cartão do Authors Guild¹¹³¹. Neal deu uma rápida olhada na foto do passaporte, mas quando viu o cartão da associação, seus olhos esbulharam.

— Você é a moça da Willow Grove!

Tess sorriu resolutamente. Seus lábios doeram.

— Culpada da acusação. — sua voz soou nebulosa, como se ela estivesse se recuperando de um péssimo resfriado.

— Minha avó ama esses livros!

— Muitas avós amam. — Tess disse. — Quando a afeição conquistar a próxima geração—a que não está atualmente vivendo de rendas fixas—eu vou comprar para mim mesma um *château* na França.

Às vezes isso provocava um sorriso. Entretanto não da Srta. Neal.

— Espero que isso não tenha acontecido aqui. — ela não foi mais específica, e não precisava ser. Tess sabia do que ela estava falando, e Betsy Neal sabia que ela sabia.

Tess pensou em revisitar a história que havia contado a Patsy—o detector de fumaça apitando, o gato sob seus pés, a colisão com suporte da escada—e não se incomodou. Esta mulher tinha uma olhar de eficiência diurna sobre ela e provavelmente visitava a Clube Vertigem o tão infrequente quanto possível durante suas horas de operação, mas ela claramente não tinha ilusões acerca do que às vezes acontecia aqui quando ficava tarde da noite e os convidados ficavam bêbados. Ela era, no fim das contas, aquela que aparecia nas manhãs de Sábado para fazer suas ligações de cortesia.

Ela provavelmente já havia ouvido sua cota de desculpas do dia seguinte que incluíam tropeços à meia-noite, escorregos no banho, etc., etc.

— Não foi aqui. — Tess disse. — Não se preocupe.

— Nem mesmo no estacionamento? Se você tiver se enrascado por lá, eu terei que falar para o Sr. Rumble para conversar com a equipe de segurança. Sr. Rumble é o chefe, e a segurança supostamente deveria checar os monitores de vídeo regularmente em noites animadas.

— Aconteceu depois de eu sair. Eu realmente tenho que fazer a ligação ser anônima agora, isso se eu pretender ligar. Porque eu estou mentindo, e ela vai se lembrar.

Se ela pretendia ligar? É claro que pretendia. Certo?

— Sinto muito. — Neal pausou, parecendo debater consigo mesma. Então ela disse: — Eu não quero lhe ofender, mas você provavelmente não tem assuntos

com um lugar como este para começar. Não acabou muito bem para você, e se isso chegar aos jornais... bem, minha avó ficaria muito desapontada.

Tess concordou. E ela o fez porque conseguia enfeitar convincentemente (era um talento que pagava as contas, afinal de contas).

— Um mau namorado é mais afiado do que um dente de serpente. Acho que é a Bíblia que diz isso. Ou talvez o Dr. Phil^[14]. De qualquer forma, eu terminei com ele.

— Várias mulheres dizem isso, e então têm uma recaída. Um cara que faz uma vez — Fará novamente. Sim, eu sei, eu fui muito tola. Se você não está com minha bolsa, que propriedade minha você *tem*?

Srta. Neal girou em sua cadeira rotativa (o sol lambeu seu rosto, momentaneamente iluminando aqueles incomuns olhos azuis), abriu uma das gavetas de seu gabinete, e tirou Tom, o Tomtom. Tess ficou encantada de ver seu velho amigo de viagens. Não fez as coisas ficarem melhores, mas era um passo na direção certa.

— Não devemos remover nada dos carros dos clientes, apenas pegar o endereço e o número do telefone se pudermos, então o fechamos, mas eu não gostaria de deixar isso. Ladrões não se importam em quebrar janelas para pegar um item particularmente sedutor, e ele estava largado bem em cima do painel.

— Obrigada. — Tess sentiu lágrimas brotando em seus olhos por trás dos óculos escuros, e desejou que elas voltassem. — Foi muita consideração.

Betsy Neal sorriu, o que fez seu austero rosto de Srta. Tomando Conta dos Negócios ficar radiante em um instante.

— Não há de quê. E quando seu namorado vier rastejando de volta, pedindo por uma segunda chance, pense em minha avó e em todas as suas leitoras fiéis, e diga que nem pensar. — ela ficou pensativa. — Mas faça isso com uma corrente em sua porta. Porque um mau namorado realmente é mais afiado do que um dente de serpente.

— É um bom conselho. Ouça, eu tenho que ir. Eu disse ao taxista para esperar para eu me certificar de que eu realmente recuperaria meu carro.

E isso poderia ter sido tudo—realmente poderia—mas então Neal perguntou, com um apropriado acanhamento, se Tess se importaria em dar um autógrafo para sua avó. Tess lhe disse que claro que não, e a despeito de tudo o que havia acontecido, observou com divertimento real enquanto Neal encontrava um pedaço de folheto do estabelecimento, e usava uma régua para rasgar o timbre do Clube Vertigem do topo antes de entregá-lo por cima da mesa.

— Escreva “Para Mary, uma fã de verdade”. Pode fazer isso?

Tess podia. E enquanto ela adicionava a data, uma confabulação fresca lhe veio à mente.

— Um homem me ajudou quando meu namorado e eu estávamos... você sabe, atacadados. Se não fosse por ele, eu poderia ter ficado muito mais machucada. — *Sim! Até mesmo estuprada!* — Eu gostaria de lhe agradecer, mas não sei seu nome.

— Duvido que pudesse lhe ser útil aqui. Sou apenas a ajuda do escritório.

— Mas você é uma residente local, certo?

— Sim...

— Eu o encontrei em uma pequena loja estrada abaixo.

— O Gas & Dash?

— Acho que é esse o nome. Foi onde eu e meu namorado tivemos nossa discussão. Era sobre o carro. Eu não queria dirigir e não estava querendo deixá-lo.

Estávamos discutindo sobre todo o tempo em que andamos pela estrada... cambaleando pela estrada abaixo... cambaleando pela Stagg Road...

Neal sorriu como as pessoas fazem quando ouviram uma piada várias vezes antes.

— De qualquer forma, esse cara apareceu em um velho caminhão picape azul com uma coisa plástica para espalhada ao redor dos faróis.

— Bondo?

— Acho que era assim que se chamava. — sabendo muito bem que era assim que a massa que emendava os faróis se chamava. Seu pai havia apoiado a companhia quase com uma única mão. — Enfim, eu me lembro de pensar que quando ela saiu, ele não estava realmente dirigindo aquele caminhão, ele o estava vestindo.

Quando ela passou o pedaço de papel assinado de volta por cima da mesa, ela viu que Betsy Neal agora sorria.

— Oh, meu Deus, eu acho que sei quem ele é.

— Sêrio?

— Ele era grande, ou era *realmente* grande?

— Realmente grande. — Tess disse. Ela sentiu uma peculiar e atenta felicidade que parecia localizada não em sua cabeça, mas no centro de seu peito. Era o modo como ela se sentia quando as pontas de uma trama esquisita começavam a ser atadas, ficando firmes como as alças de uma bela bolsa. Ela sempre se sentiu

tanto surpreendida quanto não surpreendida quando isto acontecia. Não havia satisfação igual.

— Você notou se ele usava um anel no dedo mínimo? Uma pedra vermelha?

— Sim! Como um rubi! Só que grande demais para ser real. E um boné marrom— Neal assentia.

— Com marcas brancas nele. Ele esteve usando essa coisa por dez anos. É do Grande Motorista que você está falando. Eu não sei onde ele vive, mas ele é residente local, ou em Colewich ou Nestor Falls. Eu o vejo por aí— supermercado, loja de ferramentas, Walmart, lugares assim. E uma vez que você o vê, você não o esquece. Seu nome de verdade é Al Alguma-Coisa-em-Polonês. Sabe, um daqueles nomes difíceis de pronunciar. Strelkowicz, Stancowitz, alguma coisa assim. Eu aposto que poderia encontrá-lo na lista telefônica, porque ele e seu irmão são proprietários de uma companhia de caminhões. Hawklane, acho que é assim que se chama. Ou talvez Eagle Line. Alguma coisa com o nome de um pássaro, de qualquer jeito. Você quer que eu procure?

— Não, obrigada. — Tess disse agradavelmente. — Você já foi útil o bastante, e meu taxista está esperando.

— Certo. Apenas faça um favor a si mesma, e fique longe desse seu namorado.

E fique longe do Vertigem. É claro, se você disser a alguém que eu lhe disse isso, eu vou ter que encontrá-la e matá-la.

— É justo. — Tess disse, sorrindo. — Eu mereceria. — na porta, ela se virou de volta. — Um favor?

— Se eu puder.

— Se você vir Al Alguma-Coisa-em-Polonês pela cidade, não mencione que você falou comigo. — ela sorriu mais abertamente. Seus lábios doeram, mas ela fez. — Eu quero surpreendê-lo. Quero lhe dar um presentinho, ou coisa assim.

— Sem problema.

Tess se demorou um pouco mais.

— Adoro seus olhos.

Neal encolheu os ombros e sorriu.

— Obrigada. Eles não combinam muito, não é? Isso costumava me fazer autoconsciente, mas agora...

— Agora funciona para você. — Tess disse. — Você se apegou a eles.

— Acho que sim. Eu até mesmo me arrisquei em alguns trabalhos como modelo quando tinha meus vinte anos. Mas às vezes, sabe de uma coisa? É melhor se

desapegar às coisas. Como o gosto por homens de temperamento ruim.

Para isso parecia que não havia resposta a dar.

-26-

Ela se certificou que seu Expedition pegaria, então deu uma gorjeta de vinte ao taxista, ao invés de dez. Ele lhe agradeceu com simpatia e dirigiu na direção da I-84.

Tess seguiu, mas não sem antes plugar Tom de volta ao receptáculo de seu acendedor de cigarros e o ligar.

— Olá, Tess. — Tom disse. — Parece que vamos viajar.

— Só vamos pra casa, Tommyzinho. — ela disse, e saiu do estacionamento, bem consciente que dirigia sobre um pneu que havia sido colocado pelo homem que quase a matara. Al Alguma-Coisa-em-Polonês. Um motorista de caminhões filho de uma puta. — Só uma parada no caminho.

“Eu não sei o que você está pensando, Tess, mas você deveria ter cuidado.”

Se ela estivesse em casa, ao invés de estar dentro do carro, teria sido Fritzzy quem diria isso, e Tess acharia perfeitamente normal. Ela estivera fazendo vozes e conversas desde a infância, embora ao chegar aos oito ou nove anos, ela tenha parado de fazer isso perto de outras pessoas, a não ser para efeito cômico.

— Eu tampouco sei o que estou pensando. — ela disse, mas isso não era bem verdade.

Mais acima estava a interseção da US 47, e o Gas & Dash. Ela sinalizou, deu a volta, e estacionou com o nariz do Expedition centralizado entre os dois telefones públicos na lateral do prédio. Ela viu o número da Royal Limusines nos blocos cinzentos empoeirados entre eles. Os números eram um garrancho isolado, escritos por um dedo que não havia conseguido ficar firme. Um calafrio subiu pelas suas costas, e ela enrolou os braços ao redor de si mesma, abraçando firme. Então ela saiu, e foi para o telefone que ainda funcionava.

A ficha de instruções havia sido desfigurada, talvez por um bêbado com uma chave de carro, mas ela ainda conseguia ler a informação saliente: ligações para o 911 são gratuitas, apenas pegue o telefone e aperte os números. Facim, facim.

Ela apertou o 9, hesitou, apertou 1, e então hesitou novamente. Ela visualizou uma piñata, e uma mulher se aprumando para acertá-la com uma vara. Em breve tudo desmoronaria. Seus amigos e associados saberiam que ela havia sido estuprada. Patsy McClain saberia que a história sobre tropeçar em Fritzzy no escuro era uma mentira contada pela vergonha... e que Tess não havia confiado

nela o bastante para dizer a verdade. Mas sério, essas não eram as coisas principais. Ela supôs que poderia agüentar um pouco de escrutínio público, especialmente se isso impedisse que o homem que Betsy Neal chamara de Grande Motorista estuprasse e matasse outra mulher. Tess percebeu que até mesmo poderia ser recebida como heroína, uma coisa que havia sido impossível de sequer considerar na noite passada, enquanto urinar doía o bastante para fazê-la chorar e sua mente continuava a retornar para a imagem de suas calcinhas roubadas no bolso central do macacão do gigante.

Só que...

— E o que há para mim nisso? — ela perguntou de novo. Ela falava bem baixo, enquanto olhava para o número do telefone que ela havia escrito na poeira. — E o que há para mim nisso?

E pensou: *Eu tenho uma arma e sei como usá-la.*

Ela colocou o telefone no gancho e voltou para o carro. Ela olhou para a tela de Tom, que mostrava a interseção da Stag Road e a Rota 47.

— Eu preciso pensar nisso mais um pouco. — ela disse.

— O que há para pensar? — Tom perguntou. — Se você o matasse e então fosse pega, você iria para a cadeia. Estuprada ou não.

— É sobre isso que preciso pensar. — ela disse, e então virou para a US 47 que a levaria para a I-84.

O tráfego na grande estrada estava leve como sempre em uma manhã de Sábado, e estar atrás do volante de seu Expedition era bom. Tranquilizador. Normal. Tom estava quieto até ela passar pela placa que dizia SAÍDA 14 STOKE VILLAGE 4 QUILOMETROS. Então ele disse:

— Tem certeza de que foi um acidente?

— O quê? — Tess pulou, assustada. Ela havia escutado as palavras de Tom saindo de sua boca, pronunciadas com a voz grave que ela sempre usava para o faz de conta em metade de suas conversas de faz de conta (era uma voz bem parecida com a voz robótica de verdade de Tom, o Tomtom), mas isso não pareceu ser seu *pensamento*.

— Está dizendo que o bastardo me estuprou por *acidente*?

— Não. — Tom respondeu. — Estou dizendo que se dependesse de você, você teria voltado pelo caminho pelo qual veio. *Este* caminho. I-84. Mas alguém mais teve uma idéia melhor, não é? Alguém que conhecia um atalho.

— Sim. — ela concordou. — Ramona Norville teve. — ela pensou nisso, e então balançou a cabeça. — Essa idéia é muito forçada, meu amigo.

Para isto Tom não deu resposta.

-27-

Ao deixar o Gas & Dash ela planejava entrar na Internet para ver se poderia localizar uma companhia de caminhões, talvez uma pequena e independente, que operasse em Colewich ou em uma das cidades próximas. Uma companhia com o nome de um pássaro, provavelmente Hawk (Falcão), ou Eagle (Águia). Teria sido o que as senhoras de Willow Grove fariam; elas amavam seus computadores e estavam sempre batendo papo umas com as outras que nem adolescentes. Outras considerações à parte, seria interessante ver se sua versão amadora de uma investigação funcionaria na vida real.

Subindo a rampa de saída da I-84, à dois quilômetros e meio de sua casa, ela decidiu que faria uma pequena pesquisa sobre Ramona Norville primeiro. Quem sabe, ela poderia descobrir que, além de presidir sobre a Livros & Sacos Pardos, Ramona fosse a presidenta da Sociedade de Prevenção de Estupros de Chicopee. Era até mesmo plausível. A anfitriã de Tess não havia se mostrado claramente apenas uma lésbica, mas uma tremenda *sapatão*, e mulheres com essa convicção poderiam constantemente não simpatizar com homens quem *nã o* fossem estupradores.

— Muitos incendiários pertencem aos seus departamentos de bombeiros voluntários locais. — Tom observou enquanto ela virava na sua rua.

— O que *isso* quer dizer? — Tess perguntou.

— Que você não deveria eliminar ninguém baseada em suas afiliações públicas.

As senhoras da Sociedade de Costura nunca fariam isso. Mas de qualquer jeito pode pesquisar sobre ela na Internet. — Tom falou em seu tom Fique-à-Vontade que Tess não esperava. Era suavemente irritante.

— Que gentil de sua parte me dar permissão, Thomas. — ela disse.

-28-

Mas quando ela estava em seu escritório com o computador ligado, ela apenas ficou olhando para a tela de boas vindas da Apple pelos primeiros cinco minutos, imaginando se ela realmente estava pensando em encontrar o gigante e usar sua arma, ou se isso era apenas um tipo de fantasia em que mentirosos de ofício, como ela mesma, eram craques. Uma fantasia de vingança, neste caso. Ela evitava esses tipos de filmes também, mas ela sabia que eles estavam lá fora; você

não podia evitar a moda de sua cultura a não ser que estivesse totalmente recluso, e Tess não estava. Nos filmes de vingança, caras admiravelmente musculosos como Charles Bronson e Sylvester Stallone não se importavam com a polícia, eles pegavam os caras maus sozinhos. O limite da justiça. Você se sente com sorte, seu escroto? Ela acreditava que até mesmo Jodie Foster, uma das graduadas mais famosas de Yale, havia feito filmes assim. Tess não conseguia se lembrar muito bem do título.

Corajosa^[15], talvez? Era algo mais ou menos assim, de qualquer forma.

Seu computador pulou para a proteção de tela com a palavra do dia. A palavra de hoje era *cormorão*, que por acaso era um pássaro.

— Quando você mandar seus pacotes pela Caminhões Cormorão, você pensará que está voando. — Tess disse em sua voz grave, fingindo ser Tom. Então ela apertou uma tecla e a proteção de tela desapareceu. Ela entrou na Internet, mas não foi para os mecanismos de busca, ao menos não para começar. Primeiro ela foi ao YouTube, e digitou RICHARD WIDMARK, sem ter idéia do que estava fazendo. Nenhuma consciente, de qualquer forma.

Talvez eu queira descobrir se o cara realmente merece fãs, ela pensou. *Ramona certamente acha que sim.*

Havia vários vídeos. A mais votada era uma compilação de seis minutos intitulada *ELE É MAU, ELE REALMENTE É MAU*. Centenas de milhares de pessoas haviam visto. Havia cenas de três filmes, mas aquela que a petrificou foi a primeira. Era um filme em preto e branco, parecia barato... mas definitivamente era um *daqueles* filmes. Até o título dizia isso: *O Beijo da Morte*.

Tess viu o vídeo inteiro, então voltou para o segmento de *O Beijo da Morte* duas vezes. Widmark interpretava um sorridente psicopata ameaçando uma velha senhora em uma cadeira de rodas. Ele queria informação: “Onde está aquele seu filho dedo-duro?” E quando a senhora se recusou a falar: “Sabe o que eu faço com dedos-duros? Eu os acerto na barriga, para que eles possam rolar por um longo tempo, achando que acabou.”

Ele não atirou na barriga da senhora. Ele a amarrou na cadeira de rodas com um fio de tomada e a empurrou escada abaixo.

Tess saiu do YouTube, entrou no Bing e procurou por Richard Widmark, e encontrou o que esperava, dado ao poder daquele breve vídeo. Embora ele tivesse feito vários filmes subsequentes, cada vez mais como o herói, ele sempre foi mais bem conhecido por *O Beijo da Morte*, e pelo sorridente e psicótico Tommy Udo.

— Grande coisa. — Tess disse. — Às vezes um cigarro é apenas um cigarro.

— O que isso quer dizer? — Fritzzy perguntou da janela de onde tomava um banho de sol.

— Quer dizer que Ramona provavelmente se apaixonou por ele depois de assisti-lo interpretando um heróico xerife, ou um corajoso comandante de um encouraçado, ou coisa assim.

— Pode ser. — Fritzzy concordou. — Porque se você estiver certa sobre a orientação sexual dela, ela provavelmente não idolatra homens que assassinam velhinhas em cadeiras de roda.

É claro que isso era verdade. Bem pensado, Fritzzy.

O gato lançou a Tess um olhar incrédulo e disse: — Mas talvez você não esteja certa sobre isso.

— Mesmo se eu não estiver... — Tess disse. — *Ninguém* torce pelos bandidos psicopatas.

Ela reconheceu a estupidez nisso assim que saiu de sua boca. Se as pessoas não torcessem pelos psicopatas, elas não estariam mais fazendo filmes sobre um doido com uma máscara de hóquei ou o cara queimado com lâminas no lugar dos dedos. Mas Fritzzy lhe fez a cortesia de não rir.

— Nem pense nisso. — Tess disse. — Se ficar tentado, lembre-se de quem enche seu prato de comida.

Ela entrou no Google e pesquisou *Ramona Norville*, achou quarenta e quatro mil resultados, adicionou *Chicopee*, e conseguiu uma redução considerável para mil e duzentos (embora a maioria deles, ela sabia, seria coincidências inúteis). O primeiro resultado relevante foi o *Weekly Reminder* de Chicopee, e tratava da própria Tess: BIBLIOTECÁRIA RAMONA NORVILLE ANUNCIA “SEXTA-FEIRA DE WILLOW GROVE”.

— Ai estou, a atração principal. — Tess murmurou. — Uma salva para Tessa Jean. Agora vamos ver a atriz coadjuvante. — mas quando ela clicou na matéria, a única foto que ela viu foi a dela mesma. Era sua foto de publicidade, em que estava com os ombros nus, que sua assistente rotineiramente mandava. Ela enrugou o nariz e voltou ao Google, sem ter certeza da razão pela qual ela queria pesquisar por Ramona novamente, apenas sabendo que queria. Quando ela finalmente achou a foto da bibliotecária, ela viu o que seu subconsciente já havia suspeitado, ao menos julgando pelos comentários de Tom na viagem de volta para casa.

Era uma história da edição do dia 3 de Agosto do *Weekly Reminder*. SACOS PARDOS ANUNCIA CRONOGRAMA PARA O OUTONO, a manchete dizia. Abaixo disso, Ramona Norville posava nos degraus da biblioteca, sorrindo

e olhando semicerradamente por causa do sol. Uma péssima fotografia, tirada por alguém sem muito talento, e uma péssima (mas provavelmente típica) escolha de roupas por parte de Norville. O blazer masculino a fez parecer espaçosa no peito como um a aparelhagem do uniforme de futebol. Seus sapatos eram marrons, feios e quadrados. Um par de calças cinza muito apertadas que Tess e suas amigas de colégio chamavam de “calças segura-peidos”.

— Puta que pariu, Fritzzy. — ela disse. Sua voz estava aquosa com receio. — Olhe isso. — Fritzzy não veio olhar e não respondeu—como ele poderia, quando ela estava ocupada demais para fazer sua voz?

Tenha certeza do que você está vendo, ela disse a si mesma. Você teve um terrível choque, Tessa Jean, talvez o maior choque que uma mulher possa ter, um diminutivo para um diagnóstico mortal em um escritório médico. Então tenha certeza.

Ela fechou os olhos e invocou a imagem do homem do caminhão Ford Picape com o Bondo ao redor dos faróis. Ele havia parecido tão amigável à primeira vista. *Você não achou que encontraria o Gigante Verde Feliz aqui no fim do mundo, né?*

Só que ele *não era* verde, ele era um brutamontes bronzeado que não dirigia sua picape, mas a vestia.

Ramona Norville, não uma Grande Motorista, mas certamente uma Grande Bibliotecária, era velha demais para ser irmã dele. E se ela era lésbica agora, nem sempre houvera sido, porque a semelhança era inconfundível.

A não ser que eu esteja muito enganada, eu estou olhando para a fotografia da mãe do meu estuprador.

-29-

Ela foi à cozinha e tomou um copo de água, mas a água não estava adiantando.

Uma garrafa de tequila meio cheia havia sido enfiada no canto dos fundos do armário da cozinha por muitos anos. Ela a tirou, mirou o copo, e então bebeu diretamente da garrafa. Ele ferrou sua boca e sua garganta, mas mesmo assim teve um efeito positivo.

Ela se ajudou a tomar mais—um beberico, ao invés de um gole—e então devolveu a garrafa. Ela não tinha intenção de se embriagar. Se houvera algum dia em que ela precisasse de seu juízo, esse dia era hoje.

Fúria—a maior e mais verdadeira fúria de sua vida adulta—a invadira como

uma febre, mas não era como qualquer febre que ela tivesse conhecido anteriormente. Ela circulou como um soro estranho, frio no lado direito de seu corpo, e então quente do lado esquerdo, onde o coração estava. Não parecia vir de qualquer lugar próximo a sua cabeça, que permanecia clara. Mais clara desde que ela tomara a tequila, na verdade.

Ela deu uma série de rápidas voltas ao redor da cozinha, com a cabeça baixa, uma mão massageando o anel de hematomas ao redor de sua garganta. Não lhe ocorreu que ela circulava sua cozinha como havia circulado a loja deserta depois de engatinhar para fora do cano que o Grande Motorista pretendia que fosse sua tumba. Ela realmente achava que Ramona Norville havia mandado ela, Tess, para seu filho psicótico em uma espécie de sacrifício? Isso seria possível? Não era. Ela poderia até mesmo estar certa de que os dois eram mãe e filho, baseados em uma péssima fotografia e sua própria memória?

Mas minha memória é boa. Especialmente minha memória para rostos.

Bem, então ela pensou, mas provavelmente todos o fariam. Certo?

Sim, e toda essa idéia é louca. Você tem que admitir que é.

Ela admitiu, mas ela havia visto coisas mais piradas em programas policiais de verdade (que ela *assistia*). As senhoras no apartamento em São Francisco que haviam passado anos matando seus inquilinos por causa dos cheques do Seguro Social e os enterrando no quintal. O piloto de avião que havia matado a esposa, e então congelado o corpo para que ele pudesse colocá-la no triturador de madeira atrás da garagem. O

homem que havia temperado seus próprios filhos com gasolina e os cozinhado como galinhas da Cornualha para se certificar de que sua esposa nunca ganhasse a guarda que a corte havia lhe concedido. Uma mulher mandando vítimas para seu próprio filho era chocante e incomum... mas não impossível. Quando se tratava da merda doentia e escura do coração humano, parecia não haver limites.

— Caramba. — ela se ouviu dizer com a uma voz que combinava medo e raiva.

— Caramba, caramba, caramba,

Descubra, certifique-se. Se você conseguir.

Ela voltou ao seu confiável computador. Suas mãos tremiam demais, e levou três tentativas para que ela conseguisse escrever FIRMAS DE CAMINHÕES EM COLEWICH no campo de pesquisa no topo da página do Google. Finalmente ela acertou, apertou Enter, e lá estava, no topo da lista: RED HAWK CAMINHÕES. A pesquisa lhe levou ao site da Red Hawk, que mostrava uma péssima animação de um caminhão com, o que ela achou ser, um falcão vermelho na lateral e uma bizarra cabeça sorridente de um homem atrás do volante. O

caminhão cruzou a tela da direita para a esquerda, virou e voltou da esquerda para direita, e então voltou de novo. Uma jornada entrecruzada interminável. O lema da companhia piscou em vermelho, branco, e azul acima do caminhão animado: OS SORRISOS VÊM COM O SERVIÇO!

Para aqueles que desejavam passar além da tela de boas vindas, havia quatro ou cinco escolhas, incluindo números telefônicos, votos, e testemunhos de clientes satisfeitos. Tess pulou essas coisas e clicou na última, que dizia VEJA A MAIS NOVA ADIÇÃO DO NOSSO COMBOIO! E quando a foto apareceu, a última peça se encaixou

Era uma fotografia bem melhor do que a de Ramona Norville posando nos degraus da biblioteca. Nela, o estuprador de Tess estava sentado atrás do volante de um brilhante Cab-over Pete com RED HAWK CAMINHÕES, COLEWICH, MASSACHUSETTS escrito na porta em uma fonte elegante. Ele não estava usando seu boné marrom com manchas brancas, e o ouriçado corte à escovinha em seus cabelos loiros revelado pela ausência dele o fizeram parecer ainda mais com a mãe, quase assustadoramente igual. Seu feliz sorriso você-pode-confiar-em-mim era aquele que Tess havia visto na tarde do dia anterior. Aquele que ele usava quando disse *Ao invés de trocar seu pneu, o que me diz de eu te foder? O que acha disso?*

Olhar para foto fez o estranho soro da fúria circular mais rápido em seu sistema.

Havia uma pulsação em suas têmporas que não eram exatamente de uma dor de cabeça; na verdade, era uma coisa quase prazerosa

Ele usava seu anel de vidro vermelho.

A legenda abaixo da foto dizia “Al Strehlke, Presidente da Red Hawk Caminhões. Visto aqui atrás do volante da mais nova aquisição da companhia, um Peterbilt 389 2008. Esse cavalo de caminhão está agora disponível para nossos clientes, que são OS MELHORES DE TODO O LUGAR. Diga lá! Al não parece um Papai Orgulhoso?”

Ela o ouviu a chamando de vaca, uma vaca chorona do cacete, e fechou as mãos em punhos. Ela sentiu suas unhas afundando em suas palmas, e as apertou ainda mais forte saboreando a dor.

Papai Orgulhoso. Era para isso que seus olhos continuavam a se voltar. *Papai Orgulhoso.* A fúria se movimentou cada vez mais rápida, circulando dentro de seu corpo do modo como ela havia circulado sua cozinha. Do modo como ela havia circulado a loja na noite anterior, saindo e entrando na consciência, como uma atriz através de uma série de holofotes.

Você vai pagar, Al. E esqueça a polícia, sou eu quem vai aparecer para a

coleta.

E também havia Ramona Norville. A mamãe orgulhosa do papai orgulhoso.

Embora Tess ainda não estivesse certa sobre ela. Parcialmente ela não queria acreditar que uma mulher pudesse permitir que algo tão terrível acontecesse com outra mulher, mas ela também podia ver uma explicação inocente. Chicopee não era longe de Colewich, e Ramona teria usado o atalho da Stagg Road todas as vezes em que era fora lá.

— Para visitar seu filho. — Tess disse assentindo. — Para visitar o papai orgulhoso com o novo Cab-over Pete. Pelo que eu sei, ela pode ser até aquela quem tirou a foto dele atrás do volante. — e por que ela não recomendaria sua rota favorita para a palestrante do dia?

Mas por que ela não disse, “Eu vou lá todo o tempo para visitar meu filho”?

Isso não seria natural?

— Talvez ela não goste de falar com estranhos sobre a fase Strehlke de sua vida. — Tess disse. — A fase antes de ela descobrir o cabelo curto e os sapatos confortáveis.

— era possível, mas havia a tralha de madeira espetadas com pregos, para pensar. A armadilha. Norville a mandara por aquele caminho, e a armadilha havia sido colocada antes disso. Porque ela ligara para ele? Ligara e dissera “*Eu estou te mandando uma bem suculenta, não vá perder*”?

Isso não significa que ela está envolvida... ou ao menos não conscientemente envolvida. O papai orgulhoso poderia estar vigiando suas palestrantes convidadas, o quão difícil isso poderia ser?

— Nem um pouco difícil. — Fritzzy disse depois subir em seu gabinete de arquivos. Ele começou a lambar as patas.

— E se ele visse a foto de uma que ele gostasse... uma razoavelmente atraente...eu suponho que ele saberia que sua mãe a mandaria de volta pela... — ela parou. — Não, isso não bate. Sem alguma dica da Mamãe, como ele poderia saber que eu não estava dirigindo para minha casa em Boston? Ou voando de volta para minha casa em Nova York?

— Você pesquisou sobre *ele* no Google. — Fritzzy disse. — Talvez ele tenha pesquisado sobre *você*. Como ela também fez. Tudo está na Internet hoje em dia; você mesma disse isso.

Isso batia, e parecia ameaçador.

Ela achou que havia um único modo de ter certeza, e isso queria dizer pagar uma visita surpresa à Srta. Norville. Olhar em seus olhos quando ela visse Tess.

Se não houvesse mais nada neles além da surpresa e curiosidade pelo Retorno da Criadora da Willow Grove... para a casa de Ramona, ao invés da biblioteca... isso seria uma coisa.

Mas se houvesse medo neles também, do tipo que pode ser invocado pelo pensamento *“por que você está aqui ao invés de dentro de um bueiro enferrujado na Stagg Road”*

...bem...

— Isso seria diferente, Fritzy. Não seria?

Fritzy olhou para ela com seus olhos astuciosos, ainda lambendo as patas.

Parecia inofensiva, aquela pata, mas havia garras escondidas dentro delas. Tess as havia visto, e em certa ocasião as sentido.

Ela encontrou onde eu morava; vamos ver se eu posso retribuir o favor.

Tess voltou ao computador, desta vez procurando pelo site da Livros & Sacos Pardos. Ela tinha certeza de que encontraria um—todo mundo tem sites hoje em dia, até prisioneiros cumprindo perpétua por assassinato tinham sites—e ela tinha. Os Sacos Pardos postavam novidades sobre seus membros, críticas de livros, e sumários informais—não exatamente em minutos—de seus encontros. Tess escolheu a última e começou a procurar. Não levou muito tempo para ela descobrir que o encontro do dia 10 de Junho havia sido realizado na casa de Ramona Norville em Brewster. Tess nunca estivera nesta cidade, mas sabia onde era, ela havia passado pela placa verde na estrada apontando-a em seu caminho para a apresentação de ontem. Ficava a apenas duas ou três saídas ao sul de Chicopee.

Em seguida ela foi para os registros de impostor do distrito de Brewster, e procurou até que ela achou o nome de Ramona. Ela pagou \$913.06 em taxas de propriedade no ano anterior; tal propriedade ficava na Lacemaker Lane, 75.

— Te encontrei, querida. — Tess murmurou.

— Você precisa pensar em como vai lidar com isso. — Fritzy disse. — E o quão longe você está disposta a ir.

— Se eu estiver certa... — Tess disse... — ...talvez bem longe.

Ela começou a desligar seu computador, então pensou em mais uma coisa que valia a pena checar, embora ela soubesse que pudesse dar em nada. Ela foi ao site da *Weekly Reminder* e clicou em OBITUÁRIOS. Havia um campo para você digitar o nome que você quisesse, e Tess digitou STREHLKE. Houve um único resultado, um homem chamado Roscoe Strehlke. De acordo com o óbito de 1999, ele morreu subitamente em casa, com quarenta e oito anos. Deixou uma esposa, Ramona, e dois filhos: Alvin (23), e Lester (17). Para uma escritora de

mistério, mesmo os tipos que não haviam sangrado, conhecidos como “cômodos”, *morreu subitamente* levantava a bandeira vermelha. Ela procurou o banco de dados geral do *Reminder* e não achou mais nada.

Ela permaneceu sentada por um momento, batendo os dedos sem parar contra os braços de sua cadeira como ela fazia quando trabalhava e se encontrava procurando por uma palavra, uma frase, ou um jeito de descrever uma coisa. Então ela olhou para uma lista de jornais do oeste e sul de Massachusetts, e achou o *Republican* de Springfield.

Quando ela digitou o nome do marido de Ramona Norville, a manchete que apareceu era decidida e ia direto ao ponto: **HOMEM DE NEGÓCIOS DE CHICOPEE COMETE SUICÍDIO.**

Strehlke havia sido encontrado na garagem, pendurado por uma viga. Não havia uma nota e Ramona não foi citada, mas um vizinho disse que o Sr. Strehlke estivera muito perturbado por causa de “uma encrenca em que seu filho mais velho se metera”.

— Em que tipo de encrenca Al se meteu para te fazer ficar tão perturbado? — Tess perguntou para a tela do computador. — Teve algo a ver com uma garota? Um ataque, talvez? Agressão sexual? Ele estava trabalhando em coisas maiores, já nessa época? Se for por isso que você se enforcou, você é um papai maricas de merda.

— Talvez Roscoe tenha sido ajudado. — Fritzzy disse. — Por Ramona. Mulher grande e forte, sabe. *É claro* que sabe, você a viu.

Novamente, isso não soou como a voz que ela fazia quando estava essencialmente falando consigo mesma. Ela olhou para Fritzzy, assustada. Fritzzy olhou de volta: olhos verdes perguntando *quem, eu?*

O que queria fazer era dirigir direto para Lacemaker Lane com sua arma na bolsa. O que ela *iria* fazer era parar de bancar a detetive e ligar para a polícia. Deixar que eles lidassem com isso. Era o que a Velha Tess teria feito, mas ela já não era mais aquela mulher. Essa mulher agora lhe parecia uma parenta distante, do tipo que você manda um cartão de Natal e a esquece pelo resto do ano.

Porque ela não conseguia decidir—e porque ela estava machucada—ela subiu as escadas e voltou para a cama. Ela dormiu por quatro horas e levantou quase tão dura para andar. Ela tomou dois Tylenol extras, esperou até que surtissem efeito, então dirigiu para uma locadora da Blockbuster. Ela carregava o Espremedor de Limões na bolsa. Ela achou que sempre o carregaria de agora em diante enquanto dirigisse sozinha.

Ela chegou à Blockbuster um pouco antes de fecharem e pediu um filme da

Jodie Foster chamado *Corajosa*. O balconista (que tinha cabelos verdes, um brinco em uma orelha, e parecia ter dezoito anos) sorriu complacente, e lhe disse que o filme na verdade se chamava *Valente*. O Sr. Retro Punk lhe disse que por mais cinquenta centavos extras, ela poderia levar um saco de pipocas de microondas. Tess quase disse não, então reconsiderou:

— E por que caralho não? — ela perguntou ao Sr. Retro Punk. — Você só vive uma vez, certo?

Ele lhe lançou um olhar assustado e reconsiderado, então sorriu e concordou que esse era um caso de uma vida por cliente.

Em casa, ela fez a pipoca, colocou o DVD, e caiu no sofá com um travesseiro nas costas para confortar a ferida que lá havia. Fritzzy se juntou a ela e eles assistiram Jodie Foster ir atrás dos homens (os escrotos, como em *você se sente com sorte, seu escroto*) que haviam matado seu namorado. Foster se livrou de outros escrotos ao longo do caminho, e usou uma pistola para fazer isso. *Valente* era bem *aquele* tipo de filme, mas Tess gostou assim mesmo. Ela achou que fazia perfeito sentido. Ela também achou que ela estivera perdendo algo durante todos esses anos: as baixas, mas autênticas catarses que filmes como *Valente* ofereciam. Quando o filme terminou, ela se virou para Fritzzy e disse:

— Eu queria que Richard Widmark houvesse conhecido Jodie Foster ao invés daquela velha senhora na cadeira de rodas, e você?

Fritzzy concordou cem por cento.

-30-

Deitada na cama naquela noite com um vento de Outubro aumentando ao redor da casa, e com Fritzzy ao seu lado, enrolado do nariz à cauda, Tess fez um acordo consigo mesma: se ela acordasse amanhã se sentindo como agora, ela iria ver Ramona Norville, e talvez depois de Ramona—dependendo de como as coisas se desenrolariam em Lacemaker Lane—ela faria uma visita a Alvin “Grande Motorista” Strehlke. Era mais provável que ela acordasse com um semblante de sanidade restaurada e ligasse para a polícia. Não seria uma ligação anônima tampouco; ela encararia a música e dançaria. Provar um estupro de verdade depois de quarenta horas e Deus sabe lá quantos banhos depois do fato pode ser difícil, mas os sinais de agressão sexual estavam escritos por todo seu corpo.

E as mulheres no cano; ela era a advogada delas, gostasse ou não.

Amanhã todas essas idéias de vingança parecerão tolas para mim. Como o tipo de delírios que as pessoas têm quando estão doentes com febre alta.

Mas quando ela acordou no Domingo, ela ainda estava ligada no modo Nova Tess. Ela olhou para a arma na mesa da cabeceira e pensou, *Eu quero usá-la. Eu quero cuidar disso sozinha, e dado ao que eu passei, eu mereço cuidar disso sozinha.*

— Mas eu preciso me certificar, e eu não quero ser pega. — ela disse para Fritzzy, que estava agora de pé, e arranhando, se preparando para mais um exaustivo dia de sonecas e refeições na tigela.

Tess se banhou, se vestiu, então ela pegou seu bloquinho amarelo e o levou para a varanda. Ela olhou para seu jardim por quase quinze minutos, ocasionalmente bebericando em um copo de chá gelado. Finalmente ela escreveu NÃO SEJA PEGA no topo da primeira página. Ela mirou isso sombriamente, e então começou a fazer anotações. Como em cada dia de trabalho enquanto ela escrevia um livro, ela começou devagar, mas logo aumentou a velocidade.

-31-

Às dez horas ela estava faminta. Ela preparou um café da manhã reforçado e comeu cada pedaço. Então ela levou o filme de volta para a Blockbuster e perguntou se eles tinham *O Beijo da Morte*. Eles não tinham, mas depois de dez minutos procurando, ela escolheu um substituto chamado *Aniversário Macabro*. Ela levou para casa e assistiu atentamente. No filme, homens estupravam uma jovem e a deixavam para morrer. Era tão parecido com o que havia acontecido que Tess se debulhou em lágrimas, chorando tão alto que Fritzzy correu do quarto. Mas ela continuou a assistir e foi compensada com um final feliz: os pais da jovem assassinaram os estupradores.

Ela devolveu o disco à sua caixinha, que ela deixou em cima da mesa do corredor. Ela devolveria amanhã, se ela ainda estivesse viva amanhã. Ela planejava estar, mas nada era certo; havia muitas curvas estranhas e tortuosas enquanto se pulava na crescida trilha dos coelhinhos da vida. Tess havia descoberto isso por si mesma.

Com tempo para matar—a luz do dia parecia andar tão lentamente—ela voltou para a Internet, procurando por informações sobre a encrenca em que Al Strehlke se metera antes de seu pai cometer suicídio. Ela não achou nada. Possivelmente o vizinho estava falando merda (vizinhos geralmente faziam isso), mas Tess não conseguia pensar em outro cenário: a encrenca deveria ter acontecido enquanto Strehlke ainda era menor.

Em casos como esse, nomes não eram divulgados na imprensa e os registros da corte (assumindo que o caso sequer houvera sido levado à corte) estavam selados.

— Mas talvez ele tenha piorado. — ela disse a Fritzzy.

— Esses caras geralmente pioram. — Fritzzy concordou (Isto era raro; era Tom quem geralmente concordava. O papel de Fritzzy era bancar o advogado do diabo).

— Então, alguns anos depois, algo mais acontece. Algo pior. Digamos que Mamãe ajudou a encobri-lo— — Não se esqueça do irmão caçula. — Fritzzy disse. — Lester. Ele pode ter estado envolvido também.

— Não me confunda com tantos personagens, Fritz. Tudo o que eu sei é que Al Escroto Grande Motorista me estuprou, e que sua mãe pode ter sido um acessório. Isso basta para mim.

— Talvez Ramona seja a tia dele. — Fritzzy especulou.

— Oh, cala essa boca. — Tess disse, e Fritzzy assim o fez.

-32-

Ela se deitou às quatro horas, não esperando dormir, mas seu corpo convalescente tinha suas próprias prioridades. Ela adormeceu quase instantaneamente, e quando acordou para o insistente dah-dah-dah de seu relógio de cabeceira, ela ficou feliz por ter aprontado o alarme. Lá fora, um forte vento de Outubro penteava as folhas das árvores e as mandava para o quintal dela em uma chuva colorida. A luz estava com aquele estranho e raso dourado que parecia uma propriedade exclusiva dos fins de tarde outonais de New England.

Seu nariz estava melhor—a dor se rebaixara a uma palpitação entorpecida—mas sua garganta ainda estava ferida, e ela coxeou, ao invés de andar, para o banheiro. Ela entrou no chuveiro, e ficou lá até que o banheiro ficasse cheio de vapor como um pântano britânico em uma história de Sherlock Holmes. O chuveiro ajudou. Uma dupla de Tylenol da gaveta de remédios ajudaria ainda mais.

Ela secou o cabelo, então esfregou o espelho para limpá-lo. A mulher no reflexo olhou de volta com olhos assombrados por fúria e insanidade. O vidro do espelho não ficou claro por muito tempo, mas tempo o suficiente para que Tess percebesse que ela realmente queria fazer isso, não importava as conseqüências.

Ela vestiu um suéter negro de gola alta e calças negras com grandes bolsos chatos. Ela amarrou o cabelo em um coque e o enfiou dentro do boné negro. O coque provocou um calombo na traseira no boné, mas ao menos nenhuma testemunha em potencial poderia dizer, Eu não dei uma boa olhada no rosto dela, mas ela tinha longos cabelos loiros. Estava amarrado em uma daquelas presilhas de elástico. Sabe, do tipo que se pode comprar no JCPenney.

Ela desceu ao porão onde seu caiaque estivera desde o Dia do Trabalho e pegou a corda dele. Ela usou a lâmina da faca da para cortar um metro e vinte dela, enrolou-o ao redor do antebraço, então a enfiou em um dos grandes bolsos de sua calça. Subiu as escadas e foi à cozinha novamente, ela enfiou sua faca Suíça do Exército no mesmo bolso—o esquerdo. O bolso direito era para o Espremedor de Limões .38... e um outro item, que ela tirou da gaveta próxima ao fogão. Então ela colocou o dobro de ração para Fritzzy, mas antes de deixá-lo comer, ela o abraçou e o beijou no topo de sua cabeça. O velho gato repuxou suas orelhas (mais por surpresa do que por asco, provavelmente; ela não era a senhora dos beijos constantes) e se apressou para sua tigela no momento em que ela o colocou no chão.

— Faça-a durar. — Tess lhe disse. — Patsy vai checá-lo eventualmente, se eu não voltar, mas isso pode levar alguns dias. — ela sorriu, e então adicionou... — Eu te amo, sua coisinha velha e assanhada.

— Tá, tá. — Fritzzy disse, então se ocupou em comer.

Tess checou a anotação NÃO SEJA PEGA uma vez mais, mentalmente listando seus suprimentos enquanto o fazia, e subindo os degraus que ela pretendia assim que chegasse em Lacemaker Lane. Ela achou que a coisa mais importante que deveria manter em mente era que as coisas não acabariam como ela esperava. Quando se tratava destas coisas, havia sempre contratempos na esquina. Ramona poderia não estar em casa. Ou ela poderia, mas com seu filho assassino e estuprador, os dois tricotando na sala de estar e assistindo alguma coisa da Blockbuster. *Jogos Mortais*, talvez. O filho caçula—sem dúvida conhecido em Colewich como Pequeno Motorista—poderia estar lá também. Por tudo o que Tess sabia, Ramona poderia estar fazendo uma festinha, ou fazendo um círculo de leitura hoje à noite. A coisa importante era não ficar desorientada por algo inesperado. Se ela não pudesse improvisar, Tess achou que era bem provável que ela estaria deixando sua casa em Stoke Village pela última vez.

Ela queimou a nota NÃO SEJA PEGA na lareira, destruiu as cinzas usando o atizador, então colocou em sua jaqueta de couro um par de luvas de couro. A jaqueta tinha um bolso fundo no forro. Tess colocou lá uma de suas facas de cozinha, apenas para dar boa sorte, então disse a si mesma para não se esquecer de que ela estava lá. A última coisa da qual ela precisava nesse fim de semana era uma mastectomia acidental.

Logo antes de sair pela porta, ela armou o alarme contra ladrões.

O vento a cercou imediatamente, balançando o colarinho de sua jaqueta e as pernas de suas calças. Folhas voavam em mini-ciclone. No céu ainda-não-completamente-escuro acima de seu pequeno pedaço gostoso dos subúrbios de Connecticut, nuvens atravessaram o rosto da lua quarto minguante. Tess achou

que era uma boa noite para um filme de terror.

Ela entrou em seu Expedition e fechou a porta. Uma folha pousou no pára-brisa, então voou para longe.

— Eu perdi o juízo. — ela disse factualmente. — Ele caiu e morreu naquele bueiro, ou enquanto eu andava ao redor da loja. É a única explicação para isso.

Ela ligou o motor. Tom, o Tomtom acendeu e disse/; — Olá, Tess, parece que vamos viajar.

— Isso mesmo, meu amigo. — Tess se inclinou e programou Lacemaker Lane, 75 na pequena e limpa cabeça mecânica de Tom.

-33-

Ela checou a vizinhança de Ramona pelo Google Earth, e pareceu a mesma quando ela chegou lá. Até ali, tudo bem. Brewster era uma pequena cidade de New England, Lacemaker Lane estava na periferia, e as casas estavam longe. Tess seguiu em frente na direção do número 75 à serena velocidade de trinta quilômetros por hora, determinando que as luzes estavam acesas e um único carro—um antigo modelo Subaru que quase berrava “bibliotecária”—estava na garagem. Não havia sinal do Cab-over Pete ou outro caminhão. Nenhuma picape emendada com Bondo, tampouco.

A rua terminou em virada. Tess a pegou, voltou, e foi parando na entrada da garagem de Norville sem dar a si mesma uma chance de hesitar. Ela apagou os faróis e desligou o motor, então deu uma longa e profunda inspirada.

— Volte a salvo, Tess. — Tom disse de seu lugar no painel. — Volte a salvo, e eu lhe levarei à sua próxima parada.

— Farei o meu melhor. — ela pegou seu bloquinho amarelo (agora não havia nada escrito nele), e saiu do carro. Ela segurou o bloco à frente da jaqueta enquanto andava na direção da porta de Ramona. Sua sombra, provocada pela lua—talvez tudo o que sobrara da Velha Tess—andou ao seu lado.

-34-

A porta frontal de Norville era chanfrada de vidro em todos os lados. Eles eram grossos e impediam a visão, mas Tess conseguiu ver um belo papel de parede e um corredor com chão de madeira polida. Havia uma mesa com algumas revistas nela. Ou talvez fossem catálogos. Havia uma grande sala no fim do corredor. O som da televisão vinha de lá. Ela ouviu uma cantoria, então Ramona

provavelmente não estava assistindo *Jogos Mortais*. Na verdade—se Tess tivesse razão e a canção fosse “Climb E’very Mountain”—Ramona estava assistindo *A Noviça Rebelde*.

Tess tocou a campainha. De dentro veio uma seqüência de acordes que soaram como as notas introdutórias de “Dixie” —uma escolha estranha para uma New England, mas então, se Tess estivesse certa sobre ela, Ramona Norville era uma mulher estranha.

Tess ouviu a batida de grandes pés e deu meia-volta, para que a luz do vidro chanfrado pegasse apenas um pedaço de seu rosto. Ela abaixou seu bloco de notas em branco do peito, e fez movimentos como se estivesse escrevendo, com uma mão enluvada. Ela deixou seus ombros caírem um pouco. Ela era uma mulher fazendo algum tipo de censo. Era noite de Domingo, ela estava cansada, tudo o que ela queria era descobrir o nome da pasta dental favorita daquela mulher (ou talvez se ela tivesse Prince Albert in a Can^{16}), e então ir para casa.

Não se preocupe, Ramona, você pode abrir a porta, qualquer um pode ver que eu sou o tipo de mulher inofensiva que não mataria uma mosca.

Pelo canto do olho, ela notou uma cara de peixe distorcida espiar da porta de vidro chanfrado. Houve uma longa pausa que pareceu durar um longo tempo, então Ramona Norville abriu a porta.

— Sim? Posso ajud...

Tess se virou. A luz da porta aberta caiu em seu rosto. E o choque que ela viu no rosto de Norville, que fez sua boca cair lá embaixo, contou tudo o que ela precisava fazer.

— *Você?* O que *você* está fazendo a— Tess puxou o Espremedor de Limões .38 de seu bolso frontal direito. Na garagem de Stoke Village ela se imaginou travando nessa parte—imaginara com uma claridade aterrorizante—mas tudo aconteceu naturalmente.

— Afaste-se da porta. Se tentar fechá-la, eu atiro em você.

— Você não vai. — Norville disse. Ela não se afastou, mas também não fechou a porta. — Você é louca?

— Entre.

Norville vestia um grande roupão azul, e quando Tess viu a frente dele se levantar precipitadamente, ela levantou a arma.

— Se você sequer começar a gritar, eu atiro. É melhor acreditar em mim, piranha, porque eu não estou nem um pouco perto de estar brincando.

A grande barriga de Norville esvaziou. Seus lábios foram puxados por seus

dentes e seus olhos corriam de um lado para o outro em suas órbitas. Ela não parecia uma bibliotecária agora, e ela não parecia jovial e acolhedora. Para Tess ela pareceu uma ratazana capturada do lado de fora de sua toca.

— Se disparar essa arma, o bairro inteiro vai ouvir.

Tess duvidou disso, mas não discutiu.

— Não vai importar para você, porque você estará morta. Entre. Se você se comportar, e responder minhas perguntas, pode ser que você esteja viva amanhã.

Norville recuou, e Tess entrou através da porta aberta com a arma segura firme a sua frente. No momento em que ela fechou a porta—ela o fez com o pé—Norville parou de se mover. Ela estava próxima à mesinha dos catálogos.

— Nada de agarrar coisas e jogar em mim. — Tess disse, e viu pelo tremor na boca da outra mulher que agarrar coisas e jogar, de fato passara pela mente de Ramona.

— Eu consigo ler você como um livro. De que outro modo eu estaria aqui? Continue recuando. Direto para a sala de estar. Eu adoro a Família Trapp [117](#) quando estão cantando.

— Você está louca. — Ramona disse, mas ela começou a recuar novamente. Ela usava sapatos. Mesmo de roupão ela estava usando grandes e horrorosos sapatos laceups. — Eu não faço idéia do porquê você está aqui, mas— — Não me escrete, mamãe. Não se *atreva*. Estava por toda a sua cara quando você abriu a porta. Em cada pedaço. Você achou que eu estava morta, não achou?

— Eu não sei do que você...

— Estamos só nós, garotas, então por que não vamos fofocar?

Elas estavam na sala de estar agora. Havia pinturas sentimentais nas paredes—palhaços, vagabundos com grandes olhos—e várias prateleiras e mesas infestadas de lembrancinhas: globos de neve, bonequinhas, Ursinhos Carinhosos, uma casa de doces de cerâmica à la João e Maria. Embora Norville fosse uma bibliotecária, não havia livros em evidência. Encarando a TV havia uma poltrona-sofá com um banquinho acolchoado à frente. Havia uma bandeja. E nela estava um saco de salgadinhos, uma larga garrafa de Coca diet, um controle remoto, e o guia de TV.

No topo da televisão estava uma fotografia emoldurada de Ramona e outra mulher com os braços em volta uma da outra, suas bochechas pressionadas juntas.

Parecia ter sido tirada em um parque de diversões, ou uma feira. Na frente da foto estava um prato de vidro de docinhos que brilhavam como centelhas de luz acima da mobília.

— Por quanto tempo você esteve fazendo isso?

— Eu não sei do que você está falando.

— Por quanto tempo esteve bancando a cafetã para seu filho homicida e estuprador?

Os olhos de Norville tremeram, mas novamente ela negou... o que apresentava a Tess um problema. Quando ela chegara ali, matar Ramona Norville não parecera apenas uma opção, mas mais provavelmente uma consequência. Tess estivera quase certa de que poderia fazer isso, e que a corda do bote em seu bolso frontal esquerdo não seria usado. Agora, entretanto, ela descobriu que não poderia seguir em frente, a não ser que a mulher admitisse sua cumplicidade. Porque o que havia estado escrito no rosto dela quando Tess apareceu à sua porta, machucada, mas muito vivo, não fora o bastante.

Não muito.

— Quando começou? Quantos anos ele tinha? Quinze? Ele disse que “só estava brincando”? É isso o que muitos deles dizem quando começam.

— Não tenho idéia do quê você está dizendo. Você veio à minha biblioteca e fez uma apresentação perfeitamente aceitável—desbotada, obviamente você estava lá apenas pelo dinheiro, mas ao menos preencheu a data vazia em nosso calendário—e a coisa seguinte da qual eu sei é que você está na minha porta, apontando uma arma e fazendo todo tipo de horríveis— sei é que você está na minha porta, apontando uma arma e fazendo todo tipo de horríveis...

— Não adianta, Ramona. Eu vi a foto dele no site da Red Hawk. O anel e tudo mais. Ele me estuprou e tentou me matar. Ele achou que *havia* me matado. *E você me mandou direto para ele.*

A boca de Norville caiu em uma horrível combinação de choque, medo, e culpa.

— *Isso não é verdade! Sua puta burra, você não sabe do que está falando!* — ela começou a avançar. Tess levantou a arma.

— Na-na-nina-não, não faça isso. Não.

Norville parou, mas Tess na achou que ela pararia por muito tempo. Ela estava ficando nervosa a ponto de lutar ou fugir. E porque ela sabia que Tess a seguiria caso ela corresse dentro da casa, ela provavelmente lutaria.

A Família Trapp estava cantando de novo. Dada a situação em que Tess se encontrava—que ela havia se colocado—toda aquela merda de coral feliz era enlouquecedora. Mantendo o Espremedor de Limões mirado em Norville com a mão direita, Tess pegou o controle remoto com a esquerda e tirou o som da TV. Ela começou a pousar o controle novamente, então congelou. Havia duas coisas acima da TV, mas de primeira ela havia apenas registrado a foto de Ramona e sua

namorada; o prato de docinhos acabara de brilhar.

Agora ela via que as centelhas que ela havia pensado virem das laterais do vidro cortado do prato, não vinham das laterais mesmo. Eles vinham de algo dentro dele. Seus brincos estavam dentro do prato. Seus brincos de diamante.

Norville pegou a casinha de doces de João e Maria da prateleira e a jogou. Ela jogou com força. Tess se abaixou e a casinha de doces passou a alguns centímetros de sua cabeça, explodindo na parede atrás dela. Ela deu um passo para trás, tropeçou no banquinho acolchoado, e caiu. A arma voou de sua mão.

Ambas correram para ela, Norville caiu de joelhos e jogou seu ombro contra o braço e ombro de Tess como um zagueiro de futebol tentando impedir o lançador. Ela agarrou a arma, primeiro se enrolando com ela, e então se equilibrando, Tess colocou a mão dentro de sua jaqueta, e a mão ao redor do cabo da faca de cozinha que era seu reforço, sabendo que seria tarde demais, Norville era tão grande... e maternal demais.

Sim, era isso. Ela estivera protegendo aquele patife de filho por anos, e pretendia protegê-lo agora. Tess devia ter atirado nela no corredor, no momento em que a porta foi fechada atrás dela.

Mas eu não pude, ela pensou, e mesmo agora, conhecer a verdade lhe trouxe algum conforto. Ela se ajoelhou, a mão ainda na jaqueta, encarando Ramona Norville.

— Você é uma escritora de merda, e você foi uma palestrante de merda. — Norville disse. Ela estava sorrindo, falando cada vez mais rápido. Sua voz era nasal e tinha um quê de leiloeira. — Você falou em sua apresentação do mesmo modo como falou em seus livros estúpidos. Você era perfeita para ele, e ele iria pegar alguém, eu conheço os sinais. Eu te mandei por aquele caminho, e funcionou, e eu estou feliz por ele ter lhe fodido. Eu não sei o que você pensou que faria vindo aqui, mas é isso que você vai levar.

Ela puxou o gatilho, e não aconteceu nada, exceto um clique seco. Tess havia tido aulas quando comprou a arma, e a mais importante delas lhe ensinara a não colocar uma bala na culatra que dispararia primeiro. Apenas no caso do gatilho ser puxado por acidente.

Uma expressão de quase cômica surpresa perpassou pelo rosto de Norville. Isso a rejuvenesceu. Ela olhou para a arma, e quando ela o fez, Tess tirou a faca de dentro do bolso de sua jaqueta, avançou em um pulo, e a enfiou até o punho na barriga de Norville.

A mulher deu um grito vítreo que tentou ser um grito, mas falhou. A pistola de Tess caiu e Ramona cambaleou contra a parede atrás, olhando para baixo, para o cabo da faca. Um braço varreu um grupo de bonequinhos. Eles caíram da

prateleira e se despedaçaram no chão. Ela tentou gritar novamente. A frente de seu roupão ainda estava limpa, mas sangue começou a cair abaixo da bainha, em cima dos sapatos masculinos de Ramona Norville. Ela colocou as mãos no cabo da faca, e tentou tirá-la, e então produziu aquele semi-grito pela terceira vez.

Ela olhou para Tess, sem poder acreditar. Tess olhou de volta. Ela estava se lembrando de algo que lhe acontecera em seu décimo aniversário. Seu pai havia lhe dado um estilingue, e ela fora procurar coisas para atirar. Em certo ponto, cinco ou seis blocos de sua casa, ela havia visto uma cão vagabundo com a orelha estraçalhada chafurdando em uma lata de lixo, Ela havia colocado uma pequena pedra em seu estilingue, e atirado nela, tentando apenas assustar o cachorro (ou foi isso o que ela disse a si mesma), mas acertando-o na traseira, ao invés disso. O cão soltou um miserável *caim-caim-caim* e fugiu, mas antes disso, ele lançou a Tess um olhar desgraçado que Tess nunca esqueceu. Ela teria dado qualquer coisa para cancelar aquele tiro casual, e ele nunca mais atirou com seu estilingue em outra criatura viva. Ela entendeu que matar era parte da vida—ela não sentia remorso ao esmagar mosquitos, colocar ratoeiras quando via dejetos de ratos no porão, e quando eles comiam um bom pedaço de seu Quarteirão do MacD—mas então ela acreditara que nunca mais seria capaz de machucar outra coisa daquele modo sem sentir remorso ou arrependimento.

Ela não sentiu nenhum dos dois na sala de estar da casa em Lacemaker Lane. Talvez porque, no fim das contas, tenha sido legítima defesa. Ou talvez nem tenha sido isso, afinal.

— Ramona. — ela disse. — Eu estou sentindo certa afinidade com Richard Widmark agora mesmo. É isso o que fazemos com dedos-duros, querida.

Norville estava em uma poça de seu próprio sangue, e seu roupão estava finalmente brotando papoulas de sangue. Seu rosto estava pálido. Seus olhos escuros estavam esbugalhados e brilhantes com o choque. Sua língua saiu e passou lentamente através de seu lábio inferior.

— Agora você pode rolar por um longo tempo, pensando no que fez—o que acha disso?

Norville começou a deslizar. Seus sapatos masculinos chapinharam no sangue.

Ela tateou por uma das prateleiras e a puxou da parede. Um pelotão de Ursinhos Carinhosos foi empurrado para frente e cometeu suicídio.

Embora ela ainda não sentisse arrependimento ou remorso, Tess descobriu que, a despeito de suas frases de efeito, ela tinha muito pouco a ver com Tommy Udo; ela não sentia necessidade de assistir ou prolongar o sofrimento de Norville. Ela se abaixou e pegou a .38. Do bolso direito frontal de suas calças, ela tirou o item que havia pegado da gaveta da cozinha ao lado do fogão. Era uma luva de forno

acolchoada. Ela silenciaria o único tiro da pistola com eficiência, enquanto o calibre não fosse muito grande. Ela aprendeu isso enquanto escrevia *A Sociedade de Costura de Willow Grove Investiga o Cruzeiro Misterioso*.

— Você não entende. — a voz de Norville era um sussurro áspero. — Você não pode fazer isso. Isso é um erro. Me leve... ao hospital.

— O erro foi seu. — Tess enfiou a pistola na luva acolchoada, que estava em sua mão direita. — Ao não castrar seu filho no momento em que descobriu o que ele era. — ela colocou a luva contra a têmpora de Ramona Norville, empurrou sua cabeça levemente para o lado, e puxou o gatilho. Soou como um “plã”, lento e enfático, como um homem grande limpando a garganta.

E isso foi tudo.

-35-

Ela não havia pesquisado o endereço de Al Strehlke; ela estivera esperando consegui-lo de Norville. Mas, como ela já havia se lembrado, coisas como essa nunca iam de acordo com o plano. O que ela tinha de fazer agora era manter a calma e cumprir o trabalho até o fim.

O escritório caseiro de Norville era subindo as escadas, no que provavelmente deveria ter sido planejado como um quarto de hóspede. Havia mais Ursinhos Carinhosos e bonequinhos de cerâmica lá. Também havia meia dúzia de fotos emolduradas, mas nenhuma delas dos filhos, sua namorada, ou grande e falecido Roscoe Strehlke; estas eram fotos autografadas de escritores que haviam feito palestras na Sacos Pardos. O quarto lembrou a Tess o salão de entrada do Vertigem, com todas as suas fotografias de bandas.

Ela não me pediu por um autógrafo na minha foto, Tess pensou. É claro que não, por que ela iria querer se lembrar de uma escritora de merda que nem eu? Eu era basicamente uma cabeça falante para preencher o buraco em seu roteiro. Sem mencionar carne fresca pro moedor de carnes do seu filho. Que sorte deles que eu cheguei na hora certa.

Na mesa de Norville, abaixo do quadro de bilhetes enterrado com circulares e correspondência da biblioteca, estava um computador quase igual ao de Tess. A tela estava preta, mas a luz brilhante do CPU lhe disse que ele estava apenas em modo de espera. Ela apertou uma das teclas com o dedo enluvado. A tela reapareceu, e ela estava olhando para a área de trabalho eletrônica de Norville. Não havia necessidade daquelas senhas irritantes, que gentil.

Tess clicou no ícone do livro de endereços, procurou na letra R, e achou a

Caminhões Red Hawk, O endereço era Transport Plaza, 7, Township Road, Colewich.

Ela pesquisou mais, na letra S, e achou tanto o seu amigo super-nutrido da sexta à noite, quanto o irmão deles Lester. Grande Motorista e Pequeno Motorista. Ambos viviam na Township Road, próxima a companhia que eles deveriam ter herdado do pai: Alvin no número 23, e Lester no número 101.

Se houvesse um terceiro irmão, ela pensou, eles seriam os Três Caminhoneirozinhos. Um em uma casa de palha, outro em uma casa de madeira, e outro em uma casa de tijolo. Ai de mim, só há dois deles.

Descendo as escadas novamente, ela pegou os brincos do prato de vidro, e os colocou em seu bolso do casaco. Ela olhou para a mulher morta sentada contra a parede enquanto ela o fazia. Não havia pena no olhar, apenas o semblante de despedida que qualquer um daria a uma obra de trabalho duro que agora está finalizada. Não havia necessidade de se preocupar com traços de evidência; Tess estava confiante de que não havia deixado nenhuma, nem um único fio de cabelo. A luva de forno—agora com um buraco estourado nela—estava de volta ao seu bolso. A faca era um item comum vendido em lojas de departamento por toda a América. Pelo que ela sabia (ou se importava), combinava com o jogo de talheres de Ramona. Até agora ela estava limpa, mas a parte difícil ainda estava pela frente. Ela deixou a casa, entrou no carro, e dirigiu para longe. Quinze minutos depois, ela encostou em um lote de um Shopping Center deserto por tempo o bastante para programar Township Road, 23, Colewich, em seu GPS.

-36-

Com Tom guiando, Tess se encontrou próxima ao seu destino não muito depois das nove. A lua quarto minguante ainda estava baixa no céu. O vento soprava mais forte do que nunca.

Township Road se apartava da US 47, pelo menos a onze quilômetros do Vertigem, e mais longe ainda do centro de Colewich. O Transport Plaza estava em uma interseção das duas estradas. De acordo com a sinalização, três firmas de caminhões e uma companhia de mudanças possuíam bases aqui. Os prédios que as alojavam tinham feias aparências de casas pré-fabricadas. O menor deles pertencia à Caminhões Red Hawk. Todos estavam no escuro nesta noite de Domingo. Além deles estavam acres de estacionamento cercados por uma cerca Cyclone e iluminadas por postes de alta intensidade. O estacionamento do depósito estava cheio de caminhões estacionados e caçambas. Ao menos um dos caminhões tinha um CAMINHÕES RED HAWK na lateral, mas Tess não achou

que era o mesmo que havia no site, aquele com o Papai Orgulhoso atrás do volante.

Havia uma parada de caminhões adjacente na área do depósito. As bombas—mais de uma dúzia—estavam iluminadas pelos mesmos postes de alta intensidade.

Brilhos brancos fluorescentes se espalhavam pelo lado direito do prédio principal; o lado esquerdo estava escuro. Havia outro prédio, este tinha forma de U, nos fundos. Um grupo de carros e caminhões estava estacionado lá. A placa do lado da estrada era uma obra grande e digital, carregadas com informações vermelhas brilhantes.

PARADA DE CAMINHÕES DE TOWNSHIP DO RICHIE
“VOCÊ OS TRAZ, NÓS OS ENCHEMOS”
REGULAR \$1.20 por LITRO
DIESEL \$1.00 por LITRO

NOVOS BILHETES DA LOTERIA SEMPRE DISPONÍVEIS
RESTAURANTE FECHADO DIA. NOITE
DESCULPEM, NÃO HÁ CHUVEIROS DIA. NOITE
LOJA & MOTEL “SEMPRE ABERTOS”
TRAILERS “SEMPRE BEM-VINDOS”

E no fundo, mal escrito, mas fervente:

APOIEM NOSSAS TROPAS! VAMOS VENCER O AFENANGISTÃO!

Com caminhoneiros indo e vindo, enchendo tanto o tanque quanto a eles mesmos (mesmo quando as luzes eram apagadas, Tess podia dizer isso, quando aberto, o restaurante era do tipo que servia galinha frita no espeto, almôndegas, e o Pudim de Pão da Mamãe estaria sempre no menu), o lugar provavelmente fora uma colméia de atividades durante a semana, mas na noite de Domingo era um cemitério porque não havia nada lá fora, nem mesmo em estabelecimentos de estrada como O Vertigem.

Havia um único veículo estacionado perto das bombas, encarando a estrada com um bocal da bomba enfiado em seu tanque de gasolina. Era uma velha picape Ford F-150 com os faróis emendados com Bondo. Era impossível dizer a cor naquela iluminação áspera, mas Tess não precisava. Ela havia visto o caminhão

de perto, e sabia a cor. A cabine estava vazia.

— Você não parece surpresa, Tess. — Tom disse enquanto ela parava no ombro da estrada e olhava furtivamente para a loja. Ela conseguia enxergar umas duas pessoas lá dentro a despeito do brilho da iluminação áspera, e ela conseguia ver que um deles era grande. Ele *era grande ou realmente grande*? Besty Neal perguntara.

— Não estou nem um pouco surpresa. — ela disse. — Ele vive por aqui. Onde mais ele compraria gasolina?

— Talvez ele esteja se preparando para viajar.

— A essa hora da noite no Domingo? Eu acho que não. Eu acho que ele estava em casa, assistindo *A Noviça Rebelde*. Eu acho que ele bebeu toda a sua cerveja e desceu até aqui para pegar mais. Ele decidiu encher o tanque enquanto isso.

— Mas você poderia estar errada. Não é melhor você se esconder atrás da loja e segui-lo quando ele sair?

Mas Tess não queria fazer isso. A frente da loja na parada de caminhões era feita de vidro. Ele poderia olhar e vê-la enquanto ela trazia o carro para dentro. Mesmo que a iluminação acima das ilhotas das bombas dificultasse que ele visse o rosto dela, ele reconheceria o carro. Havia vários Ford SUVs pela estrada, mas depois da noite de sexta-feira, Al Strehlke estivera particularmente sensível quanto a Ford Expeditions pretos. E havia a placa do carro—com certeza ele perceberia que a placa de seu carro era de Connecticut em uma noite de sexta-feira, quando ele estacionou ao seu lado no estacionamento de grama da loja deserta.

Havia algo mais. Algo bem mais importante. Ela continuou a dirigir, deixando a Parada de Caminhões de Township do Richie no retrovisor.

— Eu não quero ficar atrás dele. — ela disse. — Eu quero ficar a frente dele. Eu quero estar esperando por ele.

— E se ele for casado, Tess? — Tom perguntou. — E se ele tiver uma esposa esperando por ele?

A idéia a assustou por um momento. Então ela sorriu, e não apenas porque o único anel que ele estivera usando era um grande demais para ser de rubi.

— Caras como ele não têm esposas. — ela disse. — Não uma que permanece, de qualquer forma. Havia uma única mulher na vida de Al, e ela estava morta.

Diferentemente de Lacemaker Lane, não havia nada de suburbano em Township Road; era tão rural quanto Travis Titt. As casas eram ilhas brilhantes de luz elétrica, abaixo da luz da lua que subia.

— Tess, você está se aproximando de seu destino. — Tom disse em sua voz não imaginária.

Ela prosseguiu em uma elevação, e à sua esquerda estava uma caixa de correio marcada com um STREHLKE e um 23. A rua era longa, subindo em uma curva, pavimentada com asfalto, macia como gelo negro. Tess virou sem hesitação, mas a apreensão desabou acima dela no momento em que Township Road ficou para trás. Ela tinha que lutar para não pisar no freio e dar a volta. Porque se ela continuasse a ir, ela não teria escolha. Ela estaria como um inseto dentro de uma garrafa. E mesmo que ele *não fosse* casado, e se houvesse outra pessoa na casa? Mano Les, por exemplo? E se Grande Motorista estivesse no Tommy's comprando cerveja e salgadinhos não para uma, mas para duas pessoas?

Tess desligou os faróis e dirigiu sob a luz da lua.

No estado em que ela estava, a rua parecia durar para sempre, mas não poderia ter passado por mais do que um décimo de quilômetro quando ela viu as luzes da casa Strehlke. Estava no topo da colina, um lugarzinho elegante que era maior do que um chalé, mas menor do que uma fazenda. Não uma casa de tijolos, mas tampouco uma humilde casa de palha. Na história dos três porquinhos e o grande lobo mau, Tess percebeu que esta teria sido a casa de madeira.

Estacionado ao lado esquerdo da casa estava uma longa caçamba de trailer com um CAMINHÕES RED HAWK na lateral. Estacionado no fim da parte da rua que dava para garagem, em frente a ela, estava o Cab-over Pete do site. Pareceu assustador à luz da lua. Tess diminuiu enquanto se aproximava. Então ela foi inundada por um brilho branco que atingiu seus olhos e acendeu o jardim e a garagem. Era um poste de luz ativado com movimentos, e se Strehlke voltasse enquanto ele estivesse ligado, ele poderia ver seu brilho no pé de sua garagem. Ou até mesmo enquanto estivesse se aproximando de Township Road.

Ela pisou no freio, sentindo-se como quando, enquanto adolescente, ela sonhara que estava na escola sem roupas. Ela ouviu uma mulher gemer. Ela supôs que fosse ela mesma, mas não soou ou pareceu com ela.

— Isso não é bom, Tess.

— Cala a boca, Tom.

— Ele poderia voltar a qualquer minuto, e você não sabe quanto tempo essa coisa vai ficar ligada. Você teve problemas com a mãe. Ele é *muito* maior do que ela.

— Eu disse pra *calar a boca*!

Ela tentou pensar, mas aquela luz forte dificultou. Sombras do Cab-over estacionado, e da longa caçamba à sua esquerda pareceu alcançá-la com seus dedos longos e negros—dedos de bicho-papão. Maldito poste de luz! *É claro* que um homem como ele teria um poste de luz! Ela quis ir na mesma hora, apenas dar meia volta em seu jardim e dirigir de volta para a estrada o mais rápido que pudesse, mas ela o encontraria se o fizesse. Ela sabia disso. E sem o elemento surpresa, ela morreria.

Pense, Tessa Jean, pense!

E, oh Deus, apenas para fazer as coisas piorarem um pouco, um cão começou a latir. Havia um cão na casa. Ela imaginou um pitbull com uma cabeça cheia de dentes afiados.

— Se você vai ficar, precisa ficar fora de vista. — Tom disse... e não, isso não pareceu com a voz dela. Ou não *exatamente* como a voz dela. Talvez pertencesse ao seu eu mais profundo, a sobrevivente. E a assassina—dela também. Quantos “eus” insuspeitos uma pessoa poderia ter, escondidos lá no fundo? Ela estava começando a achar que o número poderia ser infinito.

Ela deu uma olhada no espelho retrovisor, mascando seu lábio inferior ainda inchado. Nada de faróis se aproximando ainda. Mas ela sequer poderia diferenciar, dada a combinação do brilho da lua e daquela droga de poste de luz?

— Ele é cronometrado. — Tom disse. — Mas eu faria alguma coisa antes que ele apagasse, Tess. Se você mexer o carro depois que isso acontecer, você simplesmente vai ativá-lo novamente.

Ela mudou a tração de quatro rodas do Expedition, começou a dirigir ao redor do Cab-over, então parou. Havia grama alta naquele lato. Na implacável luz do poste, ele não evitaria ver as marcas que ela deixaria. Mesmo se a luz se apagasse, ela acenderia novamente quando ele se aproximasse, e então ele as veria.

Do lado de dentro, o cão continuo a uivar: *Ou! Ou! Ou! Uouou! Ou!*

— Dirija por cima do jardim e coloque o carro atrás da caçamba. — Tom disse.

— Mas as marcas! As *marcas*!

— Voe tem que escondê-lo em algum lugar. — Tom voltou a falar. Ele falou humilde, mas firmemente. — Ao menos a grama está cortada daquele lado. A maioria das pessoas é desatenta, sabe. Doreen Marquis diz isso todo o tempo.

— Strehlke não é uma senhora da Sociedade das Costureiras, ele é a porra de um lunático.

Mas já que não havia realmente uma escolha—não agora que ela estava lá—

Tess passou por cima do jardim na direção da longa caçamba prateada através da luz que parecia tão brilhante quanto o meio-dia de um dia de verão. Ela o fez com as nádegas levemente levantadas do assento, como se ao fazer isso ela pudesse fazer com que magicamente as marcas dos pneus do Expedition ficassem menos visíveis.

— Mesmo se a luz de movimento ainda estiver acesa quando ele voltar, pode ser que ele não crie suspeitas. — Tom disse. — Aposto que um cervo a ativa a toda hora. Ele até mesmo pode ter a luz para assustar as pessoas para fora de seu jardim de vegetais.

Isto fazia sentido (e soou como sua voz-Tom especial novamente), mas não a confortou muito.

Ou! Ou! Ou! Ou! O que quer que fosse, parecia que o cão estava defecando moedas lá dentro.

O piso atrás da caçamba prateado era careca e acidentado—outras caçambas sem dúvida haviam sido estacionadas lá de tempos em tempos—mas sólido o bastante; Ela dirigiu o Expedition para o mais fundo nas sombras da caçamba que ela podia, então desligou o motor. Ela suava pesadamente, produzindo um fedor que nenhum desodorante seria capaz de derrotar.

Ela saiu, e a luz de movimentos apagou quando ela bateu a porta. Por um momento supersticioso, Tess achou que havia sido ela, então percebeu que a maldita coisa assustadora tinha se apagado por conta do tempo esgotado. Ela se debruçou sobre o capô quente do Expedition, inspirando fundo, e expirando como um corredor nos últimos metros de uma maratona. Poderia ter sido útil saber por quanto tempo ela ficou acesa, mas essa foi uma questão que ela não pôde responder. Ela estava assustada demais. Pareceu durar horas.

Quando ela se controlou novamente, ela examinou seus itens, forçando-se a mover-se devagar e metodicamente. Pistola e luva de forno. Ambas presentes e prontas para agir. Ela não achou que a luva de forno iria abafar um novo tiro, não com um buraco nela; ela teria que torcer pelo isolamento daquela casa no topo daquela pequena colina. Tudo bem que ela tivesse deixado a faca na barriga de Ramona; se suas opções para apagar Grande Motorista estivessem reduzidas à apenas uma faca de cozinha, ela estaria em sérios problemas.

E só há mais quatro balas na arma, é melhor não se esquecer disso e apenas começar a disparar nele. Por que você não trouxe mais balas, Tessa Jean? Você achou que estava planejando, mas eu não acho que você tenha feito um bom trabalho.

— Cala a boca. — ela sussurrou. — Tom ou Fritzzy, ou quem quer que você seja, simplesmente cala a boca.

A voz rabugenta se calou, e quando o fez, Tess percebeu que o mundo real também se silenciara. O cão parara com seus latidos loucos quando o poste de luz se apagara. Agora o único som que havia era o vento, e a única luz pertencia à lua.

-38-

Com a terrível luz apagada, a caçamba providenciou uma excelente cobertura, mas ela não poderia ficar ali. Não se ela pretendesse fazer o que a havia trazido aqui.

Tess correu ao redor dos fundos da casa, apavorada em ativar alguma outra luz de movimento, mas sentindo que não tinha escolha. Não havia luz para ativar, mas uma nuvem cobriu a lua, e ela tropeçou no alçapão do porão, quase batendo a cabeça em um carrinho de mão quando caiu de joelhos. Por um momento ela ficou lá, ela se perguntou novamente no que havia se transformado. Ela era um membro da Associação dos Autores que havia atirado na cabeça de uma mulher não muito tempo atrás. Depois de apunhalá-la no estômago. *Eu fiquei completamente indígena*. Então ela pensou nele chamando-a de vaca, uma vaca chorona, e parou de se importar se estava louca ou não.

Era um ditado idiota, de qualquer forma. E racista de quebra.

Strehlke tinha um jardim atrás da casa, mas era pequeno e aparentemente não valia a pena em protegê-lo de depredações do cervo que ativava a luz de movimento.

Não havia nada sobrando lá, exceto algumas abóboras, a maioria delas apodrecendo em vinhas. Ela andou pelas fileiras, deu a volta no canto mais longínquo da casa, e lá estava o Cab-over. A lua estava aparecendo novamente, e mandava sua luz para o líquido prateado das lâminas das espadas das novelas de fantasia.

Tess foi para trás dele, andou pelo lado esquerdo, e se ajoelhou perante o gigante pneu frontal (para ela, pelo menos). Ela pegou o Espremedor de Limões do bolso. Ele não poderia dirigir para dentro da garagem porque o Cab-over estava no caminho.

Mesmo se não estivesse, a garagem estaria provavelmente cheia de tralhas de um solteirão: ferramentas, equipamento de pesca, de acampamento, partes de caminhão, caixas de refrigerante.

Isso é apenas suposição. E é perigoso supor. Doreen ralharia com você por isso.

É claro que ralharia, ninguém conhecia as senhoras da Sociedade das

Costureiras tão bem quanto Tess, mas aquelas damas amantes de sobremesas raramente se arriscavam. Quando você se arriscava, você era forçado a fazer um certo número de suposições.

Tess olhou para o relógio e ficou pasma ao ver que era apenas dez e vinte e cinco. Parecia que ela havia colocado o jantar duplo de Fritzzy e saído de casa há quatro anos. Talvez cinco. Ela pensou ouvir um motor se aproximando, então decidiu que não havia. Ela desejou que o vento não soprasse tão forte, mas com desejo em uma mão, e merda na outra, veja qual delas se enche primeiro. Era um ditado que nenhuma senhora da Sociedade das Costureiras já pronunciara—Doreen Marquis e suas amigas preferiam mais termos como *quanto mais cedo começar, mais cedo terminará*—mas mesmo assim era um ditado verdadeiro.

Talvez ele realmente *tenha* feito uma viagem, sendo noite de Domingo ou não.

Talvez ela ainda estivesse lá quando o sol raiasse, tremendo seus ossos já doloridos pelo vento constante penteando esta colina solitária onde ela estava maluca de estar.

Não, ele que é o maluco. Lembra-se de como ele dançou? Sua sombra dançando na parede atrás dele? Lembra-se de como ele cantava? A voz desafinada? Você vai esperar por ele, Tessa Jean. Vai esperara até congelar. Você veio longe demais para dar meia volta.

Ela estava com medo disso, na verdade.

Esse não pode ser um assassinato fofinho. Você entende isso, não é?

Ela entendia. Este assassinato em particular—se ela conseguisse realizá-lo—teria mais a ver com *Desejo de Matar* do que com *A Sociedade das Costureiras de Willow Grove nos Bastidores*. Ele chegaria, com sorte bem ao lado do Cab-over onde ela estava se escondendo. Ele apagaria as luzes da picape, e antes que seus olhos pudessem se acostumar— Não foi o vento desta vez. Ela reconheceu as batidas desafinadas do motor mesmo antes dos faróis iluminarem a curva da rua. Tess se levantou com um joelho e puxou a aba do chapéu para baixo para que o vento não o levasse. Ela teria que se aproximar, e isso significava que seu tempo teria que ser impecável. Se ela tentasse disparar de uma tocaia, ela provavelmente erraria, mesmo estando perto; o instrutor da arma havia lhe dito que ela poderia apenas contar com o Espremedor de Limões a uma distância de três metros ou menos. Ele havia lhe recomendado comprar uma arma mais confiável, mas ela nunca o fez. E ficar próxima o bastante para se certificar de que o mataria não era tudo. Ela teria que se certificar de que era Strehlke no caminhão, e não o irmão, ou outro amigo.

Eu não tenho um plano.

Mas era tarde demais para planejar, porque era o caminhão quando a luz do poste acendeu, e ela viu o boné marrom com as manchas esbranquiçadas dentro dele. Ela também o viu tremer contra a luz, como ela havia feito, e soube que ele estava momentaneamente cego. Era agora ou nunca.

Eu sou a Mulher Corajosa.

Sem plano, sem mesmo pensar, ela deu a volta na traseira do Cab-over, sem correr, mas dando calmos passos largos. O vento soprava ao seu redor, balançando suas calças cargo. Ela abriu a porta do passageiro e viu o anel com a pedra vermelha em sua mão. Ele estava pegando um saco de papel com a forma de uma caixa quadrada.

Cerveja, provavelmente um pacote de doze unidades. Ele se virou para ela, e algo terrível aconteceu: ela se dividiu em duas. A Mulher Corajosa viu o animal que a havia estuprado, estrangulado, e a colocado em um cano com mais outros dois cadáveres apodrecidos. Tess viu o rosto levemente mais amplo e linhas ao redor da boca e olhos que não estiveram lá na tarde da sexta-feira. Mas mesmo enquanto ela registrava essas coisas, o Espremedor de Limões latiu duas vezes em sua mão. A primeira bala perfurou a garganta de Strehlke, logo abaixo do queixo. A segunda abriu um buraco negro acima de sua peluda sobrancelha direita, e explodiu a janela do lado do motorista. Ele caiu para trás contra a porta, a mão que estivera tateando o topo do saco de papel caiu. Seu corpo um espasmo monstruoso, e a mão do anel bateu contra o centro do volante, apertando a buzina. De dentro da casa, o cão começou a latir novamente.

— *Não, é ele!* — ela permanece antes a porta aberta com a arma na mão, olhando para dentro do automóvel. — *Tem quer ser ele!*

Ela correu para a rente da picape, perdeu o equilíbrio, e caiu com um joelho levantado, se levantou, e puxou a porta do assento do motorista. Strehlke caiu e bateu sua cabeça morta no suave asfalto da passagem da garagem. Seu boné caiu. Seu olho direito, arrancado da órbita pela bala que havia entrado em sua cabeça logo acima, mirava a lua. O esquerdo mirava Tess. E não foi o rosto que finalmente a convenceu—o rosto com as linhas que ela estava vendo pela primeira vez, o rosto marcado por cicatrizes de velhas espinhas que não estiveram lá na tarde de sexta-feira.

Ele era grande, ou realmente grande? Betsy Neal havia perguntado.

Realmente grande, Tess respondera, e ele era... mas não tão grande quanto este homem. Seu estuprador tinha dois metros, ela achou quando ele saíra do caminhão (*este* caminhão, ela não tinha dúvidas quanto a isso). Barriga funda, coxas grossas, e grande como uma porta. Mas este homem tinha pelo menos dois metros e dez. Ela havia vindo caçar um gigante e matara um leviatã.

— Oh, meu Deus. — Tess disse, e o vento soprou suas palavras para longe. — Oh, meu Deus, o que foi que eu fiz?

— Você me matou, Tess. — o homem no chão disse... e isso certamente fazia sentido, dado ao buraco em sua cabeça e o outro na garganta. — Você veio e matou Grande Motorista, justamente como você queria.

A força deixou seus músculos. Ela ficou de joelhos ao lado dele. Acima, a luz da lua brilhava através do céu retumbante.

— O anel. — ela sussurrou. — O boné. O *caminhão*.

— Ele usa o anel e o boné quando vai caçar. — Grande Motorista disse. — E ele dirige a picape. Quando ele vai caçar, eu estou nas estradas em um Cab-over Red Hawk, e se alguém o vir—especialmente se ele estiver sentado—eles vão pensar que sou eu.

— Por que ele faria isso? — Tess perguntou ao homem morto. — Você é o *irmão* dele.

— Porque ele é louco. — Grande Motorista disse pacientemente.

— E porque funcionou antes. — Doreen Marquis disse. — Quando eram mais jovens e Lester se encrencou com a polícia. A questão é se Roscoe Strehlke cometeu suicídio por causa da primeira encrenca, ou porque Ramona fez o grande irmão Al levar a culpa por tudo. Ou talvez Roscoe decidira dizer a verdade e Ramona o matara. Fez parecer um suicídio. Como foi, Al?

Mas quanto a isto, Al ficou quieto. Quietamente como um cadáver, na verdade.

— Eu te digo como eu acho que foi. — Doreen disse à luz da lua. — Eu acho que Ramona sabia que se seu irmãozinho fosse parar em uma sala de interrogatórios com um policial meio inteligente, ele poderia confessar algo bem pior do que tocar em uma garota no ônibus escolar, espreitar em carros no ponto de encontro dos namorados da cidade, ou qualquer outro crime de dez centavos pela qual ele fora acusado. Eu acho que ela *te* convenceu a levar a culpa, e convenceu o marido a bancar a sustentar isso. Ou o intimidou a fazê-lo, isso é mais a cara dela. E, ou porque a polícia nunca pediu à garota para fazer a identificação, ou porque ela não queria dar queixa, eles escaparam impunes.

Al não disse nada.

Tess pensou, *Eu estou abaixada aqui falando com vozes imaginárias. Eu enlouqueci.*

Ainda assim, parte dela sabia que ela estava tentando *permanecer* lúcida. O único modo de fazê-lo era entender, e ela achou que a história que ela contava com a voz de Doreen era verdade, ou algo muito perto da verdade. Era baseado

em suposições de caderninho e deduções de detetive, mas fazia sentido. Batia com o que Ramona dissera em seus últimos momentos.

Sua puta burra, você não sabe do que está falando.

E: *Você não entende. Isso é um erro.*

Era um erro, pode crer. Tudo o que ela fizera neste noite fora um erro.

Não, nem tudo. Ela estava nisso. Ela sabia.

— E *você* sabia? — Tess perguntou ao homem que havia matado. Ela foi pegar o braço de Strehlke, e então recuou. Ainda estaria quente sob a manga. Ainda acharia que ele estava vivo. — *Sabia?*

Ele não respondeu.

— Deixe-me tentar. — Doreen disse. E em sua mais doce voz de velha senhora de você-pode-me-contar-tudo, aquela que sempre funcionava nos livros, ela perguntou: — O *quanto* você sabia, Sr. Motorista?

— Eu às vezes suspeitava. — ele disse. — Na maior parte do tempo eu não pensava a respeito. Eu tinha um negócio para cuidar.

— Você alguma vez perguntou à sua mãe?

— Posso ter perguntado. — ele disse, e Tess achou que seu olho direito estranhamente empertigado pareceu evasivo. Mas naquela selvagem luz da lua, quem poderia falar sobre tais coisas? Quem poderia falar com certeza?

— Quando garotas desapareceram? Foi quando você perguntou?

À isto, Grande Motorista não deu resposta, talvez porque Doreen tenha começado a soar como Fritzzy. E como Tom, o Tomtom, é claro.

— Mas não havia nenhuma prova, havia? — desta vez foi a própria Tess. Ela não tinha certeza se ele responderia à sua voz, mas ele o fez.

— Não. Nenhuma prova.

— E você não *queria* prova, queria?

Nenhuma resposta desta vez, então Tess se levantou e andou tremulamente na direção do boné marrom com manchas brancas, que havia sido lançado através da garagem para o jardim. No momento em que ela o pegou, as luzes se apagaram novamente. Dentro, o cão parou de latir. Isto a fez pensar em Sherlock Holmes, parada ali à luz da lua e ao vento, Tess ouviu o riso abafado mais triste de todos os tempos a sair de uma garganta humana. Ela tirou seu boné, o enfiou no bolso da jaqueta, e colocou o dele no lugar. Era grande demais para ela, então ela o retirou novamente tempo o bastante para ajustar a presilha atrás. Ela voltou ao homem que matara, aquele que ela julgara não tão inocente... mas com certeza

inocente demais para merecer a punição que a Mulher Corajosa havia sentenciado.

Ela deu uma tapinha na aba do boné marrom e perguntou: — É esse que você usa quando esta nas estradas? — sabendo que não era.

Strehlke não respondeu, mas Doreen Marquis, decana da Sociedade das Costureiras, o fez.

— É claro que não. Quando você dirige pela Red Hawk, você usa um boné da Red Hawk, não é, querido?

— Sim. — Strehlke disse.

— E você tampouco usa seu anel, não é?

— Não. Berrante demais para os clientes. Não é bom para os negócios. E se alguém naquelas paradas de caminhões imundas—alguém bêbado ou alto demais para raciocinar—o visse e achasse que era real? Ninguém se arriscaria a querer me enfrentar, eu sou grande e forte demais para isso—ao menos eu era até ontem à noite—mas alguém poderia atirar em mim. E eu não mereço levar um tiro. Não por um anel falso, e não pelas coisas terríveis que meu irmão possa ter feito.

— E você e seu irmão nunca dirigiram pela companhia ao mesmo tempo, não é, querido?

— Não. Quando ele estava nas estradas, eu ficava no escritório. Quando eu estava nas estradas, ele... bem. Eu acho que você sabe o que ele faz quando estou nas estradas.

— Você deveria ter *contado*! — Tess berrou acima dele. — Mesmo que você apenas suspeitasse, você deveria ter *contado*!

— Ele estava com medo. — Doreen disse em sua voz gentil. — Não estava, querido?

— Sim. — Al disse. — Eu estava com medo.

— De seu irmão? — Tess perguntou, ou sem acreditar, ou não querendo acreditar. — Com medo de seu *irmãozinho caçula*?

— Não dele. — Al Strehlke disse. — Dela.

-39-

Quando Tess voltou ao carro e ligou o motor, Tom disse: *Não havia como você saber, Tess. E tudo aconteceu tão rápido.*

Isso era verdade, mas ignorava o fato central e iminente: ao perseguir seu

estuprador como em um filme de justiceiro, ela havia lançado a si mesma no inferno.

Ela levantou a arma à sua têmpora, então abaixou de novo. Ela não poderia fazer isso, agora não. Ela ainda tinha uma obrigação com as mulheres no bueiro, e qualquer outra mulher que pudesse se juntar a elas se Lester Strehlke escapasse. E depois do que ela acabara de fazer, era mais importante do que nunca que ele não escapasse.

Ela tinha mais uma parada para fazer. Mas não em seu Expedition.

-40-

A rua da Township Road, 101, não era longa, e não era pavimentada. Era apenas um par de sulcos com arbustos crescendo perto o bastante para arranharem as laterais do caminhão picape F-150 azul, enquanto ela dirigia para a casinha. Não havia nada de elegante neste aqui; este era um amontoado de lata velha que poderia ter saído diretamente de *O Massacre da Serra Elétrica*. O quão a vida imitava a arte, às vezes. E

quanto mais crua a arte, mais parecida era a imitação.

Tess não tentou seguir na surdina—por que se incomodar em desligar os faróis quando Lester Strehlke reconheceria o som do caminhão de seu irmão quase tão bem quanto o som da voz de seu irmão?

Ela ainda estava usando o boné marrom com manchas brancas que Grande Motorista usava quando não estava na estrada, o boné da sorte que no fim das contas deu azar. O anel com a pedra de rubi falsa era grande demais para qualquer um de seus dedos, então ela teve que colocá-lo no bolso esquerdo frontal de suas calças cargo.

Pequeno Motorista havia se vestido e dirigido como seu grande irmão quando ele saía para caçar, e enquanto ele poderia não ter tido tempo o suficiente (ou miolos o suficiente) para apreciar a ironia de sua última vítima aparecer com os mesmos acessórios, Tess pôde.

Ela estacionou na porta dos fundos, desligou o motor, e saiu. Ela carregou a arma em uma mão. A porta estava aberta. Ela entrou em uma oficina que cheirava a cerveja e comida estragada. Uma única lâmpada de seis watts estava pendurada no teto por uma corda suja. Logo em frente havia quatro latas de lixo de plástico cheias, a do tipo de trinta e dois galões que você pode comprar no Walmart. Atrás delas, enfiada contra a parede da oficina, estava o que parecia um jornal de classificados que poderia durar cinco anos. À esquerda estava outra porta, acima de um único degrau. Ela levaria até a cozinha. Ela tinha um ferrolho antigo, ao invés de uma maçaneta. A porta gemeu com as dobradiças carentes de óleo quando ela puxou o ferrolho, e a abriu. Uma hora atrás, tal gemido teria aterrorizado a ponto de deixá-la imobilizada. Agora ela não dava a mínima. Ela tinha trabalho a fazer. Foi simplesmente a este ponto que ela chegou, e era um alívio estar livre de toda a bagagem emocional. Ela adentrou o cheio de qualquer que fosse a comida gordurosa que Pequeno Motorista estivera fritando para o jantar. Ela podia ouvir uma faixa de risadas de televisão. Algum programa de comédia. *Seinfeld*, ela pensou.

— Mas o que diabos vocês está fazendo aqui? — Lester Strehlke disse no meio das risadas. — Só me sobrou uma cerveja e meia, se é por isso que você veio. Eu vou beber tudo e então vou para cama. — ela seguiu o som da voz dele. — Se ‘cê tivesse ligado, eu poderia ter deixado uma pr— Ela entrou na sala. Ele a viu. Tess não havia especulado qual poderia ser a reação dele ante a reaparição de sua última vítima, carregando uma arma e usando o boné que o próprio Lester usava quando suas vontades o dominavam. Mesmo se tivesse, ela nunca poderia ter previsto a extremidade da que ela viu. Sua mandíbula caiu, e então seu rosto inteiro congelou. A lata de cerveja que ela estava segurando escorregou de sua mão e caiu em seu colo, jogando espuma em sua única vestimenta, um par de shorts amarelos.

Ele está vendo um fantasma, ela pensou enquanto andava na direção dele, levantando a arma. *Bom*.

Houve tempo para ver isso, embora a sala de estar fosse uma bagunça de solteirão e não houvesse nela globos de neve, ou bonequinhos bonitinhos, a arrumação da TV era a mesma da casa de sua mãe em Lacemaker Lane? A poltrona, a bandeja (aqui segurando a última lata de Pabst Blue Ribbon e um saco de Doritos ao invés de uma Coca Diet e um pacote de salgadinhos), o mesmo guia da TV, aquele com Simon Cowell na capa.

— Você está morta. — ele sussurrou.

— Não. — Tess respondeu. Ela colocou o cano do Espremedor de Limões contra a orelha dele e sua cabeça estalou bruscamente para o lado. Ele parecia um homem tentando se libertar de uma torção no pescoço. Na TV, George Costanza

disse, “Eu estava em uma piscina, eu estava em uma piscina.” E a platéia riu.

-41-

Era quase meia-noite, e o vento soprava mais forte do que nunca. Quando soprava, a casa inteira de Lester Strehlke balançava, e cada vez que isso acontecia, Tess pensava no porquinho que havia construído sua casa com madeira.

O porquinho que vivera neste aqui nunca mais teria que se preocupar em sua casa de merda ser soprada, porque ele estava morto em sua poltrona. *E ele não era um porquinho, de qualquer forma*, Tess pensou. *Ele era o grande lobo mau.*

Ela estava sentada na cozinha, escrevendo nas páginas de um panfleto que ela havia encontrada no quarto de Strehlke, no andar de cima. Havia quatro quartos no segundo andar, mas o quarto de dormir era o único que não estava cheio de tralhas, tinha tudo desde estrados de ferro até um motor de barco Evinrude que parecia ter caído de um prédio de cinco andares. Porque levaria semanas ou meses para examinar esse monte de coisas inúteis, sem valor, e sem razão, Tess focou toda a sua atenção no quarto de dormir de Strehlke e procurou cuidadosamente. O panfleto foi um bônus. Ela achara o que estivera procurando em uma velha bolsa de viagem empurrada no fundo de uma prateleira do armário, onde ela estivera camuflada—não muito bem—com velhas edições do *National Geographic*. Dentro dela estava um emaranhado de calcinhas. Sua própria calcinha estava no topo. Tess a colocou em seu bolso, em uma bola, e a substituiu pelo pacote de corda amarela do bote. Ninguém ficaria surpreso em achar corda na bolsa de troféus de lingerie de um assassino-estuprador. Além disso, ela não iria precisar dela.

— *Tonto.* — disse o Cavaleiro Solitário. — *Nosso trabalho aqui está feito.*

O que ela escreveu, enquanto *Seinfeld* dava lugar a *Frasier*, e *Frasier* dava lugar ao noticiário local (um residente de Chicopee havia ganhado na loteria e outro havia quebrado as costas ao cair de um andaime, então *isso* equilibrava as coisas), foi uma confissão em forma de carta. Enquanto ela chegava na página cinco, o noticiário da TV

deu lugar a um aparentemente interminável comercial de laxante. Danny Vierra dizia, “Alguns americanos precisam descarregar uma única vez a cada dois ou *três* dias, e porque isso se estende por anos, *eles acreditam que é normal!* Qualquer doutor que valha seu diploma lhe dirá *que não é!*”

A carta era intitulada PARA AS AUTORIDADES APROPRIADAS, e as

primeiras quatro páginas consistiam e um único parágrafo. Em sua cabeça a coisa soou como um grito. Sua mão estava cansada, e a caneta que ela achara na gaveta da cozinha (RED HAWK CAMINHÕES em um dourado desbotado impresso no corpo) mostrava sinais de já estar falhando, mas ela já estava, graças a Deus, quase acabando. Enquanto Pequeno Motorista continuava a ver TV de onde estava sentado, em sua poltrona, ela finalmente começou um novo parágrafo no topo da quinta página.

Eu não darei desculpas pelo o que eu fiz. Tampouco posso dizer que fiz isso porque estava doente da cabeça. Eu estava furiosa e eu cometi um engano. É simples assim. Sob outras circunstâncias— menos terríveis, eu quero dizer— eu poderia dizer, “Foi um erro natural, os dois parecia quase o bastante para serem gêmeos.” Mas estas não são outras circunstâncias.

Eu pensei em expiação enquanto estou aqui sentada, escrevendo estas páginas e ouvindo a televisão dele e o vento— não porque eu espero por perdão, mas porque parece errado fazer algo errado sem ao menos tentar equilibrar com algo bom. (Aqui Tess pensou em como o vencedor da loteria e o homem com as costas quebradas estavam quites, mas o conceito seria difícil de explicar enquanto ela estava tão cansada, e ela não tinha certeza de que ele era germânico, de qualquer forma.) Eu pensei em ir para a África e trabalhar com as vítimas de AIDS. Eu pensei em descer a Nova Orleans e me voluntariar em um abrigo de sem-tetos ou um banco de comida. Eu pensei em ir para o Golfo para limpar os pássaros sujos de óleo. Eu pensei em doar um milhão de dólares para que eu tirasse de minha aposentadoria para dar a algum grupo que trabalha para acabar com a violência contra as mulheres. Deve haver tal sociedade em Connecticut, talvez até mesmo várias delas.

Mas então eu pensei em Doreen Marquis, da Sociedade das Costureiras, e o que ela diz em cada livro...

O que Doreen dizia pelo menos uma vez em cada livro era que *assassinos nunca prestavam atenção no óbvio. Vocês podem depender disto, queridas*. E mesmo enquanto Tess escrevia sobre expiação, ela percebeu que seria impossível. Porque Doreen estava absolutamente certa.

Tess estivera usando um boné para que ela não pudesse deixar fios de cabelos

para análises de DNA. Ela havia usado luvas, que ela nunca tirara, mesmo enquanto dirigia a picape de Alvin Strehlke. Não era tarde demais para queimar esta confissão no forno de Lester, dirigir para a casa consideravelmente boa do Irmão Alvin (casa de tijolos ao invés de casa de madeira), entrar em seu Expedition, e voltar para Connecticut. Ela poderia ir para casa, onde Fritzzy estaria esperando. À primeira vista ela parecia limpa, e poderia tomar alguns dias da polícia para pegá-la, mas eles iriam pegá-la. Porque enquanto ela estivera concentrada nos montículos forenses, ela havia deixado passar a montanha óbvia, exatamente como os assassinos dos livros da Sociedade das Costureiras.

A montanha óbvia tinha um nome: Betsy Neal. Uma mulher bonita de rosto oval, olhos Picasso que não combinavam, e uma nuvem de cabelos negros. Ela havia reconhecido Tess, até mesmo pegado seu autógrafo, mas isso não era o mais óbvio. O mais óbvio seria os machucados em seu rosto (*Eu espero que isso não tenha acontecido aqui*, Neal dissera), e o fato de que Tess havia lhe perguntado sobre Alvin Strehlke, descrevendo seu caminhão e reconhecendo o anel quando Neal o mencionara. *Como um rubi*, Tess havia concordado.

Neal veria a história na TV ou leria nos jornais—com três mortos da mesma família, como ela poderia não ver? —e ela iria à polícia. A polícia iria atrás de Tess.

Eles checariam os registros de armas de Connecticut como um procedimento habitual e descobririam que Tess era dona de um revólver .38 Smith & Wesson conhecido como Espremedor de Limões. Eles pediriam que ela o entregasse para teste de fogo, e fazer comparações com as balas encontradas nas três vítimas. E o que ela iria dizer? Iria ela olhar para eles por trás de seus olhos negros e dizer (em uma voz ainda rouca do estrangulamento que Lester Strehlke lhe proporcionara) que ela o havia perdido? Iria ela continuar a se segurar naquela história mesmo quando as mulheres mortas fossem encontradas no cano do bueiro?

Tess pegou sua caneta emprestada e começou a escrever de novo.

...o que ela diz em cada livro: assassinos nunca prestam atenção no óbvio. Doreen também uma vez tirou um ditado do livro de Dorothy Sayers e deixou um assassino com uma arma carregada, lhe dizendo para tomar a saída honorável. Eu tenho uma arma. Meu irmão Mike é meu único parente sobrevivente. Ele vive em Taos, Novo México. Eu suponho que ela irá herdar minha propriedade, Isso defende das ramificações legais de meus crimes. Se ele herdar, eu espero que as autoridades que encontrem esta carta, mostrem a ele, e transmitam meu desejo de que ele doe tudo para alguma organização de caridade que funcione com

mulheres que tenham sido abusadas sexualmente.

Sinto muito por Grande Motorista— Alvin Strehlke. Ele não foi o homem que me estuprou, e Doreen tem certeza de que ele tampouco estuprou e matou aquelas outras mulheres.

Doreen? Não, *ela*. Doreen não era real. Mas Tess estava cansada demais para voltar e mudar. E que diabos—ela estava quase próxima do fim, de qualquer forma.

Por Ramona e aquele pedaço de lixo na outra sala, eu não peço desculpas. Eles estão melhores mortos.

E eu, é claro, também.

Ela parou tempo o bastante para olhar pelas páginas e ver se havia esquecido alguma coisa. Não pareceu, então ela assinou seu nome—seu último autógrafo. A caneta secou na última letra, e ela a colocou de lado.

— Tem alguma coisa a dizer, Lester? — ela perguntou.

Apenas o vento respondeu, soprando forte o bastante para fazer a casinha gemer em seus nós e tossir nuvens de ar frio.

Ela voltou para a sala de estar. Ela colocou o chapéu na cabeça dele, e o anel em seu dedo. Era desse modo que ela queria que o encontrassem. Havia uma foto emoldurada acima da TV. Nela, Lester e sua mãe se abraçavam. Eles estavam sorrindo.

Apenas um garoto e sua mãe. Ela a olhou por um tempo, então foi embora.

-42-

Ela sentiu que deveria voltar à loja deserta onde tudo havia acontecido, e finalizar seus negócios lá. Ela poderia sentar no estacionamento de grama por um tempo, ouvir o vento tique-taquear a velha placa (VOCÊS GOSTA DISSO ISSO

GOSTA DE VOCÊ), pensar no que quer que as pessoas pensem nos últimos momentos da vida. Em seu caso provavelmente seria em Fritzzy. Ela achou que Patsy ficaria com ele, e isso seria bom. Gatos eram sobreviventes. Eles não se importavam muito sobre quem os alimentavam, contanto que a tigela estivesse cheia.

Não demoraria a chegar à loja a esta hora, mas ainda assim parecia longe demais. Ela estava muito cansada. Ela decidiu que entraria no velho caminhão de Al Strehlke e o faria lá. Mas ela não queria manchar sua dolorosa confissão com seu sangue, o que parecia muito errado considerando o banho de sangue detalhado nela, e então— Ela levou as páginas do panfleto, onde a TV estava ligada (um jovem que parecia um criminoso agora vendia um aspirador de pó robótico), e os largou no colo de Strehlke.

— Segure isso para mim, Les. — ela disse.

— Sem problema. — ele respondeu. Ela notou que uma porção do cérebro acabado dele agora secava em seu ombro nu e ossudo. Tudo bem com isso.

Tess saiu para a ventania escura e lentamente subiu para trás do volante do caminhão picape. O grito da dobradiça quando a porta do motorista se movimentou era estranhamente familiar. Mas não, não tão estranhamente: ela não a havia ouvido na loja? Sim. Ela estava tentando lhe fazer um favor, porque ele iria lhe fazer um—ele iria trocar seu pneu para que ela pudesse ir para casa e alimentar o gato.

— Eu não queria que a bateria dele acabasse. — ela disse, e riu.

Ela colocou o cano curto da .38 contra a têmpora, então repensou. Um tiro como esse nem sempre era efetivo. Ela queria que seu dinheiro ajudasse as mulheres que haviam sido machucadas, e não para pagar por cuidados enquanto ela ficasse deitada inconsciente ano após ano em algum tipo de lar para vegetais humanos.

A boca, isso era melhor. É mais certo.

Ela sentiu o cano oleoso contra sua língua, e ela podia sentir a pequena protuberância da mira cutucando o céu de sua boca.

Eu tive uma vida boa— muito boa, de qualquer forma— e embora eu tenha cometido um erro terrível no fim dela, talvez isso não levado em conta contra mim se houver alguma coisa depois disto.

Ah, mas o vento da noite estava muito doce. Assim estavam as frágeis fragrâncias que ele carregava através da janela meio aberta do lado do motorista. Era uma pena ir, mas que escolha se tinha? Era hora de ir.

Tess fechou os olhos, firmou o dedo no gatilho, e foi aí que Tom falou. Era estranho que ele pudesse fazer isso, porque Tom estava em seu Expedition, e o Expedition estava na casa do outro irmão, quase um quilômetro e meio descendo a estrada daqui. Também, a voz que ela ouviu não era nada como a que ela normalmente produzia para Tom. Tampouco soou como a voz dela mesma. Era uma voz fria. E ela— ela tinha uma arma dentro da boca. Ela não podia falar

afinal.

— Ela nunca foi uma boa detetive, não é?

Ela a tirou da boca.

— Quem? Doreen?

A despeito de tudo, ela estava chocada.

— Quem mais, Tessa Jean? E por que ela *seria* boa? Ela veio do seu velho eu.

Não foi?

Tess supôs que isso fosse verdade.

— Doreen acredita que Grande Motorista não estuprou e matou aquelas outras mulheres. Não é isso que você escreveu?

— *Eu*. — Tess disse. — *Eu* tenho certeza. Eu só estava cansada, é só. E em choque, eu suponho.

— Também culpada.

— Sim. Também culpada.

— As pessoas culpadas fazem boas deduções, você acha isso?

— Não. Talvez não façam.

— O que está tentando me dizer?

— Que você descobriu parte do mistério. Antes que você pudesse resolver todo o caso— *você*, não o clichê da velha detetive—algo reconhecidamente infeliz aconteceu.

— Infeliz? É disso que você chama? — de uma longa distância, Tess ouviu a si mesma rindo. Em algum lugar o vento estava fazendo uma calha solta bater contra uma cornija. Parecia o som da placa da 7Up na loja deserta.

— Antes que você *atire* em você mesma... — o novo e estranho Tom disse (ele estava soando cada vez mais feminina com o tempo). — ...por que não *pensa* por si mesma? Mas aqui não.

— Onde, então?

Tom não respondeu esta pergunta, e ele não precisava. O que ele disse foi, “E leve essa porra de confissão com você.”

Tess saiu do caminhão, voltou para dentro da casa de Lester Strehlke. Ela foi para a cozinha do homem morto, pensar. Ela fez isso em voz alta, na voz de Tom (que soava cada vez mais igual à dela). Doreen parecia ter ido fazer uma caminhada.

— A chave da casa de Al estará no anel de sua chave da ignição. — Tom disse.

— Mas há o cachorro. Você não vai querer esquecer o cachorro.

Não, isso seria ruim. Tess foi até o refrigerador de Lester. Depois de uma pequena investigação, ela encontrou um pacote de hambúrguer nos fundos da prateleira inferior. Ela usou uma edição de jornal para embrulhá-lo duas vezes, então voltou para a sala de estar. Ela pegou a confissão do colo de Strehlke, fazendo-o cautelosamente, muito cônica de que a parte dele que a havia machucado—a parte que havia causado a morte de três pessoas naquela noite—repousava logo abaixo das páginas.

— Eu vou levar sua lata velha, mas não me culpe. Estou lhe fazendo um favor.

Ele fede a gambá morto.

— Além de assassina é ladra. — Pequeno Motorista disse em sua voz morta. — Que lindo.

— Cale a boca, Les. — ela disse, e foi embora.

-43-

Antes que você atire em você mesma, por que não pensa por si mesma?

Enquanto ela dirigia a velha picape de volta para a casa de Alvin Strehlke pela ventania na estrada, ela tentou fazer isso. Ela estava começando a achar que Tom, mesmo que não estivesse no veículo com ela, era um melhor detetive que Doreen Marquis em seu melhor dia.

— Eu vou encurtar a coisa. — Tom disse. — Se você não acha que Al Strehlke foi parte disto—e eu digo uma *grande* parte—você está doida.

— É claro que eu estou doida. — ela replicou. — Por que mais eu estaria tentando convencer a mim mesma de que não atirei no homem errado quando eu sei que *atirei*.

— Isso é conversa de consciência culpada, não lógica. — Tom respondeu. Ele soava irritantemente convencido. — Ele não era um cordeirinho inocente, nem mesmo uma ovelha meio negra. Acorde, Tessa Jean. Eles não eram apenas irmãos, eles eram parceiros.

— Parceiros de negócios.

— Irmãos nunca são apenas parceiros de negócios. É sempre muito mais complicado do que isso. Especialmente quando se tem uma mulher como Ramona como mãe.

Tess virou na calçada levemente pavimentada de Al Strehlke. Ela supôs que

Tom poderá estar certo quanto a isso. Ela sabia de uma coisa: Doreen e suas amigas da Sociedade das Costureiras nunca haviam conhecido uma mulher como Ramona Norville.

A luz do poste acendeu. O cão começou a latir: *ou-ou,ouououou*. Tess esperou a luz apagar e o cão ficar quieto.

— Não há forma de eu algum dia saber a verdade, Tom.

— Não pode ter certeza a não ser que você olhe.

— Mesmo que ele soubesse, *não foi ele quem me estuprou*.

Tom ficou em silêncio por um momento. Ela achou que ele havia desistido.

Então ele falou:

— Quando uma pessoa faz uma coisa má, e a outra pessoa sabe e não evita, eles são igualmente culpados.

— Aos olhos da lei?

— E também aos *meus* olhos. Digamos que foi apenas Lester quem fazia as caçadas, os estupros, os assassinatos. Eu não acho, mas digamos que sim. Se o grande irmão sabia e não fez nada, isso o faz merecer ser morto. Na verdade, eu diria que as balas seriam boas demais para ele. Empalá-lo com um atizador em brasa seria o mais próximo da justiça.

Tess balançou a cabeça cansadamente e tocou a arma no assento. Só restava uma bala. Se ela tivesse que usá-la no cachorro (e sério, o que seria mais uma morte entre amigos), ela teria que procurar outra arma, a não ser que ela pretendesse tentar se enforcar, ou algo assim. Mas caras como os Strehlkes normalmente tinham armas de fogo. Essa era a parte bonita da coisa, como Ramona teria dito.

— Se ele sabia, sim. Mas um “se” tão grande não merecia uma bala na cabeça. A mãe, sim—quanto a isso, os brincos eram todas as provas que eu precisava. Mas não havia provas aqui.

— É mesmo? — a voz de Tom estava tão baixa que Tess mal podia ouvir. — Vá ver.

-44-

O cão não latiu quando ela subiu os degraus, mas ela conseguia imaginá-lo parado bem do outro lado com a cabeça abaixada e os dentes arreganhados.

— Goober? — que diabos, era um nome tão bom para um cachorro caipira

quanto qualquer outro — Meu nome é Tess. Eu tenho um pouco de hambúrguer para você. Eu também tenho uma arma com uma bala nela. Eu vou abrir a porta agora. Se eu fosse você, escolheria a carne. Certo? De acordo?

Ainda nenhum latido. Talvez fosse necessária a luz do poste para provocá-lo. Ou uma ladra suculenta. Tess tentou uma chave, então outra. Nada bom. Essas duas eram provavelmente do escritório da companhia de caminhões. A terceira girou na tranca, e ela abriu a porta antes que pudesse perder a coragem. Ela havia visualizado um buldogue, um rottweiler, ou um pitbull com olhos vermelhos e dentes espumantes. O que ela viu foi um Jack Russel terrier que olhava para ela cheio de esperança balançando o rabo.

Tess colocou a arma no bolso da jaqueta e fez carinho na cabeça do cachorro.

— Bom Deus. — ela disse. — E pensar que eu estava *aterrorizada* por sua causa.

— Não precisa. — Goober disse. — Diga, onde está Al?

— Não pergunte. — ela disse. — Quer hambúrguer? Mas já te aviso, eles podem ter saído da validade.

— Dê para mim, queridinha. — Goober disse.

Tess o alimentou com um pacote de hambúrguer, então entrou, fechou a porta, e acendeu as luzes. E por que não? Era apenas ela e Goober, afinal de contas.

Alvin Strehlke preservara uma casa mais elegante do que a de seu irmão caçula.

Os pisos e paredes estavam limpos, e não havia pedaços de jornais, e ela na verdade viu alguns livros nas prateleiras. Havia também vários grupinhos de bonequinhos de porcelana, e uma grande e emoldurada foto de Mamãezilla na parede. Tess achou esse toque sugestivo, mas dificilmente era uma prova positiva. De qualquer coisa. *Se houvesse uma foto de Richard Widmark em seu famoso papel de Tommy Udo, isso seria diferente.*

— Por que está sorrindo? — Goober perguntou. — Quer me contar?

— Na verdade, não. — Tess disse. — Por onde devemos começar?

— Eu não sei. — Goober disse. — Sou apenas um cachorro. Que tal um pouco mais dessa vaca gostosa?

Tess o alimentou com mais carne. Goober se levantou em suas patas traseiras e girou duas vezes. Tess imaginou se ela ficaria louca.

— Tom? Alguma coisa a dizer?

— Você achou sua calcinha na casa do outro irmão, certo?

— Sim, eu a peguei. Ela estava rasgada... e eu nunca mais iria querer usá-la,

mesmo que não estivesse... mas ela é *minha*.

— E o que mais você achou além de um bando de calcinhas?

— O que quer dizer, o que mais?

Mas Tom não precisou lhe dizer isso. Não era uma questão de o que ela havia encontrado; era uma questão do que ela não havia: nenhuma bolsa e nenhuma chave.

Lester Strehlke provavelmente havia jogado as chaves dela na floresta. Era o que a própria Tess teria feito em seu lugar. A bolsa era um assunto distinto. Era uma Kate Spade, muito cara, e dentro dela havia seu nome costurado em seda. Se a bolsa—e as coisas dentro da bolsa—não estavam na casa de Lester, e se ele não havia jogado na floresta junto com as chaves, onde ela estava?

— Meu voto é “aqui”. — Tom disse. — Vamos olhar por aí.

— Carne! — Goober choramingou, e deu outra pirueta.

-45-

Por onde ela deveria começar?

— Vamos. — Tom disse. — Os homens guardam a maioria de seus segredos em dois lugares: em um escritório de estudos, ou um quarto de dormir. Doreen poderia não ser disso, mas você sabia. E esta casa não tem um escritório.

Ela entrou no quarto de Al Strehlke (seguida por Goober), onde ela encontrou uma cama dupla extra-grande feita em um estilo militar sem sentido. Tess olhou embaixo dela. Nada. Ela começou a se virar na direção do armário, parou, então voltou-se para a cama. Ela ergueu o colchão. Olhou. Depois de cinco segundos—talvez dez—ela proferiu duas palavras em uma voz seca e monótona.

— Na mosca.

Jazendo na caixa de molas estavam três bolsas femininas. A do meio era uma colorida de creme que ela teria reconhecido em qualquer lugar. Ela a abriu. Não havia nada dentro, exceto lencinhos de papel, um lápis de olho com um pente de cílios escondido no meio do topo. Ela procurou a costura em seda com seu nome, mas havia sumido. Havia sido removida cuidadosamente, mas ela viu um pequeno corte no bom couro italiano onde os pontos haviam sido soltos.

— É sua? — Tom perguntou.

— Você sabe que é.

— E quanto ao lápis de olho?

— Eles vendem essas coisas aos milhares em todas as farmácias da Amér— —
Ela é sua?

— Sim. Ela é.

— Você já está convencida?

— Eu... — Tess engoliu. Ela estava sentindo alguma coisa, mas ela não sabia bem o que era. Alívio? Horror? — Acho que sim. Mas *por quê?* Por que os *dois*?

Tom não disse. Ele não precisava. Doreen não teria sabido (ou querido admitir se soubesse, porque as velhas senhoras que seguiam suas aventuras não gostavam dessas coisas pervertidas), mas Tess supôs que ela soubesse. Porque Mamãe fodeu os dois pra cacete. É isso o que um psiquiatra diria. Lester era o estuprador; Al era o fetichista que participava vicariamente. Talvez ele tenha ajudado com uma ou ambas as mulheres no cano. Ela nunca saberia com certeza.

— Provavelmente levaria até a aurora para procurar pela casa inteira. — Tom disse. — Mas você pode procurar no resto desse quarto, Tessa Jean. Ele provavelmente destruiu tudo da bolsa—quebrar os cartões de crédito e os jogar pelo Rio Colewich, seria meu palpite—mas você tem que ter certeza, porque qualquer coisa com seu nome gravado levaria a polícia direto para sua porta. Comece com o armário.

Tess não encontrou seus cartões de créditos ou qualquer coisa que pertencesse a ela no armário, mas ela encontrou alguma coisa. Estava na prateleira do topo. Ela desceu da cadeira da qual estivera em pé, e o estudou com um medo crescente: um pato de pelúcia que poderia ter sido o brinquedo favorito de uma criança. Um de seus olhos estava desaparecido e seu pêlo sintético estava emaranhado. O pêlo, na verdade, havia sumido em alguns lugares, como se o pato tivesse sido acariciado até a morte.

No desbotado bico amarelo estava uma mancha marrom escura.

— Isso é o que eu acho que é?

— Oh, Tom, você acha.

— Os corpos que você viu no bueiro... poderia uma delas ter sido o cadáver de uma criança?

Não, nenhuma delas era pequena. Talvez o bueiro que corria abaixo da Stagg Road não fosse o depósito de corpos dos irmãos Strehlke.

— Devolva-o para a prateleira. Deixe que a polícia o encontre. Você precisa se certificar de que ele não tenha um computador com arquivos sobre você. Então você precisa se mandar daqui.

Algo frio e molhado triscou a mão de Tess. Ela quase berrou. Era Goober,

olhando para ela com seus olhos brilhantes.

— Mais carne! — Goober disse, e Tess lhe deu mais um pouco.

— Se Al Strehlke tem um computador... — Tess disse. — Você pode apostar que está protegido por uma senha. E ele provavelmente não estará aberto para eu mexer.

— Então o pegue e jogue-o no maldito rio enquanto você estiver voltando para casa. Deixe que ele durma com os peixes.

Mas não havia computador.

À porta, Tess alimentou Goober com o resto do hambúrguer. Ele provavelmente vomitaria tudo no tapete, mas isso não iria incomodar Grande Motorista.

— Está satisfeita, Tessa Jean? Está satisfeita por não ter matado um homem inocente? — Tom disse.

Ela supôs que deveria estar, porque suicídio já não mais parecia uma opção.

— E quanto a Betsy Neal, Tom, e quanto a ela?

Tom não respondeu... uma vez mais ele não precisa. Porque, afinal de contas, ele era ela.

Não era?

Tess não tinha total certeza quanto a isto. E importava, enquanto ela soubesse o que fazer em seguida? Quanto ao amanhã, era outro dia. Scarlett O'Hara estivera muito certa quanto a isso.

O que importava mais era que a polícia teria que saber sobre os cadáveres no bueiro. Porque poderia haver amigos ou parentes em algum lugar, ainda se perguntando o que havia acontecido com elas. E também porque...

— Porque o pato de pelúcia disse que poderia haver mais.

Isso foi dito com sua própria voz.

E tudo bem com isso.

-46-

Às sete e meia da manhã seguinte, depois de menos de três horas de sono quebrado e assombrado por pesadelos, Tess ligou seu computador. Mas não para escrever. Escrever era a última coisa em sua mente.

Seria Betsy Neal solteira? Tess achava que sim. Ela não havia visto aliança de casamento naquele dia no escritório de Neal, e embora ela possa ter perdido essa, não havia fotos de familiares, tampouco. A única foto da qual ela podia se

lembrar de ter visto foi uma foto emoldurada de Barack Obama... e *ele* já era casado. Então sim— Betsy Neal provavelmente era divorciada ou solteira. E provavelmente não estaria na lista. Neste caso, uma busca pelo computador não adiantaria no fim das contas. Tess supôs que ela pudesse ir ao Clube Vertigem e encontrá-la lá... mas ela não *queria* voltar ao Vertigem. Nunca mais.

— Por que está caçando problemas? — Fritzy disse do peitoril da janela. — Ao menos cheque a lista telefônica de Colewich. E que cheiro é esse em você? É de um *cachorro*?

— Sim. É de Goober.

— Traidora. — Fritzy disse desdenhosamente.

Sua busca descobriu uma dúzia de Neals. Uma era E. Neal. E de Elizabeth?

Havia um modo de descobrir.

Sem hesitar—isso certamente a teria feito perder a coragem—Tess discou o número.

O telefone tocou uma vez. Duas vezes.

Provavelmente não é ela. Poderia ser uma Edith Neal. Ou uma Edwina Neal.

Até mesmo Elvira Neal.

Três vezes.

Se for o telefone de Betsy Neal, ela provavelmente nem está lá. Ela provavelmente está de férias nas Montanhas Catskills— Quatro vezes.

— ou requebrando com um dos Cozinheiros de Zumbis, que tal isso? *O guitarrista líder. Eles provavelmente cantariam “Sua racha saca o cachorrão” juntos no chuveiro depois de terem—* O telefone foi atendido, e Tess reconheceu de uma vez a voz em seu ouvido.

— Alô, você ligou para Betsy, mas eu não posso atender agora. O bip está vindo, e você sabe o que fazer quando ouvi-lo. Tenha um bom dia.

Eu tive um mau dia, obrigada, e a noite passada foi muito p— O bip veio, e Tess se ouviu falando antes que ela mesma percebesse que tinha pretendido fazê-lo.

— Alô, Srta. Neal, aqui é Tessa Jean ligando—a moça dos livros de Willow Grove? Conhecemos-nos no Clube Vertigem. Você me devolveu meu Tomtom, e eu assinei um autógrafo para sua avó. Você viu o quanto eu estava marcada, e eu te contei algumas mentiras. Não foi um namorado, Srta. Neal. — Tess começou a falar mais rápido, com medo de que a fita da mensagem acabaria antes que ela terminasse... e ela descobriu o quanto queria terminar. — Eu fui

estuprada e isso foi horrível, mas então eu tentei consertar as coisas... eu... eu tenho que falar com você sobre isso porque— Houve um clique na linha, e então a própria Betsy Neal falava ao ouvido de Tess.

— Comece de novo. — ela disse. — Mas vá devagar, eu acabei de acordar, e ainda estou meio grogue.

-47-

Elas se encontraram para almoçar numa área populosa da cidade de Colewich.

Elas sentaram em um banco perto do palco. Tess não achou que estava com fome, mas Betsy Neal a forçou a comer um sanduíche, e Tess se encontrou comendo em grandes mordidas que a fizeram pensar em Goober devorando os hambúrgueres de Lester Strehlke.

— Comece pelo início. — Betsy disse. Ela estava calma, Tess achou—quase anormalmente calma. — Comece pelo início e me conte tudo.

Tess começou com o convite da Livros & Sacos Pardos. Betsy Neal disse pouco, ocasionalmente adicionando um “aham” ou um “certo” para deixar Tess saber que ela ainda estava seguindo a história. Contar era um trabalho que dava sede. Por sorte, Betsy também havia comprado duas latas de soda cremosa do Dr. Brown. Tess pegou uma e a bebeu vorazmente.

Quando ela terminou, era mais de uma da tarde. As poucas pessoas que estiveram lá para comer seus almoços já haviam ido. Havia duas mulheres passeando com seus bebês nos carrinhos, mas elas estavam a uma boa distância.

— Deixa ver se eu entendi. — Betsy Neal disse. — Você ia se matar, e então, em vez disso, uma voz fantasma lhe disse para voltar à casa de Alvin Strehlke.

— Sim. — Tess respondeu. — Onde eu achei minha bolsa. E o pato manchado de sangue.

— Sua calcinha você achou na casa do irmão mais novo.

— Na do Pequeno Motorista, sim. Ela está em meu Expedition. E a bolsa. Você quer vê-las?

— Não. E quanto à arma?

— Está no carro também. Com uma bala de sobra. — ela olhou para Neal curiosamente, pensando: *A garota com olhos de Picasso*. — Não está com medo de mim? Você é uma ponta solta. A única da qual eu posso pensar.

— Você está em um parque público, Tess. E também, eu tenho uma bela confissão na minha secretária eletrônica em casa.

Tess piscou. Outra coisa em que ela não havia pensado.

— Mesmo se você conseguisse me matar sem que aquelas duas jovens mães percebssem— — Eu não pretendo matar mais ninguém. Nem aqui, nem em qualquer lugar.

— Bom saber. Porque mesmo que você cuidasse de mim e da fita na minha secretária eletrônica, cedo ou tarde alguém encontraria o taxista que te trouxe ao Vertigem na manhã de Sábado. E quando a polícia te pegasse, eles achariam você ostentando um monte de machucados incriminadores.

— Sim. — Tess disse, tocando o pior deles. — É verdade. Então, e agora?

— Pra começar, eu acho que seria sábio ficar fora de vista o máximo que puder até que seu rosto fique bonito de novo.

— Acho que tenho cobertura nisso. — Tess disse, e contou a Betsy a história que ela havia confabulado para o bem de Patsy McClain.

— Isso é bom.

— Srta. Neal... Betsy... você acredita em mim?

— Oh, sim. — ela disse, quase distraidamente. — Agora escute. Está escutando?

Tess assentiu.

— Somos uma dupla de mulheres fazendo um pequeno piquenique no parque, e tudo bem com isso. Mas depois de hoje, não vamos nos ver outra vez. Certo?

— Se você diz. — Tess disse. Seu cérebro pareceu se sentir como sua mandíbula depois do dentista lhe dar uma saudável injeção de novocaína.

— Eu digo. E você precisa ter outra história feita e pronta, apenas em caso dos policiais falarem ou com o motorista da limusine que te levou para casa— — Manuel. Seu nome era Manuel.

— Ou o taxista que te levou ao Vertigem na manhã de Sábado. Eu não acho que alguém fará a conexão entre você e os Strehlkes enquanto nenhuma de suas identidades aparecer, mas quando a história vir à tona, ela será grande e não podemos dizer que a investigação não chegará até você. — ela se inclinou e tocou Tess uma vez acima do seio esquerdo. — Estou contando com você para que se certifique de nunca chegar até *mim*. Porque eu não mereço isso.

Não. Ela absolutamente não merecia.

— Que história você poderia contar aos tiras, querida? Algo bom sem me incluir. Ora, vamos, você é uma escritora.

Tess pensou por um minuto inteiro. Betsy deixou.

— Eu diria que Ramona Norville me contou sobre o atalho da Stagg Road depois de minha apresentação—o que é verdade—e que eu vi o Clube Vertigem enquanto dirigia por perto. Eu diria que parei para jantar alguns quilômetros abaixo da estrada, então decidi voltar para tomar alguns drinques. Ouvir a banda.

— Essa é boa. Eles se chamam...

— Sei como se chamam. — Tess disse. Talvez a novocaína estivesse passando.

— Eu diria que encontrei alguns caras, bebi muito, e decidi que estava alta demais para dirigir. Você não está nessa história, porque você não trabalha à noite. Eu poderia também dizer— — Deixe pra lá, já basta. Você é muito boa nessa coisa uma vez que começa a se aquecer. Apenas não enfeite demais.

— Não vou. — Tess disse. — E esta é uma história que talvez eu nunca tenha que contar. Uma vez que eles tenham os Strehlkes e as vítimas dos Strehlkes, eles estarão procurando por um assassino muito diferente do que uma pequena senhora escritora como eu.

Besty Neal sorriu.

— Pequena senhora escritora, meu rabo. Você é uma vaca malvada. — então ela viu o olhar alarmado no rosto de Tess. — O que foi? O que é *agora*?

— Eles *vão* ligar as mulheres no bueiro aos Strehlkes, não vão? Ao menos à Lester?

— Ele colocou uma camisinha antes de te estuprar?

— Não. Deus, não. A coisa dele ainda estava em minhas coxas quando eu voltei para casa. E dentro de mim. — ela deu de ombros.

— Então ele terá montado sem sela com as outras. Muitas evidências. Eles vão juntar as peças. Contanto que estes caras maus tenham se livrado de sua carteira de identidade, você está sã e salva. E não há sentido em se preocupar com o que você não pode controlar, há?

— Não.

— Quanto a você... não está planejando ir para casa e cortar os pulsos na banheira, está? Ou usar a última bala?

— Não. — Tess pensou no quão doce o ar noturno fora enquanto ela estivera sentada no caminhão com o cano curto do Espremedor de Limões dentro da boca. — Não, estou bem.

— Então é hora de você ir. Eu vou ficar sentada aqui um pouco mais.

Tess começou a se levantar do banco, então se sentou novamente.

— Há algo de que eu preciso saber. Você está fazendo de si mesma um

acessório pós-fato. Por que faria isso por uma mulher que você não conhece? Uma mulher que você encontrou apenas uma vez?

— Acreditaria se eu dissesse que é porque minha avó ama seus livros e ficaria muito desapontada se você fosse para a cadeira por homicídio triplo?

— Nem um pouco. — Tess disse.

Betsy nada disse por um momento. Ela pegou sua lata de soda, então a abaixou novamente.

— Várias mulheres são estupradas, não diria? Quero dizer, você não é única nesse aspecto, é?

Não, Tess sabia que não era a única nesse aspecto, mas saber disso não diminuiu a dor ou a vergonha nem um pouco. Tampouco ajudaria com seus nervos enquanto ela esperaria pelos resultados do teste de AIDS que ela em breve estaria fazendo.

Betsy sorriu. Não havia nada de agradável nisso. Ou bonito.

— Mulheres em todos os cantos do mundo estão sendo estupradas enquanto falamos. Meninas também. Algumas, que sem dúvida, possuem brinquedos favoritos de pelúcia. Algumas são mortas, outras sobrevivem. Das sobreviventes, quantas você acha que denunciam o que aconteceu a elas?

Tess balançou a cabeça.

— Eu tampouco sei. — Betsy disse. — Mas eu sei o que a Pesquisa Nacional de Vítimas diz, porque eu pesquisei no Google. Sessenta por cento dos estupros não são denunciados, de acordo com eles. Três a cada cinco. Eu acho que isso pode ser pouco, mas quem pode dizer com certeza? Falando fora da aula de matemática, é difícil provar o contrário. Impossível, realmente.

— Quem estuprou você? — Tess perguntou.

— Meu padrasto. Eu tinha doze anos. Ele segurou uma faca de cozinha enquanto fazia. Eu fique parada—e estava assustada—mas a faca escorregou quando ele gozou.

Provavelmente não de propósito, mas quem poderia dizer?

Betsy puxou a pálpebra inferior de seu olho esquerdo com a mão esquerda. Com a direita ela bateu abaixo dele, e o olho de vidro rolou elegantemente em sua palma. O soquete oco era levemente vermelho e inclinado para cima, parecendo olhar para o mundo com surpresa.

— A dor foi... bem, não há modos de descrever uma dor como aquela, não mesmo. Pareceu o fim do mundo para mim. Houve sangue também. Muito. Minha mãe me levou ao médico. Ela disse para que eu dissesse a ele que estava

correndo com os pés calçados com meias e escorreguei no chão de linóleo da cozinha que ela havia acabado de encerar. Então eu tropecei e acertei meu olho no canto da bancada da cozinha. Ela disse que o médico iria querer falar comigo a sós, e que ela estava dependendo de mim. “Eu sei que ele fez uma coisa terrível com você”, ela disse, “mas se as pessoas descobrirem, elas vão me culpar. Por favor, querida, faça isso por mim, e eu me certificarei de nunca mais algo ruim vá acontecer com você de novo”. Então foi isso que eu fiz.

— E aconteceu de novo?

— Mais três ou quatro vezes. E eu sempre ficava parada, porque só me restara um olho para usar. Escute, terminamos aqui ou não?

Tess se mexeu para abraçá-la, mas Betsy recuou— *como um vampiro que vê um crucifixo*, Tess pensou.

— Não faça isso. — Betsy disse.

— Mas—

— Eu sei, eu sei, muito obrigada pela solidariedade, amigas até o fim, blá-blá-blá. Eu não gosto de ser abraçada, é só. Terminamos aqui, ou não?

— Terminamos.

— Então vá. E eu jogaria essa sua arma no rio enquanto estivesse voltando para casa. Você queimou a confissão?

— Sim. Pode apostar.

Betsy assentiu.

— Eu vou apagar a mensagem que você me deixou na secretária eletrônica.

Tess se afastou. Ela olhou para trás uma vez, Betsy Neal estava parada, sentada no banco. Ela havia colocado o olho de volta.

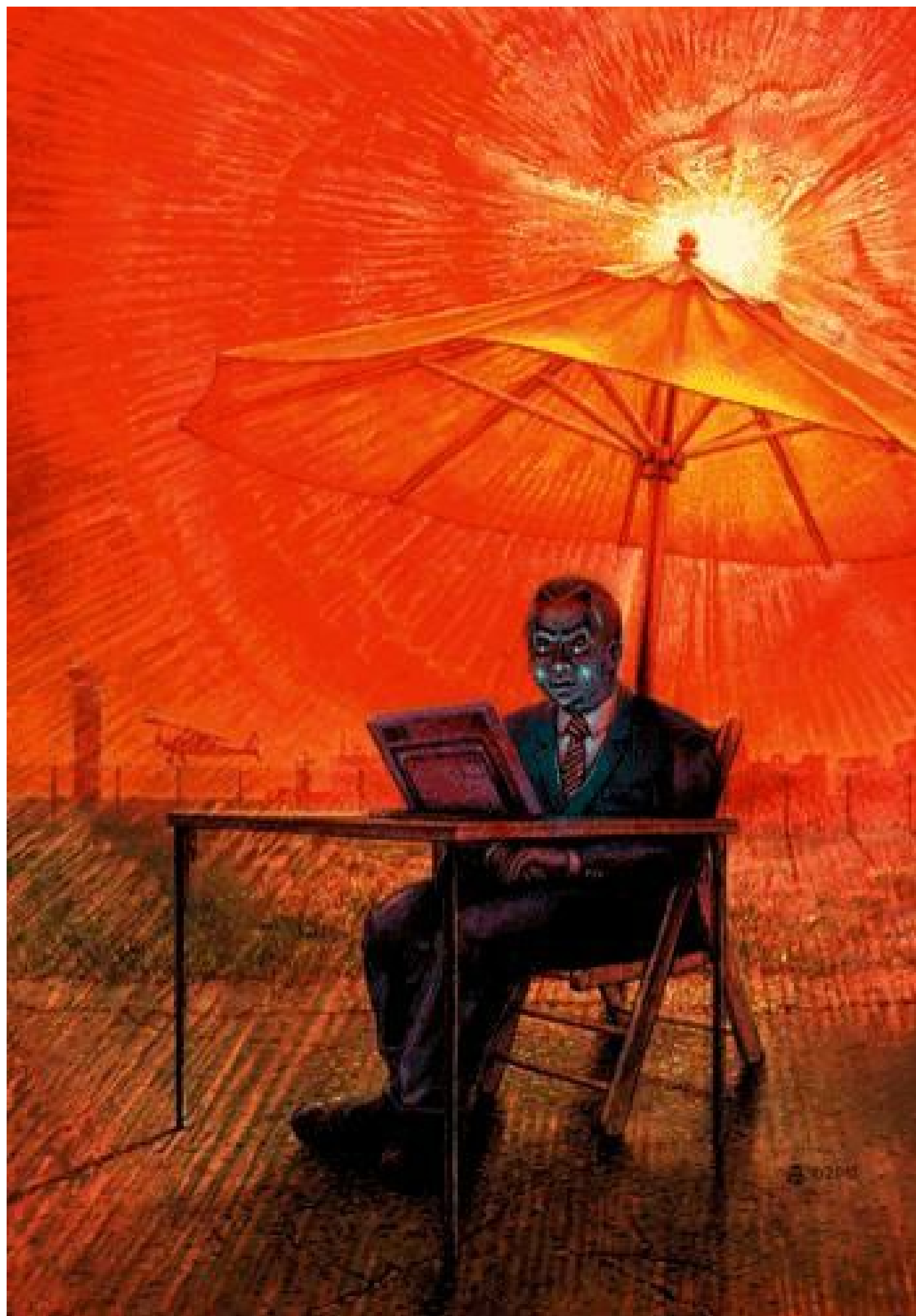
-48-

Em seu Expedition, Tess percebeu que poderia ser uma idéia extremamente boa deletar suas poucas últimas jornadas de seu GPS. Ela apertou o botão para ligar, e a tela brilhou. Tom disse:

— Tess, parece que vamos viajar.

Tess acabou de fazer as deleções, então desligou a unidade GPS novamente. Não uma viagem, não realmente; ela estava indo apenas para casa. E ela achou que poderia encontrar o caminho de volta sozinha.

PROLONGAMENTO JUSTO



Streeter só viu a placa porque ele teve que encostar e vomitar. Ele vomitava muito agora, e quase não havia avisos—às vezes um acesso de náusea, às vezes um gosto de metal no fundo da boca, e às vezes nada; só um *raul* e tudo saía, que problema.

Isso fez de dirigir um negócio arriscado, ainda assim ele também dirigia muito agora, parcialmente porque ele já não mais poderia fazê-lo pelo fim do outono, e parcialmente porque ele tinha muito no que pensar. Ele sempre tivera seus melhores pensamentos por trás do volante.

Ele dirigia pelo Prolongamento da Avenida Harris, uma ampla estrada que corria três quilômetros ao lado do Aeroporto do Distrito de Derry, e negócios de atendimento: a maioria sendo pequenos hotéis e armazéns. O Prolongamento era lotado durante o dia, porque ela conectava os lados oeste e leste de Derry, como também levava ao aeroporto, mas à noite ela era quase deserta. Streeter encostou pela pista dos ciclistas, pegou um de seus sacos plásticos de vomitar da pilha deles no assento passageiro, jogou a cara dentro dele, e deixou que a coisa corresse. O jantar apareceu para um bis. Ou teria aparecido, se ele tivesse seus olhos abertos. Ele não os tinha. Uma vez que você visse uma carga completa de vômito, você já teria visto todas elas.

Quando a fase do vômito começara, não houvera dor. Dr. Henderson avisou-lhe que isso mudaria, e no decorrer da última semana, isso havia acontecido. Não uma agonia como agora; apenas um rápido relâmpago das tripas direto para a garganta, como uma indigestão ácida. Apareceu, e então desapareceu. Mas isso pioraria. Dr. Henderson havia lhe dito isso também.

Ele levantou a cabeça do saco, abriu o porta-luvas, pegou um pequeno arame de amarrar sacos, e prendeu seu jantar antes que o cheiro pudesse permear o carro. Ele olhou para a direita, e viu uma providencial cestinha com um alegre cãozinho com orelhas pontudas pintado na lateral, e uma mensagem em estêncil que dizia O CÃO DE DERRY DIZ “PONHA O LIXO EM SEU LUGAR!”

Streeter saiu, foi até a Cesta do Cão, e depositou a última ejeção do seu corpo enfraquecido. O sol do verão estava se pondo vermelho acima dos terrenos planos (e no momento desertos) do aeroporto, e a sombra alinhada aos seus pés era longa e grotescamente magra. Era como se estivesse quatro meses a frente do seu corpo, e já totalmente devastado pelo câncer que, em breve, o comeria vivo.

Ele se voltou ao seu carro e viu a placa do outro lado da estrada. A princípio—provavelmente porque seus olhos ainda estavam lacrimejantes—ele achou que ela dizia PROLONGAMENTO DE CABELO. Então ele piscou, e viu que na verdade dizia PROLONGAMENTO JUSTO ¹⁸¹. Abaixo disso, em letras pequenas: preço justo.

Prolongamento justo, preço justo. Soava bom, e quase fazia sentido.

Havia uma área de cascalhos no lado mais longínquo do Prolongamento, do lado de fora da cerca Cyclone marcando a propriedade do aeroporto do distrito. Muitas pessoas colocavam suas barraquinhas de beira de estrada durante as horas ativas do dia, porque era impossível para os clientes encostarem sem serem engavetados (isto é, se você fosse rápido e se lembrasse de usar o pisca-alerta). Streeter vivera sua vida inteira na pequena cidade de Derry, no Maine, e com o passar dos anos ele vira pessoas vendendo brotos de samambaia frescos lá na primavera, uvas frescas e milho no sabugo no verão, e lagostas durante quase todo o ano. Pelo fim do inverno, um velho doido conhecido como Homem da Neve apareceu no local, vendendo lembrancinhas perdidas no inverno que achava pela neve que derretia. Muitos anos antes, Streeter comprara uma bonita boneca de trapos deste homem, pretendendo dá-la a sua filha, May, que tinha dois ou três anos na época. Ele cometeu o erro de dizer a Janet que a havia conseguido com o Homem da Neve, e ela o fez jogá-la fora.

— Você acha que podemos cozinhar uma boneca de trapos para matar os germes? — ela perguntara. — Às vezes eu imagino o quão um homem esperto pode ser tão burro.

Bem, câncer não tinha discriminações quando se tratava de cérebros. Inteligente ou burro, ele estava pronto para sair do jogo e tirar seu uniforme.

Havia uma mesa de papelão montada onde o Homem da Neve uma vez exhibira seus produtos. O homem rechonchudo sentado atrás dela era protegido dos raios vermelhos do sol poente por uma enorme sombrinha amarela que estava empertigada de um ângulo devasso.

Streeter permaneceu na frente de seu carro por um minuto, quase entrou (o homem rechonchudo o havia percebido; ele parecia estar assistindo uma televisão portátil, e então a curiosidade o venceu. Ele checkou o tráfego, não viu nenhum—o Prolongamento estava previsivelmente morto à esta hora, todos os viajantes estariam em casa jantando com suas vidas privilegiadas e não cancerosas—e cruzou quatro pistas vazias. Sua sombra magricela, o Fantasma do Streeter Futuro, o perseguindo.

O homem rechonchudo levantou os olhos.

— Olá. — ele disse. Antes que desligasse a TV, Streeter teve tempo de ver que o cara estava assistindo o *Inside Edition*. — Como vamos esta noite?

— Bem, não sei quanto a você, mas eu já estive melhor. — Streeter disse. — É meio tarde para vender, não é? Muito pouco tráfego aqui depois da hora do rush. Aqui é a traseira do aeroporto, sabe. Nada exceto entregas de carregamento. Os passageiros vão pela Rua Witcham.

— Sim. — o homem rechonchudo disse. — Mas infelizmente, o zoneamento vai contra os pequenos negócios de beira de estrada como o meu no lado ativo do aeroporto.

— ele balançou a cabeça à injustiça do mundo. — Eu iria fechar e ir para casa às sete, mas eu tive um pressentimento de que mais um freguês poderia aparecer.

Streeter olhou para a mesa, e não viu itens para vender (a não ser que a TV fosse um) e sorriu.

— Eu não posso realmente ser um freguês, Sr. ...?

— George Iobad. — o homem rechonchudo disse, mostrando e estendendo uma mão igualmente rechonchuda.

Streeter a apertou.

— Dave Streeter. E eu realmente não posso ser um freguês porque não tenho idéia do que você está vendendo. A princípio achei que a placa dizia Prolongamento de *Cabelo*.

— Você *quer* um prolongamento de cabelo? — Iobad disse lhe dando uma examinada crítica. — Eu pergunto porque o seu parece estar ficando ralo.

— E em breve terá desaparecido. — Streeter disse. — Eu estou fazendo quimioterapia.

— Ora, bolas. Sinto.

— Obrigado. Embora não haja... — ele deu de ombros. Ele ficou espantado no quão fácil era dizer estas coisas a um estranho. Ele nem sequer havia contado aos seus filhos, embora Janet soubesse, é claro.

— Não muita chance no tratamento? — Iobad perguntou. Havia uma simpatia simples em sua voz—nem mais, nem menos—e Streeter sentiu seus olhos se encherem de água. Chorar na frente de Janet o envergonhava terrivelmente, e ele só havia feito isso duas vezes. Aqui, com este estranho, parecia tudo bem. Mesmo assim, ele tirou um lenço do bolso traseiro e enxugou os olhos com ele. Um pequeno avião estava chegando para aterrissar. Sua silhueta contra o sol vermelho o fez parecer com um crucifixo voador.

— Nenhuma chance é o que eu escuto. — Streeter disse. — Então acho que a quimioterapia é só... eu não sei...

— Uma triagem automática?

Streeter riu.

— Exatamente.

— Talvez quisesse pensar em trocar a quimioterapia por analgésicos. Ou, você

poderia fazer um pequeno negócio comigo.

— Como eu comecei a dizer, eu não posso ser realmente um freguês enquanto não souber o que você vende.

— Oh, bem, a maioria das pessoas chamariam a coisa de óleo de cobra. — Iobad disse, sorrindo e se equilibrando nos calcanhares atrás da mesa. Streeter notou com alguma fascinação que, embora George Iobad fosse rechonchudo, sua sombra era tão magra e de aparência doente como a própria de Streeter. Ele supôs que a sombra de todo mundo pareceria doente enquanto o pôr-do-sol se aproximasse, especialmente em Agosto, quando o fim do dia era longo, demorado, e de algum modo, nada agradável.

— Eu não vejo frascos. — Streeter disse.

Iobad formou duas tendas com as mãos, na mesa, e se inclinou sobre elas, parecendo subitamente um homem de negócios.

— Eu vendo prolongamentos. — ele disse.

— O que faz do nome desta estrada em particular, casual.

— Nunca pensei desta maneira, mas suponho que você esteja certo. Embora às vezes um cigarro seja apenas uma fumaça e uma coincidência seja apenas uma coincidência. Todo mundo quer prolongamentos, Sr. Streeter. Se você fosse uma jovem mulher com um amor por compras, eu lhe ofereceria um prolongamento de crédito. Se você fosse um homem de pênis pequenos—a genética pode ser tão cruel—eu lhe oferecia um prolongamento de pinto.

Streeter estava espantado e divertido pela insipidez da coisa. Pela primeira vez no mês—desde o diagnóstico—ele se esqueceu que estava sofrendo de uma forma de câncer agressiva e extremamente rápida.

— Está brincando.

— Oh, eu sou um grande brincalhão, mas eu nunca brinco sobre negócios. Eu vendi dúzias de prolongamentos de pintos certa época, e por um tempo ficou conhecido em Arizona como *El Pene Grande*. Eu estou sendo totalmente honesto, mas, felizmente para mim, eu tampouco preciso ou tenho de esperar que você acredite em mim. Homens baixos freqüentemente querem um prolongamento de altura. Se você *quisesse* mais cabelo, Sr. Streeter. Eu ficaria *feliz* em lhe vender um prolongamento de cabelo.

— E um homem com um narigão—sabe, como Jimmy Durante—poderia ganhar um menor?

Iobad balançou a cabeça, sorrindo.

— Agora é você quem está brincando. A resposta é não. Se precisar de redução,

terá que ir a outro lugar. Eu sou especializado apenas em prolongamentos, um produto muito Americano. Eu vendi prolongamentos de amor, às vezes chamados de *poções*, para os amantes solitários, prolongamentos de empréstimos para as pessoas de bolso furado—muitas delas nesta economia—prolongamentos de tempo para aqueles sob certo tipo de prazo, e uma vez um prolongamento de olho para um camarada que queria ser piloto da Força Aérea e sabia que não conseguiria passar no teste ótico.

Streeter sorria, estava se divertindo. Ele diria que se divertir estava agora fora de alcance, mas a vida era cheia de surpresas.

Iobad também sorria, como se estivessem dividindo uma piada excelente.

— E uma vez. — ele disse. — Eu consegui um prolongamento de *realidade* para um pintor—um homem muito talentoso—que estava à beira da esquizofrenia paranóica.

Isso foi caro.

— Quanto, se é que posso perguntar?

— Uma das pinturas do camarada, que agora embeleza minha casa. Você conheceria o nome; foi famoso na Renascença Italiana. Você provavelmente o estudou se aprendeu sobre apreciação de artes na faculdade.

Streeter continuou a sorrir, mas ele deu um passo para trás, apenas para ficar do lado seguro. Ele havia aceitado o fato de que iria morrer, mas isso não significava que ele queria que fosse hoje, nas mãos de um possível fugitivo do hospício de Juniper Hill para os criminalmente insanos em Augusta.

— Então o que está dizendo? Que você é meio... eu não sei... imortal?

— Muito vivido, certamente. — Iobad disse. — O que nos traz ao que posso fazer por você, eu creio. Você provavelmente gostaria de um prolongamento de *vida*.

— Não pode ser feito, eu suponho? — Streeter perguntou. Mentalmente ele estava calculando a distância de volta para seu carro, e o quanto levaria para ele chegar lá.

— É claro que pode ser feito... por um preço.

Streeter que brincara muito de anagrama na mocidade, já havia imaginado as letras do nome de Iobad e as desembaralhado.

— Dinheiro? Ou está falando sobre minha alma?

Iobad bateu a mão e acompanhou o gesto com um maroto rolar de olhos.

— Eu não, como diz o ditado, reconheceria uma alma se ela me mordesse no traseiro. Não, dinheiro é a resposta, como normalmente é. Quinze por cento de

sua renda pelos próximos quinze anos devem dar. Você poderia chamar de honorários do corretor.

— É a duração do meu prolongamento? — Streeter contemplou a idéia de quinze anos com cobiça desejosa. Pareceu um longo tempo, especialmente quando ele comparava com o que realmente jazia à frente: seis meses de vômito, dor crescente, coma, morte. E também o obituário sem dúvidas incluiria a frase: “depois de uma longa e corajosa batalha com o câncer”. Yada-yada como diziam em *Seinfeld*.

Iobad levantou as mãos na altura dos ombros em um comunicativo gesto de quem-sabe.

— Pode ser vinte. Não posso dizer com certeza; não é uma ciência certa. Mas se está esperando imortalidade, pode tirar o cavalinho da chuva. Tudo o que eu vendo são prolongamentos. É o melhor que eu posso fazer.

— Por mim tudo bem. — Streeter disse. O homem o havia alegrado, e se ele precisava de um homem ingênuo, Streeter estava disposto a favorecê-lo. Até certo ponto, de qualquer forma. Ainda sorrindo, ele estendeu a mão por cima da mesa de papelão. — Quinze por cento, quinze anos. Embora eu tenha que lhe dizer, quinze por cento do salário de um gerente de assistência bancária não vai te colocar exatamente atrás de um Rolls-Royce. Um Geo, talvez, mas— — Isso não é tudo. — Iobad disse.

— É claro que não é. — Streeter disse. Ele suspirou e recolheu a mão. — Sr.

Iobad, foi muito bom falar com o senhor, você colocou um brilho em minha noite, o que eu teria achado impossível, e eu espero que você consiga ajuda para seu problema ment— — Silêncio, seu homem estúpido. — Iobad disse, e embora ainda estivesse sorrindo, não havia nada de agradável nisso. Ele subitamente pareceu maior—pelo menos oito centímetros—e não tão rechonchudo.

É a luz, Streeter pensou, *a luz do sol poente é enganosa*. E o desagradável cheiro que ele subitamente sentiu provavelmente não era nada, exceto combustível de avião queimado, carregado para este pequeno quadrado de pedregulhos do lado de fora da cerca Cyclone por um sopro errante do vento. Tudo fazia sentido... mas ele se calou como instruído.

— Por que um homem ou uma mulher precisa de um prolongamento? Já se perguntou isso?

— É claro que sim. — Streeter disse com um toque de aspereza. — Eu trabalho em um banco, Sr. Iobad—Poupanças de Derry. Pessoas me pedem empréstimos prolongados o tempo todo.

— Então você sabe que as pessoas precisam de *prolongamentos* para

compensar os *déficits*—crédito pequeno, pinto pequeno, visão pequena, ET Cetera.

— Sim, é um mundo cão. — Streeter disse.

— Pois é. Mas até mesmo coisas que não são visíveis possuem peso. Peso *negativo*, que é o pior tipo. O peso levantado de você, deve ir para outro lugar. É simplesmente física. *Física psíquica*, poderíamos dizer.

Streeter estudou Iobad com fascinação. A momentânea impressão de o que o homem estava maior (e que havia dentes demais dentro de seu sorriso) se fora. Este era apenas um camarada baixo, redondo que provavelmente tinha um cartão verde de alta em sua carteira—se não de Juniper Hill, então da Instituição Mental de Acádia, em Bangor. Se ele *tivesse* uma carteira. Ele certamente possuía uma, bem desenvolvida, geografia delirante, e isso fez dele um estudo fascinante.

— Posso chegar logo ao ponto, Sr. Streeter?

— Por favor.

— Você tem que transferir o peso. Em poucas sílabas, você tem que dar o sujo para outra pessoa, se o sujo vai ser tirado de você.

— Eu entendo. — e ele entedia. Iobad voltara às mensagens, e a mensagem era um clássico.

— Mas não pode ser qualquer pessoa. O velho sacrifício anônimo já foi tentado, e não funciona. Tem de ser alguém que você odeia. Há alguém que você odeie, Sr. Streeter?

— Não estou louco de raiva sobre Kim Jong-il. — Streeter disse. — E eu acho que a cadeia é *boa* demais para os bastardos ruins que explodiram o USS *Cole*, mas suponho que eles nunca— — Fale sério, ou suma. — Iobad disse, e uma vez mais ele pareceu maior.

Streeter imaginou se este poderia ser algum peculiar efeito colateral das medicações que ele estava tomando.

— Se você quer dizer em minha vida pessoal, eu não odeio ninguém. Há pessoas de quem eu não *gosto*—a vizinha, Sra. Denbrough, coloca suas latas de lixo sem as tampas, e se um vento soprar, porcarias acabam voando para o meu jardim— — Parafraseando o falecido Dino Martino, Sr. Streeter, todo mundo odeia alguém em algum tempo.

— Will Rogers disse...

— Ele era um fabricante de cordas que usava o chapéu com a aba para baixo como um garotinho brincando de caubói. Além disso, você não odeia ninguém realmente, não podemos fazer negócios.

Streeter matutou a respeito. Ele olhou para os sapatos e falou em uma voz baixa que quase não reconheceu como sua.

— Eu suponho que odeie Tom Goodhugh.

— Quem é ele em sua vida?

Streeter suspirou.

— Meu melhor amigo desde a escola de gramática.

Houve um momento de silêncio antes que Iobad começasse a cair na gargalhada.

Ele deu a volta em sua mesinha de papelão, deu uma tapinha nas costas de Streeter (ele sentiu uma mão que era fria, e dedos que eram longos e magros, ao invés de pequenos e rechonchudos), então voltou para sua cadeira dobrável. Ele caiu por cima dela, ainda bufando e rugindo. Seu tosto estava vermelho, e as lágrimas rolando em seu rosto também pareciam vermelhas—vermelho sangue, na verdade—na luz do sol poente.

— Seu melhor... desde a escola... oh, isso é...

Iobad não se agüentou. Ele começou a uivar e gritar, dando espasmos com a barriga, seu queixo (estranhamente pontudo para uma cara tal redonda) subindo e mergulhando ante o inocente (mas escurecido) céu de verão. Finalmente ele se controlou. Streeter pensou em oferecer um lençinho, e decidiu que não o queria sendo passado na pele do vendedor.

— Isto é excelente, Sr. Streeter. — ele disse. — Podemos fazer negócio.

— Puxa, isso é ótimo. — Streeter disse, dando outro passo para trás. — Já estou aproveitando meus quinze anos extras. Mas estou estacionado na pista dos ciclistas, e isso é uma violação ao tráfego. Eu poderia ser multado.

— Eu não me preocuparia com isso. — Iobad disse. — Como deve ter percebido, nem um único carro *civil* passou por aqui desde que começamos a pechinchar, quanto mais um agente do DP de Derry. O tráfego nunca interfere quando eu chego a um negócio sério com um homem, ou mulher, sério; eu me certifico disto.

Streeter olhou em volta desconfortavelmente. Era verdade. Ele podia ouvir o tráfego na Rua Witcham, na direção da Ladeira-Acima, mas aqui, Derry estava completamente deserta. *É claro*, ele lembrou a si mesmo, *o tráfego está sempre leve por aqui quando o dia de trabalho termina*.

Mas *ausente*? Completamente *ausente*? Você poderia esperar isso à meia-noite, mas não às sete e meia da noite.

— Diga-me porque você odeia seu melhor amigo. — Iobad convidou.

Streeter lembrou-se novamente de que este homem era louco. Qualquer coisa que Iobad passasse não seria levada a sério. Era uma idéia libertadora.

— Tom era mais bonito quando éramos crianças, e ele está *muito* mais bonito agora. Ele se deu bem em três esportes; o único em que sou razoavelmente bom é em golfe em miniatura.

— Eu não creio que eles tenham um esquadrão de líderes de torcida para esse. — Iobad disse.

Streeter sorriu sombriamente, aquecendo seus pensamentos.

— Tom é muito inteligente, mas ele vadiou durante seu tempo na Faculdade de Derry. Suas ambições universitárias eram nulas. Mas quando suas notas caíram o bastante para colocar sua elegibilidade atlética em risco, ele entrou em pânico. E então quem atendeu ao chamado?

— Você! — Iobad gritou. — O velho Sr. Responsável! O ensinou, não é? Talvez tenha feito alguns trabalhos também? Certificando-se de errar as palavras que os professores de Tom já estavam acostumados a vê-lo errar?

— Eu me declaro culpado. Na verdade, quando avançamos—no ano em que Tom ganhou o prêmio de Esportista do Estado do Maine—eu era na verdade *dois* estudantes: Dave Streeter e Tom Goodhugh.

— Dureza.

— Quer saber o que é mais duro? Eu tinha uma namorada. Uma garota linda chamada Norma Witten. Cabelos castanhos e escuros, assim como os olhos, pele limpa, lindas maçãs do rosto— — Peitos desafiantes—

— Deveras. Mas, *sex appeal* à parte—

— Não que você os *tenha* colocado à parte— — Eu amava aquela garota. Você sabe o que Tom fez?

— A roubou de você! — Iobad disse indignado.

— Correto. Os dois vieram até mim, sabe. Colocaram tudo em pratos limpos.

— Que nobre!

— Disseram que não puderam evitar.

— Disseram que estavam *apaixonados*, X-O-N-A-D-I-N-H-O-S.

— Sim. A força da natureza. A coisa que é maior do que nós dois. E por aí vai.

— Deixe-me adivinhar. Ele a engravidou.

— Deveras. — Streeter estava olhando para os sapatos novamente, lembrando-se de certa saia que Norma havia usado quando ela era uma caloura. Era cortada para mostrar apenas um pouco da calcinha. Isso havia sido há quase trinta anos,

mas às vezes ele ainda invocava a imagem à cabeça quando ele e Janet faziam amor. Ele nunca fizera amor com Norma—não do tipo Serviço Completo, pelo menos; ela não deixava.

Embora ela estivesse disposta o bastante para abaixar as calças para Tom Goodhugh.

Provavelmente na primeira vez em que ele pediu.

— E ele a deixou com o pão no fogão.

— Não. — Streeter suspirou. — Ele se casou com ela.

— Então se divorciou! Possivelmente depois de lhe dar umas porradas?

— Pior ainda. Eles continuam casados. Três filhos. Quando você os vê andando pelo Parque Bassey, eles normalmente estão de mãos dadas.

— Essa é a coisa mais repugnante que eu já ouvi. Não muito poderia piorar. A não ser... — Iobad olhou astutamente para Streeter por baixo das sobrancelhas grossas.

— A não ser que seja *você* quem se encontra congelado em um iceberg de um casamento sem amor.

— Nem tanto. — Streeter disse, surpreso pela idéia. — Eu amo muito Janet, e ela me ama. O modo como ela esteve ao meu lado durante esta coisa do câncer tem sido simplesmente extraordinário. Se há tal coisa como harmonia no universo, então eu e Tom acabamos com as parceiras ideais. Totalmente. Mas...

— Mas? — Iobad olhou para ele com ansiedade satisfeita.

Streeter tomou consciência de que suas unhas estavam afundando em suas palmas. Ao invés de parar, ele afundou-as ainda mais. Afundou até sentir gotas de sangue.

— Mas *aquele fodido a roubou de mim!* — isto estivera comendo-o por anos, e a sensação de extravasar as novas foi boa.

— De fato ele roubou, e nós nunca paramos de querer aquilo que queremos, não importa se for bom ou ruim para nós. Você não concorda, Sr. Streeter?

Streeter não respondeu. Ele estava respirando com força, como um homem que acabara de correr quarenta e cinco metros, ou se envolvera em uma briga de rua.

Escuras bolinhas de cor apareceram em suas bochechas anteriormente pálidas.

— E isso é tudo? — Iobad falou em um tom de padre de paróquia gentil.

— Não.

— Arranque tudo, então. Dê a descarga nessa privada.

— Ele é milionário. Ele não deveria ser, mas é. No fim dos anos oitenta—não muito tempo depois daquela enchente que quase arrancou essa cidade do mapa—ele montou uma companhia de lixo... só que ele a chamava de Remoção e Reciclagem de Lixo de Derry. Belo nome, sabe.

— Menos germes.

— Ele veio até mim para pedir um empréstimo, e embora a proposta parecesse incerta para todos no banco, eu segui adiante. Você sabe *por que* eu segui adiante, Iobad?

— É claro! Porque ele era seu amigo!

— Tente outra vez.

— Porque você achou que ele se daria muito mal.

— Certo. Ele investiu todo o dinheiro que tinha em quatro caminhões de lixo, e hipotecou a casa para comprar um pedaço de terra nos limites de Newport. Por um aterro. O tipo de coisa que os gangsters de Nova Jersey têm para lavar sua grana suja e usar como depósito de cadáveres. Eu achei que era loucura e mal podia esperar para escrever o empréstimo. Ele ainda me ama como um irmão por causa disso. Nunca falha dizer às pessoas como eu me coloquei perante o banco e coloquei meu emprego na reta.

‘Dave me carregou, que nem no colégio’, ele diz. Você sabe como as crianças da cidade chamam o aterro dele agora?

— Diga-me!

— Monte Trashmore^[19]. É enorme. Eu não me surpreenderia se fosse radioativo! Está coberto de relva, mas há placas de MANTENHA DISTÂNCIA por todo o lugar, e provavelmente há uma Manhattan de ratos abaixo da bela grama verde! *Eles* provavelmente são radioativos também!

Ele parou, cômico de que tinha soado ridículo, mas não se importando. Iobab era insano, mas—surpresa! Streeter se revelara um insano também! Ao menos quando se tratava do velho amigo. E também.

*In cânc*er veritas^[20], Streeter pensou.

— Então vamos recapitular. — Iobad começou a contar com os dedos, que não eram longos, mas curtos, rechonchudos, e inofensivos como o resto dele. — Tom Goodhugh era mais bonito do que você, mesmo quando eram crianças. Ele recebeu o dom das habilidades esportivas de que você apenas poderia sonhar em ter. A garota que manteve suas coxas brancas e macias fechadas no banco traseiro do seu carro as abriu para Tom. Ele se casou com ela. Eles ainda estão apaixonados. As crianças estão bem, eu suponho?

— Saudáveis e lindas! — Streeter cuspiu. — Uma se casando, um na faculdade, um no colégio! *Esse é o capitão do time de futebol! Tal pai, tal fodido filho!*

— Certo. E—a cereja no sundae de chocolate—ele é rico e você está atravessando a vida com um salário de sessenta mil por ano mais ou menos.

— Eu ganhei um bônus por escrever o empréstimo dele. — Streeter murmurou.

— Por demonstrar *visão*.

— Mas o que você queria de verdade era ser promovido.

— Como sabe disso?

— Eu sou um homem de negócios agora, mas uma vez já fui um humilde homem de salário. Fui demitido antes de subir por mim mesmo. A melhor coisa que já me aconteceu. Eu sei como essas coisas acontecem. Algo mais? Pode tirar tudo de seu peito.

— Ele bebe Cerveja Spotted Hen! — Streeter berrou. — Ninguém em Derry bebe essa merda pretensiosa! Só ele! Só Tom Goodhugh, o Rei do Lixo!

— Ele tem um carro esporte? — Iobad falou quietamente, as palavras enfileiradas com seda.

— Não. Se tivesse, ao menos eu poderia brincar com Janet sobre menopausa de carros esportivos. Ele dirige um maldito *Range Rover*.

— Eu acho que ainda pode haver mais uma coisa. — Iobad disse. — Se sim, você também deveria tirar isso do peito.

— Ele não tem câncer. — Streeter quase sussurrou. — Ele tem cinquenta e um, como eu, e ele é saudável como... como um maldito... *cavalo*.

— E você também é. — Iobad disse.

— O quê?

— Está feito, Sr. Streeter. Ou, já que eu o curei do câncer, ao menos temporariamente, posso chamá-lo de Dave?

— Você é um cara muito louco. — Streeter disse, não sem admiração.

— Não, senhor. Sou tão são quanto uma linha reta. Mas perceba que eu disse *temporariamente*. Estamos agora no estágio “*test drive*” de nossa relação. Vai durar uma semana pelo menos, talvez dez dias. Eu quero que você visite seu médico. Eu acho que ele encontrará uma notável melhora em sua condição. Mas não vai durar. A não ser...

— A não ser?

Iobad se inclinou para frente, sorrindo amistosamente. Seus dentes uma vez mais pareciam muitos (e maiores) para sua boca inofensiva.

— Eu venho aqui de tempos em tempos. — ele disse. — Normalmente a essa hora do dia.

— Logo antes do pôr-do-sol?

— Exatamente. A maioria das pessoas não me percebe—elas olham para mim como se eu não estivesse aqui—mas você procurará. Não vai?

— Se eu estiver melhor, certamente que vou. — Streeter disse.

— E você me trará uma coisa.

O sorriso de Iobad se abriu ainda mais, e Streeter viu uma coisa terrível e maravilhosa: os dentes do homem não eram apenas muitos e grande demais. Eles eram *afiados*.

Janet estava dobrando as roupas na área de serviço quando ele chegou.

— Aí está você. — ela disse. — Estava começando a me preocupar. Você teve um bom passeio?

— Sim. — ele disse. Ele examinou a cozinha. Parecia diferente. Parecia uma cozinha em um sonho. Então ele acendeu uma luz, e ficou melhor. Iobad era o sonho.

Iobad e suas promessas. Apenas um lunático no dia de folga do Acácia.

Ela foi até ele e o beijou na bochecha. Ela estava corada do calor da secadora e estava muito bonita. Ela também tinha cinqüenta, mas pareceu anos mais jovem.

Streeter pensou que ela provavelmente teria uma boa vida depois que ele morresse. Ele imaginou que May e Justin poderiam ter um padrasto no futuro.

— Você parece bem. — ela disse. — Você recuperou um pouco de cor.

— Foi?

— Sim. — ela lhe deu um sorriso encorajador que no fundo estava preocupado.

— Venha conversar comigo enquanto cuido do resto destas coisas. É tão chato.

Ele a seguiu e parou na porta da área de serviço. Ele a conhecia bem para oferecer ajuda; ela disse que ele dobrava até pano de prato errado.

— Justin ligou. — ela disse. — Ele e Carl estão em Veneza. Em um albergue para jovens. Ele disse que o taxista deles falou inglês muito bem. Ele está se divertindo muito.

— Ótimo.

— Você estava certo em esconder a doença para si. — ela disse. — Você estava certo e eu errada.

— Pela primeira vez em nosso casamento.

Ela enrugou o nariz para ele.

— Jus esperou tanto por esta viagem. Mas você vai ter que falar para ele quando ele voltar. May está voltando de Searsport para o casamento de Gracie, e essa seria a hora ideal. — Gracie era Gracie Goodhugh, a filha mais velha de Tom e Norma. Carl Goodhugh, o companheiro de viagem de Justin, era o filho do meio.

— Veremos. — Streeter disse. Ele tinha um de seus sacos de vômito do bolso traseiro, mas ele nunca se sentiu menos vontade de vomitar. Uma coisa que ele *estava* sentindo era fome. Pela primeira vez em dias.

Nada aconteceu lá— você sabe disso, certo? Isto é apenas uma pequena elevação psicossomática. Vai parar.

— Como meus fios de cabelos.

— O quê, querido?

— Nada.

— Oh, e falando em Gracie, Norma ligou. Ela me lembrou de que era a vez deles fazerem o jantar na casa deles na quinta à noite. Eu disse que perguntaria a você, mas que você estava muito ocupado no banco, trabalhando até tarde, todas essas coisas chatas de hipotecas. Eu não achei que você iria querer vê-los.

Sua voz estava normal e calma como sempre, mas subitamente ela começou a chorar lágrimas de novela mexicana que transbordaram em seus olhos, e caíram rolando por suas bochechas. O amor havia ficado monótono nos últimos anos de casamento, mas agora o dele havia inchado e se refrescado como estivera nos primeiros dias, os dois vivendo em um pobre apartamento na Rua Kossuth e às vezes fazendo amor no tapete da sala de estar. Ele entrou na área de serviço, tirou a camisa que ela estava dobrando de suas mãos, e a abraçou. Ela o abraçou de volta, ferozmente.

— Isto é simplesmente tão difícil e injusto. — ela disse. — Vamos superar isso. Eu não sei como, mas vamos.

— Isso mesmo. E vamos começar jantando na quinta-feira com Tom e Norma, como sempre fazemos.

Ela recuou, olhando para ele com os olhos molhados.

— Você vai contar a eles?

— E estragar o jantar? Não.

— E você sequer vai conseguir comer? Sem... — ela colocou dois dedos na frente dos lábios, inflou as bochechas, e ficou vesga: uma cômica pantomima de vômito que fez Streeter sorrir.

— Eu não sei quanto à quinta, mas eu poderia comer alguma coisa agora. — ele

disse. — Se importaria se eu arranjasse um hambúrguer? Ou eu poderia ir ao McDonald's... talvez lhe trazer um shake de chocolate na volta...

— Meu Deus. — ela disse, e enxugou os olhos. — É um milagre.

— Eu não exatamente chamaria isso de milagre. — Dr. Henderson dissera a Streeter na manhã da quarta-feira. — Mas...

Dois dias se passaram desde que Streeter havia discutido assuntos de vida e morte sob a sombrinha amarela do Sr. Iobad, e um dia antes dos Streeters jantarem com os Goodhughs, desta vez na grande casa que Streeter às vezes chamava de A Casa que o Lixo Construiu. A conversa não havia acontecido no escritório do Dr. Henderson, mas em uma pequena sala de consulta no Derry Home Hospital. Henderson tentou desencorajar a ressonância magnética, dizendo a Streeter que o seguro dele não cobriria e os resultados com certeza o desapontariam. Streeter havia insistido.

— Mas o que há, Roddy?

— Os tumores parecem ter regredido, e seus pulmões parecem limpos. Eu nunca vi um resultado assim, e tampouco os outros dois médicos que eu trouxe para ver as imagens. E mais importante—isto fica entre você e eu—os técnicos da ressonância magnética nunca viram uma coisa dessas, e aqueles são caras a quem eu realmente confio. Ele acha que provavelmente é um mau funcionamento na própria máquina.

— Mas eu me sinto bem. — Streeter disse. — Foi por isso que pedi pelo texto. Isto é um mau funcionamento.

— Você está vomitando?

— Algumas poucas vezes. — Streeter admitiu. — Mas acho que é culpa da quimioterapia. Eu estou parando com ela, à propósito.

Roddy Henderson franziu o cenho.

— Isso não seria sábio.

— O que não foi sábio foi começar com essa coisa em primeiro lugar, meu amigo. Você diz, 'Desculpe, Dave, as chances de você morrer antes que tenha uma chance de dizer Feliz Dia dos Namorados e de noventa por cento, então nós vamos foder o resto do tempo que você tem te enchendo de veneno. Eu talvez vá me sentir pior se lhe injetar o lodo do aterro de Tom Goodhugh, mas provavelmente não.' E como um idiota, eu disse tudo bem.

Henderson pareceu ofendido.

— Quimioterapia é a última melhor esperança para— — Não foda com um

fodedor. — Streeter disse com um sorriso bondoso. Ele deu uma profunda inspirada que puxou ar até o fundo de seus pulmões. A sensação foi *maravilhosa*. — Quando o câncer é agressivo, a quimioterapia não é para o paciente. É apenas uma sobrecarga de agonia que o paciente paga para que quando ele esteja morto, os doutores e parentes possam se abraçar uns aos outros sobre o caixão e dizerem ‘Fizemos tudo o que podíamos’.

— Isso é grosseiro. — Você sabe que está apto a ter uma recaída, não é?

— Diga isso aos tumores. — Streeter disse. — Aqueles que não estão mais aqui.

Henderson olhou para as imagens da Mais Profunda Escuridão de Streeter que ainda estavam piscando em intervalos de vinte segundos no monitor da sala de conferências e suspirou. Elas eram boas imagens, até Streeter sabia disso, mas elas pareciam fazer seu médico infeliz.

— Relaxe, Roddy. — Streeter falou gentilmente, como pode ter feito numa vez com May ou Justin quando um brinquedo favorito se perdeu ou quebrou. — Merda acontece; às vezes milagres acontecem também. Eu leio isso no *Reader's Digest*.

— Em minha experiência, isso nunca aconteceu no tubo de ressonância magnética. — Henderson pegou uma caneta e a bateu contra o arquivo de Streeter, que havia aumentado consideravelmente nos últimos três meses.

— Há uma primeira vez para tudo. — Streeter disse.

Noite de quinta-feira em Derry; crepúsculo de uma noite de verão. O sol declinante jogando seus raios vermelhos e sonhadores sobre os três perfeitamente aparados, hidratados, e paisagísticos acres que Tom Goodhugh tinha a temeridade de chamar de “velho quintal”. Streeter sentou em uma cadeira de jardim no pátio, ouvindo o tilintar de pratos e as risadas de Janet e Norma enquanto abasteciam a máquina de lavar pratos.

Jardim? Não é um jardim, é a idéia do céu de um fã do canal de compras.

Havia até mesmo uma fonte com uma criança de mármore no centro. De algum modo era o querubim pelado (mijando, é claro) que mais ofendia Streeter. Com certeza ele havia sido idéia de Norma—ela havia voltado à faculdade para conseguir um diploma em artes liberais, e possuía pretensões Clássicas de meia tigela—mas ainda assim, ver tal coisa no brilho moribundo de uma noite perfeita do Maine e saber que sua presença é resultado do monopólio do lixo de Tom...

E, falando no diabo (*ou no Iobad, se preferir*; Streeter pensou), entrava o próprio Rei do Lixo, com duas garrafas suadas de Cerveja Spotted Hen entre os dedos da mão esquerda. Magro e ereto em sua camisa de Oxford aberta na

garganta, e jeans desbotado, seu rosto magro perfeitamente iluminado pela luz do sol poente, Tom Goodhugh parecia um modelo de propaganda de cerveja em uma revista. Streeter até conseguia visualizar: *Viva a boa vida, pegue uma Spotted Hen*.

— Achei que você gostaria de uma geladinha, já que é sua linda esposa que está dirigindo.

— Valeu. — Streeter pegou uma das garrafas, colocou-a entre os lábios, e bebeu. Pretensioso ou não, estava boa.

Enquanto Goodhugh sentava, Jacob, o jogador de futebol, apareceu com um prato de queijo e biscoitos. Ele era tão bonito e possuía ombros tão largos quanto Tom havia possuído certa época. *Provavelmente tem líderes de torcida escalando todo o seu corpo*, Streeter pensou. *Provavelmente tem que bater nelas com uma maldita vara*.

— Mamãe achou que vocês gostariam disso. — Jacob disse.

— Obrigado, Jake. Você vai sair?

— Só por um pouco. Jogar Frisbee com alguns caras nos Barrens até escurecer, então vou estudar.

— Fique deste lado. Tem ervas venenosas lá embaixo desde que aquela droga cresceu de novo.

— Sim, a gente sabe. Denny esbarrou em algumas quando éramos menores, e foi tão mau que a mãe dele achou que ele estava com câncer.

— Ai! — Streeter disse.

— Dirija cuidadosamente, filho. Nada de correr.

— Pode deixar. — o menino colocou um braço ao redor do pai e beijou sua bochecha com uma falta de autoconsciência que Streeter achou deprimente. Tom não só tinha saúde, uma esposa ainda linda, e um ridículo querubim mijão; ele tinha um filho de dezoito anos bonitão que não tinha problemas em se despedir do pai com um beijo antes de sair com os amigos.

— É um bom menino. — Goodhugh disse afetuosamente, assistindo Jacob escalar os degraus da casa e desaparecer. — Estuda muito, e tira notas boas, diferentemente de seu velho. A sorte é que eu tinha você.

— Nós dois tivemos sorte. — Streeter disse, sorrindo colocando queijo derretido no biscoito. Ele o enfiou na boca.

— Me faz bem te ver comendo, amigo. — Goodhugh disse. — Eu e Norma estávamos começando a pensar que havia algo de errado com você.

— Nunca me senti melhor. — Streeter disse, e bebeu mais da deliciosa (e sem

dúvidas, cara) cerveja. — Mas eu estou perdendo o cabelo da frente. Jan diz que isso me faz parecer mais magro.

— Isso é uma coisa pela qual as mulheres não devem se preocupar. — Goodhugh disse, e passou uma mão através dos próprios cabelos, que estavam cheios e ricos como haviam sido aos dezoito. Nem um pedacinho de grisalho neles, tampouco.

Janet Streeter ainda podia parecer ter quarenta em um bom dia, mas na luz vermelha do sol poente, o Rei do Lixo parecia ter trinta e cinco. Ele não fumava, não bebia em excesso, e malhava em um clube de saúde que fazia negócios com o banco de Streeter, cujo próprio Streeter não podia pagar. Seu filho do meio, Carl, estava atualmente fazendo a coisa Européia com Justin Streeter, os dois viajando com a grana de Carl Goodhugh. Que era, é claro, a grana do Rei do Lixo.

Oh, homem que tem tudo, teu nome és Goodhugh, Streeter pensou, e sorriu para seu velho amigo. Seu velho amigo sorriu de volta, e tocou o pescoço da sua garrafa de cerveja.

— A vida é boa, não acha?

— Muito boa. — Streeter concordou. — Longos dias e belas noites.

Goodhugh ergueu as sobrancelhas.

— De onde tirou essa?

— Eu inventei, eu acho. — Streeter disse. — Mas é verdade, não é?

— Se for, devo muito de minhas belas noites a você. — Goodhugh disse. — Passou pela minha cabeça, velho amigo, eu lhe devo minha vida. — ele apontou para seu insano jardim com a garrafa. — O contrafilé dela, pelo menos.

— Que nada, você é um homem independente.

Goodhugh abaixou o tom da voz e falou confidencialmente.

— Quer saber a verdade? A mulher fez este homem. A Bíblia diz ‘Mulher virtuosa, quem a pode achar? Pois o seu valor muito excede ao de jóias preciosas’.

Alguma coisa assim, de qualquer forma. E você nos apresentou. Não sei se você se lembra disso.

Streeter teve uma súbita e quase irresistível vontade de quebrar sua garrafa de cerveja nos tijolos do pátio e enfiar o pescoço estilhaçado e ainda espumante da garrafa nos olhos de seu velho amigo. Em vez disso, ele sorriu, deu mais um gole na cerveja, e então se levantou.

— Acho que preciso fazer uma visita ao *mijatório*.

— Não se compra uma cerveja, você apenas a aluga. — Goodhugh disse, então caiu na gargalhada. Como se ele houvesse inventado essa, bem naquela hora.

— As palavras mais verdadeira, et cetera. — Streeter disse. — Com licença.

— Você realmente está parecendo melhor. — Goodhugh lhe chamou enquanto Streeter galgava os degraus.

— Valeu. — Streeter disse. — Velho camarada.

Ele fechou a porta do banheiro, apertou o botão da tranca, ligou as luzes, e—pela primeira vez em sua vida—abriu a gaveta de medicamentos da casa de outra pessoa. A primeira coisa que seus olhos viram o alegrou imensamente: um tubo de xampu Só para Homens. Também havia vários frascos de receitas médicas.

Streeter pensou, *peessoas que deixam suas drogas em um banheiro de visitas estão simplesmente pedindo encrencas*. Não que fossem qualquer coisa sensacional: Norma tinha remédio para asma; Tom tomava remédio para pressão sangüínea—Atenolol—e usava uma espécie de creme para a pele.

O frasco de Atenolol estava cheio. Streeter pegou um tablete, enfiou-o no bolso do relógio de seu jeans, e deu a descarga. Então ele saiu do banheiro, sentindo-se como um homem que acabara de ultrapassar os limites de um estranho país.

A tardinha seguinte estava nublada, mas George Iobad permanecia sentado sob sua sombrinha amarela, e uma vez mais assistia *Inside Edition* em sua televisão portátil.

A história principal tinha a ver com Whitney Houston, que havia perdido uma suspeita quantidade de peso pouco tempo depois de assinar um enorme contrato novo com a gravadora. Iobad tirou os olhos deste rumor com uma torcedela de dedos rechonchudos e recebeu Streeter com um sorriso.

— Como esteve se sentindo, Dave?

— Melhor.

— Mesmo?

— Mesmo.

— Vomitou?

— Hoje não.

— Comendo?

— Como um cavalo.

— E eu aposto que você fez alguns testes médicos.

— Como você sabia?

— Eu não esperaria menos de um bancário de sucesso. Você me trouxe alguma coisa?

Por um momento Streeter considerou a idéia de ir embora. Ele realmente considerou. Então enfiou a mão no bolso de sua jaqueta fina que estava usando (a tarde estava fria demais para Agosto, e ele ainda estava magro) e tirou um pequeno lenço embrulhado. Ele hesitou, então passou através da mesa de Iobad, que o desembulhou.

— Ah, Atenolol. — Iobad disse. Ele enfiou a pílula na boca e engoliu.

A boca de Streeter caiu, então foi fechando lentamente.

— Não pareça tão chocado. — Iobad disse. — Se você tivesse um trabalho estressante como o meu, também teria problemas com a pressão sangüínea. E o refluxo da qual eu sofro, puxa. Você não vai querer saber.

— O que acontece agora? — Streeter perguntou. Mesmo de jaqueta, ele sentiu frio.

— Agora? — Iobad parecia surpreso. — Agora você começa a aproveitar seus quinze anos de boa saúde. Possivelmente vinte ou até mesmo vinte e cinco. Quem sabe?

— E a felicidade?

Iobad lhe favoreceu um olhar maroto. Teria sido incrível se não fosse pela frieza que Streeter via logo por baixo dele. E a *idade*. Naquele momento, ele teve certeza de que George Iobad estivera fazendo negócios por muito, muito tempo, com refluxo ou não.

— A parte da felicidade é com você, Dave. E sua família, é claro—Janet, May, e Justin.

Ele havia dito a Iobad o nome deles? Streeter não conseguia se lembrar.

— Talvez as crianças tenham a maior parcela. Há um velho ditado que vem a calhar de que as crianças são as refêns do destino, mas na verdade são as crianças quem fazem seus *pais* de refém, é o que eu acho. Uma delas poderia ter um acidente fatal, ou que a incapacitasse, em uma estrada deserta do interior... tombar por causa de uma doença debilitante.

— Está dizendo...

— Não, não, não! Esta não é uma história de moral de meia tigela. Eu sou um *homem de negócios*, não um personagem de “O Julgamento do Diabo”. Tudo o que estou dizendo é que sua felicidade está em suas mãos e nas daqueles que lhe são queridos e amados. E se você acha que eu vou aparecer duas décadas, mais ou menos, depois para coletar sua alma em meu velho caderninho mofado, é

melhor pensar de novo. As almas dos humanos se transformaram em coisas pobres e transparentes.

Ele falava, Streeter pensou, como a raposa depois dos repetidos saltos que lhe provaram que as uvas estavam realmente e verdadeiramente fora de alcance. Mas Streeter não tinha intenção de dizer tal coisa. Agora que o negócio estava feito, tudo o que ele queria fazer era dar o fora dali. Mas ainda assim ele permaneceu, não querendo perguntar o que estava em sua mente, mas sabendo que tinha de fazê-lo. Porque não havia presentes sendo dados ali; Streeter estivera fazendo negócios no banco pela maior parte de sua vida, e ele conhecia uma moeda de troca quando via uma. Ou quando sentia seu cheiro: um leve e desagradável fedor como combustível de avião queimado.

Em poucas sílabas, você tem que dar o sujo para outra pessoa, se o sujo vai ser tirado de você.

Mas roubar uma única pílula de hipertensão não era exatamente dar o sujo. Ou era?

Iobad, enquanto isso, estava fechando sua sombrinha. E quando ela estava enrolada, Streeter observou um fato incrível e desanimador: ela não era amarela afinal.

Era cinza como o céu. O verão estava quase terminado.

— A maioria dos meus clientes fica perfeitamente satisfeita, perfeitamente feliz.

É isso o que você quer ouvir?

— Era... e não era.

— Eu sinto que você tem mais uma pergunta pertinente. — Iobad disse. — Se quiser uma resposta, pare de enrolar e pergunte. Vai chover, e eu quero estar coberto antes que aconteça. A última coisa de que eu preciso na minha idade é uma bronquite.

— Onde está seu carro?

— Oh, era essa a pergunta? — Iobad zombou abertamente. Suas bochechas estavam magras, nem um pouco rechonchudas, e seus olhos apareceram nos cantos, onde as partes brancas escureceram em um desagradável e—sim, era verdade— cancerígeno negro. Ele parecia o palhaço mais desagradável do mundo, com metade de sua maquiagem removida.

— Seus dentes. — Streeter disse estupidamente. — Eles têm *pontas*.

— Sua pergunta, Sr. Streeter!

— Tom Goodhugh vai ficar com câncer?

Iobad abriu a pouca por um instante, e então começou a rir. O som era

enferrujado, empoeirado e desagradável—como uma Calíope moribunda.

— Não, Dave. — ele disse. — Tom Goodhugh não vai ficar com câncer. Não *ele*.

— O quê, então? O quê?

O desprezo com que Iobad olhava fez os ossos de Streeter enfraquecerem—como se buracos houvessem sido feitos neles por algum indolor, mas terrível ácido corrosivo.

— Por que se importa? Você o odeia, você mesmo disse.

— Mas...

— Assista. Espere. *Aproveite*. E tome isto. — ele deu a Streeter um cartão.

Escrito nele estava O FUNDO DE DIREITO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, e um endereço de um banco nas Ilhas Cayman.

— O paraíso dos impostos. — Iobad disse. — Você vai mandar meus quinze por cento para lá. Se me tapear, eu saberei. E aí o infortúnio vai ser seu, rapaz.

— E se minha esposa e meus filhos fizerem perguntas?

— Sua esposa tem um caderninho pessoal de contas. Além disso, ela nunca olha para nada. Ela confia em você. Estou certo?

— Bem... — Streeter observou sem surpresa que os pingos de chuva que batiam nas mãos e braços de Iobad evaporavam e chiavam. — Sim.

— É claro que estou. Nosso negócio está feito. Dê o fora daqui e volte para sua esposa. Tenho certeza de que ela vai lhe receber de braços abertos. Leve-a para a cama.

Enfie seu pênis mortal nela e finja que ela é a esposa do seu melhor amigo. Você não a merece, mas teve sorte.

— E se eu quiser desistir? — Streeter sussurrou.

Iobad lhe mostrou um sorriso insensível que revelou um anel saliente de dentes canibais.

— Você não pode. — ele disse.

Isso foi em Agosto de 2001, menos de um mês antes da queda das Torres.

Em Dezembro (no mesmo dia Winona Ryder foi presa por furto em uma loja, na verdade), Dr. Roderick Henderson proclamou Dave Streeter um ser livre de câncer—e, em adição, um milagre de boa fé da era moderna.

— Eu não tenho explicação para isso. — Henderson disse.

Streeter tinha, mas ficou calado.

A consulta aconteceu no escritório de Henderson. No Derry Home Hospital, na sala de conferência onde Streeter tinha visto as imagens de seu corpo milagrosamente curado, Norma Goodhugh sentou na mesma cadeira onde Streeter havia sentado, olhando menos feliz para as imagens da ressonância magnética. Ela ouviu entorpecida enquanto seu médico dizia—o mais gentilmente possível—que a saliência em seu seio esquerdo era, de fato, câncer, e que havia se espalhado em seus gânglios linfáticos.

— A situação é ruim, mas não definitiva. — o médico disse, inclinando-se sobre a mesa para pegar a fria mão de Norma. Ele sorriu. — Vamos querer começar a quimioterapia em você imediatamente.

Em Junho do ano seguinte, Streeter finalmente ganhou sua promoção. May Streeter ingressou na Faculdade de Jornalismo de Columbia. Streeter e sua esposa tiraram longas férias havaianas para celebrar. Eles fizeram amor muitas vezes. No último dia em Maui, Tom Goodhugh ligara. A conexão estava péssima e ele mal conseguia falar, mas a mensagem foi captada: Norma havia morrido.

— Estaremos lá para você. — Streeter prometeu.

Quando ele contou as novas para Janet, ela caiu na cama do hotel, chorando com as mãos sobre o rosto. Streeter deitou-se ao seu lado, abraçou-a fortemente, e pensou: *Bem, estamos indo para casa, de qualquer forma*. E embora ele se sentisse mal por Norma (e meio que mal por Tom), houvera uma vantagem: eles haviam estado fora durante a época dos insetos, o que era uma droga em Derry.

Em Dezembro, Streeter mandou um cheque de pouco mais de quinze mil dólares para o Fundo de Direitos da Criança e do Adolescente. Ele contabilizou isso como uma dedução no retorno dos impostos.

Em 2003, Justin Streeter conseguiu entrar na Lista do Decano na Brown, e— para se divertir—inventou um jogo de vídeo game chamado Leve Fido Para Casa. O objetivo do jogo era levar seu cão pela coleira, do shopping, e evitar péssimos motoristas, objetos caindo de sacadas do décimo andar, um grupo de velhas doidas que se chamavam de Vovós Matadoras de Cãezinhos. Para Streeter isto soou como uma piada (e Justin lhe assegurou que a intenção *era* ser uma sátira), mas a Games, Inc. deu uma olhada e pagou ao seu bonito, e bem-humorado filho, sete mil e cinqüenta dólares pelos direitos. Mais os autorais. Jus comprou para seus pais duas Toyotas Pathfinders SUVs que combinavam, rosa para a senhora, azul para o cavalheiro. Janet chorou e o abraçou, dizendo que ele era bobo, impetuoso, generoso, e acima de tudo um garoto esplêndido. Streeter o levou para a Taverna do Roxie e lhe comprou uma Cerveja Spotted Hen.

Em Outubro, o colega de quarto de Carl Goodhugh, na Emerson, voltou da aula

para encontrar Carl caído no chão da cozinha do apartamento deles com o sanduíche de queijo derretido que ele estivera fazendo ainda fumegando na sanduicheira. Embora tivesse apenas vinte e dois anos de idade, Carl sofrera um ataque do coração. Os médicos que atenderam o caso apontaram um defeito congênito do coração—alguma coisa sobre uma parede arterial delgada—que não havia sido detectado. Carl não morreu; seu colega de quarto o achou bem a tempo e soube fazer reanimação cardiopulmonar. Mas ele sofreu por falta de oxigênio, e o brilhante, bonito, e fisicamente ágil jovem, que, não há muito havia feito uma viagem pela Europa com Justin Streeter, se transformara em uma sombra embaralhada de seu velho eu. Ele nem sempre ficava continente, ele se perdia se andasse por mais de um bloco ou dois longe de casa (ele voltou a morar com seu pai, ainda enlutado), e seu vocabulário se tornara um balbucio confuso que apenas Tom conseguia entender. Goodhugh contratou uma ama-seca para ele. A ama-seca administrou terapia física e conseguiu fazer Carl trocar de roupa. Ele também levou Carl para “passeios” bi-semanais. O “passeio” mais comum era para a sorveteria Pratos Cheios, onde Carl sempre ganhava um cone de pistache e o lambuzava todo na cara. Depois disso, a ama-seca o limpava, pacientemente, com uma toalha úmida.

Janet parou de ir com Streeter aos jantares na casa de Tom.

— Eu não agüento. — ela confessou. — Não é o modo como Carl se comporta, ou como às vezes ele faz xixi nas calças—é o seu olhar, como se ele se lembrasse de quem era, e não pudesse exatamente se lembrar de como ele chegara a isso agora. E...eu não sei... há sempre alguma coisa *esperançosa* em seu rosto que faz com que eu sinta que tudo na vida é uma piada.

Streeter sabia o que ela queria dizer, e constantemente considerava a idéia durante os jantares com seu velho amigo (sem Norma para cozinhar, agora é quase sempre comida de fora). Ele aproveitava assistir Tom alimentar seu filho debilitado, e ele aproveitou o olhar esperançoso no rosto de Carl. Aquele que dizia, “Isto é apenas um sonho que estou tendo, e logo vou acordar.” Jan estava certa, era uma piada, mas o tipo de uma bela piada.

Se você realmente pensasse sobre.

Em 2004, May Streeter ganhou um emprego no *Boston Globe* e se declarou a garota mais feliz em todo EUA. Justin Streeter criou Rock Na Casa, que seria um grande sucesso de vendas até que o lançamento de Guitar Hero, que o fez obsoleto. Na época, Jus criara um programa de computador para composição de música chamado “You Moog Me, Baby”. Streeter foi promovido a gerente da filial do seu banco, e havia rumores de um posto regional em seu futuro. Ele levou Janet para Cancún, e se divertiram bastante. Ela começou a chamá-lo de

“meu coelhinho fofo”.

O contador de Tom da Remoção e Reciclagem de Lixo havia desviado dois milhões de dólares e fugido. A análise contabilista subsequente revelou que o negócio estava em terreno trepidante; aquele contador velho e mau, estivera mordiscando por anos, ao que parecia.

Mordiscando? Streeter pensou, ao ler a história no *Derry News*. *Devorar seria mais apropriado.*

Tom já não mais parecia ter trinta e cinco; parecia ter sessenta. E ele deve ter sacado, porque parou de pintar o cabelo. Streeter ficou feliz em ver que ele não estava branco por baixo da cor artificial; o cabelo de Goodhugh era do apático cinza da sombrinha de Iobad, quando ele a havia enrolado. Era da cor do cabelo, Streeter havia decidido, dos velhos que você vê sentados nos bancos da praça alimentando os pombos.

Chame isso de Só Para Perdedores.

Em 2005, Jacob, o jogador de futebol, que havia ido trabalhar na companhia moribunda de seu pai, em vez de ir para a faculdade (o que ele poderia ter conseguido em uma bolsa escolar completa), conheceu uma garota e se casou. Uma pequena morena chamada Cammy Dorrington. Streeter e sua esposa concordaram que foi uma cerimônia linda, mesmo embora Carl Goodhugh tenha berrado, gorgolejado, e balbuciado o tempo todo, e mesmo embora a filha mais velha de Goodhugh—Gracie— tenha tropeçado no próprio vestido nos degraus da igreja enquanto ia embora, caído, e fraturado a perna em dois lugares. Antes disso acontecer, Tom Goodhugh parecera quase como seu velho eu. Feliz, em outras palavras. Streeter não amaldiçoou sua felicidade. Ele supôs que até mesmo no inferno, as pessoas ganhassem ocasionalmente um gole de água, só para que pudesse apreciar o horror total de uma sede não matada quando tudo começasse de novo.

O casal em lua de mel foi para Belize. *Aposto que chove o tempo todo*, Streeter pensou. Não chovia, mas Jacob passou a maior parte da semana em um hospital, sofrendo de uma violenta gastroenterite, cagando em fraldas de papel. Ele sempre bebera água engarrafada, mas então se esqueceu e escovou os dentes com a água da torneira.

“A porra da culpa é toda minha”, ele disse.

Mais de oitocentos soldados americanos morreram no Iraque. Má sorte para aqueles rapazes e moças.

Tom Goodhugh começou a sofrer de gota, desenvolveu uma coxeadura e

começou a usar uma bengala.

O cheque daquele ano para o Fundo de Direitos da Criança e do Adolescente teve um bom tamanho, mas Streeter não amaldiçoou. Era mais abençoado dar do que receber. Todas as melhores pessoas diziam isso.

Em 2006, a filha de Tom, Gracie, teve piorrêia e perdeu todos os dentes. Ela também perdeu o sentido do olfato. Uma noite, pouco tempo depois, no jantar semanal de Goodhugh e Streeter (estavam lá apenas os dois homens; a ama-seca de Carl o havia levado para um “passeio”), Tom Goodhugh quebrou-se em lágrimas. Ele havia abandonado as cervejas em favor de gim Bombay Safira, e ele estava muito bêbado.

— Eu não entendo o que está acontecendo comigo! — ele soluçou. — Eu me sinto... eu não sei... como o maldito *Jó*!

Streeter o abraçou e o confortou. Ele disse ao seu velho amigo que as nuvens sempre aparecia, mas cedo ou tarde elas sempre se dispersavam.

— Bem, estas nuvens estão por aqui por uma porrada de tempo! — Goodhugh chorou, e socou as costas de Streeter com um punho fechado. Streeter não se importou.

Seu velho amigo não era tão forte quanto costumava ser.

Charlie Sheen, Tori Spelling, e David Hasselhoff haviam se divorciado, mas em Derry, David e Janet Streeter celebravam suas bodas de pérola. Houve uma festa. No fim dela, Streeter levou sua esposa para fora. Ele havia arranjado fogos de artifício.

Todo mundo aplaudiu, exceto Carl Goodhugh. Ele tentou, mas sempre errava as mãos.

Finalmente, o antigo estudante da Emerson desistiu de bater palmas e apontou para o céu, berrando.

Em 2007, Kiefer Sutherland foi preso (não pela primeira vez) por dirigir alcoolizado, e o marido de Gracie Goodhugh Dickerson foi morto em um acidente de carro. Um motorista bêbado mudou para a contramão enquanto Andy Dickerson voltava para casa, do trabalho. A boa notícia foi que o motorista bêbado não era Kiefer Sutherland. A má notícia é que Gracie Dickerson estava grávida de quatro meses. Seu marido lhe deixara um seguro de vida para cobrir custos. Gracie se mudou para a casa de seu pai e de seu irmão Carl.

— Com a sorte deles, é capaz do bebê nascer deformado. — Streeter disse uma

noite enquanto ele e sua esposa estavam deitados na cama após fazerem amor.

— Silêncio! — Janet choramingou, chocada.

— Se você disser, não acontece. — Streeter explicou, e logo os dois coelhinhos fofos estavam adormecidos, um no braço do outro.

Naquele ano, o cheque do Fundo das Crianças foi de trinta mil dólares. Streeter o escreveu sem pestanejar.

O bebê de Gracie chegou em um dia de tempestade de neve de Fevereiro, em 2008. A boa notícia era que ele não era deformado. A má notícia é que ele nasceu morto. O maldito problema do coração da família. Gracie—sem dentes, sem marido, e sem poder sentir o cheiro de nada—rendeu-se à profunda depressão. Streeter pensou que isso demonstrava sua sanidade básica. Se ela houvesse saído por aí cantarolando “Don’t Worry, Be Happy”, ele teria aconselhado a Tom a esconder todos os objetos pontudos da casa.

Um avião levando dois membros da banda Blink-182 se acidentou. Má notícia, quatro pessoas morreram. Boas notícias, os roqueiros sobreviveram, só para variar...embora um deles morresse não muito tempo depois.

— Eu ofendi Deus. — Tom disse em um dos jantares que os dois homens agora chamavam de “noites de solteiro”. Streeter havia trazido espaguete da Cara Mama, e rapara o prato. Tom Goodhugh mal tocara no seu. No outro quarto, Gracie e Carl assistiam *American Idol*, Gracie em silêncio, o antigo estudante da Emerson berrando e babando. — Eu não sei como, mas ofendi.

— Não diga isso, pois não é verdade.

— Você não sane disso.

— Eu *sei*. — Streeter disse enfaticamente. — Isso é conversa de tolo.

— Se assim diz, amigo. — os olhos de Tom se encheram de lágrimas. Elas rolaram sobre suas bochechas. Uma chegou na linha de sua mandíbula barbada, parou lá por um momento, então pingou em seu espaguete não comido. — Graças a Deus por Jacob. *Ele* está bem. Trabalhando em uma estação de TV atualmente, e sua esposa trabalha no hospital Brigham & Women. Eles vêm May de vez em quando.

— Bom saber. — Streeter disse cordialmente, esperando que Jake não contaminasse sua filha, de algum modo, com sua companhia.

— E você ainda vem me ver. Eu entendo porque Jan não vem, e não a culpo, mas... eu fico ansioso por estas noites. Elas são como um elo com os velhos dias.

Sim, Streeter pensou, *os velhos dias quando você tinha tudo e eu tinha câncer.*

— Você sempre me terá. — ele disse, pegou uma das mãos levemente trêmulas de Goodhugh. — Amigos até o fim.

2008, mas que ano! Puta merda! A China foi anfitriã das Olimpíadas! Chris Brown e Rihanna se tornaram coelhinhos fofos! Os bancos entraram em colapso! O mercado de ações declinou! E em Novembro, a Agência de Proteção Ambiental fechou o Monte Trashmore, a última fonte de grana de Tom Goodhugh. O governo declarou que era de sua intenção levar o caso à justiça por causa da poluição dos lençóis de água, e depósito ilegal de resíduos hospitalares. O *Derry News* deu a entender que haveria até mesmo uma ação penal.

Streeter constantemente dirigia pelo Prolongamento da Avenida Harris às tardes, procurando por uma certa sombrinha amarela. Ele não queria negociar, apenas contar as novidades. Mas ele nunca viu a sombrinha ou seu dono. Ele ficou desapontado, mas não surpreso. Negociantes eram como tubarões; tinham que continuar se movendo, senão morreriam.

Ele escreveu um cheque e o mandou para o banco nas Caymans.

Em 2009, Chris Brown fez uma obra de arte na fuça de sua Coelhinha Fofa Número Um, depois do Grammy Awards, e algumas poucas semanas depois, Jacob Goodhugh, o ex-jogador de futebol, fez uma obra de arte na fuça de sua esposa Cammy, depois de Cammy ter encontrado uma calcinha feminina e meio grama de cocaína no bolso da jaqueta de Jacob. Caída no chão, chorando, ela o chamou de filho da puta.

Jacob respondeu enfiando um garfo de carne no abdômen dela. Ele se arrependeu na hora e ligou para o 911, mas o estrago já estava feito; ele a havia furado no estômago em dois lugares. Ele disse à polícia, mais tarde, de que não se lembrava de nada disso.

Ele havia tido um blecaute temporário, ele disse.

O advogado apontado pela corte era idiota demais para conseguir uma redução de pena. Jake Goodhugh apelou para o pai, que mal conseguia pagar suas próprias dívidas, quanto mais providenciar um talento caro de Boston para seu filho abusador de esposas. Goodhugh se virou para Streeter, que não deixou seu velho amigo formular uma dúzia de palavras em seu doloroso discurso ensaiado antes de dizer *pode apostar*.

Ele ainda se lembrava do modo como Jacob beijara a bochecha de seu velho. E também, ao pagar as contas legais, isso permitiu questionar ao advogado sobre o estado mental de Jake, que não era bom; ele estava atormentado pela culpa, e

profundamente deprimido. O advogado disse a Streeter que o rapaz provavelmente ganharia cinco anos, com alguma sorte três deles suspensos.

Quando ele sair; poderá ir para casa, Streeter pensou. Ele pode assistir American Idol com Gracie e Carl, se ainda estiver passando. Provavelmente estará.

— Eu tenho meu seguro. — Tom Goodhugh disse uma noite. Ele havia perdido muito peso, e suas roupas sobravam nele. Seus olhos estavam remelentos. Ele havia desenvolvido psoríase, e coçava incansavelmente seus braços, deixando longas marcas vermelhas em sua pele branca. — Eu me mataria se achasse que pudesse escapar fazendo parecer um acidente.

— Eu não quero escutar uma conversa como essa. — Streeter disse. — As coisas vão mudar.

Em Junho, Michael Jackson bateu as botas. Em Agosto, Carl Goodhugh foi e fez a mesma, engasgando até morrer com um pedaço de maçã. A ama-seca poderia ter feito a manobra de Heimlich e o salvado, mas a ama-seca havia ido embora após deixar de ser paga, dezesseis meses antes. Gracie ouviu Carl gorgolejar, mas disse que achou que “era apenas seus barulhos de merda de sempre”. A boa notícia era que Carl tinha seguro de vida. Apenas uma pequena apólice, mas o bastante para enterrá-lo.

Depois do funeral (Tom Goodhugh soluçou o tempo todo, segurando-se no apoio de seu velho amigo), Streeter teve um impulso generoso. Ele encontrou o endereço do estúdio de Kiefer Sutherland, e lhe mandou um exemplar do “Livro dos Alcoólicos Anônimos”. Ele provavelmente iria direto para o lixo, ele sabia (junto com outros incontáveis livros que os fãs haviam lhe mandado com o passar dos anos), mas nunca se sabe. Às vezes milagres aconteciam.



No começo de Setembro de 2009, em uma tarde quente de verão, Streeter e Janet dirigiram pela estrada que percorria a traseira do aeroporto de Derry. Ninguém fazia negócios na parte do lado de fora da cerca Cyclone, então ele estacionou seu belo Pathfinder azul lá, e colocou o braço ao redor da esposa, a quem ele amava mais profunda e completamente do que nunca. O sol estava se pondo em uma bola vermelha.

Ele se virou para Janet e viu que ela chorava. Ele levantou seu queixo em sua direção e solenemente beijou as lágrimas. Isso a fez sorrir.

— O que foi, querida?

— Eu estava pensando nos Goodhughs. Eu nunca vi uma família para ter tanta má sorte. *Má* sorte? — ela riu. — *Negra* sorte é mais apropriado.

— Nem eu. — ele disse. — Mas acontece o tempo todo. Uma das mulheres morta nos ataques de Mumbai estava grávida, sabia disso? Seu filho de dois anos sobreviveu, mas a criança foi espancada depois, e— Ela colocou dois dedos em seus lábios.

— Shh. Chega. A vida não é justa. Sabemos disso.

— Mas ela *é*! — Streeter falou seriamente. À luz do crepúsculo, seu rosto estava corado e saudável. — Apenas olhe para mim. Houve uma época quando você achou que eu nunca veria 2009, não é verdade?

— Sim, mas—

— E o casamento, ainda está forte como uma porta de carvalho. Ou estou enganado?

Ela balançou a cabeça. Ele não estava errado.

—Você começou como freelancer no *Derry News*, e *May está se saindo muito bem no Globe*, e nosso filho nerd é um senhor da mídia eletrônica aos vinte e cinco anos.

Ela começou a sorrir de novo. Streeter ficou feliz. Ele odiava vê-la triste.

— A vida *é* justa. Todos nós começamos com nove meses em uma caixa, e então os dados começam a rolar. Algumas pessoas ganham um belo resultado. Algumas pessoas, infelizmente, perdem. É assim que o mundo é.

Ela pôs os braços ao seu redor.

— Eu te amo, querido. Você sempre olha o lado bom das coisas.

Streeter deu de ombros modestamente.

— É a lei dos otimistas, qualquer bancário lhe diria isso. As coisas têm um modo de se equilibrarem no fim.

Vênus apareceu acima do aeroporto, brilhando contra o céu azul escuro.

— Deseje! — Streeter ordenou.

Janet riu e balançou a cabeça.

— O que eu desejaria? Eu tenho tudo o que quero.

— Eu também. — Streeter disse, e então, com seus olhos fixados firmemente em Vênus, ele desejou por mais.

UM BOM CASAMENTO



A coisa que ninguém perguntou em uma conversa casual, Darcy pensou dias após ela ter encontrado o que encontrou na garagem, foi isso: *Como vai seu casamento?*

Eles perguntaram *como foi seu fim de semana, e como foi sua viagem para a Florida, e como vai de saúde, e como vão as crianças*; eles até mesmo perguntaram *como a vida tem te tratado, querida?* Mas ninguém perguntou *como vai seu casamento?*

Bom, seria como ela teria respondido essa pergunta antes daquela noite. *Tudo está bem.*

Ela havia nascido Darcellen Madsen (Darcellen, um nome que apenas pais envaidecidos com um recém comprado livro de nomes de bebês poderiam amar), no ano em que John F. Kennedy foi eleito Presidente. Ela foi criada em Freeport, Maine, na época em que era uma cidade, ao invés de um acessório para L.L. Bean, a primeira superloja da América, e outra meia dúzia de grandes varejos do gênero, que são chamados de “atacadões” (como se fossem coliseus de gladiadores, ao invés de locações de lojas). Ela foi para o Colégio de Freeport, e então para a Faculdade de Administração de Addison, onde ela aprendeu as habilidades de secretária. Ela foi contratada pela Joe Ransome Chevrolet, que em 1984, quando ela deixou a companhia, era a maior concessionária de automóveis em Portland. Ela era singela, mas com a ajuda de duas amigas mais marginalmente sofisticadas, aprendeu o bastante sobre maquiagem para ficar bonita nos dias de trabalho e completamente percebível nas noites de Sexta e de Sábado, quando um grupo delas gostava de sair para tomar algumas margaritas n’O Farol, ou no Bar do Mike Mexicano (onde havia música ao vivo).

Em 1982, Joe Ransome contratou uma firma de contadores de Portland para ajudá-lo a desenrolar seu impasse com os impostos, que havia se tornado complicado (“O tipo de problema que você quer ter”, Darcy o ouviu dizer a um de seus vendedores veteranos). Um par de homens que seguravam maletas apareceu, um velho e um jovem.

Ambos usavam óculos e ternos conservativos; ambos haviam penteado seus cabelos curtos para longe de suas testas de um modo que fez Darcy pensar nas fotografias do livro do ano da formatura, “Álbum de Memórias de 54”, de sua mãe, aquele com a imagem, de um garoto líder de torcida segurando um megafone na boca, estampada na capa de couro falso.

O jovem contador era Bob Anderson. Ela começou a falar com ele no segundo dia na concessionária, e no curso da conversa, perguntou se ele tinha algum

passatempo.

Sim, ele disse, ele era numismata.

Ele começou a dizer a ela o que era isso e ela disse, “Eu sei. Meu pai colecionava moedas da Senhora Liberdade, e níqueis com cabeças de búfalo. Ele diz que elas são seu cavalinho de pau numismático. Você tem um cavalinho de pau, Sr.

Anderson?”

Ele tinha: moedas de um centavo de trigo

. Sua maior esperança era que ele algum dia cruzasse com uma de 1955 com dupla data, que era— Mas ela sabia disso também. A de 55 com dupla data era um engano. Um *valioso* engano.

O jovem Sr. Anderson, ele do cabelo denso e cuidadosamente penteado para trás, ficou encantado com a resposta. Ele pediu que ela o chamasse de Bob. Mais tarde, durante o almoço—que aconteceu em um banquinho à luz do sol, atrás da garagem de reparo de automóveis, atum com canteio para ele, e salada grega em uma tigela para ela—ele perguntou se ela gostaria de ir com ele no Sábado a uma feira de rua em Castle Rock. Ele havia acabado de alugar um novo apartamento, ele disse, e estava procurando por uma poltrona. E também uma TV, se alguém estivesse vendendo uma boa por um preço justo. *Uma boa por um preço justo* foi uma frase que ficaria confortavelmente familiar nos anos que viriam.

Ele era singelo como ela era, apenas outro cara por quem você passaria na rua sem perceber, e nunca teria maquiagem para ficar mais bonito... exceto que naquele dia no banco, ele tinha. Suas bochechas coraram quando ele a chamou para sair, apenas o bastante para acendê-lo um pouco e dar-lhe um brilho.

— Não vai comprar uma coleção de moedas? — ela provocou.

Ele sorriu, revelando dentes ímpares. Pequenos dentes, bem tratados, e brancos.

Nunca ocorreu a ela que o pensamento daqueles dentes pudesse fazê-la tremer—e por que ocorreria?

— Se eu visse uma bela coleção de moedas, é claro que eu olharia. — ele disse.

— Especialmente centavos de trigo? — provocando, mas só um pouco.

— Especialmente essas. Você gostaria de gozar este momento comigo, Darcy?

Ela gozou. E ela também gozou na noite de núpcias. Não constantemente depois disso, mas de vez em quando. Constante o bastante para ela se considerar normal e realizada.

Em 1986, Bob foi promovido. Ele também (com a ajuda e encorajamento de Darcy) começou um pequeno negócio de entrega a domicílio de moedas

colecionáveis americanas. Foi um sucesso desde o começo, e em 1990, ele adicionou figurinhas de beisebol, e souvenirs de filmes antigos. Ele não mantinha um estoque de cartazes, folhetos, ou cartões, mas quando as pessoas pediam tais itens, ele quase sempre as conseguia. Na verdade era Darcy quem as conseguia, usando seu arquivo rotativo lotado naqueles dias pré-computadores para ligar para os colecionadores espalhados pelo país.

O negócio nunca ficava grande demais para ocupar o tempo todo, e isso era bom.

Nenhum dos dois queria tal coisa. Eles concordaram com isso, como fizeram com a casa que eles eventualmente compraram em Pownal, e sobre os filhos quando veio o tempo de tê-los. Eles concordavam. Quando não concordavam, eles brigavam. Mas na maioria das vezes, eles concordavam. Eles se viam olho no olho.

Como vai seu casamento?

Estava bom. Um bom casamento. Donnie nasceu em 1986—ela saiu do emprego para tê-lo, e exceto por ajudar na Anderson Moedas & Colecionáveis nunca arranhou outro—e Petra nasceu em 1988. Até então, o cabelo castanho espesso de Bob Anderson estava ficando ralo no cocuruto, e em 2002, no ano em que o computador Macintosh de Darcy finalmente engoliu seu arquivo rotativo de uma vez, ele tinha um buraco brilhante no local. Ele experimentou vários penteados com o que sobrara, o que fez o ponto careca mais notável, na opinião dela. E ele a irritou ao tentar duas das fórmulas mágicas para crescimento, o tipo de coisa que era vendido por mercenários desonestos na TV à cabo pelas madrugadas (Bob Anderson se tornou um tipo de coruja noturna enquanto deslizava para a meia idade). Ele não havia lhe contado que o fizera, mas eles dividiam um quarto, e embora ela não fosse alta o bastante para ver a prateleira do topo do armário sem ajuda, ela às vezes usava um banquinho para separar suas “roupas de Sábado”, as camisas que ele usava para trabalhar no jardim. E lá estavam elas: uma garrafa de líquido no outono de 2004, um frasco de pequenas cápsulas verdes de gel um ano depois. Ela pesquisou os nomes na Internet, e eles não eram baratos. *É claro que a mágica nunca o é*, ela se lembrou de ter pensado.

Mas, irritada ou não, ela havia ficado em paz com as poções mágicas, e também com o Chevy Suburban usado que ele havia, por alguma razão, comprado no mesmo ano em que o preço da gasolina realmente começara a subir. Como ele também havia ficado, ela supôs (como ela *sabia*, na verdade), quando ela insistira em um bom acampamento de férias para as crianças, uma guitarra para Donnie (ele tocara por dois anos, tempo o bastante para ficar surpreendentemente bom, e então simplesmente parara), alugueis de cavalos para Petra. Um casamento de

sucesso era um ato de equilíbrio—isso era uma coisa que todo mundo sabia. Um casamento de sucesso também dependia de alta tolerância para irritação—isto era uma coisa que Darcy *sabia*.

Como a canção de Stevie Winwood dizia, você tinha que deixar rolar, querida.

Ela deixou rolar. E ele também.

Em 2004, Donnie foi para uma faculdade na Pensilvânia. Em 2006, Petra foi para a Colby, logo estrada acima na Waterville. Na época, Darcy Madsen Anderson tinha quarenta e seis anos de idade. Bob tinha quarenta e nove, e ainda era Lobinho com Stan Morin, um empreiteiro de construção que vivia oitocentos metros estrada abaixo.

Ela achou que seu marido meio careca parecia bem engraçado em seus shorts caqui, e longas meias marrons que usava na Escalada pela Vida Selvagem semanal, mas nunca disse isso. Seu buraco careca havia se espalhado bem; seus óculos haviam se tornado bifocais; seu peso havia aumentado de oitenta para cem. Ele havia se tornado sócio em uma firma de contadores—Benson e Bacon agora era Benson, Bacon & Anderson. Eles haviam trocado sua primeira casa em Pownal por uma mais cara em Yarmouth. Seus seios, anteriormente pequenos, firmes, e altos (sua melhor qualidade, ela sempre pensou; ela nunca quisera parecer uma garçonete peituda da Hooters) agora estavam largos, não tão firmes, e é claro que caíam quando ela tirava o sutiã à noite—o que mais você poderia esperar quando se estava próximo de atingir a marca de meio século?—mas constantemente Bob viria por trás dela e os agarraria. Constantemente havia o prazeroso interlúdio no quarto do andar de cima sobrepujando o pacífico pedaço de terra de dois acres deles, e se ele fosse rápido no gatilho demais deixando-a às vezes insatisfeita, às vezes não era sempre, restava a satisfação de ficar abraçada nele depois, sentindo seu corpo quente e masculino enquanto ele adormecia ao seu lado... essa satisfação nunca falhava. Era, ela supôs, a satisfação em saber que eles ainda estavam juntos quando tantos outros não estavam; a satisfação em saber que enquanto eles se aproximavam das Bodas de Prata, o curso seguia firme.

Em 2009, vinte cinco anos de estrada desde o “Aceito” deles na pequena igreja Batista que não mais existia (havia agora um estacionamento onde ela existira), Donnie e Petra fizeram uma festa surpresa para eles n’Os Vidoeiros em Castle View. Houve mais de cinquenta convidados, champagne (do bom), churrasco, e um bolo de quatro camadas. Os homenageados dançaram ao som de “Footloose”, do mesmo modo como haviam feito no casamento. Os convidados aplaudiram os requebrados de Bob, das quais ela havia esquecido até vê-los de novo, e sua execução lhe deu um frio na barriga.

Bem, deveria ter dado; ele havia cultivado uma pança para acompanhar o

embaraçoso ponto careca (embaraçoso para ele, pelo menos), mas ele ainda era extremamente ágil nos pés.

Mas tudo isso eram apenas histórias, coisas de obituários, e eles ainda eram jovens demais para pensar nelas. Isso ignorava a minúcia do casamento, e tais outros mistérios ordinários, ela acreditava (acreditava *firmemente*), eram as coisas que validavam uma relação. Como a vez em que ela havia comido um camarão estragado e vomitado a noite toda, sentada na ponta da cama com seu cabelo suado grudado na nuca, lágrimas rolando por suas bochechas coradas, e Bob ao seu lado, pacientemente segurando a bacia, e então a levando para o banheiro, onde ele a esvaziava e lavava após cada ejeção—para que o cheiro não a deixasse mais enjoada ainda, ele disse. Ele estivera esquentando o carro para levá-la à Sala de Emergência às seis horas da manhã seguinte quando a horrível náusea finalmente começara diminuir. Ele havia ligado para a B, B, & A para dizer que estava doente, também havia cancelado uma viagem para White River para que pudesse ficar com ela no caso do enjôo voltar.

Esse tipo de coisa funcionava em ambos os modos; era a lei do toma lá dá cá.

Ela havia sentado com ele na sala de espera do St. Stephen—em 94 ou 95, isso havia acontecido—esperando pelos resultados da biopsia depois que ele havia descoberto (no chuveiro) um suspeito calombo em sua axila esquerda. A biopsia tinha dado negativa. O diagnóstico foi um linfonodo infectado. O calombo permanecera por mais um mês, mais ou menos, e então se foi por conta própria.

A visão de uma revista de palavras cruzadas em seu colo apareceu através da porta do banheiro que estava meio aberta, enquanto ele sentava na privada. O cheiro da colônia em suas bochechas, o que significava que o Suburban logo sairia da garagem e ficaria fora por um ou dois dias, e seu lado da cama estaria vazio por uma ou duas noites porque ele tinha que concluir a conta de alguém em New Hampshire ou Vermont (B, B & A agora tinha clientes em todos os estados nortistas de New England). Às vezes o odor significava uma viagem para olhar uma coleção de moedas de alguém em uma feira de quintal, porque nem todas as compras e vendas numismáticas que aconteciam em seu negócio paralelo poderiam ser realizadas via computador, os dois entendiam isso. A visão de sua velha mala preta, aquela que ele nunca jogaria fora não importasse o quanto ela reclamasse, no hall de entrada. Seus chinelos na ponta da cama, um sempre enfiado no outro. O copo de água em sua mesa de cabeceira, com a pílula laranja de vitamina ao lado, e a edição mensal da *Moedas & Cédulas Colecionáveis*.

Como ele sempre dizia, “Melhor pra fora do que pra dentro”, depois de arrotar, e “Cuidado, ataque de gás!”, depois que ele peidava. Seu casaco estava no primeiro cabide do hall. O reflexo de sua escova dental no espelho (ele ainda usaria a mesma que tinha quando haviam se casado, Darcy acreditava, se ela não

trocasse regularmente). O modo como ele tocava os lábios com seu lenço depois de cada segunda ou terceira mordida na comida. O cuidadoso arranjo do equipamento para acampar (sempre incluindo uma bússola extra) antes que ele e Stan saíssem com outra turma de garotinhos de nove anos para escalar a Trilha do Morto—uma perigosa e aterrorizante trilha que os levava através das florestas atrás do Shopping Golden Grove, e saía na Cidade de Carros Usados do Weinberg. A aparência de suas unhas, sempre curtas e limpas. O gosto do chiclete em eu hálito quando se beijavam. Estas coisas e dezenas de milhares de outras abrangiam a secreta história do casamento.

Ela sabia que ele deveria ter sua própria história sobre ela, tudo, desde a pomada para lábios sabor de canela que ela usava durante o inverno, ao cheiro do xampu quando ele fungava em sua nuca (a fungada não acontecia muito agora, mas acontecia), ao clique de seu computador às duas da manhã nestas duas ou três noites por mês quando o sono, por alguma razão, dava um fora nela.

Agora se passara vinte e sete anos, ou—ela havia se divertido certo dia usando a calculadora do computador—nove mil oitocentos e cinquenta e cinco dias. Quase um quarto de um milhão de horas, e mais de catorze milhões de minutos. É claro que em parte desse tempo ele havia estado no trabalho, e ela havia feito algumas viagens (a mais triste delas sendo com seus pais em Mineápolis, depois que sua irmã mais nova, Brandolyn, morrera em um acidente bizarro), mas na maior parte do tempo eles estiveram juntos.

Ela sabia tudo sobre ele? É claro que não. Não mais do que ele sabia tudo sobre ela—como ela às vezes (na maioria das vezes em dias chuvosos, ou naquelas noites em que a insônia a abatia) devorava doces de amendoim, por exemplo, comendo as barrinhas de doces mesmo quando ela não as queria mais, até mesmo depois de ela ficar enjoada no estômago. Ou como ela achava que o novo carteiro era bonitinho. Não havia essa de saber tudo, mas ela sentia que depois de vinte e sete anos, eles sabiam todas as coisas importantes. Era um bom casamento, um dos cinquenta por cento, mais ou menos, que continuava a funcionar depois de uma longa caminhada. Ela acreditava nisso do mesmo jeito em que acreditava de modo inquestionável que a gravidade a prenderia ao chão quando ela andasse pela calçada.

Até aquela noite na garagem.

-2-

O controle da TV parou de funcionar, e não havia pilhas AA na prateleira da cozinha à esquerda da pia. Havia baterias D e baterias C, e até mesmo um pacote fechado de pequenas pilhas AAA, mas nenhuma maldita AA. Então ela foi à

garagem porque ela sabia que Bob mantinha um estoque de Duracells lá, foi o que bastou para mudar sua vida. Era como se alguém estivesse no ar, bem *alto* no ar. Um pisão em falso na direção errada e você cairia.

A cozinha e a garagem eram conectadas por uma passagem. Darcy atravessou apressadamente, agarrando o roupão contra si—dois dias antes seu excepcionalmente quente verão havia se quebrado, e agora parecia mais como Novembro do que Outubro.

O vento beliscou seus calcanhares. Ela provavelmente deveria ter colocado meias e um par de calças, mas *Dois Homens e Meio* iria começar em menos de cinco minutos, e a maldita TV estava presa na CNN. Se Bob estivesse lá, ela teria pedido para ele trocar de canal manualmente—havia botões para isso em algum lugar, provavelmente na traseira onde apenas um homem poderia encontrá-los—e então o mandaria pegar as pilhas. A garagem era o domínio dele na maior parte, afinal de contas. Ela ia lá apenas para tirar o carro, e isso só acontecia nos dias em que o clima estava ruim; de outro modo ela estacionava na frente da garagem. Mas Bob estava em Montpelier, avaliando uma coleção de moedas de prata da Segunda Guerra Mundial, e ela estava, ao menos temporariamente, no comando solo da casa dos Anderson.

Ela tateou pelo trio de interruptores ao lado da porta, e os levantou com o punho da mão. As lâmpadas fluorescentes acima acenderam. A garagem era espaçosa e arrumada, as ferramentas estavam penduradas no suporte de madeira e a bancada de Bob estava em ordem. O chão era de lajes de concreto cinza. Não havia manchas de óleo; Bob disse que manchas de olho no chão de uma garagem ou queria dizer que os donos estavam fazendo a garagem de lixeira, ou eram descuidados quanto à organização. O Prius de um ano que ele usava para suas viagens diárias a Portland estava lá; ele havia levado sua SUV dinossauro de alta quilometragem para Vermont. O Volvo dela estava estacionado do lado de fora.

— É mais fácil guardar o carro. — ele havia dito em mais de uma ocasião (quando se está casado por vinte e sete anos, comentários originais são bem raros). — Simplesmente use o abridor do portão no visor.

— Eu gosto de poder vê-lo onde está. — ela sempre respondia, embora a verdadeira razão fosse seu medo de acertar o portão da garagem enquanto estivesse dando ré. E ela supôs que ele sabia disso... como ela sabia que ele tinha um fetiche particular por guardas as notas de dinheiro com a cara virada para frente, e nunca deixaria um livro com a cara virada para baixo e aberto, quando pausava sua leitura— porque, ele dizia, quebrava a lombada.

Pelo menos a garagem estava aquecida; grandes canos prateados (provavelmente se chamavam dutos, mas Darcy não tinha certeza) entrecruzavam no teto. Ela andou até a bancada, onde várias latas quadradas estavam

enfileiradas, cada uma delas com rotulada: PARAFUSOS, PORCAS, FERROLHOS, DOBRADIÇAS & GRAMPOS, CANOS, e—ela achou isso bem adorável—MISCELÂNEA. Havia um calendário na parede mostrando uma garota de maiô da *Sports Illustrated* que parecia deprimentemente jovem e sensual; à esquerda do calendário duas fotos haviam sido pregadas. Uma era uma velha imagem de Donnie e Petra no campo da Pequena Liga de Yarmouth, vestidos com o uniforme dos Boston Red Sox. Abaixo disso, feito com marca texto, Bob havia escrito O TIME DA CASA, 1999. A outra, bem mais nova, mostrava uma linda e crescida Petra ao lado de Michael, seu noivo, em frente de um restaurante de crustáceos em Old Orchard Beach abraçando um ao outro. A legenda feita com o marcador de texto dizia nesta O CASAL FELIZ!

A prateleira das pilhas estava marcada por um rótulo de fita Dymo que dizia COISAS ELÉTRICAS e estava montada à esquerda das fotos. Darcy se moveu naquela direção sem olhar para onde ia—confiando na organização quase maníaca de Bob—e tropeçou em uma caixa de papelão que não havia sido empurrada completamente para baixo da bancada. Ela cambaleou, então se agarrou à bancada possivelmente no último segundo. Ela quebrou uma unha—doloroso e irritante—mas salvou-se de uma queda potencialmente feia, o que era bom. *Muito* bom, considerando que não havia ninguém na casa para ligar para o 911, se ela houvesse quebrado a cabeça no chão—sem manchas e limpo, mas extremamente duro.

Ela poderia simplesmente ter empurrado a caixa de volta para baixo com o lado do pé—mais tarde ela perceberia isso e ponderaria cuidadosamente, como um matemático resolvendo uma equação obscura e complicada. Ela estava com pressa, afinal de contas. Mas ela viu um catálogo de costura das Patternworks no topo da caixa, ela se abaixou para pegá-lo e levá-lo com as pilhas. Quando o levantou, havia um catálogo da Brookstone que ela havia colocado embaixo por engano. E abaixo dele o da Paula Young... Talbots... Forzieri... Bloomingdale's.

— Bob! — ela berrou, só que saiu em duas sílabas exasperadas (do modo que acontecia quando ele sujava o chão de lama ou deixava sua toalha úmida no chão do banheiro, como se eles estivessem em um hotel chique com serviço de camareira), não *Bob*, mas *BOH-ub*! Porque, sério, ela conseguia lê-lo como um livro. Ele achou que ela havia comprado coisas demais pelo catálogo, uma vez fora tão longe ao ponto de declarar que ela estava viciada neles (o que era ridículo, era por doces de amendoim que ela era viciada). Aquela pequena análise psicológica lhe recompensara com dois dias de gelo. Mas ele sabia como a mente dela funcionava, e que com coisas que não eram absolutamente vitais, ela era a garota despreocupada original. Então ele havia recolhido todos os catálogos dela, o safado, e os guardara lá. Provavelmente a próxima parada teria sido a lixeira de

reciclagem.

Danskin... Express... Computer Outlet... *Macworld*... Monkey Ward... Layla Grace...

Quanto mais fundo ela ia, mais exasperada ela ficava. Você poderia pensar que eles estavam cambaleando no limite da bancarrota por causa de seus métodos gastadores, o que era totalmente besteira. Ela havia esquecido tudo sobre *Dois Homens e Meio*; ela já estava selecionando os palavrões que ela pretendia jogar em cima de Bob quando ele ligasse de Montpelier (ele sempre ligava depois de jantar e voltar ao hotel).

Mas primeiro, ela pretendia levar aqueles catálogos de volta para dentro da maldita casa, o que levaria três ou possivelmente quatro viagens, porque a pilha era de pelo menos sessenta centímetros, e aqueles gordurosos catálogos eram *pesados*. De fato não era de se admirar que ela houvesse tropeçado na caixa.

Morte por catálogos, ela pensou. *Agora, esse teria sido um jeito irônico de m—* O pensamento se partiu como um galho seco. Ela estava folheando enquanto pensava, descendo a um quarto da pilha, e abaixo de Gooseperry Patch (decoração *country*), ela chegou a uma coisa que não era um catálogo. Não, não era um catálogo mesmo. Era uma revista chamada *Putas Sodomizadas*. Ela quase não a tirou, e provavelmente não teria se tivesse topado com ela dentro de uma das gavetas dele, ou naquela alta prateleira com os produtos de crescimento capilar mágicos. Mas achá-la lá, enfiada em uma pilha do que seriam pelo menos duzentos catálogos... *seus catálogos*...

havia alguma coisa sobre isso que ia além da vergonha que um homem poderia sentir sobre uma tara sexual.

A mulher na capa estava amarrada a uma cadeira e nua, exceto por um capuz preto, mas o capuz apenas cobria a metade superior de seu rosto, e você podia ver que ela estava gritando. Ela estava amarrada com cordas fortes que apertavam seus seios e sua barriga. Havia sangue falso em seu queixo, pescoço, e braços. No fundo da página, em uma caligrafia amarelo berrante, estava esteve convite desagradável: A PUTA MÁ DA BRENDA PEDIU POR ISSO, E VAI RECEBER NA PÁGINA 49!

Darcy não tinha intenção de abrir a página 49, ou qualquer outra página. Ela já estava explicando a si mesma o que isso era: *uma investigação masculina*. Ela sabia sobre as investigações masculinas de um artigo da *Cosmo* que ela havia lido no escritório do dentista. Uma mulher havia escrito para um dos vários conselheiros da revista (esta uma psiquiatra da equipe que era especializada no constante e misterioso sexo desafiante) sobre encontrar algumas revistas gays na maleta do marido. Coisa muito explícita, a escritora da carta dissera, e agora ela

estava preocupada que seu marido pudesse estar saindo do armário. Embora se estivesse, ela continuou, ele certamente estava escondendo bem na cama.

Não era para se preocupar, a conselheira disse. Homens eram aventureiros por natureza, e muitos deles gostavam de investigar o comportamento sexual que era tanto alternativo—sexo gay sendo o número um nesse sentido, com sexo grupal chegando bem perto—ou fetichista: esportes aquáticos, travestis, sexo em público, látex. E, é claro, sodomia. Ela havia adicionado que algumas mulheres também eram fascinadas pela sodomia, o que havia intrigado Darcy, mas que ela seria a primeira a admitir que não sabia de tudo.

Investigação masculina, era só isso. Ele podia ter visto a revista em alguma banca de jornal em algum lugar (embora quando Darcy tentasse imaginar aquela capa em particular em uma banca de jornal, sua mente falhava), e havia ficado curioso. Ou talvez ele a tivesse pescado de uma lata de lixo em uma loja de conveniências. Ele a havia levado para casa, folheado na garagem, tinha ficado tão estarecido quanto ela (o sangue no corpo da modelo era obviamente falso, mas o grito parecia real demais), e a enfiado nesta gigante pilha de catálogos para reciclagem, para que ela não topasse com ela e lhe desse uma bronca. Era apenas isso, uma experiência. Se ela continuasse a olhar através dos catálogos, ela não encontraria nada de mais. Talvez algumas *Penthouses* e revistas de lingerie—ela sabia que a maioria dos homens gostava de seda e elástico, e Bob não era exceção no assunto—mas nada mais do gênero de *Putas Sodomizadas*.

Ela olhou para a capa novamente, e percebeu uma coisa estranha: não havia preço nela. Nem código de barras, tampouco. Ela checou a capa traseira, curiosa sobre o quanto tal revista poderia custar, e estremeceu ao ver a foto que havia lá: uma loira nua presa no que parecia uma mesa de aço de uma sala de operações. Entretanto a expressão de terror desta parecia tão real quanto uma nota de três dólares, o que era meio consolador. E o homem corpulento que estava próximo a ela com o que parecia ser uma faca Ginsu parecia simplesmente ridículo com seus braceletes e cueca de couro— parecia mais um contador do que alguém que estava para dilacerar a Puta Sodomizada do dia.

Bob é um contador, sua mente notou.

Um pensamento estúpido lançado da gigantesca Zona de Estupidez em seu cérebro. Ela o afastou como afastou a revista notavelmente desagradável de volta para a pilha de catálogos depois de se certificar de que não havia preço ou código de barras na traseira, tampouco. Enquanto ela enfiava a caixa de papelão para debaixo da bancada— ela havia mudado de idéia quanto a levar os catálogos de volta para dentro da casa—a resposta do mistério da revista sem preço/sem código de barras veio a ela. Era uma daquelas revistas que eles vendiam com um invólucro de plástico, com todas as partes sexuais cobertas. O preço e o código

estiveram no invólucro, é claro que era isso, o que mais poderia ser? Ele teria que ter comprado a maldita coisa em algum lugar, assumindo que ele não a havia pescado de algum lixo.

Talvez ele a tenha comprado pela Internet. Provavelmente há sites especializados nesse tipo de coisa. Sem mencionar jovens mulheres vestidas para parecerem ter doze anos.

— Que se dane. — ela disse, e assentiu com convicção. Isto era um negócio fechado, uma carta morta, uma discussão encerrada. Se ela mencionasse isso pelo telefone quando ele ligasse mais tarde, ou quando voltasse para casa, ele ficaria envergonhado e na defensiva. E ele provavelmente a chamaria de inocente sexual, o que supostamente ela era, e a acusaria de exagerar, o que ela estava determinada a não fazer.

O que ela estava determinada a fazer era deixar rolar, querida. Um casamento era como uma casa sob constante reforma, a cada ano vendo a finalização de novos quartos. O casamento de um ano era como uma cabana; um que durara vinte e sete anos era uma grande e irregular mansão. Haveria rachaduras e espaços vazios, a maioria deles empoeirados e abandonadas, alguns contendo algumas relíquias desagradáveis que você desviaria no momento em que as viesse. Mas isso não era grande coisa. Ou você jogava fora essas relíquias, ou as aceitava de boa vontade.

Ela gostou deste pensamento (que possuía uma sensação conclusiva) tanto que disse em voz alta: “Não é grande coisa”. E para provar, ela deu na caixa de papelão um empurrão com as duas mãos, mandando-a direto contra a parede.

Onde aconteceu um baque surdo. O que era isso?

Eu não quero saber, ela disse a si mesma, e tinha total certeza de que o pensamento não viera da Zona de Estupidez, mas de uma mais inteligente. Estava bem enfiado sob a bancada, e poderia haver ratos. Mesmo uma garagem bem cuidada como esta poderia ter ratos, especialmente quando o clima frio chegava, e um rato assustado poderia morder.

Darcy ficou de pé, limpou os joelhos do roupão, e saiu da garagem. Na metade do caminho da passagem que ligava a garagem à cozinha, ela ouviu o telefone começar a chamar.

-3-

Ela havia voltado para a cozinha antes que a secretária eletrônica fosse ativada, mas ela esperou. Se fosse Bob, ela deixaria que a secretária atendesse. Ela não queria falar com ele neste minuto. Ele poderia ouvir alguma coisa na voz dela.

Ele pensaria que ela havia ido à loja da esquina, ou talvez à locadora e ligaria de volta em uma hora.

Em uma hora, depois de sua descoberta desagradável ter uma chance de ser entendida um pouco, ela estaria bem, e eles poderiam ter uma conversa agradável.

Mas não era Bob, era Donnie.

— Oh, droga, eu realmente queria falar com vocês.

Ela pegou o telefone, se inclinou contra o balcão, e disse: — Então fale. Eu estava voltando da garagem.

Donnie estava borbulhante de novidades. Ele estava vivendo em Cleveland, Ohio, agora, e depois de dois anos trabalhando duro para ingratos em um nível restrito da maior firma de anúncios da cidade, ele e seu amigo finalmente haviam decidido chutar o balde. Bob havia opinado constantemente contra isso, dizendo a Donnie que ele e seu parceiro nunca conseguiriam o empréstimo inicial de que precisavam para atravessar o primeiro ano.

— Acorde. — ele dissera depois de Darcy ter entregado o telefone a ele. Isso acontecera no começo da primavera, com os últimos resquícios de neve ainda à espreita abaixo das árvores e arbustos do quintal. — Você tem vinte e quatro anos, Donnie, e seu amigo Ken também. Vocês dois nem conseguirão manter o seguro contra colisão de seus carros por mais um ano, é um fato. Nenhum banco vai dar um primeiro empréstimo de setenta mil dólares, especialmente com a economia do jeito que está.

Mas eles *havam* conseguido o empréstimo, e haviam aparecido dois grandes clientes, ambos no mesmo dia. Um era um negociador de carros procurando uma aproximação fresca que atrairia clientes sedentos para comprar. O outro era o próprio banco que havia dado à Anderson & Hayward seu empréstimo inicial. Darcy gritou de alegria, e Donnie gritou de volta. Eles falaram por mais ou menos vinte minutos. Uma vez durante a conversa eles foram interrompidos por um bipe duplo de uma chamada.

— Você vai atender? — Donnie perguntou.

— Não, é apenas seu pai. Ele está em Montpelier, olhando uma coleção de moedas de prata. Ele vai ligar de volta antes de se deitar.

— Como ele está?

Bem, ela pensou, desenvolvendo novos interesses.

— Ereto e vivo. — ela disse. Essa era uma das favoritas de Bob, e fazia Donnie rir. Ela adorava ouvi-lo rir.

— E Pets?

— Ligue para ela e descubra, Donald.

— Eu vou, eu vou. Eu sempre ligo. Enquanto isso, resuma para mim.

— Ela está ótima. Cheia de planos de casamento.

— Você pensaria que é nessa semana em vez de Junho que vem.

— Donnie, se você não fizer um esforço para entender as mulheres, você nunca vai se casar.

— Não estou com pressa, estou me divertindo demais.

— Contanto que você se divirta com cuidado.

— Eu sou muito cuidadoso e muito educado. Eu tenho que ir, mãe. Vou encontrar Ken para beber em meia hora. Vamos começar a desenrolar essa coisa do carro.

Ela quase lhe disse para não beber demais, então se conteve. Ele ainda poderia parecer um garotinho de colégio, e em sua memória mais clara dele, ele tinha cinco anos e estava de macacão, empurrando sua lambreta incansavelmente pelos caminhos de concreto do Parque Joshua Chamberlain em Pownal, mas ele já não era mais nenhum desses meninos. Ele era um rapaz jovem, e também, improvável como parecia, um jovem empresário a caminho de conquistar o mundo.

— Certo. — ela disse. — Obrigada por ligar, Donnie, foi divertido.

— Idem. Dá um oi para o velho quando ele ligar, e diga que eu o amo.

— Direi.

— Ereto e vivo. — Donnie disse, relinchou. — Para quantos Lobinhos ele ensinou essa.

— Todos eles. — Darcy abriu o refrigerador para ver se havia alguma chance de ter um doce de amendoim lá, frio e esperando por ela com intenções amorosas. Não havia. — É assustador.

— Te amo, mãe.

— Também te amo.

Ela desligou, sentindo-se bem novamente. Sorrindo. Mas enquanto estava lá, encostada contra o balcão, o sorriso desapareceu.

Um baque surdo.

Ela havia escutado um baque surdo quando empurrara a caixa de catálogos para debaixo da bancada. Não uma pancada metálica como se ela houvesse batido em alguma ferramenta, mas um *baque surdo*. Uma espécie de som oco.

Eu não me importo.

Infelizmente, isto não era verdade. O baque surdo provocou a sensação de um negócio inacabado. A caixa também. *Havia* outras revistas como *Putas Sodomizadas* enfiadas lá?

Eu não quero saber.

Certo, certo, mas talvez ela devesse descobrir do mesmo jeito. Porque se houvesse apenas uma, ela estaria certa sobre ser apenas uma curiosidade sexual que houvera sido satisfeita com uma única espiada para dentro de um mundo repugnante (e *desequilibrado*, ela adicionou para si mesma). Se houvessem mais, ainda assim poderia estar tudo bem—ele estava jogando todas elas fora, afinal de contas—mas talvez ela devesse saber.

Principalmente... aquele baque surdo. Permanecia em sua mente mais do que as perguntas sobre as revistas.

Ela pegou a lanterna na despensa e voltou para a garagem. Ela apertou a lapela de seu roupão imediatamente e desejou que houvesse colocado uma jaqueta. Estava ficando realmente frio.

-4-

Darcy se ajoelhou, afastou a caixa de catálogos para um lado, e iluminou o local sob a bancada. Por um momento ela não entendeu o que estava vendo: duas linhas de escuridão interrompendo o suave rodapé, uma ligeiramente mais grossa do que a outra.

Então um fio de inquietação se formou no meio do seu corpo, se estendendo do seu externo até o fundo da barriga. Era um esconderijo.

Deixe isso para lá, Darcy. É assunto dele, e pela sua própria paz de mente você deveria deixar as coisas como estão.

Belo conselho, mas ela havia chegado longe demais para tomá-lo. Ela engatinhou sob a bancada com a lanterna na mão, preparando-se para a floresta de teias de aranhas, mas não havia nenhuma. Se ela era a garota despreocupada original, então seu marido careca, colecionador de moedas, e Lobinho era o garoto limpinho original.

E também, ele mesmo já engatinhou por aqui, então não haveria chances de teias de aranhas se formarem.

Isso era verdade? Ela não sabia realmente, sabia?

Mas ela achou que sabia.

As fendas estavam a uma distância de vinte centímetros do rodapé que parecia

ter uma cavilha no meio, ou coisa assim, para que pudesse girar. Ela havia enfiado a caixa com força o bastante para abri-lo, mas isso não explicava o baque surdo. Ela empurrou um lado do rodapé. Um lado saiu enquanto o outro afundou, revelando um buraco de vinte centímetros extensão, trinta de altura, e talvez quarenta e cinco de profundidade. Ela achou que descobriria mais revistas, possivelmente enroladas, mas não havia revistas. Havia uma pequena caixa de madeira, uma que ela teve certeza de reconhecer. Era a caixa que havia produzido o som oco. Ela estivera logo atrás do rodapé, e ao fazê-lo girar, ele havia batido nela.

Ela estendeu o braço, agarrou a caixa, e—com uma sensação de receio tão forte que quase possuía textura—a puxou. Era a pequena caixa de carvalho que ela havia lhe dado no Natal cinco anos antes, talvez mais. Ou havia sido no aniversário dele? Ela não se lembrava, apenas que havia sido uma boa compra em uma loja de ofício em Castle Rock. Entalhada à mão no topo, em baixo relevo, estava uma corrente. Abaixo da corrente, também em baixo relevo, estava o propósito escrito da caixa: *ABOTOADURAS*. Bob tinha uma coleção desorganizada de abotoaduras, e embora ele favorecesse as camisas abotoadas para trabalhar, algumas de suas jóias de pulso eram muito bonitas. Ela se lembrou de pensar que a caixa o ajudaria a mantê-las organizadas.

Darcy sabia que a havia visto em cima da cômoda do lado dele do quarto por um tempo depois que o presente havia sido desembulhado e exclamado, mas ela não conseguia se lembrar de tê-la visto depois. É claro que não tinha. Estava aqui fora, no esconderijo sob sua bancada, e ela teria apostado a casa e o lote (outro dos ditados dele) que se ela a abrisse, não seriam abotoaduras que ela encontraria em seu interior.

Então não olhe

Outro belo conselho, mas agora ela havia chegado *muito* mais longe para tomá-lo. Sentindo-se como uma mulher que havia perambulado dentro de um cassino e que por alguma razão louca havia apostado todas as economias de sua vida em uma única virada de uma única carta, ela abriu a caixa.

Faça com que esteja fazendo. Por favor, Deus, se você me ama, faça com que esteja vazia.

Mas não estava. Havia três retângulos de plástico dentro, presos com um elástico. Ela pegou o embrulho, usando a ponta dos dedos—como uma mulher pega um trapo rejeitado temendo que contenha germes e sujeira. Darcy tirou o elástico.

Não era cartões de crédito, o que havia sido sua primeira impressão. A primeira era um cartão de doador da Cruz Vermelho que pertencia a alguém chamada

Marjorie Duvall. Seu tipo era A positivo, sua região era New England. Darcy virou o cartão e viu que Marjorie—quem quer que ela fosse—havia doado sangue pela última vez no dia 16 de Agosto de 2010. Três meses atrás.

Quem diabos era Marjorie Duvall? Como Bob a conhecia? E por que o nome parecia fraca, mas claramente, lhe lembrar alguma coisa?

O seguinte era o cartão da Biblioteca de Marjorie Duvall em North Conway, e tinha um endereço: Honey Lane, 17, South Gansett, New Hampshire.

A última peça de plástico era a carteira de motorista de Marjorie Duvall de New Hampshire. Ela parecia uma mulher americana perfeitamente comum no meio de seus trinta anos, não muito bonita (embora ninguém o parecesse nas fotografias da carteira de motorista), mas apresentável. Cabelo loiro escuro afastado do rosto, ou feito de coque, ou de rabo de cavalo; na foto você não conseguia distinguir. Data de nascimento, 6 de Janeiro de 1974. O endereço era o mesmo do cartão da biblioteca.

Darcy percebeu que estava produzindo um som miado e desolado. Era horrível ouvir um som como esse sair da própria garganta, mas ela não conseguia parar. E seu estômago havia sido substituído por uma bola de chumbo. Estavam puxando todas as suas entranhas para baixo, esticando-as e fazendo-as adquirir novas e desagradáveis formas. Ela havia visto o rosto de Marjorie Duvall no jornal. E também no noticiário das seis horas.

Com as mãos insensíveis, ela colocou o elástico de volta nos cartões, os colocou de volta na caixa, então colocou a caixa de volta no buraco-esconderijo. Ela estava se preparando para fechá-lo novamente, quando se ouviu dizer, “Não, não, não, isso não está certo. Não pode ser.”

Era essa a voz da Esperta Darcy ou da Estúpida Darcy? Era difícil saber. Tudo o que ela sabia com certeza era que a Estúpida Darcy havia sido aquela quem havia abria a caixa. E graças à Estúpida Darcy, ela estava em caído.

Pegando a caixa de volta. Pensando, *é um engano, tem que ser, estivemos casados pela metade de nossas vidas, eu saberia, eu saberia.* Abrindo a caixa.

Pensando, *Há alguém que conheça realmente outra pessoa?*

Antes daquela noite ela certamente teria pensado que sim.

A carteira de motorista de Marjorie Duvall agora estava no topo da pilha. Antes, estivera no fundo. Darcy a colocou lá. Mas qual das duas outras estivera no topo, o da Cruz Vermelha ou o da biblioteca? Era simples, *tinha* que ser simples quando só havia duas opções, mas ela estava nervosa demais para se lembrar. Ela colocou o cartão da biblioteca no topo e soube imediatamente que estava errada, porque a primeira coisa que ela havia visto quando abria a caixa foi um reflexo

vermelho, vermelho como sangue, é claro que o cartão de um doador de sangue seria vermelho, e isso havia estado no topo.

Ela o colocou lá, e enquanto ia colocando o elástico de volta ao redor da coleção de plástico, o telefone na casa começou a tocar novamente. Era ele. Era Bob, ligando de Vermont, e quando ela estivesse na cozinha para atender o chamado, ela ouviria sua doce voz (uma voz que ela conhecia tão bem quanto a própria) perguntando, *Ei, querida, como você está?*

Seus dedos estremeceram, e o elástico arrebentou. Voou longe, e ela berrou, se de frustração ou de medo, ela não sabia. Mas, sério, por que ela teria medo? Vinte e sete anos de casamento e ele nunca havia posto as mãos nela, exceto para fazer carinho.

Apenas em algumas ocasiões ele havia levantado a voz para ela.

O telefone tocou de novo... de novo... e então parou na metade de um toque.

Agora ele iria deixar uma mensagem. *Desencontrei você de novo! Droga! Ligue para mim para que eu não fique preocupado, certo? O número é...*

Ele adicionou o número de seu quarto também. Ele não arriscava nada, não tomava nada como garantido.

O que ela estava pensando não podia ser absolutamente verdade. Era como uma daquelas desilusões monstruosas que às vezes surgia de uma poça de lama no fundo da mente de uma pessoa, cintilando sua horrível plausibilidade: que a indigestão ácida era o prólogo para um ataque do coração, a dor de cabeça para um tumor cerebral, e que o fato de Petra ter falhado em ligar na noite de Domingo significava que ela estivera em um acidente de carro e agora jazia em coma em algum hospital. Mas estas desilusões normalmente apareciam às quatro da manhã, quando a insônia estava no comando. Não às oito da noite... e onde estava aquele maldito elástico?

Ela o achou finalmente, repousando atrás da caixa de catálogos para qual ela nunca mais iria querer olhar novamente. Ela o colocou no bolso, começou a se levantar para procurar outro sem se lembrar de onde estava, e bateu a cabeça no teto da mesa, Darcy começou a chorar.

Não havia elásticos em nenhuma das gavetas da bancada, e isso a fez chorar ainda mais. Ela voltou pela passagem, com as terríveis e inexplicáveis carteiras de identidade em seu bolso do roupão, e pegou um elástico da gaveta da cozinha onde ela mantinha todo o tipo de porcaria semi-útil: cliques de papel, arames para fechar sacos, ímãs de geladeira que haviam perdido grande parte do magnetismo. Um deles dizia DARCY É DEMAIS, e havia sido um presente de Bob.

No balcão, a luz em cima do telefone piscava firmemente, dizendo *mensagem*,

mensagem, mensagem.

Ela voltou correndo para a garagem sem segurar a lapela do roupão. Ela já não mais sentia frio exterior, porque o que estava em seu interior era bem maior. E então havia a bola de chumbo puxando suas tripas. Alongando-as. Ela estava vagamente cônica de que precisava muito evacuar.

Esqueça. Segure. Finja que você está em uma via e que a próxima área de descanso está a trinta e cinco quilômetros de distância. Acabe com isso. Devolva tudo do jeito que estava. Então você poderá— Então ela poderia o quê? Esquecer?

Até parece.

Ela prendeu os cartões com o elástico, percebeu que a carteira de motorista havia voltado para o topo, de alguma forma, e chamou a si mesma de puta estúpida... um perjorativo pela qual ela teria estapeado a cara de Bob, se ele a tivesse tentado chamá-la assim alguma vez. Não que ele tenha.

— Uma puta estúpida, mas não uma puta sodomizada. — ela murmurou, e uma câimbra cortou sua barriga. Ela ficou de joelhos e ficou parada assim, esperando que passasse. Se houvesse um banheiro aqui fora ela teria corrido para ele, mas não havia.

Quando a câimbra passou—relutantemente—ela arrumou os cartões no que ela tinha certeza de que era a ordem certa (doador de sangue, biblioteca, carteira de motorista), então os colocou de volta na caixa de *ABOTOADURAS*. Caixa de volta no buraco.

Girando pedaço do rodapé e fechando-o firmemente. Caixa de catálogos de volta onde estivera antes dela tropeçar nela: ligeiramente tortas. Ele nunca saberia a diferença.

Mas ela tinha certeza disso? Se ele fosse o que ela estava pensando—era monstruoso que tal coisa pudesse sequer vir à sua mente, quando tudo o que ela queria a meia hora atrás era pilhas novas para o maldito controle remoto—se ele *fosse*, então ele houvera sido cuidadoso por muito tempo. E ele *era* cuidadoso, ele era organizado, ele era o garoto limpinho original, mas se ele fosse o que aqueles malditos (não, *desgraçados*) cartões de plástico pareciam sugerir, então ele deveria ter sido *sobrenaturalmente* cuidadoso. Sobrenaturalmente atento. Esguio.

Era uma palavra em que ela nunca havia pensado conectar com Bob até aquela noite.

— Não. — ela disse para a garagem. Ela estava suando, seu cabelo estava grudado em seu rosto, em feias espiguetas, ela estava com cólicas, e suas mãos lembravam a daqueles que tem mal de Parkinson, mas sua voz estava

estranhamente calma, estranhamente serena. — Não, ele não é. É um engano. *Meu marido não é Bedê.*

Ela voltou para dentro da casa.

-5-

Ela decidiu fazer chá. Chá era um calmante. Ela estava enchendo a chaleira quando o telefone tocou de novo. Ela largou a chaleira na pia—o som da pancada a fez soltar um gritinho—então foi até o telefone, enxugando as mãos no roupão.

Calma, calma, ela disse a si mesma. *Se ele pode guardar um segredo, então eu também posso. Lembre-se de que há uma explicação racional para tudo isto—* Oh, sério?

— e eu simplesmente não sei qual é. Eu preciso de tempo para pensar, é só.

Então: calma.

Ela pegou o telefone, e disse claramente:

— Se for você, bonitão, já pode vir. Meu marido está fora da cidade.

Bob riu.

— Ei, querida, como você vai?

— Ereta e viva. E você?

Houve um longo silêncio. Pareceu longo, de qualquer forma, embora não poderia ter sido mais do que alguns segundos. Nele ela ouviu o barulho, que de algum modo era terrível, do refrigerador, e da água pingando da torneira na chaleira que ela havia largado na pia, a batida de seu próprio coração—esse último som parecendo vir da sua garganta e ouvidos ao invés do seu peito. Eles estiveram casados por tanto tempo que haviam se tornado quase extraordinariamente sintonizados um com o outro. Isso acontecia em todo casamento? Ela não sabia. Ela só sabia do seu próprio. Exceto que agora ela começava a imaginar se ela o conhecia mesmo.

— Você está soando engraçada. — ele disse. — A voz está rouca. Está tudo bem, meu doce?

Ela deveria ter ficado comovida. Ao invés disso, ela estava aterrorizada.

Marjorie Duvall: o nome não estava simplesmente pendurado na frente de seus olhos; parecia latejar, como uma placa de neon em um bar. Por um momento ela ficou sem palavras, e para seu horror, a cozinha que ela conhecia tão bem, ondulava a sua frente enquanto mais lágrimas brotavam de seus olhos. Aquele

peso da câimbra estava de volta em seus intestinos também. Marjorie Duvall. A positiva. Honey Lane, 17. Que nem em *ei, querida, como a vida tem te tratado, você tem estado ereta e viva?*

— Eu estava pensando sobre Brandolyn.

— Oh, querida. — ele disse, e a simpatia em sua voz era completamente de seu feitio. Ela a conhecia bem. Ela não havia se agarrado nela dia após dia desde 1984?

Mesmo antes, enquanto eles ainda estavam namorando, e ela entendeu que era ele o cara? Com certeza havia. Como ele havia se agarrado nela. A idéia de que tal simpatia não seria nada exceto gelo doce em uma torta envenenada era loucura. O fato de que ela estava neste momento mentindo para ele era ainda mais louca. Se, é claro, houvesse graus de insanidade. Ou talvez a loucura fosse única, e não haveria forma comparativa ou superlativa. E no que ela estava pensando? Em nome de Deus, no quê?

Mas ele estava falando, e ela não tinha idéia do que ele acabara de dizer.

— Repita o que você disse. Eu estava pegando o chá. — outra mentira, suas mãos tremiam demais para que ela pudesse pegar alguma coisa, mas era uma mentira pequena e plausível. E sua voz não tremia. Ao menos ela não achava que tremia.

— Eu perguntei, o que causou isso?

— Donnie ligou e perguntou pela irmã. Me fez pensar na minha. Eu saí e andei por aí por um tempo. Eu comecei a espirrar, embora a maior parte tenha sido um resfriado. Você provavelmente ouviu em minha voz.

— Sim, na hora. — ele disse. — Escute, eu vou pular Burlington amanhã e voltarei para casa.

Ela quase berrou um *Não!*, mas essa seria exatamente a coisa errada a se fazer.

Isso o faria pegar a estrada na primeira hora da manhã, totalmente ansioso.

— Se fizer isso te soco no olho. — ela disse, e ficou aliviada quando ele riu. — Charlie Frady disse que a feira de quintal em Burlington valia a pena, e seus contatos são bons. E seus instintos também. Você sempre disse isso.

— É, mas eu não gosto de ouvi-la soar tão desanimada.

Que ele havia sacado (na hora! na *hora!*) que havia algo de errado com ela era ruim. Que ela precisava mentir sobre qual era o problema—ah, isso era pior. Ela fechou os olhos, viu Brenda, a Puta Sodomizada gritando de dentro do capuz negro, e os abriu novamente.

— Eu estava desanimada, mas não estou mais. — ela disse. — Foi apenas uma

recaída momentânea. Ela era minha irmã, e eu vi meu pai a trazendo para casa. Às vezes eu penso nisso, é só.

— Eu sei. — ele disse. Ele sabia mesmo. A morte de sua irmã não foi a razão pela qual ela havia se apaixonado por Bob Anderson, mas seu entendimento do sofrimento dela havia firmado a conexão.

Brandolyn Madsen havia sido atropelada e morta por um motorista bêbado em um *snowmobiler* enquanto esquiava. Ele fugiu, deixando seu corpo nas florestas a quase um quilômetro da casa dos Madsen. Quando Brandi não voltou às oito da noite, um par de policiais de Freeport e os vizinhos locais montaram grupos de busca. Foi o pai de Darcy que havia achado o corpo dela e levado-a para casa através de oitocentos metros de uma floresta de pinheiros. Darcy—que estava na sala de estar, vigiando o telefone e tentando manter sua mãe calma—havia sido a primeira a vê-lo. Ele veio andando pelo jardim contra a luz áspera de uma lua cheia de inverno, com sua respiração saindo em nuvens brancas. O pensamento inicial de Darcy (isto ainda era terrível para ela) havia sido sobre aqueles velhos e melosos filmes de romance em preto e branco que às vezes ia ao ar na TCM, aqueles onde algum cara carregava sua noiva através da soleira do chalé onde teriam sua lua de mel, enquanto cinquenta violinos derramavam xarope na trilha sonora.

Bob Anderson, Darcy havia descoberto, podia se relacionar com as pessoas de um modo que várias pessoas não conseguiam. Ele não havia perdido um irmão ou irmã; ele havia perdido seu melhor amigo. O rapaz havia corrido para a estrada para fazer uma captura errante durante um jogo de lançamentos de beisebol (não um lançamento de Bob, pelo menos; ele não era um jogador de beisebol, ele estivera nadando naquele dia), e havia sido atropelado por um caminhão de entregas, e morrido no hospital, pouco tempo depois. A coincidência de velhas mágoas não era a única coisa que fazia sua relação com ele parecer especial, mas era uma que a fazia parecer de algum modo mística—não uma coincidência, mas uma coisa planejada.

— Fique em Vermont, Bobby. Vá para a feira de quintal. Eu o amo por estar preocupado, mas se você vier correndo para casa, me sentirei como uma criança. Então eu ficarei zangada.

— Certo. Mas eu vou ligar para você amanhã às sete e meia. É um aviso justo.

Ela riu, e estava aliviada ao notar que era uma risada verdadeira... ou tão próxima de uma que não fazia diferença. E por que ela não poderia rir de verdade?

Simplesmente por que diabos não? Ela o amava, e lhe daria o benefício da dúvida. De *qualquer* dúvida. Isso não era uma escolha. Você não podia desligar

o amor—mesmo o ausente, às vezes tomado como garantido de vinte e sete anos—do mesmo modo como podia desligar uma torneira. O coração corria pelo coração, e o coração tinha suas próprias ordens.

— Bobby, você sempre liga às sete e meia.

— Me declaro culpado da acusação. Ligue hoje à noite se você...

— ...precisar de alguma coisa, não importa qual seja a hora. — ela terminou para ele. Agora ela quase se sentia normal novamente. Era realmente incrível, o número de porradas fortes da qual sua mente poderia se recuperar. — Eu ligarei.

— Te amo, doce. — a conclusão de tantas conversas pelos anos; — Te amo também. —ela disse, sorrindo. Então ela desligou, colocou a testa contra a parede, fechou os olhos, e começou a chorar antes que o sorriso pudesse abandonar seu rosto.

-6-

Seu computador, um iMac, agora velho o bastante para parecer obsoleto, estar em seu quarto de costura. Ela raramente o usava para outra coisa que não fosse mandar emails e fazer compras no eBay, mas agora ela foi no Google e digitou o nome de Marjorie Duvall. Ela hesitou antes de adicionar *Bedê* à busca, mas não por muito tempo.

Para que prolongar a agonia? A coisa viria de qualquer forma, ela tinha certeza disso.

Ela apertou Enter, e enquanto via o pequeno círculo de espera girar e girar no topo da tela, as câimbras começaram de novo. Ela correu para o banheiro, sentou no vaso, e fez o que tinha que fazer com o rosto nas mãos. Havia um espelho na traseira da porta, e ela não queria ver a si mesma nele. Por que ele estava lá, de qualquer forma? Por que ela havia *permitido* que ele ficasse lá? Quem iria querer assistir a si mesmo sentado na privada? Até mesmo no melhor dos momentos, o que este certamente não era.

Ela voltou ao computador lentamente, arrastando os pés como uma criança que sabe que está para ser punida pelo tipo de coisa que a mãe de Darcy chamava de Grande Mal. Ela viu que o Google lhe providenciara mais de cinco milhões de resultados para sua pesquisa: oh, onipotente Google, tão generoso, e tão terrível. Mas o primeiro na verdade a fez rir; ele a convidava para seguir Marjorie Duvall Bede no Twitter. Darcy achou que poderia ignorar esse. A não ser que ela estivesse errada (e o quão descontroladamente agradecida isso a faria ficar), a Marjorie que ela estava observando havia twittado seu último tweet há pouco

tempo.

O segundo resultado veio do *Arauto de Portland*, e quando Darcy clicou nele, a fotografia que lhe deu boas vindas (foi como uma tapa, essas boas vindas) foi a que ela se lembrou de ter visto na TV, e provavelmente neste mesmo artigo, já que o *Arauto* era o jornal que eles liam. O artigo havia sido publicado dez dias antes, e era a história principal. MULHER DE NEW HAMPSHIRE PODE TER SIDO A 11ª VÍTIMA DE “BEDÊ”, a manchete berrava. E abaixo disso: *Fonte Policial: “Nós temos noventa por cento de certeza”*.

Marjorie Duvall parecia muito mais bonita na foto do jornal, uma foto de estúdio que a mostrava em uma pose clássica, usando um vestido negro espiralado. Seu cabelo estava abaixado, e o loiro dele parecia muito mais claro nesta foto. Darcy se perguntou se seu marido havia tirado a foto. Ela supôs que sim. Ela supôs que havia acontecido próximo à lareira da casa 17 na Honey Lane, ou talvez no saguão. A bela anfitriã da casa dando boas vindas aos convidados com seu eterno sorriso.

Cavalheiros preferem loiras porque eles se cansam de cabelo negro em ambas as pontas.

Era um dos ditados de Bob. Ela nunca havia gostado muito desse, e odiava tê-lo em sua cabeça agora.

Marjorie Duvall havia sido encontrada em uma ravina a dez quilômetros de sua casa em South Gansett, próxima aos limites de North Conway. O Xerife do Condado especulou que a morte provavelmente havia sido resultado de um estrangulamento, mas não podia dizer com certeza; isso era com o Legista Médico do Condado. Ele se recusou a especular mais, ou responder qualquer outra questão, mas a fonte secreta do repórter (cuja informação havia sido ao menos semi-validada por ser “próxima à investigação”) disse que Duvall havia sido mordida e sexualmente molestada “em uma maneira consistente com os outros assassinatos de Bedê”.

O que era uma transição normal para uma completa recapitulação dos assassinatos anteriores. O primeiro havia ocorrido em 1977. Dois em 1978, e outro em 1980, e então mais dois em 1981. Dois dos assassinatos ocorreram em New Hampshire, dois em Massachusetts, o quinto e o sexto em Vermont. Depois disso, houve um hiato de dezesseis anos. A polícia assumiu que uma dessas três coisas deveria ter acontecido: Bedê havia se mudado para outra parte do país e estava exercitando seu passatempo por lá, Bedê havia sido preso por outro crime não relacionado, e estava na prisão, ou Bedê havia se matado. A coisa que *não era* provável, de acordo com um psiquiatra que o repórter havia consultado para sua história, era que Bedê havia simplesmente se cansado de fazer isso. “Estes

caras não se entediam”, o psiquiatra disse. “É o esporte deles, sua compulsão. Mais do que isso, é sua vida secreta”.

Vida secreta. Que bombom venenoso era essa frase.

A sexta vítima de Bedê havia sido uma mulher de Barre, descoberta em um monte de neve por um limpa-neve que passava uma semana antes do Natal. *Mas que época festiva deve ter sido para os parentes dela*, Darcy pensou. Não que ela houvesse tido um belo Natal naquele ano. Sozinha e longe de casa (uma coisa que ela nunca confessaria se estivesse falando com a mãe), em um emprego da qual ela não tinha certeza de que estava apta mesmo depois de dezoito meses e um aumento de salário, ela não havia sentido nenhum espírito natalino. Ela tinha colegas (as Garotas Margaritas), mas nenhuma amiga de verdade. Ela não era boa quando se tratava de fazer amigos, nunca fora. Timidez era a qualidade para sua personalidade, introvertida era provavelmente uma mais acertada.

Então Bob Anderson adentrara em sua vida com um sorriso na cara—Bob que havia lhe chamado para sair e não aceitaria “não” como resposta. Deveria ter sido menos de três meses depois que o limpa-neve havia descoberto o corpo da última vítima do “ciclo antigo” de Bedê. Eles se apaixonaram. E Bedê parou por dezesseis anos.

Por causa dela? Porque ele a amava? Porque ele queria parar de fazer Grandes Males?

Ou apenas uma coincidência. Poderia ter sido.

Bela tentativa, mas as identidades que ela havia achado escondida na garagem fez sua idéia de coincidência parecer bem menos provável.

A sétima vítima de Bedê. A primeira da qual o jornal chamou de “novo ciclo”, havia sido uma mulher de Waterville, Maine, chamada Stacey Moore. Seu marido a achara no porão ao voltar de Boston, onde ele e dois amigos haviam assistido alguns jogos do Red Sox. Isso havia acontecido em Agosto de 1997. Sua cabeça havia sido enfiada em uma caixa do doce milho que os Moores vendiam em sua barraca à beira da Rota 106. Ela estava nua, suas mãos estavam atadas atrás de suas costas, suas nádegas e coxas haviam sido mordidas em dúzias de lugares.

Dois dias depois, a carteira de motorista e o cartão da Cruz Azul de Stacey Moore, presos por um elástico, havia chegado em Augusta, carimbado para o ADEVOGADO GENRAL DO DEPT. DE INVESTIGAÇÃO CRINIMAL. Também havia uma nota: *OLÁ! EU VOLTEI! BEDÊ!*

Este fora um pacote que os detetives encarregados do assassinato de Moore reconheceram imediatamente. Peças similares de identidades—e similares notas alegres—havam sido entregues após cada um dos assassinatos anteriores. Ele sabia quando elas estavam sozinhas. Ele as torturava, principalmente com o

dente; ele as estuprava ou as molestava sexualmente; ele as matava; ele mandava suas identidades para alguma filial da polícia semanas ou meses depois. Provocando-os com elas.

Para se certificar de que ele ganhe o crédito, Darcy pensou sombriamente.

Houvera outro assassinato Bedê em 2004, o nono e o décimo em 2007. Esses dois foram os piores, porque uma das vítimas havia sido uma criança. O filho de dez anos da mulher havia sido liberado pela escola depois de reclamar de dor no estômago, e aparentemente havia topado com Bedê enquanto ele estava trabalhando. O corpo do menino havia sido encontrado por sua mãe, e uma angra próxima. Quando as identidades da mulher—dois cartões de crédito e uma carteira de motorista—chegaram ao Sétimo Quartel Policial do Estado de Massachusetts, a nota anexada dizia: *OLÁ! O MENINO FOI UM ACIDENTE! DESCULPE! MAS FOI RÁPIDO, ELE NÃO “SOFREU”! BEDÊ!*

Havia muitos outros artigos que ela poderia ter acessado (oh, onipotente Google), mas para que fim? O doce sonho de mais uma noite comum em uma vida comum havia sido engolido por um pesadelo. Por acaso ler mais sobre Bedê dissiparia o pesadelo? A resposta dessa era óbvia.

Seu estômago deu um aperto. Ela correu para o banheiro—ainda fendendo, a despeito do ventilador, normalmente você podia ignorar o quão fétida a vida era, mas nem sempre—e caiu de joelhos à frente da privada, olhando para água azul com a boca aberta. Por um momento ela achou que a ânsia de vômito iria passar, então ela pensou em Stacey Moore com seu rosto negro e estrangulado enfiado no milho, com as nádegas cobertas de sangue seco da cor do leite de chocolate. Isso deu um empurrãozinho, e ela vomitou duas vezes, forte o bastante para sujar o aromatizante sanitário e salpicá-la com seu próprio eflúvio.

Chorando e tossindo, ela deu a descarga. A porcelana teria que ser limpa, mas por agora ela apenas abaixou a tampa e repousou sua bochecha corada contra seu frio plástico bege.

O que é que eu vou fazer?

O passo óbvio seria chamar a polícia, mas e se ela fizesse isso e tudo acabasse sendo um engano? Bob sempre fora o mais generoso e clemente dos homens—quando ela havia enfiado a frente do velho furgão deles em uma árvore no fim do estacionamento dos correios, e arrebetado o pára-brisa, sua única preocupação fora se ela havia cortado o rosto—mas iria ele perdoá-la se ela erroneamente apontasse para ele onze assassinatos e torturas que ele não havia cometido? E o mundo saberia. Culpado ou inocente, sua foto estaria no jornal. Na página da frente. A dela também.

Darcy se pôs de pé, pegou o escovão do armário do banheiro, e limpou sua

sujeira. Ela fez isso devagar. Suas costas doíam. Ela supôs que havia vomitado com força o bastante para puxar um músculo.

Na metade do trabalho, a compreensão seguinte desabou. Não seriam apenas eles dois que seriam dragados nas especulações do jornal, e o ciclo de lavagem de roupa suja nos noticiários da TV a cabo, vinte e quatro horas por dia; havia seus filhos para se levar em conta. Donnie e Ken haviam acabado de conseguir seus dois primeiros clientes, mas o banco e o negociante de carros querendo uma propaganda fresca sumiriam três horas depois que a bomba de merda explodisse. A Anderson & Hayward, que havia tomado seu primeiro fôlego real hoje, estaria morta amanhã. Darcy não sabia o quanto Ken Hayward teria investido, mas Donnie havia apostado tudo. O dinheiro também não era tanto, mas havia outras coisas que você investia quando começava sua própria viagem. Seu coração, sua cabeça, seu senso de auto-estima.

E também havia Petra e Michael, provavelmente neste mesmo instante com as cabeças coladas e fazendo mais planos de casamento, sem saberem que um cofre de duas toneladas estava balançando acima deles preso por uma corda muito frágil. Pets sempre idolatrara o pai. O que isso faria com ela se ela descobrisse que as mãos que certa vez haviam a empurrado no balanço do quintal haviam sido as mesmas que haviam estrangulado a vida de onze mulheres? Que os lábios que lhe haviam desejado boa noite escondiam dentes que haviam mordido onze mulheres, em alguns casos até o osso?

Sentada na frente do computador novamente, a terrível manchete do jornal piscou na mente de Darcy. Foi acompanhada por uma fotografia de Bob com seu lenço de pescoço, calças caquis absurdas, e longas meias. Era tão clara que já poderia ter sido impressa:

ASSASSINO EM SÉRIE “BEDÊ” LOBINHO POR 17 ANOS

Darcy colocou as mãos na boca. Ela conseguia sentir os olhos pulsando em suas cavidades. A noção de suicídio ocorreu a ela, e por alguns momentos (longos) a idéia pareceu completamente racional, a única solução racional. Ela poderia deixar uma nota dizendo que ela o havia feito por que temia estar com câncer. Ou que o Alzheimer já começara a agir sobre ela, isso era bem melhor. Mas o suicídio jogava uma sombra profunda sobre as famílias também, e se ela estivesse errada? E se Bob houvesse apenas encontrado o pacote de identidades ao lado da estrada, ou coisa assim?

Você sabe o quão improvável isso é?, Esperta Darcy zombou.

Certo, tá, mas improvável não era impossível, era? Havia algo mais também, algo que fazia a gaiola em que ela estava à prova de fuga: e se ela estivesse certa? Sua morte não liberaria Bob para matar mais, porque ele já não mais teria que

levar tão a fundo sua vida dupla? Darcy não tinha certeza se ela acreditava em uma existência consciente após a morte, mas e se houvesse uma? E se ela fosse confrontada lá, não por jardins verdes Edênicos e rios cheios, mas por uma fila fantasma acolhedora das mulheres estranguladas marcadas pelos dentes de seu marido, todas acusando Darcy de ser a causa de suas mortes ao tomar a saída mais fácil? E ao ignorar o que ela havia descoberto (se tal coisa fosse sequer possível, o que ela não acreditou nem por um minuto), a acusação não seria verdadeira? Ela realmente achava que poderia condenar mais mulheres a horríveis mortes para que sua filha pudesse ter um belo casamento em Junho?

Ela pensou: *Eu queria estar morta.*

Mas ela não estava.

Pela primeira vez em anos, Darcy Madsen Anderson deslizou da cadeira para ficar de joelhos e começar a rezar. Não adiantou. A casa estava vazia, exceto por ela.

-7-

Ela nunca havia mantido um diário, mas ela tinha livros de compromissos de uma década guardados no fundo de seu espaçoso baú de costura. E décadas de registros de viagens de Bob enfiados em uma das gavetas do gabinete que ele mantinha em seu escritório de casa. Como um contador de impostos (e um com seu próprio negócio paralelo para servir), ele era meticuloso quando se tratava de manter registros, tomando nota de cada dedução, crédito, e centavos de desvalorização automotiva que podia.

Ela colocou os arquivos dele ao lado do computador junto com seus livros de anotações. Ela abriu no Google, e se obrigou a fazer a busca que precisava, anotando os nomes e as datas das mortes (algumas delas eram necessariamente aproximadas) das vítimas de Bedê. Então, enquanto o relógio digital na barra de ferramentas marchava silenciosamente para as dez da noite, ela começou o penoso trabalho de checagem.

Ela teria dado doze anos da vida para achar alguma coisa que teria indiscutivelmente eliminado-o de ao menos um dos assassinatos, mas seus livros de compromissos só pioraram as coisas. Kellie Gervais, de Keene, New Hampshire, havia sido descoberta na floresta atrás do aterro local no dia 15 de Março de 2004. De acordo com o legista médico, ela já estava morta a um período de três a cinco dias. Rabiscado através do décimo dia de Março, ao décimo segundo, no livro de compromissos de 2004 de Darcy estava *Bob para Fitzwilliam, Brat*. George Fitzwilliam era um rico cliente da Benson, Bacon &

Anderson. *Brat* era a abreviação de Brattleboro, onde Fitzwilliam vivia. Uma corrida fácil de Keene, New Hampshire.

Helen Shaverstone e seu filho Robert haviam sido descobertos em Newrie Creek, na cidade de Amesbury, no dia 11 de Novembro de 2007. Eles viviam em Tassel Village, a uns vinte quilômetros de distância. Na página de Novembro de 2007, ela havia desenhado uma linha entre o oitavo dia e o décimo, rabiscando *Bob em Saugus, 2 feiras de quintal, e busca por moedas em Boston*. E acaso ela se lembrava de ter ligado para seu hotel em Saugus em uma dessas noites e não ter sido atendida? Supondo que ele estava fora tarde da noite com algum vendedor de moedas, fazendo sua própria busca, ou talvez no chuveiro? Ela *parecia* lembrar-se disso. Se assim era, ele, na verdade, estivera na estrada naquela noite? Talvez voltando de compromisso (um pequeno despejamento) na cidade de Amesbury? Ou, se ele *estivera* no chuveiro, o que em nome de Deus ele estivera lavando?

Ela se virou para seus registros de viagens e comprovantes enquanto o relógio na barra de ferramentas passava pelas onze e começava a escalar a meia-noite, a hora enfeitada quando os cemitérios acordavam. Ela trabalhou cuidadosamente e parava constantemente para fazer uma nova checagem.

As coisas dos anos setenta eram irregulares e não ajudavam muito—ele não havia sido muito mais do que seu zangão de escritório naqueles dias—mas tudo dos anos oitenta estava lá, e as correlações que ela achou para os assassinatos de Beadie em 1980 e 1981 eram claras e inegáveis. Ele estivera viajando pelas épocas certas e pelas áreas certas. E, Esperta Darcy insistiu, se você encontrasse bastantes pêlos de gatos na casa de uma pessoa, você poderia presumir que havia um felino em algum lugar.

Então o que eu faço agora?

A resposta parecia ser, carregar sua cabeça confusa e assustada para cima. Ela duvidou que pudesse dormir, mas ao menos ela poderia tomar um banho quente e deitar.

Ela estava exausta, suas costas doíam por causa do vômito, e ela estava ensopada com o próprio suor.

Ela desligou o computador e subiu para o segundo andar arrastando-se lentamente. O chuveiro aliviou suas costas e um pouco de Tylenol aliviaria ainda mais às duas da manhã, mais ou menos; ela tinha certeza de que estaria acordada para descobrir. Quando ela devolveu o Tylenol para o armário de remédios, ela pegou um frasco de Ambien também, o segurou na mão por quase um minuto inteiro, então o devolveu também. Ele não a colocaria para dormir, apenas a deixaria grogue—talvez— mais paranóica do que já estava.

Ela se deitou e olhou para a mesinha de cabeceira do outro lado da cama. O relógio de Bob. O par de óculos de leitura de Bob. Uma cópia de um livro chamado *A Cabana*. *Você deveria ler isso, Darce, vai mudar sua vida*, ele disse a duas ou três noites antes de sua mais nova viagem.

Ela desligou a luz, viu Stacey Moore enfiada na caixa, e acedeu de novo. Na maioria das noites, a escuridão era amiga dela—o gentil mensageiro do sono—mas não esta noite. Esta noite a escuridão era popularizada pelo harém de Bob.

Você não sabe disso. Lembre-se de você absolutamente não sabe disso.

Mas se você encontrar bastantes pêlos de gato...

Basta de pêlos de gato, também.

Ela ficou lá deitada, bem mais acordada do que temera ficar, com sua mente girando e girando, agora pensando nas vítimas, agora pensando em seus filhos, agora pensando em si mesma, até mesmo pensando na esquecida história da Bíblia sobre Jesus rezando no Jardim de Getsêmani. Ela olhou para o relógio de Bob depois do que ela achou ter sido uma hora completa naquele miserável ciclo de preocupações, e viu que só haviam se passado doze minutos. Ela se apoiou em um cotovelo e virou o rosto do relógio para a janela.

Ele não estará em casa até as seis da noite de amanhã, ela pensou... embora, já que era meia-noite e vinte e cinco, ela supôs que tecnicamente seria hoje à noite que ele estaria em casa. Ainda assim, isso ainda lhe dava dezoito horas. Com certeza tempo o bastante para fazer algum tipo de decisão. Ajudaria se ela pudesse dormir, mesmo um pouquinho—o sono tinha um jeito de reiniciar a mente—mas isto estava fora de questão. Ela adormeceria um pouco, então pensaria em *Marjorie Duvall* ou *Stacey Moore* ou (este era o pior) *Robert Shaverstone*, de dez anos de idade. **ELE NÃO “SOFREU!”** E então qualquer possibilidade de sono se esvairia. A idéia de que ela nunca mais pudesse dormir veio até ela. Isso era impossível, é claro, mas deitada ali com o gosto de vômito ainda em sua boca, apesar do anti-séptico bucal que ela havia usado, pareceu completamente plausível.

A certo ponto ela se percebeu lembrando o ano em sua infância quando ela havia dado uma volta pela casa procurando por espelhos. Ela ficaria parada na frente deles com as mãos grudadas nas laterais de seu rosto, e o nariz tocava o vidro, mas ela segurava a respiração para não embaçar a superfície.

Se sua mãe a pegasse, ela lhe daria um carão. *Isso deixou um borrão, e eu tenho que limpar. Por que você é tão interessada em si mesma, afinal? Você nunca será enforcada por sua beleza. E por que está tão perto? Você não conseguiria ver nada olhando desse jeito.*

Quantos anos ela tinha? Quatro? Cinco? Jovem demais para explicar que não era no seu reflexo que ela estava interessada, afinal—ou não primariamente. Ela estivera convencida de que espelhos eram portais para outro mundo, e o que ela via refletido no vidro não era a sala de estar, ou banheiro *deles*, mas a sala de estar ou banheiro de outra família. Os Matsons ao invés dos Madsens, talvez. Porque era *similar* do outro lado do vidro, mas não *igual*, e se você olhasse bastante, você poderia notar algumas das diferenças: um tapete que parecia ser oval lá, ao invés do redondo daqui, uma porta que parecia ter um ferrolho, ao invés de uma dobradiça, uma tomada que estava do lado errado da porta. A menininha tampouco era a mesma. Darcy tinha certeza de que eram parentes—irmãs de espelho? —mas não, não era a mesma. Ao invés de Darcellen Madsen, aquela menininha poderia se chamar Jane, ou Sandra, ou mesmo Eleanor Rigby, que por alguma razão (alguma razão *assustadora*) pegava o arroz nas igrejas onde haviam sido realizados casamentos.

Banhada pela luz do seu lado da cama, adormecendo sem perceber, Darcy supôs que se ele *pudesse* ter dito à mãe o que ela estava olhando, se ela tivesse explicado sobre a Garota Escura que não era bem ela, ela poderia ter passado algum tempo com algum psiquiatra infantil. Mas não era a garota que a interessava, nunca havia sido a garota. O que a interessava era a idéia de que havia um mundo inteiro atrás dos espelhos, e se você pudesse adentrar aquela outra casa (a Casa Escura) e sair pela porta, o resto daquele mundo estaria esperando.

É claro que a idéia havia passado e, auxiliada por uma nova boneca (que ela havia nomeado de Sra. Butterworth, em homenagem ao xarope de panqueca que ela amava) e uma nova casa de bonecas, ela havia seguido em frente na direção de fantasias de menininha mais aceitáveis: cozinhar, limpar, comprar, Ralhar com o Bebê, Se Trocar para o Jantar. Agora, depois de todos esses anos, ela havia encontrado o caminho através do espelho, afinal de contas. Só que não era uma garotinha que estava esperando na Casa Escura; ao invés disso havia um Marido Escuro, um que estivera vivendo atrás do espelho o tempo todo, e fazendo coisas terríveis lá.

Uma boa por um preço justo, Bob gostava de dizer—o lema de um contador, se é que já existiu algum.

Ereto e vivo—uma resposta para *como cê tá* que cada criança em cada grupo de escoteiros que ele já havia levado na Trilha do Morto conhecia bem. Uma resposta que sem dúvida alguns daqueles garotos ainda repetirão quando forem adultos.

Cavalheiros preferem loiras porque eles se cansam...

Mas então o sono capturou Darcy, e embora ele não pudesse levá-la longe, as linhas em sua testa, e nas laterais de seus olhos ofegantes e avermelhados relaxaram um pouco. Ela estava próxima o bastante de ficar consciente quando seu marido estacionou ao lado da garagem, mas não o bastante para acordar. Ela até poderia se os faróis do Suburban tivessem iluminado o teto, mas Bob os apagara na metade bloco para não acordá-la.

-8-

Um gato acariciava sua bochecha com uma pata de veludo. Bem leve, mas bem intensamente.

Darcy tentou se afastar, mas sua mão parecia pesar cem quilos. E era um sonho, de qualquer forma—com certeza tinha que ser. Eles não tinham gato. *Embora se houverem bastantes pêlos de gato na casa, deve haver um em algum lugar*, sua mente que lutava para acordar lhe disse, bem racionalmente.

Agora a pata estava acariciando sua franja e a testa abaixo, e não poderia ser um gato porque gatos não falavam.

—Acorde, Darce. Acorde, querida. Temos que conversar.

A voz, tão leve e macia quanto o toque. A voz de Bob. E não era uma pata de gato, mas uma mão. A mão de Bob. Só que não poderia ser ele, porque ele estava em Montp— Seus olhos abriram e ele estava lá, muito bem, sentado ao seu lado a cama, acariciando seu rosto e seu cabelo do modo como ele às vezes fazia quando ela estava se sentindo indisposta. Ele estava usando um terno de três peças da Jos. A. Bank (ele comprava todos os seus ternos lá, chamando a loja de—outro de seus semi-incríveis ditados—“Joss-Bank”), mas o colete estava desabotoado, e o colarinho desfeito. Ela poderia ver a ponta de sua gravata saindo do bolso do casaco como uma língua vermelha. Sua barriga era uma protuberância acima de seu cinto e seu primeiro pensamento coerente foi *Você realmente tem que fazer alguma coisa sobre seu peso, Bobby, isso não é bom para seu coração*.

—Qu— saiu de sua boca um grasnado quase incompreensível.

Ele sorriu e continuou a acariciar seu cabeça, sua bochecha, e sua nuca. Ela limpou a garganta e tentou de novo.

— O que você está fazendo aqui, Bobby. Deve ser... — ela levantou a cabeça para olhar para o relógio, o que, é claro, não adiantou. Ela havia virado o relógio contra a parede.

Ele olhou para seu relógio. Ele estivera sorrindo enquanto a acariciava até

acordá-la, e estava sorrindo agora.

— Duas e quarenta e cinco. Eu fiquei sentado em meu estúpido e velho quarto de hotel por quase duas horas depois que nos falamos, tentando convencer a mim mesmo de que o que eu estava pensando não poderia ser verdade. Só que eu não cheguei onde estou me esquivando da verdade. Então eu pulei no ‘Burban e peguei a estrada. Não havia muito tráfego. Eu não sei por que não faço mais viagens de madrugada. Talvez eu faça. Seu eu não for para Shawshank, é claro. Ou para a Prisão Estadual de New Hampshire em Concord. Mas isso depende de você, não é?

Sua mão, acariciando seu rosto. A sensação era familiar, até o cheiro era familiar, e ela sempre o amara. Agora ela não amava, e não eram apenas as descobertas horríveis daquela noite. Como ela nunca percebera o qual complacentemente possessivo aquele toque era? *Você é uma puta velha, mas você é minha puta velha*, o toque parecia dizer. *Só que agora você mijou no chão enquanto eu estava fora, e isso é mau. Na verdade, é um Grande Mal.*

Ela empurrou sua mão para sentar.

— Do que em nome de Deus você está falando? Você vem na moita, você me lembra— — Sim, você estava dormindo com as luzes acesas—eu vi no momento em que parei perto da garagem. — não havia culpa em seu sorriso. Nada sinistro, tampouco. Era o mesmo sorriso natural e doce de Bob Anderson que ela amara quase desde o princípio. Por um momento sua memória a lembrou do quão gentil ele fora em sua noite de núpcias, sem apressá-la. Dando-lhe tempo para se acostumar com a coisa nova.

Que é o que ele vai fazer agora, ela pensou.

— Você nunca dorme com as luzes acesas, Darce. E embora você esteja de camisola, você está usando um sutiã debaixo dela, e você nunca faz isso, tampouco.

Você simplesmente se esqueceu de tirá-lo, não foi? Pobre querida. Pobre menina cansada.

Por um momento ele tocou seus seios, e então—graças—tirou a mão.

— E também, você virou meu relógio para que não pudesse olhar as horas. Você esteve nervosa, e eu sou a causa. Sinto muito, Darce. Do fundo de meu coração.

— Eu comi algo que me fez mal. — foi tudo no que ela conseguiu pensar.

Ele sorriu pacientemente.

— Você encontrou meu esconderijo especial na garagem.

— Eu não sei do que você está falando.

— Oh, você fez um bom trabalho colocando as coisas no lugar onde você as encontrou, mas eu sou muito cuidadoso com tais coisas, e a fita adesiva que havia colocado acima do rodapé giratório estava partida. Você não percebeu isso, percebeu? E porque perceberia? É o tipo de fita que é quase invisível uma vez que adere. E também a caixa dentro dele estava três ou quatro centímetros à esquerda de onde eu a havia colocado—onde eu sempre a coloco.

Ele levantou a mão para acariciar sua bochecha um pouco mais, então recuou a mão (aparentemente sem rancor) quando ela virou a cara para o outro lado.

— Bobby, eu sei que você está com uma pulga atrás da orelha, mas honestamente eu não sei o que é. Talvez você esteja trabalhando demais.

A boca dele se transformou num *beijo* de tristeza, e seus olhos estavam umedecidos de lágrimas. Incrível. Ela realmente tinha que parar de sentir pena dele. As emoções eram apenas outro hábito humano, ao que parecia, tão condicionadas quanto qualquer outra.

— Eu acho que sempre soube que este dia chegaria.

— Eu não tenho a mínima idéia do que você está falando.

Ele suspirou.

— Eu dirigi de muito longe para pensar nisso, querida. E quanto mais eu pensava, o quão *forte* eu pensava, mais pareceu que só havia uma pergunta que precisava de resposta: OQDF.

— Eu não...

— Shh. — ele disse, e pôs um dedo gentil em seus lábios. Ela podia sentir o cheiro de sabão. Ele deveria ter tomado banho antes de deixar o hotel, uma coisa típica de Bob. — Eu vou te contar tudo. Vou colocar tudo em pratos limpos. Eu acho que, lá no fundo, eu sempre quis que você soubesse.

Ele sempre quisera que ela soubesse? Meu Deus. Deveria haver piores coisas à espera, mas esta facilmente era a mais terrível de todas até agora.

— Eu não *quero* saber. O que quer que você tenha na cabeça, eu não *quero* saber.

— Eu vejo uma coisa diferente em seus olhos, querida, e eu sou muito bom lendo olhos femininos. Eu me tornei um especialista. OQDF é a abreviação de O Que Darcy Faria. Neste caso, O Que Darcy Faria se ela encontrasse meu esconderijo especial, e o que havia dentro da minha caixa especial. Eu sempre ameí aquela caixa, a propósito, porque você a deu para mim.

Ele se inclinou para frente e lhe deu um rápido beijo entre as sobrancelhas. Seus

lábios estavam úmidos. Pela primeira vez em sua vida, o toque deles em sua pele a revoltou, e ocorreu a ela que ela poderia estar morta antes que o sol raiasse. Porque mulheres mortas não contam histórias. *Embora*, ela pensou, *ele vai tentar se certificar de que eu não “sofra”*.

— Primeiro, eu perguntei a mim mesmo se o nome Marjorie Duvall teria algum significado para você. Eu gostaria de ter respondido essa questão com um grande não, mas às vezes a pessoa tem que ser realista. Você não é a viciada em notícias número um do planeta, mas eu vivi tempo o bastante com você para saber que você segue as notícias principais da TV e do jornal. Eu achei que você conheceria o nome, e mesmo se não, achei que você poderia reconhecer a foto na cadeira de motorista. Além disso, eu disse para mim mesmo, ela não ficará curiosa do porquê de eu ter aquelas identidades?

As mulheres são sempre curiosas. Veja Pandora.

Ou a esposa de Barba Azul, ela pensou. — *A mulher que foi escondida até o quarto fechado e encontrou as cabeças decepadas de todas as suas antecessoras no matrimônio.*

— Bob, eu juro que não tenho idéia do que você está fal— — Então a primeira coisa que eu fiz quando voltei foi ligar seu computador, abrir o Firefox—é o navegador que você sempre usa—e chequei o histórico.

— O quê?

Ele riu como se ela tivesse dito algo espirituoso.

— Você nem mesmo sabe. Eu não achei que saberia, porque toda vez que eu checo, está tudo lá. *Você nunca o limpa!* — ele deu outra risada, como faz um homem quando sua esposa lhe mostra uma marquinha que ele acha particularmente graciosa.

Darcy sentiu as primeiras pontadas de raiva. Era provavelmente absurdo, devido às circunstâncias, mas lá estava ela.

— Você checa meu *computador*? Seu bisbilhoteiro! Seu bisbilhoteiro sujo!

— É *claro* que eu checo. Eu tenho um amigo muito malvado que faz coisas muito malvadas. Um homem em uma situação como essa tem que estar atualizado com as coisas ao seu redor. Desde que as crianças saíram de casa, tem sido você e somente você.

Amigo malvado? Um amigo malvado que faz coisas malvadas? Sua cabeça estava girando, mas uma coisa parecia clara: continuar a negar seria inútil. Ela sabia, e ele sabia que ela sabia.

— Você não esteve checando apenas por Marjorie Duvall. — ele não sentiu

vergonha ou vontade de ficar na defensiva em sua voz, apenas um pesar hediondo que deveria ter se tornado isto. — Você esteve checando todos eles. — então ele riu e disse “Ooopa!”.

Ela se sentou contra a cabeceira, o que a afastou levemente dele. Isso era bom.

Distância era bom. Todos esses anos ela havia dormido com ele, quadril com quadril, e coxa com coxa, e agora a distância era uma coisa boa.

— Que amigo malvado? Do que está falando?

Ele virou a cabeça para um lado, a linguagem corporal de Bob para *eu te acho boba, mas de um jeito divertido*.

— Brian.

A princípio ela não teve idéia de quem ele estava falando, e achou que deveria ser alguém do trabalho. Possivelmente um cúmplice? Não parecia provável, ela teria dito que Bob era tão ruim para fazer amigos quanto ela, mas homens que faziam tais coisas às vezes tinham cúmplices. Os lobos caçavam em matilhas, afinal de contas.

— Brian Delahanty. — ele disse. — Não me diga que se esqueceu de Brian. Eu lhe contei sobre ele depois que você me disse o que havia acontecido a Brandolyn.

Sua boca despencou.

— Seu amigo da escola? Bob, ele está morto! Ele foi atropelado por um caminhão enquanto pegava uma bola de beisebol, e ele está *morto* — Bem... — o sorriso de Bob cresceu apologético. — Sim... e não. Eu quase sempre o chamo de Brian quando falo dele com você, mas não era desse jeito que eu o chamava na época da escola, porque ele odiava esse nome. Eu o chamava por suas iniciais. Eu o chamava de BD.

Ela começou a perguntar o que isso tinha a ver com o preço do chá na China, mas então ela percebeu. É claro que ela percebeu. BD.

Bedê.

-9-

Ele falou por um longo tempo, e quanto mais ele falava, mais horrorizada ela ficava. Todos esses anos ela estivera vivendo com um louco, mas como ela poderia ter sabido? Sua insanidade era como um mar submerso. Havia uma camada de rocha sobre ela, e uma camada de solo sobre a rocha; flores cresciam lá. Você poderia passear por lá, e nunca saberia sobre a água louca que havia

lá... mas havia. Sempre houvera. Ele culpava BD (que se tornara Bedê apenas alguns anos depois, em suas notas para a polícia) por tudo, mas Darcy suspeitou que houvesse mais coisa nisso; culpar Brian Delahanty apenas facilitava para ele manter suas duas vidas separadas.

Havia sido a idéia de BD de levar armas para a escola e sair tumultuando, por exemplo. De acordo com Bob, a inspiração havia ocorrido no verão entre seus anos como calouros e veteranos no Colégio de Castle Rock.

— 1971. — ele disse, balançando a cabeça animadamente, como um homem que se lembra de alguma traquinagem inofensiva de infância. — Muito antes que aqueles babacas de Columbine fossem um brilho nos olhos de seus papais. Havia estas garotas que nos esnobavam. Diane Ramadge, Laurie Swenson, Gloria Haggerty... tinha mais alguma também, mas eu me esqueci do nome delas. O plano era pegar um monte de armas—o pai de Brian tinha uns vinte rifles e pistolas no porão, incluindo uma dupla de Lugers germânicas da Segunda Guerra Mundial que simplesmente nos *fascinavam*—e as levar para a escola. Não havia revistas ou detectores de metais naquela época, você sabe.

— Nós íamos montar uma barricada na ala de ciências. Nós trancaríamos as portas com corrente, matar algumas pessoas—a maior parte professores, mas também uns caras de que a gente não gostava—e então correr com o resto dos garotos para o lado de fora através da saída de incêndio no fim do corredor. Bem... *a maioria* dos estudantes. Nós manteríamos as garotas que nos esnobavam como reféns. Nós planejamos—*BD* planejou—fazer isso tudo antes que os tiras chegassem, certo? Ele desenhou mapas, e mantinha uma lista dos passos que teríamos que tomar, em seu caderno de geometria. Eu acho que houvesse talvez vinte passos ao todo, começando com “Ativar o alarme de incêndio para criar confusão”. — ele riu. — E depois que nós tivéssemos trancado o local...

Ele lhe lançou um leve sorriso envergonhado, mas ela achou que a coisa da qual ele tinha mais vergonha era o quão idiota o plano fora em primeiro lugar.

— Bem, você provavelmente pode adivinhar. Uma dupla de adolescentes, hormônios tão explosivos que ficávamos de pau duro quando o vento soprava. Nós íamos dizer àquelas garotas que se elas, você sabe, fodessem muito bem com a gente, nós as deixaríamos ir. Se não fizessem isso, nós teríamos que matá-las. E elas foderiam, pode crer.

Ele assentiu lentamente.

— Elas foderiam para viver. BD estava certo quanto a isso.

Ele estava perdido em sua história. Seus olhos estavam hipnotizados (grotesco, mas verdade) pela nostalgia. Pelo quê? Pelos sonhos loucos de juventude? Ela

tinha medo que na verdade pudesse ser exatamente isso.

— Não planejavamos nos matar como aqueles idiotas roqueiros do Colorado, tampouco. Sem chance. Havia um porão sob a ala de ciência, e Brian disse que havia um túnel lá embaixo. Ele disse que ele partia da sala de suprimentos para o antigo corpo de bombeiros do outro lado da Rota 119. Brian disse que quando a escola era apenas uma escola de gramática nos anos cinqüenta, havia um parque por lá, onde as criancinhas costumavam brincar no recreio. O túnel existia para que eles pudessem chegar no parque sem ter que cruzar a estrada.

Bob riu, assustando-a.

— Eu acreditei em tudo o que ele disse, mas acabou que ele estava de sacanagem. Eu desci lá no outono seguinte para dar uma olhada. A sala de suprimentos estava lá, cheia de papéis e fedendo àquele líquido de mimeógrafo que costumavam usar, mas se havia um túnel, *eu* nunca o encontrei, e mesmo naquela época, eu era muito meticulado, eu não sei se ele estava mentindo para nós dois ou apenas para si mesmo.

Eu só sei que não havia túnel. Estaríamos presos lá em cima, e quem sabe, poderíamos ter nos matado, afinal de contas. Você nunca sabe o que um garoto de catorze anos vai fazer, sabe? Eles rolam por aí como bombas prontas para explodir.

Mas você já explodiu, ela pensou. *Não é, Bob?*

— Nós provavelmente teríamos nos acovardado, de qualquer forma. Mas talvez não. Talvez nós tivéssemos tentado seguir em frente. BD me deixou todo excitado, falando sobre como nós iríamos tocá-las primeiro, e então fazê-las tirar a roupa uma da outra... — ele olhou para ela seriamente — Sim, eu sei como isso soa, apenas fantasia de garotos punheteiros, mas aquelas garotas *eram* realmente esnobes. Você tentava falar com elas, elas riam e saíam de perto. Então iam para o canto da cafeteria, o bando delas, olhando para nós e rindo mais. Então você realmente não pode nos culpar, pode?

Ele olhou para os dedos, batendo incansavelmente sobre a coxa de suas calças, então voltou sua atenção para Darcy.

— A coisa que você tem que entender—que você realmente tem que ver—era o quão persuasivo Brian era. Ele era bem pior do que eu. Ele era *realmente* maluco. E

também era uma época quando o país inteiro estava em rebelião, não se esqueça, e isso foi parte da coisa também.

Eu duvido, ela pensou.

A coisa mais incrível era como ele fazia a coisa soar quase normal, como se toda

fantasia sexual de um adolescente envolvesse estupro e assassinato. Provavelmente ele acreditava nisso, como também acreditara na fuga mítica de Brian Delahanty pelo túnel.

Ou será que não? Como ela poderia saber? Ela estava, afinal, escutando as lembranças de um lunático. Era simplesmente difícil de acreditar naquilo—ainda!—porque o lunático era Bob. Seu Bob.

— De qualquer forma... — ele disse, dando de ombros. — ...nunca aconteceu.

Aquele foi o verão em que Brian correu para a estrada e foi morto. Houve uma recepção em sua casa depois do funeral, e a mãe dele disse para eu subir para seu quarto e pegar alguma coisa, se eu quisesse. Como uma lembrança, você sabe. E eu queria! Pode apostar que sim! Eu peguei seu caderno de geometria, para que ninguém o folheasse e topasse com seus planos para O Grande Tiroteio e Festa da Fudelância de Castle Rock. Era assim que ele chamava, sabe.

Bob riu pesarosamente.

— Se eu fosse uma pessoa religiosa, eu diria que Deus me salvou de mim mesmo. E quem sabe se não há Algo... algum Destino... que tem seus próprios planos para nós.

— E o plano deste Destino era que você torturasse e matasse mulheres? — Darcy perguntou. Ela não conseguiu evitar.

Ele olhou para ela reprovadoramente.

— Elas eram esnobes. — ele disse, e levantou um dedo professoral. — E também não fui eu. Foi Bedê quem fez essas coisas—e eu digo *fez* por uma razão, Darce. Eu digo *fez* ao invés de *faz* porque tudo isso está no passado para mim.

— Bob... seu amigo BD está morto. Ele esteve morto por quase quarenta anos. Você tem que saber disso. Quero dizer, em algum nível você *deve*.

Ele colocou as mãos para o alto: um gesto de rendição de boa-fé.

— Você quer chamar isso de revogação de culpa? É isso o que um psiquiatra diria, eu suponho, e tudo bem se chamar. Mas, Darcy, escute! — ele se inclinou para frente e pressionou um dedo na testa dela, entre suas sobrancelhas. — Escute e coloque isto na cabeça. *Foi* Brian. Ele me infectou com... bem, certas idéias, vamos dizer. Algumas idéias, uma vez que você as coloca na cabeça, você não pode deixar de pensar nelas. Você não pode...

— Colocar a pasta de dente de volta no tubo?

Ele bateu palma, quase a fazendo gritar.

— *Isso, exatamente!* Você não pode colocar a pasta de dente de volta no tubo.

Brian estava morto, mas suas idéias estavam vivas. Aquelas idéias—pegar mulheres, fazer coisas com elas, qualquer que fosse a idéia maluca que viesse à sua cabeça—elas se tornaram o fantasma dele.

Seus olhos miraram para cima e para a esquerda quando ele disse isso. Ela havia lido em algum lugar que isto significava que uma pessoa que estava falando alguma coisa, estava contando uma mentira consciente. Mas importava se ele estivesse? Ou para qual deles ele estava mentindo? Ela achou que não.

— Eu não vou entrar em detalhes. — ele disse. — Não é coisa para um doce de pessoa como você ouvir, e goste ou não—e sei que não gosta no momento—você ainda é meu doce. Mas você tem que saber que eu lutei contra isso. Por sete anos eu parei, mas aquelas idéias—as idéias de Brian—continuavam a crescer dentro de minha cabeça.

Até que finalmente eu disse para mim mesmo “eu vou tentar uma vez, só para tentar tirar isso da minha cabeça. Para tirá-*lo* da minha cabeça. Se eu for pego, então eu serei pego—ao menos eu vou parar de pensar nisso. *Fantasiar* sobre isso. O que seria mais apropriado.

— Está me dizendo que isso foi uma investigação masculina. — ela disse devagar.

— Bem, sim. Eu suponho que você poderia dizer isso.

— Ou era como experimentar maconha pra descobrir o motivo da moda.

Ele deu de ombros modestamente.

— Tipo isso.

— Não foi uma investigação, Bobby. Não foi como experimentar maconha. Foi o *arrebatamento da vida de uma mulher*.

Ela não havia visto nenhuma culpa ou vergonha—ele parecia incapaz de sentir essas coisas, parecia que o circuito que controlava isso havia fritado, talvez antes até mesmo dele nascer—mas agora ele lhe lançava um olhar irritado e vitimado. Um olhar adolescente de você-não-me-entende.

— Darcy, elas eram *esnobs*.

Ela queria um copo de água, mas ela tinha medo de se levantar e ir até o banheiro. Ela tinha medo que ele a parasse, e o que aconteceria depois disso? O quê então?

— Além disso... — ele continuou. — ...eu não achei que seria pego. Não se eu fosse cuidadoso e fizesse um plano. Não um plano imaturo e tarado de um garoto de catorze anos, sabe, mas um realista. E eu percebi outra coisa também. Eu não poderia fazer isso por mim mesmo, mesmo se eu não estragasse tudo com o

nervosismo, a culpa poderia me entregar. Porque eu era um dos mocinhos. Era assim que eu me via, e acredite ou não, ainda me vejo. E eu tenho a prova, não tenho? Um bom lar, uma boa esposa, duas lindas crianças que já são crescidas e estão começando sua própria vida. E eu ajudo a comunidade. Foi por isso que eu trabalhei como Tesoureiro da Cidade por dois anos de graça. É por isso que eu trabalho com Vinnie Eschler todo ano para realizar a campanha de doação de sangue no Dia das Bruxas.

Você deveria ter pedido a Marjorie Duvall para dar o dela, Darcy pensou. *Ela era A positiva.*

Então, estufando levemente seu peito—um homem tacando o último prego em seu argumento com um ponto final irrefutável—ele disse: — É disso que se trata o Clube de Escoteiros Mirins. Você achou que eu iria sair quando Donnie avançou de clube, eu sei que sim. Só que eu não fiz isso. Porque não é só por causa dele, nunca foi. É por causa da comunidade. É por retribuição.

— Então retribua a vida de Marjorie Duvall. Ou a de Stacey Moore. Ou Robert Shaverstone.

O último nome penetrou; ele fez careta como se ela houvesse batido nele.

— O garoto foi um acidente. Ele não deveria ter aparecido lá.

— Mas você estar lá não foi um acidente?

— Não era *eu* — ele disse, e então adicionou o absurdo surreal definitivo. — Eu não sou adúltero. Foi BD. Foi sempre BD. Foi culpa dele de colocar aquelas idéias na minha cabeça em primeiro lugar. Eu nunca teria pensado nelas por minha conta. Eu assinei minhas notas para a polícia com o nome dele só para deixar isso claro. É claro que eu mudei a grafia, porque eu às vezes o chamava de BD na época em que te contei sobre ele pela primeira vez. Você pode até não se lembrar, mas era.

Ela estava impressionada no quão obsessivo ele havia se tornado. Não era a toa que ele não havia sido preso. Se ela não houvesse tocado com seu dedo aquela maldita caixa— — Nenhuma delas tem qualquer relação com meu emprego. *Qualquer* um dos empregos. Isso seria ruim. Muito perigoso. Mas eu viajo muito, e mantenho os olhos abertos. BD—o BD em meu interior—também. Ficamos procurando as esnobes. Você sempre pode reconhecer. Elas deixam suas saias bem altas, e mostrar as alças do sutiã de propósito. Elas seduzem os homens. Aquela Stacey Moore, por exemplo. Você leu sobre ela, tenho certeza. Casada, mas isso não a impediu de esfregar seus peitos contra mim. Ela trabalhava como garçoneiro em uma cafeteria—o Sunnyside em Waterville. Eu costumava ir lá pelas Moedas de Mickelson, lembra-se? Você até mesmo foi comigo algumas vezes, quando Pets estava em Colby. Isto foi antes de George Mickelson morrer e

seu filho vender todo estoque para que pudesse ir para Nova Zelândia ou qualquer outro lugar. Aquela mulher estava *sempre dando em cima de mim*, Darce!

Sempre me perguntando se eu gostaria de uma aquecidinha no meu café, ou falando aquelas coisas sobre o Red Sox, inclinando-se, esfregando os peitos em meu ombro, dando o melhor para me deixar excitado. O que ela conseguiu, devo admitir, eu sou um homem com necessidades de homem, e embora você nunca tenha me evitado ou me negado... bem, raramente... eu sou um homem com necessidades de homem, e eu sempre tive uma libido alta. Algumas mulheres sentem isso, e gostam de brincar com isso. Isso as deixa loucas.

Ele estava olhando para seu colo, com olhos obscuros e sonhadores. Então algo mais lhe ocorreu e sua cabeça levantou. Seu cabelo ralo voou, e então caiu de volta.

— Sempre sorrindo! Batom vermelho e sempre sorrindo! Bem, eu reconheço sorrisos como aquele. A maioria dos homens reconhece. “Ha-ha, eu sei que você quer, eu posso cheirar isso em você, mas este pequeno esfregão é tudo o que você vai conseguir, então se conforme!”. *Eu podia!* Eu *podia* me conformar! Mas não BD, não ele.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Há várias mulheres assim. É fácil conseguir o nome delas. Então você pode segui-las pela Internet. Há um monte de informação se você souber onde procurar, e contadores sabem como. Eu fiz isso... oh, dúzias de vezes. Talvez centenas. Você poderia chamar isso de passatempo, eu acho. Você poderia dizer que eu coleciono informações como coleciono moedas. Normalmente não dá em nada. Mas às vezes BD dirá “É essa quem você vai querer seguir, Bobby. Essa bem aí. Vamos planejar juntos, e quando a hora chegar, você simplesmente me deixa assumir”. E é isso o que eu faço.

Ele tomou sua mão, e encaixou os dedos moles e gelados dela nos seus.

— Você acha que eu estou louco. Eu posso ver em seus olhos. Mas não estou, querida. É BD quem está louco... ou Bedê, se prefere o nome público dele. A propósito, se você ler as histórias no jornal, você saberá que eu propositalmente coloquei um monte de palavras erradas em minhas notas para a polícia. Eu até mesmo escrevo o endereço errado. Eu mantenho uma lista de palavras erradas na carteira, para que eu sempre faça do mesmo jeito. É uma pista errada. Eu quero que eles pensem que Bedê é demente—literalmente, de qualquer forma—e eles o fazem. Porque *eles* são dementes. Eu só fui interrogado uma única vez, anos atrás, e isso foi como testemunha, duas semanas após BD ter matado aquela mulher Moore. Um velhinho com uma coxeadura, semi-aposentado. Disse que eu

deveria ligar para ele se me lembrasse de alguma coisa. Eu disse que iria. Isso foi muito valioso.

Ele riu sem emitir som, como às vezes fazia enquanto assistiam *Modern Family* ou *Dois Homens e Meio*. Era um jeito de rir que ele tinha, até aquela noite, que sempre aumentava a diversão dela.

— Quer saber de uma coisa, Darce? Se eles me pegassem no ato, eu admitiria— ao menos acho que sim, eu não acho que alguém tenha cem por cento de certeza do que faria numa situação dessas—mas eu não poderia lhes dar uma confissão muito boa.

Porque eu não me lembro dos... bem... atos. Bedê os comete, e eu meio que... eu não sei... fico inconsciente. Tenho amnésia. Alguma maldita coisa assim.

Oh, seu mentiroso. Você se lembra de tudo. Está em seus olhos, e até mesmo no modo como sua boca treme nos cantos.

— E agora... está tudo nas mãos de Darcellen. — ele levantou uma das mãos delas até os lábios e beijou as costas dela, como se para enfatizar sua frase. — Sabe aquela velha frase batida, “eu poderia te contar, mas então teria que te matar?” Isso não se aplica aqui. Eu nunca poderia te matar. Tudo o que eu faço, tudo o que eu construí...é modesto aos olhos de algumas pessoas, eu acho... eu fiz e construí por você. Pelas crianças também, é claro, mas a maior parte foi por você. Você entrou na minha vida, e sabe o que aconteceu?

— Você parou. — ela disse.

Ele deu um sorriso radiante.

— Por mais de vinte anos!

Dezesseis, ela pensou, mas não disse.

— Pela maior parte desses anos, enquanto criávamos as crianças e lutávamos para tirar o negócio de moedas do chão—embora você deva receber o maior crédito— eu estava correndo em volta de New England tratando de impostos e cuidando de fundações— Foi você quem fez a coisa funcionar. — ela disse, e ela ficou um pouco chocada pelo que ouviu em sua própria voz: calma e cordialidade. — Você quem era o especialista.

Ele pareceu quase emocionado o bastante para começar a chorar de novo, e quando falou sua voz estava rouca.

— Obrigado, querida. Significa tudo para mim, ouvir você dizer isso. Você me salvou, sabe. De mais de uma forma.

Ele limpou a garganta.

— Por uma dúzia de anos, Bedê nunca mais deu um pio. Eu achei que ele tinha

ido embora. Honestamente. Mas então ele voltou. Como um fantasma.

Ele pareceu ruminar sobre o assunto, então assentiu muito lentamente.

— É isso o que ele é. Um fantasma, um bem malvado. Ele começou a apontar mulheres enquanto eu caminhava. “Olhe aquela lá, ela quer se certificar de que você veja seus mamilos, mas se você tocá-los ela chamará a polícia e então rirá com as amigas quando te levarem. Veja aquela outra, mostrando a calcinha enquanto sai do carro, e se você acha que é acidente, então você é um idiota. Ela é apenas mais uma esnobe e que acha que nunca vai ter o que merece”.

Ele parou, seus olhos uma vez mais obscuros e sonhadores. Neles estava Bobby que a havia enganado com sucesso por vinte e sete anos. Aquele que ele estava tentando passar como um fantasma.

— Quando eu comecei a ter essas vontades, eu lutei contra elas. Existem revistas... certas revistas... eu as comprei antes de nos casarmos, e eu achei que se fizesse isso de novo... ou certos sites na Internet... eu achei que poderia... eu não sei...

substituir a fantasia por realidade. Eu acho que você poderia dizer... mas uma vez que você experimentou a coisa real, a fantasia não vale nada.

Ele estava falando, Darcy pensou, como um homem que havia se apaixonado por um capricho caro. Caviar. Trufas. Chocolates belgas.

— Mas o ponto é, eu parei. Por todos esses anos, eu *parei*. E eu poderia parar de novo, Darcy. Desta vez pra sempre. Se houver uma chance para nós. Se você pudesse me perdoar e então virar a página. — ele olhou para ela, sério e com os olhos molhados.

— Seria possível que você fizesse isso?

Ela pensou na mulher enterrada no monte de neve, suas pernas nuas expostas por uma descuidada pancada de um limpa-neve que passava—alguma filha de alguma mãe, uma vez a maça dos olhos de algum pai enquanto ela dançava desajeitada pelo palco da escola de gramática em um tutu rosa. Ela pensou em uma mãe e um filho descobertos em uma angra congelada, seus cabelos ondulando na água negra e gelada. Ela pensou na mulher com a cabeça enfiada no milho.

— Eu terei que pensar a respeito. — ela disse, muito cuidadosamente.

Ele a agarrou pelo antebraço e se inclinou em sua direção. Ela teve que se obrigar a não recuar, e encarar seus olhos. Eles eram seus olhos... e não eram. *Talvez haja alguma coisa de verdade naquela história de fantasma, afinal de contas*, ela pensou.

— Este não é um daqueles filmes onde o marido psicopata persegue sua esposa

berrante ao redor da casa. Se você decidir ir à polícia e me entrar, eu não levantarei um dedo para te impedir. Mas eu sei que você pensou no que isso faria às crianças. Você não seria a mulher com quem eu casei se não houvesse pensado nisso. O que você talvez não tenha pensado é no que isso faria a você. Ninguém acreditaria que você foi casada comigo por todos esses anos e nunca soube... ou ao menos suspeitou. Você teria que se mudar e viver com o dinheiro que resta, porque eu sempre fui um ganhador de pão, e um homem não pode ganhar seu pão quando se está na cadeia. Você talvez nem possa sacar o que restou, por causa do processo civil. E é claro que as crianças— — Pare, não fale sobre ela quando você fala sobre isso, *nunca mais*.

Ele assentiu humildemente, ainda segurando levemente seus antebraços.

— Eu venci BD uma vez—eu o venci por vinte anos...

Dezesseis, ela pensou novamente. *Dezesseis, e você sabe disso*.

— ...e posso vencê-lo de novo. Com sua ajuda, Darce. Com sua ajuda eu posso fazer qualquer coisa. Mesmo se ele voltar depois de mais vinte anos, e daí? Grande coisa! Eu terei setenta e três anos. Seria difícil sair caçando esnobes quando se está andando por aí com um apoio de rodinhas! — ele riu alegremente antes tal absurda imagem, então se acalmou de novo. — Mas—agora me escute com atenção—se eu alguma vez tivesse uma recaída, mesmo uma única vez, eu me mataria. As crianças nunca saberiam, elas nunca seriam tocadas por esse... esse, você sabe, *estigma*... porque eu faria parecer um acidente... mas *você saberia*. E sabe saberia o porquê. Então o que me diz? Podemos colocar isto no passado?

Ela pareceu pensar no assunto. Ela *estava* pensando no assunto, na verdade, embora tal processo pensamento estivesse seguindo uma direção que ele provavelmente não entenderia.

O que ela pensou foi: *É o que os viciados em drogas dizem, “Eu nunca vou tomar essa coisa de novo. Eu desisti antes e desta vez desisto de verdade. Eu falo sério”. Mas eles não falam sério, mesmo quando acham que sim, não falam, e tampouco ele*.

O que ela pensou foi: *O que eu vou fazer? Eu não posso enganá-lo, estivemos casados por muito tempo*.

Uma voz fria respondeu a isso, uma que ela nunca suspeitava ter dentro dela, ou talvez relacionada à voz-BD que sussurrava a Bob sobre esnobes que observava em restaurantes, rindo nas esquinas, dirigindo carros esporte caros com a capota abaixada, sussurrando e sorrindo uma para a outra nas varandas dos apartamentos.

Ou talvez fosse a voz da Garota Escura.

E por que não pode? ela perguntou. *Afina de contas... ele enganou você.*

E então o quê? Ela não sabia. Ela apenas sabia que o agora era agora, e o agora precisava ser enfrentado.

— Você terá que me prometer que vai parar. — ela disse, falando muito devagar e relutantemente. — Tem de ser uma promessa solene e inquebrável.

O rosto dele se encheu de tanto alívio—de um modo tão infantil—que ela ficou emocionada. Ele tão raramente parecia o menino que fora um dia. É claro que esse menino também planejara uma vez ir à escola armado.

— Eu prometeria, Darcy. Eu prometo. Eu *prometo*. Eu já lhe disse.

— E nunca mais poderíamos falar sobre isso.

— Eu entendo.

— E você não vai mandar as identidades da moça Duvall para a polícia.

Ela viu o desapontamento (também estranhamente infantil) que surgiu em seu rosto quando ela disse isso, mas ela planejava seguir com o plano. Ele tinha que se sentir punido, nem que fosse só um pouco. Desse modo ele acreditaria que a havia convencido.

Ou convenceu? Oh, Darcellen, convenceu?

— Eu preciso de mais do que promessas, Bobby. Ações falam mais alto do que palavras. Cave um buraco na floresta, e enterra as carteiras de identidade daquela mulher.

— Quando eu tiver feito isso, nós...

Ela se inclinou e colocou um dedo em sua boca. Ela lutou para parecer severa.

— Shh. Silêncio.

— Certo. Obrigado, Darcy. Muito obrigado.

— Eu não sei pelo que você está me agradecendo. — então, embora o pensamento de tê-lo deitado ao seu lado lhe enchesse de repulsa e asco, ela se forçou a dizer o resto.

— Agora tire a roupa e venha para cama. Nós dois precisamos dormir um pouco.

Bedê.

Ele adormeceu quase no mesmo instante em que sua cabeça bateu no travesseiro, mas logo após ele começar seus pequenos e educados roncos, Darcy abriu os olhos, pensando que ao se permitir dormir, ela acordaria com as mãos dele ao redor de sua garganta. Ela estava na cama com um louco, afinal de contas. Se ele a adicionasse, seu placar subiria uns doze pontos.

Mas ele falou sério, ela pensou. Isto era certo por volta da hora em que o céu começou a iluminar no oeste. Ele disse que me ama, e ele fala sério. E quando eu disse que manteria seu segredo— porque foi isso que acabou se tornando, manter seu segredo— ele acreditou em mim. E por que não acreditaria? Eu quase convenci a mim mesma

Não seria possível que ele pudesse cumprir sua promessa? Nem todos os viciados em drogas falhavam em ficarem limpos, afinal de contas. E enquanto ela nunca conseguiria manter esse segredo por si mesma, não seria possível manter pelas crianças?

Eu não posso. Eu não vou. Mas que escolha eu tenho?

Que maldita escolha eu tenho?

Foi enquanto pensava nesta questão, que sua mente confusa e cansada desistiu e adormeceu.

Ela sonhou que entrava na sala de jantar e encontrava uma mulher presa as correntes na longa mesa Ethan Allen que lá havia. A mulher estava nua exceto por um capuz negro de couro que cobria a metade superior de seu rosto. *Eu não conheço essa mulher, essa mulher é uma estranha para mim*, ela pensou em seu sonho, e de debaixo do capuz Petra disse: “Mamãe, é você?”

Darcy tentou gritar, mas às vezes nos pesadelos, você não pode.

-11-

Quando ela finalmente acordou—com a cabeça doendo, angustiada, e sentindo como se houvesse tido uma ressaca—a outra metade da cama estava vazia. Bob havia girado seu relógio de volta para o lugar, e ela viu que já passava das dez. Era o mais tarde que ela já havia acordado em anos, mas é claro que ela não havia dormido até que o sol raiasse, e o tal sono que ela teve foi popularizado com horrores.

Ela foi ao banheiro, pegou seu roupão do cabide na porta do banheiro, e então escovou os dentes—sua boca tinha um gosto horrível. *Como o chão de uma gaiola de passarinhos*, Bob teria dito nas raras manhãs após ter tomado uma taça extra de vinho no jantar, ou uma segunda garrafa de cerveja durante o jogo de

beisebol. Ela cuspiu, começou a devolver sua escova ao copo de escovas, e então parou, olhando para seu reflexo. Nesta manhã ela viu uma mulher que parecia velha, ao invés de madura: pele pálida, linhas fundas rodeando a boca, manchas arroxeadas sob os olhos, a cara louca que você consegue ao ficar se remexendo e se virando na cama. Mas tudo isso era de apenas interesse passageiro para ela; como ela parecia era a última coisa em sua mente.

Ela espiou por cima do ombro de seu reflexo e através da porta aberta do banheiro, para dentro do quarto deles. Só que não era deles; era o Quarto Escuro. Ela conseguia ver as chinelas dele, só que não eram deles. Elas obviamente eram grandes demais para Bob, quase chinelas de gigante. Eles pertenciam ao Marido Escuro. E a cama de casal com os lençóis amassados e as cobertas caídas? Isso era a Cama Escura. Ela voltou seu olhar para a mulher com os cabelos desarrumados, e com os olhos injetados e assustados: a Esposa Escura, em toda a sua rubra glória. Seu primeiro nome era Darcy, mas seu último não era Anderson. A Esposa Escura era a Sra. Brian Delahanty.

Darcy se inclinou para frente até que seu nariz tocasse o vidro. Ela prendeu a respiração, e cobriu o rosto com as mãos do mesmo modo como havia feito quando criança, com um short manchado de grama, e meias brancas caídas. Ela olhou até não conseguir prender mais a respiração, então ela exalou em um bafo que enevoou o espelho. Ela o limpou com uma toalha, e então desceu as escadas para encarar seu primeiro dia como a esposa de um monstro.

Ele havia lhe deixado uma nota sob o açucareiro.

Darce

Eu vou cuidar daqueles documentos, como você pediu. Eu te amo, querida.

Bob

Ele havia desenhado um pequeno coração ao redor do seu nome, uma coisa que ele não fazia há anos. Ela sentiu uma onda de amor por ele, tão espessa e saturada como o odor de flores moribundas. Ela queria chorar como alguma mulher em uma história do Velho Testamento, e abafar o som com um lenço. O refrigerador despertou e começou seu zumbido insensível. Água pingava na pia, pingando os segundos na porcelana. Sua língua era uma esponja amarga atulhada em sua boca. Ela sentiu o tempo—todo o tempo que estava para vir, como esposa dele nesta casa—se fechar ao seu redor como uma jaqueta. Ou como um caixão. Este era o mundo em que ela acreditava quando criança. Estivera ali o tempo todo.

Esperando por ela.

O refrigerando zumbiu, a água pingou na pia, e os segundos passavam. Esta era a Vida Escura, onde cada verdade era escrita de trás para frente.

-12-

Seu marido havia treinado a Pequena Liga (também como Vinnie Eschler, aquele mestre de piadas sobre poloneses e grandes abraços masculinos) durante os anos em que Donnie jogara como shortstop^[21] pelos Cavendish Hardware, e Darcy ainda se lembrava do que Bob disse aos garotos—muitos deles chorando—depois que eles haviam perdido o último jogo pelo torneio do Distrito 19. Isso havia acontecido em 1997, provavelmente um mês, mais ou menos, antes de Bob assassinar Stacey Moore e a enfiado numa caixa de milho. A conversa que ele havia tido com aquele bando de meninos chorões e soluçantes havia sido curta, sábia, e (ela pensou assim na época e ainda o fazia treze anos depois) incrivelmente gentil.

Eu sei como vocês estão se sentindo mal, mas o sol vai raiar amanhã. E quando isso acontecer, vocês se sentirão melhor. Quando o sol raiar no dia depois de amanhã, vão se sentir ainda melhor. Isto é simplesmente uma parte de suas vidas, e acabou.

Teria sido melhor ganhar, mas de qualquer forma, acabou. A vida continua.

Como a dela seguiu, após sua viagem malfadada à garagem por pilhas. Quando Bob voltou do trabalho, depois do primeiro longo dia em casa dela (ela não conseguia agüentar o pensamento de sair sozinha, temendo que o que ela sabia pudesse estar escrito em letras maiúsculas na sua cara), ele disse: — Querida, sobre ontem à noite...

— Nada aconteceu ontem à noite. Você voltou para casa mais cedo, isso é tudo.

Ele abaixou a cabeça daquele modo infantil, e quando a levantou novamente, seu rosto estava aceso por um grande e agradecido sorriso.

— Tudo bem então. — ele disse. — Caso encerrado?

— Livro encerrado.

Ele abriu os braços.

— Me dê um beijo, linda.

Ela deu, imaginando qual *deles* havia beijado.

Faça um bom trabalho, e realmente use essa sua língua educada, não vai te machucar, ela podia imaginá-lo dizendo. *Ponha seu coraçõzinho irritado nisso.*

Ele a afastou dele, suas mãos em seus ombros.

— Ainda somos amigos?

— Ainda somos amigos.

— Tem certeza?

— *Sim*. Eu não cozinhei nada, e eu não quero sair. Por que não vai se trocar, põe umas roupas mais quentes e vai comprar uma pizza.

— Tudo bem.

— E não se esqueça de seu antiácido.

— Pode apostar. — ele disse, sorrindo para ela.

Ela o assistiu subir as escadas, pensando em dizer *Não faça isso Bob, não teste seu coração dessa maneira*.

Mas não.

Que ele o testasse o quanto quisesse.

-13-

O sol raiou no dia seguinte. E no seguinte. Uma semana se passou, então duas, então um mês. Eles voltaram aos velhos dias, os pequenos hábitos de um longo casamento. Ela escovou os dentes enquanto ele estava no chuveiro (normalmente cantando algum sucesso dos anos oitenta em uma voz que suportável, mas não particularmente melodiosa), embora ela não mais o fizesse nua, pretendendo pisar no chuveiro no momento em que ele saísse; agora ela tomava banho quando ele saía para trabalhar na B, B, & A. Se ele notou essa pequena mudança no *modus operandi* dela, ele não mencionou. Ela continuou com seu clube de livros, dizendo às outras senhoras e aos dois cavalheiros aposentados que haviam entrado no grupo, que ela estava se sentindo doente e que não queria passar o vírus junto com sua opinião do novo livro de Barbara Kingsolver, e todos riram educadamente. Uma semana após isso, ela voltou ao ciclo de costura Doidas por Costura. Às vezes ela se pegava cantando uma música do rádio quando voltava do correio ou do supermercado. Ela e Bob assistiam TV à noite— sempre comédias, nunca os seriados de crimes forenses. Ele voltava cedo agora; não houvera mais viagens desde a de Montpellier. Ele tinha uma coisa chamada Skype em seu computador, dizendo que poderia olhar para as coleções de moedas mais fácil desse jeito, e ainda pouparia gasolina. Ele não disse que também pouparia sua tentação, mas não precisou. Ela assistia os jornais para ver se os documentos de Marjorie Duvalll apareceriam, sabendo que se ele tivesse

mentido sobre isso, teria mentido sobre tudo.

Mas não apareceram. Uma vez por semana eles saíam para jantar em um dos dois restaurantes baratos de Yarmouth. Ele pedia bife, e ela peixe. Ele bebia chá gelado e ela suco de oxicoco. Velhos hábitos são difíceis de morrer. Na maioria das vezes, ela pensou, eles nunca morriam até que nós morrêssemos.

Durante o dia, enquanto ele estava fora, ela agora raramente ligava a televisão.

Era mais fácil ouvir o refrigerador, e os pequenos rangidos e gemidos de sua bela casa de Yarmouth enquanto ela se aprontava para mais um inverno do Maine. Era mais fácil de pensar. Mais fácil de encarar a verdade: ele faria de novo. Ele agüentaria o quanto pudesse, ela ficaria feliz em lhe dar créditos por isso, mas cedo ou tarde Bedê assumiria o controle. Ele não mandaria as identidades da próxima mulher para a polícia, achando que isso seria o bastante para enganá-la, mas provavelmente não dando a mínima se ela notasse a mudança de *modus operandi*. *Porque, ele raciocinaria, ela agora é parte disso. Ela teria que admitir que sabia. Os tiras extrairiam isso dela, mesmo que ela tentasse esconder essa parte.*

Donnie ligou de Ohio. O negócio estava indo de vento em poupa; eles tinham uma oportunidade de produto que poderia se tornar nacional. Darcy deu vivas (e Bob também, admitindo alegremente que ele estivera errado sobre as chances de Donnie de se sair bem tão jovem). Petra ligou para dizer que estava tentada a escolher o vestido azul, forrado, e da altura dos joelhos, para as damas de honra, com echarpes de seda combinando, e por acaso Darcy achava que estava bem, ou o vestuário pareceria um pouco infantil? Darcy disse que achava que ficaria lindo, e as duas começaram a discutir os sapatos—sapatos de escarpã azuis com saltos de dois centímetros, para ser exato. A mãe de Darcy ficou doente lá em Boca Grande, e parecia que ela teria de ir para o hospital, mas então eles começaram a lhe passar algumas novas medicações e ela melhorou. O sol raiou e se pôs. As abóboras de papel nas vitrines das lojas saíram, e perus de papel entraram. Então as decorações de Natal surgiram. Os primeiros flocos de neve apareceram, de acordo com o cronograma.

Em sua casa, depois que seu marido havia levado sua maleta e saído para trabalhar, Darcy passeou pelos aposentos, pausando para olhar em vários espelhos.

Geralmente por um longo tempo. Pergunto à mulher dentro daquele outro mundo o que ela deveria fazer.

Cada vez mais a resposta parecia ser que ela não deveria fazer nada.

Em um inapropriado dia quente duas semanas antes do Natal, Bob voltou para casa no meio da tarde, gritando seu nome. Darcy estava lá em cima, lendo um livro. Ela o largou na cabeceira (ao lado do espelho de mal que havia tomado residência permanente por lá) e desceu as escadas. Seu primeiro pensamento (horror misturado com alívio) era que estava tudo finalmente acabado. Ele havia sido descoberto. A polícia logo estaria ali. Eles o levariam, então voltariam para lhe fazer as duas velhas perguntas: o que ela havia descoberto, e quando havia descoberto? Furgões dos noticiários estariam estacionados na rua. Jovens e moças com belos cabelos estariam fazendo reportagens em frente de sua casa.

Só que não era medo em sua voz; ela soube disso antes que ele alcançasse o pé da escada e virasse o rosto para ela. Era excitação. Talvez até alegria.

— Bob? O quê...

— Você nunca vai acreditar! — seu sobretudo estava aberto, seu rosto corado até a testa, e o pouco de cabelo que ainda lhe restava voava em todas as direções. Era como se ele houvesse dirigido com as janelas do carro abertas. Dada à qualidade primaveril do ar, Darcy supôs que isso deveria ter acontecido mesmo.

Ela desceu cuidadosamente e parou no primeiro degrau, o que os colocou olho a olho.

— Diga-me.

— A mais incrível das sortes! Sério! Se eu já precisei de um sinal de que estou nos trilhos certos novamente—que *nós* estamos—cara, é isso aqui! Ele mostrou as mãos. Elas estavam fechadas com os punhos para cima. Seus olhos brilhavam. Quase dançavam. — Que mão? Escolha.

— Bob, eu não quero brin...

— Escolha!

Ela apontou para sua mão direita, só para acabar logo com isso. Ele riu.

— Você leu minha mente... mas você sempre pôde fazer isso, não é?

Ele virou o punho e abriu a mão. Em sua palma jazia uma única moeda, virada do lado da coroa, para que ela pudesse ver que era uma moeda de centavo de trigo. Sem chance de estar perfeita, mas ainda em grande forma. Presumindo que não havia arranhões no lado de Lincoln, ela achou que ela estava em um belo estado. Ela foi pegando, e então parou. Ele assentiu para que ela fosse em frente. Ela a virou, bem certa do que veria. Nada mais poderia explicar adequadamente a excitação dele. Era o que ela esperava: uma com dupla data de 1955. Uma dupla-*morte* em termos numismáticos.

— Meu Deus, Bobby! Onde? Você a comprou? Uma dupla-morte de 55 dessas foi vendida recentemente em um leilão em Miami por mais de oito mil dólares, um novo recorde. Esta aqui não está na mesma forma dela, mas nenhum negociante de moedas com metade do cérebro a teria vendido por menos de quatro.

— Deus, não! Alguns colegas me convidaram para almoçar naquele lugar tailandês Promessas Orientais, e eu quase fui, mas eu estava trabalhando na conta da Vision Associados—sabe, aquele banco privado que eu te falei? —então eu dei a Monica dez mangos para ela me comprar um sanduíche e um suco na estação de metrô.

Ela me trouxe de volta com o troco no saquinho. Eu o examinei... e lá estava! — ele tirou a moeda da mão dela e a ergueu acima da cabeça, rindo disso.

Ela riu com ele, então pensou (como fazia freqüentemente nos últimos dias): *ELE NÃO “SOFREU!”*

— Isso não é ótimo, querida?

— Sim. — ela disse. — Estou feliz por você. E, estranhamente ou não (*perverso* ou não), ela realmente estava. Ele havia intermediado várias vendas pelos anos e ele poderia ter comprado uma para ele a qualquer hora, mas isso não seria a mesma coisa de simplesmente topar com uma. Ele até mesmo a tinha proibido de lhe dar uma no Natal ou em seu aniversário. O grande achado acidental era o momento mais feliz de um colecionador, ele havia dito durante a primeira conversa real dos dois, e agora ele tinha o que estivera procurando no meio de montes de trocos durante toda sua vida. Seu desejo do coração havia caído de um saquinho branco de sanduíche junto com um pacotinho de molho de churrasco.

Ele a abraçou. Ela o abraçou de volta, então o afastou gentilmente.

— O que vai fazer com ela, Bobby? Colocá-la em um cubo de acrílico?

Isto era uma provocação, e ele sabia disso. Ele fez a imitação de um revólver com uma mão e atirou na cabeça dela com o dedo. O que vinha bem a calhar, porque quando você recebia um tiro de dedo, você não “sofria”.

Ela continuou a sorrir para ele, mas agora o via novamente (após aquele breve lapso amoroso) pelo que ele era: o Marido Escuro. Gollum, com seu precioso.

— Você sabe. Eu vou tirar uma foto, colocar a foto na parede, então colocar a moeda em nosso cofre. O que me diz, o estado dela está ótimo, ou excelente?

Ela a examinou novamente, então olhou para ele com um sorriso pesaroso.

— Eu adoraria dizer excelente, mas...

— É, eu sei, eu sei—e eu não deveria ligar. Você não deveria contar os dentes quando alguém lhe dá um cavalo, mas é difícil resistir. Mas é melhor do que “muito bom”, certo? Opinião honesta, Darce.

Minha opinião honesta é que você vai fazer de novo.

— Melhor do que muito bom, definitivamente.

Seu sorriso sumiu. Por um momento ela ficou certa de que ele havia adivinhado o que ela estava pensando, mas ela deveria ter ficado tranqüila; do outro lado do espelho, ela também poderia manter segredos.

— Não é a qualidade que importa, de qualquer forma. É o achado. Não consegui-la de um negociante, ou comprando-a em um catálogo, mas achá-la quando se menos esperava.

— Eu sei. — ela sorriu. — Se meu pai estivesse aqui agora, ele estaria abrindo uma garrafa de champagne.

— Eu irei cuidar deste pequeno detalhe no jantar de hoje à noite. — ele disse. — E não vai ser em Yarmouth. Iremos para Portland. Pérola do Litoral. O que me diz?

— Oh, querido, eu não sei...

Ele a tomou gentilmente pelos ombros como sempre fazia quando queria fazê-la entender o quão sério ele estava sobre alguma coisa.

— Ora, vamos... vai estar fresco o bastante hoje à noite para que você possa colocar seu vestido de verão mais bonito. Eu ouvi pelo rádio enquanto voltava para cá.

E eu vou comprar todo o champagne que você possa beber. Como pode dizer não para um trato como esse?

— Bem... — ela pensou. Então sorriu. — Acho que não posso.

-15-

Eles não tomaram apenas uma garrafa de um Moët et Chandon bem caro, mas duas, e Bob bebeu a maior parte dela. Conseqüentemente foi Darcy quem dirigiu para casa em seu quieto Prius, enquanto Bob estava no assento do passageiro cantando “Pennies from Haven” (Moedas do Paraíso) em sua voz suportável, mas não particularmente melodiosa. Ele estava bêbado, ela percebeu. Não apenas alto, mas bêbado de verdade. Era a primeira vez que ela o via assim em dez anos. Geralmente ele vigiava seu consumo de bebida como uma águia, mas quando alguém lhe perguntava em alguma festa o porquê de ele não estar bebendo, ele

citaria uma fala de *Bravura Indômita*: “Eu não colocaria um ladrão em minha boca para roubar minha mente”. Hoje à noite, no ápice de sua descoberta da dupla data, ele havia permitido que sua mente fosse roubada, e ela sabia o que ela pretendia fazer no momento em que ele pediu a segunda garrafa. No restaurante, ela não tinha certeza de que podia seguir em frente, mas ao ouvi-lo cantar no caminho para casa, ela teve. É claro que ela poderia fazer. Ela era a Esposa Escura agora, e a Esposa Escura sabia que o que ele pensara ser *sua* boa sorte era na verdade *dela*.

-16-

Dentro da casa, ele colocou seu casaco no cabide de madeira perto da porta e a puxou para seus braços para lhe dar um longo beijo. Ela conseguia sentir o champagne e o doce creme brûlée em seu bafo. Não era uma combinação ruim, embora ela soubesse que se as coisas seguissem seu curso, ela nunca mais iria querer nenhum deles. A mão dele desceu aos seus seios. Ela deixou que permanecesse lá, sentindo-o contra ela, e então o afastou. Ele pareceu desapontada, mas feliz quando ela sorriu.

— Eu vou subir e tirar esse vestido. — ela disse. — Tem um Perrier no refrigerador. Se me trazer uma taça—com uma fatia de limão—você pode ter sorte, senhor.

Ele sorriu ante a isso—seu velho e bem amado sorriso. Porque havia um hábito a muito estabelecido do casamento que eles não haviam dado continuidade desde a noite em que ele sentira o cheiro da descoberta dela (sim, sentiu o cheiro, simplesmente como um velho lobo pode cheirar uma isca envenenada), e viera correndo de Montpelier. Dia após dia eles emparedavam o que ele era—sim, tão certamente quando *Montresor* havia emparedado seu velho amigo *Fortunato*^[22]—e sexo na cama conjugal seria o último tijolo.

Ele bateu os calcanhares e lhe lançou uma saudação britânica, dedos na testa, a palma aberta.

— Sim, madame.

— Não demore. — ela disse agradavelmente. — Mamãe quer o que ela quer.

Subindo as escadas, ela pensou: *Isto nunca vai funcionar. A única coisa em que você vai ter sucesso é conseguir ser morta. Ele pode não achar que é capaz de fazer isso, mas eu acho que é*

Talvez estivesse tudo bem com isso. Presumindo que ele não a machucasse antes, como ele machucou aquelas outras mulheres. Talvez qualquer tipo de

desfecho servisse. Ela poderia passar o resto da vida olhando para espelhos. Ela não era mais uma criança, e não poderia escapar com uma loucura infantil.

Ela foi para o quarto, mas se demorou apenas o bastante para jogar a bolsa na mesa ao lado do espelho de mão. Então ela saiu novamente e chamou, “Você vem, Bobby? Eu realmente poderia achar uma utilidade para as bolhinhas!

— Já estou indo, madame, só estou colocando gelo.

E lá vinha ele saindo da sala de estar, e adentrando o hall, segurando uma de suas boas taças de cristal à frente na altura dos olhos como um garçom em uma novela cômica, cambaleando levemente enquanto se dirigia ao pé da escada. Ele continuou a segurar a taça enquanto as elevava, o pedaço de limão deslizando levemente no topo.

Sua mão livre seguia levemente o corrimão; seu rosto animado brilhava de felicidade.

Por um momento ela quase cedeu, então a imagem de Helen e Robert Shaverstone encheu sua mente, de modo infernalmente claro: o filho e sua mãe mutilada e molestada flutuando juntos por uma angra de Massachusetts que havia começado a congelar nas beiradas.

— Uma taça de Perrier para a dama, chegan...

Ela viu o entendimento saltar em seus olhos no último segundo, algo velho, amarelo, e antigo. Era mais do que surpresa; era fúria em choque. Naquele momento sua compreensão dele se tornou completa. Ele não amava a nada, quanto mais a ela. Toda a gentileza, carinho, sorriso infantil, e gestos profundos—não eram nada, a não ser camuflagem. Ele era a casca. Não havia nada do lado de dentro, a não ser um vazio gigantesco.

Ela o empurrou.

Foi um empurrão forte e ele deu um salto mortal de três quartos acima da escada antes de cair nela, primeiro com os joelhos, e então com o braço, e então sua cara em cheio. Ela ouviu o braço dele quebrar. A pesada taça Waterford se espatifou em um dos degraus nus. Ele rolou novamente e ela ouviu algo dentro dele estalar. Ele gritou de dor e deu um último salto mortal antes de aterrissar no chão de madeira dura, o braço quebrado (não quebrado em um único lugar, mas em vários) se empertigou acima da cabeça em um ângulo nunca pretendido pela natureza. Sua cabeça estava torcida, uma bochecha ao chão.

Darcy desceu correndo. No meio da corrida ela pisou no cubo de gelo, escorregou, e teve que se segurar no corrimão para se salvar. Lá embaixo ela viu uma grande protuberância agora espetando a pele da nuca dele de dentro para fora, embranquecendo-a, e disse:

— Não se mexa, Bob, eu acho que seu pescoço está quebrado.

Seus olhos giraram para olhar para ela. Sangue pingava de seu nariz—que parecia quebrado, também—e muito mais saía de sua boca, quase jorrando.

— Você me empurrou. — ele disse. — Oh, Darcy, por que você me empurrou?

— Eu não sei. — ela disse, pensando *nós dois sabemos*. Ela começou a chorar.

O choro veio naturalmente; ele era seu marido, e ele estava seriamente machucado. — Oh, Deus, eu não sei. Algo deu em mim. Eu sinto muito. Não se mexa, eu vou ligar para o 911 e pedir que eles mandem uma ambulância.

Seu pé se mexeu no chão.

— Eu não estou paralisado. — ele disse. — Graças a Deus por isso. Mas como *dói*.

— Eu sei, querido.

— Chame uma ambulância! Rápido!

Ela foi para a cozinha, deu uma rápida olhada no telefone em seu carregador, então abriu o armário sob a pia.

— Alô? Alô? É do 911? — ela tirou uma caixa de sacos plásticos médios que ela usava para colocar as sobras quando comiam frango ou bife, e tirou um da caixa. — Aqui é Darcellen Anderson, estou ligando de Sugar Mill Lane, 24, em Yarmouth! Você pegou isso?

De outra gaveta, ela pegou um pano para lavar pratos do topo da pilha. Ela ainda estava chorando, *que nem uma mangueira de incêndio*, eles diziam quando eram crianças. Chorar era bom. Ela precisava chorar, e não apenas porque pareceria melhor para ela mais tarde. Ele era seu marido, e ele estava machucado, ela precisava chorar.

Ela ainda se lembrava de quando ele ainda tinha a cabeça cheia de cabelo. Ela se lembrava de seus passos ousados quando dançaram “Footloose”. Ele lhe trazia rosas todo ano em seu aniversário. Ele nunca se esqueceu. Eles haviam ido para Bermuda, onde pedalararam em bicicletas pela manhã e fizeram amor pela tarde. Eles haviam construído uma vida juntos e agora aquela vida estava terminada, e ela precisava chorar.

Ela enrolou o pano de lavar pratos ao redor da mão, e a enfiou no saco plástico.

— Eu preciso de uma ambulância, meu marido caiu das escadas. Eu acho que seu pescoço pode estar quebrado. Sim! Sim! Agora mesmo!

Ela voltou para o hall com a mão atrás das costas. Ela viu que ele havia se arrastado um pouco para longe do pé da escada, e parecia que ele havia tentado se virar, mas não havia obtido sucesso nisso. Ela se ajoelhou ao seu lado.

— Eu não caí. — ele disse. — Você me empurrou. Por que você me empurrou?

— Acho que por causa do menino Shaverstone. — ela disse, e tirou a mão das costas. Ela estava chorando mais do que nunca. Ele viu o saco plástico. Ele viu que a mão dentro dele agarrava um pedaço de pano. Ele percebeu o que ela pretendia fazer.

Talvez ele já houvesse feito algo assim. Provavelmente havia.

Ele começou a gritar... só que os gritos não eram realmente gritos. Sua boca estava cheia de sangue, algo havia quebrado dentro de seu pescoço, e os sons que ele produziu eram mais rosnados guturais do que gritos. Ela enfiou o saco plástico entre seus lábios, e para dentro de sua boca. Ele havia quebrado um número de dentes na queda, e ela conseguia sentir os tocos quebrados. Se eles rasgassem sua pele, ela teria muito o que explicar.

Ela soltou a mão antes que ele pudesse morder, deixando o saco plástico e o pano de lavar pratos para trás. Ela agarrou sua mandíbula e queixo. A outra mão ela colocou no topo da sua cabeça careca. A carne lá estava muito quente. Ela conseguia sentir a pulsação do sangue. Ela fechou sua boca no pedaço de pano. Ele tentou se livrar dela, mas ele só tinha um braço livre, e era esse que havia quebrado na queda. O outro estava torcido abaixo dele. Seus pés sacudiam para cima e para baixo no chão de madeira dura. Um de seus sapatos saiu. Ele estava gorgolejando. Ela levantou o vestido, libertando suas pernas, e então se precipitou para frente, tentando imobilizá-lo. Se ela pudesse fazer isso, talvez ela pudesse tapar suas narinas.

Mas antes que ela pudesse tentar, seu peito começou a se agitar abaixo dela, e os gorgolejos se tornaram gemidos profundos em sua garganta. Isso a lembrou de como, enquanto aprendia a dirigir, ela às vezes passaria a marcha errada, artilhosamente, no velho Chevrolet de seu pai. Bob sacudiu, o único olho que ela podia ver se esbugalhava como o de uma vaca, em sua cavidade. Seu rosto, que antes fora de um rubro brilhante, agora estava ficando arroxeadado. Ele voltou a sua posição no chão. Ela esperou, arquejando, seu rosto manchado de catarro e lágrimas. Seus olhos já não mais giravam, e já não mais brilhavam com pânico. Ela pensou que ele esta m— Bob de um último espasmo titânico, e a derrubou. Ele se sentou, e ela viu que sua metade superior já não combinava com sua metade inferior; ele havia quebrado a coluna como também o pescoço, ao que parecia. Sua boca estufada de plástico escancarou-se. Seus olhos se encontraram com os dela em um olhar que ela soube que jamais esqueceria... mas um com que ela poderia viver, se ela sobrevivesse a isso.

— Dar! Arrrrr!

Ele caiu para trás. Sua cabeça fez um som parecido com o chocar de um ovo ao

bater no chão. Darcy engatinhou para perto dele, mas não perto o bastante para tocar na sujeira. Ela tinha seu sangue nela, é claro, e estava tudo bem quanto a isso—ela havia tentado ajudá-lo, era natural—mas não significava que ela iria querer se banhar nele.

Ela sentou, se sustentou com um braço, e assistiu enquanto esperava seu fôlego voltar.

Ela esperou para ver se ele se moveria. Ele não se moveu. Quando cinco minutos se passaram de acordo com o pequeno relógio Michele em seu pulso—o único que ela usava quando saía—ela usou uma das mãos e a colocou ao lado do pescoço dele, e procurou sentir uma pulsação. Ela manteve os dedos contra sua pele contando até trinta, e não aconteceu nada. Ela abaixou o ouvido no peito dele, sabendo que este seria o momento em que ele voltaria à vida e a agarraria. Ele não voltou à vida, porque não havia vida sobrando nele: nenhum coração batendo, nenhum pulmão respirando. Estava acabado. Ela não sentiu satisfação (quanto mais triunfo), mas apenas uma determinação concentrada de acabar isto e da maneira certa. Parcialmente por si mesma, mas na maior parte por causa de Donnie e Pets.

Ela foi até a cozinha, movendo-se rapidamente. Eles teriam que saber que ela havia ligado o mais rápido que podia; se pudessem dizer que houvera uma demora (se seu sangue tivesse a chance de coagular demais, por exemplo), poderia haver questões embaraçosas. *Eu lhes direi que desmaiei, se for necessário*, ela pensou. *Eles vão acreditar nisso, e mesmo que não acreditem, eles não podem provar. Pelo menos, eu não acho que possam.*

Ela tirou a lanterna da despensa, do mesmo modo como ela havia feito na noite em que literalmente tropeçara no segredo dele. Ela voltou para onde Bob estava deitado, olhando o teto com seus olhos envidraçados. Ela puxou o saco plástico de sua boca, e o examinou ansiosamente. Se estivesse rasgado, poderia haver problemas... e estava, em dois lugares. Ela mirou a lanterna na boca dele e viu um pequeno pedaço do saco em sua língua. Ela o pegou com a ponta dos dedos, e o colocou dentro do saco.

Basta, já basta, Darcellen.

Mas não bastava. Ela empurrou suas bochechas com os dedos, primeiro para a direita, depois para a esquerda. E no lado esquerdo ela achou outro pequeno pedaço de plástico, preso na gengiva. Ela tirou esse e o colocou no saco junto com o outro.

Haveria mais pedaços? Ele os teria engolido? Se sim, eles estavam além de seu alcance, e tudo o que ela poderia fazer era rezar para que não fossem descobertos se alguém—ela não sabia quem—tivesse dúvidas o bastante para ordenar uma

autópsia.

Enquanto isso, o tempo passava.

Ela se apressou pela passagem, e adentrou a garagem, não exatamente correndo.

Ela engatinhou abaixo da bancada, abriu o esconderijo especial dele, e guardou o plástico ensangüentado com o pano de lavar prato lá dentro. Ela fechou o rodapé, colocou a caixa de velhos catálogos na frente, e voltou para dentro da casa. Ela devolveu a lanterna ao seu lugar. Ela pegou o telefone, percebendo que havia parado de chorar, e o colocou de volta no gancho. Ela foi até a sala de estar e olhou para ele. Ela pensou em rosas, mas isso não funcionou. *São as rosas, não o patriotismo, que são o último recurso de um patife*, ela pensou, e ficou chocada ao se ouvir rindo. Então ela pensou em Donnie e Petra, que ambos idolatravam o pai, e isso resolveu. Chorando, ela voltou para a cozinha, e discou 911.

— Alô, meu nome é Darcellen Anderson, e eu preciso de uma ambulância na...

— Vá um pouco mais devagar, senhora. — a atendente disse. — Estou tendo problemas em entendê-la.

Bom, Darcy pensou.

Ela limpou a garganta.

— Está melhor assim? Pode me entender?

— Sim, senhora, estou entendendo agora. Apenas fique calma. Você disse que precisa de uma ambulância?

— Sim, na Sugar Mill Lane, número 24.

— Está ferida, Sra. Anderson?

— Não sou eu, é meu marido. Ele caiu das escadas. Ele pode estar inconsciente, mas acho que ele está morto.

A atendente disse que mandaria uma ambulância imediatamente. Darcy suspeitou que ela também mandaria uma viatura policial de Yarmouth. Uma viatura da polícia estadual também, se houvesse alguma nas redondezas. Ela torceu para que não houvesse. Ela voltou para o corredor frontal, e sentou na cadeira, mas não se demorou.

Eram os olhos dele, olhando para ela. Acusando-a.

Ela pegou seu casaco esporte, o enrolou ao redor de si mesma, e saiu da casa, para esperar a ambulância do lado de fora.

O policial que pegou seu testemunho foi Harold Shrewsbury, um policial local.

Darcy não o conhecia, mas conhecia sua esposa; Arlene Shrewsbury era uma Doida por Costura. Ele falou com ela na cozinha, enquanto os Técnicos de Emergência Médica primeiro examinavam o corpo de Bob, e então o levava, desconhecendo o fato de que havia outro cadáver dentro dele. Um homem que fora muito mais perigoso do que Robert Anderson, Contador Público Autorizado.

— Gostaria de tomar café, Oficial Shrewsbury? Não é incômodo.

Ele olhou para suas mãos trêmulas e disse que ficaria muito feliz em fazê-lo para ambos.

— Sou muito habilidoso na cozinha.

— Arlene nunca mencionou isso. — ela disse enquanto ele se movia. Ele deixou o caderninho aberto na cozinha. Até agora ele não havia escrito nada nele, a não ser o nome dela, o de Bob, seu endereço, e o número do telefone. Ela tomou isso como um bom sinal.

— Não, ela gosta é de esconder minhas qualidades sob um alqueire. — ele disse.

— Sra. Anderson—Darcy—sinto muito por sua perda, tenho certeza de que Arlene diria o mesmo.

Darcy começou a chorar novamente. Oficial Shrewsbury tirou um monte de papel toalha do rolo e passou para ele.

— Mais fortes do que aqueles lencinhos Kleenex.

— Você tem experiência com isso. — ela disse.

Ele checkou o filtro de café, viu que já estava cheio, e o colocou.

— Mais do que eu gostaria. — ele voltou e se sentou. — Pode me dizer o que aconteceu? Acha que se sente bem para fazer isso?

Ela lhe contou sobre Bob encontrando a moeda de dupla data em seu troco do metrô, e o quão excitado ele estivera. Sobre seu jantar de comemoração no Pérola do Litoral, e o quanto ele havia bebido. Como ele havia bancado o palhaço (ela mencionou sua cômica saudação britânica que ele havia dado quando ela pedira por uma taça de Perrier e limão). Como ele havia subido as escadas segurando a taça acima da cabeça, como um garçom. Como ele estava quase no patamar quando escorregou. Ela até mesmo contou como ela mesma quase havia escorregado em um dos cubos de gelo caídos, ao correr para agarrá-lo.

Oficial Shrewsbury anotou alguma coisa em seu caderninho, e o fechou, então olhou nos olhos dela.

— Certo. Eu quero que você venha comigo. Pegue seu casaco.

— O quê? Aonde?

Para a cadeia, é claro. Não passe pelo Siga em Frente, não colete duzentos dólares, e vá direto para a Cadeia. Bob havia escapado com quase uma dúzia de assassinatos, e ela não havia conseguido escapar nem com um (é claro que ele havia planejado os dele, e com a atenção de um contador como detalhe). Ela não sabia onde havia escorregado, mas sem dúvida nenhuma acabaria sendo algo óbvio. Oficial Shrewsbury lhe diria no caminho para a delegacia. Seria o último capítulo de um livro de Elizabeth George.

— Minha casa. — ele disse. — Você vai ficar comigo e com Arlene hoje à noite.

Ela se engasgou ante ele.

— Eu não... eu não posso...

— Você pode. — ele disse, em uma voz que não aceitava argumentos. — Ela me mataria se eu te deixasse aqui sozinha. Você quer ser responsável pelo meu assassinato?

Ela enxugou as lágrimas e sorriu languidamente.

— Não, acho que não. Mas... Oficial Shrewsbury...

— Harry.

— Eu tenho que fazer telefonemas. Minhas crianças... elas não sabem ainda. — esse pensamento trouxe lágrimas frescas, e ela pôs o último pedaço de papel toalha nelas. Quem poderia saber que uma pessoa podia ter tantas lágrimas? Ela não havia tocado no café, e agora bebera metade dele em três longos goles, embora ainda estivesse quente.

— Eu acho que podemos arcar com algumas chamadas à longa distância. — Harry Shrewsbury disse. — E escute. Tem alguma coisa que você quer levar? Alguma coisa de, você sabe, natureza calmante?

— Nada assim. — ela sussurrou. — Apenas Ambien.

— Então Arlene vai lhe emprestar um de seus Valiums. — ele disse. — Você devia tomar ao menos um, uma hora antes de começar a fazer ligações estressantes.

Enquanto isso, eu vou me certificar de que ela saiba que estamos chegando.

— Você é muito gentil.

Ele abriu a primeira gaveta da cozinha, então outra, então uma terceira. Darcy sentiu seu coração subir na garganta quando ele abriu a quarta. Tirou um pano de lavar pratos, e lhe entregou.

— Mais fortes do que papel toalha.
— Obrigada. — ela disse. — Muito obrigada.
— Por quanto tempo esteve casada, Sra. Anderson?
— Vinte e sete anos. — ela disse.
— Vinte e sete. — ele disse espantado. — Deus. Eu sinto muito.
— Eu também. — ela disse, e encostou o rosto no pano.

-18-

Robert Emory Anderson foi enterrado no Cemitério da Paz de Yarmouth dois dias depois. Donnie e Petra flanquearam sua mãe, enquanto o pastor falava o quanto a vida era curta. O clima ficara frio e nublado; um vento gelado balançava os galos sem folhas. B, B, & A havia fechado por um dia, e todos haviam aparecido. Os contadores e seus sobretudos negros aglomerados como corvos. Não havia mulheres entre eles.

Darcy nunca havia percebido isto antes.

Seus olhos transbordavam, e ela os enxugava periodicamente com o lençinho que carregava em uma mão vestida com uma luva negra; Petra chorara firmemente e sem parar; Donnie estava com os olhos vermelhos e úmidos. Ele era um jovem bonito, mas seu cabelo já estava ficando ralo, como o de seu pai havia ficado nesta idade.

Contanto que ele não fique tão gordo quanto Bob ficou, ela pensou. *E não mate mulheres, é claro.* Mas com certeza esse tipo de coisa não era hereditário. Era?

Em breve isto acabaria. Donnie ficaria por alguns dias—era todo o tempo que ele podia ficar longe do negócio no momento, ele disse. Ele esperava que ela pudesse entender isso, e ela disse que é claro que entendia. Petra ficaria por uma semana, e disse que poderia ficar mais se Darcy precisasse dela. Darcy disse que ela era gentil, particularmente achando que não seria necessário mais do que cinco dias. Ela precisava ficar sozinha. Ela precisava... não pensar, exatamente, mas se encontrar novamente. Se restabelecer do lado certo do espelho.

Não que qualquer coisa houvesse dado errado; longe disso. Ela não achou que as coisas poderiam ter saído melhor se houvesse planejado o assassinato do marido meses antes. Se houvesse feito isso, ela provavelmente se encrencaria ao complicar demais as coisas. Diferente de Bob, planejar não era o forte dela.

Não houvera questões difíceis. Sua história fora simples, acreditável, e quase verdadeira. A parte mais importante era o alicerce sólido abaixo; eles tinham um

casamento que se esticava por quase três décadas, um bom casamento, e não houvera discussões recentes para arruinar isso. Sério, o que haveria para ser indagado?

O pastor convidou a família a dar um passo à frente. Assim o fizeram.

— Descanse em paz, Papai. — Donnie disse, e jogou um punhado de terra no túmulo. Caiu na superfície brilhante do caixão. Darcy achou que parecia cocô de cachorro.

— Papai, sinto tanto sua falta. — Petra disse, e jogou seu próprio punhado de terra.

Darcy veio por último. Ela se inclinou, pegou um punhado com sua luva negra, e deixou cair. Ela não disse nada.

O pastor invocou um momento de prece silenciosa. Os enlutados abaixaram a cabeça. O vento balançou os galhos. Não muito distante dali, o tráfego corria na I-295.

Darcy pensou: *Deus, se Você estiver aí, faça com que isso seja o fim.*

-19-

Não foi.

Mais ou menos sete semanas após o funeral—era ano novo agora, o tempo estava azul, severo, e frio—a campainha da casa na Sugar Mill Lane tocou. Quando Darcy abriu, ela viu um idoso cavalheiro usando um sobretudo negro e um cachecol vermelho. Seguro em suas mãos enluvadas estava um velho chapéu Homburg. Seu rosto tinha várias linhas (tanto de dor quanto pela idade, Darcy pensou) e o que ainda permanecia de seu cabelo grisalho estava embaraçado.

— Sim? — ela disse.

Ele remexeu o bolso e deixou cair o chapéu. Darcy se abaixou e o pegou.

Quando se endireitou, viu que aquele idoso cavalheiro segurava uma identidade numa carteira de couro. Nela havia um distintivo dourado, e uma foto de seu visitante (parecendo bem mais jovem) em um cartão de plástico.

— Holt Ramsey. — ele disse, soando apologético quanto a isso. — Procurador-Geral do Estado. Sinto muito mesmo em perturbá-la, Sra. Anderson. Posso entrar? A senhora vai congelar aqui fora nesse vestido.

— Por favor. — ela disse, e deu passagem.

Ela observou seu modo de andar, e o jeito como sua mão direita tocava inconscientemente seu quadril direito—como se para segurar no lugar—e uma

clara memória lhe veio à mente: Bob sentado ao seu lado na cama, seus dedos gelados prisioneiros dos quentes dele. Bob falando. Se regojizando, na verdade. *Eu quero que eles pensem que Bedê é demente, e eles o fazem. Porque eles são dementes. Eu só fui interrogado uma única vez, e isso foi como testemunha, duas semanas após BD ter matado aquela mulher Moore. Um velhinho com uma coxeadura, semi-aposentado.* E aqui estava o tal velhinho, parado a menos de doze passos de onde Bob havia morrido.

De onde ela o havia matado. Holt Ramsey parecia tanto doente como com dor, mas seus olhos eram astutos. Eles se moviam rapidamente da esquerda para direita, registrando tudo antes de voltarem ao lugar.

Tenha cuidado, ela disse a si mesma. *Oh, tenha muito cuidado com ele, Darcellen.*

— Como posso ajudá-lo, Sr. Ramsey?

— Bem, primeiro—se não for pedir muito—eu gostaria de um copo de café. Estou com um frio terrível. Eu vim no carro do Estado, e o aquecedor não vale nada, e não funciona. É claro que se for um problema...

— Não é. Mas eu imagino... se poderia ver a sua identificação novamente?

Ele lhe mostrou a carteira eqüitativamente o bastante, e pendurou seu chapéu no cabide de madeira enquanto ela o estudava.

— Esta marca APO abaixo do selo... quer dizer que o senhor está aposentado?

— Sim, e não. — seus lábios se partiram em um sorriso que revelaram dentes perfeitos demais para ser outra coisa se não uma dentadura. — Tive que me aposentar, ao menos oficialmente, quando eu fiz sessenta e oito, mas eu gastei minha vida inteira na Polícia Estadual ou no gabinete da Procuradoria, e agora sou como um cavalo de carga com um lugar de honra no estábulo. Tipo um mascote, sabe.

Eu acho que você é mais do que isso.

— Deixe-me pegar seu casaco.

— Não será necessário, eu acho que vou ficar com ele. Não vou me demorar. Eu ficaria se estivesse nevando lá fora—então eu não pingaria no seu chão—mas não está.

Só está terrivelmente frio, sabe. Frio demais para nevar, meu pai teria dito, e na minha idade eu sinto mais frio do que há cinquenta anos. Ou mesmo vinte e cinco.

Levando-o para a cozinha, andando tão devagar para que Ramsey pudesse acompanhá-la, ela perguntou qual era a idade dele.

— Setenta e oito em Maio. — ele falou com orgulho evidente. — Se eu sobreviver. Eu sempre adiciono isso para dar sorte. Funcionou até agora. Que bela cozinha a senhora tem, Sra. Anderson—um lugar para tudo, e tudo no lugar. Minha esposa teria aprovado. Ela faleceu há quatro anos. Foi ataque do coração, muito súbito. Como eu sinto a falta dela. Do mesmo modo que você sente falta do seu, eu imagino.

Seus olhos brilhantes—jovens e alertas nas rugas, e cavidades assombradas pela dor—examinaram o rosto dela.

Ele sabe. Eu não sei como, mas ele sabe.

Ela olhou o filtro, e ligou a máquina. Enquanto ela pegava as canecas no armário, ela perguntou:

— Como posso ajudá-lo hoje, Sr. Ramsey? Ou seria Detetive Ramsey?

Ele riu, e a risada se transformou em uma tosse.

— Faz eras desde que alguém me chamou de Detetive. Nem se preocupe com Ramsey, tampouco, se você for direito para Holt, isso funcionará para mim. E era realmente com seu marido que eu gostaria de falar, sabe, mas é claro que ele faleceu— novamente, minhas condolências—e então isso está fora de questão. Sim, totalmente fora de questão. — ele balançou a cabeça, e se sentou em um dos banquinhos que ficava ao redor da mesa de cortar carne. Seu sobretudo sussurrou ao tocá-lo. Em algum lugar, dentro de seu corpo ancião, um osso estalou. — Mas te digo uma coisa: um velho que vive em um quarto alugado—o que é meu caso, embora seja um bom quarto—às vezes fica entediado por ter apenas uma TV como companhia, e então eu pensei, que diabos, eu vou dirigir para Yarmouth e fazer umas perguntas do mesmo modo. Ela poderá não me responder muitas delas, eu disse a mim mesmo, talvez *nenhuma* delas, mas por que não ir assim mesmo? Você precisa sair antes que crie raízes, eu disse a mim mesmo.

— Em um dia quando a temperatura no máximo atingirá doze graus. — ela disse. — Em um carro com o aquecedor quebrado.

— Sim, mas estou com minhas luvas térmicas. — ele disse modestamente.

— Você não tem seu próprio carro, Sr. Ramsey?

— Eu tenho, tenho sim. — ele disse, como se isto nunca lhe tivesse ocorrido até agora. — Venha sentar, Sra. Anderson. Não precisa ficar à espreita na esquina. Estou velho demais para morder.

— Não, o café estará pronto em um minuto. — ela disse. Ela estava com medo deste velho. Bob deveria ter tido medo dele também, mas é claro que Bob estava agora além do medo. — Enquanto isso, talvez você possa me dizer o que queria falar com meu marido.

— Bem, você não vai acreditar nisso, Sra. Anderson— — Por que não me chama de Darcy?

— Darcy! — ele pareceu deliciado. — Ora, se não é o mais bonito e simples dos nomes!

— Obrigada. Vai querer creme?

— Preto como meu chapéu, é assim que eu o tomo. Só que eu gosto de pensar em mim mesmo como um daqueles com chapéus alvos, na verdade. Bem, eu seria, não é? Caçando criminosos e tudo mais. Foi assim que fiquei com a perna ruim, sabe.

Perseguição em um carro em alta velocidade, lá atrás em 89. O cara matou a esposa e os dois filhos. Um crime como esse é normalmente um ato de paixão, cometido por um homem que está bêbado, ou drogado, ou não muito bem da cabeça. — Ramsey tocou seus fiapos de cabelo com um dedo que a artrite havia torcido pra valer. — Mas não este cara. Este cara fez pelo seguro. Tentou fazer com que parecesse, como se chama, invasão de domicílio. Não vou entrar em detalhes, mas eu farejei por todo o canto. Por três anos eu farejei. E finalmente senti que tinha o bastante para prendê-lo.

Provavelmente não o bastante para condená-lo, mas não havia necessidade de contar isso a *ele*, havia?

— Suponho que não. — Darcy disse. O café estava quente, e ela derramou nas canecas. Ela decidiu tomar o seu preto também. E bebê-lo o mais rápido possível. Desse modo a cafeína a atingiria de uma vez e a deixaria mais ligada.

— Obrigado. — ele disse quando ela o trouxe para mesa. — Muito obrigado.

Você é muito gentil. Café quente em um dia frio—o que poderia ser melhor? Suco de maçã, talvez; não consigo pensar em mais nada. De qualquer modo, onde eu estava? Oh, lembrei. Dwight Cheminoux. Escondido n'O Condado. Logo ao sul de Hainesville Woods.

Darcy trabalhou em seu café. Ela olhou para Ramsey por cima da borda de sua caneca, e de repente era como se ela estivesse casada de novo—um longo casamento, de várias formas um bom casamento (mas não de todas as formas), do tipo que era meio que uma piada: ela sabia que ele sabia, e ele sabia que ela sabia que ele sabia. Esse tipo de relacionamento era como olhar no espelho e ver outro espelho, um corredor deles correndo infinitamente. A única questão de verdade era o que ele iria fazer a respeito sobre o que sabia. O que *poderia* fazer.

— Bem... — Ramsey disse, pousando sua caneca de café e inconscientemente começando a esfregar sua perna dolorida. — O fato simples é que eu estava esperando provocar o homem. Quero dizer, ele tinha o sangue da mulher e duas

criancinhas nas mãos, então eu me senti justificado a jogar sujo. E funcionou. Ele correu, eu o persegui entrando em Hainesville Woods, onde a canção diz que há uma tumba a cada milha. E lá ambos batemos na Curva Wickett—ele numa árvore e eu nele. E foi assim que eu consegui essa perna, sem mencionar a placa de metal em meu pescoço.

— Sinto muito. E o homem que você perseguia? O que ele recebeu?

A boca de Ramsey se curvou para cima nos cantos em um sorriso seco de frieza singular. Seus olhos jovens brilharam.

— Ele recebeu a morte, Darcy. Poupou o estado de quarenta ou cinquenta anos em uma cela e hospedagem em Shawshank.

— Você é bem o cão do paraíso, não é, Sr. Ramsey?

Ao invés de parecer confuso, ele colocou suas mãos deformadas ao lado do rosto, com as palmas para fora, e recitou uma canção em uma voz de menino: — “Eu O persegui noite e dia, eu O persegui pelos arcos dos anos, eu O persegui pelos caminhos labirínticos da vida”, e por aí vai.

— Aprendeu isso na escola?

— Não senhora, na Federação Metodista dos Jovens. Há muitos anos. Ganhei uma Bíblia, que eu perdi num acampamento de verão um ano depois. Só que eu não perdi, foi roubada. Pode imaginar alguém tão baixo para roubar uma Bíblia?

— Sim. — Darcy disse.

Ele riu.

— Darcy, vá em frente e me chame de Holt. Por favor. Todos os meus amigos o fazem.

Você é meu amigo? É?

Ela não sabia, mas de uma coisa ela estava certa: ele não teria sido amigo de Bob.

— Este é o único poema que você sabe de cor? Holt?

— Bem, costumava saber “A Morte do Homem Trabalhador”. — ele disse. — Mas agora eu só me lembro da parte sobre como a casa é um lugar que, quando você entra, eles têm que recebê-lo. É uma coisa verdadeira, não diria?

— Totalmente.

Seus olhos—castanho claros—procuraram os dela. A intimidade daquele olhar era indecente, como se ele estivesse a vendo sem roupas. E apetecido, talvez, pela mesma razão.

— O que você queria perguntar ao meu marido, Holt?

— Bem, eu já falei com ele uma vez, sabe, embora eu não tenha certeza de que ele se lembraria se estivesse vivo. Há muito tempo isso ocorreu. Ambos éramos muito mais jovens, e você deveria ser uma criança, dada a sua beleza e juventude de agora.

Ela lhe lançou um gelado olhar de “poupe-me”, então se levantou para encher a caneca com mais café. O primeiro já se fora.

— Você provavelmente sabe sobre os assassinatos Bedê. — ele disse.

— O homem que mata mulheres e manda suas identidades para polícia? — ela voltou para a mesa, com a caneca de café perfeitamente firme em sua mão. — Os jornais se banquetearam com ele.

Ele apontou para ela—o gesto em forma de pistola de Bob—e de uma piscada.

— Acertou em cheio. Sim senhor. “Se há sangue, há história”, esse é o lema deles. Por acaso eu trabalhei um pouco nesse caso. Eu não estava aposentado na época, mas no caminho. Eu tinha um tipo de reputação como uma pessoa que às vezes conseguia resultados farejando por aí... seguindo meus, como se chama...

— Instintos?

Mais uma vez o gesto da pistola. Mais uma vez a piscada. Como se houvesse um segredo, e ambos o partilhassem.

— De qualquer forma, eles me mandaram trabalhar sozinho, sabe—o velho Holt manco mostra suas fotos por aí, faz suas perguntas, e meio que... sabe... simplesmente *fareja*. Porque eu sempre tive um nariz pra este tipo de trabalho, Darcy, e eu nunca o perdi. Isto foi no outono de 1997, não muito depois de uma mulher chamada Stacey Moore ser morta. O nome lhe diz alguma coisa?

— Acho que não. — Darcy disse.

— Você lembraria se visse as fotos da cena do crime. Terrível assassinato—como aquela mulher deve ter sofrido. Mas é claro, o homem que chamava a si mesmo de Bedê parou por um longo tempo, mais de quinze anos, e ele deve ter guardado um monte de vapor em sua caldeira, só esperando que explodisse. E foi ela quem ficou escaldada. De qualquer forma, a pessoa que era o Procurador na época me colocou no caso. “Deixe o velho Holt fazer uma tentativa”, ele diz, “ele não está fazendo mais nada, e vai mantê-lo fora do caminho”. Mesmo naquela época era de velho Holt que me chamavam. Por causa da coxeadura, eu devo imaginar. Eu falei com os amigos dela, parentes, vizinhos na Rota 106, e as pessoas com quem ela trabalhava em Waterville.

Oh, falei com muitas pessoas. Ela era a garçonete de um lugar chamado Restaurante Sunnyside lá na cidade. Várias pessoas paravam por lá, porque a rodovia é logo abaixo na estrada, mas eu estava mais interessado em seus clientes

regulares. Seus clientes *masculinos* regulares.

— É claro que estaria. — ela murmurou.

— Um deles aconteceu de ser um homem apresentável e bem sucedido no meio dos seus quarenta anos. Vinha a cada três ou quatro semanas, sempre pegava uma das cabines de Stacey. Agora, provavelmente eu não deveria dizer isso, mas desde que esse homem acabou sendo seu falecido marido—não é bonito falar mal dos mortos, mas já que *ambos* estão mortos, eu acho que isso cancela a coisa, se entende o que quero dizer... — Ramsey parou, parecendo confuso.

— Você está se enrolando. — Darcy disse, divertida apesar de tudo. Talvez ele *quisesse* diverti-la. Ela não poderia dizer. — Faça a si mesmo um favor e apenas diga, eu sou uma garota crescida. Ela flertava com ele? A coisa se resume a isso? Ela não seria a primeira garçonete a flertar com um viajante, mesmo que este viajante usasse uma aliança no dedo.

— Não, não é exatamente isso. De acordo com os outros empregados—e claro, você tem que levar em conta que eles gostavam dela—era *ele* quem flertava com *ela*. E de acordo com eles, ela não gostava muito. Disse que o cara lhe causava arrepios.

— Isso não soa como o meu marido. — ou com o que Bob havia lhe contado sobre o assunto.

— Não, mas provavelmente era. Seu marido, eu digo. E uma esposa nem sempre sabe para onde seu marido viaja, embora ela possa achar que sim. De qualquer forma, uma das garçonetes me disse que esse homem dirigia uma Toyota 4Runner. Ela sabia porque tinha uma igualzinha. E sabe de uma coisa? Um número de vizinhos da moça Moore afirmaram ter visto uma 4Runner como aquela nas proximidades da residência daquela família dias antes da mulher ser assassinada. Uma vez um dia antes que o assassinato acontecesse.

— Mas não *no dia*.

— Não, mas é claro que um homem tão cuidadoso como este Bedê tomaria cuidado com uma coisa dessas. Não tomaria?

— Suponho que sim.

— Bem, eu tinha uma descrição, e eu cobri a área ao redor do restaurante. Eu não tinha nada melhor para fazer. Por uma semana tudo o que eu ganhei foram algumas bolhas e alguns copos de café por piedade—mas nenhum tão bom quanto o seu!—e eu estava para desistir. Então aconteceu que eu fiz uma parada em um lugar no centro. Moedas de Mickelson. E *esse* nome lhe diz alguma coisa?

— É claro. Meu marido era numismata e a loja de Mickelson era uma das três ou quatro melhores de compra e venda no estado. Ela não existe mais. O velho

Sr.

Mickelson morreu e seu filho fechou o negócio.

— Sim. Bem, você sabe o que diz a canção, o tempo leva a tudo no fim—seus olhos, sua velocidade, até mesmo a porcaria do seu pulo, perdoe meu Francês. Mas George Mickelson estava respirando na época— — Ereto e vivo. — Darcy murmurou.

Holt Ramsey sorriu.

— Exatamente. De qualquer forma, ele reconheceu a descrição. “Ora, parece Bob Anderson”, ele diz. E adivinhe? Ele dirigia uma Toyota 4Runner.

— Oh, mas ele trocou há muito tempo. — Darcy disse. — Por um...

— Chevrolet Suburban, não foi? — Ramsey pronunciou o nome da companhia *Chivalei*.

— Sim. — Darcy juntou as mãos e olhou para Ramsey calmamente. Eles estavam quase chegando lá. A única questão era: por qual parceiro, do agora dissolvido casamento Anderson, este velho de olhos astutos estava mais interessado.

— Suponho que você não tenha mais o Suburban, não é?

— Não. Eu o vendi um mês depois do meu marido morrer. Eu coloquei um anúncio no jornal, e alguém comprou imediatamente. Eu achei que teria problemas, com a alta quilometragem e a gasolina sendo tão cara, mas não tive. É claro que não recebi muito. E dois dias antes do homem que o comprara vir pegá-lo, ela o examinou cuidadosamente, de cabo a rabo, sem negligenciar o tapete no compartimento de carga. Ela não achou nada, mas ainda pagou cinquenta dólares para lavá-lo por fora (com o que ela não se importou) e lavar com vapor do lado de dentro (com o que ela se importou).

— Ah. Os bons e velhos anúncios. Vendi o Ford da minha falecida esposa assim.

— Sr. Ramsey...

— Holt.

— Holt, você conseguiu identificar positivamente meu marido como sendo o homem que costumava flertar com Stacey Moore.

— Bem, quando eu falei com o Sr. Anderson, ele admitiu que aparecesse no Sunnyside de vez em quando—admitiu de livre vontade—mas ele disse que nunca prestou atenção em nenhuma garçonete em particular. Disse que normalmente enterrava a cabeça na papelada do trabalho. Mas é claro que eu mostrei a foto dele—da carteira de motorista, entenda—e os empregados

concordaram que era ele.

— Meu marido sabia que você tinha um... um interesse particular nele?

— Não. Pelo que eu sei, eu era um velho manco procurando por testemunhas que poderiam ter visto alguma coisa. Ninguém tem medo de um velho pato como eu, sabe. Eu sinto muito medo de você.

— Não é muito para um caso. — ela disse. — Presumindo que você estava tentando fazer um.

— Não era um caso mesmo. — ele riu alegremente, mas seus olhos castanhos estavam frios. — Esse eu pudesse fazer um caso, eu e o Sr. Anderson não teríamos tido nossa conversinha no escritório dele, Darcy. Teríamos tido no *meu* escritório. De onde você não sai até que diga que pode. Ou até que um advogado venha ao seu resgate, é claro.

— Talvez seja hora de você parar de dançar, Holt.

— Tudo bem, por que não? — ele concordou. — Até os mínimos passinhos doem como o diabo ultimamente. Aquele maldito e velho Dwight Cheminoux! E não quero lhe tomar a manhã inteira, então vamos avançar. Eu pude confirmar uma Toyota 4Runner na, ou próxima da, cena de dois dos assassinatos anteriores—o que chamamos de primeiro ciclo de Bedê. Não era o mesmo; a cor era diferente. Mas eu também pude confirmar que seu marido possuía outra 4Runner nos anos setenta.

— Isso mesmo. Ele gostava dela, então trocou por uma igual.

— Sim, homens fazem isso. E a 4Runner é um veículo popular em lugares onde neva pela metade do maldito ano. Mas depois do assassinato Moore—e depois de eu ter falado com ele—ele trocou por um Suburban.

— Não imediatamente. — Darcy disse com um sorriso. — Ele ainda tinha aquela 4Runner na virada do século.

— Eu sei. Ele trocou em 2004, não muito tempo antes de Andrea Honeycutt ser assassinada perto de Nashua. Um Suburban azul e cinza; ano de fabricação 2002. Um Suburban deste ano aproximado e daquelas *exatas* cores foi visto com frequência na vizinhança da Sra. Honeycutt durante um mês, mais ou menos, antes de ela ser assassinada. Mas aqui está uma coisa engraçada. — ele se inclinou para frente. — Eu achei uma das garçonetes que disse que o Suburban tinha uma placa de Vermont, e outra—uma senhora um pouco velha do tipo que senta na janela da sala de estar para assistir a vizinhança da aurora ao crepúsculo, com a desculpa de não ter nada melhor para fazer—que disse viu uma placa de Nova York.

— As placas de Bob são do Maine. — Darcy disse. — Como você deve saber

muito bem.

— Sim, claro, mas as placas podem ser roubadas, você sabe.

— E quanto aos assassinatos Shaverstone, Holt? Um Suburban azul e cinza foi visto na vizinhança de Helen Shaverstone?

— Eu vejo que você tem seguido o caso Bedê mais de perto do que a maioria das pessoas. Um pouco mais do que você deixou transparecer a princípio também.

— Foi?

— Não. — Ramsey disse. — Para falar a verdade, não. Mas um Suburban azul e cinza *foi* visto próxima à angra em Amesbury onde os corpos foram largados. — ele sorriu novamente enquanto seus olhos frios a estudavam. — Largados como lixo.

Ela suspirou.

— Eu sei.

— Ninguém pode me dizer qualquer coisa sobre a placa do Suburban visto em Amesbury, mas se tivesse, eu imagino que teria dito que era de Massachusetts. Ou Pensilvânia. Ou qualquer outra, exceto Maine.

Ele se inclinou para frente.

— Este Bedê nos enviava notas com as identidades de suas vítimas. Provocando-nos, sabe—nos desafiando a pegá-lo. Talvez parte dele *quisesse* ser pego.

— Talvez. — Darcy disse, embora duvidasse.

— As notas eram carimbadas. Pessoas que fazem isso acham que esse tipo de impressão não pode ser identificada, mas na maioria das vezes pode. As semelhanças aparecem. Eu acho que você não teria nenhum dos arquivos de seu marido, teria?

— Aqueles que não voltaram para a firma dele foram destruídos. Mas eu imagino que ele teria vários modelos. Contadores nunca jogam nada fora.

Ele suspirou.

— Sim, mas com uma firma como essa, eu teria que ter uma ordem da corte para investigar alguma coisa, e para conseguir uma eu teria que mostrar uma provável causa.

O que eu simplesmente não tinha. Eu tinha um número de coincidências—embora não fossem coincidências em minha cabeça. E eu tinha um número de... bem... *contatos*, acho que pode chamar desse modo, mas nenhuma deles perto o

bastante para qualificar uma evidência circunstancial. Então eu vim até você, Darcy. Eu achei que já teria sido expulso a essa altura do campeonato, mas você foi muito gentil.

Ela não disse nada.

Ele se inclinou ainda mais, quase deitando na mesa agora. Como um pássaro caçando. Escondida, mas nem tanto, atrás da frieza dos seus olhos havia outra coisa. Ela achou que poderia ser bondade. Ela rezou para que fosse.

— Darcy, seu marido era o Bedê?

Ela estava cônica de que ele poderia estar gravando esta conversa; com certeza não estava fora do reino da possibilidade. Ao invés de falar, ela levantou uma mão da mesa, lhe mostrando sua palma rosa.

— Por um longo tempo você não soube, não é?

Ela não disse nada. Apenas olhou para ele. Olhou *para dentro* dele, do modo como você olha pra as pessoas que conhece bem. Só que você tinha que ser cuidadosa quando fizesse isso, porque nem sempre você estava vendo o que achava que via. Ela sabia disso agora.

— E então descobriu? Um dia descobriu?

— Gostaria de mais uma caneca de café, Holt?

— Meia caneca. — ele disse. Ele se sentou de volta, e cruzou os braços em cima do peito magro. — Mais me daria uma indigestão ácida, e eu me esqueci de tomar minha pílula de Zantac esta manhã.

— Acho que pode haver Prilosec lá em cima no meu armário de remédios. — ela disse. — Era de Bob. Gostaria que eu fosse pegar?

— Eu não tomaria nada dele nem que eu estivesse queimando por dentro.

— Tudo bem. — ela disse compassivamente, e derramou para ele mais um pouco de café.

— Desculpe. — ele disse. — Às vezes as emoções me ganham. Aquelas mulheres... todas aquelas mulheres... e o menino, com sua vida inteira pela frente. Isso foi o pior de tudo.

— Sim. — ela disse, lhe passando a caneca. Ela percebeu como sua mão tremia, e notar isso era provavelmente seu último pensamento, não importasse o quão esperto ele fosse... e ele era ferozmente esperto.

— Uma mulher que descobre o que seu marido foi já no fim do jogo ficaria em uma posição difícil. — Ramsey disse.

— Sim, imagino que ficaria. — Darcy disse.

— Quem poderia acreditar que ela viveria com um homem todos esses anos sem saber quem ele era? Ora, ela seria como, como se diz, um pássaro que vive na boca de um crocodilo.

— De acordo com a história... — Darcy disse. — O crocodilo deixa o pássaro viver porque ele mantém os dentes do crocodilo limpos. Come os restos nas fendas deles. — ela fez movimentos de bicadas com os dedos da mão direita. — Provavelmente não é verdade... mas *é* verdade que eu costumava levar Bobby ao dentista. Se dependesse dele, ele esqueceria “acidentalmente de propósito” seus compromissos. Ele era tão criança quando se tratava de sentir dor. — seus olhos inesperadamente se encheram de lágrimas. Ela as enxugou com as costas das mãos, amaldiçoando-as. Este homem não respeitaria lágrimas derramadas na conta de Robert Anderson.

Ou talvez ela estivesse errada quanto a isso. Ele estava sorrindo e assentindo.

— E seus filhos. Eles seriam atropelados uma vez que o mundo descobrisse que o pai era um assassino em série e torturador de mulheres. Então seriam atropelados de novo quando o mundo decidisse que a mãe o estivera acobertando. Talvez até ajudando, como Myra Hindley ajudou Ian Brady. Sabe quem foram eles?

— Deixa pra lá, então. — disse ao ver a negatória. — Mas faça essa pergunta a si mesma: o que uma mulher em uma difícil posição como essa faria?

— O que *você* faria, Holt?

— Eu não sei. Minha situação é um pouco diferente. Eu posso ser só um velhote—o mais velho cavalo do estábulo—mas eu tenho uma responsabilidade com as famílias daquelas mulheres assassinadas. Elas merecem uma conclusão.

— Elas merecem, sem dúvidas... mas elas *precisam* dela?

— O pênis de Robert Shaverstone foi arrancado a dentadas, sabia disso?

Ela não sabia. É claro que não sabia. Ela fechou os olhos e sentiu lágrimas quentes pingando pelos cílios. *Não “sofreu” uma ova*, ela pensou, e se Bob aparecesse ante a ela, com as mãos para cima, implorando por misericórdia, ela o teria matado novamente.

— O pai dele sabe. — Ramsey disse. Falando suavemente. — E ele tem que viver com esse conhecimento sobre a criança que ele amava todo dia.

— Eu sinto muito. — ela sussurrou. — Eu sinto tanto mesmo.

Ela o sentiu pegar sua mão do outro lado da mesa.

— Não quis deixá-la nervosa.

Ela o soltou.

— É claro que quis! Mas não acha que eu já estava? Não acha que eu já *estava*, seu... seu velho xereta?

Ele riu, revelando aquela dentadura brilhante.

— Não. Eu não acho isso mesmo. Eu vi assim que você abriu a porta. — ele fez uma pausa, então disse deliberadamente. — Eu vi tudo.

— E o que você vê agora?

Ele se levantou, cambaleou um pouco, e então encontrou equilíbrio.

— Eu vejo uma mulher corajosa que deveria ser deixada em paz para dar continuidade aos seus serviços domésticos. Sem mencionar ao resto de sua vida.

Ela também se levantou.

— E as famílias das vítimas? As que merecem conclusão? — ela parou, não querendo dizer o resto. Mas tinha que dizer. Este homem lutara com consideráveis dores—talvez até excruciantes—para vir até aqui, e agora ele estava a liberando. Ou ao menos, ela achou que ele estava. — O pai de Robert Shaverstone?

— O menino Shaverstone está morto, e seu pai está melhor do jeito que está. — Ramsey falou num tom calmo e avaliador que Darcy reconheceu. Era o tom que Bob usava quando sabia que um cliente da firma estava para ser arrastado pela Receita Federal, e a reunião seria horrível. — Nunca tira a garrafa de uísque da boca desde a manhã até a noite. Saber que o assassino de seu filho—o *mutilador* de seu filho— morreu mudaria isso? Acho que não. Isso traria qualquer uma das vítimas de volta? Não. O assassino vai queimar agora no fogo do inferno por seus crimes, sofrendo de suas próprias mutilações que sangrarão por toda a eternidade? A Bíblia diz que sim. Parte do Velho Testamento, de qualquer forma, e já que é de lá que nossas leis vêm, já é o bastante para mim. Obrigado pelo café. Eu vou ter que fazer várias paradas nos banheiros daqui até Augusta na volta, mas valeu a pena. Você faz um bom café.

Acompanhando-o até a porta, Darcy percebeu que se sentia do lado certo do espelho pela primeira vez desde que tropeçara na caixa na garagem. Era bom saber que ele havia chegado perto de ser preso. Que ele não havia sido tão esperto quanto pensara que fora.

— Obrigada pela visita. — ela disse enquanto ele colocava seu chapéu na cabeça. Ela abriu a porta, deixando a brisa do ar frio entrar. Ela não se importou. Foi uma sensação boa na pele. — Vou vê-lo de novo?

— Não. Vou parar na próxima semana. Aposentadoria completa. Vou para a Flórida. Não vou ficar lá por muito tempo, de acordo com meu médico.

— Sinto muito ouvir is...

Ele subitamente a puxou com os braços. Eles eram magros, mas vigorosos e surpreendentemente fortes. Darcy ficou surpresa, mas não assustada. A aba do Homburg dele bateu em sua testa enquanto ele sussurrava em seu ouvido.

— Você fez a coisa certa.

Ele beijou sua bochecha.

-20-

Ele foi devagar e cuidadosamente pelo caminho, preocupando-se com o gelo. O andar de um velho. *Ele realmente deveria ter uma bengala*, Darcy pensou. Ele estava dando a volta no carro, quando ela chamou seu nome. Ele se virou, erguendo as sobrancelhas.

— Quando meu marido era criança, ele teve um amigo que morreu num acidente.

— É mesmo? — as palavras saíram em um vapor branco de inverno.

— Sim. — Darcy disse. — Você pode pesquisar sobre o que aconteceu. Foi muito trágico, embora ele não fosse um garoto muito bom, de acordo com meu marido.

— Não era?

— Não. Ele era do tipo de garoto que alimentava fantasias perigosas. Seu nome era Brian Delahanty, mas quando eram garotos, Bob o chamava de BD.

Ramsey ficou parado ao lado do carro por vários segundos, analisando. Então ele assentiu.

— Isso é muito interessante. Eu devo dar uma olhada no meu computador. Ou talvez não; isso foi há muito tempo. Obrigado pelo café.

— Obrigada pela conversa.

Ela o viu dirigir até a rua (ele dirigiu com a confiança de um jovem, ela percebeu—provavelmente porque seus olhos continuavam tão afiados), e então entrou.

Ela sentiu-se mais jovem, mais leve. Ela foi até o espelho no hall. Nele ela não viu nada, exceto seu próprio reflexo, e isso era bom.

~ POSFÁCIO ~

As histórias neste livro são chocantes. Você pode tê-las achado difícil de ler às vezes. Se sim, lhe asseguro que eu as achei igualmente difíceis de escrever às vezes.

Quando as pessoas me perguntam sobre meu trabalho, eu desenvolvi um hábito de sair pela tangente com piadas e anedotas pessoais bem-humoradas (as quais você não pode exatamente confiar; nunca confie em nada que um escritor de ficção disser sobre si mesmo). É uma forma de deflexão, e um pouco mais diplomática que o modo como meus antepassados ianques podem ter respondido tais questões: *Não é da sua conta, camarada*. Mas por baixo das piadas, eu levo o que eu faço muito a sério, e é o que eu tenho feito desde que escrevi minha primeira novela, *A Longa Marcha*, aos dezoito anos.

Eu tenho pouca paciência com escritores que *não* levam o trabalho a sério, e nenhuma com aqueles que vêem a arte da história de ficção essencialmente como algo desgastado. Não está desgastada, e não é um jogo literário. É uma das formas vitais em que nós tentamos fazer sentido de nossas vidas, e o constante mundo terrível que vemos a nossa volta. É o modo como respondemos a pergunta, *Como tal coisa pode ser assim?*

Histórias sugerem que às vezes—nem sempre, mas às vezes—há um *motivo*.

Do princípio—mesmo antes de um jovem que eu agora mal compreendo começar a escrever *A Longa Marcha* no seu dormitório da faculdade—eu senti que a melhor ficção era tanto propulsora quanto violadora. Ela te acerta na cara. Às vezes grita na sua cara. Eu não tenho uma disputa com ficção literária, que geralmente fala sobre pessoas extraordinárias em situações ordinárias, mas como leitor e escritor, eu estou muito mais interessado nas pessoas ordinárias em situações extraordinárias. Eu quero provocar uma reação emotiva, até mesmo visceral, em meus leitores. Fazê-los pensar *enquanto eles lêem* não é o meu negócio. Eu ponho isso em itálico, porque se a história é boa o bastante, e os personagens vívidos o bastante, o ato de pensar vai tomar o lugar da emoção quando a história tiver sido contada e o livro posto de lado (às vezes com alívio). Eu me lembro de ler *1984* de George Orwell aos treze anos, mais ou menos, com medo crescente, fúria, e me sentindo ultrajado, investindo contra as páginas e devorando a história o mais rápido que podia, e o que há de errado com isso?

Especialmente já que eu continuo a pensar no dia em que algum político (eu estou pensando em Sarah Palin e seus baixos comentários sobre o “painel da morte”) tiver sucesso em convencer o público de que o branco é realmente preto, ou vice-versa.

Aqui vai outra coisa em que acredito: se você vai entrar em um lugar muito escuro—como a fazenda do Nebraska de Wilf James em “1922”—então você

deveria levar uma luz brilhante, e iluminar tudo. Se você não quer ver, então por que em nome de Deus você desafiaria a escuridão? O grande naturalista Frank Norris sempre foi um dos meus ídolos literários, e eu mantive o que ele disse sobre o assunto em minha cabeça por mais de quarenta anos: “Eu nunca cedo; eu nunca tirei meu chapéu para agradar, e nunca o estendi para receber trocados. Por Deus, eu lhes contei a verdade”.

Mas, Steve, você diz, você fez vários trocados durante sua carreira, e quanto à verdade... isso é variável, não é? Sim, eu fiz um bom montante de dinheiro escrevendo minhas histórias, mas o dinheiro foi um efeito colateral, nunca uma meta. Escrever ficção por dinheiro é apenas um esforço. E, claro, a verdade está no olho do espectador.

Mas quando se trata de ficção, a única responsabilidade do escritor é a de olhar a verdade dentro de seu próprio coração. Nem sempre será a verdade do leitor, ou a verdade do crítico, mas enquanto for a verdade do *escritor*—enquanto ele ou ela não ceda, ou tire o chapéu para agradar—tudo estará bem. Por escritores que intencionalmente mentem, por aqueles que substituem o comportamento inacreditável de uma pessoa, pelo modo como as pessoas realmente agem, eu não sinto nada, exceto desprezo. Péssima escrita é mais do que uma questão de sintaxe de merda, e falta de observação; péssima escrita normalmente surge de uma recusa teimosa em contar histórias sobre o que as pessoas realmente fazem—encarar o fato, vamos dizer, que assassinos às vezes ajudam velhinhas a atravessarem a rua.

Eu tentei meu melhor com *Noite sem Estrelas* para mostrar o que as pessoas podem fazer, e como elas poderão se comportar, sob certas circunstâncias horríveis.

Não falta esperança a essas pessoas das histórias, mas elas reconhecem que mesmo as nossas esperanças mais apaixonadas (e nossos desejos mais apaixonados por nossos amigos e pela sociedade em que vivemos) às vezes podem ser em vão. Até mesmo freqüentemente. Mas eu acho que elas também dizem que a nobreza reside, em sua maior parte, não no sucesso, mas na tentativa de fazer a coisa certa... e que quando falhamos em fazer isso, ou intencionalmente nos afastamos do desafio, o inferno surge.

“1922” foi inspirado em um livro de não-ficção chamado *Wisconsin Death Trip* (1973) de Michael Lesy, e mostrava fotografias tiradas na pequena cidade de Black River Falls, Wisconsin. Eu fiquei impressionado pelo isolamento rural destas fotografias, e pela severidade e privação nos rostos das pessoas. Eu queria conseguir esse sentimento em minha história.

Em 2007, enquanto viajava pela Interestadual 84 para uma sessão de autógrafos no oeste de Massachusetts, eu parei em uma área de descanso para um típico

Almoço Saudável de Steve King: uma soda e uma barra de doce. Quando eu sai do aposento refrescante, eu vi uma mulher com o pneu furado falando cuidadosamente com um caminhoneiro estacionado na vaga ao lado. Ele sorriu para ela, e saiu de sua cabine.

“Precisa de ajuda?” Eu perguntei.

“Não, não, eu cuido disso.” O caminhoneiro disse.

A moça conseguiu trocar o pneu furado, tenho certeza. Eu consegui a inspiração e a idéia de história que eventualmente se tornou “Grande Motorista”.

Em Bangor, onde eu vivo, uma via pública chamada Prolongamento da Rua Hammond fica na beira do aeroporto. Eu ando cinco ou seis quilômetros por dia, e se estou na cidade, eu normalmente vou por aquele caminho. Há um caminho de cascalho ao lado da cerca do aeroporto, na metade do prolongamento, e há vários vendedores de beira de estrada que montaram suas lojinhas com o passar dos anos. A minha favorita é localmente conhecida como “O Cara da Bola de Golfe”, e ele sempre aparece na primavera. O Cara da Bola de Golfe segue para o Curso Municipal de Golfe de Bangor quando o clima está quente, e cata centenas de bolas de golfe usadas que foram abandonadas sob a neve. Ele joga fora as realmente ruins, e vende o resto no pequeno ponto do Prolongamento (o pára-brisa de seu carro é enfileirado com bolas de golfe— um belo toque). Um dia enquanto eu o espiava, a idéia de “Prolongamento Justo” veio à minha mente. É claro que eu a ambientei em Derry, lar do falecido e não lamentado palhaço Parcimonioso, porque Derry é simplesmente Bangor mascarada sob um nome diferente.

A última história veio à minha cabeça depois de ler um artigo sobre Dennis Rader, o infame assassino ATM (aprisionar, torturar, matar) que tirou a vida de dez pessoas—a maioria mulheres, mas duas de suas vítimas eram crianças—por um período revoltante de dezesseis anos. Em muitos casos, ele enviava pedaços das identidades de suas vítimas para a polícia. Paula Rader foi casada com um monstro por trinta e quatro anos, e muitos na área de Wichita, onde Rader clamava suas vítimas, se recusavam a acreditar que ela poderia viver com ele sem saber o que ele fazia. Eu acreditei—e eu *acredito*—e eu escrevi esta história para explorar o que poderia acontecer em tal caso se a mulher subitamente descobre o horrível passatempo de seu marido. Eu também a escrevi para explorar a idéia de que é impossível conhecer alguém completamente, até mesmo aqueles que mais amamos.

Tudo bem, eu já estive aqui embaixo no escuro por tempo o bastante. Há um outro mundo inteiro lá em cima. Pegue minha mão, Leitor Fiel, e eu ficarei feliz em levá-lo de volta para a luz do sol. Eu estou feliz de ir lá, porque eu acredito que a maioria das pessoas é essencialmente boa. Eu sei que eu sou.

É de *você* que eu não tenho tanta certeza.

Bangor, Maine
23 de Dezembro de 2009

- ^{11} N.T.: “Abismo” em hebraico. Para os Judeus, é o conceito de vida após a morte.
- ^{12} N.T.: frase em latim que quer dizer “no vinho está a verdade”, no sentido de a embriaguez fazer a verdade vir à tona.
- ^{13} N.T.: trata-se de uma dança provinda do Oeste Europeu, onde os participantes giram ao redor de um poste, cada um segurando uma fita amarrada neste mesmo poste.
- ^{14} N.T.: Tempus fugit, expressão em latin que significa “o tempo voa”.
- ^{15} N.T.: Samuel Pepys funcionário público britânico, famoso por seu diário em que narrava, como testemunha ocular, grandes eventos como a Grande Praga e o Grande Incêndio de Londres.
- ^{16} N.T.: A Ordem da Estrela do Oriente é uma organização Paramaçônica e fraternal, onde fazem partes homens Maçons e mulheres acima dos 18 anos com parentesco maçônico, com o propósito de ressaltar valores morais, espirituais, educar, fazer caridade e *etc.*
- ^{17} N.T.: Livro escrito por Nathaniel Hawthorne, que possui toques de horror e sobrenatural.
- ^{18} N.T.: Também conhecido como *O Corcunda de Notre Dame*, autoria de Victor Hugo.
- ^{19} N.T.: Aqui a personagem se confunde ao misturar o Gulliver de “As Viagens de Gulliver” de Jonathan Swift, e o órfão Oliver Twist, criação de Charles Dickens.
- ^{10} N.T.: A velha que vivia em um sapato é uma canção de ninar britânica sobre uma velha que tinha muitos filhos e vivia dentro de um sapato.
- ^{11} N.T.: Um Conto de Natal, história onde um velho avarento é visitado por três fantasmas, um do passado, outro do presente, e outro do futuro, que lhe mostram como conseguir redenção, por ser uma pessoa má
- ^{12} N.T.: Trata-se de um mascote dos comerciais da companhia MasterCard
- ^{13} N.T.: Associação de escritores norte-americana.
- ^{14} N.T.: Dr. Phil McGraw é um apresentador/psicólogo de um talk-show americano, que tenta resolver problemas familiares no auditório.
- ^{15} N.T.: O filme referido é “Valente” (The Brave One), de 2007.
- ^{16} N.T.: Esse é um típico trote americano. Prince Albert in a Can é uma marca de tabaco. Quando a pessoa pergunta se “Você tem Prince Albert in a Can” (tradução literal: Príncipe Albert dentro de uma lata), e o comerciante diz “sim”, a pessoa que passa o trote responde “Então é melhor deixá-lo sair!”.
- ^{17} N.T.: Tess se refere, aqui, à família do filme A Noviça Rebelde, a quem a personagem de Julie Andrews cuida.
- ^{18} N.T.: Aqui se perde o jogo de rimas entre “hair” (cabelo) e “fair” (justo).
- ^{19} N.T.: Uma brincadeira com o nome do Monte Rushmore (famoso monte em Dakota do Sul, onde estão lapidadas as cabeças de quatro dos maiores presidentes dos EUA: George Washington, Theodore Roosevelt, Abraham Lincoln, e Thomas Jefferson) e a palavra “trash”, que significa “lixo”, em inglês.
- ^{20} N.T.: Latim. Algo como “no câncer há verdade”.
- ^{21} N.T.: posição defensiva do beisebol, onde o jogador fica entre a segunda e terceira base.
- ^{22} N.T.: Personagens de “O Barril de Amontillado”, de Edgar Alan Poe.